

Cam

110

*Cam.
110*

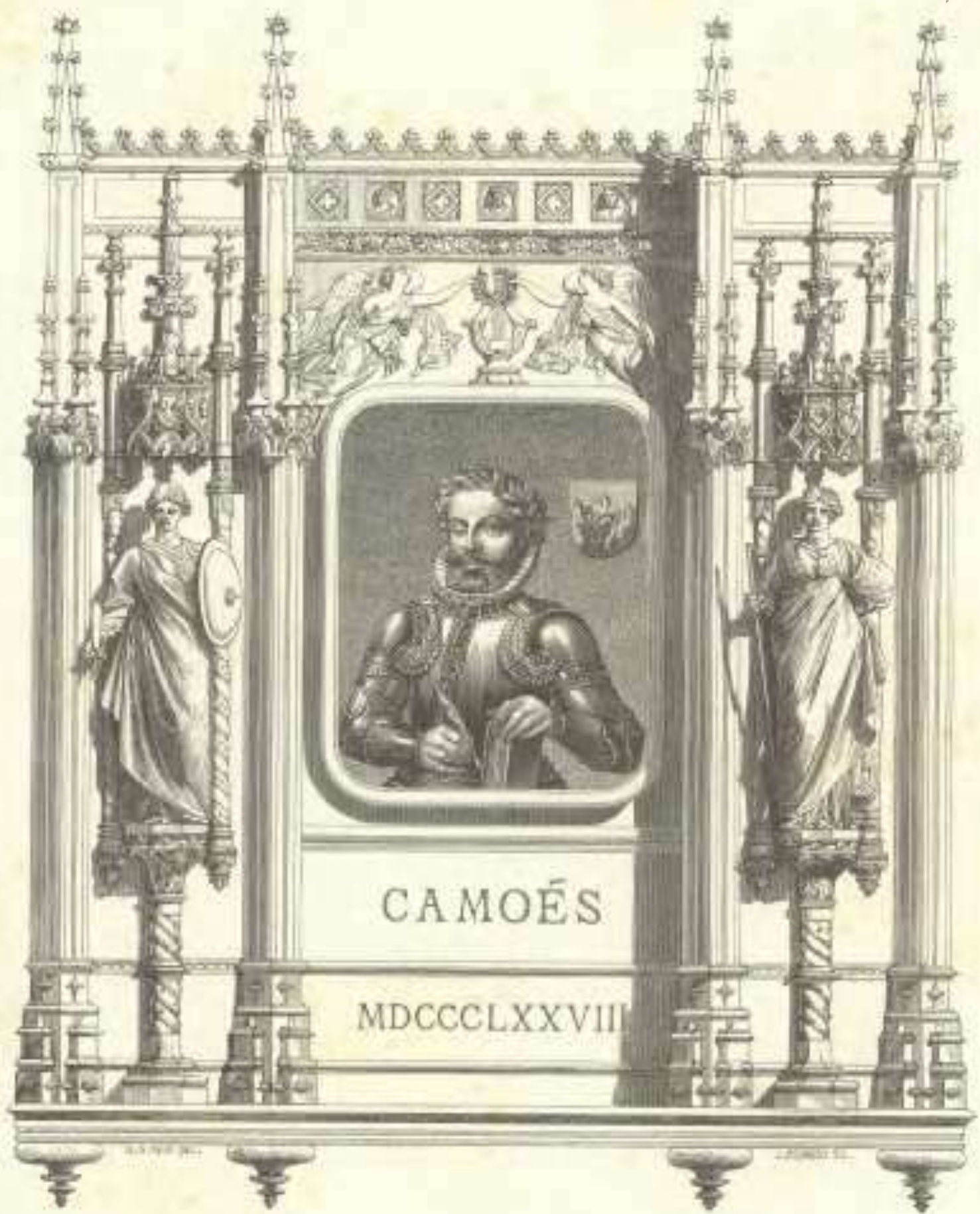
OS LUSIADAS

POEMA EPICO EM DEZ CANTOS

POR

LUIZ DE CAMÕES





CAMOÉS

MDCCCLXXVIII

Colec.
110

OFERTA

OS LUSIADAS

POEMA EPICO EM DEZ CANTOS

POR

LUIZ DE CAMÕES

ACOMPANHADO DA VERSÃO FRANCEZA DO MESMO POEMA

POR

FERNANDO DE AZEVEDO

PREZADO DE UM PRIMEIRO

DE

M. PINHEIRO CHAGAS



SOCIO EFFECTIVO DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS

DESENHOS DE SOARES DOS REIS — GRAVURAS DE J. PEDROSO

LISBOA

IMPRESA NACIONAL

1878

1704

OF THE

OF THE

OF THE

OF THE

OF THE

OF THE

OF THE

OF THE

OF THE

OF THE

OF THE

OF THE

OF THE

OF THE

OF THE

OF THE

OF THE

OF THE

A SUA Magestade EL-REI

O SENHOR

DOM LUIZ PRIMEIRO



Senhor!

Da alta benevolencia que Vossa Magestade costuma sempre dispensar com prodiga mão a todos os empreendimentos inspirados por um intaito patriotico; e do calto sincero e enthusiasta com que o Monarcha portuguez venera os poetas que são a gloria da humanidade, culto do qual, como provas, existem hoje, não só manifestações significativas, mas tambem obras de superior valia que illustram as letras contemporaneas; d'essas duas qualidades, cujo brilho mais fulgura qaando se allia ao esplendor de uma corôa real, deu Vossa Magestade um novo testemanho, dignando-se de tomar sob a sua regia protecção a empreza que nos propozemos de publicar a presente edição dos *Lusiadas*.

Não havendo votos de gratidão bastantes para corresponder á grandeza do favor, os editores, abaixo assignados, a fim de se tornarem menos indignos d'elle, empregaram todas as diligencias para que a edição que vão dar ao publico, subordinada á condição essencial da modicidade do preço, representasse um novo monumento ergaido á memoria do maior dos poetas portuguezes; em que a typographia e as bellas artes naeionaes, nas suas multiplices manifestações, e sem nenhum auxilio

estranho, rendessem o devido preito das conquistas do presente ás gloriosas tradições do passado, representadas no poema immortal que será a perpetua consagração d'esse passado.

Infelizmente porém não podem elles ter a consciencia de que esta sua aspiração fosse inteiramente realisada. Para o que não poderam conseguir, apesar dos muitos esforços, imploram a nunca desmentida benevolencia de Vossa Magestade, juntando aos seus rogos os protestos respeitosos de subditos fieis e agradecidos.

Lisboa, 12 de outubro de 1878.

Duarte Joaquim dos Santos — Aristides Abranches.

PROLOGO

I

Têm todos os povos o seu escriptor eminentemente nacional, que de todos os outros se distingue, porque mais intimas affinidades ligam o seu espirito ao espirito do seu paiz. Nenhum porém se consubstanciou tão completamente com a alma da patria como Camões. As suas duas glorias estão indissolavelmente ligadas; no estrangeiro não as distinguem uma da outra.

Victor Hugo, n'uma das suas mais esplendidas poesias, phantasia Paris destruido, e o arco da Estrella sobrevivendo quasi só para attestar ao mundo a grandeza epica d'esse povo francez, que deu na Europa, em pleno seculo XIX, um passeio triumphal de dez annos. A visão do grande poeta realisa-se em Portugal; a sua gloria caíu em ruinas como Hugo suppõe que ha de cair no futuro a gloria da grande cidade; e o arco da Estrella, que sobrevive para attestar ao mundo o que fomos e o que valemos, é o poema de Camões.

Se elle podesse adivinhar o que succederia no futuro, se podesse ter a antevisão das suas glorias, bastaria ella para o consolar de todas as suas amarguras. «Morro com a patria», dizia o poeta melancolicamente no seu leito de agonia, e era essa a aere consolação das suas ultimas horas, a funebre alegria do seu crepusculo. Mas enganava-se, ou antes não tinha a percepção completa dos acontecimentos. Camões morria com a patria, mas a patria ía resurgir com elle. Ao poeta agonizante déra Portugal, como a Maria do *Fr. Iniz de Sousa* pedia ao pae, «um panno da sua mortalha», e o poeta em paga ía vestil-a com a tunica luminosa da sua immortalidade. Envolto no poema de Camões, como o almirante hollandez na bandeira do seu paiz, arrojava-se Portugal ao abysmo, mas essa bandeira gloriosa e sagrada fluctuava, fazendo-o boiar á tona d'agua no oceano dos tempos. Quasi

no mesmo momento historico em que a espada do duque de Alba riseava Portugal da lista dos povos independentes, inscrevia-o o verso flammejante de Camões no livro de oiro das nações heroicas.

E comtudo a patria, que tanto lhe devia, *engeitou-o como mãe descaravel*, segundo a phrase energica de Garrett. Mas Camões, como que adivinhando o conselho sublime do padre Vicira, *deixou-se morrer e vingou-se*. Ah! cantaste as glorias da patria e foste por ella desprezado e esquecido, consagraste a tua vida inteira a levantar-lhe um monumento mais perduravel que o de Horacio, e não tiveste por isso a recompensa que merecias? Pois bem, deixa-te morrer e vinga-te! N'essa morte ao desamparo está a tua vingança. Associaste indelevelmente o teu nome ao nome de Portugal, perpetuaste-lhe a gloria, e sem o queres perpetuaste-lhe a vergonha. Tornaste inseparavel do nome de Portugal o teu nome, e o mundo inteiro, a quem ensinaste as glorias da tua patria, dirá constantemente por seculos sem fim: «Este glorioso paiz deixou morrer quasi de fome o filho que o immortalisou». E como os triumphadores romanos ouviam sem cessar por entre os hymnos da ovação os insultos do escravo; tu, Portugal, n'esse triumpho que debes a Camões, serás condemnado a ver perpetuamente enlaçada na epopéa do poeta a lenda do Jau, e ouvirás constantemente, a par dos eehos das estrophes que te exaltam, a voz do escravo que murmura: «Esmola para Camões»!

Ah! mas essa vingança parece-nos que a não quereria elle! Amou tanto a sua patria que, se podesse, surgiria do tumulo para defender o seu paiz da culpa da injustiça. Esse amor era tamanho, que se póde dizer que é elle o segredo do seu genio. Amou a patria com o entranhado affecto com que se póde amar uma mulher querida. Quando lhe pronuncia o nome, parece procurar as expressões mais doces, mais suaves, mais carinhosas para bem exprimir o amor que ella lhe inspira, como Julieta, na scena immortal da varanda, se esforça por procurar, no pobre teclado da linguagem humana, as notas que traduzam perfeitamente o immenso amor que Romeu soube despertar em seu coração de virgem. Quando pela voz de Vasco da Gama descreve a Europa toda, apenas chega a Portugal, a sua voz assume um tom mais alti-sonante, sente-se o fremito vibrante das cordas da sua lyra pulsadas com tremula mão.

Eis-aqui, quasi cumc da cabeça
Da Europa toda, o reino lusitano

E logo depois, como que a commoção lhe embarga a voz, é do fundo d'alma que arranea as expressões mais suaves, mais meigas, mais impregnadas em mellica ternura, mais repassadas de entranhadissimo affecto, quando exclama:

Esta lie a ditosa patria minha amada;
 Á qual se o ceo me dá, que eu sem perigo
 Torne, com esta empreza já aeabada,
 Aeabe-se esta luz alli comigo.

Não é só o desejo de Vaseo da Gama que elle exprime, é o seu, é a sua aspiração mais querida morrer no solo da patria. O destino proporeionára-lhe mais amargo delecto, que elle mesmo exprime n'uma carta ao seu amigo D. Franeisco de Almeida, porque esta phrase «morro com a patria» não é uma amplificação rhetorica inventada pelos poetas, pelos dramaturgos, que depois trouxeram á téla do poema ou do theatro os ultimos momentos do grande epico, é uma phrase proferida por elle, escripta por elle n'essa carta a que nos referimos, e em que diz «Amei tanto a minha patria que não só morro n'ella, mas com ella».

Dissemol-o já, quando falla da patria não ha epitheto suave que lhe não dirija, o verso einge amorosamente esta idéa, beija-a, acaricia-a. É a «ditosa patria minha amada» o «ninho meu paterno»; são todas as phrases emfim que melhor possam exprimir esse amor ardente que votou ao seu paiz, e que fez com que se transubstaneiasse na sua alma a alma do objecto amado.

Não se é grande no mundo senão quando se é fanatico por uma idéa, quando tudo se lhe sacrifica. A absorpção n'um pensamento querido é a condieção essencia da grande obra. Pois bem! Camões absorveu-se completamente n'um pensamento: a gloria da sua patria. Os *Lusiados* não foram para elle um assumpto, como a *Jerusalem* para o Tasso, e o *Paraizo perdido* para Milton, foram a essencia da sua vida. A sua alma resumiu em si a alma collectiva da patria, absorveu, reflectiu, enthesourou, repercutiu todos os sentimentos, todos os raios de luz, todas as glorias e tradições, todos os cantos vagos do povo heroico de que fazia parte, foi, em Portugal, como a alma de Victor Hugo no mundo moderno.

*La lyre aux mille voix, que le Dieu que j'adore
 Mit au centre de tout comme un écho sonore.*

II

Essa consubstanciação da alma do povo portuguez na alma de Camões é, quanto a nós, o facto capital que explica esse poema anomalo, estranho, que brota em pleno seculo XVI como uma flor exotica, e que por isso mesmo produz uma impressão tão extraordinaria. Camões e Shakespeare são no seculo XVI duas figuras que destacam de um modo original e rebelde da uniformidade disciplinada, que a renascença classica estendia por cima de todas as litteraturas. Vamos procurar explicar este facto, sem o qual é impossivel comprehender a physionomia litteraria do grande poema cuja reedição prefaciâmos.

E antes de tudo cumpre-nos rehabilitar José Agostinho de Macedo. O frade depreciador de Camões foi alvo, por esse facto, de aggressões de todos os seus contemporâneos. Procurar demolir Camões era procurar demolir um monumento nacional. Levantou-se contra elle o irritado patriotismo de uma geração inteira. Comtudo José Agostinho de Macedo não fez mais do que dizer em voz alta o que dois seculos de litteratura regrada e official disseram em voz baixa: a epopéa de Camões estava longe de ser, para os admiradores de Boileau, o ideal do poema epico. Camões não imitou sufficientemente os antigos. Não tinha heroe o seu poema. Virgilio prende a acção toda ao pio Eneas. Vasco da Gama nos *Lusiadas* muitas vezes desaparece. A fabula não é conduzida de um modo logico o magestoso, ou antes pôde-se dizer que o poema não tem fabula. O maravilhoso é complexo. Se umas vezes apparece regularmente a lucta das duas divindades Venus e Baccho, a protectora e o inimigo dos lusitanos, outras vezes surgem phantasias que em nada intervem na acção, e a apparição do Adamastor pertence a essa especie. O maravilhoso christão e o mythologico enlaçam-se de um modo verdadeiramente deploravel.

Veja-se se por acaso a *Ulysséa* de Gabriel Pereira de Castro apresenta alguma d'essas incongruidades. Por isso tambem os criticos, depois de salvarem officialmente com uma salva de vinte e um epithetos o poema nacional de Camões, iam curvar-se extaticos sinceramente diante da *Ulysséa*, poema ajuizado, discreto, pautado pelos bons modelos, incapaz de ser apanhado em flagrante delicto de originalidade. A critica estrangeira, que não tinha os mesmos deveres, tratou Camões com mais franca sem cerimonia. Sem negar aos *Lusiadas* os fóros de poema epico digno de ser citado, collocou-o abaixo de todos os poemas epicos antigos e mo-

dermos, não exceptuando a *Henriada*, ou antes principalmente incluindo a *Henriada*, essa obra prima de chateza com que mr. de Voltaire brindára a França, accusada pelos entendedores de não ter *la tête épique*, de ser completamente incapaz de fabricar epopéas.

Veja-se porém como os pontos de vista se alteram! O nosso seculo demonstrou que a França, accusada de não ser susceptivel de epopéas, é exactamente o paiz da Europa que as possuia mais brillantes. Se La Harpe ouvisse similhante extravagancia ficaria boquiaberto a olhar para o desgraçado que a pronunciasse, e se depois, investigada mais a fundo a rasão de similhante affirmativa, soubesse que essas epopéas de que a França deve orgulhar-se são *Chanson de Roland* e as outras canções de gesta da idade média, La Harpe desataria a rir como um perdido, ouvindo citar esses poemas dos tempos barbaros, e não poderia nunca perceber que a critica não julgasse incompativel com a sua dignidade occupar-se da litteratura franceza, anterior ao seculo XVI da era christã.

E comtudo a epopéa verdadeira não póde nascer senão nos tempos barbaros, e é o fructo natural da idade heroica dos povos, veste de gloria os heroes como a armadura os veste de ferro, o seu verso amplo de imagens radiosas, flammeja na lyra do cantor como scintilla o aço das pesadissimas espadas nas mãos do guerreiro. A epopéa é anonyma, porque brota naturalmente da phantasia dos cantores inspirados pelo ardor da peleja. O canto epico irrompe a cada momento da imaginação exaltada do soldado poeta. O maravilhoso enlaça-se naturalmente com a descripção guerreira, porque essas imaginações ardentes, esses espiritos credulos dos seculos barbaros, que são a adolescencia dos povos, viram realmente as figuras sobrenaturaes no fragor do combate. Os heroes de Homero, quando repelliam o inimigo na exaltação da febre da victoria, viam os seus numes a combater ao seu lado, parecia-lhes que era um Deus occulto que imprimia aos seus braços um vigor sobre-humano, como os cavalleiros christãos da meia idade viam realmente nos ares phalanges celestiaes a pugnar a seu favor. Nos espiritos incultos é que nascem as visões, como nos aridos desertos é que apparece a miragem. As visões são as miragens da fé. E como na poesia só é grande o que é sincero, esse maravilhoso, que os poetas dos seculos barbaros phantasiam inconscientemente, tem um prestigio estranho que debalde procuram conquistar os poetas das idades cultas.

Assim as divindades de Homero captivam-nos, fascinam-nos, ao passo que

as de Virgilio nos deixam impassiveis; e completamente gelados as que os poetas christãos foram buscar depois ao paganismo para ornamento da sua fabula. No proprio poema de Camões, que impressão nos póde produzir a intervenção de Venus, de Marte e de Baccho, se sabemos perfeitamente que o poeta foi buscar a um armazem de figuras mythologicas recortadas estes manequins doirados, que ha de intercalar no seu poema, como se intercalam vinhetas de phantasia no texto de um livro? Mas isso prova, dir-se-ha, contra o emprego de todo e qualquer maravilhoso, porque de certo o poeta não acredita na realidade das figuras sobrenaturaes que imaginou. A sua razão não acredita, é certo, mas a sua imaginação sobreexcitada vê essas figuras na illuminação mysteriosa da criação poetica, e nós vemol-as tambem quando o auctor consegue identificar-nos com o seu pensamento, quando afina os nossos nervos pelo diapasão dos seus.

Leiam n'uma vasta sala deserta um conto de Hoffman, o *Morgado*, por exemplo, e digam-nos se são superiores á impressão da leitura, se não estremecem de cabellos eriçados ao ouvir o arranhar na porta que forma o elemento phantastico do conto. Mas leiam em quaesquer condições uma epopéa moderna, e digam se conseguem imaginar que vêem os deuses pagãos que esse maravilhoso artificial nos apresenta, se essas frigiditas allegorias que, em vez de serem figuras do poema, são figuras de rhetorica, os impressionam de qualquer modo.

É que ha duas especies de maravilhoso, o maravilhoso da lenda e o maravilhoso da rhetorica; o maravilhoso que se impõe ao poeta pelas condições da inspiração, e o que o poeta impõe á obra pelas obrigações derivadas das regras do genero. A epopéa de Horacio tem maravilhoso, porque o maravilhoso era inseparavel da narração das batalhas, da narração de todos os acontecimentos importantes na primeira epocha da vida das nações. O estado inculto dos povos representa-se perfeitamente no estado inculto dos individuos, e, quando ouvimos um homem das classes menos illustradas contar um facto importante da sua vida, vêl-o-hemos misturar involuntariamente o maravilhoso na sua narrativa. Salvou-se de um naufragio? foi a Virgem que lhe appareceu na crista das vagas. Morreu-lhe de subito algum ente querido? Recorda-se logo de ter ouvido as mysteriosas tres pancadas annunciadoras do infortunio.

Sem querer, a sua imaginação amplifica os acontecimentos e dá-lhes uma côr sobrenatural; na idade média os soldados juravam e tresjuravam ter visto um anjo com vestes brancas na frente da sua hoste estender um dedo, e caírem

prostrados os esquadrões inimigos. Vamos mais adiante, vejâmos as creanças, e é pasmoso como os povos infantis e como o homem de espirito inculto se lhes assemelham. A falta de educação intellectual conserva os espiritos no estado rudimentar em que se acham na infancia, como a falta da educação physica dá ao homem feito quasi a fraqueza da creança.

O estudo pois dos processos do espirito nas creanças explica de um modo singular a fórma como procedeu o espirito da humanidade nas eras menos illustradas. Estudae o processo do espirito infantil nas suas primeiras tentativas da linguagem, e perceberéis como se formou a lingua balbuciante dos primeiros homens. Vereis a creança reduzir todas as palavras a monosyllabos e comprehendereis que os primeiros idiomas seriam, como foram, monosyllabicos; reparae que a creança, á medida que se desenvolve, para exprimir uma idéa composta de duas idéas diversas, junta os monosyllabos das duas idéas simples, e forma com elles uma palavra composta de duas palavras, e comprehendereis como ás linguas monosyllabicas succederam as linguas de agglutinação, reparae como a creança conjuga regularmente todos os verbos, como diz eu *fazi*, elle *fazeu*, e comprehendereis como foi que a flexão substituiu a agglutinação. Estudae ainda o modo como a creança chama aos animaes pelo som da sua voz, como chama *pi pi* aos pintos, *béu béu* aos cães; comparae este facto com outro não menos curioso que se dá na lingua chineza, lingua monosyllabica e por conseguinte contemporanea das primeiras tentativas da linguagem humana, em que a palavra *miáu*, por exemplo, quer dizer *gato*, e comprehendereis como se formaram os primeiros idiomas, como foi que os homens designaram os objectos e os entes que os rodeavam. Estudae emfim o modo como as creanças formam os seus mythos infantis, e comprehendereis como se forma a lenda no espirito popular, como se formaram os mythos dos tempos primitivos da humanidade.

A creança tem medo da escuridão; recua diante de um quarto sepultado em trevas. Como exprime ella o seu terror? O que a assusta n'esse quarto negro? A idéa abstracta da escuridão, da ausencia de luz? De modo nenhum. O que a aterra é o *papão*. Quer dizer a creança instinctivamente personalizou a treva; aquella massa escura condensou-se n'uma figura aterradora sobrenatural, que lhe causa um susto inveniavel. E essa figura mysteriosa vê-a ali devéras. A seus olhos a escuridão tomou fórmãs, dimensões, uma individualidade estranha.

A lenda popular forma-se assim tambem, pela personalisação inconsciente,

vaga, dos phenomenos bemfazejos ou aterradores da natureza. Seria facil multiplicar os exemplos, occorrem de certo espontaneamente ao pensamento do leitor. Sabem que para o povo a natureza povôa-se em torno d'elle de entes phantasticos: o fragor da torrente, que desaba ao longe n'um valle medonho e solitario, tem uma explicação legendaria, a tudo o que o impressioua dá logo um motivo sobre-humano. Hoje ainda, como nos tempos pagãos, os lagos, as arvores, os rios, têm habitantes mysteriosos, são seres vivos com personalidade distincta, que pensam, que amam, que padecem, que exercem em torno de si uma influencia benefica ou nefasta.

Este estudo fecundo dos processos do espirito humano na infancia da civilização, que tantos pontos de simillhança tem com a infancia da vida, e com essa outra infancia em que fica o espirito falto de cultura, conduziu os modernos mythologos a resultados admiraveis. Comprehende-se o symbolismo das religiões antigas, symbolismo inconsciente, symbolismo natural, espontaneo, symbolismo que não é senão a expressão metaphorica da verdade. Sabem todos perfeitamente que a linguagem metaphorica é naturalmente a linguagem popular, como é naturalmente a linguagem das creanças, como é naturalmente a dos povos selvagens. Mas a creança, o homem do povo, o selvagem, quando empregam as suas metaphoras, sabem por acaso que estão fazendo uma figura de rhetorica, sabem que estão adornando a verdade? Não, a metaphora ocorre-lhe espontaneamente como a fórmula verdadeira para elles do objecto a que se referem, porque, não sendo capazes de conceber idéas abstractas, não sendo capazes de imaginar factos, objectos que não conheçam, personalisam tudo, referem tudo aos que conhecem. Pois a creança, quando falla na cara da lua, suppõe que está fazendo poesia, e que está plagiando a milhões de poetas romanticsos a sna estafada imagem *do rosto pallido da lua*? Não, de certo, o que a creança pelo contrario não póde conceber é a lua verdadeira, um mundo immenso rolando no espaço e projectando sobre nós a luz que recebe do sol. A lua é realmente para a creança um rosto de luz, um rosto de um ente desconhecido que á noite passeia no firmamento azul arrastando pelo espaço uma longa tunica de prata.

O selvagem, quando chama passaros de azas brancas ás primeiras caravellas que vê, imagina que está fazendo uma metaphora, uma comparação em regra, que mereceria o applauso de Quintiliano? Não, elle, que não sabe o que são caravellas, que nunca as viu, não póde conceber a idéa de um navio com vélas

e mastros. Reduz esses objectos desconhecidos aos que elle conhece, e, vendo os navios voar ao de cima das aguas com as vélas soltas ao vento, imagina umas aves estranhas de longas azas brancas desdobradas.

E finalmente o grego da idade heroica, quando adorava no sol o formoso Apollo que guia no céu um carro de fogo conduzido por quatro corseis de uma rapidez prodigiosa, tem a idéa do symbolo, quer dizer percebe que o sol é um astro immenso, que expande o calor e a luz, e procura depois disfarçar essa idéa verdadeira, envolvendo-a nos véus poeticos da allegoria? Não, esse processo do espirito seria illogico e absurdo. O grego ignorante ainda não póde imaginar um mundo luminoso no espaço: imaginal-o seria formar uma idéa abstracta, que é o processo mais difficil e mais complexo do espirito. O sol é para elle realmente um ser vivo e sobrehumano, que se move com uma rapidez vertiginosa, que dirige portanto através do espaço um carro de fogo, poisque o sol tem, como o fogo, a luz e o calor. É um deus formoso, porque o sol é a formosura do universo.

Entre a allegoria e o mytho ha pois esta differença essencial, a allegoria parte do desconhecido para o conhecido, começa por conceber a idéa abstracta, e envolve-a depois em imagens tiradas dos objectos que nós mais intimamente conhecemos; o mytho, pelo contrario, parte, e é esse o processo natural do espirito humano, do conhecido para o desconhecido. A imagem não é para o espirito o disfarce poetico da verdade, é a propria verdade tal como elle a póde conceber e comprehender, nas suas primeiras tentativas para entender o universo. A imagem é a origem do mytho, como a imagem é a origem da palavra. A religião e a linguagem, essas duas mais altas manifestações do nosso espirito, formam-se de um modo identico. A onomatopéa constitue a base do diminuto vocabulario humano, a metaphora completa-o.

Pela analogia que a imaginação encontra entre os objectos sensiveis, a que deu nome, e as idéas abstractas que com elles podem ter mais ou menos relação, é que o vocabulario se foi organisando. Os mythos nasceram tambem das analogias encontradas entre os objectos e os phenomenos, que inspirariam naturalmente pela sua influencia benefica ou pela sua força superior incontestavel, uma veneração religiosa aos homens, e os factos e os entes comprehensiveis ao seu espirito. D'este modo se forma o maravilhoso, por isso os seculos barbaros são os seculos da poesia.

III

É assim que se formam os mythos no espirito dos povos infantis, é assim que a epopéa dos tempos heroicos entrelaça o maravilhoso com o real sem que o poeta possa indicar a linha divisoria que os separa, porque as façanhas dos heroes, e a intervenção dos deuses têm para elle igual realidade. Por outro lado a epopéa dos tempos heroicos não tem plano nem protagonista especial, é simplesmente a narrativa entusiastica e por conseguinte poetica dos feitos de uma geração, de um povo, de um exercito, ou quando muito de um heroe legendario, que deixou mais profundos vestigios na tradição popular. Muitas vezes esse heroe não tem uma grande importancia historica, mas tem predicados que actuaram mais profundamente na alina do povo. É assim que Roldão em França, e Bernardo Del Carpio e o Cid em Hespanha têm valor historico muito secundario, como teria naturalmente pouco tambem, na lucta da Grecia com a Asia, o vulto homerico de Achilles; mas uns pelo seu prestigio, ou bravura pessoal, outros pelas aventuras dramaticas que na sua historia se enlaçam, outros emfim pela sua vida solta e independente, pelo seu caracter guerrilheiro, impressionaram vivamente a imaginação popular, e os rhapsodas deram-lhes um realce que a historia lhes negaria.

Desapparecem aos olhos do povo diante de Roldão e de Bernardo del Carpio o vulto grandioso de Carlos Magno, Affonso VI diante do Cid, e diante de Achilles os chefes principaes dos gregos.

Em todo o caso o caracter especial da epopéa popular é exactamente o não ter plano fixo e determinado. As rhapsodias seguem-se umas ás outras, á medida que a memoria do poeta lhe vae recordando as façanhas gloriosas que canta. É esse o caracteristico tanto da *Iliada* como do poema arabe de *Antar*, da *Canção de Roland* ou do poema do *Cid*. Ao lel-os parece que assistimos ao modo como as epopéas foram sendo communicadas aos ouvintes attentos. N'alguma d'essas ágoras das margens do Archipelago, como a que o dr. Schliemann descobriu em Mycenae, n'essas ágoras d'onde a vista se espraia, ou sobre o mar azul ou sobre a terra verdejante contida nas plagas, tendo debaixo dos pés, nos tumulos subterraneos, os antepassados que dormem com a maseara de oiro no rosto, sentam-se os auciaños e os moços. O aédo canta, acompanhando-se eom a lyra ionia, os feitos maravilhosos da guerra legendaria de Troya. As raparigas, que passam

com as amphoras á cabeça para irem buscar ao Inacho ou a outro rio de recordações mythologicas a agua em que se reflectem esses platanos cuja sombra Phédon recommendava a Socrates como sitio excellentemente para se diseursar, param a ouvir o canto que enthusiasma seus paes e seus irmãos. E o aédo canta a bravura de Achilles, as astucias de Ulysses, a magestade de Agamemnon, a sabedoria do Nestor, a impiedade de Ajax, a malicia de Thersites, a leviandade de Diomedes, a dôr de Priamo, a formosura de Helena. Depois o canto cessa. No dia immediato outro ou o mesmo aédo volta ao mesmo sitio a cantar novas façanhas, novos actos de heroismo. Assim se vão soltando ao vento perfumado do mar Egeu as rhapsodias da guerra de Troya, as folhas soltas da *Iliada*.

Á noite, no oasis, á beira da fonte cuja agua limpida e transparente só com o mostrar-se refrigera, debaixo das palmeiras, por entre cujos ramos flexiveis cõa o luar o seu elarão sereno, envoltos nos burnozes brancos, os arabes escutam o seu cantor. Diz-lhes as façanhas de Antar, as suas aventuras maravilhosas, a rapidez vertiginosa do seu corso. Entretanto os camellos pensativos estendem os seus longos pescoços a aspirar a frescura embalsamada da noite. Outra vez, em outro oasis, repete-se a mesma scena; o poeta canta outras aventuras do heroe do deserto, vae cada vez ampliando mais, com a sua natural exaggeração oriental, os prodigios de que o faz auctor, e estes episodios soltos constituem o poema de Antar, a epopéa do deserto.

Na sala d'armas do castello roqueiro, com os cotovellos encostados á mesa de rijo carvalho, o castellão ouve enlevado o canto do jogral. A castellã recostada no espaldar da sua cadeira, cercada de suas filhas, que seguem com os seus grandes olhos espantados o movimento da physionomia do cantor, cseuta com uma vaga tristeza no seu semblante melancolico. Ao fundo da mesa os serviçaes estendem a cabeça para ouvir mellhor. Circula o cangirão de hydromel. As armaduras sombrias, encostadas ás paredes da vasta sala, parece que vibram de quando em quando com o vento da poesia guerreira que passa no verso cavalheiresco. E o jogral canta o episodio de Alda como amanhã cantará a morte de Roldão. E essas cantilenas soltas, transmittidas de uns a outros mais pela tradição oral do que pela escripta, é que constituem a grande epopéa franceza a *Chanson de Roland*.

A transmissão oral era o caracteristico das grandes epopéas nacionaes. Póde vir a fixal-as a escripta, como se fez á *Iliada* por ordem de Pisistrato, mas, antes

de tomarem essa fôrma definitiva, estiveram nos labios de todos como um canto patriótico, um hymno nacional; de bôca em bôca se transmittio a *Iliada*; de bôca em bôca passou o poema de Antar, e sobretudo de bôca em bôca se transmittiram as cantilenas soltas da grande e dispersa epopéa da península—o *Romancero*. No *Romancero* é que se comprehende a epopéa nacional no primeiro periodo da sua gestação, o *Romancero* é uma *Iliada* que não encontrou Homero, é a epopéa desconjuntada, a collecção das cantilenas não agrupadas, com o seu maravilhoso a sentir-se brotar naturalmente da narrativa ao calor da imaginação popular, como se vê n'um fio d'agua corrente e crystallina brotarem os diamantes á luz do sol. É ali que se percebe como nos tempos heroicos a epopéa se confunde com a historia, e a historia com a epopéa, porque muitas vezes a chronica copia o romance ou o romance a chronica, quasi palavra a palavra, como Ticknor mostrou baseando a sua observação em numerosos exemplos. Eis o que é, portanto, a epopéa nacional, o canto guerreiro de um povo, narrando no tom altisonante do enthusiasmo as suas proprias façanhas, e as façanhas dos seus heroes predilectos, enlaçando naturalmente o maravilhoso com a narrativa, porque da narrativa faz parte integrante como fazem parte integrante de um jorro de agua espumoso que se despenha á luz clara do sol as scintillações prismaticas das suas gotas. Essa epopéa tem mil cantores desconhecidos e quasi sempre anonymos como o *Romancero*. Se apparece um Homero, que lhes dá uma tal ou qual unidade, surge a *Iliada*, e a mais maravilhosa de todas as epopéas nacionaes adquire uma fôrma definida e classica.

A outra epopéa, a epopéa erudita que foi o enlevo dos *beaux-esprits*, pôde ter bellezas incomparaveis como a *Eneida* de Virgilio, mas em todo o caso é um genero frio e falso. O poeta procurou imitar com mais ou menos felicidade os raptos d'enthusiasmo dos cantores primitivos, o maravilhoso que viu n'elles como fôrma espontanea da narração, e aceita-o como um artificio engenhoso, como um adorno consagrado. Recorre umas vezes á allegoria, como Voltaire na *Henriada*, outras vezes procura o maravilhoso da religião, por entender com Tito Livio que é mister cercar de prodigios o berço das nações, como fez Virgilio na *Eneida*, mas tudo é affectado e gelido porque o poeta não crê.

Pois bem! o que faz a singular grandeza de Camões, o que lhe dá um logar á parte entre todos os epicos modernos, o que fez com que a critica erudita o tratasse sempre com mal disfarçado desdem, como a um barbaro que ousa appare-

cer n'uma eôrte polida e culta, é o ter sido um epico nacional n'uma epoeha em que já não pareciam possiveis senão as epopéas eruditas, é o ter-se inspirado essencialmente nos romances populares, nas ehronieas mais simples e chans, nas tradições, nas lendas. O seu poema não tem um heroe bem definido, porque o seu heroe é o povo portuguez, porque nos *Lusiadas* entram todas as tradições populares desde a apparição de Ourique até á dos pares de Inglaterra, como entram na *Chanson de Roland* todas as eantilenas que vogavam sobre o assumpto, como entram na *Iliada* todas as rhapsodias desligadas do poema de Troya. Um tenue fió liga entre si esses cantos dispersos. Umaz vezes é o Gama que refere a historia de Portugal ao rei de Melinde, outras é o irmão do descobridor que mostra ao Catual os retratos dos heroes portuguezes, o quarto da madrugada que para resistir ao somno conta historias cavalleirescas, o Adamastor que prognostica os naufragios futuros, Thetis que desenrola o panorania da porvindoura historia portugueza aos olhos maravillhados do heroe.

Da mesma fôrma que procurámos descrever o modo como os cantos guerreiros da Grecia, da Arabia, da França da meia idade seriam ouvidos pelos contemporaneos da ereação epica, assim podiamos mostrar que os *Lusiadas* parecem ter um earacter similhante, e foram feitos para ser eantados, como o poeta finge que é narrada a historia dos doze de Inglaterra, nas longas horas de vigilia da prôa ou da ré, quando a agua ehapinha nas amuradas do navio que vae singrando oscillante a quebrar as vagas, quando o vento geme tristemente nas paudas vélas, e quando é doce aos marinheiros o recordar a patria ausente, e o ouvir as lendas dos heroes e as historias dos antepassados.

Os *Lusiadas* constituem uma epopéa que sae fóra de todas as regras da poesia, taes como as dictaram os pedantes da epocha erudita. Era esse o seu defeito no seculo passado, é essa hoje a sua gloria. Os eriticos nacionaes procuravam desculpal-o, confessando o erro. José Agostinho de Macedo, mais desabusado, não o desculpou, e ensinou-lhe como elle devia ter feito; nós hoje exactamente por isso é que o applaudimos e peusâmos com horror que, se Camões não fosse um rebelde, o nosso poema nacional seria um *Oriente* com dois seculos de antecipaçon. A sua epopéa não tem uma fabula urdida com logiea, não a tem porque é o canto epico da historia portugueza, porque, debaixo do aureo trama do verso camoniano, como que se lê a rude e pittoresca linguagem de Fernão Lopes, porque da mesma fôrma que entre o *Romancero* e a *Cronica General* se encontra ás

vezes uma pasmosa simillança de dicção, é assombroso como as nossas velhas ebronieas se aeham reproduzidas no poema de Camões, eomo elle se identifica com o espirito dos singelos ebronistas, como se limita ás vezes a pôr em scena, eom o seu alto vigor dramatieo, os quadros delineados pelo narrador, os personagens da vida real. Mas sobretudo onde Camões se mostra verdadeiramente poeta popular, poeta em cuja alma palpita a alma de um povo, é na ereação do maravilhoso.

Espraiámo-nos largamente em eonsiderações sobre o modo como se formam os mythos, sobre o modo como o sentimento do maravilhoso se manifesta no espirito do povo. Tomae um mytho antigo, o do deus Glaueo, esse deus marinho que nas horas da tempestade appareee sobre as ondas esverdeadas soltando a sua voz rouca e agoureira. Como é que o marinheiro grego concebeu essa figura sobrenatural? Imaginae o filho de uma d'essas ilhas ridentes do Arelipelago, de imaginação viva e exaltada, perdido no seu bareo de vélas braneas no meio de todos os terrores da tempestade. A onda já não é o franzido azul do mar debruado de espumas que vem beijar amorosamente a plaga da sua ilha natal, é a montanha de agua de côr esverdeada *glauca*, que avança bramindo contra o barco, e ameaça subvertel-o nos turbilhões de um mar hostile, eereado por todos os terrores da morte proxima; o pobre marinheiro grego julga ver não uma serra de agua, mas um ente sobrenatural de longos cabellos limosos, de eôr *glauca* e sombria, que o ameaça e que o chama com gritos roueos, da mesma fórma que o marinheiro ehristão ha de ver depois n'essas mesmas vagas terriveis os demonios que o arrastam á perdição, e no santelmo, que presagia bonança, um espirito benefico a protegel-o, e nas fórmas vagas das nuvens que o sol doira ao surgir dissipando a tempestade, a figura aerea, o rosto eclestial da Virgem protectora.

E esse ente sobrenatural, que o marinheiro gelado de terror julgou ver entre as agonias da tempestade, toma o seu logar na mythologia, é mais um deus do cortejo marinho de Neptuno, é o deus Glaueo.

Vêde agora Camões ereando essa figura epiea do Adamastor, vêde-o eoneeber esse mytho estranho, que tem sido a admiração e o espanto dos seeulos. O eabo Tormentorio ergue ao longe o seu vulto earraneudo e ameaçador, a alta montanha da Mesa, eoroadada de nuvens e de tempestades, reeorta no firmamento o seu perfil sinistro.

Quando os navios ali chegam parece que em torno d'elles se desencadeiam legiões de procellas, luctam por muito tempo, luctam ás vezes debalde para entrar nas paragens mais tranquillias do mar das Indias. Camões, encostado á amurada do seu galeão, contempla pensativo essa massa sombria de rocha que é a porta terrivel de um mundo radioso. No seu espirito escandecido aviva-se a memoria dos feitos heroicos dos antepassados, que antes d'elle affrontaram a furia d'aquellas tormentas, d'aquelles que sulcaram com as audaciosas quillias os mares nunca d'antes navegados; na sua alma agita-se a antiga lenda das estatuas, d'essas guardas mysteriosas do mundo vedado, que diziam ao navegante «Não passarás além», e que mediante a audacia dos portuguezes, foram reeuando successivamente até se desfazerem de novo no nevoeiro das visões. Parece-lhe que vê nas montanhas mysteriosas, envoltas em nuvens e em torno das quaes ondeia um véu tempestuoso, a consubstanciação gigante de todas essas estatuas desfeitas. Na sua imaginação exaltada a lenda torna-se realidade, a estatua já não é um vão conto de tímidos ignorantes, é o vulto verdadeiro e indefinivel, cujas ordens a audacia portugueza affronta, é o gigante que não póde infundir pavor aos filhos da terra ousada de Portugal, e por um processo de espirito semelhante exactamente ao que preside á formação dos mythos na alma popular, forma-se na alma de Camões o mytho sublime do Adamastor.

Ali está, portanto, como a epopéa de Camões tem uma originalidade que a distingue de todas as do seu tempo, é uma epopéa nacional, um poema verdadeiramente popular, uma *Iliada* e não uma *Eneida*, uma condensação do Romanceiro guerreiro e maritimo de Portugal, e não um livro pautado pelas regras, methodico e frio, com fabula bem urdida e heroe bem caracterizado; com a classica descida aos infernos, com o episodio dos amores enervantes em que se enlaça por algum tempo o heroe e que era tambem chavão obrigado. Mas, allegar-se-ha: o poema de Camões lá tem a mythologia official dos poemas epicos; se a criação do Adamastor se filia nos processos da criação poetica dos mythos populares, o conselho dos deuses no Olympo, a intervenção de Venus, a inimidade de Baecho, as tempestades soltas ou represadas por intriga ou por empenho de umas ou de outras divindades antagonistas entram na categoria das fabulas banaes e artificiaes da epopéa. É perfeitamente verdadeiro, mas não esqueçâmos que Luiz de Camões é um poeta do seculo XVI, um erudito versado nas linguas sabias, um bacharel da universidade de Coimbra, costumado a venerar os grandes modelos classi-

cos. O seu genio natural, a sua convivencia de largos annos com os soldados das grandes guerras orientaes, as suas prolongadas navegações, o seu isolamento no extremo Oriente, a impressão que deixaram no seu espirito os quadros sublimes que se desenrolaram diante dos seus olhos, compelliam-no a dar livre expansão ao seu genio, chamavam-no para a epopéa nacional; a sua educação, a influencia das idéas dominantes no seu tempo chamaram-no para a epopéa erudita. D'esta dualidade resultou esse estranho poema dos *Lusiadas*, ora potente e original como uma canção de gesta, ora pautado escrupulosamente pelos poemas virgilianos, em que a lenda popular das estatuas mysteriosas, guardas inviolaveis do oceano, se confunde com as reminiscencias classicas da guerra dos Titães, em que ao lado da narrativa cavalheiresca dos doze de Inglaterra que nos lembra o Amadis, vem a narrativa do Gama ao rei de Melinde, ficção que recorda o *Infandum, regina, jubes renovare dolorem* de Virgilio. E esse mixto, que é tão apontado como um defeito capital, dá ao poema, no nosso entender, um caracter singular, que não deixa de ter o seu encanto novo e picante como esse encanto com que nos fascinam os architectos manuelinos. E é que effectivamente as correntes do genio nacional, que explicam a architectura manuelina, são as mesmas que explicam o poema de Camões. A architectura e o poema delicias os espiritos entusiastas, sobressaltam e assustam, á primeira vista, os criticos correctos. Assim o portico do nosso pavilhão da exposição de París, copiado do portal dos Jeronymos, e que enthusiasmava os visitantes, foi severamente censurado por Carlos Blanc, que não pôde ver sem horror essa mistura adultera do gothico e do romano. É esse adulterio, que se encontra tambem nas paginas de Camões, e foi elle que indignou Voltaire. E contudo esse adulterio sublime é o caracteristico da nossa grande epocha, é o cunho potente da nossa originalidade. A architectura manuelina, dizia Alexandre Herculano e Racksinsky applaudiu a definição, é «a resistencia do estylo gothico á Renascença», é a tradição da idade media doirada pelo sol do classicismo. O poema de Camões é tambem a resistencia do Romancero a Virgilio, é a tradição epica das canções de gesta engrinaldada com as inspirações da musa classica. E poema e architectura exprimem admiravelmente a indole d'esse povo para quem a Renascença teve um caracter espcial, que introduziu na evolução do espirito da humanidade um elemento essencialmente moderno—o dos descobrimentos, que prolongou, em plena restauração do mundo antigo, a tradição medieval, e que expirou com o ultimo lanpejo do espirito cavalheiresco das cruzadas nos areas

de Alcaçor Kibir, mas que antes de morrer pôde legar ao mundo, esculpidas na palavra e na pedra, nas melodias da estrophe e no lavor do columnelo, as duas perfectas e maravilhosas consubstanciações da sua individualidade complexa e potente, os *Lusiadas* e *Belem!*

IV

Esboçemos rapidamente a vida de Camões. Não nos sobra o espaço e não podemos fazer uma biographia completa do cantor dos *Lusiadas*. É outro o plano da nossa obra. Queremos pôr em relevo a sua individualidade litteraria e explical-a, estudal-a á luz dos processos da critica moderna, e a sua biographia não entrá aqui senão como um dos elementos necessarios para o nosso estudo. Filho de Simão Vaz de Camões, descendente da nobre familia dos Camões que da Galliza passaram a Portugal no tempo d'el-rei D. Fernando I, nasceu Luiz de Camões em Lisboa no anno de 1524, no mesmo anno em que nasceu em França o illustre poeta Ronsard, que fica em merecimento a tanta distancia do nosso grande poeta como um outeirinho, levemente ondulado, do Himalaya. Estudou em Coimbra debaixo dos auspicios de seu tio, D. Bento de Camões, frade cruzio, homem douto e de esclarecido espirito. Alli adquirio a vasta instrucção que nos surprehende em todo o seu poema, ali aprendeu a enthusiasmar-se com os grandes poetas da antiguidade e a cultivar a poesia, segundo os modelos da escola italiana; mas ao mesmo tempo mostrava uma invencivel paixão pela velha poesia nacional, que principiava a ser proscripta, cedendo o passo á innovação dos engenhos cultos, que não viam salvação fóra do metro italiano, introduzido em Hespanha por Boscán e Garcilasso e em Portugal por Sá de Miranda, mas principalmente preconizado por Antonio Ferreira. Era a epocha da grande lucta, lucta que parece pueril a quem vê as cousas superficialmente, mas que symbolisava na sua fórmula aparentemente frivola a lucta das duas grandes correntes litterarias, a corrente original do mundo moderno e a corrente renovada do mundo antigo, a poesia *autonoma* nacional, e a poesia *clichée* uniforme, escripta em metros estrangeiros e pantada na idéa pelos modelos consagrados. Esse metro estrangeiro era o hendecassyllabo, e a redondilha o metro nacional, tanto para nós como para a Hespanha. Castillejos de um lado sustentando a redondilha, Garcilasso do outro pugnando pelo metro italiano, traziam entre si divididos os espiritos em Hespanha. Entre nós Ferreira, o pedante doutor, agrupava á sombra da bandeira da nova escola a turba dos engenhos novos, os

Bernardes, os Camiuihas. Camões deixou-se arrastar como os outros, era estudante, era instruído, admirava as correctas maravilhas das litteraturas classicas, escreveu canções, elogios, sonetos, manejou o hendecassyllabo como ninguem, mas no fundo da sua alma de poeta portuguez subsistiu uma secreta affeição a essa encantadora redondilha, em que o povo cantava os seus romances, em que Gil Vicente escreveu os seus autos, em que Bernardim Ribeiro fundira as suas melancolicas endeixas. Ao verso de arte menor volta muitas vezes, e na paraphrase do *Super flumina Babilonis* é na velha fórma de redondilha que a sua musa suspira. De todos os poetas da aristocracia litteraria do seu tempo só Camões ainda escreve autos, Ferreira, Sá de Miranda escrevem já tragedias ou comedias. Aqui está a dualidade bem sensível, aqui temos Camões arrastado pela corrente erudita da sua educação para a poesia classica, levado pelas tendencias, pelas predilecções naturaes do seu espirito para a poesia nacional e popular.

Não podemos senão passar com uma grande rapidez pelas differentes phases da existencia do nosso grande epico e lamentâmo-lo, porque a vida de Camões está por estudar. O Camões da tradição, que se perpetúa no *cliché* das biographias banaes, é o Camões da Natércia, e o Camões da gruta de Macau. Apparece-nos assim um vulto incolor, com tinta a correr-lhe nas veias, e um volume das canções de Petrarcha no coração. Apparece-nos um vate piegas, que passa a sua existencia, de lyra em punho, ou a suspirar pelos bellos olhos de Catharina de Athayde, ou a cantar com uma corôa de loiros na cabeça as glorias da sua patria, que apostropha constantemente com um tom lamentoso e massador. Os grandes poetas, que evocaram no poema ou no drama o vulto de Camões, não ousaram estudar o homem no poeta, e continuaram a apresentar-nos o vulto tradicional da lenda *litterateira*. Parece impossivel como o grande e immenso talento de Castilho não vio bem o que havia de ridiculo nos amores de Camões aos cincoenta e quatro annos, que formavam o fundo do enredo do mediocre drama francez que elle transformou n'uma obra prima de resplandecente poesia. Tambem Garrett, com todo o seu gosto apurado e o seu finissimo tacto, não pôde escapar a essa concepção lyrica do poeta, ainda que teve o bom senso de fazer antes da saudade que do amor a inspiradora das suas tristezas.

A paixão por D. Catharina de Athayde não occupa, como se tem imaginado, um logar preeminente na vida do poeta, nem exerceu no seu destino a influencia

que se lhe attribue. Amou-a, é certo, com todo o fogo e toda a paixão da sua alma de mancebo e de poeta, escolheu-a para dama dos seus pensamentos, como Petrarca a Laura, foi talvez menos platónico do que o italiano, porque teve as suas audacias, que D. Catharina reprimio, diga-se em sua honra, não foi um modelo de discrição, e parece que a sua falta de respeito pelo Paço, onde D. Catharina era dama da rainha, foi a causa do seu primeiro desterro para Santarém ou para Punhete, enfim para as margens do Tejo. Mas que esta paixão não foi nunca senão um suave e querido episodio da existencia tumultuosa do poeta, prova-se até pelo facto de que muitas das poesias que lhe dirigiu foram antes, como hoje diriamos, *exercícios de rima*, do que outra cousa. Natércia era o pretexto para Camões provar a mão no genero de Petrarca. O soneto, em que parece contar a historia do modo como se apaixonou, é uma imitação do vate italiano. O sr. visconde de Juromenha acredita ingenuamente que, por uma coincidência singular, Camões viu pela primeira vez Catharina de Athayde n'um templo de Lisboa, como pela primeira vez n'uma sexta feira santa n'um templo de Avignon viu Petrarca Laura de Sades. Deve tambem crer n'esse caso que, por outra coincidência singular, Camões disse de Natércia o mesmo que Petrarca disse de Laura. Mas deve-se confessar que o poeta apaixonado, que faz da descripção do momento decisivo da sua vida o simples thema de um exercicio litterario, procura antes n'essa mulher a musa convencional do seu lyrismo do que a companheira querida da sua vida, do que a dominadora exclusiva do seu coração.

Vejâmos Camões como elle era, na expansão ardente do seu organismo vigoroso e cheio de fogo, e abandonemos o cantor da *pose* academica, que nos foi transmittido de geração em geração por uma longa fila de rhetoricos declamadores. Vejâmos o moço Luiz de Camões, escondeiro, saindo da universidade com o sacro amor da poesia em todas as suas manifestações, apaixonado pelas litteraturas cultas da Grecia antiga, pelos formosos modelos da Italia, mas arrastado tambem por uma invencivel tendencia do seu temperamento peninsular para os cantos espontaneos do povo; em Coimbra estudante tão facil de se enthusiasmar nos claustros universitarios pelas estrophes de Virgilio como nos passeios do Mondego pela guitarra do barqueiro e pela trova popular, prompto a levar a mão á espada nas brigas da rua, e primando ao mesmo tempo em fazer boa figura nas aulas, respirando a plenos pulmões todas as brisas perfumadas da mocidade. É singular que de todos os romancistas e poetas, que evocaram a grande

figura de Camões, não foi nenhum dos mestres da arte de escrever que o encontrou vivo, real e humano nos bicos da penna, foi um homem cujo grande talento, cuja profunda intuição histórica nunca poderam impôr-se ao publico, porque lhe faltava o segredo da belleza da fórma, o segredo da phrase limpida e fluente—Arnaldo Gama. Ha n'um dos seus romances menos conhecidos, *A Caldeira de Pero Botelho*, um esboço de Camões estudante, admiravel de verdade e de carnção; é um Camões que tem por detrás dos ossos frontaes um cerebro real e verdadeiro, e por baixo das costellas um coração que pula devéras com o circular do vermelho sangue da existencia, e não essa figura pallida e rhetorica, cheia de suspiros e de declamações, que tem em vez de cerebro um laurel e em vez de coração um volume em oitavo. Sigãmol-o depois a Lisboa. Aqui o vemos amando Catharina de Athayde, dedicando-lhe, como era de regra, as suas imitações de Petrarcha, trocando com ella talvez as mais eruditas e bem torneadas epistolas, mas não se esquecendo, ao mesmo tempo, de ver se conseguia fazer descer essa Laura da região etherea dos sonetos para a realidade ardente a que aspiravam os seus fogosos vinte annos. Esse *arreglo* que elle parecia querer fazer do amor Vaclusiano ás condições mais quentes do clima lisbonense custou-lhe um primeiro exilio. Continuou a suspirar em verso pela sua Natércia e a descansar das suas combinações de rimas com divertimentos menos pacificos, mostrando-se brigão e revoltado, e vibrando um par de cutiladas em pleno Rocío, ou quasi, ao sr. Gonçalo Borges, o que lhe valeu ir travar tambem conhecimento com os ferros d'el-rei.

Os motivos que levaram Camões primeiro a Africa e depois á India não os podemos averiguar. Como de costume, os seus biographos subordinam tudo a Natércia. Camões vaie desterrado para Ceuta por causa de Natércia, tambem parece que é por causa de Natércia que o poeta parte para a India. Dir-se-ia realmente que o auctor dos *Lusiadas* não fazia mais nada n'este mundo senão amar Natércia; era a sua occupação, o seu emprego. Como hoje os bachareis saem da universidade para ser amanuenses, n'aquelle tempo saíam para ser amantes de Natércia. Se se usassem bilhetes de visita no seculo XVI, o nosso poeta escreveria no seu: *Luiz de Camões, escudeiro e amante de Natércia*. Mas como vivia Luiz de Camões? Era rico por acaso? Almoçava canções, jantava elegias e cejava sonetos? Não tinha occupação definida? Diz-se que foi degredado para Ceuta, mas parece-nos que, se Luiz de Camões queria seguir a carreira das armas, nada

havia mais natural do que mandal-o o governo servir na Africa. Queixava-se do seu desterro, quererá isto dizer que fôra exilado para o afastarem de Catharina de Athayde? Não significará simplesmente que o poeta, longe dos prazeres de Lisboa e da mulher que amava, se considerava desterrado? Não podemos suppôr que se dêsse como castigo a um escudeiro, que pretendia servir a sua patria no nobre officio militar, o que era para todos uma escola do trato das armas até cubiçada e appetecida. Os mais nobres fidalgos de Portugal passavam a Africa por sua livre vontade, ambicionavam distinguir-se n'aquelles combates, e não se encontra para a estada de Luiz Camões em Ceuta outra explicação que não seja o considerarem essa ida para a Africa um castigo!

N'um dos combates africanos, parece até que n'um combate naval contra corsarios, perdeu Camões a luz de um dos seus olhos, o que imprimiu no seu rosto o cunho marcial que lhe dá tão característica physionomia, mas o que lhe não agradou muito a elle, porque era galan e galanteador, e a sua paixão por Natercia não o impedia de ter em alta conta a boa opinião que as damas formavam do seu physico, e que não deixava de se attenuar um tanto com o desastroso resultado de um tiro ismaelita. Voltou enfim a Lisboa, e, apenas se viu na capital, tratou de partir para a India, desejo que realisou em 1553, tendo ido até substituir outro escudeiro que não podia marchar.

Temol-o enfim arrojado a plenas aventuras de guerra; está no cubiçado Oriente, vê de perto as tempestades do Oceano, impregna-se na rude poesia da procella e da vida do mar, experimenta as melancholias dos quartos de alva, e a doçura triste das recordações da patria n'essa hora indecisa em que vae a expirar a noite, quando a vaga quebra gemente no costado do navio. Todos esses quadros suaves, melancholicos, tremendos, da vida do mar, a inexprimivel belleza do luar a bater nas vagas (*Da lua os claros raios rutilavam — pelas argenteas ondas neptuninas*), as lendas dos marinheiros, os pavores do mar tenebroso, tudo se lhe vai fixando silenciosamente na imaginação para se manifestar no momento opportuno. Assim tambem na India, nos combates de Chembé, nos cruzeiros do cabo Guardafui lhe vai avultando na imaginação a grandeza heroica dos feitos portuguezes. A lyra dos *Lusiadas* não foi a lyra convencional e rhetorica dos epicos de gabinete, foi a harpa não éolia, mas dorica, vibrando espontaneamente ao perpassar-lhe nas cordas o vento das batalhas e das procellas; os *Lusiadas* não foram a epopéa que tomou por assumpto as glorias portuguezas, foram a

propria voz epica dos nossos grandes feitos cantando nos labios de Camões. O sol do Oriente fixou na sua alma, como em camara escura, recondita e sagrada, o quadro cambiante das grandes façanhas de Portugal, e essa imagem photographica, producto quasi inconsciente do genio camoniano, foi o immortal poema.

A parte da vida de Camões, que procurariamos tambem limpar da nevoa legendaria, é a que se refere ás perseguições que soffreu na India. Camões não foi, tanto como se suppõe, esse martyr, essa vietima que a tradição nos apresenta. Chegaremos a um ponto em que estaremos completamente de accordo com os seus biographos, mas, emquanto elles nos querem mostrar um vate lacrimoso que passa a sua vida a suspirar por Natercia, e um santo e inoffensivo varão que os seus impios contemporaneos flagellam eontinuamente, revoltâmo-nos contra essa concepção elegiaca e banal do poeta, que foi um homem de paixões vivas, um grande coraçao e uma grande alma, com todos os defcitos porém das imaginações exaltadas, que difficilmente se resignam a transigir com as necessidades precarias da vida. Em Lisboa tinha sido duellista inquieto, inquieto continuou a ser na India. O genio de Bocage dá uma idéa do que deveria ser o genio de Camões. O cantor de Leandro e Hero presentiu isso mesmo, quando exclamou n'um soneto

Camões! grande Camões! quão similliante
Acho o teu fado ao meu quando os cotejo!

Com as suas satyras e com os seus epigrammas, Camões ereou inimigos como depois os creou Boeage; mas nem foi desterrado, como se disse, nem foi preso depois de voltar de Macan a Goa por espirito de vingança e de perseguição. O logar de provedor de defuntos e ausentes, que Franciseo Barreto lhe conferiu, era excellente e lucrativo, e n'esse logar, como demonstrou o sr. visconde de Juromenha, grangeou Camões avultados haveres, que perdeu depois nas costas de Cambodge, quando naufragou, salvando apenas com a vida o manuscripto do poema. Se foi preso quando chegou a Goa, foi porque tinham chegado do reino ordens rigorosas para se tomarem as mais severas contas aos provedores de defuntos e ausentes, que abusavam em geral dos seus logares para se enriquecer illicitamente. Essas contas não as pôde dar Camões muito direitas, em parte, não o duvidâmos, porque não era homem de ordem, e, como aeonteceu a

Cervantes, pôde ser muito bem que fôsse roubado pelos seus empregados, emquanto compunha na celebre gruta as estrophes sonoras dos *Lusiadas*, mas principalmente porque no seu naufragio perdêra os documentos justificativos da sua gerencia. Que os inimigos pessoaes de Camões aproveitassem o ensejo para o perder, é natural, e não eram poucos os que tinha; que houvesse contra elle uma perseguição systematica, é falso, porque dos dois governadores que um ao outro se seguiram, Francisco Barreto empregára-o excellentemente, D. Constantino de Bragança soltou-o apenas chegou á India.

Mas, culpa da sorte ou culpa dos homens, Camões voltava enfim a Portugal, depois de longos annos de ausencia, mais pobre do que partíra. Preso por dividas em Gôa, só podéra seguir para o reino graças á munificencia do governador. Tambem teria de ficar em Moçambique, e por dividas tambem, se os seus eompanheiros de viagem se não cotizassem para o libertar. Velho antes de tempo, abatido, pobre, voltava para Portugal o grande poeta depois de dezeseite annos de ausencia em 1570, e encontrava a patria que elle adorava não menos abatida, não menos envelhecida do que elle. Tudo declinava, tudo decaía. A catastrophe imminente pairava no ar. Sentia-se por todos os lados o rugido surdo que precede e annuncia os terremotos. A peste acabava de devastar o reino, nas ruas solitarias quasi que se viam apenas as garuachas pretas dos jesuitas, que vinham rezar os officios funebres á beira do leito d'este moribundo Portugal. Fallava-se do joven rei D. Sebastião como se falla de um loueo. A tristeza era profunda e casava-se bem com a tristeza pungitiva do poeta.

Effectivamente uma profunda melancholia o devorava. Aquelle Camões alegre, jovial, maledicente, satyrico, apaixonado, tendo sempre promptos ao serviço da sua imaginação caprichosa um galanteio para as damas, um epigramma ou uma cutilada para os homens, acabára. Tinha ficado enterrado em Goa. Essa transformação fôra insensivel e lenta. Partíra de Lisboa sonhando as façanhas epicas, os grandes feitos de Duarte Pacheco, as poetieas e cavalheirescas emprezas e tivera os fastidiosos cruzeiros, os ocios e as intrigas da vida de guarnição, e as contas prosaicas de um emprego de fazenda eom todos os incommodos inevitaveis que o acompanham. Tudo isto desalentou Camões. A cada instante nas suas poesias transparece melancholia mais profunda, e á medida que a noite se vae fazendo na sua alma é que vae resplandecendo mais viva e luminosa, como uma estrella, a imagem de Natercia. Quando ella despe o envolvero terreno, quan-

do se ala ás esferas de pura idealisação, envolta na tunica da luz, que a muda de ente corporeo e tangivel, n'uma figura vaga como essa Beatriz do Dante que, enquanto viveu na terra, foi apenas para o poeta uma creança sympathica, e depois de morta se transformou em anjo e em musa, assim Natércia, que fôra apenas na vida de Camões um episodio suave, idyllico, uma galante menina que lhe sorriu e o amou, transfigurada pela ausencia, pela morte e pela idealisação poetica, fez-se o puro symbolo de um passado risonho, a florea encarnação dos annos da mocidade e dos sonhos juvenis, das roseas esperanças tão depressa tornadas em saudades. Era a melancholia invencivel que ía invadindo, cada vez mais, com o seu negrume a alma do poeta, sempre propensa tanto aos loucos accessos de jovialidade, como ás ternissimas tristezas, que transformava esse ponto luminoso do seu passado na estrella que lhe encheu o horisonte com a sua casta e suavissima luz.

V

Se entendemos dever afastar-nos um pouco da tradição relativamente a Camões, se não quizemos ver n'elle a victima innocente do destino, o martyr do amor e da perseguição de tyrannos crueis que se oppõem á realisção do sonho mais querido da sua vida, e que separam os dois fidos amantes, como os paes barbaros dos romances sentimentaes, em compensação agora parece-nos que a tradição ainda foi nimiamente benevola com a patria e com o governo que lhe dirigia os destinos, quando se trata da recompensa dos *Lusiadas*. Camões publica em 1572 o seu poema admiravel, dedica-o a el-rei D. Sebastião, e a recompensa que obtem é uma tença de quinze mil réis annuaes, concedida como por esmola ao escudeiro, que dirige ao rei um memorial em verso nas primeiras e nas ultimas oitavas dos *Lusiadas*, e a quem a munificencia regia paga com mil e duzentos e cincoenta réis mensaes a sua dedicatoria. Bem sabemos que os quinze mil réis annuaes de 1572 não são o mesmo que quinze mil réis annuaes em 1878, correspondem a trezentos, a quatrocentos ou a quinhentos mil réis no dia de hoje. Mas o que é isso para recompensar uma obra d'esse altissimo valor? O que é isso, dado principalmente só como tença, sem nenhuma prova de distincção e de apreço! E entretanto malbaratavam-se as commendas e os beneficios! e n'esse mesmo anno de 1572 em que se publicavam os *Lusiadas*, dava o rei de Portugal, a pedido do rei de França Carlos IX, o habito de Christo ao poeta francez Rousard!

O habito de Christo, essa mercê suprema que el-rei D. Manuel concedeu a Vasco da Gama pela descoberta da India, dava-a D. Sebastião ao poeta cesarico da côrte franceza, verdadeiro pygmeu ao lado do gigante dos *Lusiadas*! Tinha-o Ronsard e não o tinha Camões! Tinha-o o cantor da insulsa *Franciada* e não o tinha o cantor dos *Lusiadas* resplandecentes! A mercê que tão facilmente se concedia ao mediocre poeta francez negava-se ao grande vate! Que paralelo! que vergonha!

Se levarmos mais adiante a comparação, ainda o contraste nos parece mais odioso! Vemos Ronsard, o poeta fluente e suave que sabia modular graciosamente uma poesia no estylo grego, mas que não ía mais longe, cercado de honras e distincções, tratando Carlos IX de igual para igual, requestado, adulado, acariciado pela côrte e pelo proprio rei, que, não contente de o encher de provas de estima e de mercês rendosas, ainda solicita para elle dos governos estrangeiros os mais altos premios que lhe podem conferir, e vemos Camões, um dos primeiros poetas do mundo, o primeiro do seu paiz, o cantor entusiastico das glorias portuguezas, o Homero da idade moderna, abandonado, esquecido, nem chamado ao paço, nem admittido lá, desconhecido da côrte, recebendo de esmola uma tença insignificante, passando os dias cansados da sua preniatura velhice em palestras com os frades de S. Domingos na arcada do seu convento, para onde vae tomar o sol, arrastando-se tropego, acompanhado pelo seu Jau, pelo pobre escravo, que resume para elle, na ultima quadra da sua vida, todo o carinho, toda a boa vontade, todo o affecto e toda a gratidão dos homens!

Sim! Procurámos, tanto quanto possivel, afastar-nos das declamações banaes, não nos sentimos dispostos a partilhar a choradeira convencional da posteridade sobre o «amor infeliz» de Luiz de Camões por Natereia. Dispensámo-nos de consagrar umas paginas commovidas a essa Natereia, que figura como Laura, Beatriz e Leonor no côro das amadas dos grandes poetas, e que tem inspirado a todos os vates de agua doce de todos os tempos, as mais insulsas e deslavadas odes. Não quizemos tambem bradar contra a tyrannia do governo, que não consentiu que Luiz de Camões rachasse impunemente a cabeça a Gonçalo Borges nas ruas de Lisboa, sob o pretexto pouco admissivel de ser um grande poeta, não quizemos tambem associar-nos ás declamações dos que estranharam que o exilassen para Ceuta, como se fosse exilio para um soldado ir para o theatro predilecto das façanhas dos militares seus compatriotas, não admittimos a lenda do desterro de Camões para Macau, doirado exilio que lhe asseguraria a fartura e a opulencia da

sua velhice, se não fosse um naufragio, de que de certo não tiveram culpa os vice-reis. Reconhecemos que muitos dos infortunios de Camões foram devidos ao seu genio revoltado e apaixonado. Mas por isso mesmo temos duplo direito de levantar a voz com indignação, e de dizer que Portugal se mostrou indigno do genio immenso com que a Providencia o enriquecêra, do immenso amor que o grande poeta lhe votára, não conferindo as maximas honras, uão abrindo de par em par as portas do paço ao poeta immortal que o immortalisava tambem. Essa é que foi a vergonha suprema, essa é que foi a eterna macula. O Vaticano abria-se aos grandes artistas e aos illustres poetas; o Louvre tinha como seu hospede predilecto o poeta Ronsard, e dos paços da Ribeira atirava-se pela janella uma esmola a Camões. E em quanto Ronsard, o cavalleiro de Christo em Portugal, a pedido do seu rei e do seu amigo, cheio de honras e de benefieios em França, morria na opulencia e no conforto, cercado de cortezãos, chorado pela sua patria, que n'elle perdia apenas comtudo um poeta agradavel, Camões, pobre, envelheido, tendo por companhia unica os padres de S. Domingos, que ía visitar para não se ver completamente só, e o dedicado Jau, e as cartas de alguns amigos como D. Francisco de Almeida; tendo por consolação unica a idéa de que ao menos não sobrevivia á patria, a essa patria ingrata, que estremecia com tão entranhado amor, Camões, que nem era cavalleiro de Christo, morria ao desamparo, n'um hospital provavelmente, na miseria e na pobreza, e era necessario que um rei estrangeiro, Philippe II, viesse a Portugal para que sua velha mãe, que ficára na terra chorando seu filho, tivesse um pedaço de pão para não morrer de fome. Ah! como se vingam todos os nobres corações, todas as grandes almas! Se nos é licito, sem saerilegio, fazer esta comparação, Christo, expirando no Calvario, esearneecido e assassinado pelos homens, vingou-se legando á humanidade o Verbo Redemptor, Camões, expirando tambem no seu Golgotha da miseria, esqueecido e desprezado pela patria, vingou-se legando-lhe no seu poema o Verbo da Immortalidade.

VI

Passaram seculos. Foram sempre limitados e mesquinhos os testemunhos de reconhecimento da patria para Camões. O tumulo, onde mão piedosa lavrára uma legenda em que lhe chamava o principe dos poetas, desapareceu debaixo das ruinas do terremoto e da campa do esquecimento. Só trezentos annos depois

da sua morte a patria lhe erigiu uma estatua. Permittam-nos os leitores que, como epilogo d'este trabalho e para que n'este livro, que é tambem um monumento consagrado á memoria do grande poeta, se perpetúe o que lançaria no olvido o vento que dispersa as folhas soltas do jornalismo, insirâmos aqui o que escrevemos no dia 9 de outubro de 1867. Será o nosso cautico final de homenagem ao poeta.

O sol inundava de esplendor as ruas da cidade tumultuosa; tudo eram galas e flores, e as amplas bandeiras desenrolavam com ufania as suas quinas triumphaes; o céu estava azul e sereno, sereno e azul o Tejo, nem uma ruga no crystal do rio, nem uma nuvem na téla do firmamento!

As mós do povo redemoinhavam confusas, e a sua massa cambiante brilhava á luz clara e alegre do sol; seintillavam aqui e alem subitos relampagos nas bayonetas luzentes, rodavam os canhões nas praças, e a viração agitava, ao passar a galope a cavallaria, como um cardume de flores aereas, o turbilhão das flammulas ondeantes no ferro polido das lanças.

A multidão tumultuava risonha e ruidosa, as musicas marciaes arrojavam aos ares as suas bellicas harmonias, e todos estes rumores, consubstanciados n'um immenso murmurio, subiam para o céu como jubiloso cantico.

Subito reinou silencio profundo, e apenas um vago frémito percorren a turba agglomerada. Mas logo o canhão erguen a sua voz sonora em salvas triumphaes, curvaram-se os estandartes em sandação guerreira, o hymno grave e magestoso resoon de todos os lados em homenagem solenne.

É porque se rasgára o véu, e immovel, sereno, grandioso, banhado de sol, fremente nas suas vestiduras de bronze ao contacto da chamma patriotica, surgia aos olhos de todos, erguido no seu pedestal de marmore, apertando ao peito o seu immortal poema, o vulto sublime de Camões.

Eis-te emfim, poeta! Eis-te emfim, pallido naufrago, que boiaste durante seculos n'este pelago confuso de desventuras e de miserias, levantando acima das ondas o livro das nossas glorias. Quando o baixel se desconjuntou, caíste na voragem envolto na bandeira nacional, e agora, arrancando dos hombros essa mortalha sublime, appareces inundado de luz, espectro que és hoje estatua, Lazaro que és hoje um Christo, mendigo que és semi-dens!

Eis-te emfim, tu que foste o ultimo da geração dos fortes! vens grave e triste. Os teus olhos sem luz contemplam mudamente Lisboa, que se desenrola a

teus pés. Procuras-lhe o diadema? Já lhe tombou da fronte. Buscas o Tejo, fazendo arfar no dorso espumoso os galeões gigantes? Deslisam além as suas aguas desertas. Anceias por ver com os olhos da phantasia desdobrarem-se-lhe nos hombros as prégas da sua purpura de rainha do Oceano? Só por instantes lh'a empresta o sol, ao deseair no occaso. Heroes? São pallidas sombras vagueando no cyprestal da historia. Grandeza? A do aviltamento. A espada? É uma reliquia. O altar ao menos d'essa gloria extincta? É o teu poema.

Sobrevives tu só! Quando os filhos da culta Greeia primeiro ousaram saír do placido Archipelago, e, demandando o Oriente, chamados pela irradiação do vélllo de ouro, transpozeram os estreitos e os mares, affrontaram dentro da primeira nave as iras do revolto Euxino, e foram enfim surgir nas enseadas da Colchida resplandecente, ficou apenas na memoria dos homens uma vaga e nebulosa lembrança, o nome incerto de um poeta, os sons duvidosos de uma lyra, e no firmamento o resplendor de uma constellação. Os argonautas modernos, deixando as praias occidentaes, sulcando, com a prôa das caravelas as ondas tenebrosas do immenso Oceano, vendo como que formar-se em alas silenciosas para contemplar o cortejo heroico das caravelas, de um lado as montanhas inexploradas da Africa, do outro lado as virgens florestas do Brazil, vendo aecender-se de subito no céu, como que para illuminar a sua via triumphal, os radiantes luzeiros de um hemispherio novo, aportaram enfim ás praias indostanicas, e entregaram á civilisação um mundo. Deus! essa navegação de heroes envolveu-a para a Europa a ingratição dos posteros quasi em véus tão nebulosos como a viagem primitiva dos argonautas gregos. A nossa gloria é quasi como a d'elles uma sombra vaga; mas não, que temos em ti a luz e o hymno! Sobrevives tu, Camões, e tu és a lyra e a estrellla, és Argos e és Orpheu!

Não o prevíras de certo; quando se afundava o baixel da nossa grandeza, não julgavas que por cima da mortalha das ondas se estendesse tambem a mortalha do esquecimento. Roma caíu, mas a sua memoria de seculo a seculo se vae agigantando; são-lhe as ruinas Capitolio, e a magestade do infortunio einge-lhe a pallida fronte do mais augusto diadema. Caíu Veneza e caíu escrava, mas as lagrimas das nações reverdeceram-lhe os louros desbotados; sobre Portugal assassinado tripudiou a Europa; mostrou as feridas, respondeu-lhe o escarneo; saeuiu os grilhões, encontrou a indifferença; evocou o passado, e só achou o olvido; procurou no Oceano o sulco de espuma aberto pelas suas quilhas, e já lh'o ti-

nham apagado as naus da Hollanda e da Inglaterra; fez scintillar de novo ao sol de cem combates a sua espada gloriosa, e os relampagos, que o ferro despedia, não conseguiam sulcar as trevas profundas, em que estavamos amortalhados. Era mais intensa a luz do teu engenho, era mais sonoro o clamor da tua voz, e o mundo, quando lhe bradavamos «Portugal», só nos respondia «Camões».

Orgulha-te, poeta! orgulha-te, immortal! Da patria, que te desprezava, vingaste-te salvando-lhe a gloria; a quem te não soube trocar por manto de arminho a capa esburacada, respondeste envolvendo-a na tua luminosa tunica. Portugal apagava nas sombras da miseria o fulgor do teu genio, e esse genio, reaccendendo-se no facho da immortalidade, pairou como vivido sant'elmo, á flor de agua, no topo dos mastros do galeão submergido.

Oh! mas em ti o amor da patria falla mais alto que o orgulho! e se o teu espirito, evocado pelo clamor da artilharia, vem animar o bronze do teu vulto, as aves do céu, que em torno de ti pairam, hão-de ver-te as lagrimas sulcar-te as faces redivivas, hão-de sentir tremcr-te nas mãos a espada, e hão-de-te ver apertar convulso ao peito o bronzeo livro! Não ouves o clamor da turba e a melodia dos hymnos, não vês a cidade festiva e embandeirada; mas, cravando os olhos no horisonte d'alem, contemplas a visão que a tua phantasia evoca. Vês a tua antiga Lisboa, divisas as frotas levantando o ferro e sulcando o Tejo, tumultuam nas praças os heroes das antigas eras, passam invejosos os estrangeiros, e as quinas fluctuam orgulhosas nas muralhas erguidas das fortalezas. Já não és estatua, és aguia, fitando os olhos no sol, embalando-te nas azas da tempestade, confundindo com o rugido do Oceano o teu grito sublime! Surjam da sepultura as gerações preteritas, apertem de novo os ilhaes dos seus murzellos os cavalleiros da Africa, resoem ao embate das espadas as couraças polidas, ondeiem á brisa dos combates as plumas do elmo! «S. Jorge e ávante!» Portugal é de novo o dominador dos mares. Mas a visão dissipa-se, volta o espirito do poeta com um grito funcbre ás regiões ethereas, e a estatua fica de novo immovel, muda, campeando com a sua tristeza grave sobre a cidade decaída, espectro glorioso do passado, illuminado por dois occasos, o do sol e o da patria.

Mas d'ora avante o estrangeiro, quando passar desdenhoso pelas nossas ruas, se vir de subito surgir-lhe banhado pela melancholia luminosa do poente o vulto de Camões, ha-de recuar deslumbrado pelos relampagos que despede o livro, pelos relampagos que despede o gladio; e o motejo ha de expirar nos seus labios, ao

contemplar n'essa estatua, que fica sendo o palladio das nossas glorias, a visão sobre-humana do passado.

E entretanto o crepusculo ía envolvendo no seu manto de sombras o pedestal e o poeta. Aceendia-se facho a facho a cidade illuminada, e a estatua grave e triste, dominando esses pallidos esplendores da terra, sentia immergir-se-lhe a fronte erguida no estrellado diadema dos céus!

Depois pouco a pouco foi-se apagando a luminosa corôa da cidade, a multidão dissipava-se, ouvia-se de quando em quando um ultimo rumor de vozes alegres, depois veio o silencio, mas o vento ergueu então a sua voz solenne, e toda a noite gemeu, triste e lugubre, na estatua muda e grave. Era a elegia depois do hymno, era o lamento depois do applauso, a recordação das agonias, depois da recordação das glorias.

Dormia a cidade, mas sobre o seu pedestal campeava a estatua de Camões.

Dorme, rainha descoroada, dorme Palmyra do occidente! Dorme enfim sem que o remorso te agite, dorme sem que te punja a amargura de te veres olvidosa e olvidada, desprezada e ingrata! Dorme! podem volteiar em torno do teu leito os sonhos luminosos do passado, porque entre as sombras da noite, com a fronte coroadada de estrellas, véla sobre o teu somno, sentinella da tua gloria, a estatua do teu cantor!

M. Pinheiro Chagas.

CANTO I

Mercurio, pois excede em ligeireza
Ao vento leve, e á setta bem tallhada,
Lhe vá mostrar a terra, onde se informe
Da India, e onde a gente se reforme.

(Canto I, Est. XL.)



« Envoie leur ton messager Mercure, dont la légèreté
l'emporte sur celle du zéphir ou de la flèche aiguisée,
afin qu'il leur indique le pays où ils pourront s'infor-
mer du chemin des Indes, et prendre un peu de repos. »

(Chant. I, Stan. XL.)

CANTO PRIMEIRO

I

As armas, e os Barões assinalados,
Que da occidental praia Lusitana,
Por mares nunca de antes navegados,
Passaram ainda além da Taprobana (1);
E em perigos, e guerras esforçados,
Mais do que prometia a força humana,
Entre gente reuota edificaram
Novo reino, que tanto sublimaram:

II

E também as memórias gloriosas
Daquelles Reis, que foram dilatando
A Fé, o imperio; e as terras viciosas
De Africa, e de Asia; andaram devastando
E aquelles, que por obras valerosas
Se vão da lei da morte libertando:
Cantando espalharei por toda parte,
Se a tanto me ajudar o engenho, e arte.

III

Cessem do sabio Grego, e do Troiano
As navegações grandes, que fizeram;
Calle-se de Alexandro, e de Trajano
A fama das victorias, que tiveram;
Que en canto o peito illustre Lusitano,
A quem Neptuno, e Marte obedeceram:
Cesse tudo o que a Musa antigua canta,
Que outro valor mais alto se alevanta.

IV

E vós, Tagides minhas, pois creado
Tendes em mi hum novo engenho ardente,
Se sempre em verso humilde celebrado
Foi de mi vosso rio alegremente,
Dai-me agora hum som alto, e sublimado;
Hum estylo grandiloquo, e corrente;
Porque de vossas aguas Phebo ordene
Que não tenham inveja ás de Hippocrene.

V

Dai-me huma furia grande, e sonora,
E não de agreste avena, ou fruta ruda (2);
Mas de tuba canora, e bellicosa,
Que o peito accende, e a côr ao gesto muda:
Dai-me igual canto aos feitos da famosa
Gente vossa, que a Marte tanto ajuda;
Que se espalhe, e se cante no universo;
Se tão sublime preço cabe em verso.

VI

E vós (3); ó bem nascida segurança
Da Lusitana antigua liberdade,
E não menos certissima esperança
De augmento da pequena Christandade:
Vós, ó novo temor da Maura lança,
Maravilha fatal da nossa idade,
Dada ao mundo por Deos, que todo o mande,
Para do mundo a Deos dar parte grande:

CHANT PREMIER

Vaillants héros, vous qui, les armes à la main, êtes partis des rives occidentales de la Lusitanie, pour aller franchir les limites de la Taprobane (1), en sillonnant des mers inconnues, et qui, après avoir bravé plus de périls, plus de combats que ne le faisait prévoir la force humaine, avez fondé chez des peuplades lointaines un royaume nouveau que vous avez à jamais illustré;

Et vous, mémorables souverains, qui avez agrandi vos domaines et propagé la foi, en ravageant les contrées infidèles de l'Afrique et de l'Asie; et vous aussi, hardis capitaines, qui par vos exploits vous êtes affranchis de la loi de la mort, je vais par mes chants répandre votre gloire de toutes parts, si l'art et le génie me viennent en aide pour accomplir une œuvre aussi grande.

Ne parlons plus des longues navigations du sage Ulysse ou d'Énée le Troyen, cessons d'admirer les victoires d'Alexandre et de Trajan. C'est le courage lusitanien qu'aujourd'hui je célèbre; c'est ce peuple à qui Neptune et Mars ont obéi. Cesse de chanter, ô Muse antique, les prouesses de tes guerriers! Une valeur plus illustre se lève aujourd'hui.

Et vous, nymphes du Tage, mes compagnes, vous qui m'avez enflammé d'une ardeur nouvelle, si jusqu'ici j'ai gaiement chanté votre fleuve en des vers sans prétention, prêtez-moi dès à présent un ton élevé et sublime, un style clair et grandiose, afin que le divin Phébus donne à vos flots la vertu des eaux d'Hippocrène.

Prêtez-moi des accords larges et sonores, non pas ceux de la flûte grossière et champêtre (2), mais plutôt ceux de la trompette guerrière et retentissante qui enflamme les cœurs et fait pâlir les visages: donnez-moi un génie digne des exploits de votre peuple, dont Mars s'enorgueillit, pour faire connaître à toutes les nations du monde des faits que les vers peuvent à peine exprimer.

Et vous (3) enfin, ferme appui de l'antique liberté lusitanienne, vous, espoir des chrétiens, terreur des armes africaines, merveille redoutable de notre siècle, vous que le Dieu puissant a donné au monde pour ramener à son culte une large part de l'univers;

VII

Vós, tenro e novo ramo florecente
De huma arvore de Christo mais amada,
Que nenhuma nascida no Occidente,
Cesárca, ou Christianissima chamada:
Vêde-o no vosso escudo, que presente
Vos amostra a victoria já passada;
Na qual vos deo por armas, e deixou
As que elle para si na Cruz tomou:

VIII

Vós, poderoso Rei, enjo alto imperio
O Sol, logo em nascendo, vê primeiro;
Vê-o tambem no meio do hemispherio,
E, quando desce, o deixa derradeiro:
Vós, que esperâmos jugo e vituperio
Do torpe Ismaelita cavalleiro,
Do Turco oriental, e do Gentio,
Que inda bebe o licor do sancto rio (4):

IX

Inclinai por hum pouco a magestade,
Que nesse tenro gesto vos contemplo;
Que já se mostra, qual na inteira idade,
Quando subindo ireis ao eterno templo:
Os olhos da Real benignidade
Ponde no chão: vereis hum novo exemplo
De amor dos patrios feitos valerosos,
Em versos divulgado numerosos.

X

Vereis amor da patria, não movido
De premio vil, mas alto, e quasi eterno;
Que não he premio vil ser conhecido
Por hum pregão do ninho meu paterno.
Ouvi: vereis o nome engrandecido
Daquelles de quem sois senhor superno:
E julgareis qual he mais excellente,
Se ser do mundo Rei, se de tal gente.

XI

Ouvi, que não vereis com vâas façanhas,
Phantasticas, fingidas, mentirosas,
Louvar os vossos, como nas estranhas
Musas, de engrandecer-se desejosas:
As verdadeiras vossas são tamanhas,
Que excedem as sonhadas, fabulosas;
Que excedem Rhodamonte, e o vão Rugeiro.
E Orlando, indaque fôra verdadeiro.

XII

Por estes vos darei hum Nuno fero (5),
Que fez ao Rei, e ao reino tal serviço;
Hum Egas, e hum Dom Fuas, que de Homero
A cithara para elles só cobiço.
Pois pelos doze Pares, dar-vos quero
Os doze de Inglaterra e o seu Magriço:
Dou-vos tambem aquelle illustre Gama,
Que para si de Eneas toma a fama.

XIII

Pois se, a troco de Carlos Rei de França,
Ou de Cesar, quereis igual memoria,
Vêde o primeiro Affonso, cuja lança
Eseura faz qualquer estranha gloria:
E aquelle, que a seu reino a segurança
Deixou co'a grande e prospera victoria;
Outro Joanne, invicto cavalleiro,
O quarto e quinto Affonsos, e o tereceiro.

XIV

Nem deixarão meus versos esquecidos
Aquelles, que nos reinos lá da Aurora
Se fizeram por armas tão subidos,
Vossa bandeira sempre vencedora:
Hum Pacheco fortissimo (6); e os temidos
Almeidias, por quem sempre o Tejo chora;
Albuquerque terribil, Castro forte,
E outros em quem poder não teve a morte.

Vous, tendre rejeton d'une famille préférée par Jésus-Christ à toutes celles qui règnent sur l'Occident, sans omettre les Césars et les rois Très-Christiens (ainsi que vous pouvez le voir sur votre écusson, témoin d'une victoire où il vous a donné pour armes celles qu'il prit pour lui sur la croix);

Vous, ô puissant monarque, vous, dont l'illustre empire est le premier éclairé par le soleil naissant, voit l'astre du jour en son midi, et reçoit à son déclin ses derniers rayons; vous, sur qui nous comptons pour dompter à jamais le vil Manritanien, le Turc oriental et l'idolâtre qui boit encore les eaux du fleuve sacré (4):

Déposez pour un moment la majesté que j'admire sur votre jeune front, couronné déjà de la même auréole qui vous éclairera le jour où, parvenu à l'âge viril, vous monterez vers le ciel éternel; daignez abaisser jusqu'à mon œuvre vos regards indulgents; vous verrez divulguée en des vers sans nombre mon admiration pour les hauts faits de nos ancêtres.

Vous verrez inné en moi l'amour de la patrie, inspiré non par un vil intérêt, mais par l'espoir d'une récompense élevée et éternelle: celle d'être connu par les louanges de mon pays bien-aimé. Prêtez l'oreille: vous entendrez vanter ceux sur lesquels vous commandez en maître, et vous jugerez où il y a le plus d'honneur, si c'est à régir l'univers, ou à gouverner un tel peuple.

Écoutez: vous ne verrez pas des légendes fabuleuses et chimériques, telles que certaines Muses étrangères se plaisent à les raconter, dans le seul but d'accroître leur gloire; les exploits des vôtres sont si grands, qu'ils surpassent tous ceux que diverses fables ont prêtés à Rodomont, à Roger et au fantastique Roland.

Contre ceux-ci je vous donnerai le brave Nuno (5), qui rendit au royaume et au roi de si éclatants services; Egas Moniz, Dom Fnas, pour les louanges desquels j'ambitionne la lyre d'Homère. Aux douze pairs de France je comparerai les Douze d'Angleterre avec leur chef Magriço; sans compter l'illustre Gama, ce digne élève du fameux Énée.

Si vous voulez des héros comparables à Charles, roi de France, ou à César, voyez le premier Alphonse, dont la lance ternit la renommée de toute autre nation; voyez celui qui sauva son royaume par une grande victoire; voyez cet autre Jean, chevalier invincible; voyez le troisième, le quatrième et le cinquième Alphonse.

Mes vers ne vous oublieront pas, remarquables guerriers, qui avez parcouru les contrées où naît l'Aurore, tenant à la main vos étendards toujours victorieux; toi, courageux Pacheco (5), les deux Almeidas tant redoutés, que le Tage pleure encore, le terrible Albuquerque, le brave Castro et tant d'autres sur qui la mort n'a pas eu de pouvoir.

XV

Em quanto eu estes canto, e a vós não posso,
 Sublime Rci, que não me atrevo a tanto,
 Tomai as redeas vós do reino vosso,
 Dareis materia a nunca ouvido canto.
 Comecem a sentir o peso grosso
 (Que pelo mundo todo faça espanto)
 De exercitos, e feitos singulares,
 De Africa as terras, e do Oriente os mares.

XVI

Em vós os olhos tem o Mouro frio,
 Em que vê seu exicio affigurado:
 Só com vos ver o barbaro Gentio
 Mostra o pescoço ao jugo já inclinado:
 Tetlys todo o cerulco senhorio
 Tem para vós por dote aparelhado;
 Que, affeiçãoada ao gesto bello e tenro,
 Deseja de comprar-vos para genro (7).

XVII

Em vós se vem da Olympica morada,
 Dos dous Avós as almas cá famosas (8),
 Huma na paz angelica dourada,
 Outra pelas batalhas sanguinosas.
 Em vós esperam ver-se renovada
 Sua memoria e obras valerosas:
 E lá vos tem lugar, no fim da idade,
 No templo da suprema eternidade.

XVIII

Mas em quanto este tempo passa lento
 De regerdes os povos, que o desejam,
 Dai vós favor ao novo atrevimento,
 Para que estes meus versos vossos sejam:
 E vereis ir cortando o salso argento
 Os vossos Argonautas; porque vejam
 Que são vistos de vós no mar irado:
 E costumai-vos já a ser invocado (9).

XIX

Já no largo Oceano navegavam,
 As inquietas ondas apartando;
 Os ventos brandamente respiravam,
 Das náos as velas concavas inchando:
 Da branca escuma os mares se mostravam
 Cobertos, onde as proas vão cortando
 As maritimas aguas consagradas,
 Que do gado de Protheo são cortadas.

XX

Quando os deoses no Olympo luminoso,
 Onde o governo está da humana gente,
 Se ajuntam em concilio glorioso
 Sobre as cousas futuras do Oriente:
 Pisando o crystallino céu formoso,
 Vem pela via Lactea juntamente,
 Convocados da parte do Tonante
 Pelo neto gentil do velho Atlante (10).

XXI

Deixam dos sete céos o regimento,
 Que do poder mais alto lhe foi dado;
 Alto poder, que só co'o pensamento
 Governa o céu, a terra, e o mar irado:
 Alli se acharam juntos n'hum momento
 Os que habitam o Arcturo congelado,
 E os que o Austro tem, e as partes onde
 A Aurora nasce, e o claro Sol se esconde.

XXII

Estava o Padre alli sublime e dino,
 Que vibra os feros raios de Vulcano,
 N'hum assento de estrellas crystallino,
 Com gesto alto, severo e soberano:
 Do rosto respirava hum ar divino,
 Que divino tornára hum corpo humano;
 Com huma corôa e sceptro rutilante,
 De outra pedra mais clara que diamante.

Et pendant que je chante ces héros, ô vous, roi sublime, vous que je voudrais pouvoir célébrer, si mon génie n'était pas si faible pour une pareille entreprise, prenez en main les rênes de votre puissance, et vous donnerez sujet à des chants incomparables. Que les terres d'Afrique et les mers orientales ressentent le poids immense de vos hardis bataillons, afin que l'univers entier s'épouvante de vos hauts faits.

Déjà l'infatigable Maure, prévoyant sa ruine, vous regarde d'un œil terrifié, et, rien qu'à vous voir, le barbare Gentil courbe la tête devant votre terrible joug. Téthys vous réserve comme dot son domaine azuré, car, dans son admiration pour votre front majestueux, où la douceur éclate, elle souhaite d'avoir pour gendre un monarque aussi séduisant (7).

En vous se réfléchissent du haut de l'Olympe les âmes immortelles de vos deux aïeuls (8), l'une illustrée par la paix florissante, l'autre par les sanglantes batailles; en vous on espère voir revivre leur gloire et leurs œuvres sublimes, et quand la mort viendra vous frapper, au temple de l'éternité suprême une place vous est réservée.

Mais pendant que le temps s'écoule lentement, en attendant que vous gouverniez un peuple impatient de vous voir sur le trône, daignez favoriser mon travail audacieux, afin que ces modestes vers vous appartiennent, et vous pourrez voir sur les mers argentées ces nouveaux Argonautes, que vos regards soulageront de tant de maux; et dorénavant accoutumez-vous à être invoqué (9).

Déjà ils voguaient sur l'immense Océan, en se frayant un chemin à travers les vagues agitées; Zéphire, de son souffle léger, caressait doucement les voiles gonflées des navires; autour des proues, on voyait une écume blanchâtre couvrir l'onde amère, demeure profonde des troupeaux de Protée.

A ce moment, les dieux de l'Olympe étoilé, siège du gouvernement du monde, se réunissaient, et, dans leur céleste assemblée, discutaient sur l'avenir de l'Orient. Convoqués de la part de Jupiter par le petit-fils du vieil Atlas (10), ils accouraient tous par la voie Lactée, route du ciel lumineux.

A cet ordre, ils abandonnent pour quelque temps le gouvernement des sept cieux, qu'ils ont reçu d'une puissance supérieure régissant par la seule pensée le ciel, la terre et la mer en courroux. En un moment, on put voir réunis les habitants de l'Arctique glacé et les possesseurs des pays de l'Auster, ceux qui voient l'Aurore naissante et ceux qui admirent le Soleil à son déclin.

Là siégeait le sublime père des dieux, qui lance la foudre de Vulcain; assis sur un trône de lumière, il présidait l'assemblée d'un geste digne et majestueux. Son visage respirait un air divin qui eût donné à un corps humain une forme divine: le front ceint d'une couronne, il tenait à la main un sceptre fait d'une substance plus éclatante que le diamant.

XXIII

Em luzentes assentos, marchetados
De ouro e de perlas, mais abaixo estavam
Os outros deoses todos assentados,
Como a razão e a ordem concertavam:
Pceedem os antigos mais honrados,
Mais abaixo os menores se assentavam:
Quando Jupiter alto assi dizendo
C'hum tom de voz começa grãve e horrendo.

XXIV

Eternos moradores do luzente
Estellifero polo, e claro assento;
Se do grande valor da forte gente
De Luso não perdeis o pensamento,
Deveis de ter sabido claramente,
Como he dos fados grandes certo intento,
Que por ella se esqueçam os humanos
De Assyrios, Persas, Gregos, e Romanos.

XXV

Já lhe foi, bem o vistes, concedido
C'hum poder tão singelo e tão pequeno,
Tomar ao Mouro forte e guarnecido,
Toda a terra que rega o Tejo ameno:
Pois contra o Castellano tão temido,
Sempre alcançou favor do Céu sereno:
Assi que sempre em fim, com fama e gloria,
Teve os trophcos pendentés da victoria.

XXVI

Deixo, deoses, atraz a fama antiga,
Que co'a gente de Romnlo alcançaram,
Quando com Viriato na inimiga
Guerra Romana tanto se affamaram:
Tambem deixo a memoria, que os obriga
A grande nome, quando alevantaram
Hum por seu capitão (11), que peregrino
Fingio na .Cerva espirito divino.

XXVII

Agora vêdes bem que, commettendo
O duvidoso mar n'hum lenho leve
Por vias nunca usadas, não temendo
De Africo e Noto a força, a mais se atreve:
Que havendo tanto já que as partes vendo,
Onde o dia he comprido, e onde breve,
Inclinam seu proposito e porfia,
A ver os berços onde nasce o dia.

XXVIII

Promettido lhe está do Fado eterno,
Cuja alta lei não póde ser quebrada,
Que tenham longos tempos o governo
Do mar, que vê do Sol a roxa entrada.
Nas aguas tem passado o duro inverno,
A gente vem perdida e trabalhada;
Já parece bem feito, que lhe seja
Mostrada a nova terra, que deseja.

XXIX

E porque, como vistes, tem passados
Na viagem tão asperos perigos,
Tantos climas e céos exprimentados,
Tanto furor de ventos inimigos;
Que sejam, determino, agasalhados
Nesta costa africana, como amigos;
E, tendo guarnecida a lassa frota,
Tornarão a seguir sua longa rota.

XXX

Estas palavras Jupiter dizia,
Quando os deoses, por ordem respondendo,
Na sentença hum do outro differia,
Razões diversas dando e recebendo.
O padre Baccho alli não consentia
No que Jupiter disse, conhecendo
Que esquecerão seus feitos no Oriente,
Se lá passar a Lusitana gente.

Au-dessous, assis sur des sièges incrustés de perles et d'or, se tenaient les autres dieux, rangés par degré de dignité et de mérite; les plus antiques divinités occupaient les premières places; les moins puissantes ne venaient qu'un rang plus bas. Alors Jupiter, élevant sa voix grave et terrible, parla ainsi:

«Éternels habitants du radieux Eupyrée, si votre mémoire ne s'est pas écartée du peuple courageux de Lusitanie, vous ne devez pas ignorer les arrêts du destin qui lui réservent le pouvoir de faire oublier les Assyriens, les Perses, les Grecs et les Romains.

«Déjà, vous l'avez vu, il a pu, malgré l'exiguïté de ses forces, reprendre au Maure vaillant tout le territoire que baignent les eaux limpides du Tage: le ciel l'a protégé sans cesse contre le redouté Castillan; toujours enfin il a rapporté dans ses foyers les trophées et l'honneur de la victoire.

«Je ne parlerai pas, ô dieux, de la gloire que les Lusitaniens acquirent dans leurs combats contre les enfants de Romulus, lorsque leur chef Viriathus remporta tant de triomphes sur ce peuple ennemi: laissons aussi de côté les victoires fameuses obtenues par ce capitaine étranger (11) qui feignait d'obéir aux conseils d'une biche sacrée.

«Voyez-les maintenant affronter les dangers de l'Océan sur des vaisseaux fragiles, à travers une route inconnue, et sans s'inquiéter du souffle de l'Africus ou du Notus couronné; après avoir depuis de longues années parcouru les contrées où les jours sont interminables et celles où le soleil rayonne peu de temps, ils portent tous leur désir à découvrir le berceau du jour.

«L'immuable et éternelle Destinée leur promet pendant bien des siècles le domaine de cette mer que le soleil naissant éclaire de ses rayons rougeâtres: maintenant qu'ils ont passé tout l'hiver dans des parages ignorés, brisés par des souffrances et des pertes sans nombre, n'est-il pas trop juste de leur faire connaître le nouveau pays qu'ils veulent atteindre?

«Et puisque dans leur trajet ils ont bravé tant de périls, puisqu'ils ont été éprouvés par tant de climats différents et tant de vents contraires, je décide que leur flotte soit bien reçue dans cette côte d'Afrique, pour qu'ils puissent prendre haleine et continuer ensuite leur longue route.»

Ainsi parla Jupiter. Mais les autres dieux, lui répondant à tour de rôle, émettaient tous des avis différents, en alléguant ou en écoutant des opinions contraires. Bacchus s'opposait aux desseins de Jupiter, prétendant que, si les Lusitaniens atteignaient l'Inde, on aurait bientôt oublié la gloire qu'il y avait acquise autrefois.

XXXI

Ouvido tinha aos fados, que viria
 Huma gente fortissima de Hespanha
 Pelo mar alto, a qual sujeitaria
 Da India tudo quanto Doris banha,
 E com novas victorias venceria
 A fama antigua, ou sua, ou fosse estranha.
 Altamente lhe doe perder a gloria,
 De que Nysa celebra inda a memoria (12).

XXXII

Vê que já teve o Indo subjogado,
 E nunca lhe tirou fortuna, ou caso,
 Por vencedor da India ser cantado
 De quantos bebem a agua do Parnaso:
 Teme agora que seja sepultado
 Seu tão celebre nome em negro vaso
 Da agua do esquecimento, se lá chegam
 Os fortes Portuguezes, que navegam.

XXXIII

Sustentava contra elle Venus bella,
 Affeiçoada á gente Lusitana,
 Por quantas qualidades via nella
 Da antigua tão anada sua Romana:
 Nos fortes corações, na grande estrella,
 Que mostraram na terra Tingitana;
 E na lingua, na qual quando imagina,
 Com pouca corrupção crê que he a latina.

XXXIV

Estas causas moviam Cytherea;
 E mais, porque das Pareas claro entende
 Que ha de ser celebrada a clara dea,
 Onde a gente belligera se estende.
 Assi que, hum pela infamia, que arrecea,
 E o outro pelas horas, que pretende,
 Debatem, e na porfia permanceem:
 A qualquer seus amigos favoreem.

XXXV

Qual Austro fero, ou Boreas na espessura,
 De sylvestre arvoredo abastecida,
 Rompendo os ramos vão da mata escura
 Com impeto e braveza desmedida;
 Brama toda a montanha, o som murmura,
 Rompem-se as folhas, ferve a serra erguida:
 Tal andava o tumulto levantado
 Entre os deoses no Olympto consagrado.

XXXVI

Mas Marte, que da deosa sustentava
 Entre todas as partes em porfia;
 Ou porque o amor antigo o obrigava,
 Ou porque a gente forte o merecia;
 De entre os deoses em pé se levantava:
 Merencorio no gesto parecia;
 O forte escudo ao collo pendurado
 Deitando para traz, medonho e irado:

XXXVII

A viscira do elmo de diamante
 Alevantando hum pouco, mui seguro,
 Por dar seu parecer, se poz diante
 De Jupiter, armado, forte e duro:
 E dando huma pancada penetrante
 Co'ò conto do bastão no solio puro,
 O céo tremeo; e Appollo de torvado
 Hum pouco a luz perdeo como enfiado.

XXXVIII

E disse assi: Ó Padre, a cujo imperio
 Tudo aquillo obedece, que creaste;
 Se esta gente, que busca outro hemispherio,
 Cuja valia e obras tanto amaste,
 Não queres que padeçam vituperio,
 Como ha já tanto tempo que ordenaste,
 Não ouças mais, pois es juiz direito,
 Razões de quem parece que he suspeito.

Il avait, disait-il, entendu cet arrêt du Destin qui devait faire venir d'Espagne un peuple à qui obéirait bientôt tout le littoral indien: ce peuple, grâce à de nouvelles victoires, ternirait et sa propre renommée et celle de bien des héros: quel affront pour Bacchus de perdre cette gloire dont Nysa garde encore le souvenir (12)!

Lui, le vainqueur de l'Indus, lui le héros qu'à travers tous les événements les poètes de tout temps ont chanté comme le conquérant de l'Inde! Faut-il maintenant que, pour favoriser le voyage des Portugais, son nom soit à jamais plongé dans le vase profond de l'oubli?

Vénus au contraire défendait le peuple de Lusitania, envers lequel elle se sentait entraînée, trouvant en lui toutes les vertus de son antique nation romaine, sa préférée. Elle admirait ces braves cœurs, ces conquérants de la Mauritanie; il n'y avait pas jusqu'à la langue que, sauf quelques corruptions, elle ne prît pour latine.

Tels étaient les motifs pour lesquels la déesse de Cythère protégeait les Lusitaniens, persuadée qu'elle était, d'après les avertissements des Parques, que les guerriers célébreraient son culte partout où ils se trouveraient. Ainsi chacune de ces deux divinités, appuyée par ses amis respectifs, discutait de part et d'autre, Bacchus craignant de perdre sa gloire, Vénus prétendant à de nouveaux honneurs.

Lorsque le violent Auster ou le Borée soufflent avec rage sur les branches épaisses d'une forêt sombre, et qu'ils déracinent violemment les arbres touffus, la montagne voisine produit un son terrible, et, jonchée de feuilles sèches, elle frémit et bouillonne: ainsi soufflait la discorde au milieu des dieux immortels dans l'Olympe sacré.

Mais le brave Mars, défenseur constant de la déesse, soit qu'il y fût poussé par le souvenir de son ancien amour, soit qu'il jugeât ce valeureux peuple digne de son appui, se levant tout à coup au milieu de la foule des dieux, sans pouvoir dissimuler une expression de mélancolie, rejeta en arrière d'un air terrible et irrité le pesant bonnet qu'il portait suspendu à son cou.

Et, après avoir un peu relevé la visière de son casque étincelant de pierres, il vint fièrement se placer devant Jupiter, décidé qu'il était à faire entendre son opinion. Alors, frappant fortement de sa lance le sol transparent, il fit trembler le ciel, au point qu'Apollon effrayé perdit pour un moment sa lumière éelatante.

«Père des dieux, s'écria-t-il, toi à qui obéit le monde que tu as créé, si, comme tu l'as autrefois résolu, tu ne conseilles pas à faire souffrir ce peuple dont tu aimes les œuvres et le courage, ce peuple vaillant qui cherche la route de l'autre hémisphère, n'écoute pas, ô vertueux arbitre, des arguments allégués par un esprit malveillant.

XXXIX

Que se aqui a razão se não mostrasse
 Vencida do temor demasiado,
 Bem fôra, que aqui Baecho os sustentasse,
 Pois que de Luso vem, seu tão privado;
 Mas esta tenção sua agora passe,
 Porque em fim vem de estomago damnado;
 Que nunca tirará alheia inveja
 O bem, que outrem merece, e o Céu deseja.

XL

É tu, Padre de grande fortaleza,
 Da determinação, que tens tomada,
 Não tornes por detraz; pois he fraqueza
 Desistir-se da cousa começada.
 Mercurio, pois excede em ligeireza
 Ao vento leve, e á setta bem tallhada,
 Lhe vá mostrar a terra, onde se informe
 Da India, e onde a gente se reforme.

XLI

Como isto disse, o Padre poderoso,
 A cabeça inclinando, consentio
 No que disse Mavorte valeroso,
 E nectar sobre todos esparzio.
 Pelo caminho Lacteo glorioso
 Logo cada hum dos deoses se partio,
 Fazendo seus reacs acatamentos,
 Para os determinados aposentos.

XLII

Em quanto isto se passa na formosa
 Casa etherea do Olympo omnipotente,
 Cortava o mar a gente bellicosa
 Já lá da banda do Anstro e do Oriente,
 Entre a costa Ethiopica, e a famosa
 Ilha de São Lourenço (13); e o Sol ardente
 Queimava então os deoses, que Typheo
 Co'o temor grande em peixes converteo (14).

XLIII

Tão brandamente os ventos os levavam,
 Como quem o Céu tinha por amigo:
 Sereno o ar, e os tempos se mostravam
 Sem nuvens, sem receio de perigo.
 O promontorio Prasso (15) já passavam
 Na costa de Ethiopia, nome antigo;
 Quando o mar descobrindo lhe mostrava
 Novas ilhas, que em torno cérea e lava.

XLIV

Vaseo da Gama, o forte capitão,
 Que a tamanhas empresas se offerece,
 De soberbo e de altivo coração,
 A quem fortuna sempre favorece,
 Para se aqui deter não vê razão,
 Que inhabitada a terra lhe parece:
 Por diante passar determinava;
 Mas não lhe succedeo como cuidava.

XLV

Eis apparecem logo em companhia
 Huns pequenos bateis, que vem daquella,
 Que mais chegada á terra parecia,
 Cortando o longo mar com larga vela:
 A gente se alvoroça, e de alegria,
 Não sabe mais que olhar a causa della.
 Que gente será esta? em si diziam:
 Que costumes, que lei, que rei teriam?

XLVI

As embareações eram na maneira
 Mui veloces, estreitas e compridas;
 As velas, com que vem, eram de esteira
 D'humas folhas de palma bem tecidas:
 A gente da côr era verdadeira,
 Que Phaeton nas terras accendidas
 Ao mundo deo, de ousado e não prudente:
 O Pado o sabe, e Lampethusa o sente (16).

«Que si chez Bacchus la jalousie ne l'emportait pas sur la réflexion, ne serait-il pas trop juste de voir protégés par lui les fils de Lusus, son compagnon préféré? Mais ne nous arrêtons pas à cet acte d'un cœur pervers, car jamais l'envie d'un méchant n'empêchera de s'accomplir la juste récompense que le ciel réserve à ceux qui l'ont méritée.

«Quant à toi, Père tout-puissant, ne te dédis pas de la résolution que tu as prise; c'est le fait d'un esprit faible que de revenir sur une œuvre commencée. Envoie-leur ton messager Mercure, dont la légèreté l'emporte sur celle du zéphir ou de la flèche aiguisée, afin qu'il leur indique le pays où ils pourront s'informer du chemin des Indes et prendre un peu de repos.»

A ces mots, faisant un signe d'assentiment, comme pour confirmer l'opinion du valeureux Mars, le puissant Jupiter répandit sur tous les dieux son précieux nectar. Aussitôt tous les immortels se retirèrent respectueusement et se dirigèrent en suivant la voie Lactée vers leurs divines demeures.

Tandis que ces événements se passaient dans le royaume éthéré de l'Olympe, la gent guerrière sillonnait les mers de l'Orient et du Sud, entre la côte d'Éthiopie et la fameuse île de Saint-Laurent (13). Phébus dardait ses brûlants rayons sur le domaine de ces anciens dieux que l'aspect de Typhée convertit en poissons (14).

Les vents poussaient doncement les navigateurs sur les flots, n'ignorant pas que la haute faveur du ciel veillait sur eux; l'air était pur de tout nuage et la clarté de l'horizon enlevait aux navigateurs toute idée de péril. Déjà ils franchissaient le promontoire de Prassum (15), situé sur la célèbre côte éthiopienne, en découvrant de nouvelles îles à mesure qu'ils avançaient.

Vasco de Gama, ce brave capitaine dont le noble cœur ne reculait pas devant de semblables entreprises, et à qui la fortune souriait constamment, croyant inhabités ces pays sauvages, ne jugea pas à propos d'y aborder. Il s'apprêtait à continuer sa route, quand le sort vint changer ses projets.

Voilà que tout-à-coup se montrent à ses yeux une foule de petites barques venant de l'île la plus voisine du continent, et fendant l'eau à l'aide de larges voiles. Transportés de joie, les Portugais n'en croient pas leurs yeux: «Quel peut être ce peuple? disent-ils; quelles mœurs, quelles lois peut-il avoir? à quel roi peut-il bien obéir?»

Ces barques, longues et étroites, avançaient rapidement sur les flots, grâce à leurs voiles tissées de feuilles de palmier, à la manière des nattes: ceux qui les menaient appartenaient à la race que l'audacieux et imprudent Phaéton donna au monde en incendiant les terres desséchées: l'Éridan le sait et Lampéfluse en gémit (16).

XLVII

De pannos de algodão vinham vestidos
De varias côres brancos e listrados;
Huns trazem derredor de si cingidos,
Outros em modo airoso sobraçados:
Das cintas para cima vem despidos;
Por armas tem adargas e terçados;
Com toucas na cabeça; e navegando,
Anafis sonorosos vão tocando.

XLVIII

Co'os pannos, e co'os braços acenavam
Ás gentes Lusitanas, que esperassem:
Mas já as proas ligeiras se inclinavam
Para que junto ás ilhas amainassem:
A gente e marinheiros trabalhavam,
Como se aqui os trabalhos s'acabassem:
Tomam velas; amaina-se a verga alta;
Da ancora o mar ferido em cima salta.

XLIX

Não eram ancorados, quando a gente
Estranha pelas cordas já subia;
No gesto ledos vem, e humanamente
O Capitão sublime os recebia.
As mesas manda pôr em continente:
Do licor, que Lyeo prantado havia,
Enchem vasos de vidro; e do que deitam,
Os de Phaeton queimados nada engeitam.

L

Comendo alegremente perguntavam,
Pela Arabica lingua, donde vinham;
Quem eram; de que terra; que buscavam;
Ou que partes do mar corrido tinham.
Os fortes Lusitanos lhe tornavam
As discretas respostas, que convinham:
Os Portuguezes somos do Occidente;
Imos buscando as terras do Oriente.

LI

Do mar temos corrido e navegado
Toda a parte do Antaretico e Callisto,
Toda a costa Africana rodeado;
Diversos céos e terras temos visto:
D'hum Rei potente somos, tão amado,
Tão querido de todos e bemquisto,
Que não no largo mar, com leda frontê,
Mas no lago entraremos de Acheronte.

LII

E por mandado seu buscando andâmos
A terra Oriental, que o Indo rega:
Por elle o mar remoto navegâmos,
Que só dos fcos phocas se navega.
Mas já razão parece que saibamos,
Se entre vós a verdade não se nega,
Quem sois; que terra he esta, que habitais;
Ou se tendes da India alguns sinais.

LIII

Somos (hum dos das ilhas lhe tornou),
Estrangeiros na terra, lei e nação;
Que os proprios, são aquelles, que criou
A natura sem lei e sem razão:
Nós temos a lei certa, que ensinou
O claro descendente de Abrahão (17),
Que agora tem do mundo o senhorio,
A mãe Hebreia teve, e o pai Gentio.

LIV

Esta ilha pequena, que habitâmos,
He em toda esta terra certa escala
De todos os que as ondas navegâmos
De Quiloa, de Mombaça e de Sofala (18):
E, por ser necessaria, proeurâmos,
Como proprios da terra, de habitá-la:
E, porque tudo em fim vos notifique,
Chama-se a pequena ilha Moçambique.

Vêtus d'étoffes de coton blanches ou rayées qui entouraient leur ceinture ou qu'ils portaient élégamment sous le bras, ils laissent leur buste à nu, et avaient pour armes des dagues ou des couteaux; coiffés d'une sorte de bonnet, ils soufflaient harmonieusement dans leurs trompettes retentissantes.

Ils agitaient leurs bras et leurs vêtements, en faisant signe aux Lusitaniens d'attendre, mais déjà les proues rapides s'inclinaient du côté des îles. Les marins travaillent avec ardeur; comme si leurs souffrances devaient se terminer là. On fit voile, on amena la haute vergue, et l'eau, traversée par l'encre, rejaillit avec fracas.

A peine avait-on mouillé, que déjà les inconnus grimpaient à bord par les cordages; leurs transports de joie furent humainement accueillis par l'illustre capitaine, qui fit immédiatement dresser des tables. Les nègres remplissaient de la liqueur de Lyée des verres qu'ils vidaient jusqu'à la dernière goutte.

Tout en mangeant gaiement, ils demandaient en langue arabe aux navigateurs d'où ils venaient? qu'ils étaient? quel pays ils cherchaient? quelles étaient les mers qu'ils avaient traversées? Les braves Lusitaniens leur répondaient discrètement: «Nous sommes les Portugais de l'Occident, et nous cherchons les pays de l'Aurore.

«Nous avons parcouru l'Océan du Nord au Midi, et fait tout le tour de la côte d'Afrique. Que de terres, que de climats différents n'avons-nous pas dépassés! Nous obéissons à un puissant monarque, si chéri de son peuple, que pour lui nous franchirions de bon cœur, non seulement l'immensité des mers, mais encore le redoutable Achéron.

«C'est par son ordre que nous cherchons les contrées orientales arrosées par l'Indus; c'est pour lui que nous fendons ces vagues lointaines où ne pénètrent que les phoques hideux. Maintenant, si vous êtes des gens dignes de confiance, il est temps que vous nous fassiez connaître qui vous êtes, quelle est cette terre que vous habitez et quelles notions vous avez du pays des Indes.»

«—Nous sommes, leur répondit un des habitants de ces îles, nous sommes étrangers à cette terre par nos lois et par notre nation; ceux qui la possèdent n'ont ni culte ni lumières. Quant à nous, nous suivons la doctrine du fameux descendant d'Abraham (17), dont les dogmes se sont répandus dans le monde entier, et qui eut pour mère une Juive et pour père un Gentil.

«Cette petite île que nous habitons nous sert de station à nous tous, navigateurs qui venons de Quiloa, de Mombaça ou de Sofala (18); c'est à cause de son utilité que nous cherchons peu à peu à nous en rendre maîtres; et enfin, pour tout vous dire, on la nomme l'île de Mozambique.

LV

E já que de tão longe navegais,
 Buscando o ludo Hydaspe e terra ardente,
 Piloto aqui tereis, por quem sejais
 Guiados pelas ondas sabiamente:
 Também será bem feito que tenhais
 Da terra algum refresco; e que o Regente,
 Que esta terra governa, que vos veja,
 E do mais necessario vos proveja.

LVI

Isto dizendo, o Mouro se tornou
 A seus bateis com toda a companhia:
 Do Capitão, e gente se apartou,
 Com mostras de devida cortezia.
 Nisto Phebo nas aguas encerrou,
 Co'o carro de crystal, o claro dia;
 Dando cargo á irmãa, que allumiasse
 O largo mundo, em quanto repousasse.

LVII

A noite se passou na lassa frota
 Com estranha alegria e não cuidada,
 Por acharem da terra tão remota,
 Nova de tanto tempo desejada.
 Qualquer então consigo cuida e nota
 Na gente, e na maneira desusada;
 E como os que na errada seita creram,
 Tanto por todo o mundo se estenderam.

LVIII

Da Lua os claros raios rutilavam
 Pelas argenteas ondas Neptuminas;
 As estrellas os céos acompanhavam,
 Qual campo revestido de boninas:
 Os furiosos ventos repousavam
 Pelas covas escuras peregrinas:
 Porém da armada a gente vigiava,
 Como por longo tempo costumava.

LIX

Mas, assi como a Aurora marchetada
 Os formosos cabellos espalhou
 No céo sereno, abrindo a roxa entrada
 Ao claro Hyperionio, que accordou;
 Começa a embandeirar-se toda a armada,
 E de toldos alegres se adornou,
 Por receber com festas e alegria
 O regedor das illias, que partia.

LX

Partia alegremente navegando,
 A ver as náos ligeiras Lusitanas,
 Com refresco da terra, em si cuidando
 Que são aquellas gentes inhumanas,
 Que os aposentos Caspios habitando,
 A conquistar as terras Asianas
 Vieram; e por ordem do destino
 O imperio tomaram a Constantino (19).

LXI

Recebe o Capitão alegremente
 O Mouro, e toda sua companhia;
 Dá-lhe de ricas peças hum presente,
 Que só para este effeito já trazia;
 Dá-lhe conserva doce, e dá-lhe o ardente
 Não usado licor, que dá alegria.
 Tudo o Mouro contente bem recebe,
 E muito mais contente come e bebe.

LXII

Está a gente maritima de Luso
 Subida pela enxarcia, de admirada,
 Notando o estrangeiro modo e uso,
 E a linguagem tão barbara e enleada.
 Também o Mouro astuto está confuso,
 Olhando a côr, o trajo e a forte armada;
 E perguntando tudo, lhe dizia
 Se por ventura vinham de Turquia.

«Mais puisque vous venez de pays aussi éloignés à la recherche des contrées brûlantes que baigne l'Hydaspe, vous trouverez parmi nous un pilote qui vous mènera à bon port. Il sera convenable aussi que vous receviez de terre quelques vivres nouveaux et que vous voyiez le souverain de cette île, qui vous fournira volontiers les provisions nécessaires.»

Ayant ainsi parlé, le Maure, accompagné de toute sa suite, regagna sa barque en prenant courtoisement congé du capitaine. Aussitôt Phébus plongea dans l'eau son char de cristal, et fit cesser le jour, en laissant à Diane le soin d'éclairer l'univers pendant son repos.

L'équipage, malgré sa fatigue, passa la nuit dans la joie, ne pouvant croire à tant de bonheur, et se félicitant d'avoir enfin des nouvelles de ce pays si longtemps recherché. Chacun de son côté réfléchit aux mœurs étranges de ce peuple, dont les croyances erronées se sont répandues dans le monde entier.

Les brillants rayons de la lune lançaient leur reflet sur les ondes argentées de l'Océan. Les étoiles, comme les pâquerettes dans les champs, s'épanouissaient au ciel radieux; les vents en repos étaient cachés dans leurs caves profondes. Cependant les sentinelles veillaient, selon l'usage.

Mais dès que l'Aurore répandit sur le ciel pur sa chevelure lumineuse, en ouvrant à Phébus réveillé les portes du firmament, tout l'équipage se mit à pavoiser les vaisseaux et à les orner de tentes, afin de recevoir joyeusement le cheik de l'île, qui s'embarquait en ce moment.

Muni de provisions, il se dirigeait vers les embarcations lusitaniennes, croyant qu'elles appartenaient à cette nation barbare, qui, partie des rives de la mer Caspienne, alla conquérir l'Asie, et, grâce à un arrêt du sort, renversa l'empire de Constantin (19).

Le capitaine reçut avec enthousiasme le Maure et toute sa suite; il lui fit présent de riches étoffes qu'il avait apportées dans ce but; il lui donna également des sucreries et des vins généreux. Le Maure est dans la joie; il accepte avec plaisir tout ce qu'on lui offre à manger ou à boire.

Les Lusitaniens, montés sur les agrès, sont au comble de l'étonnement à la vue de ces mœurs étranges et en entendant cette langue barbare et compliquée. De son côté le Musulman confus regarde avec admiration la couleur, les costumes de ces étrangers, ainsi que leur redoutable flotte, et, curieux de tout apprendre, il demande aux navigateurs si par hasard ils viennent de la Turquie.

LXIII

E mais lhe diz também, que ver desça
Os livros de sua lei, preccito, ou fé,
Para vêr se conforme á sua seja,
Ou se são dos de Christo, como crê.
E porque tudo note, e tudo veja,
Ao Capitão pedia, que lhe dê
Mostra das fortes armas, de que usavam,
Quando co'os inimigos pelejavam.

LXIV

Responde o valeroso Capitão
Por hum, que a lingua escura bem sabia:
Dar-te-hei, senhor illustre, relação
De mi, da lei, das armas, que trazia.
Nem sou da terra, nem da geração
Das gentes enojosas de Turquia;
Mas sou da forte Europa bellieosa:
Busco as terras da India tão famosa.

LXV

A Lei tenho daquelle, a cujo imperio
Obedece o visibil e o invisibil;
Aquelle, que creou todo o hemispherio,
Tudo o que sente, e todo o insensibil:
Que padeceo deshonra e vituperio,
Soffrendo morte injusta e insoffribil:
E que do céo á terra enfim desceo,
Por subir os mortacs da terra ao céo.

LXVI

Deste Deos-Homem, alto e infinito,
Os livros, que tu pedes, não trazia;
Que bem posso escusar trazer escrito
Em papel, o que na alma andar devia.
Se as armas queres ver, como tens dito,
Cumprido esse desejo te seria:
Como amigo as verás; porque eu me obrigo,
Que nunca as queiras ver como inimigo.

LXVII

Isto dizendo, manda os diligentes
Ministros amostrar as armaduras:
Vem arnezes e peitos reluzentes,
Malhas finas e laminas seguras,
Escudos de pinturas differentes,
Pelouros, espingardas de aço puras,
Arcos e sagittiferas aljavas,
Partazanas agudas, chuças bravas:

LXVIII

As bombas vem de fogo, e juntamente
As panellas sulphureas, tão damnosas:
Porém aos de Vulcano não consente,
Que dem fogo ás bombardas tenerosas:
Porque o generoso animo e valente,
Entre gentes tão poucas e medrosas,
Não mostra quanto póde: e com razão;
Que he fraqueza entre ovelhas ser leão.

LXIX

Porém disto que o Mouro aqui notou,
E de tudo o que vio, com olho attento,
Hum odio certo na alma lhe fieou,
Humna vontade má de pensamento:
Nas mostras e no gesto o não mostrou;
Mas com risouho e ledo fingimento,
Tratal-os brandamente determina,
Até que mostrar possa o que imagina.

LXX

Pilotos lhe pedia o Capitão,
Por quem podesse á India ser levado;
Diz-lhe, que largo premio levarão
Do trabalho, que nisso for tomado.
Promette-lhos o Mouro com tenção
De peito venenoso e tão damnado,
Que a morte, se podesse, neste dia,
Em lugar de pilotos lhe daria.

Il désire aussi connaître les livres de leurs lois et de leur culte, pour savoir s'ils sont de sa secte, ou si, comme il le suppose, ils suivent la doctrine du Christ. Enfin, pour tout voir et tout examiner, il prie le capitaine de lui montrer les armes dont ils se servent contre leurs ennemis.

Au moyen d'un interprète qui connaissait bien cette langue obscure, le capitaine lui répondit en ces termes: «Illustre prince, je vais t'apprendre qui je suis, à quelles lois j'obéis et quelles armes je possède. Je n'appartiens ni à la terre ni à la race des peuples méprisables de la Turquie; je viens de la belliqueuse Europe, et suis à la recherche de l'Inde.

«La loi que je professe, c'est la loi de celui qui règne en maître sur le visible et l'invisible, qui créa le monde, tout ce qui sent et tout ce qui est insensible; de celui qui endura le déshonneur et mourut d'une mort injuste et barbare; j'obéis à celui qui descendit du ciel sur la terre, pour faire monter au ciel les mortels délivrés.

«Tu me demandes les livres où sont inscrits les préceptes de cet Homme-Dieu puissant et infini: à quoi bon les porter écrits sur le papier, lorsque je les conserve toujours gravés dans mon cœur? Si tu tiens à connaître les armes dont nous nous servons, il est facile d'accomplir tes vœux; mais vois-les comme ami, car je m'engage à ce que tu ne désires point les voir comme adversaire.»

Il dit, et aussitôt il envoie chercher les armures par des serviteurs empressés, qui apportent des plastrons étincelants, des cottes de maille et des lames solides; des boucliers de divers dessins, des boulets, des fusils d'un pur acier, des arcs et des carquois remplis de flèches, des pertuisanes aiguës et des piques redoutables.

Ils portent aussi des bombes et les terribles marmites qui vomissent le feu. Mais on ne permet pas aux ministres de Vulcain d'allumer les inflammables mèches; un cœur généreux et vaillant ne montre pas tout ce qu'il peut, lorsqu'il a affaire à des gens peureux et faibles; c'est le fait d'un lâche que d'être lion parmi les brebis.

Cependant, après avoir attentivement examiné toutes ces richesses, le Maure ne manqua pas de garder rancune à ceux qui les possédaient. La rage au fond de l'âme, il affecte extérieurement la douceur et la bienveillance, et se décide à traiter ses hôtes en amis, jusqu'à ce qu'il puisse mettre ses noirs projets à exécution.

Comme le capitaine lui demandait des pilotes capables de lui indiquer le chemin de l'Inde, en leur laissant entrevoir une récompense en rapport avec les services qu'ils lui rendraient, le Maure s'empressa de les lui promettre; mais telle était sa perfidie, que s'il l'avait pu, au lieu de pilotes, il lui aurait bien plus volontiers donné la mort.

LXXI

Tamanho o odio foi, e a má vontade,
 Que aos estrangeiros subito tomou,
 Sabendo ser sequazes da verdade,
 Que o filho de David nos ensinou.
 Oh segredos daquella Eternidade,
 A quem juizo algum não alcançou!
 Que nunca falte hum perfido inimigo
 Áquelles de quem foste tanto amigo!

LXXII

Partio-se nisto em fim co'a companhia,
 Das náos o falso Mouro, despedido
 Com enganosa e grande cortezia,
 Com gesto ledo a todos, e fingido.
 Cortaram os bateis a curta via
 Das aguas de Neptuno; e recebido
 Na terra do obsequente ajuntamento,
 Se foi o Mouro ao cognito aposento.

LXXIII

Do claro assento ethereo o grão Thebano,
 Que da paternal coxa foi nascido (20),
 Olhando o ajuntamento Lusitano
 Ao Mouro ser molesto e aborrecido,
 No pensamento euida hum falso engano,
 Com que seja de todo destruido:
 E em quanto isto só na alma imaginava,
 Comsigo estas palavras praticava.

LXXIV

Está do fado já determinado,
 Que tamanhas victorias, tão famosas,
 Hajam os Portuguezes alcançado
 Das Indianas gentes bellieosas:
 E eu só, filho do Padre sublimado,
 Com tantas qualidades generosas,
 Hei de soffrer, que o fado favoreça,
 Outrem, por quem meu nome se escoreça?

LXXV

Já quizeram os deoses que tivesse
 O filho de Philippo nesta parte
 Tanto poder, que tudo submettesse
 Debaixo do seu jugo o fero Marte;
 Mas ha-se de soffrer que o fado desse
 A tão poucos tamanho esforço e arte,
 Que eu co'o grão Macedonio, e co'o Romano (21),
 Demos lugar ao nome Lusitano?

LXXVI

Não será assi; porque antes que chegado
 Seja este Capitão, astutamente
 Lhe será tanto engano fabricado,
 Que nunca veja as partes do Oriente.
 Eu deseerei á terra, e o indignado
 Peito revolverei da Maura gente;
 Porque sempre por via irá direita,
 Quem do opportuno tempo se aproveita.

LXXVII

Isto dizendo, irado e quasi insano,
 Sobre a terra Africana descendo,
 Onde vestido a forma e gesto humano,
 Para o Prasso sabido se moveo:
 E, por melhor tecer o astuto engano,
 No gesto natural se converteo
 D'hum Mouro em Moçambique conhecido,
 Velho, sabio, e co'o Xeque mui valido.

LXXVIII

E entrando assi a fallar-lhe a tempo e horas
 Á sua falsidade accommodadas,
 Lhe diz como eram gentes roubadoras
 Estas, que ora de novo são chegadas:
 Que das nações na costa moradoras
 Correndo a fama veio, que roubadas
 Foram por estes homens, que passavam,
 Que com pactos de paz sempre ancoravam.

Telle fut la haine implacable que les étrangers inspirèrent au Mahométan, dès qu'il eut appris qu'ils suivaient la vérité enseignée par le fils de David. Impénétrables secrets de la Providence! Faut-il donc que ceux-là mêmes qu'elle protège soient toujours menacés par quelque infâme ennemi?

Cependant le vil Musulman et sa suite prirent poliment congé des navigateurs, en faisant à tous des saluts hypocrites et prenant une gaieté d'emprunt. Les barques sillonnèrent le court espace de mer qui les séparait de la côte. A peine débarqué, le Maure suivi de la foule qui l'attendait à terre, gagna sa demeure habituelle.

Mais le dieu Thébain qui sortit de la cuisse de Jupiter (20), ayant remarqué de son céleste séjour que le voyage des Lusitaniens était funeste aux Mahométans, imaginait un moyen adroit de détruire complètement la flotte, et tout en roulant ces pensées au fond de l'âme, il se tenait à lui-même le discours suivant:

«Le Destin a décidé que les Portugais remporteront sur les belliqueux Indiens des victoires éclatantes. Et moi, fils du sublime père des dieux, moi qui possède tant de pouvoirs et de privilèges, je souffrirais que le sort favorisât des étrangers dont la gloire obscurcira mon nom?

«Déjà les dieux ont voulu que le fils de Philippe fût assez puissant pour conquérir par les armes ce pays illustre: faut-il encore que le petit peuple lusitanien vienne m'enlever la renommée que j'y ai acquise avec le grand Alexandre et les Romains (21)?

«Non, il n'en sera pas ainsi; car avant que ce capitaine atteigne le but qu'il s'est proposé, il lui sera tendu tant de pièges, qu'il ne pourra jamais voir les contrées de l'Orient. Je descendrai sur la terre, pour exciter la haine des Maures: jamais on ne se trompe de route, quand on sait profiter de l'occasion.»

Il dit, et furieux et comme un insensé il descend sur les terres d'Afrique; puis, après avoir revêtu la forme humaine, il se rend au promontoire de Prassum. Là, pour mieux ourdir son malicieux projet, il prend la figure d'un vieux Maure très-connu à Mozambique, savant et favori du cheik.

Déguisé de la sorte, et après avoir choisi le moment le plus favorable à son infamie, il dit au Musulman que ces nouveaux venus n'étaient autres que des forbans: «Oui, s'écrie-t-il, d'après les bruits qui courent sur les côtes avoisinantes, ils ont toujours abusé de leurs protestations de paix, pour porter le ravage dans les pays où ils ont abordé.

LXXIX

E sabe mais, lhe diz, como entendido
Tenho destes Christãos sanguinolentos,
Que quasi todo o mar tem destruido
Com roubos, com incendios violentos:
E trouxe já de longe engano ordido
Contra nós; e que todos seus intentos
São para nos matarem e roubarem,
E mulheres e filhos captivarem.

LXXX

E tambem sei que tem determinado
De vir por agua a terra, muito cedo,
O Capitão dos seus acompanhado;
Que da tenção damnada nasce o medo.
Tu deves de ir tambem co'os teus armado
Esperal-o em cilada, occulto e quedo;
Porque, sahindo a gente descuidada,
Cahirão facilmente na cilada.

LXXXI

E se inda não ficarem deste feito
Destruídos ou mortos totalmente,
Eu tenho imaginada no conceito
Outra manha e ardil, que te contente:
Manda-lhe dar piloto, que de geito
Seja astuto no engano, e tão prudente,
Que os leve aonde sejam destruidos,
Desbaratados, mortos, ou perdidos.

LXXXII

Tanto que estas palavras acabou,
O Mouro nos taes casos sabio e velho,
Os braços pelo collo lhe lançou,
Agradecendo muito o tal conselho:
E logo nesse instante concertou
Para a guerra o belligero aparelho;
Para que ao Portuguez se lhe tornasse
Em roxo sangue a agua, que buscasse.

LXXXIII

E busca mais, para o cuidado engano,
Mouro, que por piloto á não lhe mande,
Sagaz, astuto e sabio em todo o dano,
De quem fiar-se possa hum feito grande:
Diz-lhe, que, acompanhando o Lusitano,
Por taes costas e mares co'elle ande,
Que, se daqui escapar, que lá diante
Vá cair, donde nunca se levante.

LXXXIV

Já o raio Apollineo visitava
Os montes Nabatheos (22) accendido,
Quando o Gama co'os seus determinava
De vir por agua á terra apercebido:
A gente nos bateis se concertava,
Como se fosse o engano já sabido:
Mas pôde suspeitar-se facilmente;
Que o coração presago nunca mente.

LXXXV

E mais tambem mandado tinha á terra
De antes pelo piloto necessario,
E foi-lhe respondido em som de guerra;
Caso do que cuidava mui contrario.
Por isto, e porque sabe quanto erra,
Quem se crê de seu perfido adversario,
Apercebido vai, como podia,
Em tres bateis sómente, que trazia.

LXXXVI

Mas os Mouros, que andavam pela praia
Por lhe defender a agua desejada,
Hum de escudo abraçado e de azagaia,
Outro de arco encurvado e setta ervada,
Esperam que a guerreira gente saia:
Outros muitos já postos em cilada;
E, porque o caso leve se lhe faça,
Poem huns poucos diante por negaça.

«Je sais en outre, continue-t-il, d'après ce que j'ai vaguement entendu dire sur ces chrétiens sanguinaires, qu'ils ont pillé et incendié toutes les côtes, et qu'ils viennent de loin avec l'intention de nous voler, de nous tuer et de captiver nos femmes et nos enfants.

«Je sais que, voulant faire provision d'eau, le capitaine a décidé de débarquer ici avant le jour, en compagnie de ses troupes, car les intentions criminelles font naître la peur. C'est à toi d'aller à ton tour, armé et suivi des tiens, les attendre dans une embuscade: comme ils ne se doutent de rien, ils tomberont facilement dans le piège.

«Et si par ce moyen nous ne parvenons pas à les exterminer jusqu'au dernier, j'ai imaginé un autre stratagème, que tu approuveras, je pense. Fais-leur donner un pilote assez astucieux, assez habile pour les mener dans un port où ils soient pris, assassinés, anéantis.»

Après que Bacchus eut prononcé ces paroles, le Musulman, vieillard rompu à ces sortes d'affaires, échangea avec lui une tendre accolade, en le remerciant infiniment de ses conseils. Aussitôt il commença à préparer son appareil de guerre, afin que, pour les Portugais, l'eau qu'ils doivent venir prendre se convertisse en sang.

Puis, afin d'exécuter le projet infâme qu'il a conçu, il se met à la recherche d'un pilote qui soit doué d'une sagacité sans bornes et qu'il puisse envoyer au capitaine. Enfin il trouve l'homme dont il avait besoin: c'était un Maure rusé et digne de confiance pour une entreprise aussi sérieuse. Il lui recommande de conduire le Lusitanien vers des côtes et des mers inhospitalières, vers des parages dont il ne puisse jamais revenir.

Déjà les rayons de Phébus caressaient les cimes des monts Nabathéens (22), lorsque Gama et les siens, préparés à tout, se disposaient à descendre à terre pour prendre de l'eau. Comme s'ils eussent connu d'avance la fourberie des Maures, les marins se concertaient entre eux sur les bateaux. C'est qu'un pressentiment avait éveillé leurs soupçons; c'est que les prévisions du cœur sont toujours vraies.

D'ailleurs comme ils avaient envoyé querir à terre le pilote dont ils avaient besoin, on leur avait répondu, à leur grand étonnement, par des paroles menaçantes. Pour ce motif, et parce qu'il n'ignore pas combien l'on a tort d'avoir confiance en un perfide ennemi, Gama part aussi bien équipé que possible avec les trois chaloupes qui forment son escorte.

Cependant les Maures s'étaient répandus sur la plage pour empêcher les marins de prendre l'eau qu'ils désiraient. Munis les uns de boucliers et de lances, les autres d'arcs recourbés et de flèches empoisonnées, s'étant mis pour la plupart en embuscade, ils attendaient tous l'arrivée de la gent guerrière, et, afin de rendre la tâche moins rude, ils avaient placé comme appât un petit nombre de soldats à découvert.

LXXXVII

Andam pela ribeira alva, arenosa,
Os bellicosos Monros acenando
Com a adarga, e co'a hastea perigosa,
Os fortes Portuguezes incitando.
Não soffre muito a gente generosa
Andar-lhe os cães os dentes amostrando:
Qualquer em terra salta tão ligeiro,
Que nenhum dizer pode que he primeiro.

LXXXVIII

Qual no corro sanguino o ledo amante,
Vendo a formosa dama desejada,
O touro busca, e pondo-se diante,
Salta, corre, sibila, acena, e brada;
Mas o animal atroce nesse instante,
Com a fronte cornigera inclinada,
Bramando duro corre, e os olhos cerra,
Derriba, fere, e mata e põe por terra:

LXXXIX

Eis nos bateis o fogo se levanta
Na furiosa: e dura artilheria
A plumbea pella mata, o brado espanta,
Ferido o ar retumba e assovia:
O coração dos Mouros se quebranta;
O temor grande o sangue lhe resfria:
Já foge o escondido de medroso,
E morre o descoberto aventureoso.

XC

Não se contenta a gente Portugueza;
Mas seguindo a victoria estrue e mata:
A povoação sem muro, e sem defeza,
Esbombardea, accende, e desbarata.
Da cavalgada ao Mouro já lhe peza;
Que bem cuidou comprar-a mais barata:
Já blasphema da guerra, e maldizia,
O velho inerte, e a mãe que o filho cria.

XCI

Fugindo, a setta o Mouro vai tirando
Sem força, de covarde e de apressado,
A pedra, o páo, e o canto arremessando:
Dá-lhe armas o furor desatinado.
Já a ilha, e todo o mais desamparando,
Á terra firme foge amedrontado:
Passa e corta do mar o estreito braço,
Que a ilha em torno cerca, em pouco espaço.

XCII

Huns vão nas almadias ⁽²³⁾ carregadas,
Hum corta o mar a nado diligente;
Quem se affoga nas ondas encurvadas,
Quem bebe o mar e o deita juntamente.
Arrombam as miudas bombardadas
Os pangaios subtis da bruta gente:
Desta arte o Portuguez em fim castiga
A vil malicia, perfida, inimiga.

XCIII

Tornam victoriosos para a armada,
Co'o despojo da guerra e rica presa;
E vão a seu prazer fazer aguada,
Sem achar resistencia, nem defesa.
Ficava a Maura gente, magoada,
No odio antigo, mais que nunca accessa:
E, vendo sem vingança tanto dano,
Somente estriba no segundo engano.

XCIV

Pazes commetter manda arrependido
O Regedor daquella iniqua terra;
Sem ser dos Lusitanos entendido,
Que em figura de paz lhe manda guerra:
Porque o piloto falso promettido,
Que toda a má tenção no peito encerra,
Para os guiar á morte lhe mandava,
Como em signal das pazes, que tratava.

Le rivage blanc et sablonneux est parsemé de soldats mauresques. Tournés vers les braves Portugais, ils les excitent de loin de leurs lances et de leurs boucliers. Mais les courageux guerriers ne souffrent pas que ces chiens leur montrent les dents; légers et rapides, ils sautent si vite à terre, qu'aucun d'entre eux ne peut se vanter d'être arrivé premier.

De même que dans l'arène ensanglantée, le joyeux galant, en apercevant sa maîtresse adorée, court après le taureau, et, dès qu'il se trouve face à face avec lui, saute, court, siffle, hurle et le menace; tandis que le terrible animal, inclinant son front cornu, s'élançe en mugissant, et, fermant les yeux, blesse, tue et jette à bas tous ceux qui se trouvent sur son passage;

Ainsi s'allume sur les barques le feu tonnant de l'artillerie. Les balles et les cris des canons frappent les airs avec fracas, et sifflent aux oreilles des Maures; ceux-ci, glacés de terreur, quittent leur cachette pour fuir à toutes jambes. Quant aux téméraires qui gardaient la plage, ils tombent jusqu'au dernier.

Non contents de ce succès, les Portugais, poursuivant la victoire, renversent et tuent tous ceux qu'ils rencontrent. La ville sans défense est bientôt livrée aux flammes et au canon. Déjà le Maure regrette son excursion, qui lui est revenue plus cher qu'il n'avait cru. Les vieillards infirmes et les malheureuses mères qui allaitent leurs fils maudissent le fléau de Bellone.

En fuyant, les vaincus lâches et empressés lancent sans force des flèches et des pierres, car la fureur leur fournit des armes. Terrifiés, ils abandonnent l'île et tout ce qu'ils possèdent, pour gagner la terre ferme. Le bras de mer qui les en sépare est bientôt traversé.

Les uns montent sur des almadies (23), insuffisantes pour les contenir; les autres coupent les flots à la nage; l'un se noie dans les vagues agitées, l'autre boit l'eau de mer et la rejette aussitôt. La mitraille achève de détruire les frêles canots de ces peuples grossiers. C'est ainsi que les Portugais ont puni la perfidie de ces traîtres.

Fiers de leur victoire, ils regagnent la flotte, munis des dépouilles de la guerre et d'un riche butin, et, sans trouver aucune résistance, ils font à leur aise provision d'eau. Quant aux Maures, sentant redoubler contre les vainqueurs leur vieille haine, et voyant tant de pertes restées sans représailles, ils ne comptent plus que sur la seconde ruse qu'ils ont méditée.

Le souverain de cette terre maudite, simulant le repentir, fait demander la paix aux Lusitaniens, qui ne comprennent pas que, sous les apparences de la concorde, on leur envoie la guerre; en effet, comme pour consacrer la paix qu'il venait de signer, le roi leur expédia, comme il l'avait promis, un pilote, lequel, ne respirant que perfidie et cruauté, était chargé de les mener à leur perte.

XCV

O Capitão, que já lhe então convinha
Tornar a seu caminho acostumado;
Que tempo concertado, e ventos tinha,
Para ir buscar o Indo desejado;
Recebendo o piloto, que lhe vinha,
(Foi delle alegremente agasalhado)
E, respondendo ao mensageiro, attento,
As vélas manda dar ao largo vento.

XCVI

Desta arte despedida a forte armada,
As ondas de Amphitrite dividia,
Das filhas de Nereo acompanhada,
Fiel, alegre, e doce companhia:
O Capitão, que não cahia em nada
Do enganoso ardil, que o Mouro ordia,
Delle mui largamente se informava
Da India toda, e costas que passava.

XCVII

Mas o Mouro instruido nos enganos,
Que o malevolo Baccho lhe ensinára,
De morte ou captiveiro novos danos,
Antes que á India chegue, lhe prepara;
Dando razão dos portos Indianos,
Tambem tudo o que pede, lhe declara:
Que havendo por verdade o que dizia,
De nada a forte gente se temia.

XCVIII

E diz-lhe mais, co'o falso pensamento
Com que Sinon os Phrygios enganou,
Que perto está huma ilha, cujo assento
Povo antigo Christão sempre habitou.
O Capitão, que a tudo estava attento,
Tanto com estas novas se alegrou,
Que com dadas grandes lhe rogava,
Que o leve á terra onde esta gente estava.

XCIX

O mesmo o falso Mouro determina,
Que o seguro Christão lhe manda e pede;
Que a ilha he possuida da malina
Gente, que segue o torpe Mafamede:
Aqui o engano e morte lhe imagina,
Porque em poder e forças muito excede
A Moçambique esta ilha, que se chama
Quiloa, mui conhecida pela fama.

C

Para lá se inclinava a leda frota;
Mas a deosa em Cythere celebrada,
Vendo como deixava a certa rota,
Por ir buscar a morte não cuidada,
Não consente que em terra tão remota
Se perca a gente della tanto amada;
E com ventos contrarios a desvia
Donde o piloto falso a leva e guia.

CI

Mas o malvado Mouro, não podendo
Tal determinação levar avante,
Outra maldade iniqua commettendo,
Ainda em seu proposito constante,
Lhe diz, que pois as aguas discorrendo,
Os levaram por força por diante,
Que outra ilha tem perto, cuja gente
Eram Christãos com Mouros juntamente.

CII

Tambem nestas palavras lhe mentia,
Como por regimento em fim levava;
Que aqui gente de Christo não havia,
Mas a que a Mafamede celebrava.
O Capitão, que em tudo o Mouro cria,
Virando as vélas, a ilha demandava:
Mas, não querendo a deosa guardadora,
Não entra pela barra, e surge fóra.

Le capitaine, désireux de reprendre sa route, à cause de l'époque des vents qui devenait favorable pour chercher le chemin de l'Indus, reçoit avec joie le nouveau pilote, et, après avoir répondu au messager, il fait aussitôt livrer les voiles au vent.

La flotte ainsi congédiée se remet à sillonner les flots d'Amphitrite, suivie des Néréides, ses fidèles et douces compagnes. Quant au capitaine, il s'informe innocemment auprès du pilote et du pays des Indes et des côtes qu'il dépasse, sans se douter de l'infâme piège que le Maure lui prépare.

Celui-ci, qui est bien au courant des trahisons ourdies par Bacchus, ne cherche qu'à lui procurer de nouveaux dangers de mort ou de captivité, avant qu'il arrive au pays des Indes. Il lui dépeint cette contrée et ses différents ports, et répond à toutes ses questions avec tant de bonté, que les braves marins, croyant à ses paroles trompeuses, sont loin de se douter du sort qui les attend.

En outre, avec autant de fausseté que Sinon en déploya contre les Phrygiens, il leur raconte que près de là est une île habitée depuis des siècles par des chrétiens. Le capitaine, qui l'écoutait religieusement, est tellement réjoui de ces paroles favorables, qu'il le comble de présents, en le priant de le mener vers les rivages habités par cette nation amie.

Le Maure astucieux est bien résolu de faire de point en point ce que le loyal chrétien lui demande, car ce pays est habité par les adeptes malins du perfide Mahomet. C'est dans cette île, beaucoup plus forte et plus puissante que Mozambique, et bien connue sous le nom de Quiloa, qu'il espère amener les chrétiens pour les entraîner à leur ruine.

La flotte se dirigeait donc joyusement vers cette côte. Mais la déesse de Cythère, la voyant abandonner le droit chemin pour courir aveuglement à sa perte, ne consent pas à ce que ses navigateurs bien-aimés aillent périr dans un pays aussi lointain, et, en faisant souffler les vents contraires, elle les détourne de la route que leur indiquait le faux pilote.

L'infâme Maure, ne pouvant parvenir à exécuter ses desseins, et ne voulant pourtant pas y renoncer complètement, invente de nouveaux mensonges, et dit aux Portugais que, puisque les vents les ont poussés trop avant, il les mènera dans une autre île, située près de là et habitée à la fois par des chrétiens et par des Maures.

Ces paroles qu'il avait reçu l'ordre de faire entendre étaient aussi trompeuses que les premières, car dans cette île il n'y avait pas de chrétiens, et l'on n'y célébrait que le culte de Mahomet. Croyant fermement aux propos du pilote, le capitaine virait les voiles pour aborder près de l'île; mais la déesse protectrice s'y opposa encore, et, en les empêchant d'entrer dans la rade, elles les força de jeter l'ancre au dehors.

CIII

Estava a ilha á terra tão chegada,
 Que hum estreito pequeno a dividia;
 Huma cidade n'ella situada,
 Que na frente do mar apparecia;
 De nobres edificios fabricada,
 Como por fóra ao longe descobria;
 Regida por hum Rei de antiqua idade,
 Mombaça he o nome da ilha e da cidade.

CIV

E sendo a ella o Capitão chegado,
 Estranhamente ledó, porque espera
 De poder ver o povo baptizado,
 Como o falso piloto lhe dissera;
 Eis vem bateis da terra com reado
 Dó rei, que já sabia a gente que era:
 Que Baecho muito de antes o avisára
 Na fórma d'outro Mouro, que tomára.

CV

O reado, que trazem, he de amigos,
 Mas debaixo o veneno vem coberto;
 Que os pensamentos eram de inimigos,
 Segundo foi o engano descoberto.
 Oh grandes e gravissimos perigos!
 Oh caminho da vida nunca certo!
 Que aonde a gente põe sua esperança,
 Tenha a vida tão pouca segurança!

CVI

No mar tanta tormenta e tanto dano,
 Tantas vezes a morte aperecbida!
 Na terra tanta guerra, tanto engano,
 Tanta necessidade aborreeida!
 Onde pôde acolher-se hum fraco humano?
 Onde terá segura a eúrta vida,
 Que não se arme e se indigne o Ceo sereno,
 Contra hum bieho da terra tão pequeno?

L'île, très-rapprochée du continent, n'en était séparée que par un petit détroit: de la haute mer on pouvait apercevoir la ville, ornée d'édifices splendides. L'île et la ville, communément désignées sous le nom de Mombaça, obéissaient à un roi d'un âge très-avancé.

A peine arrivé, le capitaine est au comble de la joie, à l'idée de se trouver avec des chrétiens, que l'imagination du pilote avait seule inventés. Aussitôt il voit arriver de terre sur des barques les messagers du roi. Ce dernier n'ignorait pas à quels hommes il allait avoir affaire: depuis longtemps il en avait été prévenu par Bacchus, qui dans ce but avait encore emprunté la forme d'un autre Maure.

Leurs paroles, amicales en apparence, cachaient, ainsi que plus tard on le découvrit, le venin de la trahison. De quels grands et insurmontables dangers est parsemé le chemin de la vie! Que d'espoirs déçus! Que de périls ignorés!

Sur mer, que de tourmentes, que de pertes! que de fois la mort nous menace! Sur terre que de guerres et de fourberies, que de malheurs inévitables! Où donc pourrons-nous, faibles humains, trouver un refuge? Où mettrons-nous, vers de terre, notre courte existence à l'abri des sévères décrets du ciel indigné?



CANTO II

Põem no madeiro duro o brando peito,
Para detraz a forte não forçando;
Outras em derredor levando-a estavam,
E da barra inimiga a desviavam.



Les nymphes font reculer le navire en appuyant contre les poutres leur faible poitrine; d'autres placées tout autour du vaisseau, le tirent avec force pour le dévier du port ennemi.

CANTO SEGUNDO

I

Já neste tempo o lucido planeta,
Que as horas vai do dia distinguindo,
Chegava á desejada e lenta meta,
A luz celeste ás gentes encobrindo;
E da casa maritima secreta
Lhe estava o deus nocturno a porta abrindo,
Quando as infidas gentes se chegaram
Ás náos, que pouco havia que ancoraram.

II

D'entre elles hum, que traz encommendado
O mortifero engano, assi dizia:
Capitão valeroso, que cortado
Tens de Neptuno o reino e salsa via;
O Rei, que manda esta ilha, alvoroçado
Da vinda tua, tem tanta alegria,
Que não deseja mais que agasalhar-te,
Ver-te, e do necessario reformar-te.

III

E porque está em extremo desejoso
De te ver, como cousa nomeada,
Te roga que, de nada reecoso,
Entres a barra tu, com toda a armada:
E porque do caminho trabalhoso
Trarás a gente debil e cansada,
Diz, que na terra podes reformal-a;
Que a natureza obriga a desejal-a.

IV

E se buscando vás mercadoria,
Que produz o aurifero Levante,
Canella, cravo, ardente espeiaria,
Ou droga salutifera e prestante;
Ou se queres luzente pedraria,
O rubi fino, o rigido diamante,
Daqui levarás tudo tão sobejo,
Com que faças o fim a teu desejo.

V

Ao mensageiro o Capitão responde,
As palavras do Rei agradecendo:
E diz que, porque o Sol no mar se esconde,
Não entra para dentro, obedecendo:
Porem que, como a luz mostrar por onde
Vá sem perigo a frota, não temendo,
Cumprirá sem receio seu mandado;
Que a mais por tal senhor está obrigado.

VI

Pergunta-lhe despois, se estão na terra
Christãos, como o piloto lhe dizia:
O mensageiro astuto, que não erra,
Lhe diz, que a mais da gente em Christo cria,
Desta sorte do peito lhe desterra
Toda a suspeita, e cauta phantasia;
Por onde o Capitão seguramente
Se fia da infiel e falsa gente.

CHANT DEUXIÈME

Déjà la planète luminense, qui règle les heures du jour, avait atteint le terme de sa carrière, et enlevait aux humains sa lumière céleste, pour franchir le seuil de la maison humide, dont le Dieu de la nuit lui ouvrait les portes; c'est à ce moment que les malicieux habitants de l'île arrivèrent près des vaisseaux qui venaient de jeter l'ancre.

L'un de ces infidèles, chargé de répandre leur infâme trahison, parla ainsi: Valenreux capitaine, toi qui as traversé tout le royaume azuré de Neptune et ses ondes salées, le roi de cette île est tellement réjoui de ton arrivée, qu'il brûle du désir de t'héberger et te pourvoir de tout qui te sera nécessaire.

Et comme il attend avec impatience le moment de voir ce peuple dont la renommée lui est déjà parvenue, il te prie de franchir sans crainte l'entrée du port avec tous tes navires. Tes gens fatigués, épuisés sans doute par un si pénible voyage, trouveront chez lui le repos que la nature exige.

Si par hasard tu recherches les marchandises que produit le riche Orient, comme la canelle, le clou de girofle, ou toute autre épice ou médicament salutaires, si tu demandes d'éclatantes pierreries comme l'ardent rubi ou le dur diamant, tu les pourras emporter d'ici à profusion et tes désirs seront comblés.

Le capitaine, tout en remerciant le messager des paroles qu'il apporte, lui répond que, vu le déclin du jour, il ne peut franchir l'entrée du port en ce moment: «Mais, ajoute-il, aussitôt que la lumière du soleil m'indiquera clairement la route que je dois prendre, j'obéirai sans aucune crainte à l'invitation de ton roi, et c'est le moins que je doive à un prince aussi généreux».

Ensuite il lui demande, si comme lui a annoncé le pilote, il trouvera des chrétiens dans cette contrée. Le malicieux messager lui répond avec une audace imperturbable que la plupart des habitants y croient en Jésus Christ. De cette manière il enlève au capitaine ses derniers soupçons, et l'oblige à se fier aveuglément à ce peuple infidèle et pervers.

VII

E de alguns, que trazia condemnados
 Por culpas, e por feitos vergonhosos,
 Porque podessem ser aventurados
 Em casos desta sorte duvidosos,
 Manda dous mais sagazes, ensaiados,
 Porque notem dos Mouros enganosos
 A cidade, e poder, e porque vejam
 Os Christãos, que só tanto ver desejam.

VIII

E por estes ao Rei presentes manda,
 Porque a boa vontade, que mostrava,
 Tenha firme, segura, limpa e branda,
 A qual bem ao contrario em tudo estava.
 Já a companhia perfida, e nefanda,
 Das náos se despedia, e o mar cortava:
 Foram com gestos ledos, e fingidos,
 Os dous da frota em terra recebidos.

IX

E depois que ao Rei apresentaram
 Co'ò recado os presentes, que traziam,
 A cidade correram, e notaram
 Muito menos daquillo que queriam;
 Que os Mouros cautelosos se guardaram
 De lhe mostrarem tudo o que pediam;
 Que, onde reina a malicia, está o receio,
 Que a faz imaginar no peito alheio.

X

Mas aquelle, que sempre a moeidade
 Tem no rosto perpetua, e foi nascido
 De duas mãis (1), que ordia a falsidade,
 Por ver o navegante destruido;
 Estava n'huma casa da cidade,
 Com rosto humano, e habito fingido,
 Mostrando-se Christão, e fabricava
 Hum altar sumptuoso, que adorava.

XI

Alli tinha em retrato affigurada
 Do alto e Sancto Espirito a pintura,
 A candida pombinha debuxada,
 Sobre a unica phenix Virgem pura:
 A companhia sancta está pintada
 Dos doze, tão torvados na figura,
 Como os que, só das linguas, que cahiram
 De fogo, varias linguas referiram.

XII

Aqui os dous companheiros eonduzidos,
 Onde com este engano Baccho estava,
 Põe em terra os gíolhos, e os sentidos
 Naquelle Deos, que o mundo governava.
 Os cheiros excellentes produzidos
 Na Panchaia odorifera queimava
 O Thyonco; e assi por derradeiro
 O falso deos adorá o verdadeiro.

XIII

Aqui foram de noite agasalhados
 Com todo o bom e honesto tratamento
 Os dous Christãos, não vendo que enganados
 Os tinha o falso e sancto fingimento.
 Mas assi como os raios espalhados
 Do Sol foram no mundo, e n'hum momento
 Appareceo no rubido horizonte
 Da moça de Titão a roxa fronte:

XIV

Tornam da terra os Mouros co'ò recado
 Do Rei, para que entrassem, e comsigo
 Os dous, que o Capitão tinha maudado,
 A quem se o Rei mostrou sincero amigo
 E, sendo o Portuguez certificado
 De não haver receio de perigo,
 E que gente de Christo em terra havia,
 Dentro no salso rio entrar queria.

Parmi les matelots de la flotte, il s'en trouvait qui avaient été condamnés pour des crimes ou des actes deshonorantes, et que l'on pouvait employer dans ces sortes d'aventures périlleuses; Gama en expédia deux des plus habiles, les chargeant de bien examiner la ville et les forces des Maures perfides, et surtout de visiter les chrétiens tant désirés.

Par leur entremise il envoie des présents au roi, pour le laisser dans les bons sentiments qu'il affecte; le traître! comme il dissimulait bien son atroce perfidie! Les Maures prirent congé des navigateurs, et traversèrent l'eau pour ramener à terre les deux marins. Ceux-ci y furent accueillis avec des transports mensongers.

Après avoir porté au roi les paroles et les présents de Gama, ils parcoururent la ville, sans pouvoir se rendre compte de tout ce qu'ils désiraient voir. Les Maures, qui étaient gens de précaution, se gardèrent bien de leur montrer tout ce qu'ils leur demandaient, car lorsqu'on use de trahison l'on croit partout voir des traîtres.

Mais le Dieu aux deux mères (1) qui toujours conserve gravée sur son visage une jeunesse éternelle ne cessant pas d'ouïr des complots pour voir périr le Lusitanien, s'était introduit dans une maison de la ville et, sous les traits et les vêtements d'un simple mortel, il feignait d'être chrétien et adorait un somptueux autel qu'il avait fabriqué.

Là ils avait dessiné la colombe sacrée représentant le Saint Esprit et planant au-dessus la Vierge pure. Un autre groupe était formé par les douze apôtres, aussi troublés qu'ils le furent jadis, lorsque les langues de feu tombées du ciel leur inspirèrent le don des langues.

Menés devant cet autel où Bacchus accomplissait sa fourberie les deux compagnons s'agenouillent pour adorer le Maître du monde. Pendant ce temps Thyonée brûlait le parfume délicieux que produit l'odorante Panchaïe. Étrange contraste, qu'une fausse divinité adore le vrai Dieu.

Sans s'apercevoir qu'ils étaient victimes d'une horrible tromperie, les deux chrétiens furent hébergés avec tous les égards possibles. Mais dès que le soleil eut répandu ses rayons sur l'univers et que la fille de Titan eut rougi le lointain horizon, les Maures, chargés par le roi d'inviter les navigateurs à entrer dans le port, s'empressèrent de retourner à bord des navires en emmenant avec eux les deux messagers du capitaine, que le roi avait amicalement recueillis.

Ne redoutant aucun danger, et sûrs de trouver des chrétiens en cette terre, les Portugais ne pensaient plus qu'à franchir l'embouchure du fleuve. Les deux émissaires leur racontèrent fidèlement tout ce que s'était passé.

XV

Dizem-lhe os que mandou, que em terra viram
 Sacras aras, e sacerdote santo;
 Que alli se agasalharam e dormiram,
 Em quanto a luz cobrio o escuro manto:
 E que no Rei e gentes não sentiram
 Senão contentamento, e gosto tanto,
 Que não podia certo haver suspeita
 N'humas mostra tão elara e tão perfeita.

XVI

Com isto o nobre Gama recebia
 Alegrementemente os Mouros, que subiam;
 Que levemente hum animo se fia
 De mostras, que tão certas pareciam.
 A náó da gente perfida se enchia,
 Deixando a bordo os barcos, que traziam:
 Alegres vinham todos, porque crem,
 Que a presa desejada certa tem.

XVII

Na terra cautamente apparelhavam
 Armas, e munições, que como vissem,
 Que no rio os navios ancoravam,
 Nelles ousadamente se subissem:
 E nesta traição determinavam, (2)
 Que os de Luso de todo destruíssem,
 E que incautos pagassem deste geito
 O mal, que em Moçambique tiñham feito.

XVIII

As ancoras tenaces vão levando
 Com a nautica grita costumada;
 Da proa as velas sós ao vento dando,
 Inclinam para a barra abalizada.
 Mas a linda Erycina, que guardando
 Andava sempre a gente assignalada,
 Vendo a cilada grande, e tão secreta,
 Voa do eco ao mar como huma setta.

XIX

Convoca as alvas filhas de Nereo,
 Com toda a mais eerulea compãhia;
 Que, porque no salgado mar naseco,
 Das agnas o poder lhe obedecia:
 E propondo-lhe a causa a que deseoco,
 Com todas juntamente se partia,
 Para estorvar que a armada não chegasse
 Aonde para sempre se acabasse.

XX

Já na agua erguendo vão com grande pressa,
 Com as argenteas caudas branca escuma;
 Doto (3) co'o peito corta e atravessa
 Com mais furor o mar do que costuma:
 Salta Nise, Nerine se arremessa
 Por cima da agua crespa em força summa:
 Abrem caminho as ondas encurvadas,
 De temor das Nereidas apressadas.

XXI

Nos hombros de hum Tritão, com gesto acceso,
 Vai a linda Dione furiosa;
 Não sente quem a leva o doce peso,
 De soberbo com carga tão formosa:
 Já chegam perto donde o vento teso
 Enche as velas da frota bellicosa:
 Repartem-se, e rodeam nesse instante
 As náos ligeiras, que liam por diante.

XXII

Põe-se a deosa com outras em direito
 Da proa capitaina, e alli fechando
 O caminho da barra estão de geito,
 Que em vão assopra o vento, a vela inehando:
 Põe no madeiro duro o brando peito,
 Para detraz a forte náó forçando;
 Outras em derredor levando-a estavam,
 E da barra inimiga a desviavam.

«Nous a vous vu, leur dirent-ils, un autel sacré et un prêtre chrétien. Là, pendant que le noir manteau de la nuit enveloppe la lumière céleste, nous nous sommes tranquillement reposés. Le roi et ses sujets ont montré tant de plaisir à nous voir, qu'on ne peut pas éprouver le moindre soupçon devant de pareils témoignages de bienveillance et de bonne foi.

En face de tant de preuves, auxquelles il était facile de se laisser prendre, le brave Gama reçut joyeusement les Maures à mesure qu'ils sautaient de leurs barques sur les vaisseaux: tous se réjouissaient d'avance, croyant déjà tenir la proie qu'ils convoitaient.

Cependant ceux qui étaient restés à terre préparaient prudemment des armes et des munitions, afin d'être prêts à escalader les navires aussitôt qu'ils auraient jeté l'ancre dans le fleuve. C'est par ce moyen frauduleux qu'ils se disposaient à détruire la gent lusitanienne, et à lui faire expier ainsi sans difficulté les pertes qu'elle avait eues à Mozambique.

Aussitôt l'ancre levée, et après avoir fait entendre leurs clameurs accoutumées, les marins, ne lâchant au vent que les voiles de la proue, dirigent les vaisseaux vers l'entrée du fleuve. Mais la belle Erycine, qui n'abandonait pas les braves guerriers, voyant ce piège inexorable, s'envole, rapide comme la flèche, du ciel à l'Océan.

Là elle convoque les Néréides et toutes leurs compagnes azurées, car, née dans la mer profonde, elle règne aussi sur les eaux, et, après leur avoir exposé le motif qui l'amène, elle part suivie d'elles toutes, pour empêcher la flotte d'approcher des lieux où elle doit trouver sa destruction.

Nageant à la hâte, les nymphes, de leurs nageoires argentées, agitent les flots et les remplissent d'une blanche écume: Doto (3), plus diligente que jamais, fend les eaux de sa poitrine éclatante; Nise s'élançait en sautant, et Nérine court avec rapidité sur l'onde inquiète: les vagues se recourbent et ouvrent une voie aux Néréides empressées.

Étincelante de fureur et de beauté, la superbe Dionée est entraînée par un Triton, qui sent à peine ce doux fardeau, fier de porter sur ses épaules une charge aussi belle. Déjà elles arrivent près de la belliqueuse flotte, dont le vent gonfle légèrement les voiles. Aussitôt elles se séparent de divers côtés et entourent les vaisseaux rapides qui viennent de se mettre en route.

La déesse, suivie de ses compagnes, obstrue à la proue de la capitaine la route de l'entrée du fleuve, de telle sorte que les vents en furie ont beau lancer leur soufflé sur les voiles rebelles; les nymphes font reculer le navire en appuyant contre les poutres leur faible poitrine; d'autres placées tout autour du vaisseau, le tirent avec force pour le dévier du port ennemi.

XXIII

Quaes para a cova as providas formigas,
 Levando o peso grande accommodado,
 As forças exercitam, de inimigas
 Do inimigo inverno congelado;
 Alli são seus trabalhos e fadigas,
 Alli mostram vigor nunca esperado:
 Taes andavam as nymphas estorvando
 Á gente Portugueza o fim nefando.

XXIV

Torna para detraz a não forçada,
 A pezar dos que leva, que gritando
 Marcam velas; ferve a gente irada,
 O leme a hum bordo e a outro atravessando.
 O mestre astuto em vão da poppa brada,
 Vendo como diante ameaçando
 O estava hum maritimo penedo,
 Que de quebrar-lhe a não lhe mette medo.

XXV

A celexna medonha se alevanta
 No rudo marinheiro, que trabalha;
 O grande estrondo a Maura gente espanta.
 Como se vissem horrida batalha:
 Não sabem a razão de furia tanta,
 Não sabem nesta pressa quem lhe valha;
 Cuidam que seus enganos são sabidos,
 E que hão de ser por isso aqui punidos.

XXVI

Eil-os subitamente se lançavam
 A seus bateis veloces, que traziam;
 Outros em cima o mar alevantavam,
 Saltando n'agua e a nado se acolhiam:
 De hum bordo e d'outro subito saltavam.
 Que o medo os compellia do que viam:
 Que antes querem ao mar aventurar-se,
 Que nas mãos inimigas entregar-se.

XXVII

Assi como em selvatica alagoa
 As rãas, no tempo antiguo Lycia gente (4).
 Se sentem por ventura vir pessoa,
 Estando fóra da agua incantamente,
 Daqui e dalli saltando, o chareo soa,
 Por fugir do perigo que se sente;
 E acolhendo-se ao couto, que conhecem,
 Sós as cabeças na agua lhe apparecem:

XXVIII

Assi fogem os Mouros; e o piloto,
 Que ao perigo grande as náos gniára,
 Crendo que seu engano estava uoto,
 Tambem foge, saltando na agua amara.
 Mas por não darem no penedo immoto,
 Onde peream a vida doce e clara,
 A ancora solta logo a capitaina,
 Qualquer das outras junto della amaina.

XXIX

Vendo o Gama attentado a estranheza
 Dos Mouros, não cuidada, e juntamente
 O piloto fugir-lhe com presteza,
 Entende o que ordenava a bruta gente:
 E vendo sem contraste, e sem braveza
 Dos ventos, ou das aguas sem corrente,
 Que a não passar avante não podia.
 Havendo-o por milagre, assi dizia:

XXX

Oh caso grande, estranho e não cuidado!
 Oh milagre clarissimo e evidente!
 Oh descoberto engano inopinado!
 Oh perfida, inimiga e falsa gente!
 Quem poderá do mal aparelhado
 Livrar-se sem perigo sabiamente,
 Se lá de cima a Guarda soberana
 Não acudir á fraca força humana?

Semblables aux fourmis prévoyantes qui, pour se garantir de la froidure de l'hiver, exercent leurs forces à traîner vers leur demeure souterraine de pesants fardeaux, en déployant une vigueur et un courage inespérés, les nymphes détournent les Lusitaniens d'une perte infaillible.

Les marins voyant reculer la capitane, ont beau jeter des cris et manœuvrer les voiles. L'équipage furieux est dans l'impatience. On détache le gouvernail, on le tourne d'un bord à l'autre. En vain le maître d'équipage, de la poupe où il commande, jette des cris d'effroi en voyant le navire menacé par un rocher énorme qui va le briser.

Les matelots effrayés lancent des cris terribles. Les Maures, comme s'ils craignaient une bataille, s'étonnent d'un pareil fracas: ils ignorent le motif d'une confusion semblable. Croyant que leur trahison est découverte et qu'ils vont expier leur crime, ils se demandent qui va leur venir en aide au milieu de ce tumulte.

Tout-à-coup ils s'élancent sur les barques rapides qui les avaient amenés; d'autres sautent dans l'eau et cherchent leur salut dans la nage. De chaque bord on les voit tomber, saisis de frayeur, aimant mieux s'aventurer à la fureur des flots que se rendre à l'ennemi.

Lorsque dans un marais écarté les grenouilles, originaires de Lycie (4), sorties imprudemment de l'eau, entendent par hasard des pas humains, on les voit sauter de tous côtés en criant, pour échapper au péril qui les menace; et, revenues dans leur élément, elles ne laissent apercevoir hors de l'eau que leur tête pointue:

Tels les Maures prennent la fuite, et le pilote qui avait conduit les vaisseaux au lieu du danger, croyant sa trahison découverte, se hâte aussi de se précipiter dans l'onde amère. Pour éviter de frapper contre l'immobile rocher qui aurait pu enlever aux marins cette vie si chère à tous, le vaisseau amiral jette l'ancre; aussitôt les autres suivent son exemple.

A la vue de la conduite étrange et inattendue des Maures, et remarquant la fuite empressée du pilote, le prudent Gama se rend compte des projets qu'avaient formés les barbares; et voyant que, sans que la force des vents ou le courant des eaux en soit cause, son navire ne peut plus avancer, il s'écrie, en reconnaissant là un fait surnaturel:

«O bonheur inattendu! miracle évident qui nous a fait connaître la fourberie de ce peuple! qui donc peut échapper à la perversité des traîtres, si de là-haut un souverain appui ne vient pas au secours de la faiblesse de l'homme?»

XXXI

Bem nos mostra a divina Providencia,
Destes portos a pouca segurança;
Bem claro temos visto na apparencia,
Que era enganada a nossa confiança:
Mas pois saber humano, nem prudencia
Enganos tão fingidos não alcança;
Ó tu, Guarda divina, tem cuidado
De quem sem ti não póde ser guardado.

XXXII

E se te move tanto a piedade
Desta misera gente peregrina,
Que só por tua altissima bondade
Da gente a salvas, perfida e malina;
N'algum porto seguro de verdade
Condizir-nos já agora determina;
Ou nos amostra a terra, que buscâmos,
Pois só por teu serviço navegâmos.

XXXIII

Ouvio-lhe estas palavras piedosas
A formosa Dione; e commovida,
D'entre as nymphas se vai, que sandosas
Ficaram desta subita partida.
Já penetra as estrellas luminosas;
Já na terceira esphera recebida,
Avante passa; e lá no sexto ceo,
Para onde estava o Padre, se moveo.

XXXIV

E como lia affrontada do caminho,
Tão formosa no gesto se mostrava,
Que as estrellas, e o céo, e o ar visinho,
E tudo quanto a via, namorava.
Dos olhos, onde faz seu filho o ninho,
Huns espiritos vivos inspirava,
Com que os polos gelados accendia,
E tornava de fogo a esphera fria.

XXXV

E por mais namorar o soberano
Padre, de quem foi sempre amada e chara,
Se li'apresenta assi como ao Troiano,
Na selva Idea, já se apresentára.
Se a víra o caçador, que o vulto humano
Perdeo, vendo Diana na agua clara (5),
Nunca os famintos gulgos o mataram,
Que primeiro desejos o acabaram.

XXXVI

Os crespos fios de ouro se esparziam
Pelo collo, que a neve escurceia;
Andando, as lacteas tetas lhe tremiam,
Com quem amor brincava, e não se via:
Da alva petrina flammias lhe sahiam,
Onde o Menino as almas accendia;
Pelas lisas columnas lhe trepavam
Desejos, que como hera se enrolavam.

XXXVII

C'hum delgado cendal as partes cobre,
De quem vergonha he natural reparo;
Porém nem tudo esconde, nem descobre
O véo, dos roxos lirios pouco avaro:
Mas para que o desejo accenda e dobre,
Lhe põe diante aquelle objecto raro.
Já se sentem no céo, por toda a parte,
Cinnes em Vulcano, amor em Marte.

XXXVIII

E mostrando no angelico semblante,
Co'o riso huma tristeza misturada:
Como dama, que foi do incauto amante
Em brincos amorosos maltratada,
Que se aqueixa, e se ri, n'hum mesino instante,
E se torna entre alegre magoada:
Desta arte a deosa, a quem nenhuma iguala,
Mais mimosa que triste ao Padre falla.

«Déjà la divine Providence nous a montré le peu de sûreté de tous ces ports; nous avons clairement vu combien l'on a abusé de notre confiance. Mais puisqu'il n'y a pas d'homme assez fort ni assez habile pour découvrir de pareilles fraudes, ô toi, céleste gardien, exerce tes soins sur ceux qui ne peuvent pas s'en passer.

Et si tu es vraiment touché des malheurs qu'essuient ces navigateurs dans des contrées inconnues, toi qui par la seule puissance de ta divine bonté viens de les défendre contre la méchanceté de leurs ennemis, conduis-nous maintenant dans un port favorable et sûr, ou bien indique-nous les pays que nous cherchons, car c'est pour te servir que nous voguons sur les flots.»

Ayant entendu ces pieuses paroles, la belle Dionée toute émue aussitôt les Néréides que ce départ subit a vivement attristées. Bientôt elle atteint les astres radieux, et après avoir dépassé la troisième sphère, elle gagne le sixième ciel, où siège le père des dieux.

Pendant la route, son émotion la rendait si belle, que les étoiles, l'air pur, le ciel, tout ce qui la voyait en devenait amoureux. Ses yeux, domaine des amours, lançaient des éclats si vifs, qu'ils embrasaient les pôles glacés, et incendiaient la froide sphère.

Là, pour augmenter encore la flamme du monarque souverain, à qui toujours elle a été chère, elle se présente à lui sous la forme qu'autrefois elle prit dans la forêt du mont Ida, lorsqu'elle apparut au Troyen Pâris. Que ne la vit-il ainsi, le fameux chasseur qui perdit la forme humaine en regardant Diane se baigner dans l'onde pure (5)? Avant que les avides molosses l'eussent déchiré, il aurait péri, consumé par des désirs violents.

Les blonds cheveux d'or de la déesse tombaient épars sur son col plus pur que la neige. En observant sa démarche, on voyait palpiter une gorge blanche comme le lait, où Cupidon se jouait en riant, et d'où, sans être vu, il lançait sur les âmes humaines des feux inextinguibles. Les Désirs folâtraient sur ses jambes d'ivoire, en les entourant comme le lierre tenace.

Elle voilait coquettement d'une étroite ceinture ces charmes dont la pudeur est le rempart naturel; mais, peu avare de ces lis colorés, la gaze, sans tout cacher, ne découvrait pas tout; elle était placée de manière à enflammer et redoubler le désir. Bientôt se réveillent au ciel la passion de Mars et la jalousie de Vulcain.

Sur son angélique visage la joie se marie à la tristesse. Telle une jeune femme, victime des désirs d'un amant, entremêle ses plaintes d'un doux sourire; telle Vénus, plus habile que toutes dans l'art de séduire, s'adresse à Jupiter en prenant un ton plus voluptueux qu'attristé:

XXXIX

Sempre eu cuidei, ó Padre poderoso,
 Que para as cousas, que eu do peito amasse,
 Te achasse brando, affabil e amoroso,
 Postoque a algum contrario lhe pezasse:
 Mas, pois que contra mi te vejo iroso,
 Sem que to merecesse, nem te errasse,
 Faça-se como Baccho determina;
 Assentarei em fim que fui mofina.

XL

Este povo, que he meu, por quem derramo
 As lagrimas, que em vão cahidas vejo,
 Que assaz de mal lhe quero, pois que o amo,
 Sendo tu tanto contra o meu desejo:
 Por elle a ti rogando choro e bramo,
 E contra minha dita em fim pelejo.
 Ora pois; porque o amo, he mal tratado,
 Quero-lhe querer mal, será guardado.

XLI

Mas moura em fim nas mãos das brutas gentes,
 Que pois eu fui... E nisto, de mimosa,
 O rosto banha em lagrimas ardentes,
 Como co'o orvalho fica a fresca rosa:
 Callada hum pouco, como se entre os dentes
 Se lhe impedira a falla piedosa;
 Torna a seguil-a; e indo por diante,
 Lhe atalha o poderoso e grão Tonante:

XLII

E destas brandas mostras commovido,
 Que moveram de hum tigre o peito duro,
 Co'o vulto alegre, qual do céu subido
 Torna sereno e claro o ar escuro (6);
 As lagrimas lhe alimpa, e accendido
 Na face a beija, e abraça o collo puro;
 De modo que dalli, se só se achára,
 Outro novo Cupido se gerára.

XLIII

E co'o seu apertando o rosto amado,
 Que os soluços e lagrimas augmenta;
 Como menino da ama castigado,
 Que quem no affaga, o choro lhe accrescenta;
 Por lhe pôr em socego o peito irado,
 Muitos casos futuros lhe apresenta:
 Dos fados as entranhas revolvendo,
 Desta maneira em fim lhe está dizendo:

XLIV

Formosa filha minha, não temais
 Perigo algum nos vossos Lusitanos;
 Nem que ninguem comigo possa mais,
 Que esses chorosos olhos soberanos:
 Que eu vos prometto, filha, que vejais
 Esquecerem-se Gregos e Romanos
 Pelos illustres feitos, que esta gente
 Ha de fazer nas partes do Oriente.

XLV

Que se o facundo Ulysses escapou
 De ser na Ogygia ilha eterno escravo;
 E se Antenor (7) os scios penetrou
 Illyricos, e a fonte de Timavo;
 E se o piedoso Eneas navegou
 De Seylla e de Charybdis o mar bravo;
 Os vossos, móres cousas attentando,
 Novos mundos ao mundo irão mostrando.

XLVI

Fortalezas, cidades e altos muros
 Por elles vereis, filha, edificados;
 Os Turcos, bellacissimos e duros,
 Delles sempre vereis desbaratados;
 Os reis da India, livres e seguros,
 Vereis ao Rei potente subjugados:
 E por elles, de tudo em fim senhores,
 Serão dadas na terra leis melhores.

«O puissant père des dieux, jusqu'ici j'avais toujours cru te trouver indulgent et prêt à exécuter au détriment d'autrui tout ce qui serait cher à ta Vénus bien-aimée. Mais puisque je te vois irrité contre moi, sans que je l'aie mérité par aucune faute, que les vœux de Bacchus soient accomplis : je pourrai dire enfin que j'ai été malheureuse.

«Ce peuple, qui est le mien, et pour lequel je verse en vain des larmes, ce peuple n'a qu'à perdre à mon affection, puisque tu t'opposes si énergiquement à mes volontés. Vois, je pleure à tes pieds, en te suppliant de lui venir en aide, et je ne fais qu'augmenter son malheur et le mien. Eh ! bien, puisque mon amitié lui est funeste, peut-être en le détestant pourrai-je lui être utile.

«Oui, qu'il aille périr au milieu des barbares, car moi seule»... Et là-dessus, elle baigne de larmes brûlantes son visage charmant, semblable à une fleur humide encore de la rosée de la nuit. Puis, après être un instant restée sans mot dire, comme si la parole s'était arrêtée sur ses lèvres, elle reprend son discours suppliant, que le puissant Jupiter se hâte d'interrompre.

Ému par ces touchantes démonstrations, qui auraient attendri le cœur farouche d'un tigre, le dieu Tonnant laisse tomber sur la déesse ce regard joyeux dont du haut du ciel il rend la lumière à l'air obscurci (6). Il essuie ses larmes, embrasse ses joues et son cou d'albâtre ; s'ils eussent été seuls, un nouveau Cupidon était engendré !

Il presse son visage sur ce visage aimé et maintenant altéré par les sanglots et les pleurs. Mais elle, comme un enfant qu'a châtié la sévère nourrice, plus elle se sent caressée, plus elle redouble ses plaintes. Pour donner le calme à son cœur courroucé, le dieu lui expose les événements futurs, et, creusant jusqu'à la profondeur des destins, il lui adresse ces paroles :

«Ne craignez rien, ma fille chérie, pour ce qui est de vos Lusitaniens ; rien ne pourra jamais avoir sur moi plus de pouvoir que vos beaux yeux remplis de larmes : d'ailleurs je vous promets que vous verrez cette nation accomplir en Orient des exploits assez fameux pour faire oublier ceux des Grecs et des Romains.

«Que si l'éloquent Ulysse a échappé à Ogygie au danger d'une servitude perpétuelle ; si Anténor (7) pénétra en Illyrie et arriva jusqu'aux sources du Timave ; si enfin le pieux Enée a navigué sur la mer redoutable de Charybde et de Scylla, vos protégés, auteurs de plus grandes entreprises, montreront au monde des mondes nouveaux.

«Vous les verrez, ma fille, bâtir des murailles, des villes et des citadelles. Les Turcs belliqueux et inhumains seront toujours mis en déroute par leurs armées courageuses : les rois de l'Inde, maintenant libres et tranquilles, obéiront à leur monarchie puissante ; et bientôt maîtres de tout, les vainqueurs dicteront au pays de meilleures lois.

XLVII

Vereis este, que agora pressuroso
 Por tantos medos o Indo vai buscando,
 Tremar delle Neptuno, de medroso,
 Sem vento suas aguas encrespando (8).
 Oh caso nunca visto e milagroso,
 Que trema e ferva o mar, em calma estando!
 Oh gente forte, e de altos pensamentos,
 Que tambem della hão medo os elementos!

XLVIII

Vereis a terra, que a agua lhe tolhia,
 Que inda ha de ser hum porto mui decente (9),
 Em que vão descansar da longa via
 As náos, que navegarem do Occidente.
 Toda esta costa em fim, que agora ordia
 O mortifero engano, obediente
 Lhe pagará tributos, conhecendo
 Não poder resistir ao Luso horrendo.

XLIX

E vereis o mar Roxo tão famoso,
 Tornar-se-lhe amarello de enfiado;
 Vereis de Ormuz o reino poderoso,
 Duas vezes tomado e subjogado:
 Alli vereis o Mouro (10) furioso,
 De suas mesmas settas traspassado;
 Que quem vai contra os vossos, claro veja,
 Que se resiste, contra si peleja.

L

Vereis a inexpugnabil Dio forte,
 Que dous cercos terá, dos vossos sendo;
 Alli se mostrará seu preço e sorte,
 Feitos de armas grandissimos fazendo:
 Invejoso vereis o grão Mavorte
 Do peito Lusitano fero e horrendo.
 Do Mouro alli verão, que a voz extrema
 Do falso Mafamede ao céu blasphema.

LI

Goa vereis aos Mouros ser tomada,
 A qual virá depois a ser senhora
 De todo o Oriente, e sublimada
 Co'os triumphos da gente vencedora:
 Alli soberba, altiva e exalçada,
 Ao Gentio, que os idolos adora,
 Duro freio porá, e a toda a terra,
 Que enidar de fazer aos vossos guerra.

LII

Vereis a fortaleza sustentar-se
 De Cananor, com pouca força e gente;
 E vereis Calecut desbaratar-se,
 Cidade populosa e tão potente:
 E vereis em Cochim assinalar-se
 Tanto hum peito soberbo e insolente,
 Que cithara jámais cantou victoria,
 Que assi mereça eterno nome e gloria (11)

LIII

Nunca com Marte instructo e furioso
 Se vio ferver Leucate, quando Augusto
 Nas civís Actias guerras animoso,
 O capitão venceo Romano injusto,
 Que dos povos da Aurora, e do famoso
 Nilo, e do Bactra Scythico, e robusto,
 A victoria trazia, e presa rica,
 Preso da Egypcia linda, e não pudica:

LIV

Como vereis o mar fervendo acceso
 Co'os incendios dos vossos, pelejando,
 Levando o Idolatra, e o Mouro preso,
 De nações differentes triumphando.
 E, sujeita a rica Aurca-Chersoneso (12),
 Até o longinquo China navegando,
 E ás ilhas mais remotas do Oriente,
 Ser-lhe-ha todo o Oceano obediente.

«Vous verrez celui qui maintenant cherche l'Indus à travers une route si périlleuse faire trembler d'épouvante le dieu des mers, qui verra grossir ses eaux sans l'aide du vent (8). Événement miraculeux et inconnu jusqu'alors! Comment l'Océan peut-il s'agiter pendant le calme? Courageuse et supérieure nation, il n'y a pas jusqu'aux éléments qui n'aient peur de toi!

«Vous pourrez voir ce port (9), où on leur refusait l'eau des fontaines, devenir un point très-utile, où pourront se reposer des fatigues de la route les vaisseaux qui viendront des rives occidentales. Toute cette côte, qui naguère imaginait pour eux des pièges inextricables, reconnaîtra la supériorité des guerriers de Lusitanie et leur payera en tremblant de honteux tributs.

«La célèbre mer Rouge pâlera devant leurs armes. Le puissant royaume d'Ormuz tombera deux fois entre leurs mains: là le Maure (10) furieux succombera frappé de ses propres flèches, afin que l'on voie clairement que celui qui résiste à votre peuple combat contre lui-même!

«L'imprenable Diu, deux fois assiégée par les barbares, sera pour vos héros le théâtre de sublimes faits d'armes; Mars deviendra jaloux du redoutable courage des Lusitaniens. Les Arabes moribonds y blasphémeront le culte odieux de Mahomet.

«Goa, enlevée aux Maures, deviendra plus tard la reine de tout l'Orient et sera illustrée par les triomphes de ce peuple victorieux. Superbe et fier de ses succès, elle subjuguera les peuplades idolâtres et dominera toute nation qui voudra se mesurer avec les Portugais.

«Vous verrez Cananor se défendre avec sa petite et faible garnison, et Calicut tomber, malgré ses forces et sa nombreuse population. Cochin sera témoin des hauts faits d'un héros si fameux, que jamais lyre n'a célébré une victoire digne d'une gloire aussi éclatante (11).

«Jadis on a vu le promontoire de Leucate frémir d'épouvante devant les ravages de Mars en courroux, lorsque Auguste, pendant les guerres civiles d'Actium, vainquit l'injuste capitaine romain qui, venu de la robuste Seythie et des pays de l'Aurore arrosés par le Nil et l'Oxus, en rapporta la victoire et un riche butin, esclave lui-même de la belle et impudique Égyptienne.

«Mais que furent ces exploits auprès de ceux dont vous verrez trembler la mer embrasée par les feux des Lusitaniens? Regardez-les triomphant sur toutes les nations, sur le Maure comme sur l'idolâtre, soumettant tout depuis la riche Chersonèse d'or (12) jusqu'à la Chine lointaine; tout l'Océan, jusqu'aux îles les plus éloignées de l'Orient, reconnaît leur supériorité.

LV

De modo, filha minha, que de geito
 Amostrarão esforço mais que humano,
 Que nunca se verá tão forte peito,
 Do Gangetico mar ao Gaditano;
 Nem das Boreaes ondas ao Estreito,
 Que mostrou o aggravado Lusitano (13);
 Postoque em todo o mundo, de affrontados,
 Resuscitassem todos os passados.

LVI

Como isto disse, manda o consagrado
 Filho de Maia á terra, porque tenha
 Hum pacifico porto e socegado,
 Para onde sem receio a frota venha:
 E, para que em Mombaça aventurado
 O forte Capitão se não detenha,
 Lhe manda mais, que em sonhos lhe mostrasse
 A terra, onde quieto reponsasse.

LVII

Já pelo ar o Cyllenêo (14) voava;
 Com as azas nos pés á terra dece;
 Sua vara fatal na mão levava,
 Com que os olhos cansados adormece:
 Com esta as tristes almas revocava
 Do inferno, e o vento lhe obedece:
 Na cabeça o galero costumado;
 E desta arte a Melinde foi chegado.

LVIII

Comsigo a Fama leva, porque diga
 Do Lusitano o preço grande e raro;
 Que o nome illustre a hum certo amor obriga,
 E faz a quem o tem, amado e claro.
 Desta arte vai fazendo a gente amiga,
 Co'o rumor famosissimo e preclaro;
 Já Melinde em desejos arde todo
 De ver da gente forte o gesto e modo.

LIX

Dalli para Mombaça logo parte,
 Aonde as náos estavam temerosas,
 Para que á gente mande, que se aparte
 Da barra inuiga e terras suspeitosas.
 Porque mui pouco val esforço e arte
 Contra infernaes vontades enganosas:
 Pouco val coração, astucia e siso,
 Se lá dos Céos não vem celeste aviso.

LX

Meio caminho a noite tinha andado:
 E as estrellas no céu, co'a luz alhea
 Tinham o largo mundo allumiado;
 E só co' o somno a gente se recrea.
 O Capitão illustre, já cansado
 De vigiar a noite, que arrecea,
 Breve repouso então aos olhos dava:
 A outra gente a quartos vigiava:

LXI

Quando Mercurio em sonhos lhe apparece,
 Dizendo: Fuge, fuge, Lusitano,
 Da cilada que o Rei malvado tece,
 Por te trazer ao fim e extremo dano;
 Fuge, que o vento e o céu te favorece,
 Sereno o tempo tens e o Occano,
 E outro Rei mais amigo n'outra parte.
 Onde pódes seguro agasalhar-te.

LXII

Não tens aqui seuão apparelhado
 O hospicio, que o cru Diomedes dava (15),
 Fazendo ser manjar acostumado
 De cavallos a gente, que hospedava:
 As aras de Busiris (16) infamado,
 Onde os hospedes tristes immolava,
 Terás certas aqui, se muito esperas:
 Fuge das gentes perfidas e feras.

«Ainsi donc, ma fille chérie, votre peuple, en déployant un courage surhumain, deviendra le plus redouté de tous ceux qui habitent entre les mers de l'Inde et celles de Cadix, ou entre les glaces boréales et le détroit découvert par un Lusitanien offensé (13), et leur bravoure éclipserait celle des héros antiques si, dans leur ressentiment, le monde les voyait ressusciter tous à la fois.»

Ayant ainsi parlé, Jupiter envoie sur la terre le fils de Maia, son messenger, le chargeant de préparer à la flotte un port tranquille et sûr, où elle puisse aborder sans crainte; et, pour empêcher le capitaine de demeurer plus longtemps dans le port de Mombaça, où il s'était aventuré, il enjoint au dieu de lui montrer en un songe le pays où il pourra prendre un paisible repos.

Aidé par les ailes qui ornent ses pieds, Cyllénée (14) prend son vol dans la direction de la terre, tenant à la main la fatale baguette dont il se sert pour fermer les yeux assoupis, pour évoquer des enfers les âmes insensibles, et pour commander aux vents furieux. Coiffé de son casque ailé, il arrive bientôt à Mélinde.

Il emmène avec lui la Renommée, chargée de répandre le rare mérite des Lusitaniens; car un nom illustre oblige à une certaine amitié et rend cher à tous celui qui le possède. En inspirant ainsi d'avance aux habitants une grande sympathie pour les navigateurs, il remplit tout Mélinde du désir d'observer les manières et les usages de ce peuple courageux.

De là il se rend sans tarder à Mombaça, où se tiennent les navires indécis, afin d'ordonner aux marins de s'écarter de cette barre inhospitalière et de ces parages suspects. Que valent en effet le courage et la science devant les infernales perfidies de traîtres? à quoi servent le cœur, bon sens ou la ruse, si le ciel ne vous vient pas en aide par de miraculeux avis?

La nuit avait parcouru la moitié de sa carrière. Les étoiles de leurs feux empruntés éclairaient du haut de l'Olympe le vaste univers, et le sommeil prodiguait aux mortels ses agréables douceurs. L'illustre capitaine, déjà fatigué de veiller pendant cette nuit qu'il redoutait, donnait en ce moment à ses panpières un instant de repos; seuls les matelots de quart étaient éveillés.

Ce fut alors que Mercure apparut dans un songe à Gama, et lui dit: «Fuis, fuis, Lusitanien; évite le piège que te prépare le roi malveillant pour t'achever et te perdre. Fuis: le vent et le ciel te favorisent, le temps est doux et la mer est calme. Ailleurs est un prince plus humain chez qui tu pourras te réfugier en sûreté.

«Ici tu ne trouveras d'autre hospitalité que celle que donnait le cruel Diomède (15), lorsqu'il nourrissait ses chevaux des étrangers qu'il hébergeait. Si tu attends encore, tu es sûr de rencontrer ici l'autel sanglant où l'infâme Busiris (16) immolait ses hôtes. Fuis, éloigne-toi de ces peuples barbares et perfides.

LXIII

Vai-te ao longo da costa discorrendo,
 E outra terra acharás de mais verdade
 Lá quasi junto donde o Sol ardendo
 Iguala o dia e noite em quantidade.
 Alli, tua frota alegre recebendo,
 Hum Rei, com muitas obras de amizade,
 Gasalhado seguro te daria,
 E para a India certa e sabia guia.

LXIV

Isto Mercurio disse, e o somno leva
 Ao Capitão, que com mui grande espanto
 Acorda, e vê ferida a escura treva
 De huma subita luz e raio santo.
 E, vendo claro quanto lhe releva
 Não se deter na terra iniqua tanto,
 Como novo espirito ao mestre sen mandava,
 Que as velas dêsse ao vento, que assoprava.

LXV

Dai velas, disse, dai ao largo vento,
 Que o Céu nos favorece, e Deos o manda;
 Que hum mensageiro vi do claro assento,
 Que só em favor de nossos passos anda.
 Alevanta-se nisto o movimento
 Dos marinheiros, de huma e de outra banda;
 Levam gritando as ancoras acima,
 Mostrando a ruda força, que se estima.

LXVI

Neste tempo que as ancoras levavam,
 Na sombra escura os Mouros escondidos
 Mansamente as amarras lhe cortavam,
 Por serem, dando á costa, destruidos:
 Mas com vista de lineas vigiavam
 Os Portuguezes, sempre apercebidos:
 Elles, como acordados os sentiram,
 Voando, e não remando, lhe fugiram.

LXVII

Mas já as agudas proas apartando
 Hiam as vias humidas de argento:
 Assopra-lhe galeruo o vento e brando,
 Com suave e seguro movimento.
 Nos perigos passados vão fallando;
 Que mal se perderão do pensamento
 Os casos grandes, donde em tanto aperto
 A vida em salvo escapa por acerto.

LXVIII

Tinha huma volta dado o Sol ardente,
 E n'outra começava, quando viram
 Ao longe dous navios, brandamente
 Co'os ventos uavegando, que respiram:
 Porque haviam de ser da Maura gente,
 Para elles arribando, as velas viram:
 Hum de temor do mal, que arreceava,
 Por se salvar a gente, á costa dava.

LXIX

Não he o outro que fica tão mauhoso,
 Mas nas mãos vai cair do Luzitano,
 Sem o rigor de Marte furioso,
 E sem a furia horrenda de Vulcano:
 Que, como fosse debil e medroso
 Da pouca gente o fraco peito humano,
 Não teve resistencia; e se a tivera
 Mais danuo resistindo recebera.

LXX

E, como o Gama muito desejasse
 Piloto para a India, que buscava,
 Cuidou que entre estes Mouros o tomasse,
 Mas não lhe succedeo como cuidava;
 Que nenhum delles ha, que lhe ensinasse
 A que parte dos céos a India estava:
 Porém dizem-lhe todos, que tem perto
 Meliude, onde acharão piloto certo.

«Fuis, et en longeant la côte tu aborderas dans une terre où la vérité est plus honorée, près du point où le soleil ardent partage en deux parts égales le jour et la nuit. Là ta flotte sera joyeusement reçue par un roi, chez lequel tu jouiras d'une tranquillité parfaite, et qui, après t'avoir offert un gîte paisible et sûr, te donnera un guide fidèle chargé de te montrer le chemin de l'Inde.»

Ainsi parla Mercure, et en parlant il enleva le sommeil au capitaine. Celui-ci, au moment de son réveil, est saisi d'étonnement en voyant les obscures ténèbres envahies par un jet de lumière céleste. Alors, bien convaincu qu'il ne lui convient pas de demeurer plus longtemps dans ces parages ennemis, il commande sagement à son contre-maître de lâcher les voiles au vent.

«Mettez hardiment à la voile, dit-il; le ciel nous favorise, et Dieu l'ordonne. Il m'est apparu un messenger du séjour radieux, sous l'égide duquel nous marchons sans cesse.» Encouragés par ces paroles, les matelots se meuvent de toutes parts; aussitôt ils retirent de l'eau les ancrés en criant et en déployant toutes leurs forces dans cette manœuvre.

A ce moment même les Maures, cachés dans l'ombre, leur coupaient en silence les amarres, dans l'espoir de les voir bientôt échouer contre la côte; mais les Portugais, toujours vigilants, remarquaient tout avec des yeux de lynx. Quand ils s'aperçurent que la flotte veillait, les Maures prirent la fuite, en volant plutôt qu'en ramant.

Déjà les tranchantes proues fendaient la route humide et argentée; un vent frais et doux agitait la flotte d'un mouvement suave et régulier. Les navigateurs s'entretenaient des dangers qu'ils avaient courus. Peut-on oublier ces grands événements, où, au milieu de tant de périls, le hasard seul nous sauve la vie?

Phébus avait fait une fois le tour du globe et recommençait sa carrière, lorsqu'ils aperçurent au loin deux embarcations que les vents apaisés emportaient doucement sur les flots. Reconnaissant bientôt que ces navires devaient appartenir aux Maures, les Portugais tournèrent les voiles et se dirigèrent de leur côté. L'un d'eux, pour éviter les dégâts et les pertes qu'il redoutait, se hâta de gagner la côte; c'était pour lui la seule voie de salut.

L'autre, moins adroit, tomba entre les mains des Lusitaniens, sans qu'ils eussent eu recours à la cruauté de Mars ni à la terrible furie de Vuleain. Son équipage, lâche et peu nombreux, se soumit sans résistance; et bien lui en prit, car s'il en avait déployé, il aurait payé cher sa témérité.

Gama, toujours désireux d'avoir un pilote qui le menât dans le pays qu'il recherchait, croyait le rencontrer parmi ces Maures; mais ces espérances ne furent point réalisées. Aucun d'entre eux ne put lui dire de quel côté l'Inde était située, mais tous lui annoncèrent que près de là était le royaume de Mélinde, où il pourrait trouver le pilote qui lui convenait.

LXXI

Louvam do Rei os Mouros a bondade,
 Condição liberal, sincero peito,
 Magnificencia grande e humanidade,
 Com partes de grandissimo respeito.
 O capitão o assella por verdade,
 Porque já lho dissera deste geito
 O Cyllenêo em sonhos, e partia
 Para onde o sonho, e o Mouro lhe dizia.

LXXII

Era no tempo alegre, quando entrava
 No roubador de Europa a luz Phebea;
 Quando hum e outro como lhe aquentava,
 E Flora derramava o de Amalthea:
 A memoria do dia renovava
 O pressuroso Sol, que o céo rodea,
 Em que aquelle, a quem tudo está sujeito,
 O sêllo poz a quanto tinha feito (17):

LXXIII

Quando chegava a frota áquella parte,
 Onde o reino Melinde já se via,
 De toldos adornada, e leda de arte,
 Que bem mostra estimar o saneto dia.
 Treme a bandeira, voa o estandarte;
 A côr purpurea ao longe apparecia;
 Soam os tambores e pandeiros;
 E assi entravam ledos e guerreiros.

LXXIV

Enche-se toda a praia Melindana
 Da gente, que vem ver a leda armada;
 Gente mais verdadeira e mais humana,
 Que toda a d'outra terra atraz deixada.
 Surge diante a frota Lusitana;
 Péga no fundo a ancora pezada:
 Mandam fóra hum dos Mouros, que tomaram,
 Por quem sua vinda ao Rei manifestaram.

LXXV

O Rei, que já sabia da nobreza,
 Que tanto os Portuguezes engrandece,
 Tomarem o seu porto tanto preza,
 Quanto a gente fortissima merece:
 E com verdadeiro animo, e pureza,
 Que os peitos generosos ennobrece,
 Lhe manda rogar muito que sabissem,
 Para que de seus reinos se servissem.

LXXVI

São offerecimentos verdadeiros,
 E palavras sinceras, não dobradas,
 As que o Rei manda aos nobres cavalleiros,
 Que tanto mar, e terras tem passadas.
 Manda-lhe mais lanigeros carneiros,
 E gallinhas domesticas, cevadas
 Com as fructas que então na terra havia;
 E a vontade á dadiva excedia.

LXXVII

Recebe o Capitão alegremente
 O mensageiro ledo, e seu recado;
 E logo manda ao Rei outro presente,
 Que de longe trazia apparelhado:
 Escarlata purpurea, côr ardente;
 O ramoso coral, fino e prezado,
 Que debaixo das aguas molle crece,
 E, como he fóra dellas, se endurece.

LXXVIII

Manda mais hum na pratica elegante,
 Que co'o Rei nobre as pazes concertasse;
 E que de não sahir naquelle instante
 De suas náos em terra o desculpasse.
 Partido assi o embaixador prestante,
 Como na terra ao Rei se apresentasse,
 Com estylo, que Pallas lhe ensinava,
 Estas palavras taes fallando orava:

Les Maures ne se lassaient pas de louer les qualités du roi de cette contrée, et c'est avec de grandes marques de respect qu'ils parlaient de sa libéralité, de sa magnificence et de son humanité. Le capitaine y eut facilement, averti qu'il était par l'apparition de Mercure: il se mit donc en route, dans la direction que le dieu et les Maures lui avaient indiquée.

C'était à l'époque riante où Phébus entrait dans la constellation du ravisseur d'Europe et lui réchauffait ses deux cornes, tandis que Flore vidait celle d'Amalthée sur la terre fleurie; le soleil diligent, qui fait le tour du ciel azuré, ramenait ce jour où le Créateur de toute chose mit le dernier sceau à son œuvre immense (17).

Arrivée au point d'où l'on pouvait apercevoir le royaume de Mélinde, la flotte toute en joie commença à s'ornier de pavillons et de tentes, pour fêter cette sainte journée. On hisse les étendards, qui volent au gré des vents; la couleur de la pourpre brille au loin d'un vif éclat. Les Portugais, contents et fiers, franchissent l'entrée du port, au son des tambours résonnants.

Toute la plage de Mélinde est couverte de gens qui viennent voir la flotte joyeuse; mais ce peuple est tout autrement sincère et humain que tous ceux qu'elle a rencontrés jusqu'ici. Les vaisseaux portugais abordent devant le port; l'ancre pesante s'accroche au sable profond. Un des Maures qu'ils ont saisis est chargé d'aller annoncer au roi leur arrivée.

Celui-ci, connaissant la noblesse qui a tant illustré les Lusitaniens, éprouve, à voir les guerriers s'arrêter devant sa ville, une joie digne d'être inspirée par ce peuple si brave; et, avec cette affabilité qui est propre aux caractères généreux, il les supplie de débarquer et de descendre dans ses domaines.

Ces offres qu'il fait aux braves navigateurs si éprouvés par les périls, loin d'être mensongères, partent d'un cœur noble et loyal. En même temps il leur envoie des brebis, des poules grasses et les fruits qu'on récoltait alors dans ce pays; mais l'intention l'emporte encore sur la valeur des objets.

Le capitaine reçoit avec joie le messager, et il écoute avec bonheur ses paroles bienveillantes. A son tour il envoie au monarque d'autres présents qu'il apportait de loin: l'écarlate aux brillantes couleurs et les branches du corail si estimé, qui pousse flexible au dessous de la mer, et se durcit, à peine sorti des eaux.

Par la même occasion il expédie auprès du roi un de ses officiers, renommé pour sa parole élégante, en le chargeant de se concilier le puissant souverain et de l'excuser auprès de lui de ce qu'il n'était pas descendu immédiatement à terre. A peine débarqué, le digne ambassadeur se présente au roi, et, inspiré par Pallas, il s'exprime en ces termes:

LXXIX

Sublime Rei, a quem do Olympo puro,
Foi da summa Justiça concedido
Refrear o soberbo povo duro,
Não menos d'elle amado que temido;
Como porto mui forte, e mui seguro,
De todo o Oriente conhecido,
Te vimos a buscar, para que achemos
Em ti o remedio certo, que queremos.

LXXX

Não somos roubadores, que passando
Pelas fracas cidades descuidadas,
A ferro e a fogo as gentes vão matando,
Por roubar-lhe as fazendas cobiçadas (18);
Mas da soberba Europa navegando,
Imos buscando as terras apartadas
Da India grande e rica, por mandado
De hum Rei que temos, alto e sublimado.

LXXXI

Que geração tão dura ha li de gente?
Que barbaro costume, e usança fea (19),
Que não vedem os portos tamsomente,
Mas inda o hospicio da deserta area?
Que má tenção, que peito em nós se sente,
Que de tão pouca gente se arrecea,
Que com laços armados tão fingidos
Nos ordenassem ver-nos destruidos?

LXXXII

Mas tu, em quem mui certo confiâmos
Achar-se mais verdade, ó Rei benino,
E aquella certa ajuda em ti esperâmos,
Que teve o perdido Ithaco em Alcino;
A teu porto seguros navegâmos,
Conduzidos do Interprete divino:
Que pois a ti nos manda, está mui claro,
Que es de peito sincero, humano e raro.

LXXXIII

E não cuides, ó Rei, que não sahisse
O nosso Capitão esclarecido
A ver-te, ou a servir-te, porque visse,
Ou suspeitasse em ti peito fingido;
Mas saberás que o fez, porque cumprisse
O regimento em tudo obedecido
De seu Rei, que lhe manda que não saia,
Deixando a frota em nenhum porto ou praia.

LXXXIV

E porque he de vassallos o exercicio,
Que os membros tem regidos da cabeça,
Não quererás, pois tens de Rei o officio,
Que ninguem a seu rei desobedeça:
Mas as mercês, e o grande beneficio,
Que ora acha em ti, promette que conheça,
Em tudo aquillo que elle e os seus poderem,
Em quanto os rios para o mar correrem.

LXXXV

Assi dizia; e todos juntamente,
Huns com outros em pratica fallando,
Louvavam mnito o estomago da gente,
Que tantos céos e mares vai passando.
E o rei illustre, o peito obediente
Dos Portuguezes, na alma imaginando,
Tinha por valor grande e mui subido
O do Rei, que he tão longe obedecido.

LXXXVI

E, com risonha vista e ledto aspecto,
Responde ao embaixador, que tanto estima:
Toda a suspeita má tirai do peito,
Nenhum frio temor em vós se inprima;
Que vosso preço, e obras são de geito,
Para vos ter o mundo em muita estima;
E quem vos fez molesto tratamento,
Não póde ter subido pensamento.

«Sublime roi, que l'Olympe dans sa justice suprême a choisi pour réprimer ce peuple courageux qui vous aime autant qu'il vous redoute, nous venons à votre rencontre en ce paisible port, célèbre dans tout l'Orient, pour vous demander le remède que nous cherchons à nos maux.

«Nous ne sommes point de ces brigands qui, lorsqu'ils passent devant des villes faibles et inoffensives, y portent le fer et le feu, afin d'en égorger les habitants et de leur ravir les biens qu'ils convoitaient (18). Partis de la superbe Europe, nous recherchons les terres lointaines de l'opulent Indus, par ordre de notre prince tout-puissant.

«Quelles sont ces gens, de mœurs assez cruelles et barbares (19) pour interdire, non seulement l'entrée de leurs ports, mais encore l'hospitalité d'une plage déserte? Quels perfides projets, quel cœur nous suppose-t-on, puisque, malgré notre faible équipage, on nous craint assez pour nous tendre des pièges inextricables et ordonner notre perte?

«Mais vous, ô roi bienveillant, vous que nous estimons bien plus sincère, vous, chez qui nous espérons rencontrer le secours que le roi d'Ithaque trouva chez Alcinoüs, nous abordons à votre port en toute sûreté, conduits par le divin Interprète; et puisqu'il nous envoie vers vous, n'est-il pas clair que vous avez un cœur loyal et généreux?

«Ne croyez pas qu'un soupçon malveillant ait empêché notre illustre capitaine de venir à terre pour vous voir et vous servir. Sachez que, s'il est resté à bord, c'est pour se conformer en tout aux ordres de son maître que lui a enjoint de ne jamais débarquer, en abandonnant sa flotte aux dangers d'un port ou d'une plage.

Or, le devoir des sujets étant l'obéissance, car les membres doivent être dirigés par la tête, vous ne consentirez pas, vous qui exercez le pouvoir d'un souverain, à ce que quelqu'un désobéisse à son roi. Quant aux bienfaits et aux présents dont vous le comblez en ce jour, il vous promet de vous en garder une éternelle reconnaissance, toutes les fois que lui et les siens pourront vous être utiles, et tant que les fleuves rouleront leurs eaux vers l'Océan.»

Il dit, et les Indiens se livrent aussitôt à mille conversations bruyantes; ils ne se lassent point de louer ce peuple hardi qui a traversé tant de mers, tant de parages. Quant au roi, il réfléchit à l'admirable soumission des Portugais et à la grandeur de ce monarque, obéi de si loin.

Le sourire aux lèvres et la joie au visage, il adresse ces paroles à l'éloquent ambassadeur: «Chassez tout soupçon; n'ayez aucune crainte cachée. Votre mérite et vos œuvres sont assez grands pour vous faire estimer de tout l'univers, et ceux qui vous ont mal accueillis ne peuvent pas avoir un cœur bien élevé.

LXXXVII

De não salir em terra toda a gente,
 Por observar a usada preeminencia,
 Aindaque me peze estranhamente,
 Em muito tenho a muita obediencia.
 Mas se lho o regimento não consente,
 Nem eu consentirei, que a excellencia
 De peitos tão leaes em si desfaça,
 Só porque a meu desejo satisfaça.

LXXXVIII

Porém, como a luz crastina chegada
 Ao mundo for, em minhas almadias
 Eu irei visitar a forte armada,
 Que ver tanto desejo, ha tantos dias.
 E se vier do mar desbaratada,
 Do furioso vento, e longas vias,
 Aqui terá de limpos pensamentos,
 Piloto, munições e mantimentos.

LXXXIX

Isto disse; e nas aguas se escondia
 O filho de Latona; e o mensageiro
 Co'a embaixada alegre se partia
 Para a frota, no seu batel ligeiro.
 Enehem-se os peitos todos de alegria,
 Por terem o remedio verdadeiro
 Para acharem a terra que buscavam;
 E assi ledos a noite festejavam.

XC

Não faltam alli os raios de artificio,
 Os tremulos cometas imitando:
 Fazem os bombardeiros seu officio,
 O céo, a terra e as ondas atroando.
 Mostra-se dos Cyclopas o exercicio,
 Nas bombas que de fogo estão queimando:
 Outros com vozes, com que o céo feriam,
 Instrumentos altisonos tangiam.

XCI

Respondem-lhe da terra juntamente
 Co'o raio volteando com zonido;
 Anda em gyros no ar a roda ardente;
 Estoura o pó sulphureo escondido.
 A grita se alevanta ao céo, da gente;
 O mar se via em fogos accendido,
 E não menos a terra: e assi festeja
 Hum ao outro, á maneira de peleja.

XCII

Mas já o céo inquieto revolvendo,
 As gentes incitava a seu trabalho;
 E ja a mãe de Memnon, a luz trazendo,
 Ao somno longo punha certo atalho:
 Hiam-se as sombras lentas desfazendo,
 Sobre as flores da terra em frio orvalho,
 Quando o Rei Melindano se embarcava
 A ver a frota que no mar estava.

XCIII

Viam-se em derredor ferver as praias
 Da gente, que a ver só concorre leda;
 Luzem da fina purpura as cabaias,
 Lustram os pannos da tecida seda:
 Em lugar de guerreiras azagaias (20),
 E do areo, que os cornos arremeda
 Da Lua, trazem ramos de palmeira,
 Dos que vencem corôa verdadeira.

XCIV

Hum batel grande e largo que toldado
 Vinha de sedas de diversas côres,
 Traz o Rei de Melinde, acompanhado
 De nobres de seu reino, e de senhores.
 Vem de ricos vestidos adornado,
 Segundo seus costumes e primores;
 Na cabeça huma fota guarneçada
 De ouro, e de seda, e de algodão tecida

«Pour ce qui est de ne pas vous voir tous descendre à terre, afin de vous conformer à vos usages habituels, quoique j'en sois réellement fâché, j'admire beaucoup une obéissance sans bornes; et, puisque les ordres de votre souverain s'y opposent, je ne consentirai jamais, pour satisfaire mes désirs, à ternir un seul instant votre admirable loyauté.

«Cependant, aussitôt que la lumière du soleil aura demain éclairé l'univers, j'irai, suivi de mes almadies, rendre visite à la belliqueuse flotte, que depuis tant de jours je désire voir. Et, en cas qu'elle ait subi des dégâts causés par le vent et la longueur de la route, elle trouvera ici sans avoir à craindre aucune arrière pensée, un pilote, des munitions et des vivres.»

Ainsi parla le roi. Le fils de Latona se cachait dans les eaux, lorsque le messager, suivi de ses joyeux compagnons, regagna la flotte sur sa barque rapide. Tous les marins sont ravis; ils ont enfin trouvé le véritable remède à leurs maux. Maintenant, sûrs de rencontrer le pays qu'ils cherchaient, ils se livrent pendant la nuit à des transports de gaieté.

Là il ne manque ni les pièces d'artifice, imitant les comètes tremblantes, ni les coups de canon qui épouvantent le ciel, la terre et l'Océan. Nouveaux Cyclopes, les Lusitaniens mettent le feu aux bombes éclatantes, pendant que d'autres font retentir les airs de leurs chants mariés aux accents d'instruments sonores.

De terre on leur répond par le sifflement des foudres artificielles. La roue ardente tourbillonne dans les airs; la poudre sulphurique éclate avec fracas. Les cris des hommes s'élèvent jusqu'au ciel; la terre et la mer sont couvertes de feux étincelants; c'est ainsi qu'ils se fêtent à l'envi dans cette lutte simulée.

Déjà le ciel éclairé invitait les mortels au travail, et la mère de Memnon, apportant la lumière, mettait des entraves au sommeil indolent. Les ombres lentes se déformaient peu à peu et tombaient en fraîche rosée sur les fleurs de la terre, lorsque le roi de Mélinde s'embarqua pour aller visiter la flotte étrangère.

Tout autour de la plage on aperçoit une foule entassée, curieuse de voir les nouveaux venus; les étoffes de soie et de pourpre éclatent aux rayons du soleil; et au lieu des belliqueuses zagaies (20) ou des arcs imitant le croissant de Diane, les Maures ne portent que des branches de palmier, insignes de la victoire.

Un grand et large canot recouvert d'une tente de soie de couleurs diverses porte le roi de Mélinde accompagné des nobles et seigneurs de son royaume. Vêtu des riches habits coupés à la mode de son pays, le monarque est coiffé d'un turban tissé de soie, de coton et d'or.

XCV

Cabaia de damasco rico e dino,
 Da Tyria côr, entre elles estimada;
 Hum collar ao pescoço, de ouro fino,
 Onde a materia da obra he superada;
 C'hum resplendor reluze adamantino,
 Na cinta, a rica adaga bem lavrada;
 Nas alparcas dos pés, em fim de tudo,
 Cobrem ouro e aljofar ao veludo.

XCVI

Com hum redondo aumparo alto de seda,
 Em huma alta e dourada hastea enxerido,
 Hum ministro á solar quentura veda,
 Que não offenda e queime o Rei subido.
 Musica traz na proa, estranha e leda,
 De aspero som, horrisono ao ouvido,
 De trombetas arcadas em redondo,
 Que sem concerto fazem rudo estrondo.

XCVII

Não menos guarnecido o Lusitano
 Nos seus bateis da frota se partia,
 A receber no mar o Melindano,
 Com lustrosa e honrada companhia.
 Vestido o Gama vem ao modo Hispano,
 Mas Franceza era a roupa que vestia,
 De setim da Adriatica Veneza
 Carmesi, côr que a gente tanto preza.

XCVIII

De botões d'ouro as mangas vem tomadas,
 Onde o Sol reluzindo a vista cega;
 As calças soldadescas recamadas
 Do metal, que Fortuna a tantos nega;
 E com pontas do mesmo delicadas
 Os golpes do gibão ajunta e achega;
 Ao Italico modo a aurea espada,
 Pluma na gorra, hum pouco declinada.

XCIX

Nos de sua companhia se mostrava,
 Da tinta que dá o murice excellente
 A varia côr, que os olhos alegrava,
 E a maneira do traje diferente.
 Tal o formoso esmalte se notava,
 Dos vestidos olhados, juntamente,
 Qual apparece o arco rutilante
 Da bella nymphá, filha de Thaumante (21).

C

Sonorosas trombetas incitavam
 Os animos alegres resoando;
 Dos Mouros os bateis o mar coalhavam,
 Os tôldos pelas aguas arrojando.
 As bombardas horrisonas bramavam,
 Com as nuvens de fumo o Sol touando:
 Amiudam-se os brados accendidos,
 Tapam co'as mãos os Mouros os ouvidos.

CI

Já no batel entrou do Capitão
 O Rei, que nos seus braços o levava;
 Elle co'a cortezia, que a razão
 (Por ser Rei) requeria, lhe fallava.
 C'humas mostras de espanto e admiração
 O Mouro o gesto e o modo lhe notava
 Como quem em mui grande estima tinha
 Gente que de tão longe á India vinha.

CII

E com grandes palavras lhe offerece
 Tudo o que de seus reinos lhe cumprise,
 E que se mantimento lhe fallece,
 Como se proprio fosse, lho pedisse.
 Diz-lhe mais, que por fama bem conheo
 A gente Lusitana, sem que a visse;
 Que já ouvio dizer, que n'ontra terra
 Com gente de sua lei tivesse guerra.

Son manteau est de riche damas teint de la pourpre tyrienne, nuance si estimée en ces contrées. Il porte au cou un collier d'or où l'art l'emporte sur la matière; sa dague, richement travaillée, reluit à sa ceinture de l'éclat du diamant, et, pour tout dire, ses sandales de velours sont brodées d'or et de perles fines.

Un des seigneurs, tenant un parasol en soie, rond et supporté par une tige dorée, garantit le superbe roi de l'ardeur importune du soleil. Sur la proue se tiennent des musiciens qui, de leur trompettes recourbées, laissent en signe de joie des sons désordonnés et bruyants.

Les Lusitaniens, non moins richement équipés, sautent des navires dans les canots; un brillant cortège se dirige au-devant du roi de Mélinde. Gama, habillé à la mode espagnole, porte des vêtements faits en France avec le précieux satin cramoisi que produit l'aquatique Vénise.

Ses manches, retenues par des boutons d'or, reluisent au soleil d'un éclat qui aveugle. Les hauts-de-chausses de son uniforme sont d'une étoffe brochée de ce métal que la fortune refuse à tant de mortels. De gracieux ferrets du même métal attachent les crevés de son pourpoint. Il porte une épée d'or à la manière italienne, et la plume de sa toque est légèrement inclinée.

Ses compagnons étaient pour la plupart vêtus d'étoffes de pourpre et de costumes variés qui réjouissaient la vue. L'effet de toutes ces couleurs réunies était comparable à celui que produit l'arc radieux de la belle nymphe Iris, la fille de Thaumas (21).

Les trompettes sonores excitaient de leurs accents les cœurs joyeux; les barques des Musulmans couvraient l'Océan, et leurs pavillons effleuraient les eaux. Les terribles bombardes vomissaient leurs bruyants éclats; un nuage de fumée obscurcissait la clarté du soleil. On entendait redoubler les cris perçants et les Maures effrayés portaient la main à leurs oreilles.

Mais bientôt le roi saute dans la barque du capitaine. Voyant le monarque lui donner une tendre accolade, Gama lui parle avec tout le respect dû à son rang élevé. Le Maure est rempli d'étonnement et d'admiration; il ne fait qu'examiner sa physionomie et ses gestes, tenant pour très-estimable un peuple qui est venu si loin chercher le chemin de l'Inde.

Il lui offre généreusement tout ce qui pourra lui convenir dans ses domaines; s'il a besoin de vivres, il peut lui en demander; comme s'il était le maître. Il lui dit aussi que, sans l'avoir vu il connaissait déjà la gens lusitanienne; il avait appris par la renommée qu'un autre peuple de sa secte lui avait jadis fait la guerre.

CIII

E como por toda Africa se soa
 Lhe diz os grandes feitos que fizeram,
 Quando nella ganharam a corôa
 Do reino, onde as Hesperidas viveram.
 E com muitas palavras apregoa
 O menos que os de Luso mereceram,
 E o mais que pela fama o Rei sabia:
 Mas desta sorte o Gama respondia.

CIV

Ó tu, que só tiveste piedade,
 Rei benigno, da gente Lusitana,
 Que com tanta miseria e adversidade,
 Dos mares exprimenta a furia insana;
 Aquella alta e divina Eternidade,
 Que o céo revolve, e rege a gente humana,
 Pois que de ti taes obras recebemos,
 Te pague o que nós ontros não podemos.

CV

Tu só de todos quantos queima Apollo
 Nos recebes em paz, do mar profundo;
 Em ti dos ventos horridos de Eolo
 Refugio achâmos bom, fido e jucundo.
 Em quanto apascentar o largo polo
 As estrellas, e o Sol der lume ao mundo,
 Onde quer que eu viver, com fama e gloria,
 Vivirão teus louvores em memoria.

CVI

Isto dizendo, os barcos vão remando
 Para a frota, que o Mouro ver deseja;
 Vão as náos huma e huma rodeando,
 Porque de todas tudo note e veja.
 Mas para o céo Vulcano fuzilando,
 A frota co'as bombardas o festeja;
 E as trombetas canoras lhe tangiam:
 Co'os anafis os Mouros respondiam.

CVII

Mas depois de ser tudo já notado
 Do generoso Mouro, que pasmava,
 Ouvindo o instrumento inusitado,
 Que tamanho terror em si mostrava;
 Mandava estar quieto e ancorado
 N'agua o batel ligeiro que os levava,
 Por fallar de vagar co'o forte Gama
 Nas cousas de que tem noticia e fama.

CVIII

Em praticas o Mouro differentes
 Se deleitava, perguntando agora
 Pelas guerras famosas e excellentes,
 Co'o povo havidas, que a Mafoma adora:
 Agora lhe pergunta pelas gentes
 De toda a Hesperia ultima, onde mora;
 Agora pelos povos seus vizinhos;
 Agora pelos humidos caminhos.

CIX

Mas antes, valeroso Capitão,
 Nos conta, lhe dizia, diligente
 Da terra tua o clima, e região
 Do mundo onde morais, distinctamente
 E assi de vossa antigua geração,
 E o principio do reino tão potente,
 Co' os successos das guerras do começo;
 Que sem sabe-las, sei que são de preço.

CX

E assi tambem nos conta dos rodeios
 Longos, em que te traz o mar irado;
 Vendo os costumes barbaros alheios,
 Que a nossa Africa ruda tem criado.
 Conta; que agora vem co' os aureos freios
 Os cavallos, que o carro marchetado
 Do novo Sol, da fria Aurora trazem:
 O vento dorme, o mar e as ondas jazem.

Il raconte ce que connaît toute l'Afrique des triomphes que les Portugais y remportèrent, lorsqu'ils y gagnèrent la couronne de ce royaume qui fut jadis le séjour des Hespérides. Enfin il ne se lasse pas de vanter les moindres exploits des fils de Lusius, et d'autres encore dont la déesse aux cent voix lui a rapporté le récit. Gama lui répond :

« O vous, monarque bienveillant, vous, qui seul avez en pitié des Lusitaniens éprouvés par tant d'adversités et de malheurs sur la mer irritée; que la haute puissance éternelle, qui meut le ciel et régit les humains, vous récompense pour nous des bienfaits dont vous nous comblez.

« Vous seul, parmi tous ceux que Phébus brûle de ses feux, vous nous recevez en paix, nous qui venons de la mer profonde. Chez vous nous trouvons un asile sûr et bienfaisant contre les vents furieux d'Eole. Tant que le ciel sera parsemé d'étoiles et que le soleil éclairera le monde, n'importe où je vivrai, vos louanges revivront glorieuses dans la mémoire des hommes! »

Il dit, et aussitôt les barques des Maures se dirigent vers la flotte, que le roi désire visiter. Elles font le tour de chaque vaisseau, pour que le monarque puisse tout observer. La flotte l'accueille avec une salve de coups de canon, et Vulcain renvoie vers le ciel ses éclats lumineux. Les sonores trompettes jouent des fanfares joyeuses; les Maures leur répondent avec leurs instruments barbares.

Après avoir tout examiné, le généreux Mahométan, tout étonné d'entendre cette machine inconnue qui inspirait la terreur, fit rester immobile grâce au secours de l'ancre le rapide bateau qui le portait, pour entretenir tranquillement le brave Gama des événements dont le bruit lui était parvenu.

Le Maure se plaisait à lui exposer divers sujets, faisant mille questions tantôt sur les fameuses guerres entreprises contre le peuple qui adore Mahomet, tantôt sur les différents habitants de toute l'Hespérie, patrie de Gama, puis sur les peuples qui l'avoisinent, et enfin sur les périls de sa navigation.

« Mais avant tout, lui disait-il, valeureux capitaine, hâte-toi de nous faire connaître le climat de la contrée que tu habites et la partie du monde où elle est située. Explique-nous l'antique origine de ta nation et la fondation de ce royaume si puissant, sans oublier les victoires que vous avez remportées dès le principe, et dont, sans les connaître, je n'ignore pas la valeur.

« Conte-nous aussi les longs détours que t'a fait accomplir l'Océan irrité, pendant que tu observais les mœurs barbares et inconnues de notre grossière Afrique. Commence ton récit, car voici venir de nouveau les chevaux du soleil traînant avec leurs freins dorés son char resplendissant depuis les domaines de la froide Aurore. Le vent est tombé, la mer et ses vagues sont couchées en silence.

CXI

E não menos co'o tempo se parece
 O desejo de ouvir-te o que contares;
 Que quem ha, que por fama não conhece
 As obras Portuguezas singulares?
 Não tanto desviado resplandece
 De nós o claro Sol, para julgares,
 Que os Melindanos tem tão rudo peito,
 Que não estimem muito hum grande feito.

CXII

Commetteram soberbos os Gigantes
 Com guerra vã o Olympo claro e puro:
 Tentou Pirithoo e Théseo, de ignorantes,
 O reino de Plutão horrendo e escuro:
 Se houve feitos no mundo tão possantes,
 Não menos he trabalho illustre e duro,
 Quanto foi commetter inferno e céo,
 Que outrem commetta a furia de Nereo.

CXIII

Queimou o sagrado templo de Diana,
 Do subtil Ctesiphonio fabricado,
 Herostrato, por ser da gente humana
 Conhecido no mundo e nomeado:
 Se tambem com taes obras nos engana
 O desejo de hum nome avantajado,
 Mais razão ha que queira eterna gloria,
 Quem faz obras tão dignas de memoria.

«Tu le vois, le moment est propice; plus grand encore est le désir que nous avons d'écouter tes récits. Qui n'a jamais entendu parler des remarquables exploits des Portugais? L'ardent soleil ne brille pas assez loin de nous pour que tu juges les Méléindiens incapables d'estimer une action sublime.

«Dans une guerre insensée les orgueilleux géants eurent l'audace d'assaillir le radieux Olympe; Pirithoüs et Thésée osèrent, dans leur ignorance, affronter les périls du royaume obscur de Pluton. Si dans le monde se sont accomplis des faits si extraordinaires, il n'est pas moins méritoire ni moins difficile de braver la furie de Nérée que d'avoir attaqué le ciel et l'enfer.


«Pour se faire connaître et renommer dans l'univers, Érostrate brûla le temple sacré de Diane, construit par l'éminent Ctésiphon. Si le désir d'avoir un nom illustre sait nous aveugler au point de nous faire commettre de telles actions, n'y a-t-il pas plus de raison à ce qu'une gloire éternelle soit convoitée par ceux qui font des œuvres dignes de la mémoire des hommes?»

CANTO III

As espadas banhando, e as brancas flores,
Que ella dos olhos seus regadas tinha,
Se encarniçavam, fervidos e irosos,
No futuro castigo não cuidadosos.

(Canto III, Est. CXXXII.)





« Les cruels ! ils souillèrent de sang
son teint de lis inondé par ses larmes,
ne réfléchissant pas au châtimeut qui
les attendait. »

(Chant. III, Stan. CXXXII.)

CANTO TERCEIRO

I

Agora tu, Calliope, me ensina
O que contou ao Rei o Illustre Gama;
Inspira immortal canto, e voz divina,
Neste peito mortal, que tanto te ama.
Assi o claro inventor da medicina,
De quem Orpheo pariste, ó linda dama,
Nunea por Daphne, Clyeie, ou Lencothoe,
Te negue o amor devido, como soe.

II

Põe tu, Nympha, em effeito meu desejo,
Como merece a gente Lusitana;
Que veja e saiba o mundo, que do Tejo
O licor de Aganippe corre e mana.
Deixa as flores de Pindo, que já vejo
Banhar-me Apollo n'agua soberana;
Senão direi, que tens algum receio,
Que se escoreça o teu querido Orpheio.

III

Promptos estavam todos escuitando
O que o sublime Gama contaria;
Quando, depois de hum pouco estar cuidando,
Alevantando o rosto, assi dizia:
Mandas-me, ó Rei, que conte declarando
De minha gente a grão genealogia;
Não me mandas contar estranha historia,
Mas mandas-me louvar dos meus a gloria.

IV

Que outrem possa louvar esforço alheio,
Cousa he que se costuma e se deseja;
Mas louvar os meus proprios, arreceio
Que louvor tão suspeito mal me esteja;
E para dizer tudo, temo e ercio,
Que qualquer longo tempo curto seja:
Mas pois o mandas, tudo se te deve;
Irei contra o que devo, e serei breve.

V

Alem disso, o que a tudo em fim me obriga,
He não poder mentir no que disser,
Porque de feitos taes, por mais que diga,
Mais me ha de fiar inda por dizer:
Mas porque nisto a ordem leve e siga,
Segundo o que desejas de saber,
Primeiro tratarei da larga terra,
Depois direi da sanguinosa guerra.

VI

Entre a zona, que o Cancro senhorea,
Meta Septentrional do Sol luzente,
E aquella, que por fria se atreeca
Tanto, como a do meio por ardente,
Jaz a soberba Europa, a quem rodea
Pela parte do Arcturo, e do Occidente
Com suas salsas ondas o Oceano,
E pela Austral, o mar Mediterraneo.

CHANT TROISIÈME

Diete-moi maintenant, ô Calliope, le discours que l'illustre Gama adressa au roi de Mélinde. Que ce faible cœur, ami des Muses, soit inspiré de ta voix immortelle et de tes divins accents! Que le savant Apollon, le père de ton Orphée, belle déesse, ne te préfère plus jamais, Daphné, Clytie ou Leucothoé, ni ne te refuse pour elles l'amour qu'il te doit.

Accomplis mes souhaits, ô belle nymphe; mets ton chant au niveau du mérite des Lusitaniens. L'univers entier doit savoir que le Tage roule les eaux d'Aganippe: quitte le Pinde fleuri, car je me sens déjà inondé de la liqueur sacrée d'Apollon; quitte-le, ou je dirai que tu crains de voir se ternir la renommée de ton fils bien-aimé, le chantre de la Thrace.

Tous attendaient en silence le discours du valeureux Gama, lorsque, après un moment de réflexion, il releva la tête et parla ainsi: «Vous m'ordonnez, ô roi, de narrer l'origine de ma nation; ce n'est pas une histoire étrangère que vous me demandez: ce sont les louanges et les gloires des miens.

«D'ordinaire, pour raconter les exploits d'un peuple, on choisit de préférence un étranger; j'ai peur que, si j'élève ceux du mien, on n'y soupçonne quelque intérêt. Enfin je crois que, pour tout dire, un espace de temps, qui vous paraîtrait long, ne me suffirait peut-être pas; mais puisque vous l'ordonnez, ô roi puissant, j'irai contre ce que je dois et ferai en sorte de raccourcir mon récit.

«Ce qui pourtant achève de me décider, c'est la certitude que j'ai de ne pouvoir mentir: les prouesses des miens sont si grandes que tout ce que je dirai sera moins long que ce qui me restera encore à dire. Cependant, afin de suivre un ordre d'idées dans cette série de hauts faits que vous désirez connaître, je commencerai par décrire le pays avant de parler de la guerre sanglante.

«Entre les feux de la zone dominée par le Cancer, limite septentrionale du soleil ardent, et celle où règne un froid éternel aussi terrible que les ardeurs de la zone torride, est située la superbe Europe, que bornent au Nord et à l'Occident les vagues salées de l'Océan, et au Midi la mer Méditerranée.

VII

Da parte donde o dia vem nascendo,
 Com Asia se avisinha: mas o rio,
 Que dos montes Rhipheios vae correndo
 Na alagoa Meotis, curvo e frio,
 As divide: e o mar, que fero e horrendo
 Vio dos Gregos o irado senhorio;
 Onde agora de Troia triumphante
 Não vê mais que a memoria o navegante.

VIII

Lá onde mais debaixo está do polo,
 Os montes Hyperboreos apparecem;
 E aquelles onde sempre sopra Eolo,
 E co'o nome dos sopros se ennobreem.
 Aqui tão pouca força tem de Apollo
 Os raios que no mundo resplandecem,
 Que a neve está contino pelos montes,
 Gelado o mar, geladas sempre as fontes.

IX

Aqui dos Scythas grande quantidade
 Vivem, que antigamente grande guerra
 Tiveram sobre a humana antiguidade,
 Co' os que tinham então a Egepcia terra (1);
 Mas quem tão fóra estava da verdade,
 (Já que o juizo humano tanto erra)
 Para que do mais certo se informára,
 Ao campo Damasceno (2) o perguntára.

X

Agora nestas partes se nomea
 A Lappia fria, a inculta Noroega;
 Escandinavia ilha, que se arrea
 Das victorias que Italia não lhe nega.
 Aqui, em quanto as aguas não refrea
 O congelado inverno, se navega
 Hum braço do Sarmatico Oceano,
 Pelo Brusio, Suecio e frio Dano.

XI

Entre este mar e o Tanais vive estranha
 Gente, Ruthenos, Moscos e Livonios,
 Sarmatas outro tempo; e na montanha
 Hercyna, os Marcomanos são Polonios.
 Sujeitos ao Imperio de Alemanha
 São Saxones, Bohemios e Pannonios,
 E outras varias nações, que o Rheno frio
 Lava, e o Danubio, Amasis e Albis rio.

XII

Entre o remoto Istro e o claro estreito,
 Aonde Helle deixou co'o nome a vida,
 Estão os Thraces de robusto peito,
 Do fero Marte patria tão querida;
 Onde co'o Hemo, o Rhodope sujeito
 Ao Othomano está, que submettida
 Byzancio tem a seu serviço indino;
 Boa injuria do grande Constantino!

XIII

Logo de Macedonia estão as gentes,
 A quem lava do Axio a agua fria:
 E vós tambem, ó terras excellentes
 Nos costumes, engenhos e ousadia:
 Que creastes os peitos eloquentes,
 E os juizos de alta phantasia,
 Com quem tu, clara Grecia, o céo penetras,
 E não menos por armas, que por letras.

XIV

Logo os Dalmatas vivem; e no seio,
 Onde Antenor já muros levantou (3),
 A soberba Veneza está no meio
 Das aguas, que tão baixa começou.
 Da terra hum braço vem ao mar, que cheio
 De esforço, nações varias sujeitou;
 Braço forte, de gente sublimada,
 Não menos nos engenhos, que na espada.

« Du côté où le soleil se lève, elle touche à l'Asie, et en est seulement séparée par le fleuve tortueux et glacé qui coule des monts Riphées vers le lac Méotis et la mer terrible qui a obéi aux Grecs irrités, et d'où le navigateur n'emporte plus aujourd'hui que le souvenir de la fameuse Troie.

« Plus près du pôle, apparaissent les monts Hyperboréus, et ceux où toujours souffle Éole et auxquels les vents ont donné leur nom. Là les rayons d'Apollon faibles et décolorés laissent sur les montagnes, dans la mer et dans les fontaines des glaces perpétuelles.

« C'est ici que le peuple des Scythes a établi sa demeure; ceux-ci rivalisèrent jadis d'antiquité avec les habitants de l'ancienne Égypte (1). Les aveugles! Ils étaient également éloignés de la vérité! Pourquoi donc, s'ils tenaient tant à s'instruire, n'allèrent-ils pas chercher des renseignements plus véridiques dans les plaines de Damas (2)?

« Maintenant on cite dans ces régions la froide Lappie, l'inculte Norwége, cette île escandinave qui se vante des victoires que l'Italie ne peut lui refuser. Là il n'y a de navigable qu'un bras de l'Océan sarmatique, tant que la glace n'en obstrue pas l'entrée au Suédois, au Brusien ou à l'habitant du froid Danemark.

« Entre cette mer et le Tanaïs vivent d'étranges peuples, tels que les Russes, les Moscovites, les Livoniens, autrefois nommés Sarmates, et sur les monts Hercins les anciens Marcomans ont pris le nom de Polonais. Puis viennent les peuples tributaires de l'empire d'Allemagne, tels que les Saxons, les Bohémiens, les Pannoniens et plusieurs autres nations qui voient couler les eaux du Rhin, du Danube, de l'Éms et de l'Elbe.

« Entre le lointain Ister et le célèbre détroit où Hellé laissa son nom et sa vie, est la belliqueuse Thrace, dont Mars est orgueilleux d'être le fils, aujourd'hui soumise à l'Ottoman, qui, non content de l'Hémus et du Rhodope, domine injustement Byzance et outrage la mémoire de Constantin.

« Puis viennent les contrées de la Macédoine qu'arrosent les froides eaux de l'Axius, et vous aussi, ô peuples toujours renommés pour vos mœurs, votre talent, votre bravoure; vous d'où sont sortis tant d'hommes éloquents, tant d'esprits remarquables; illustre Grèce, c'est grâce à eux que tu t'es élevée à une hauteur immortelle, c'est grâce à leurs hauts faits militaires aussi bien qu'à leurs œuvres de génie!

« Près de là vivent les Dalmates, et du sein des eaux, non loin du terrain où Anténor jadis éleva des murailles (3), l'on voit sortir la superbe Venise, cette cité dont l'origine fut si obscure. Là s'avance sur la mer ce bras de terre, qui, plein de courage, soumit tant de nations diverses; ce bras valeureux d'un peuple aussi illustre par son génie que par son épée.

XV

Em torno o cerca o reino Neptunino,
 Co' os muros naturaes por outra parte:
 Pelo meio o divide o Apennino,
 Que tão illustre fez o patrio Marte.
 Mas depois que o Porteiro tem divino,
 Perdendo o esforço veio, e bellica arte:
 Pobre está já da antiga potestade;
 Tanto Deos se contenta de humildade!

XVI

Gallia alli se verá, que nomeada
 Co'os Cesareos triumphos foi no mundo,
 Que do Sequana e Rhodano he regada,
 E do Garunna frio, e Rheo fundo:
 Logo os montes da Nympha sepultada
 Pyrene se alevantam, que segundo
 Antiguidades contam, quando arderam,
 Rios de ouro, e de prata então. coueram.

XVII

Eis-aqui se descobre a nobre Hespanha,
 Como cabeça alli da Europa toda;
 Em cujo senhorio, e gloria estranha
 Muitas voltas tem dado a fatal roda:
 Mas nunca poderá com força ou manha
 A fortuna inquieta pôr-lhe nodã,
 Que lha não tire o esforço e ousadia
 Dos bellicosos peitos que em si eria.

XVIII

Com Tingitania entesta, e alli parece
 Que quer fechar o mar Mediterraneo,
 Onde o sabio Estreito se ennobrece
 Co' o extremo trabalho do Thebano.
 Com nações differentes se engrandece,
 Cercadas com as ondas do Oceano;
 Todas de tal nobreza e tal valor,
 Que qualquer dellas cuida que he melhor.

XIX

Tem o Tarragonez, que se fez claro
 Sujeitando Parthenope inquieta;
 O Navarro, as Asturias, que reparo
 Já foram contra a gente Mahometa,
 Tem o Gallego cauto, e o grande e raro
 Castelhana, a quem fez o seu planeta
 Restituidor de Hespanha, e senhor della,
 Betis, Leão, Granada, com Castella.

XX

Eis-aqui, quasi cume da cabeça
 De Europa toda, o reino Lusitano;
 Onde a terra se acaba e o mar começa,
 E onde Phebo repousa no Oceano.
 Este quiz o Céu justo que florea
 Nas armas contra o torpe Mauritano,
 Deitando-o de si fóra; e lá na ardente
 Africa estar quieto o não consente.

XXI

Esta he a ditosa patria minha amada;
 Á qual se o Céu me dá, que eu sem perigo
 Torne, com esta empreza já acabada,
 Acabe-se esta luz alli comigo.
 Esta foi Lusitania, derivada
 De Luso ou Lysa, que de Baccho antigo
 Filhos foram, parece, ou companheiros,
 E nella então os incolas primeiros.

XXII

Desta o pastor nasceo, que no seu nome
 Se vê que de homem forte os feitos teve (4);
 Cujã fama ninguem virã que dome,
 Pois a grande de Roma não se atreve.
 Esta, o velho que os filhos proprios come,
 Por decreto do Céu, ligeiro e leve,
 Veio a fazer no mundo tanta parte,
 Creando-a reino illustre; e foi desta arte.

« Entouré par le royaume de Neptune, ce pays est d'un côté borné par des murailles naturelles; il est coupé dans toute sa longueur par l'Apennin, que Bellone jadis ensanglanta; mais la paix y règne, depuis qu'il obéit au divin Père de l'Église; on y a oublié les guerres et l'immense éclat d'autrefois, tant il est vrai que Dieu se plaît dans l'humilité.

« Plus loin est situé ce pays, illustré par les triomphes de César, la Gaule, qu'arrosent la Seine, le Rhône, le Rhin profond et la froide Garonne; puis viennent ces montagnes qui servirent de tombeau à la nymphe Pyrène, d'où, si l'on en croit la tradition, les flammes firent couler des fleuves d'or et d'argent.

« Mais voici qu'on découvre la noble Espagne; c'est pour ainsi dire la tête de l'Europe; l'Espagne, dont la puissance et la gloire ont subi d'étranges révolutions. Jamais le sort ne pourra, ni par force ni par ruse, imprimer une souillure à sa grandeur, qui ne soit sur-le-champ effacée par le courage et l'audace des héros qu'elle produit.

« Elle confine à la Tingitanie et semble vouloir fermer la mer Méditerranée, là où est situé le détroit d'Alcide, dernier travail du héros thébain. Elle est composée de nations diverses, baignées par l'Océan, toutes si nobles et si courageuses, que chacune d'elles se préfère à toutes les autres.

« Elle renferme le Tarragonais, qui se rendit célèbre par la conquête de l'inquiète Parthénopée; le Navarrais, l'Asturien, jadis un rempart terrible pour le peuple de Mahomet; le prudent Gallicien et le grand et brave Castillan, à qui son heureuse étoile accorda la conquête et le domaine de l'Espagne, composé de la Bétique, de Léon, de Grenade et de Castille.

« Voici enfin, pour ainsi dire, le sommet de la tête de toute l'Europe: c'est le royaume de Lusitanie; là finit la terre, et commence cette mer où se plonge le soleil couchant. Le ciel a voulu qu'il s'illustrât par les armes, en chassant le vil Mauritanien et allant le poursuivre jusque dans les déserts brûlants de l'Afrique.

« Celle-ci est ma patrie heureuse, ma patrie bien aimée! Si le ciel consent à m'y ramener sain et sauf, après que j'aurai mené à bonne fin mon entreprise, la lumière du jour peut bien s'y éteindre pour moi! C'était jadis la Lusitanie, qui avait pris son nom de Lusus ou de Lysas, fils, dit-on, ou compagnons de Bacchus, et premiers habitants de cette contrée.

« Là naquit ce berger dont le nom justifie bien ses exploits (4), et dont personne ne ternira jamais la gloire, puisque Rome elle-même n'a pas osé la rabaisser. Maintenant je vais vous dire comment, de ce pays, le vieillard parricide, en vertu d'un décret du ciel, fit un royaume des plus remarquables et des plus puissants dans le monde entier.

XXIII

Hum Rei, por nome Affonso (5), foi na Hespanha,
 Que fez aos Serracenos tanta guerra,
 Que por armas sanguinas, força e manha,
 A muitos fez perder a vida e a terra.
 Voando deste Rei a fama estranha,
 Do Herculano Calpe (6) á Caspia serra,
 Muitos, para na guerra esclarecer-se,
 Vinham a elle, e á morte offercer-se.

XXIV

E c'hum amor intrinseco accendidos
 Da Fé, mais que das honras populares,
 Eram de varias terras conduzidos,
 Deixando a patria amada e proprios lares.
 Depois que em feitos altos e subidos,
 Se mostraram nas armas singulares,
 Quiz o famoso Affonso, que obras taes
 Levassem premio digno e dons iguaes.

XXV

Destes Henrique, dizem, que segundo
 Filho de hum Rei de Hungria experimentado (7),
 Portugal houve em sorte, que no mundo
 Então não era illustre, nem prezado;
 E para mais signal d'amor profundo,
 Quiz o Rei Castelhana, que casado
 Com Tereza sua filha o Conde fosse;
 E com ella das terras tomou posse.

XXVI

Este depois que contra os descendentes
 Da escrava Agar victorias grandes teve,
 Ganhando muitas terras adjacentes,
 Fazendo o que a seu forte peito deve:
 Em premio destes feitos excellentes,
 Deo-lhe o supremo Deos, em tempo breve,
 Hum filho que illustrasse o nome ufano
 Do bellicoso reino Lusitano.

XXVII

Já tinha vindo Henrique da conquista
 Da cidade Hierosolyma sagrada,
 E do Jordão a arêa tinha vista,
 Que vio de Deos a carne em si lavada;
 Que não tendo Gothfredo a quem resista,
 Depois de ter Judca subjugada,
 Muitos que nestas guerras o ajudaram,
 Para seus senhorios se tornaram.

XXVIII

Quando, chegado ao fim de sua idade,
 O forte e famoso Hungaro estremado,
 Forçado da fatal necessidade,
 O espirito deo a quem lho tinha dado:
 Ficava o filho em tenra mocidade,
 Em quem o pai deixava seu traslado:
 Que do mundo os mais fortes igualava;
 Que de tal pai tal filho se esperava.

XXIX

Mas o velho rumor, não sei se errado,
 Que em tanta antiguidade não ha certeza,
 Conta que a mãe tomando todo o estado,
 Do segundo hymeneo não se despreza.
 O filho orpham deixava desherdado,
 Dizendo, que nas terras a grandeza
 Do senhorio todo só sua era,
 Porque para casar seu pai lhas dera.

XXX

Mas o Principe Affonso, que desta arte
 Se chamava, do avô tomando o nome,
 Vendo-se em suas terras não ter parte,
 Que a mãe com seu marido as manda e come,
 Fervendo-lhe no peito o duro Marte,
 Imagina comsigo como as tome:
 Revolidas as causas no conceito,
 Ao proposito firme segue o effeito.

« Il y eut en Espagne un roi nommé Alphonse (5), qui guerroya tant contre les Sarrasins, que, au moyen de mille ruses et stratagèmes, il en extermina et en chassa un bon nombre; et, comme sa renommée s'étendait depuis le promontoire de Galpé (6) jusqu'aux montagnes élevées du Caucase, il y eut bien des gentilshommes qui, pour se rendre fameux dans l'art militaire, vinrent s'offrir à lui et à la mort.

« Enflammés de l'ardeur de la foi plutôt qu'avidés d'honneurs, il abandonnaient leurs pénates et leur patrie bien-aimée pour se rendre en Espagne. Or, comme ils se distinguèrent dans de terribles combats, le brave Alphonse voulut que de telles prouesses fussent dignement récompensées.

« Parmi eux se trouvait Henri, deuxième fils d'un illustre roi de Hongrie (7); ce fut à lui que le sort donna le Portugal, pays que les succès n'avaient point encore ennobli. Et, pour mieux encore lui prouver sa reconnaissance, le roi de Castille voulut marier sa fille Thérèse au comte hongrois, qui prit immédiatement possession de ses terres.

« Après bien des victoires obtenues sur les descendants de l'esclave Agar, après la conquête des pays adjacents, ce vaillant prince se vit bientôt décerner le prix de ses hauts faits: Dieu lui donna un fils qui devait illustrer le nom du peuple belliqueux de Lusitanie.

« Déjà le prince Henri était revenu de la conquête de Jérusalem, la ville sainte; il avait vu les bords du fleuve sacré du Jourdain, où Dieu baigna jadis son corps; car, après que Godofroy triomphant eut goûté du repos dans la Judée qu'il avait soumise, bien des seigneurs, ses alliés, rentrèrent dans leurs domaines;

« Lorsque, arrivé à l'extrémité de la vie, le brave et illustre Hongrois, obéissant aux exigences de la fatalité, rendit son âme à celui qui la lui avait donnée. Il laissait à son jeune enfant son héritage héroïque; cet enfant, qui marchait de pair avec les plus braves, était bien la vivante image de son père.

« Mais si l'on en croit une antique légende, car rien ne prouve la véracité de cette histoire si ancienne, sa mère, en contractant un second hymen, s'empara de tout le pays, ne craignant pas de déshériter son fils, le pauvre orphelin, et prétendant avoir des droits sur la dot qu'elle avait reçue de son père quand elle s'était mariée.

« Le prince Alphonse, qui avait reçu le nom de son aïeul, se voyant dépouillé de ses possessions tombées entre les mains de sa mère et du tyran qu'elle avait épousé, impatient de combattre, cherche le moyen de reprendre son héritage. Après avoir mûrement réfléchi, il met immédiatement ses projets à exécution.

XXXI

De Guimarães o campo se tingia
 Co'o sangue proprio da intestina guerra,
 Onde a mãe, que tão pouco o parecia,
 A seu filho negava o amor e a terra.
 Com elle posta em campo já se via;
 E não vê a soberba o muito que erra
 Contra Deos, contra o maternal amor;
 Mas nella o sensual era maior.

XXXII

Ó Progne erua! ó magica Medea!
 Se em vossos proprios filhos vos vingais
 Da maldade dos pais, da culpa alhea,
 Olhai que ainda Teresa pecca mais.
 Incontinencia má, cobiça fea,
 São as causas deste erro principaes:
 Seylla por huma mata o velho pai,
 Esta por ambas contra o filho vai.

XXXIII

Mas já o Principe elaro o vencimento
 Do padrasto e da iniqua mãe levava;
 Já lhe obedee a terra n'hum momento,
 Que primeiro contra elle pelejava:
 Porém, vencido de ira o entendimento,
 A mãe em ferros asperos atava:
 Mas de Deos foi vingada em tempo breve;
 Tanta veneração aos pais se deve!

XXXIV

Eis se ajunta o soberbo Castelhanao,
 Para vingar a injuria de Teresa,
 Contra o tão raro em gente Lusitano,
 A quem nenhum trabalho agrava, ou pesa.
 Em batalha cruel o peito humano,
 Ajudado da angelica defesa,
 Não só contra tal furia se sustenta,
 Mas o inimigo asperrimo affugenta.

XXXV

Não passa muito tempo, quando o forte
 Principe em Guimarães está eereado
 De infinito poder; que desta sorte
 Foi refazer-se o imigo magoado:
 Mas, com se offerecer á dura morte
 O fiel Egas amo (8), foi livrado;
 Que de outra arte pudera ser perdido,
 Segundo estava mal apereebido.

XXXVI

Mas o leal vassallo, conheendo
 Que seu senhor não tinha resistencia,
 Se vai ao Castelhanao, promettendo
 Que elle faria dar-lhe obediencia.
 Levanta o inimigo o cerco horrendo,
 Fiado na promessa e consciencia
 De Egas Moniz: mas não consente o peito
 Do moço illustre a outrem ser sujeito.

XXXVII

Chegado tinha o prazo promettido,
 Em que o Rei Castelhanao já aguardava,
 Que o Principe, a seu mando submettido,
 Lhe desse a obediencia, que esperava.
 Vendo Egas que ficava fementido,
 O que delle Castella não cuidava,
 Determina de dar a doee vida
 A troco da palavra mal cumprida:

XXXVIII

E com seus filhos e mulher se parte
 A alevantar com elles a fiança;
 Desealços e despídos, de tal arte
 Que mais move a piedade que a vingança.
 Se pretendes, Rei alto, de vingar-te
 De minha temeraria confiança,
 Dizia, eis-aqui venho offerecido
 A te pagar co'a vida o promettido.

« Déjà les plaines de Guimaraens se rougissaient du sang de la guerre civile, par la faute de cette mère dénaturée refusant à son fils le sol qui lui revenait de droit. Elle assistait elle-même à la bataille, ne voyant pas combien elle péchait contre Dieu et contre l'amour maternel. Mais chez elle les sens étouffaient tout sentiment.

« O cruelle Progné, ô magicienne de Colehos! Si, dans le sang de vos enfants vous vous êtes vengées des fautes de leur père ou de crimes qu'ils ignoraient, Thérèse commet encore un plus grand péché, celui d'une incontinence barbare, d'une honteuse avidité! Seylla n'obéit qu'au premier de ces vices pour assassiner son vieux père; Thérèse se rendit coupable des deux, en tournant contre son fils ses armes patriciennes.

« Mais déjà le brave prince a triomphé de son beau-père et de sa mère criminelle; bientôt le peuple qui luttait contre lui tombe sous sa puissance; alors, aveuglé par la colère, Alphonse charge de fers les bras maternels. Mais Dieu devait bientôt l'en punir, tant nous devons de respect à nos parents!

« Pour venger Thérèse d'un tel affront, l'orgueilleux Castillan vole à son secours et vient attaquer l'armée lusitanienne, bien inférieure en nombre à la sienne, mais toujours audacieuse et prête à combattre. Dans une sanglante bataille, le courage portugais, secondé par le secours du ciel, non content de soutenir un tel choc, met en fuite le terrible ennemi.

« Celui-ci se hâte de réparer ses pertes, puis vient assiéger le brave Alphonse à Guimaraens avec ses forces toujours croissantes. Mais le fidèle Egas (8), en venant s'offrir à une mort cruelle, sauva son roi qui sans lui eût sûrement été perdu, dépourvu qu'il était de vivres et de munitions.

« Comprenant que son maître ne pouvait plus résister, le loyal serviteur se rend auprès du Castillan et lui promet qu'Alphonse se déclarera son vassal. A l'instant l'ennemi lève le siège, se fiant à la promesse du consciencieux Egas Moniz, et ne réfléchissant pas que le jeune héros ne consentira jamais à se soumettre.

« Le terme fixé pour la cérémonie était arrivé, et le roi de Castille attendait déjà que le prince vînt reconnaître la supériorité de l'Espagne, lorsqu'Egas, ne voulant point passer pour parjure aux yeux des Castillans, prit la résolution de donner sa propre vie en échange d'une promesse mal tenue.

« Il part, pour ne point manquer à sa foi, avec sa femme et ses enfants, en haillons et mis dans un tel état, qu'ils excitent plutôt la pitié que la colère: « Grand roi, dit-il, si tu désires te venger de ma téméraire confiance, me voici prêt à te donner ma vie pour un faux serment. »

XXXIX

Vês aqui trago as vidas innocentes
 Dos filhos sem peccado e da consorte;
 Se a peitos generosos e excellentes
 Dos fraeos satisfaz a fera morte.
 Vês aqui as mãos e a lingua delinquentes,
 Nellas sós exprimenta toda sorte
 De tormentos, de mortes, pelo estylo
 De Scinis, e do touro de Perillo (9).

XL

Qual diante do algoz o condemnado,
 Que já na vida a morte tem bebido,
 Põe no cepo a garganta, e já entregado
 Espera pelo golpe tão temido;
 Tal diante do Principe indignado
 Egas estava a tudo offereido:
 Mas o Rei, vendo a estranha lealdade,
 Mais pôde em fim que a ira, a piedade.

XLI

Oh grão fidelidade Portugueza,
 De vassallo que a tanto se obrigava!
 Que mais o Persa fez naquella empreza,
 Onde rosto e narizes se cortava?
 Do que ao grande Dario tanto peza,
 Que, mil vezes dizendo, suspirava,
 Que mais o seu Zopyro são prezára,
 Que vinte Babylonias que tomára.

XLII

Mas já o Principe Affonso apparelhava
 O Lusitano exercito ditoso
 Contra o Mouro, que as terras habitava
 D'além do claro Tejo deleitoso:
 Já no campo de Ourique se assentava
 O arraial soberbo e bellicoso,
 Defronte do inimigo Sarraceno,
 Postoque em força e gente tão pequeno.

XLIII

Em nenhuma outra cousa confiado,
 Senão no summo Deos, que o céo regia;
 Que tão pouco era o povo bautizado,
 Que para hum só cem Mouros haveria:
 Julga qualquer juizo socegado
 Por mais teueridade que ousadia,
 Commetter hum tamanho ajuntamento,
 Que para hum cavalleiro houvesse cento.

XLIV

Cinco Reis Mouros são os inimigos,
 Dos quaes o principal Ismar se chama;
 Todos exprimentados nos perigos
 Da guerra, onde se aleança a illustre fama:
 Seguem guerreiras damas (10) seus amigos,
 Imitando a formosa e forte dama,
 De quem tanto os Troianos se ajudaram (11),
 E as que o Thermodonte já gostaram.

XLV

A matutina luz serena e fria
 As estrellas do polo já apartava,
 Quando na Cruz o filho de Maria,
 Amostrando-se a Affonso, o animava.
 Elle, adorando quem lhe apparecia,
 Na Fé todo inflammado, assi gritava:
 Aos infieis, Senhor, aos infieis,
 E não a mi, que ercio o que podcis!

XLVI

Com tal milagre (12) os animos da gente
 Portugueza inflammados, levantavam
 Por seu Rei natural este excellente
 Principe, que do peito tanto amavam:
 E diante do exercito potente
 Dos inimigos, gritando o céo tocavam,
 Dizendo em alta voz: «Real, Real,
 Por Affonso alto Rei de Portugal.»

« Et si un cœur généreux et magnanime peut se satisfaire du sang de pauvres êtres innocents, je viens te livrer ces âmes si pures de mes enfants et de la compagne de mes jours. Voici mes mains et ma langue parjure; tu peux exercer sur nous les tourments de Sinis ou de Périllus (9). »

« De même qu'un condamné, traîné devant le bourreau, semble avoir déjà perdu la vie au moment où il met sa tête sur le billot, en attendant le coup si redouté; tel Egas, préparé à tout, attend les ordres du monarque irrité. Mais à la vue d'un pareil trait de loyauté, celui-ci passe de la colère à la compassion.

« O fidélité portugaise d'un vassal qui s'offrait à un pareil sacrifice! Que fit de plus ce Perse en se mutilant le visage, ce fidèle sujet dont Darins regrettait le dévouement, en disant qu'il aurait cent fois mieux aimé voir son Zopyre en bonne santé que régner sur vingt Babylohes?

« Mais déjà le prince Alphonse apprêtait de nouveau son heureuse armée contre les Maures, possesseurs des pays situés au delà du Tage aux bords riants. Déjà ses troupes aguerries, quoique peu nombreuses, campaient dans la plaine d'Onrique, devant les nombreuses cohortes des Sarrasins.

« Alphonse ne place sa confiance qu'en Dieu seul, car il voit bien que pour un de ses chrétiens, il y a cent Maures à l'ennemi. Un contre cent! c'est de la témérité plutôt que du courage, diront tous ceux qui réfléchiront froidement à cet acte inouï.

« Les Maures sont commandés par cinq rois, dont le plus puissant s'appelle Ismar; tous sont expérimentés dans les travaux de la guerre et y ont acquis un nom redouté. Sur leurs traces viennent des guerrières (10), dignes émules de la belle et brave alliée des Troiens (11) et des femmes intrépides du Thermodon.

« L'Aurore chassait les étoiles du firmament, lorsque le divin fils de Marie apparut sur sa croix au prince découragé; celui-ci, enflammé d'une religieuse ardeur, tombe à genoux devant le Dieu qui lui apparaît, et s'écrie; « Aux infidèles, seigneur, montrez-vous aux infidèles, plutôt qu'à moi qui erois à l'étendue de votre puissance. »

« Ce miracle (12) remplit les troupes d'une ardeur nouvelle; dans leur enthousiasme, elles proclament pour leur roi ce prince qu'elles chérissent. L'immense armée des Maures entend retentir leurs clameurs joyeuses: « Vive, s'écrient-elles, vive Alphonse, noble roi de Portugal! »

XLVII

Qual co'os gritos e vozes incitado,
Pela montanha o rabido moloso,
Contra o touro reinetto, que fiado
Na força está do corno temeroso;
Ora pega na orelha, ora no lado,
Latindo, mais ligeiro que forçoso,
Até que em fim, rompendo-lhe a garganta,
Do bravo a força horrenda se quebranta;

XLVIII

Tal do Rei novo o estomago, accendido
Por Deos, e pelo povo juntamente,
O barbaro commette apercebido,
Co'o animoso exercito rompente.
Levantam nisto os perros o alarido
Dos gritos; tocam á arma, ferve a gente,
As lanças e arcos tomam, tubas soam,
Instrumentos de guerra tudo atroam.

XLIX

Bem como quando a flamma, que ateadada
Foi nos aridos campos, (assoprando
O sibilante Boreas) animada
Co'o vento, o secco mato vai queimando:
A pastoral companha, que deitada
Co'o doce somno estava, despertando
Ao estridor do fogo, que se atea,
Recolhe o fato, e foge para a aldea:

L

Destá arte o Mouro attonito e torvado,
Toma sem tento as armas mui depressa;
Não foge, mas espera confiado,
E o gincte belligero arremessa.
O Portuguez o encontra denodado,
Pelos peitos as lanças lhe atravessa;
Huns cahem meios mortos, e outros vão
A ajuda convocando do Alcorão.

LI

Alli se vem encontros temerosos,
Para se desfazer huma alta serra;
E os animacs correndo furiosos,
Que Neptuno amostrou ferindo a terra.
Golpes se dão medonhos e forçosos,
Por toda a parte andava accessa a guerra:
Mas o de Luso, arnez, couraça e malha,
Rompe, corta, desfaz, abola e talha.

LII

Cabeças pelo campo vão saltando,
Braços, pernas, sem dono e sem sentido;
E d'outros as entranhas palpitando,
Pallida a côr, o gesto amortecido.
Já perde o campo o exercito nefando,
Correm rios do sangue desparzido,
Com que tambem do campo a côr se perde,
Tornado carmesi de branco e verde.

LIII

Já fica vencedor o Lusitano,
Recolhendo os tropheos e presa rica:
Desbaratado e roto o Mauro Hispano,
Tres dias o grão Rei no campo fica.
Aqui pinta no branco escudo n'fano,
Que agora esta victoria certifica,
Cinco escudos azues eselarecidos,
Em signal destes cinco Reis vencidos.

LIV

E nestes cinco escudos pinta os trinta
Dinheiros, por que Deos fora vendido;
Escrevendo a memoria em varia tinta,
Daquelle de quem foi favorecido.
Em cada hum dos cinco, cinco pinta,
Porque assi fica o numero cumprido;
Contando duas vezes o do meio
Dos cinco azues, que em cruz pintando veió.

«Tel sur la montagne le terrible molosse, excité par les cris redoublés des chasseurs, s'élançait contre un taureau qui place toute sa confiance dans ses cornes puissantes, et, le mordant tantôt à l'oreille, tantôt dans les flancs, aboyant et profitant de sa légèreté plutôt que de sa force, finit par lui déchirer la gorge et l'obliger à céder :

«Tel le nouveau roi, encouragé par ce miracle et par les cris de ses troupes, tombe sur l'armée des barbares à la tête de ses hardis bataillons. A ce signal, ces chiens font entendre leurs aboiements et courent précipitamment aux armes. Ils saisissent leurs arcs et leurs lances; les trompettes retentissent; les instruments de guerre frappent l'air comme la foudre.

«Lorsque le feu prend dans un champ desséché, et qu'animé par le violent souffle de Borée il se répand instantanément dans la forêt voisine, la troupe des bergers, qui reposait plongée dans un doux sommeil, se réveille au bruit de l'incendie toujours croissant, et, après avoir mis le troupeau en lieu sûr, court se réfugier dans le plus proche village;

«De même les Maures décontenancés prennent aveuglément leurs armes; ils ne fuient pas, mais ils attendent avec confiance les événements, en stimulant leurs coursiers belliqueux. Les braves Lusitaniens leur enfoncent leurs lances dans la poitrine; les uns tombent demi-morts, les autres invoquent le secours du Coran.

Quels terribles échos, capables d'ébranler des montagnes élevées! On voit courir de tous côtés les fougueux animaux que Neptune fit sortir de la terre; de toutes parts on se porte des coups redoutables; la fureur de la guerre est à son comble. L'intrépide Lusitanien rompt armures, cottes de mailles, cuirasses; il les enfonce, les perce, les coupe, les fend et les taille.

«Partout l'on voit voler des têtes que le glaive a tranchées; partout des bras, des jambes détachés de leur tronc; là des moribonds livides et défaillants aux entrailles encore palpitantes. Mais déjà le terrible ennemi a déserté la plaine, en voyant la verte campagne rongie par les flots de son sang.

«Les Portugais vainqueurs recueillent des trophées et un riche butin, et le grand roi triomphant reste trois jours encore sur le théâtre de la défaite des Maures d'Espagne. Sur son bouclier d'argent, témoin de sa victoire, il dessine cinq écussons d'azur, en mémoire des cinq rois vaincus

«Puis il y grave les trente deniers, infâme prix pour lequel le Christ fut vendu, et de cette manière il retrace avec des couleurs variées le souvenir de celui qui l'a favorisé de son assistance. Sur chacun des cinq écussons il dessine cinq deniers, afin de compléter le nombre nécessaire, en comptant deux fois celui du milieu, et il les dispose en forme de croix.

LV

Passado já algum tempo, que passada
Era esta grão victoria, o Rei subido
A tomar vai Leiria, que tomada
Fôra mui pouco havia do vencido.
Com esta a forte Arronches subjugada
Foi juntamente, e o sempre ennobrecido
Scalabicaastro, cujo campo ameno,
Tu, claro Tejo, regas tão sereno.

LVI

A estas nobres villas submettidas,
Ajunta tambem Mafra, em pouco espaço:
E nas serras da Lua conhecidas,
Sobjuga a fria Cintra o duro braço;
Cintra, onde as Naiades escondidas
Nas fontes vão fugindo ao doce laço,
Onde Amor as enreda brandamente,
Nas aguas accendendo fogo ardente.

LVII

E tu, nobre Lisboa, que no mundo
Facilmente das outras és princeza,
Que edificada foste do facundo (13),
Por eujo engano foi Dardania accessa:
Tu, a quem obedece o mar profundo,
Obedeceste á força Portuguesa,
Ajudada tambem da forte armada,
Que das Boreaes partes foi mandada.

LVIII

Lá do Germanico Albis, e do Rheno,
E da fria Bretanha conduzidos,
A destruir o povo Sarraceno,
Muitos com tenção santa eram partidos.
Entrando a boca já do Tejo ameno,
Co'o arraial do grande Affonso unidos,
Cuja alta fama então subia aos céos,
Foi posto cerco aos muros Ulysscos.

LIX

Cinco vezes a Lua se escondera,
E outras tantas mostrára cheio o rosto,
Quando a cidade entrada se rendera
Ao duro cerco, que lhe estava posto.
Foi a batalha tão sanguina e fera,
Quanto obrigava o firme presuppuesto,
De vencedores asperos e ousados,
E de vencidos já desesperados.

LX

Desta arte em fim tomada se rendeo
Aquella, que nos tempos já passados
Á grande força nunca obedeceo
Dos frios povos Scythicos ousados,
Cujos poder a tanto se estendeo,
Que o Ibero o vio e o Tejo amedrontados;
E em fim co'o Betis tanto alguns puderam,
Que á terra de Vandalia nome deram.

LXI

Que cidade tão forte por ventura
Haverá que resista, se Lisboa
Não pôde resistir á força dura
Da gente, cuja fama tanto voa?
Já lhe obedece toda a Estremadura,
Obidos, Alemquer, por onde soa
O tom das frescas aguas entre as pedras,
Que murmurando lava, e Torres-Vedras.

LXII

E vós tambem, ó terras Transtaganas,
Affamadas co'o dom da flava Ceres,
Obedeceis ás forças mais que humanas,
Entregando-lhe os muros e os poderes:
E tu, lavrador Mouro, que te enganas,
Se sustentar a fertil terra queres;
Que Elvas e Moura e Serpa conhecidas,
E Alcacere-do-Sal, estão rendidas.

« Quelque temps après cette importante victoire, le grand roi va prendre pour la seconde fois Leiria, dont les Maures s'étaient emparés tout récemment. Par la même occasion, il soumet la forte Arronches et la superbe Santarem, dont les riantes campagnes voient couler les eaux tranquilles du Tage.

« Bientôt il ajoute Mafra à toutes ces conquêtes, et dans les fameuses montagnes de la Lune son bras puissant dompte la froide Cintra, où les Naiades cachées dans les sources veulent échapper au doux piège de l'Amour; mais lui, traversant de ses feux l'onde pure, les enveloppe doucement de ses liens.

« Et toi, ô noble Lisbonne, toi que je nommerai sans crainte la reine du monde, toi qui fus bâtie par l'éloquent Ulysse (13), dont la ruse fut cause de l'incendie de Troie, toi à qui l'Océan obéit, tu reconnus aussi la supériorité des Lusitaniens, secondés par la belliqueuse flotte venue des pays du Septentrion.

« Partis de ces contrées germaniques arrosées par l'Elbe et le Rhin, ainsi que de la froide Bretagne, plusieurs guerriers conçurent le saint projet de venir détruire le peuple sarrasin. A peine eurent-ils franchi l'embouchure du Tage, que, se réunissant aux troupes du grand Alphonse, dont la haute renommée s'élevait alors jusqu'aux cieux, ils assiégèrent la cité d'Ulysse.

« La Lune avait cinq fois caché son disque, et cinq fois elle l'avait montré aux humains, lorsque la ville assaillie se rendit enfin, cédant à une attaque acharnée. La bataille fut sanglante et cruelle; et cela devait être, grâce au courage et à l'expérience des vainqueurs, et à la résistance désespérée des vaincus.

Ainsi succomba enfin cette ville qui n'avait jamais plié jadis sous le joug de ces intrépides barbares de la Seythie, dont la puissance s'acrut à un tel point, que l'Ebre et le Tage en tremblèrent et la Bétique subjuguée changea son nom contre celui de Vandalie.

« Mais, après Lisbonne, quelle ville pourra résister à ce peuple dont la gloire augmente de jour en jour? Déjà toute l'Estramadure lui obéit avec Obidos, Torres Vedras et la riante Alemquer, où les frais ruisseaux serpentent en murmurant au milieu des rochers.

« Et vous aussi, fertiles campagnes qui produisez au delà du Tage tous les fruits de la blonde Cérès, vous cédez vos cités et vos richesses à cette puissance surhumaine; et toi, ô laboureur maure, tu ne peux plus cultiver cette terre abondante: Elvas, Moura, Serpa et Alcaer, ces illustres villes, n'obéissent plus à ton nom.

LXIII

Eis a nobre cidade, certo assento
Do rebelde Sertorio antiguamente;
Onde ora as aguas nitidas de argento
Vem sustentar de longo a terra e a gente
Pelos arcos reaes, que cento e eento
Nos ares se alevantam nobremente,
Obedceco por meio e ousadia
De Giraldo, que medos não temia.

LXIV

Já na eidade Beja vai tomar
Vingança de Trancoso destruida
Affonso, que não sabe socegar,
Por estender eo' a fama a eurtá vida.
Não se lhe pôde muito sustentar
A eidade; mas, sendo já rendida,
Em toda a eousa viva a gente irada
Provando os fios vai da dura espada.

LXV

Com estas subjugada foi Palmella
E a piseosa Cezimbra, e juntamente,
Sendo ajudado mais de sua estrella,
Desbarata hum exercito potente:
Sentio-o a villa, e vio-o o Senhor della,
Que a soceorrel-a vinha diligente
Pela fralda da serra, deseuidado
Do temeroso encontro inopinado:

LXVI

O Rei de Badajoz era alto Mouro,
Com quatro mil cavallos furiosos,
Innumeros peões, d'armas e de ouro
Guarnecidos guerreiros e lustrosos.
Mas qual no mez de Maio o bravo touro,
Co'os ciumes da vacca arreecosos,
Sentindo gente o bruto e cego amante,
Saltea o deseuidado eaminhante:

LXVII

Dest'arte Affonso, subito mostrado,
Na gente dá, que passa bem segura;
Fere, mata, derriba denodado;
Foge o Rei Mouro, e só da vida cura:
D'hum panico terror todo assombrado,
Só de seguil-o o exercito procura;
Sendo estes, que fizeram tanto abalo,
No mais que só sessenta de cavallo.

LXVIII

Logo segue a victoria seu tardança
O grão Rei ineansabil, ajuntando
Gentes de todo o Reino, cuja usança
Era andar sempre terras conquistando.
Cercar vai Badajoz, e logo aleança
O fim de seu desejo, pelejando
Com tanto esforço e arte e valentia
Que a faz fazer ás outras companhia.

LXIX

Mas o alto Deos, que para longe guarda
O castigo daquelle que o merece;
Ou para que se emende ás vezes tarda,
Ou por segredos que homem não conhece;
Se atéqui sempre o forte Rei resguarda
Dos perigos a que elle se offerece;
Agora lhe não deixa ter defesa,
Da maldição da mãi que estava presa.

LXX

Que estando na cidade que cercára,
Cercado nella foi dos Leonezes,
Porque a conquista della lhe tomara,
De Leão sendo, e não dos Portuguezes.
A pertinacia aqui lhe custa cara,
Assi como aeontece muitas vezes;
Que em ferros quebra as pernas, indo acceso
Á batalha, onde foi veneido e preso.

« Voici la noble Evora, ancienne résidence du rebelle Sertorius; Evora, où l'eau fraîche et argentée coule de loin pour nourrir la terre et les hommes, amenée par un long aqueduc dont les arches innombrables se dressent fièrement dans les airs; elle aussi fut soumise, grâce à la bravoure et à la ruse de Giralde que rien n'effrayait.

« La prise de Beja compense la destruction de Trancoso pour Alphonse, à qui le repos est inconnu, et qui veut, après sa courte vie, revivre par la gloire dans le cœur de la postérité. La résistance des assiégés ne fut pas longue; à peine se furent-ils rendus, que les soldats irrités tirèrent l'épée contre tout ce qui était vivant.

« Ensuite vint la conquête de Palmella et de la poissonneuse Cezimbra, où en même temps, aidé par son heureuse étoile, Alphonse taille en pièces une immense armée mauresque. La ville et les montagnes d'alentour purent apercevoir cette armée au moment où, accourant à leur secours par le bas de la vallée, elle fut victime de ce choc inattendu.

« C'était le roi de Badajoz, Maure puissant, qui amenait avec lui quatre mille cavaliers redoutables et d'incombrables fantassins aux armures éclatantes d'or et d'argent. Mais, tel qu'au mois de mai le taureau furieux, terriblement jaloux de sa compagne, court aveuglement, dès qu'il entend des pas, assaillir le voyageur surpris:

« Tel Alphonse se montrant tout-à-coup, fond sur les barbares qui se croyaient en sûreté, et plein d'ardeur, il renverse, blesse et tue tous ceux qu'il attaque. Le roi maure prend la fuite, et ne songe qu'à sauver sa vie; son armée, saisie d'une panique générale, ne cherche qu'à le suivre et s'enfuit devant un escadron de soixante cavaliers, seul auteur d'une telle secousse.

« Immédiatement après, l'infatigable roi, réunissant de toutes les parties du royaume des troupes aguerries par tant de conquêtes, va mettre le siège devant Badajoz. Ses vœux sont bientôt accomplis, et grâce à son courage et à son génie, il met encore cette ville au nombre de ses possessions.

« Mais le Très-Haut, qui d'ordinaire ajourne longtemps le châtiment réservé aux coupables, soit pour donner au pécheur le temps de se repentir, soit pour des motifs inconnus aux mortels, après avoir sans cesse garanti le grand roi des périls qu'il a bravés, l'abandonne à la malédiction d'une mère chargée de fers.

« En effet, pendant qu'il séjournait dans cette ville qu'il venait d'assiéger, il y fut assiégé lui-même par les Léonais qui lui réclamaient leur cité, en prétendant que Badajoz devait appartenir à Léon et non aux Portugais. Son obstination, comme il arrive souvent, lui fut fatale. Entraîné par sa fureur au combat, il se casse la jambe contre les ferrures d'une porte, et va se faire battre et prendre sur le champ de bataille.

LXXI

Ó famoso Pompeio, não te pene
De teus feitos illustres a ruina;
Nem ver que a justa Némesis ordene,
Ter teu sogro de ti victoria indina:
Postoque o frio Phasis, ou Syene,
Que para nenhum cabo a sombra inclina,
O Bootes gelado, e a Linha ardente,
Temessem o teu nome geralmente:

LXXII

Postoque a rica Arabia, e que os feroces
Heniochos e Colchos, cuja fama
O véo dourado estende, e os Cappadoces,
E Judéa, que nm Deos adora e ama;
E que os molles Sophenes, e os atroces
Cilicios, com a Armenia, que derrama
As aguas dos dons rios, cuja fonte
Está n'outro mais alto e sancto monte:

LXXIII

E posto em fim que desd'o mar de Atlante
Até o Scythico Tanro, monte erguido,
Já vencedor te vissem; não te espante
Se o campo Emathio só te vio vencido:
Porque Affonso verás soberbo e ovante
Tudo render, e ser despois rendido.
Assi o quiz o Conselho alto, celeste,
Que vença o sogro a ti, e o genro a este.

LXXIV

Tornado o Rei sublime finalmente,
Do divino Juizo castigado,
Despois que em Santarem soberbamente,
Em vão dos Sarracenos foi cercado;
E despois que do martyre Vicente
O sanctissimo corpo venerado,
Do Sacro promontorio conhecido
Á cidade Ulyssea foi trazido:

LXXV

Porque levasse ávante seu desejo,
Ao forte filho manda o lasso velho,
Que ás terras se passasse d'Alentejo
Com gente, e co'o belligero apparelho.
Sancho, d'esforço e d'animo sobejo,
Ávante passa, e faz correr vermello
O rio, que Sevilha vai regando,
Co'o sangue Mauro, barbaro e nefando

LXXVI

E com esta victoria cobiçoso,
Já não descansa o moço até que veja
Outro estrago, como este, temeroso.
No barbaro que tem cercado Beja:
Não tarda muito o Principe ditoso,
Sem ver o fim daquillo que deseja.
Assi estragado o Mouro, na vingança
De tantas perdas põe sua esperança.

LXXVII

Já se ajuntam do monte, a quem Medusa
O corpo fez perder que teve o eco:
Já vem do promontorio de Ampelusa (14),
E do Tingé, que assento foi de Anteo.
O morador de Abyla não se escusa;
Que tambem com suas armas se moveo
Ao som da Mauritana e ronca tuba
Todo o reino que foi do nobre Juba.

LXXVIII

Entrava com toda esta companhia
O Mir-almuninin (15) em Portugal;
Treze Reis Mouros leva de valia,
Entre os quaes tem o sceptro Imperial:
E assi fazendo quanto mal podia,
O que em partes podia fazer mal,
Dom Sancho vai cercar em Santarem;
Porém não lhe succede muito bem.

« O grand Pompée, ne souffre point de l'injuste récompense de tes illustres exploits ni des justes décrets de Némésis qui a voulu que ton beau-père remportât sur toi une victoire éclatante: et, quoique les bords du Phasis ou les brûlantes campagnes de Syène, le froid Boos ou la Ligne ardente aient tous redouté ton nom célèbre;

« Quoique la riche Arabie, les féroces Sarmates ou les peuples de la Colchide, fameuse par sa toison d'or, les Cappadociens et les Juifs, adorateurs du vrai Dieu, les Sophènes efféminés, les barbares Ciliciens et l'Arménie qui voit couler deux grands fleuves dont les sources sont sur une montagne sacrée;

« Enfin, quoique depuis la mer d'Atlas jusqu'aux chaînes scythiques du Taurus, l'univers entier ait vu tes triomphes, ne t'étonne point si pour la première fois tu fus vaincu dans les plaines d'Émathie. Vois le grand Alphonse; il rend à l'ennemi toutes ses conquêtes, en attendant qu'il se rende lui-même. Ainsi l'a voulu le céleste conseil: toi, Pompée, tu es vaincu par ton beau-père; Alphonse se laisse surpasser son gendre.

« Après ce châtement de la justice divine, le brave roi, de retour dans ses domaines, soutient à Santarem un siège héroïque contre les Sarrasins. C'est à cette occasion que fut transporté du promontoire sacré dans la ville d'Ulysse le corps si vénéré du martyr saint Vincent.

« Afin de combler tous ses désirs, le vieillard, déjà lassé par tant de batailles, envoie son fils dans les terres de l'Alentejo, à la tête d'une vaillante armée. Le jeune et brave Don Sanche ne tarde pas à gagner du terrain; il va jusqu'aux bords du fleuve qui baigne Séville, et en rougit les eaux du sang des barbares.

« Ce succès le rend avide de gloire; il ne repose pas qu'il ne voie les Arabes subissant un échec semblable devant les murs de Beja, qu'ils assiègent. Bientôt ses souhaits s'accomplissent à merveille, et les Maures défaits ne fondent plus leur espoir que sur la vengeance de toutes les pertes qu'ils ont essuyées.

« Déjà ils viennent en foule de l'Atlas, soutien du ciel, auquel Méduse retira la forme humaine; d'autres arrivent du promontoire d'Ampéluse (14) et de Tingis, où régna jadis Anthée; l'habitant d'Abyla prend également les armes, et la trompette mauresque soulève tout l'antique royaume du noble Juba.

« A la tête de toutes ces troupes, le Miramolin (15) entrait en Portugal, accompagné de treize puissants rois maures sur lesquels il avait le souverain pouvoir. Après avoir causé des dégâts et fait des ravages sans nombre, il va assiéger Don Sanche à Santarem.

LXXIX

Dá-lhe combates asperos, fazendo
 Ardis de guerra mil o Mouro iroso;
 Não lhe aproveita já trabuco horrendo,
 Mina secreta, ariete forçoso:
 Porque o filho de Affonso não perdendo
 Nada do esforço e acordo generoso,
 Tudo provê com animo e prudencia;
 Que em toda a parte ha esforço e resistencia.

LXXX

Mas o velho, a quem tinham já obrigado
 Os trabalhosos annos ao socego;
 Estando na cidade, cujo prado
 Enverdecem as aguas do Mondego;
 Sabendo como o filho está cercado
 Em Santarem do Mauro povo cego,
 Se parte diligente da cidade;
 Que não perde a presteza co'a idade.

LXXXI

E co'a famosa gente á guerra usada
 Vai soccorrer o filho; e assi ajuntados,
 A Portugueza furia costumada
 Em breve os Mouros tem desbaratados.
 A campina, que toda está coalhada
 De marlotas, capuzes variados,
 De cavallos, jaczes, presa rica,
 De seus senhores mortos cheia fica.

LXXXII

Logo todo o restante se partio
 De Lusitania, postos em fugida:
 O Mir-almuminin só não fugio,
 Porque antes de fugir, lhe fuge a vida.
 A quem lhe esta victoria permittio
 Dão louvores e graças sem medida:
 Que em casos tão estranhos claramente
 Mais peleja o favor de Deos, que a gente.

LXXXIII

De tamanhas victorias triumphava
 O velho Affonso, Principe subido,
 Quando quem tudo em fim vencendo andava,
 De larga e muita idade foi vencido.
 A pallida doença lhe tocava
 Com fria mão o corpo enfraquecido;
 E pagaram seus annos deste geito,
 Á triste Libitina seu direito.

LXXXIV

Os altos promontorios o choraram (16),
 E dos rios as aguas saudosas
 Os semcados campos alagaram,
 Com lagrimas correndo piedosas:
 Mas tanto pelo mundo se alargaram
 Com fama suas obras valerosas,
 Que sempre no seu reino chamarão,
 Affonso, Affonso, os eccos: mas em vão!

LXXXV

Sancho, forte mancebo, que ficara
 Initando seu pai na valentia,
 E que em sua vida já se exprimentara,
 Quando o Betis de sangue se tingia,
 E o barbaro poder desbaratara
 Do Ismaelita Rei de Andaluzia;
 E mais quando os que Beja em vão cercaram
 Os golpes de seu braço em si provaram.

LXXXVI

Despois que foi por Rei alevantado,
 Havendo poucos annos que reinava,
 A cidade de Sylves tem cercado,
 Cujos campos o barbaro lavrava:
 Foi das valentes gentes ajudado
 Da Germanica armada, que passava,
 De armas fortes e gente aperecbida,
 A recobrar Judéa já perdida.

«Ce siège ne réussit pas au gré de ses vœux, car malgré les nombreuses attaques et les mille stratagèmes de guerre qu'ils emploient, les Maures, ne tirant plus parti des terribles balistes, des mines souterraines ni des redoutables béliers, trouvent un courage et une résistance toujours plus vive dans le fils d'Alphonse, dont la prévoyance est admirable.

«Cependant le vieillard, à qui ses années laborieuses imposaient le repos, se trouvant dans la ville dont les eaux du Mondego reverdissent les pâturages environnants, et apprenant que son fils est assiégé à Santarem par l'horrible peuple mauresque, oublie son âge avancé et quitte la ville avec l'activité d'un jeune homme.

«Suivi de ses troupes aguerries, il court au secours de son fils. Commandées par deux chefs aussi habiles, les courageuses légions portugaises ont bientôt détruit l'armée ennemie. La plaine, remplie de vêtements arabes, de capuchons, de chevaux, de harnais, se couvre bientôt aussi des cadavres de leurs maîtres.

«Aussitôt tout ce qui restait encore de barbares en Lusitanie prend la fuite, sauf le Miramolin, car la mort ne lui en donne pas le temps. Reconnaissants envers le véritable auteur de leur triomphe, les vainqueurs chantent des cantiques de louanges et d'actions de grâce; car dans des périls aussi imminents, c'est Dieu qui combat, et non les hommes.

«C'est ainsi que le vieil Alphonse, ce prince glorieux, courait de victoire en victoire; mais enfin, chargé d'années, il dut céder au grand âge, lui qui n'avait jamais cédé de sa vie. La pâle maladie toucha de sa main glacée son corps affaibli, et lui fit ainsi payer son tribut à la lugubre Libitine.

«Les promontoires élevés le pleurèrent (16), et les fleuves étendirent sur les champs labourés leurs eaux grossies par des larmes abondantes. Mais ses exploits acquirent dans le monde entier une telle gloire, que toujours on entendra les échos de son royaume répéter: «Alphonse! Alphonse!» mais hélas! toujours en vain.

«Sanche lui succédait. Guerrier valeureux et digne fils d'un tel père, déjà il s'était couvert de gloire du vivant d'Alphonse, en rougissant le Bétis du sang des infidèles; c'est lui qui avait mis en déroute le roi ismaélite d'Andalousie, et son bras s'était essayé contre ceux qui avaient vainement assiégé la cité de Béja.

«Il y avait peu d'années qu'il était monté sur le trône lorsqu'il courut mettre le siège devant la ville de Sylves, dont la campagne était sillonnée par les charmes africaines. Là il fut vivement secondé par une flotte puissante et bien équipée, qui, partie de la Germanie, franchissait les mers pour aller reconquérir la Judée, que les croisés avaient déjà perdue.

LXXXVII

Passavam a ajudar na santa empresa
 O roxo Frederico, que moveo
 O poderoso exercito em defesa
 Da cidade onde Christo padeceo:
 Quando Guido, co'a gente em sêde accesa,
 Ao grande Saladino se rendeo
 No lugar, onde aos Mouros sobejavam
 As aguas, que os de Guido desejavam.

LXXXVIII

Mas a formosa armada, que viera
 Por contraste de vento áquella parte,
 Sancho quiz ajudar na guerra fera,
 Já que em serviço vai do santo marte:
 Assi como a seu pai acontecera
 Quando tomou Lisboa, da mesma arte
 Do Germano ajudado, Sylves toma,
 E o bravo morador destruc e doma.

LXXXIX

E se tantos tropheos do Mahometa
 Alevantando vai, tambem do forte
 Leonez não consente estar quieta
 A terra usada aos casos de Mavorte:
 Até que na cerviz seu jugo metta
 Da soberba Tui, que a mesma sorte
 Vio ter a muitas villas suas vizinhas,
 Que por armas tu, Sancho, humildes tinhas.

XC

Mas entre tantas palmas salteado
 Da temerosa morte, fica herdeiro
 Hum filho seu, de todos estimado,
 Que foi segundo Affonso e Rei terceiro.
 No tempo deste aos Mouros foi tomado
 Alcacere do Sal, por derradeiro;
 Porque d'antes os Mouros o tomaram,
 Mas agora estruidos o pagaram.

XCI

Morto depois Affonso, lhe succede
 Sancho segundo, manso e descuidado,
 Que tanto em seus descuidos se desmede.
 Que de outrem, quem mandava, era mandado.
 De governar o reino, que outro pede,
 Por causa dos privados foi privado;
 Porque, como por elles se regia.
 Em todos os seus vicios consentia.

XCII

Não era Sancho, não, tão deshonesto
 Como Nero, que hum moço recebia
 Por mulher, e depois horrendo incesto
 Com a mãe Agrippina commettia;
 Nem tão cruel ás gentes e molesto,
 Que a cidade queimasse onde vivia;
 Nem tão máo como foi Heliogabalo.
 Nem como o molle Rei Sardanapalo.

XCIII

Nem era o povo seu tyrannizado,
 Como Sicilia foi de seus tyrannos;
 Nem tinha como Phalaris achado
 Genero de tormentos inhumanos:
 Mas o reino de altivo e costumado
 A senhores em tudo soberanos,
 A Rei não obedecce, nem consente,
 Que não for mais que todos excellente.

XCIV

Por esta causa o reino governou
 O Conde Bolonhez, depois alçado
 Por Rei, quando da vida se apartou
 Seu irmão Sancho, sempre ao ocio dado.
 Este, que Affonso o bravo se chamou,
 Depois de ter o Reino segurado,
 Em dilatal-o cuida; que em terreno
 Não cabe o altivo peito tão pequeno.

« Cette flotte allait aider dans sa sainte entreprise le célèbre Barberousse, qui leva une formidable armée pour la défense de la ville où Jésus-Christ a souffert, lorsque Guy de Lusignan se rendit au grand Saladin avec son armée consumée par la soif, au même endroit où les Arabes regorgeaient de cette eau dont manquaient les chrétiens.

« Cependant la puissante escadre, que le vent avait poussée sur ces côtes, voulut employer au service de Sanche des armées destinées à combattre des infidèles; déjà son père avait été semblablement secouru lorsqu'il s'était emparé de Lisbonne. Profitant donc de son exemple, Sanche, contenu par les Germaius, s'empare de Sylves, dont il soumet les valeureux habitants.

« Non content d'avoir remporté tant de trophées sur les enfants de Mahomet, il dompte la fureur du peuple de Léon, ce peuple que Mars a formé, et finit par réduire sous sa puissance l'orgueilleuse Tuy; à l'exemple de celle-ci, mille autres villes voisines se courbent devant les armes de Don Sanche.

« Mais au milieu de tant de succès l'inévitable mort vint le surprendre. Il laissait pour héritier son fils Alphonse II, troisième roi de Portugal, prince estimé de tous ses sujets. Celui-ci reprit aux Maures Alcacer-do-Sal, se vengeant ainsi de leur conquête antérieure.

« A Alphonse succéda Sanche II, monarque débonnaire et insouciant; telle était sa négligence, qu'au lieu de commander il ne fit qu'obéir: aussi perdit-il son royaume, qui demandait un autre roi, par la faute de ses courtisans, dont il suivait aveuglément les conseils, ce qui l'entraînait à approuver tous leurs vices.

« Mais ne comparons pourtant pas Don Sauche à l'immonde Néron qui prenait pour femme un jeune homme, pour commettre ensuite un abominable inceste avec sa mère Agrippine, et qui poussa la cruauté jusqu'à mettre le feu à la ville qu'il habitait; ne le comparons ni au méchant Héliogabale ni au monarque efféminé d'Assyrie.

« Son peuple ne fut point tyrannisé comme celui de Sicile, et ne lui vit point inventer, comme Phalaris, un genre nouveau d'atroces tourments. Mais son royaume, habitué jusqu'alors, à des rois supérieurs en toutes choses, ne consentait pas à obéir à un souverain qui ne pût servir d'exemple à tous.

« A sa place gouverna donc le comte de Boulogne, proclamé roi plus tard, à la mort de son indolent frère Don Sauche. Le nouveau roi, Alphonse le Brave, n'a pas plutôt affermi son royaume, que déjà il songe à l'accroître; un terrain si peu étendu ne suffit point à son courage.

XCV

Da terra dos Algarves, que lhe fora
 Em casamento dada, grande parte
 Recupera co'o braço, e deita fóra
 O Mouro mal querido já de Marte.
 Este de todo fez livre e senhora
 Lusitania, com força e bellica arte,
 E acabou de opprimir a nação forte
 Na terra, que aos de Luso coube em sorte.

XCVI

Eis despois vem Diniz, que bem parece
 Do bravo Affonso estirpe nobre e dina;
 Com quem a fama grande se escurece
 Da liberalidade Alexandrina.
 Com este o Reino prospero florece,
 (Alcançada já a paz aurea divina)
 Em constituições, leis e costumes,
 Na terra já tranquilla claros lumes.

XCVII

Fez primeiro em Coimbra exercitar-se
 O valeroso officio de Minerva;
 E de Helicon as Musas fez passar-se
 A pizar do Mondego a fertil herva.
 Quanto póde de Athenas descejar-se,
 Tudo o soberbo Apollo aqui reserva:
 Aqui as capellas dá tecidas de ouro,
 Do baccharo, e do sempre verde louro.

XCVIII

Nobres villas de novo edificou,
 Fortalezas, castellos mui seguros;
 E quasi o Reino todo reformou
 Com edificios grandes e altos muros.
 Mas, despois que a dura Atropos cortou
 O fio de seus dias já maduros,
 Ficou-lhe o filho pouco obediente,
 Quanto Affonso, mas forte e excellente.

CXIX

Este sempre as soberbas Castellianas
 Co'o peito desprezou firme e sereno;
 Porque não he das forças Lusitanas
 Temer poder maior, por mais pequeno.
 Mas porém, quando as gentes Mauritanas
 A possuir o Hesperico terreno
 Entraram pelas terras de Castella,
 Foi o soberbo Affonso a soccorrel-a.

C

Nunca com Semiramis gente tanta
 Veio os campos Hydaspicos enchendo;
 Nem Attila, que Italia toda espanta,
 Chamando-se de Deos açonte horrendo,
 Gotthica gente trouxe tanta, quanta
 Do Sarraceno barbaro estupendo,
 Co'o poder excessivo de Granada,
 Foi nos campos Tartessios ajuntada.

CI

E vendo o Rei sublime Castelhanao
 A força inexpugnabil, grande e forte,
 Temendo mais o fim do povo Hispano,
 Já perdido humna vez, que a propria morte;
 Pedindo ajuda ao forte Lusitano,
 Lhe mandava a charissima consorte,
 Mulher de quem a manda, e filha amada
 Daquelle a cujo reino foi mandada.

CII

Entrava a formosissima Maria
 Pelos paternaes paços sublimados;
 Lindo o gesto, mas fóra de alegria,
 E seus olhos em lagrimas banhados:
 Os cabellos angelicos trazia
 Pelos cburneos hombros espalhados:
 Diante do pai ledo, que a agasalha,
 Estas palavras taes chorando espalha:

« Le pays des Algarves, qui lui avait été donné en dot, est agrandi par son bras vaillant, et voit enfin s'enfuir les derniers Maures que Mars ne protégera plus. C'est ce prince vaillant et belliqueux qui rendit entièrement libre la Lusitanie, et acheva de détruire le redoutable peuple qui occupait le territoire accordé par le sort aux descendants de Lusus.

« Après lui vient Denys, noble et digne rejeton du brave Alphonse; Denys, qui fait oublier la générosité du grand Alexandre. Sous lui la paix bienheureuse et dorée fait fleurir dans le royaume les lois et les mœurs, et apporte des lumières aux habitants en repos.

« Coïmbre apprend à exercer les travaux glorieux de Minerve, et les Muses de l'Hélicon accourent fouler les fertiles bords du Mondego. Tout ce qu'on pourrait envier à l'antique Athènes, le sublime Apollon le réserve pour cette ville, où il distribue des guirlandes et des couronnes d'or, de baccharis et de laurier.

« Denys bâtit des villes imposantes, des forteresses et des remparts formidables; son royaume est réformé presque en entier, grâce aux majestueux édifices dont il le couvre. Mais bientôt la cruelle Atropos tranche le fil de ses jours avancés. Il est remplacé par son fils, le quatrième Alphonse, enfant ingrat, mais brave et audacieux guerrier.

« Méprisant sans cesse la superbe de la Castille, il résista toujours à ses attaques, car les Lusitaniens n'ont pas coutume de trembler devant des forces supérieures. Cependant quand les cohortes mauritaniennes franchirent les limites de la Castille pour s'emparer du territoire de l'Hespérie, Alphonse, malgré son orgueil, courut à son aide.

« Jamais Sémiramis n'avait rempli de tant de troupes les plaines de l'Hydaspe; jamais Attila, ce fléau de Dieu, n'avait amené dans l'Italie épouvantée autant de Goths réunis que les opulents possesseurs de Grénade n'accumulèrent de Sarrasins dans les vastes campagnes de Tariffa.

« A la vue d'une telle multitude de troupes, le grand roi de Castille redoute, bien plus que la mort, la chute du peuple espagnol, que les Maures avaient déjà détruit une fois. Forcé d'implorer le secours du brave Lusitanien, il lui envoie sa chère épouse, fille bien-aimée du roi qu'elle allait tenter de fléchir.

« Qu'elle était belle dans sa douleur la charmante Marie, lorsque, les yeux baignés de larmes et les cheveux répandus sur ses épaules d'ivoire, elle franchit le seuil de la royale demeure paternelle. Son père était déjà tout joyeux de la recevoir, lorsqu'il lui entendit prononcer ces paroles, entre coupées de sanglots:

CIII

Quantos povos a terra produzio
De Africa toda, gente fera e estranha,
O grão Rei de Marrocos conduzio,
Para vir possuir a nobre Hespanha:
Poder tamanho junto não se vio,
Despois que o salso mar a terra banha:
Trazem ferocidade, e furor tanto,
Que a vivos medo, e a mortos faz espanto.

CIV

Aquelle que me déste por marido,
Por defender sua terra amedrontada,
Co' o pequeno poder, offerceido
Ao duro golpe está da Maura espada;
E se não for contigo soccorrido,
Vêr-me-has delle, e do reino ser privada;
Viuva, e triste, e posta em vida escura,
Sem marido, sem reino e sem ventura.

CV

Por tanto, ó Rei, de quem com puro medo
O corrente Muluca (17) se congela;
Rompe toda a tardança; acude cedo
Á miseranda gente de Castella:
Se esse gesto, que mostras claro e ledo,
De pai o verdadeiro amor assella,
Acude, e corre pai; que se não corres,
Póde ser que não aches quem soccorres,

CVI

Não de outra sorte a timida Maria
Fallando está, que a triste Venus, quando
A Jupiter seu pai favor pedia,
Para Eneas seu filho navegando;
Que a tanta piedade o commovia,
Que, cahido das mãos o raio infando,
Tudo o elemento Padre lhe concede,
Pezando-lhe do pouco que lhe pede.

CVII

Mas já co' os esquadrões da gente armada
Os Eborenses campos vão coalhados;
Lustra co' o Sol o arnez, a lança, a espada;
Vão rinchando os cavallos jaczados.
A canora trombeta embandeirada,
Os corações á paz acostumados
Vai ás fulgentes armas incitando,
Pelas concavidades retumbando.

CVIII

Entre todos no meio se sublima,
Das insignias Reaes acompanhado,
O valeroso Affonso, que por cima
De todos leva o collo alevantado:
E sómente co' o gesto esforça e anima
A qualquer coração amedrontado:
Assi entra nas terras de Castella
Com a filha gentil, Rainha della.

CIX

Juntos os dous Affonsos finalmente
Nos campos de Tarifa, estão defronte
Da grande multidão da cega gente,
Para quem são pequenos campo e monte.
Não ha peito tão alto e tão potente,
Que de desconfiança não se affronte,
Em quanto não conheça e claro veja,
Que co' o braço dos seus Christo pejeja.

CX

Estão de Agar os netos quasi rindo
Do poder dos Christãos fraco e pequeno;
As terras como suas repartindo
Antemão entre o exercito agareno;
Que com titulo falso possuindo
Estão o famoso nome Sarraceno;
Assi tambem com falsa conta e nua
Á nobre terra alheia chamam sua.

«Tous les peuples que l'Afrique a produits, tout ce que le Maroc contenait de barbares a suivi son souverain pour venir conquérir la noble Hespérie. Depuis que l'Océan entoure les continents de ses flots salés, jamais on ne vit pareille masse de troupes. Leur furie et leur férocité sont telles, que les vivants s'en épouvantent et les morts tremblent dans leurs tombeaux!

«Celui que tu m'as donné pour mari n'a qu'une petite armée pour défendre son faible royaume contre les terribles cimenterres des Maures; si tu ne lui prêtes pas assistance, tu me verras veuve, abandonnée, sans royaume, et destinée à mener une vie d'angoisses et de malheur.

«Pars donc au plus tôt, ô valeureux monarque, toi dont le seul nom glace d'épouvante le fleuve du Moluca (17); hâte-toi de venir en aide au malheureux peuple de Castille. Si cet air joyeux et tendre que respire ton visage atteste un véritable amour de père, viens, cours, hâte-toi; car si tu tardes encore, peut-être ne trouveras-tu plus à qui porter secours.»

«On pourrait comparer la timide Marie à la blonde Vénus demandant à son père Jupiter de l'indulgence pour Énée, son fils, qui voguait sur les mers; et telle fut la clémence de ce père attendri, que, laissant tomber de ses mains la foudre destructrice, il lui promit de lui accorder tout ce qu'elle désirait, trouvant sa prière trop facile à exaucer.

«Mais déjà les plaines d'Evora sont couvertes des escadrons portugais. Armures, lances, épées reluisent aux rayons du soleil; on entend retentir les hennissements des chevaux brillamment caparaçonnés, et le son aigu de trompettes ornées de drapeaux excite dans les âmes paisibles la fureur de la guerre, en produisant au loin des échos dans le creux des montagnes.

«Parmi tous les autres, et à côté de l'étendard royal, on remarque aisément le vaillant Alphonse, dont la tête superbe domine toutes les autres. Là, de son seul regard, il anime et encourage les cœurs effrayés. C'est ainsi qu'il entre dans les terres castillanes, accompagné de sa charmante fille, la reine de ces contrées.

«Les deux Alphonse se réunissent enfin dans les campagnes de Tariffa: ils ont en face d'eux une foule immense de guerriers que la plaine et les montagnes voisines ont de la peine à contenir. Il n'y a point de cœur humain, si brave et si grand qu'il puisse être, qui n'éprouve un moment d'anxiété, avant d'avoir vu clairement que Jésus-Christ combat avec ses compagnons d'armes.

«Les descendants d'Agar sont là, riant pour ainsi dire de la faible armée des chrétiens, et se partageant d'avance entre eux le terrain qu'ils ambitionnent: de même qu'ils ont usurpé le nom fameux de Sarrasins, ils se proclament les maîtres d'une contrée qui ne leur appartient pas.

CXI

Qual o membrudo e barbaro Gigante,
Do Rei Saul com eansa tão temido,
Vendo o Pastor inerme estar diante,
Só de pedras e esforço apercebido;
Com palavras soberbas o arrogante
Despreza o fraco moço mal vestido,
Que rodcaudo a funda, o desengana
Quanto mais póde a fé, que a força humana:

CXII

Desta arte o Mouro perfido despreza
O poder dos Christãos; e não entende,
Que está ajudado da alta fortaleza,
A quem o inferno horrifeco se rende:
Com ella o Castellhano e com destreza
De Marrocos o Rei commette e offende;
O Portuguez, que tudo estima em nada,
Se faz temer ao reino de Granada.

CXIII

Eis as lanças e espadas retiniam
Por cima dos arnezes: bravo estrago!
Chamam, segundo as leis que alli segniam,
Huns Mafamede, e os outros Sanet-Iago,
Os feridos com grita o céo feriam,
Fazendo de seu sangue bruto lago,
Onde outros meios mortos se affogavam,
Quando do ferro as vidas escapavam.

CXIV

Com esforço tamanho estrue e mata,
O Luso ao Granadil, que em poueo espaço
Totalmente o poder lhe desbarata,
Sem lhe valer defeza ou peito de aço.
De alcançar tal victoria tão barata,
Inda não bem contente o forte braço,
Vai ajudar ao bravo Castellhano,
Que pelejando está co'o Manritano.

CXV

Já se hia o Sol ardente recolhendo
Para a casa de Tethys, e inclinado
Para o Ponente, o Vespero trazendo,
Estava o claro dia memorado:
Quando o poder do Mouro grande e horrendo
Foi pelos fortes Reis desbaratado
Com tanta mortandade, que a memoria
Nunca no mundo vio tão grão victoria.

CXVI

Não matou a quarta parte o forte Mario,
Dos que morreram neste vencimento,
Quando as aguas co'o sangue do adversario
Fez beber ao exercito sedento;
Nem o Peno, asperissimo contrario
Do Romano poder de nascimento,
Quando tantos matou da illnstre Roma,
Que alqueires tres de anneis dos mortos toma.

CXVII

E se tu tantas almas só pndeste
Mandar ao reino eseuo de Cocyto,
Quando a saneta Cidade desfizeste
Do povo pertinaz no antigo rito;
Permissão e vingança foi celeste,
E não força de braço, ó nobre Tito,
Que assi dos Vates foi prophetizado,
E despois por JESU certificado.

CXVIII

Passada esta tão prospera victoria,
Tornado Affonso á Lusitana terra,
A se lograr da paz com tanta gloria,
Quanta soube ganhar na dura guerra;
O caso triste e digno da memoria,
Que do sepulchro os homeus descenterra,
Aconteceo da misera e mesquinha
Que despois de ser morta foi Rainha (15).

«Tel le monstrueux géant, si justement redouté par le roi Saül, en voyant devant lui ce berger qui n'a pour se défendre que des pierres et du courage, commence à critiquer la pauvreté de ses vêtements, et lui lance des paroles outrageantes, mais finit par succomber sous les coups de la redoutable fronde (tant la confiance en Dieu l'emporte sur la force des hommes!);

«Ainsi les Maures perfides méprisent la puissance des chrétiens, ne comprenant pas que ces derniers sont appuyés par une force supérieure, à qui le terrible enfer obéit. Guidé par elle et par son propre génie, le Castillan attaque le roi du Maroc; le Portugais, qu'aucun danger n'épouvante, se fait redouter de l'armée grénadienne.

«Les lances et les épées se heurtent contre le fer des cuirasses: terrible carnage! là chacun, selon ses croyances, invoque le nom de Saint Jacques ou celui de Mahomet. Les blessés frappent l'air de leurs cris lamentables et se voient entourés d'une mare de sang, où viennent périr ceux que le glaive n'a point achevés.

«Le Lusitanien porte aux Musulmans des coups si terribles, qu'en peu de temps, malgré leur résistance et leur poitrine d'acier, il auéantit l'armée grénadienne; et, non content d'un triomphe si aisément obtenu, le peuple au bras courageux vole au secours du brave Castillan qui a les Mauritanien pour adversaires.

«Le soleil allait bientôt se plonger dans le domaine de Thétis, et Vesper apparaissant à l'Occident marquait la fin de cette journée mémorable, quand les innombrables bataillons des Maures furent mis en déroute par les deux valeureux rois chrétiens, après un carnage tel, qu'on n'en connut jamais de semblable dans l'univers.

«Le brave Marius ne tua pas le quart de ceux qui périrent dans cette fameuse bataille, lorsqu'il fit boire à ses soldats altérés l'eau rougie par le sang de l'ennemi. Il en fut de même de ce Carthaginois, qui dès sa naissance avait voué à Rome une haine éternelle, lorsque des mains des cadavres romains il retira trois boisseaux pleins d'anneaux d'or.

«Quant à toi, ô noble Titus, si tu as pu envoyer autant d'âmes dans le royaume obscur du Coeyte, lorsque tu détruisis la sainte ville qui s'obstinait à garder ses anciennes coutumes, ce fut grâce à un ordre du Dieu vengeur, et non point par la force de tes armes: car ainsi l'avaient annoncé les prophéties, que le Christ confirma.

«Après cette éclatante victoire, Alphonse retourna dans le pays de Lusitane, pour y goûter les douceurs de la paix avec autant de gloire qu'il en avait acquis sur les champs de bataille. Alors eut lieu cet événement triste, mais à jamais célèbre, qui ébranle les morts dans leurs tombes: la misérable fin de cette infortunée qui fut reine après sa mort (18).

CXIX

Tu só, tu, puro Amor, com força crua,
 Que os corações humanos tanto obriga,
 Déste causa á molesta morte sua,
 Como se fôra perfida inimiga.
 Se dizem, fero Amor, que a sêde tuã
 Nem com lagrimas tristes se mitiga,
 He porque queres, aspero e tyranno,
 Tuas aras banhar em sangue humano.

CXX

Estavas, linda Ignez, posta em socego,
 De teus annos colhendo doce fruto,
 Naquelle engano da alma, ledo e cego,
 Que a fortuna não deixa duar muito;
 Nos saudosos campos do Mondego,
 De teus formosos olhos nunca enxuto,
 Aos montes ensinando e ás hervinhas
 O nome que no peito escripto tinhas.

CXXI

Do teu Principe alli te respondiam
 As lembranças que na alma lhe moravam;
 Que sempre ante seus olhos te traziam,
 Quando dos teus formosos se apartavam;
 De noite em doces sonhos, que mentiam,
 De dia em pensamentos, que voavam;
 E quanto em fim cuidava, e quanto via,
 Eram tudo memorias de alegria.

CXXII

De outras bellas senhoras, e Princezas,
 Os desejados thalamos engcita;
 Que tudo em fim, tu, puro amor, desprezas,
 Quando hum gesto suave te sujeita.
 Vendo estas namoradas estranhezas
 O velho pai sisudo, que respeita
 O murmurar do povo, e a phantasia
 Do filho, que casar-se não queria:

CXXIII

Tirar Ignez ao muudo determina,
 Por lhe tirar o filho que teu preso;
 Crendo co'o sangue só da morte indina
 Matar do firme amor o fogo acceso.
 Que furor consentio que a espada fina,
 Que pôde sustentar o grande peso
 Do furor Mauro, fosse alevantada
 Contra humia fraca dama delicada?

CXXIV

Traziam-na os horrificos algozes
 Ante o Rei, já movido a piedade;
 Mas o povo com falsas, e ferozes
 Razões á morte crua o persuade.
 Ella com tristes e piedosas vozes,
 Sahidas só da magoa, e saudade
 Do seu Principe e filhos, que deixava,
 Que mais que a propria morte a magoava:

CXXV

Para o céo crystallino alevantando
 Com lagrimas os olhos piedosos;
 Os olhos, porque as mãos lhe estava atauda
 Hum dos duros ministros rigorosos;
 E depois nos meninos attentando,
 Que tão queridos tinha e tão mimosos,
 Cuja orphanidade como mãe temia,
 Para o avô cruel assi dizia:

CXXVI

Se já nas brutas feras, cuja mente
 Natura fez cruel de nascimento,
 E nas aves agrestes, que sómente
 Nas rapinas acrias tem o intento,
 Com pequenas crianças vio a gente
 Terem tão picdoso sentimento,
 Como co'a mãe de Nino já mostraram,
 E co'os irmãos, que Roma edificaram

Toi seul, cruel Amour, toi qui sais si bien envelopper de tes liens le cœur des mortels, tu fus cause de sa mort déplorable, et l'immolas comme si elle eût été une perfide ennemie. Que si l'ont dit, terrible Amour, que les pleurs mêmes ne suffisent point à étancher ta soif dévorante, c'est que, dans ton implacable tyrannie, tu aimes à baigner tes autels dans le sang humain.

« Livrée à un paisible repos, tu profitais, belle Inez, des doux moments de tes jeunes années pour jouir de cette errant joyeuse et aveugle de l'âme, que l'inflexible destinée ne tarde pas à détruire. Rêvant dans les plaines riantes du Mondégo, que tes larmes ont à jamais grossi, tu apprenais sans cesse aux coteaux et aux prés verdoyants ce nom que tu portais gravé dans ton cœur.

« Là tu entendais l'écho des douces pensées qui poursuivaient ton prince chéri et amenaient ta belle image devant ses yeux, quand il ne les avait point fixés sur les tiens, qu'il ne cessait d'admirer. La nuit il te voyait dans des doux rêves mensongers; le jour dans des visions qui voltigeaient sans cesse autour de lui; en un mot il ne pensait à rien, il ne voyait rien qui ne fût pour lui un sujet de bonheur et de joie.

« Pour elle, il a refusé la main de bien des dames, de bien des princesses, à qui ne manquaient ni la beauté ni les partis: ô amour, tu méprises tout, quand tu te sens assujéti par une force enchanteresse! Mais son père, le sévère vieillard, qui redoute les murmures du peuple, voyant que cette passion insensée éloigne Pierre des liens de l'hyménée, prend la résolution d'arracher Inez à ce monde.

« C'était pour lui la seule manière de reconquérir son fils. Il croyait, le malheureux! éteindre dans le sang d'une innocente l'ardent amour qu'elle avait su inspirer! De quelle étrange folie fut-il pris, lorsqu'il se servit contre une femme faible et sans défense de cette vaillante épée qui avait pu soutenir le poids immense de la fureur des Maures?

« Déjà les horribles bourreaux l'amènent devant le monarque, dont le cœur commence à s'émeuvoir de pitié; mais le peuple, alléguant des raisons aussi fausses que barbares, le détermine à ordonner cette mort cruelle. Inez, que le chagrin et le regret de laisser le prince et ses enfants font plus trembler que la mort elle-même, Inez fait entendre des plaintes et des cris qui excitent la compassion.

« Levant vers le ciel par ses beaux yeux remplis de larmes, ses yeux, dis-je, car un des rigoureux conseillers attachait fortement ses mains délicates, et se prenant à regarder ses charmants enfants, qu'elle aime tant et qu'elle craint de laisser orphelins, elle adresse ces paroles à leur inexorable aïeul:

« Si l'on a déjà vu des bêtes féroces, à qui la nature a donné la cruauté en partage, si l'on a vu des oiseaux vivant de rapine prodiguer des soins de tout genre à de petits innocents, comme on le raconte de la mère de Ninus et des deux frères qui ont fondé Rome;

CXXVII

Ó tu, que tens de humano o gesto e o peito,
 (Se de humano he matar huma donzella
 Fraca e sem força, só por ter sujeito
 O coração a quem soube vencel-a)
 A estas criancinhas tem respeito,
 Pois o não tens á morte escura della:
 Mova-te a piedade sua e minha,
 Pois te não move a culpa que não tinha.

CXXVIII

E se, vencendo a Manra resistencia,
 A morte sabes dar com fogo e ferro,
 Sabe tambem dar vida com elemência
 A quem para perdel-a não fez erro.
 Mas se to assi merece esta innocencia,
 Põe-me em perpetuo e misero desterro,
 Na Scythia fria, ou lá na Libya ardente,
 Onde em lagrimas viva eternamente.

CXXIX

Põe-me onde se use toda a feridade,
 Entre leões e tigres; e verei
 Se nelles achar posso a piedade,
 Que entre peitos humanos não achei:
 Alli co'o amor intrinseco e vontade
 Naquelle por quem mouro, eriarei
 Estas reliquias suas que aqui viste,
 Que refrigerio sejam da mãe triste.

CXXX

Queria perdoar-lhe o Rei benino,
 Movido das palavras que o magoam;
 Mas o pertinaz povo, e seu destino
 (Que desta sorte o quiz) lhe não perdoam.
 Arrancam das espadas de aço fino,
 Os que por bom tal feito alli pregoam.
 Contra huma dama, ó peitos carniceiros,
 Feros vos amostrais e cavalleiros?

CXXXI

Qual contra a linda moça Polyxena,
 Consolação extrema da mãe velha,
 Porque a sombra de Achilles a condem,
 Co'o ferro o duro Pyrrho se aparelha:
 Mas ella os olhos, com que o ar serena,
 (Bem como paciente e mausa ovelha)
 Na misera mãe postos, que endoudece,
 Ao duro sacrificio se offerece:

CXXXII

Taes contra Iguez os brutos matadores
 No collo de alabastro, que sostinha
 As obras com que amor matou de amores
 Aquelle que depois a fez Rainha,
 As espadas banhando, e as brancas flores,
 Que ella dos olhos seus regadas tinha,
 Se encarnicavam, fervidos e irosos,
 No futuro castigo não cuidadosos.

CXXXIII

Bem puderas, ó Sol, da vista destes
 Teus raios apartar aquelle dia,
 Como da séva mesa de Thyestes,
 Quando os filhos por mão de Atreo comia!
 Vós, ó concavos valles, que pudestes
 A voz extrema ouvir da boca fria,
 O nome do seu Pedro, que lhe ouvistes,
 Por muito grande espaço repetistes!

CXXXIV

Assi como a bonina, que cortada
 Antes do tempo foi, candida e bella,
 Sendo das mãos lascivas maltratada
 Da menina, que a trouxe na capella,
 O cheiro traz perdido, e a côr murchada:
 Tal está morta a pallida donzella,
 Seccas do rosto as rosas, e perdida
 A branca e viva côr co'a doce vida.

« Ô vous, dont le visage et le cœur expriment l'humanité, si pourtant on est digne de ce nom d'humain en tuant une faible femme, qui n'a commis d'autre crime que d'avoir inspiré de l'amour à celui qui a su s'en faire aimer; respectez au moins ces petites créatures, puisque vous ne craignez pas d'assassiner leur mère. Laissez-vous attendrir par leurs larmes et les miennes, puisque mon innocence ne vous suffit point.

« Et si, pour dompter la résistance des Maures, vous savez infliger le trépas à l'aide du fer et de la flamme, sachez aussi être clément et laisser la vie à ceux qui n'ont commis aucun forfait pour mériter de la perdre. Enfin, si vous croyez devoir punir mon innocence, bannissez-moi, renvoyez-moi pour toujours dans la froide Seythie ou bien dans les ardens déserts de Lybie, où je pourrai vivre éternellement dans les pleurs.

« Reléguez-moi au milieu des tigres et des lions affamés; peut-être y trouverai-je la pitié que des cœurs humains me refusent. Là, ne vivant que des souvenirs et de l'amour de celui pour qui je meurs, j'aurai au moins, pour amoindrir mon infortune, la consolation d'élever ces gages précieux de notre bonheur passé! »

« Ému par ces touchantes paroles, le roi était décidé à user de clémence. Mais le peuple féroce et son impitoyable destin refusent de lui pardonner. Ils tirent leurs épées du fourreau, ces odieux ministres qui l'aveuglent; les lâches, ils n'ont pas honte de s'en servir contre une femme!

« De même qu'autrefois le farouche Pyrrhus, pour venger l'ombre d'Achille, ne craignit pas d'immoler Polyxène, le seul trésor qui restât à la vieille Hécube; pendant qu'elle, fixant sur sa mère déjà folle ses yeux qui rassérénaient le ciel, s'offrait au cruel sacrifice, comme la tendre brebis qu'on va égorger:

« Ainsi ces bourreaux inhumains plongèrent le fer dans ce sein d'albâtre, qui renfermait les trésors dont l'amour s'était servi pour frapper mortellement celui qui depuis la fit reine. Les cruels! ils souillèrent de sang son teint de lis inondé par ses larmes, ne réfléchissant pas au châtement qui les attendait.

« Soleil! tu aurais bien pu écarter ce jour là tes rayons de cette scène barbare, comme tu le fis jadis, lorsque dans son immonde festin Atrée servit à Thyeste ses propres enfants. Et vous, ô profondes vallées qui avez entendu le dernier mot sorti de sa bouche glacée, que de fois vos échos ont répété le nom adoré de Dom Pierre!

« Comme l'on voit une belle fleur champêtre se faner et perdre tout son parfum, lorsqu'elle a été arrachée de sa tige avant le moment propice et maltraitée par les mains lascives d'une jeune fille qui l'a placée dans sa guirlande; ainsi sont flétris les traits de la malheureuse Inez; les roses de son visage se sont séchées; elle a perdu avec sa douce vie ses couleurs blanches et vives.

CXXXV

As filhas do Mondego a morte escura
 Longo tempo chorando memoraram;
 E, por memoria eterna, em fonte pura
 As lagrimas choradas transformaram:
 O nome lhe puzeram, que inda dura,
 Dos amores de Ignez, que alli passaram (19).
 Vêde que fresca fonte rega as flores;
 Que lagrimas são a agua, e o nome amores.

CXXXVI

Não correo muito tempo que a vingança
 Não visse Pedro das mortaes feridas;
 Que, em tomando do Reino a governança,
 A tomou dos fugidos homicidas:
 Do outro Pedro (20) cruissimo os alcança;
 Que ambos, imigos das humanas vidas,
 O concerto fizeram duro e injusto,
 Que com Lepido e Antonio fez Augusto.

CXXXVII

Este, castigador foi rigoroso
 De latrocinios, mortes e adulterios:
 Fazer nos mãos cruzas, fero e iroso,
 Eram os seus mais certos refrigerios.
 As cidades guardando justioso,
 De todos os soberbos vituperios,
 Mais ladrões castigando á morte deo,
 Que o vagabundo Alcides, ou Theseo.

CXXXVIII

Do justo e duro Pedro nasce o brando,
 (Vêde da natureza o desconcerto!)
 Remisso e sem cuidado algum, Fernando,
 Que todo o reino poz em muito aperto;
 Que, vindo o Castellhano devastando
 As terras sem defeza, esteve perto
 De destruir-se o Reino totalmente;
 Que hum fraco Rei faz fraca a forte gente.

CXXXIX

Ou foi castigo claro do peccado
 De tirar Leonor (21) a seu marido,
 E casar-se com ella, de eulevado
 N'hum falso parecer mal entendido,
 Ou foi que o coração, sujeito e dado
 Ao vicio vil, de quem se vio rendido,
 Molle se fez e fraco; e bem parece,
 Que hum baixo amor os fortes enfraquece.

CXL

Do peccado tiveram sempre a pena
 Muitos, que Deos o quiz e permittio;
 Os que foram roubar a bella Helena;
 E com Apio tambem Tarquino o vio.
 Pois por quem David sancto se condena?
 Ou quem o Tribu illustre destruiu
 De Benjamin? Bem claro nol-o ensina
 Por Sara Pharaó, Sichem por Dina.

CXLI

E pois se os peitos fortes enfraquece
 Hum inconcesso amor desatinado,
 Bem no filho de Alcmena se parece,
 Quando em Omphale andava transformado:
 De Marco Antonio a fama se escurece
 Com ser tanto a Cleopatra affeioado.
 Tu tambem Poeno prospero (22), o sentiste,
 Depois que hũa moça vil na Apulia viste.

CXLII

Mas quem pôde livrar-se por ventura
 Dos laços, que Amor arma brandamente
 Entre as rosas e a neve humana pura,
 O ouro e o alabastro transparente?
 Quem de huma peregrina formosura,
 De hum vulto de Medusa propriamente,
 Que o coração converte, que tem preso,
 Em pedra não, mas em desejo acceso?

«Les nymphes du Mondégo ont longtemps pleuré sa mort tragique, et, pour garder éternellement son souvenir, elles convertirent les larmes qu'elles avaient répandues en une fontaine cristalline qui reçut et porte encore le nom des amours d'Inez, dont elle fut témoin (19). Voyez quelle délicieuse fontaine arrose les fleurs parfumées! ses eaux sont des larmes, son nom les *Amours!*

«Cependant Pierre ne vit pas s'écouler un long espace de temps avant qu'il pût venger ses mortelles blessures: à peine eut-il entre ses mains le sceptre de son père, qu'il songea à punir les assassins, que la frayeur avait mis en fuite. Ils lui furent livrés par cet autre Pierre (20), que ses sujets nommèrent le Cruel; au moyen d'un traité terrible, les deux rois inhumains recommencèrent les cruautés qu'exercèrent jadis Lépide, Antoine et Auguste.

«Ce prince se plaisait à punir sévèrement le brigandage, le meurtre et l'adultère, et à tourmenter les coupables par des supplices affreux. Il exerça sa justice sur les cités, et, à l'exemple d'Alcide et de Thésée, il délivra son royaume d'un nombre infini de brigands.

«Mais voyez une bizarre inconstance du Destin: le juste et sévère Dom Pierre eut pour fils Ferdinand, prince indolent et débile, qui faillit compromettre son royaume, le jour où le roi de Castille, profitant de l'apathie de ses voisins, tomba sur le Portugal, qu'il fut sur le point de détruire: tant il est vrai qu'un roi faible amollit le peuple le plus vaillant.

«On le ciel voulut le punir sévèrement d'avoir enlevé Éléonore (21) à son mari et de l'avoir ensuite épousée, entraîné qu'il était par une fatale passion; ou bien ce cœur, en s'adonnant au vice, se rendit faible et lâche. Les hommes forts eux-mêmes ne se laissent-ils pas dominer par de viles amours?

«Dieu l'a toujours voulu ainsi: les coupables ont toujours subi leur châtement; n'en avons-nous pas assez d'exemples dans les ravisseurs de la superbe Hélène, dans Tarquin, dans Appius? Quel motif a condamné le saint roi David? Qui détruisit l'illustre tribu de Benjamin? Bien clairement nous l'apprennent Pharaon par Sara, Sichem par Dina.

«Si l'on veut savoir jusqu'à quel point une passion déréglée affaiblit les cœurs vaillants, on peut bien le voir dans le fils d'Alemène, qui alla jusqu'à prendre les vêtements d'Omphale; Marc-Antoine vit sa renommée à jamais ternie par son attachement pour Cléopâtre; et toi aussi, heureux Carthaginois (22), tu en fus victime, lorsque tu t'épris de la jeune esclave de Capoue.

«Mais hélas! qui peut échapper aux pièges que nous tend doucement Cupidon, lorsqu'il nous montre un teint de lis et de roses, un cou d'albâtre et une chevelure blonde comme l'or? Qui peut résister aux charmes d'une beauté enchanteresse, qui, semblable à la tête de Méduse, enchaîne notre cœur et le transforme, non en une froide pierre, mais en un volcan de désirs?

CXLIII

Quem vio hum olhar seguro, hum gesto brando,
Huma suave e angelica excellencia,
Que em si está sempre as almas transformando,
Que tivesse contra ella resistencia?
Desculpado por certo está Fernando
Para quem tem de amor experiencia:
Mas antes, tendo livre a phantasia,
Por muito mais culpado o julgaria.

« Qui peut se défendre contre un regard
charmant, un doux maintien ou une angéli-
que beauté qui attire sans cesse les âmes?
Ferdinand sera sans doute excusable pour
celui qui aura déjà éprouvé les doux feux
de l'amour! Mais, si son cœur eût été li-
bre, il serait doublement coupable. »

CANTO IV

A voz pesada hum pouco alevantando,
Que nós no mar ouvimos claramente,
C'hum saber só d'experiencias feito,
Tacs palavras tirou do experto peito:

(Canto IV, Est. XCIV.)



«Éleva un peu sa voix grave que nous entendîmes distinctement sur la mer, et, avec une sagesse que l'expérience seule lui avait donnée, il prononça ces paroles mémorables :

(Chant. IV, Stan. XCIV.)

CANTO QUARTO

I

Despois de procclosa tempestade,
Nocturna sombra e sibilante vento,
Traz a manhã serena claridade,
Esperança de porto e salvamento:
Aparta o Sol a negra escuridade,
Removendo o temor ao pensamento:
Assi no reino forte aconteceu,
Despois que o Rei Fernando falleceo.

II

Porque se muito os nossos desejaram,
Quem os danmos e offensas vá vingando
Naquelles, que tão bem se aproveitaram
Do desenido remisso de Fernando;
Despois de pouco tempo o alcançaram,
Joanne sempre illustre alevantando
Por Rei, como de Pedro unico herdeiro,
(Aindaque bastardo) verdadeiro.

III

Ser isto ordenação dos Céos divina,
Por signaes muito elaros se mostrou,
Quando em Evora a voz de huma menina,
Ante tempo fallando, o nomeou;
E como cousa em fim, que o Céo destina,
No berço o corpo e a voz alevantou:
Portugal, Portugal, alçando a mão,
Disse, pelo Rei novo, Dom João.

IV

Alteradas então do Reino as gentes
Co' o odio, que oocupado os peitos tinha,
Absolutas cruezas, e evidentes,
Faz do povo o furor, por onde vinha:
Matando vão amigos e parentes
Do adultero Conde (1) e da Rainha,
Com quem sua incontinencia deshonestas
Mais, despois de viuva, manifesta.

V

Mas elle em fim, com causa deshonorado,
Diante della a ferro frio morre,
De outros muitos ua morte acompanhado;
Que tudo o fogo erguido quecima e corre:
Quem, como Astyanax, precipitado
(Sem lle valerem ordens (2)) de alta torre;
A quem ordens, nem aras, nem respeito;
Quem nu por ruas, e em pedaços feito.

VI

Podem-se pôr em longo esquecimento
As cruezas mortacs, que Roma vio,
Feitas do feroz Mario, e do cruento
Sylla, quando o contrario lle fugio.
Por isso Leonor, que o sentimento
Do morto Conde ao mundo descobrio,
Faz contra Lusitania vir Castella,
Dizendo ser sua filha herdeira della.

CHANT QUATRIÈME

«Après un violent orage, pendant lequel le vent en courroux siffle à travers la nuit sombre, le matin ramène une clarté bienfaisante, espoir des navigateurs égarés; le soleil, en rassurant les cœurs effrayés, chasse devant lui les noires ténèbres. Il en fut de même dans le vaillant royaume de Lusitane, après la mort du roi Ferdinand.

«Les Portugais, après avoir longtemps appelé un homme qui les vengeât des crimes et des outrages de ceux qui surent profiter de l'indolente négligence de Ferdinand, trouvèrent bientôt ce sauveur dans la personne de l'illustre Jean, en proclamant roi ce véritable héritier de Pierre, bâtard il est vrai, mais seul survivant.

«Des preuves évidentes ont démontré que ce choix était désigné par la Providence: à Evora on entendit une petite fille prononcer le nom du nouveau prince avant d'avoir acquis l'usage de la parole, et, comme pour obéir aux ordres du ciel, elle se releva sur son berceau et s'écria en levant la main: «Portugal, Portugal, reconnais ton nouveau roi Dom Jean!»

«Ayant soif de vengeance, à force d'avoir respiré la haine, le peuple en fureur ne commet que des cruautés indignes; il massacre tous les amis et parents du comte (1) et de la reine adultère, dont l'incontinence n'a fait qu'augmenter depuis son veuvage.

«Son favori, justement deshonoré aux yeux du peuple, est égorgé devant elle, ainsi que plusieurs de ses partisans, que le feu n'épargne pas. L'un (2), malgré son caractère sacré, est, comme Astyanax, précipité du haut d'une tour; quelques-uns, que ni leur rang ni le secours des autels ne peuvent sauver, sont traînés sans vêtements par les rues et mis en pièces.

«On pourrait oublier à jamais le carnage dont Rome fut victime sous le féroce Marius, et sous le sanguinaire Sylla, lorsqu'il vit son adversaire lui échapper. Aussi, Éléonore, inconsolable de la mort du comte, ne craignit pas d'appeler les Castellans dans le royaume de Lusitanie, dont elle revendiquait l'héritage pour sa fille.

VII

Beatriz era a filha, que casada
 Co'o Castelbano está, que o reino pede,
 Por filha de Fernando reputada,
 Se a corrompida fama lho concede.
 Com esta voz Castella alevantada,
 Dizendo que esta filha ao pai succede,
 Suas forças ajunta, para as guerras,
 De varias regiões e varias terras.

VIII

Vem de toda a provincia, que de luum Brigo.
 (Se foi) já teve o nome derivado (3);
 Das terras que Fernando e que Rodrigo (4)
 Ganharam do tyranno e Mauro estado.
 Não estimam das armas o perigo
 Os que cortando vão co'o duro arado
 Os campos Leonezes, cuja gente
 Co'os Mouros foi nas armas excellente.

IX

Os Vandalos, na antiga valentia
 Ainda confiados, se ajuntavam
 Da cabeça de toda Andaluzia,
 Que do Guadalquibir as aguas lavam.
 A nobre ilha tambem se aperebia,
 Que antiguamente os Tyrios habitavam (5),
 Trazendo, por insignias verdadeiras,
 As Herculeas columnas nas bandeiras.

X

Tambem vem lá do reino de Toledo,
 Cidade nobre e antiga, a quem cercando
 O Tejo em torno vai suave e ledado,
 Que das serras de Conca vem manando.
 A vós outros tambem não tolhe o medo,
 Ó sordidos Gallegos, duro bando,
 Que, para resistirdes, vos armastes,
 Áquelles cujos golpes já provastes.

XI

Tambem movem da guerra as negras fúrias
 A gente Biscainha, que carece
 De polidas razões, e que as injurias
 Muito mal dos estranhos compadece.
 A terra de Guipúseua e das Asturias,
 Que com minas de ferro se ennobrece,
 Arnou delle os soberbos moradores,
 Para ajudar na guerra a seus senhores.

XII

Joanne, a quem do peito o esforço crece,
 Como a Samsão Hebrêo da guedellia,
 Postoque tudo pouco lhe parece,
 Co'os poucos de seu reino se aparelha:
 E, não porque conselho lhe fallece,
 Co'os principaes senhores se aconsellia;
 Mas só por ver das gentes as sentenças,
 Que sempre houve entre muitos differenças.

XIII

Não falta com razões quem desconcerte
 Da opinião de todos, na vontade,
 Em quem o esforço antigo se converte
 Em desusada e má deslealdade;
 Podendo o temor mais, gelado, inerte,
 Que a propria e natural fidelidade:
 Negam o Rei e a patria, e, se convem,
 Negarão, como Pedro, o Deos que tem.

XIV

Mas nunca foi que este erro se sentisse
 No forte Dom Nuno Alvares (6): mas antes,
 Postoque em seus irmãos tão claro o visse,
 Reprovando as vontades inconstantes,
 Áquellas duvidosas gentes disse,
 Com palavras mais duras que elegantes,
 A mão na espada, irado e não facundo,
 Ameaçando a terra, o mar e o mundo:

« Cette fille, c'était Béatrix, l'épouse du roi castillan, qui réclamait ce nouveau royaume. Elle passait pour la fille de Ferdinand; mais la médisance générale affirmait le contraire. Obéissant aux ordres de son roi, la Castille se soulève, et, prétendant que cette fille doit succéder à son père, elle assemble pour la guerre toutes ses troupes, accourues de ses différentes provinces.

« Déjà elles arrivent de toute la contrée à laquelle, si l'on en croit la légende, Brigus donna son nom (3), et des terres que Ferdinand et Rodrigue (4) enlevèrent à la tyrannie des Maures. Les intrépides Léonais, jadis redoutables adversaires des Arabes, ne reculent pas devant les dangers de la guerre.

« Les Vandales, se fiant encore à leur ancienne bravoure, partent de la capitale de toute Andalousie. qu'arrosent les eaux du Guadalquivir; elle se préparait aussi à la guerre, cette île célèbre qu'habitaient jadis les Tyriens (5), portant pour insignes les colonnes d'Hercule peintes sur leurs étendards.

« Ils accourent aussi, les habitants du royaume de Tolède, noble et ancienne ville que baigne le Tage calme et doux, ramenant ses limpides eaux des montagnes de Conca. Et vous, sordides Galiciens, infatigable troupeau, vous n'avez pas craint de reprendre les armes contre un peuple dont vous aviez déjà essuyé les coups.

« Les grossiers enfants de la Biscaye, qui supportent peu les injures d'un étranger, préparent également leur terrible appareil de guerre; à ceux-ci viennent encore s'ajouter les superbes guerriers de Guipuscoa et des Asturies, armés du fer que produisent leurs mines et dont ils défendent leurs souverains dans les combats.

« Sentant augmenter son courage, comme Samson retrouvait sa force dans sa chevelure, Jean, bien que toutes ses troupes lui semblent peu redoutables, se prépare néanmoins à la guerre avec sa petite armée. Il commence par prendre conseil des principaux seigneurs de son royaume, non qu'il ait besoin des avis des autres, mais pour se rendre compte de toutes les opinions, car il n'ignore pas qu'on est rarement d'accord dans une nombreuse assemblée.

« Il ne manque pas d'orateurs qui contredisent toutes les volontés, toutes les appréciations; chez ceux-là l'intrépidité de leurs ancêtres fait place à la mauvaise foi; se laissant dominer plutôt par une crainte basse et vile, que par la fidélité que tout sujet doit à son maître, ils renient le roi et la patrie, et s'il leur convient, ils peuvent, comme Pierre, renier leur Dieu!

« Jamais on n'eût pu accuser de ce défaut le brave Dom Nuno Alvares (6), et, quoiqu'il l'eût clairement remarqué chez ses frères, ne pouvant approuver une pareille inconstance d'opinions, il s'adressa à ces hommes irrésolus en des termes plus durs que choisis, et menaçant de son glaive la terre, la mer et l'univers entier, il s'écria dans son rude langage:

XV

Como? da gente illustre Portugueza
 Ha de haver quem refuse o patrio Marte?
 Como? desta provincia, que princeza
 Foi das gentes na guerra em toda a parte
 Ha de sahir quem negue ter defeza?
 Quem negue a fé, o amor, o esforço e arte
 De Portuguez, e por nenhum respeito
 O proprio reino queira ver sujeito?

XVI

Como? não sois vós inda os descendentes
 Daquelles, que debaixo da bandeira
 Do grande Henriques (7), feros e valentes,
 Venceram esta gente tão guerreira?
 Quando tantas bandeiras, tantas gentes
 Puzeram em fugida, de maneira
 Que sete illustres Condes lhe trouxeram
 Presos, afora a presa que tiveram?

XVII

Com quem foram contino sopeados
 Estes, de quem o estais agora vós,
 Por Diniz, e seu filho, sublimados,
 Senão co'os vossos fortes pais e avós?
 Pois se com seus descuidos, ou peccados,
 Fernando em tal fraqueza assi vos poz,
 Torne-vos vossas forças o Rei novo;
 Se he certo que co'o Rei se muda o povo.

XVIII

Rei tendes tal, que se o valor tiverdes
 Igual ao Rei que agora alevantastes,
 Desbaratareis tudo o que quizerdes,
 Quanto mais a quem já desbaratastes:
 E se com isto em fim vos não moverdes,
 Do penetrante medo que tomastes,
 Atai as mãos a vosso vão receio,
 Que eu só resistirei ao jugo alheio.

XIX

Eu só com meus vassallos, e com esta,
 (E dizendo isto arranca meia espada)
 Defenderei, da força dura e infesta,
 A terra nunca de outrem subjugada:
 Em virtude do Rei, da Patria mesta,
 Da lealdade já por vós negada,
 Vencerei não só estes adversarios,
 Mas quantos a meu Rei forem contrarios.

XX

Bem como entre os mancebos recolhidos
 Em Canusio, reliquias sós de Cammas,
 Já para se entregar, quasi movidos,
 Á fortuna das gentes Africanas;
 Cornelio (8) moço os faz, que compellidos
 Da sua espada jurem, que as Romanas
 Armas não deixarão, em quanto a vida
 Os não deixar, ou nellas for perdida:

XXI

Desta arte a gente força e esforça Nuno,
 Que com lhe ouvir as ultimas razões
 Removem o tenor frio, importuno
 Que gelados lhe tinha os corações:
 Nos animaes cavalgam de Neptuno,
 Brandindo, e volteando arremessões,
 Vão correndo e gritando á boca aberta:
 «Viva o famoso Rei que nos liberta.»

XXII

Das gentes populares, huns approvam
 A guerra com que a patria se sustinha;
 Huns as armas alimpam e renovam,
 Que a ferrugem da paz gastadas tinha;
 Capacetes estofam, peitos provam,
 Arma-se cada hum como convinha;
 Outros fazem vestidos de mil cores,
 Com lettras e tenções de seus amores.

«Eh quoi! au sein de l'illustre gent lusitanienne il se trouverait des hommes capables de refuser une guerre nationale? quoi! cette contrée, qui jusqu'ici a toujours été supérieure à toutes les autres dans les combats, aurait engendré des hommes qui renient leur courage traditionnel, qui renient la foi, l'amour, la bravoure et l'adresse des Portugais, et qui, ne respectant même pas ce qu'il y a de plus sacré, désirent voir leur patrie dans l'esclavage?»

«Eh quoi! n'êtes-vous plus déjà les descendants de ces braves qui ont vaincu sous le drapeau du grand Henriques (7) cette nation si guerrière, lorsqu'ils mirent en fuite son immense armée aux étendards éblouissants, et que, sans compter le riche butin qu'ils rapportèrent, ils firent prisonniers sept illustres comtes?»

«Qui, sinon vos pères et vos aïeux, a aidé le grand Denys et son digne fils à dompter ceux qui maintenant veulent vous soumettre? Si c'est Ferdinand qui par sa faiblesse et ses crimes vous a réduits à une telle pusillanimité, que votre prince actuel vous rende vous forces, s'il est vrai que tout peuple change avec un nouveau roi.»

«Vous avez maintenant un monarque tel, que, si votre valeur est comparable à la sienne, vous détruirez tout ce qu'il vous plaira de détruire, et à plus forte raison ceux que vous avez déjà mis en déroute. Enfin, si ces raisons ne suffisent pas pour vous enlever la peur qui vous engourdit, croisez-vous lâchement les bras: moi seul je résisterai au joug des étrangers!»

«Moi seul, aidé de mes vassaux et de cette épée (et en prononçant ces mots, il la sort à moitié du fourreau), moi seul je défendrai contre une puissance injuste et cruelle cette terre que jamais un étranger n'a subjuguée! Au nom du roi, de la patrie en deuil et de la loyauté que vous me refusez, je vaincrai, non-seulement ces ennemis, mais tous ceux qui oseront attaquer mon souverain.»

«De même qu'autrefois à Canusium, alors que les jeunes guerriers, uniques débris de Cannes, étaient presque résolus à se rendre aux Africains victorieux, le jeune Cornélius (8) les obligea à jurer sur leurs épées qu'ils n'abandonneraient jamais les armes romaines, tant que la vie ne les abandonnerait pas, ou que ces armes ne les perdraient:

«Ainsi Nuno encourage les Lusitaniens, qui, entendant ses dernières paroles, chassent loin d'eux la lâche crainte qui glaçait leurs cœurs. Montés sur les animaux consacrés à Neptune, ils agitent et brandissent des javelines, en courant et criant à haute voix: Vive l'illustre roi qui nous délivre!

«Dans le peuple, les uns approuvent la guerre qui sauve la patrie; d'autres polissent et fourbissent leurs armes que la rouille de la paix avait détériorées; ils embourrent des casques, essaient des cuirasses et s'arment tous, chacun comme il peut. D'autres enfin fabriquent des vêtements de toutes couleurs et les ornent des chiffres et des devises de leurs amours.

XXIII

Com toda esta lustrosa companhia
 Joanne forte sahe da fresca Abrantes,
 Abrantes, que tambem da fonte fria
 Do Tejo logra as agnas abundantes.
 Os primeiros armigeros regia,
 Quem para reger era os mmi possantes
 Orientaes exercitos sem conto,
 Com que passava Xerxes o Hellesponto:

XXIV

Dom Nuno Alvares digo, verdadeiro
 Aconte de soberbos Castellhanos,
 Como já o fero Hunno o foi primeiro
 Para Francezes, para Italianos.
 Outro tambem famoso cavalleiro,
 Que a ala direita tem dos Lusitanos.
 Apto para mandal-os, e regel-os,
 Mem Rodrigues se diz de Vasconcellos.

XXV

E da outra ala, que a esta corresponde,
 Antão Vasques de Almada he capitão,
 Que despois foi de Abranches nobre Conde,
 Das gentes vai regendo a sestra mão.
 Logo na retagnarda não se esconde
 Das quinas e castellos o pendão,
 Com Joanne Rei forte em toda parte,
 Que escurecendo o preço vai de Marte.

XXVI

Estavam pelos muros temerosas,
 E de hum alegre medo quasi frias,
 Rezando as mãis, irmãs, damas e esposas,
 Promettendo jejuns e romarias.
 Já chegam as esquadras bellicosas
 Defronte das inimigas companhias,
 Que com grita grandissima os recebem,
 E todas grande duvida concebem.

XXVII

Respondem as trombetas mensageiras,
 Pifaros sibilantes e atambores;
 Alferezes volteam as bandeiras.
 Que variadas são de muitas cores.
 Era no secco tempo, que nas eiras
 Ceres o fructo deixa aos lavradores;
 Entra em Astréa o Sol, no mez de Agoto;
 Baccho das uvas tira o doce mosto.

XXVIII

Deo signal a trombeta Castellhana
 Horrendo, fero, ingente e temeroso;
 Onvi-o o monte Artabro, e Guadiana
 Atraz tornou as ondas de medroso:
 Onvi-o o Douro, e a terra Transtagana:
 Correo ao mar o Tejo duvidoso:
 E as mãis, que o som terribil esenitaram,
 Aos peitos os fillinhos apertaram (9).

XXIX

Quantos rostos alli se vêm sem côr,
 Que ao coração acode o sangue amigo;
 Que nos perigos grandes o temor
 He maior muitas vezes que o perigo:
 E se o não he, parece-o; que o furor
 De offender, ou vencer o duro inimigo,
 Faz não sentir que he perda grande e ura
 Dos membros corporaes, da vida clara.

XXX

Começa-se a travar a incerta guerra;
 De ambas partes se move a primeira al;
 Huns leva a defensão da propria terra,
 Outros as esperanças de ganhar-a:
 Logo o grande Pereira, em quem se encara
 Todo o valor, primeiro se assinala:
 Derriba e encontra, e a terra em fim senca
 Dos que a tanto desejam, sendo alhea.

« Suivi de toute cette brillante armée, le brave Jean sort de la riante Abrantes; Abrantes, qui joint aussi des abondantes eaux du Tage fleuri. L'avant-garde est commandée par un héros qui aurait pu conduire les innombrables armées orientales auxquelles Xerxès fit traverser l'Hellespont :

« Je viens de nommer Dom Nuno Alvares, ce véritable fléau des orgueilleux Castellans, comme le fut jadis le roi des Huns pour les Francs et les Romains. Un autre illustre chevalier commande l'aile droite des Lusitaniens: c'est Mem Rodrigues de Vasconcellos, digne général d'une telle armée.

« L'aile gauche a pour capitaine Antão Vasques d'Almada, devenu plus tard le noble comte d'Avranches. Puis dans l'arrière-garde se dresse l'étendard orné des écussons du Portugal: c'est là que se tient le brave roi Jean, héros qui ternit la gloire de Mars.

« Autour des murailles de la ville, on pouvait voir les mères, les sœurs et les épouses des guerriers tremblantes et joyenses à la fois, priant, et promettant à Dieu des jeûnes et des pèlerinages. Déjà les belliquenses cohortes sont arrivées devant les légions ennemies; à leur aspect, un cri général s'élève dans les airs, et tous éprouvent une grande anxiété.

« Bientôt on entend les sons de la trompette et du fifre aigu, ainsi que le roulement du tambour; les enseignes agitent leurs drapeaux de diverses couleurs. C'était au mois d'août, à l'époque où Cérès laisse sur les airs son fruit bienfaisant aux laboureurs; le soleil entre dans la constellation d'Astrée, et Bacchus extrait du raisin le moût délicieux.

« La trompette castillane donna bientôt son effrayant et redoutable signal; le mont Artabre l'entendit, et les flots du Gnadiana reeulèrent épouvantés: le Douro l'entendit de même, ainsi que la contrée située au delà du Tage; celui-ci roula vers l'Océan ses eaux effrayés, et les mères qui écoutèrent ce son terrible pressèrent contre leur sein leurs petits enfants (9).

« On voit pâlir les visages des soldats; tout leur sang s'est porté vers le cœur; c'est que dans les grands périls la crainte est souvent plus grande que le danger lui-même, ou si elle ne l'est pas, elle paraît l'être; le désir effréné de blesser ou de vaincre un féroce ennemi nous empêche de réfléchir à la douleur de perdre un membre ou la vie, si chère à tous.

« Le combat, dont l'issue est difficile à prévoir, commence à s'engager; les deux avant-gardes s'ébranlent à la fois, l'une dans l'intention de défendre son propre pays, l'autre dans l'espoir de conquérir un royaume. Bientôt se distingue avant tous les autres le grand Pereira, en qui se réunit tout le courage. Il heurte et renverse ceux qui lui résistent, et couvre la terre des ennemis, qui la convoitaient injustement.

XXXI

Já pelo espesso ar os estridentes
Farpões, settas e varios tiros voam;
Debaixo dos pés duros dos ardentes
Cavallos, treme a terra, os valles soam;
Espedaçam-se as lanças e as frequentes
Quebras co'as duras armas tudo atroam;
Recreseem os imigos sobre a pouca
Gente do fero Nuno, que os aponca.

XXXII

Eis alli seus irmãos contra elle vão:
(Caso feo e cruel!) mas não se espanta;
Que menos he querer matar o irmão,
Quem contra o Rei e a patria se alevanta:
Destes arrenegados muitos são
No primeiro esquadrão, que se adianta
Contra irmãos e parentes, (caso estranho!)
Quaes nas guerras civis de Julio e Magno.

XXXIII

Ó tu Sertorio, ó nobre Coriolano,
Catilina, e vós outros dos antigos,
Que contra vossas patrias com profano
Coração vos fizestes inimigos;
Se lá no reino escuro de Sumano
Reeberdes gravissimos castigos,
Dizei-lhe que tambem dos Portuguezes
Alguns traidores houve algumas vezes.

XXXIV

Rompem-se aqui dos nossos os primeiros;
Tantos dos inimigos a elles vão!
Está alli Nuno, qual pelos outeiros
De Ceita está o fortissimo leão,
Que ecreado se vê dos cavalleiros,
Que os campos vão correr de Tetuão;
Perseguem-no co'as lanças, e elle iroso,
Torvado hum pouco está, mas não medroso.

XXXV

Com torva vista os vê; mas a natura
Ferina, e a ira não lhe compadecem
Que as costas dê; mas antes na espessura
Das lanças se arremessa, que recreem.
Tal está o cavalleiro, que a verdura
Tinge co'o sangue alheio. Alli pereem
Alguns dos seus; que o animo valente
Perde a virtude contra tanta gente.

XXXVI

Sentio Joanne a affronta que passava
Nuno; que, como sabio capitão,
Tudo corria e via, e a todos dava,
Com presença e palavras, eoração.
Qual parida lcoá, fera e brava,
Que os filhos, que no ninho sós estão,
Sentio que, em quanto pasto lhe buseara,
O pastor de Massylia lhos furtara:

XXXVII

Corre raivosa, e freme, e com bramidos
Os montes Sete-Irmãos (10) atroa e abala:
Tal Joanne, com outros escolhidos
Dos seus, correndo acode á primeira ala:
Ó fortes companheiros, ó subidos
Cavalleiros, a quem nenhum se iguala,
Defendei vossas terras; que a esperança
Da liberdade está na vossa lança.

XXXVIII

Vedes-me aqui Rei vosso, e companheiro,
Que entre as lanças, e settas, e os arnezes
Dos inimigos corro e vou primeiro:
Pelejai verdadeiros Portuguezes
Isto disse o magnanimo guerreiro;
E sopesando a lança quatro vezes,
Com força tira; e deste unico tiro
Muitos lançaram o ultimo suspiro.

« On entend siffler les dards et les flèches qui volent dans les airs; sous les lourds sabots des coursiers, la terre tremble et les vallées retentissent. On brise les lances; les chutes fréquentes des combattants lourdement armés augmentent encore ce bruit étourdissant; à mesure que le nombre des ennemis s'accroît, la petite armée de l'intrépide Nuno les amoindrit.

« Là (fait honteux et cruel!), on voit ses propres frères prendre les armes contre lui; mais rien n'étonne plus le héros: n'est-il pas moins criminel de vouloir tuer son frère, que de se soulever contre son roi et sa patrie? Le premier escadron contient beaucoup de ces renégats qui ne craignent pas de marcher contre leurs frères et leurs parents. Étrange événement, digne des guerres civiles de Julius et de Pompée!

« Sertorius, Coriolan, Catilina, et vous tous parmi les anciens qui vous êtes profanés en devenant les ennemis de votre patrie; si dans le profond royaume de Summanus vous essayez des châtimens terribles, dites-lui que, parmi les Portugais, il y a eu aussi quelques traîtres.

« Le premier rang de notre armée, harcelé par ses innombrables adversaires, se laisse enfoncer: c'est ici que se tient Nuno, brave comme le lion qui, monté sur les collines de Ceuta, se voit entouré par des cavaliers qui parcourent les plaines de Tétuan; en se sentant poursuivi par leurs lances, l'animal se laisse un peu troubler, mais il ne perd pas courage;

« Il les regarde d'abord d'un œil indécis, mais bientôt, excité par la colère et par sa nature féroce, avant de tourner le dos, il s'élançe dans l'épaisseur de leurs piques, dont le nombre à chaque instant redouble. Tel le fameux chevalier rougit la plaine du sang castillan; près de lui périssent quelques-uns des siens, découragés par le nombre toujours croissant des ennemis.

« Jean comprend le danger où se trouve Nuno; car, ce sage capitaine, il court partout, voit tout, et, par sa présence et ses paroles, donne du cœur à tous. Lorsqu'une redoutable lionne, récemment devenue mère, s'est aperçue que, pendant qu'elle laissait ses petits dans son antre pour aller leur chercher leur pâture, le berger de Massylie les lui a volés;

« Elle court furieuse, et de ses rugissemens aigus elle ébranle les sept monts de Dara (10). Tel le roi Jean, suivi de quelques-uns des plus braves parmi ses guerriers, vole au secours de l'avant-garde: « Vaillants camarades, leur dit-il, intrépides cavaliers, que nulle autre nation n'égale en courage, défendez vos terres: l'espoir de la liberté est dans la pointe de vos lances. »

« Vous me voyez ici, moi qui suis votre roi et votre compagnon, courant le premier au milieu des piques, des flèches et des annures de l'ennemi. A votre tour de combattre aussi en véritables Portugais! » Ainsi parla le guerrier magnanime, et brandissant quatre fois sa redoutable lance, il l'enfonça avec force, et de ce seul coup plusieurs rendirent le dernier soupir.

XXXIX

Porque eis os seus accesos novamente
 D'huma nobre vergonha e honroso fogo,
 Sobre qual mais com animo valente
 Perigos vencerá do marcio jogo,
 Porfiam: tinge o ferro o fogo ardente,
 Rompem malhas primeiro, e peitos logo:
 Assi recebem juntos, e dão feridas,
 Como a quem já não doe perder as vidas.

XL

A muitos mandam ver o Estygio lago,
 Em cujo corpo a morte e o ferro entrava:
 O Mestre morre alli de Sanct-Iago,
 Que fortissimamente pelejava:
 Morre tambem, fazendo grande estrago,
 Outro Mestre cruel de Calatrava:
 Os Pereiras tambem arrenegados
 Morrem, arrenegando o Céu e os fados.

XLI

Muitos tambem do vulgo vil sem nome
 Vão, e tambem dos nobres, ao Profundo,
 Onde o triface cão perpetua fome
 Tem das almas que passam deste mundo:
 E porque mais aqui se amanse e dome
 A soberba do inimigo furibundo,
 A sublime bandeira Castellhana
 Foi derribada aos pés da Lusitana.

XLII

Aqui a feia batalha se encruce,
 Com mortes, gritos, sangue e cutiladas;
 A multidão da gente que perece,
 Tem as flores da propria côr mudadas (11):
 Já as costas dão, e as vidas; já fallece
 O furor, e sobejam as lançadas:
 Já de Castella o Rei desbaratado
 Se vê, e de seu proposito mudado.

XLIII

O campo vai deixando ao vencedor,
 Contento de lhe não deixar a vida:
 Seguem-no os que ficaram, e o temor
 Lhe dá, não pés, mas azas á fugida.
 Encobrem no profundo peito a dor
 Da morte, da fazenda despendida,
 Da magoa, da deshonra, e triste nojo
 De ver outrem triumphar de seu despojo.

XLIV

Alguns vão maldizendo e blasphemando
 Do primeiro que guerra fez no mundo;
 Outros a sêde dura vão enlupando
 Do peito cobiçoso, e sitibundo;
 Que, por tomar o alheio, o miserando
 Povo aventura ás penas do Profundo;
 Deixando tantas mãis, tantas esposas,
 Sem filhos, sem maridos, desditosas.

XLV

O vencedor Joanne esteve os dias
 Costumados no campo em grande gloria:
 Com offertas depois e romarias,
 As graças deo a quem lhe deo victoria.
 Mas Nuno, que não quer por outras vias
 Entre as gentes deixar de si memoria,
 Senão por armas sempre soberanas,
 Para as terras se passa Transtaganas.

XLVI

Ajuda-o seu destino de maneira,
 Que fez igual o effeito ao pensamento;
 Porque a terra dos Vandalos fronteira
 Lhe concede o despojo e o vencimento.
 Já de Sevilha a Betica bandeira,
 E de varios senhores, n'hum momento
 Se lhe derriba aos pés, sem ter defeza,
 Obrigados da força Portugueza.

« Bientôt aussi, animés d'une nouvelle ardeur et d'une noble honte, ses frères d'armes se disputent l'honneur de braver les plus grands périls de Mars; ils font étinceler leurs épées, percent les cottes de maille et les cuirasses, et, ne s'inquiétant plus de perdre la vie, ils reçoivent et portent des blessures sanglantes.

« Plusieurs Castillans auxquels le fer a donné la mort s'en vont boire les eaux du Styx: là meurt cet intrépide héros, le grand-maître de Saint-Jacques; meurt aussi, en se défendant comme un lion, le grand-maître de Calatrava. On n'épargne pas non plus les traîtres Pereiras, qui périssent en reniant le ciel et les destins.

« Plusieurs, dont le vulgaire nom est ignoré, ainsi que ceux qui sont nobles par la naissance, vont rejoindre aux enfers le chien à trois gueules qui n'est jamais rassasié des âmes des mortels; et, pour mieux dompter l'orgueil de l'ennemi furieux, le sublime étendard de Castille est renversé aux pieds du drapeau de Lusitanie.

« Le carnage de la bataille devient atroce; on ne voit que des blessés, des cadavres; on n'entend que les cris des mourants, dont le sang a rougi les fleurs de la prairie (11). Les uns fuient, les autres meurent. L'ardeur est apaisée et les coups de lance sont superflus. Le roi de Castille vaincu voit ses projets avortés.

« Il abandonne la plaine au vainqueur, content de ne pas lui abandonner la vie; les débris de son armée le suivent, et la crainte leur donne pour fuir des ailes au lieu de pieds. Ils refoulent au plus profond de leur cœur la douleur d'avoir perdu leurs compagnons et dépensé tant de biens, affligés surtout du déshonneur et du chagrin de voir les autres profiter de leurs dépouilles.

« Les uns maudissent en blasphémant le premier homme qui fit la guerre; d'autres accusent la soif ardente de ce cœur ambitieux qui, pour s'emparer du bien d'autrui, risque la vie du malheureux peuple, en laissant tant de mères et d'épouses sans enfants, sans époux, et à jamais malheureuses.

« Le vainqueur Jean demeura triomphant sur le champ de bataille le temps consacré, puis, au moyen d'offrandes et de pèlerinages, il rendit les grâces de sa victoire au Dieu qui la lui avait donnée. Mais Nuno, qui ne veut laisser de lui un souvenir autre que celui de ses armes toujours puissantes, passe dans les terres situées au delà du Tage.

« Le sort l'aide de telle façon que le résultat égale ses desseins; le pays des Vandales, qui touche à la frontière du royaume, lui cède encore la victoire et un riche butin. Le bétique drapeau de Séville, ainsi que les pavillons de divers seigneurs sont foulés aux pieds, sans que les Portugais rencontrent une résistance sérieuse.

XLVII

Destas e outras victorias longamente
 Eram os Castellhanos opprimidos;
 Quando a paz, desejada já da gente,
 Deram os vencedores aos vencidos;
 Depois que quiz o Padre omnipotente
 Dar os Reis inimigos por maridos
 Ás duas illustrissimas Inglezas,
 Gentis, formosas, inelytas Princezas (12).

XLVIII

Não soffre o peito forte, usado á guerra,
 Não ter inimigo já a quem faça dano;
 E assi, não tendo a quem vencer na terra,
 Vai commetter as ondas do Oceano.
 Este he o primeiro Rei que se desterra
 Da patria, por fazer que o Africano
 Conheça pelas armas, quanto excede
 A lei de Christo á lei de Mafamede.

XLIX

Eis mil nadantes aves pelo argento
 Da furiosa Thetis inquieta
 Abrindo as pandas azas vão ao vento,
 Para onde Aleides poz a extrema meta.
 O monte Abyla, e o nobre fundamento
 De Ceita toma, e o torpe Mahometa
 Deita fóra, e segura toda Hespanha
 Da Juliana, má e desleal manha (13).

L

Não consentio a morte tantos annos
 Que de Heroe tão ditoso se lograsse
 Portugal; mas os eoros soberanos
 Do Céu supremo quiz que povoasse:
 Mas para defensão dos Lusitanos
 Deixou, quem o levou, quem governasse,
 E augmentasse a terra mais que d'antes,
 Inelyta geração, altos Infantes.

LI

Não foi do Rei Duarte tão ditoso
 O tempo que ficou na summa alteza;
 Que assi vai alternando o tempo iroso
 O bem co' o mal, o gosto co' a tristeza.
 Quem vio sempre hum estado delcitoso?
 Ou quem vio em fortuna haver firmeza?
 Pois inda neste reino, e neste Rei,
 Não usou ella tanto desta lei.

LII

Vio ser captivo o sancto irmão Fernando,
 Que a tão altas empresas aspirava,
 Que, por salvar o povo miserando,
 Cereado (14), ao Sarraeno s'entregava:
 Só por amor da patria está passando
 A vida de senhora feita escrava,
 Por não se dar por elle a forte Ceita:
 Mais o publico bem que o seu respeita.

LIII

Codro, porque o inimigo não vencesse,
 Deixou antes vencer da morte a vida:
 Regulo, porque a patria não perdesse,
 Quiz mais a liberdade ver perdida.
 Este, porque se Hespanha não temesse,
 A captiveiro eterno se couvida:
 Codro, nem Curcio, ouvido por espanto,
 Nem os Decios leaes fizeram tanto.

LIV

Mas Affonso, do Reino unico herdeiro,
 Nome em armas ditoso, em nossa Hesperia,
 Que a soberba do barbaro fronteiro
 Tornou em baixa e humillima miseria,
 Fôra por certo invicto cavalleiro,
 Senão quizera ir ver a terra Iberia:
 Mas Africa dirá ser impossibil,
 Poder ninguem vencer o Rei terribil.

« Ces victoires et d'autres encore avaient à la longue épuisé les forces des Castellans, lorsque la paix, tant désirée de tous, fut accordée aux vaincus par les vainqueurs, après que le Père Tout-Puissant eut résolu de marier les deux rois ennemis avec les deux belles et illustres princesses d'Angleterre (12).

« Mais le Brave cœur, habitué aux combats, ne peut plus rester longtemps privé d'un ennemi contre qui guerroyer. N'ayant personne à vaincre sur terre, il s'en va braver les vagues de l'Océan. C'est le premier roi qui s'exile de sa patrie, pour aller les armes à la main obliger l'Africain à reconnaître combien la loi du Christ l'emporte sur celle de Mahomet.

« Déjà mille oiseaux nageants traversent les ondes argentées de Thétis en fureur, et déployant leurs ailes au vent, ils se dirigent vers le point où Alcide mit sa dernière limite. Jean s'empare du mont Abyla et de la forte Ceuta, et en chasse le vil Mahométan: dès lors l'Espagne n'a plus à redouter la ruse infâme de Julien (13).

« La mort ne consentit pas que le Portugal jouît plus longtemps d'un héros si fortuné; elle voulut qu'il allât peupler les souverains chœurs dans le ciel suprême. Mais Dieu, qui l'emporta, laissa pour défendre les Lusitaniens une génération illustre, des Infants valeureux chargés de gouverner et d'agrandir encore le pays.

« Moins heureuses firent les années pendant lesquelles le roi Duarte demeura chargé du souverain pouvoir: ainsi le Temps irrité alterne le bien et le mal, le bonheur et le chagrin. Qui vit jamais un état toujours heureux? Qui vit la fortune toujours constante? Et encore ne fut-elle pas trop sévère pour ce prince ni pour son royaume dans l'application de cette loi.

« Duarte vit la captivité de Ferdinand, son pieux frère, qui aspirait à de si hautes entreprises, et qui, pour sauver la malheureuse ville assiégée (14), se livra de lui-même aux Sarrasins. Seul l'amour de la patrie a rendu esclave cette vie souveraine; pour ne point voir donner comme rançon la ville de Ceuta, il consent à demeurer prisonnier, respectant plus l'intérêt public que son propre intérêt.

« Codrus, pour empêcher l'ennemi de vaincre, abandonna plutôt la vie: Régulus, pour ne point ruiner sa patrie, préféra perdre sa liberté: celui-ci, pour que l'Espagne n'ait rien à redouter, se voue à une captivité éternelle. Ni Codrus ni Curtius, si justement admirés, ni les braves Décius n'ont tant fait pour leur pays.

« Alphonse, unique héritier du royaume, bienheureux nom que les armes ont illustré dans notre Hespérie, Alphonse, qui rabassa la superbe du barbare voisin, aurait été un cavalier invincible s'il ne s'était attaqué au royaume d'Ibérie; mais l'Afrique dira toujours qu'il était impossible de vaincre le terrible roi.

LV

Este pôde colher as maçãs de ouro,
 Que somente o Tirynthio (15) colher pode:
 Do jugo que lhe poz o bravo Mouro
 A cerviz inda agora não sacode.
 Na fronte a palma leva, e o verde louro
 Das victorias do barbaro, que aeode
 A defender Aleaccr, forte villa,
 Tangere populoso e a dura Arzilla.

LVI

Porém ellas em fim por força entradas,
 Os muros abaixaram de diamante
 Ás Portuguezas forças, costumadas
 A derribarem quanto acham diante.
 Maravilhas em armas estremadas,
 E de escriptura dignas elegante,
 Fizeram cavalleiros nesta empreza,
 Mais affinando a fama Portngueza.

LVII

Porém depois tocado de ambição,
 E gloria de mandar, amara e bella,
 Vai commetter Fernando de Aragão
 Sobre o potente reino de Castella.
 Ajunta-se a inimiga multidão
 Das soberbas e varias gentes della,
 Desde Cadix ao alto Pyreneo,
 Que tudo ao Rei Fernando obedceeo.

LVIII

Não quiz ficar nos reinos ocioso
 O mancebo Joanne; e logo ordena
 De ir ajudar o pai ambicioso,
 Que então lhe foi ajuda não pequena.
 Sahio-se em fim do tranec perigoso,
 Com fronte não torvada, mas serena,
 Desbaratado o pai sanguinolento;
 Mas ficou duvidoso o vencimento:

LIX

Porque o filho sublime e soberano,
 Gentil, forte, animoso cavalleiro,
 Nos eontrarios fazendo immenso dano,
 Todo hum dia fieou no campo inteiro (16).
 Desta arte foi veneido Octaviano,
 E Antonio vencedor, seu companheiro,
 Quando daquelles que Cesar mataram,
 Nos Philippicos campos se vingaram.

LX

Porém depois que a cseura noite eterna
 Affonso aposentou no Céu sereno,
 O Principe, que o reino então governa,
 Foi Joanne segundo, e Rei trezeno.
 Este por haver fama sempiterna,
 Mais do que tentar pode homem terreno,
 Tentou, que foi buscar da roxa Aurora
 Os terminos, que eu vou buscando agora.

LXI

Manda seus mensageiros, que passaram
 Hespanha, França, Italia celebrada;
 E lá no illustre porto se embarearam,
 Onde já foi Parthenope enterrada;
 Napoles, onde os fados se mostraram,
 Fazendo-a a varias gentes subjugada,
 Pela illustrar no fim de tantos annos,
 Co'o senhorio de inclytos Hispanos.

LXII

Pelo mar alto Siculo navegam;
 Vão-se ás praias de Rhodes arenosas;
 E dalli ás ribeiras altas chegam,
 Que co'a morte de Magno são famosas.
 Vão a Memphis, e ás terras, que se regam
 Das enchentes Niloticas undosas;
 Sobem á Ethiopia, sobre Egypto,
 Que de Christo lá guarda o sancto rito.

« Il cueillit les pommes d'or que le Tirynthien (15) avait seul pu atteindre, et le Maure intrépide n'a point encore secoué le joug dont il l'a opprimé. Son front triomphant est couronné de la palme et des lauriers remportés sur le barbare, qui a volé au secours de la forte Alcacer, de Tanger la populceuse, et d'Arzilla la cruelle.

« A la fin, cédant aux forces portugaises, ces forteresses ouvrent leurs murailles de diamant aux Lusitaniens, habitués à détruire tout ce qui ose leur résister. Dans ces combats quelques guerriers opèrent des miracles dignes d'être racontés en des livres fameux, et par leurs prouesses ils augmentent encore la renommée du Portugal.

« Cependant Alphonse, rongé par l'ambition et la soif de commander, va s'attaquer à Ferdinand d'Aragon, au sujet de l'empire puissant de Castille: à cette nation s'ajoute la foule ennemie des diverses contrées qui obéissent toutes au roi Ferdinand, depuis Cadix jusqu'aux cimes des Pyrénées.

« Le jeune Jean ne voulut point demeurer oisif dans le royaume; aussitôt il prépare de nouvelles forces pour porter secours à son père ambitieux. Ce secours ne fut pas de peu d'importance pour ce dernier qui put enfin, le front calme et tranquille, sortir sain et sauf de ce périlleux conflit.

« Sans doute il avait été battu, mais le résultat de la lutte était incertain, grâce au courage de son illustre et brave fils, l'intrépide Jean, lequel avait causé un grand dommage à l'ennemi et s'était maintenu un jour entier sur le champ de bataille (16). Ainsi fut vaincu Octave, tandis que son compagnon Antoine remportait de son côté la victoire, lorsqu'ils se vengèrent des meurtriers de César dans les plaines de Philippes.

« Après que l'éternelle nuit eut transporté Alphonse dans le ciel sercin, ce fut Jean II, treizième roi de Portugal, qui s'empara du gouvernement. Ce roi, pour acquérir une renommée éternelle, tenta plus que ne peut faire un être humain: il alla chercher les limites de la rougeâtre Aurore, limites que je cherche encore aujourd'hui.

« Il envoya ses messagers qui dépassèrent l'Espagne, la France et la célèbre Italie, et allèrent s'embarquer dans le fameux port près duquel Parthénope fut enterrée; Naples, que les destins ont soumise à diverses nations, pour l'illustrer, après tant d'années, en la plaçant sous la domination de la puissante Espagne.

« Ils naviguent sur la mer de Sicile et abordent aux côtes sablonneuses de l'île de Rhodes; de là ils atteignent les rives que la mort de Pompée a rendues célèbres, gagnent Memphis et les terres arrosées par les débordements du Nil, et traversent l'Égypte pour remonter jusqu'en Éthiopie, où l'on observe encore le pieux rite de Jésus.

LXIII

Passam tambem as ondas Erythreas,
 Que o povo de Israel sem não passou;
 Ficam-lhe atraz as serras Nabatheas,
 Que o filho de Ismael co'o nome ornou.
 As costas odoríferas Sabcas,
 Que a mãe do bello Adonis (17) tanto honrou,
 Cercam, com toda a Arabia descoberta
 Feliz, deixando a Petra e a Deserta.

LXIV

Entram no estreito Persico, onde dura
 Da confusa Babel inda a memoria:
 Alli co'o Tigre o Euphrates se mistura,
 Que as fontes onde nascem tem por gloria (18).
 Dalli vão em demanda da agua pura,
 Que causa inda será de larga historia,
 Do Indo, pelas ondas do Oceano,
 Onde não se atreveo passar Trajano.

LXV

Viram gentes incognitas e estranhas
 Da India, da Carmania e Gedrosia,
 Vendo varios costumes, varias manhas,
 Que cada região produce e cria.
 Mas de vias tão asperas, tamanhas,
 Tornar-se facilmente não podia:
 Lá morreram em fim, e lá ficaram,
 Que á desejada patria não tornaram.

LXVI

Parece que guardava o claro céo
 A Manoel, e sens merecimentos,
 Esta empreza tão ardua, que o moveo
 A subidos e illustres movimentos:
 Manoel, que a Joanne succedeo
 No reino e nos altivos pensamentos,
 Logo como tomou do reino cargo,
 Tomou mais a conquista do mar largo.

LXVII

O qual, como do nobre pensamento
 Daquella obrigação, que lhe ficara
 De seus antepassados, (cujo intento
 Foi sempre acrescentar a terra chara)
 Não deixasse de ser hnn só momento
 Conquistado: No tempo que a luz clara
 Foge, e as estrellas nitidas, que sahem,
 A repouso convidam quando cahem;

LXVIII

Estando já deitado no aureo leito,
 Onde imaginações mais certas são;
 Revolvendo contino no conceito,
 De sen offieio e sangue a obrigação;
 Os olhos lhe occupou o somno acceito,
 Sem lhe desoccupar o coração;
 Porque, tanto que lasso se adormeece,
 Morpheo em varias formas lhe apparece.

LXIX

Aqui se lhe apresenta que subia
 Tão alto, que tocava a prima esphera,
 Donde diante varios mundos via,
 Nações de muita gente estranha e fera:
 E lá bem junto donde nasce o dia,
 Depois que os olhos longos estendera,
 Vio de antiquos, longinquos e altos montes,
 Nascerem duas claras e altas fontes.

LXX

Aves agrestes, feras e alimarias
 Pelo monte selvatico habitavam:
 Mil arvores sylvestres, e hervas varias,
 O passo e o trato ás gentes atalhavam.
 Estas duras montanhas, adversarias
 De mais conversação, por si mostravam,
 Que, desde Adão peccou aos nossos annos,
 Não as romperam nunca pés humanos.

« Ils passent aussi la mer Erythrée, que le peuple d'Israël franchit sans navire; derrière eux ils laissent les monts Nabathéens, décorés du nom du fils d'Ismaël. Ils parcourent les côtes odoriférantes de Saba, honorées par la mère du bel Adonis (17), ainsi que toute l'Arabie-Heureuse, laissant de côté l'Arabie-Pétrée et l'Arabie-Déserte.

« Ils entrent dans le Persique détroit où se conserve encore la mémoire de la confuse Babel; là se joignent l'Euphrate et le Tigre, qui font gloire de leurs sources sacrées (18). De là ils s'en vont à la recherche des eaux pures de l'Indus, fleuve qui sera un jour le sujet d'une belle histoire, en affrontant les vagues de cette mer que Trajan n'a pas osé parcourir.

« Ils virent les peuplades inconnues et étranges de l'Inde, de la Carmanie et de la Gédrosie, ainsi que les mœurs et les usages particuliers à chaque région. Mais ces routes étaient si longues et si ardues, qu'il était difficile d'en revenir; aussi ils y restèrent et y périrent, sans avoir pu retourner dans leur patrie bien-aimée.

« Il semble que le ciel réservait au sage Emmanuel cette rude entreprise qui fut cause de grands événements. Héritier non-seulement du trône, mais encore des projets grandioses de Jean, Emmanuel, à peine chargé du souverain pouvoir, se chargea aussi de conquérir l'incommensurable Océan.

« Occupé à tout moment par cette noble pensée, il songeait sans cesse à l'exemple que lui avaient légué ses ancêtres, de toujours accroître le pays si aimé. Au moment où fuit la lumière éclatante pour laisser la place aux brillantes étoiles, dont la lueur invite les mortels au repos;

« Emmanuel, étendu sur sa couche dorée, propice aux méditations, réfléchissait aux obligations que lui imposaient son rang et sa naissance; et tandis que le sommeil bienfaisant fermait ses paupières, son cœur restait éveillé; car à peine avait-il cédé à la fatigue, que déjà Morphée lui apparaissait sous diverses formes.

« En premier lieu, il se vit lui-même monter si haut, qu'il touchait à la sphère céleste; ce qui lui permettait d'apercevoir devant lui des mondes inconnus et des nations peuplées par des hommes étranges et barbares: près du point où naît le jour, il vit, en portant au loin ses regards étendus, couler du haut de deux antiques et superbes montagnes deux sources claires et limpides.

« Des oiseaux sauvages vivant de rapine habitaient sur ces monts déserts; mille arbres, mille plantes inconnues en obstruaient le passage aux humains; en un mot, ces horribles montagnes solitaires semblaient n'avoir jamais été, depuis le péché d'Adam jusqu'à nos jours, foulées par le pied d'un homme.

LXXI

Das aguas se lhe antolha que sabiam,
 Par'elle os largos passos inclinando,
 Dous homens, que mui velhos pareciam,
 De aspeito, inda que agreste, venerando:
 Das pontas dos cabellos lhe cahiam
 Gottas, que o corpo todo vão banhando;
 A côr da pelle, baça e denegrida;
 A barba hirsuta, intonsa, mas comprida.

LXXII

D'ambos de dous a fronte coroadá,
 Ramos não conhecidos, e hervas tinha:
 Hum delles a presença traz cansada,
 Como quem de mais longe alli caminha:
 E assi a agua, com impeto alterada,
 Parecia que d'ontra parte vinha:
 Bem como Alpheo de Arcadia em Syracusa
 Vai buscar os abraços de Arethusa.

LXXIII

Este, que era o mais grave na pessoa,
 Desta arte para o Rei de longe brada:
 Ó tu, a cujos reinos e coroa
 Grande parte do mundo está guardada;
 Nós outros, cuja fama tanto voa,
 Cujá cerviz bem nunca foi domada,
 Te avisâmos que he tempo que já mandes
 A receber de nós tributos grandes.

LXXIV

Eu sou o illustre Ganges, que na terra
 Celeste tenbo o berço verdadeiro:
 Est'outro he o Indo, Rei, que nesta serra
 Que vês, seu nascimentô tem primeiro.
 Custar-te-hemos com tudo dura guerra;
 Mas insistindo tu, por derradeiro
 Com não vistas victorias, sem receio,
 A quantas gentes vês porás o freio.

LXXV

Não disse mais o rio illustre e santo,
 Mas ambos desaparecem n'hum momento:
 Acorda Manoel c'hum novo espanto,
 E grande alteração de pensamento.
 Estendeo nisto Phebo o claro manto
 Pelo escuro Hemispherio somnolento;
 Veio a manhã no ceo pintando as cores
 De pudibunda rosa e roxas flores.

LXXVI

Chama o Rei os senhores a conselho,
 E propõe-lhe as figuras da visão;
 As palavras lhe diz do sancto velho,
 Que a todos foram grande admiração.
 Determinam o nautico apparelho,
 Para que com sublime coração
 Vá a gente que mandar cortando os mares
 A buscar novos climas, novos ares.

LXXVII

Eu que bem mal cuidava que em effeito
 Se puzesse o que o peito me pedia;
 Que sempre grandes cousas deste geito
 Presago o coração me promettia;
 Não sei por que razão, por que respeito,
 Ou por que bom signal que em mi se via,
 Me pôe o inclyto Rei nas mãos a chave
 Deste commettimento grande e grave.

LXXVIII

E com rogo e palavras amorosas,
 Que he hum mando nos Reis que a mais obriga,
 Me disse: As cousas arduas e lustrosas
 Se alcançam com trabalho e com fadiga.
 Faz as pessoas altas e famosas,
 A vida que se perde, e que periga;
 Que quando aô medo infane não se rende,
 Então, se menos dura, mais se estende.

« Tout-à-coup il croit voir sortir des eaux et se diriger vers lui à grands pas deux hommes qui paraissaient très-âgés, à l'aspect vénérable, quoique rude: de leurs cheveux s'écoulaient des gouttes d'eau qui mouillaient tout leur corps; leur peau était d'une couleur terne et basanée, leur barbe longue et inculte.

« Tous deux étaient couronnés de branches et d'herbes inconnues. L'un d'eux semblait fatigué, comme s'il venait de plus loin que l'autre, et l'onde agitée qui tombait de sa chevelure paraissait couler d'une source plus éloignée: tel Alphée vient d'Arcadie en Sicile pour chercher les embrassements d'Aréthuse.

« Ce dernier, plus majestueux que l'autre, adresse de loin ces paroles au monarque: « Grand roi, puisqu'à ta couronne une grande partie du monde est réservée, nous autres, dont la renommée s'étend de toutes parts, nous, dont le front n'a jamais complètement cédé au joug d'aucun peuple, nous t'avisons qu'il est temps pour toi d'envoyer vers nous des guerriers qui reçoivent nos précieux tributs.

« Je suis l'illustre Gange, qui ai dans la terre céleste mon véritable berceau; cet autre est le roi Indus, qui prend sa source sur cette montagne que tu vois. Nous te coûterons cependant une guerre sanglante; mais avec de la persévérance et de l'audace, tu finiras, à la suite d'éclatantes victoires, par asservir tous ces peuples que tu as devant toi. »

« Le fleuve sacré n'en dit point davantage, et en un moment tous les deux disparurent. Emmanuel se réveille en sursaut; dans son cerveau, mille pensées nouvelles s'agitent. En ce moment Phébus étendait son manteau lumineux sur l'obscur hémisphère endormi: le matin peignait sur le ciel les couleurs de la rose et des fleurs de carmin.

« Le roi convoque tous ses seigneurs et leur raconte sa vision; il leur répète les paroles du saint vieillard, qui les remplissent tous d'étonnement. Ils décident qu'on armera une flotte; un équipage d'élite, choisi à cet effet, ira braver les ondes de l'Océan, à la recherche de nouveaux climats et de nouvelles contrées.

« Moi, qui étais loin de me douter que ce que mon cœur désirait allait se réaliser (malgré le pressentiment que j'avais toujours eu d'exécuter un jour de grandes œuvres), pour une raison que j'ignore, peut-être à cause de quelque bon signe qu'on découvrait en moi, je vis le magnanime roi remettre entre mes mains la clef de cette grave et importante mission.

« Et avec des prières et des paroles d'ami, commandement plus efficace qu'un ordre dans la bouche d'un prince, il me dit: « Dans les grandes et pénibles entreprises le succès s'obtient avec le travail et la fatigue. La vie que nous risquons ou que nous perdons nous rend grands et illustres, et, lorsqu'elle ne cède point à la peur ignoble, moins elle dure, plus elle s'étend.

LXXIX

Eu vos tenho entre todos escolhido
 Para huma empreza, qual a vós se deve;
 Trabalho illustre, duro e esclarecido;
 O que eu sei, que por mi vos será leve.
 Não soffri mais, mas logo: Ó Rei subido
 Aventurar-me a ferro, a fogo, a neve,
 He tão pouco por vós, que mais me pena
 Ser esta vida censa tão pequena.

LXXX

Inaginati tamanhas aventuras,
 Quaes Eurystheo a Alcides inventava,
 O leão Cleonao, Harpyas duras,
 O poreo de Erymantho, a Hydra brava:
 Descer em fim ás sombras vâas e escuras,
 Onde os campos de Dite a Estyge lava;
 Porque a maior perigo, a mór affronta,
 Por vós, ó Rei, o espirito e carne he pronta.

LXXXI

Com mercês sumptuosas me agradece,
 E com razões me louva esta vontade;
 Que a virtude louvada vive e crece,
 E o louvor altos casos persuade.
 A acompanhar-me logo se offerece,
 Obrigado d'amor e d'amizade,
 Não menos eobiçoso de honra e fama,
 O charo meu irmão, Paulo da Gama.

LXXXII

Mais se me ajunta Nicolao Coelho,
 De trabalhos mui grande soffredor;
 Ambos são de valia e de conselho,
 D'experiencia em armas e furor.
 Já de manceba gente me apparelho,
 Em que cresce o desejo do valor;
 Todos de grande esforço; e assi parecee
 Quem a tamanhas cousas se offerece.

LXXXIII

Foram de Emanoel remunerados,
 Porque com mais amor se aperebessem,
 E com palavras altas animados
 Para quantos trabalhos succdessem.
 Assi foram os Minyas ajuntados,
 Para que o veo dourado combatessem,
 Na fatidica náó, que ousou primeira
 Tentar o mar Enxino (19) aventureira.

LXXXIV

E já no porto da inclyta Ulyssea,
 C'hum alvoroço nobre e e'hum desejo
 (Onde o licor mistura e branea area
 Co'o salgado Neptuio o doce Tejo)
 As náos prestes estão: e não refrea
 Temor nenhum o juvenil despejo,
 Porque a gente maritima, e a de Marte,
 Estão para seguir-me a toda parte.

LXXXV

Pelas praias vestidos os soldados,
 De varias cores vem, e varias artes;
 E não menos de esforço apparelhados
 Para buscar do mundo novas partes.
 Nas fortes náos os ventos socegados
 Ondeam os aerios estandardes:
 Ellas promettem, vendo os mares largos,
 De ser no Olympo estrellas, como a de Argos.

LXXXVI

Despois de apparelhados desta sorte
 De quanto tal viagem pede e manda,
 Apparelhámos a alma para a morte,
 Que sempre aos nautas ante os olhos anda:
 Para o summo Poder, que a etherea côrte
 Snstenta só co'a vista veneranda,
 Implorámos favor, que nos guiasse,
 E que nossos começos aspirasse.

«Je vous ai choisi entre tous pour une œuvre qui est à la hauteur de votre mérite: c'est un labeur rude, mais éclatant; or je sais qu'en le faisant pour moi, il vous semblera léger et facile.» Mais moi, l'interrompant: «O noble roi, lui dis-je, m'aventurer au fer, au feu, au froid des pôles me semble pour vous si peu de chose, que ce que je regrette le plus c'est que cette vie soit un bien aussi mince.

«Imaginez des aventures aussi grandes que celles qu'Eurysthée inventait pour Alcide: le lion de Cléone, les cruelles Harpies, le sanglier d'Erymanthe et l'Hydre redoutable, le danger de descendre au royaume obscur des ombres, où le Styx arrose les plaines de Pluton; ces périls, ces travaux ne sont rien, ô roi, près de ceux que l'esprit et le corps oseraient affronter pour vous!»

«Le monarque me remercie par des bienfaits somptueux et me loue de ma bonne volonté, n'ignorant pas que les louanges vivifient la vertu et la poussent à de grandes actions. Par amitié pour moi, aussi bien que par avidité d'honneurs et de gloire, Paul de Gama, mon frère bien-aimé, s'offre aussitôt pour mon compagnon de route.

«Bientôt se réunit à nous Nicolas Coelho, guerrier dur au travail et à la fatigue: tous deux sont hommes de valeur, de bon conseil, braves et expérimentés dans la science des armes. Ensuite je me pourvois de jeunes gens, chez lesquels toujours grandit le désir de briller. Tous ont un courage à toute épreuve: n'en faut-il pas pour se hasarder dans de telles expéditions?

«Emmanuel les récompensa, afin qu'ils missent plus d'intérêt à s'apprêter, et il les encouragea par des propos bienveillants pour toutes les souffrances qu'ils auraient à endurer. Tels autrefois les Myniens, chargés d'aller conquérir la toison d'or, furent assemblés sur le fatidique navire qui le premier osa s'aventurer dans le Pont-Euxin (19).

«Déjà dans le port de la célèbre Olysippo, où Neptune confond son sable et son onde amère avec les eaux pures du Tage, les vaisseaux sont prêts à partir, aux cris d'enthousiasme et d'impatience des futurs navigateurs. Leur audace juvénile n'est atténuée par aucune crainte: marins et guerriers sont tous décidés à me suivre partout.

«Sur la plage on voit venir les soldats habillés de diverses couleurs et de différents uniformes; le courage qui les anime les entraîne à la recherche de nouvelles régions. Les vents apaisés font ondoyer les drapeaux aériens sur les solides navires: ceux-ci, en apercevant le vaste Océan, promettent de devenir, comme Argo, des étoiles dans l'Olympe lumineux.

«Après nous être pourvus de tout ce qu'exige un tel voyage, nous commençâmes à préparer notre âme à la mort, qui toujours voltige devant les yeux des marins. Nous tournant alors vers ce souverain Pouvoir qui, de son seul regard vénérable, soutient la cour céleste, nous l'implorâmes pour qu'il nous servît de guide et nous protégeât dès le début de notre œuvre.

LXXXVII

Partimos-nos assi do saneto templo,
 Que nas praias do mar está assentado,
 Que o nome tem da terra, para exemplo,
 Donde Deos foi em carne ao mundo dado (20).
 Certifico-te, ó Rei, que se contemplo
 Como fui destas praias apartado,
 Cheio dentro de duvida e receio,
 Que apenas nos meus olhos ponho o freio.

LXXXVIII

A gente da cidade aquelle dia,
 Huns por amigos, outros por parentes,
 Outros por ver sómente, concorria,
 Saudosos na vista, e descontentes:
 E nós co'a virtuosa companhia
 De mil Religiosos diligentes,
 Em procissão solemne a Deos orando,
 Para os bateis viemos caminhando.

LXXXIX

Eu tão longo caminho e duvidoso
 Por perdidos as gentes nos julgavam;
 As mulheres c'hum choro piedoso,
 Os homens com suspiros que arrancavam:
 Mães, esposas, irmãs, que o temeroso
 Amor mais desconfia, accrescentavam
 A desesperação e frio medo
 De já nos não tornar a ver tão cedo.

XC

Qual vai dizendo: Ó filho, a quem eu tinha
 Só para refrigerio e doce amparo
 Desta cansada já velhice minha,
 Que em choro acabará penoso e amaro;
 Porque me deixas misera e mesquinha?
 Porque de mi te vás, ó filho charo,
 A fazer o funereo enterramento,
 Onde sejas de peixes mantimento?

XCI

Qual em cabello: Ó doce e amado esposo,
 Sem quem não quiz amor que viver possa;
 Porque is aventurar ao mar iroso
 Essa vida, que he minha, e não he vossa?
 Como por hum caminho duvidoso
 Vos esquece a affeição tão doce nossa?
 Nosso amor, nosso vão contentamento
 Quereis que com as velas leve o vento?

XCII

Nestas e outras palavras que diziam
 De amor, e de piedosa humanidade,
 Os velhos, e os meninos os seguiam,
 Em quem menos esforço poem a idade.
 Os montes de mais perto respondiam,
 Quasi movidos de alta piedade:
 A branca area as lagrimas banhavam,
 Que em multidão com ellas se igualavam.

XCIII

Nós outros sem a vista alevantarmos,
 Nem a mãe, nem a esposa, neste estado,
 Por nos não magoarmos, ou mudarmos
 Do proposito firme começado:
 Determinei de assi nos embarcarmos
 Sem o despedimento costumado;
 Que, postoque he de amor usança boa,
 A quem se aparta, ou fica, mais magoa.

XCIV

Mas hum velho (21) d'aspeito venerando
 Que ficava nas praias, entre a gente,
 Postos em nós os olhos, meneando
 Tres vezes a cabeça, descontente;
 A voz pezada hum pouco alevantando,
 Que nós no mar onvimos claramente,
 C'hum saber só d'experiencias feito,
 Taes palavras tirou do experto peito:

« Nous partîmes ainsi du temple sacré, construit sur les rives de la mer, de ce temple qui porte le nom de la ville où Dieu devenu homme fut donné au monde (20). Je vous assure, ô roi, qu'en réfléchissant à la manière dont je quittai cette plage, c'est à peine, dans mon trouble, si je puis retenir mes larmes.

« Ce jour-là les gens de la ville, soit à cause de leur parenté, soit par amitié, soit par curiosité seulement, accouraient tous, mécontents et peines de notre départ. Quant à nous, en la sainte compagnie de mille religieux, nous fîmes une solennelle procession et nous dirigeâmes vers nos barques en priant Dieu.

« Une route si longue et si douteuse effrayait ces gens à tel point, qu'ils nous considéraient déjà comme perdus. Les femmes versaient des larmes pieuses; les hommes poussaient de longs soupirs. Les mères, les épouses, les sœurs, que leur tendresse rendait encore plus méfiantes, sentaient redoubler leur désespoir et la crainte de ne pas nous revoir de sitôt.

« L'une s'écria: « O mon fils, toi qui étais l'unique consolation et le doux soutien de ma vieillesse brisée, qui va se convertir en un éternel regret, pourquoi abandonnes-tu ta malheureuse mère? pourquoi te sépares-tu de moi, cher enfant, pour aller t'ensevelir dans la mer, où tu deviendras la proie des poissons? »

« Une autre, les cheveux épars: « Époux bien-aimé, dit-elle, sans lequel l'amour ne me permet pas de vivre, pourquoi vas-tu exposer à la fureur des mers cette vie qui ne t'appartient pas, mais qui est mon bien? Comment, pour une téméraire entreprise, oublies-tu notre affection si douce? Veux-tu donc que notre amour, notre bonheur soient emportés sur les ailes du vent? »

« Tout en répétant ces plaintes, inspirées par la compassion et la tendresse, les vieillards et les enfants, à qui l'âge donne moins de bravoure, suivaient tristement la foule. Les monts d'alentour leur répondaient, comme émus d'une pitié sublime; les pleurs coulaient sur le sable aussi innombrables que ses innombrables grains.

« Nous autres, sans lever les yeux ni sur nos mères ni sur nos femmes, de peur de nous affliger encore, ou de revenir sur nos projets, nous nous embarquâmes, d'après mes ordres, sans prendre d'elles le congé accoutumé; car, bien que ce soit un pieux usage entre ceux qui s'aiment, il augmente encore le chagrin et de celui qui part et de celui qui reste.

« Cependant un vieillard (21) à l'aspect vénérable, qui était resté sur la plage au milieu de la foule, ayant fixé les yeux sur nous et agité trois fois la tête d'un air mécontent, éleva un peu sa voix grave que nous entendîmes distinctement sur la mer, et, avec une sagesse que l'expérience seule lui avait donnée, il prononça ces paroles mémorables:

XCV

Oh gloria de mandar! Oh vãa cobiça
 Desta vaidade, a quem chamâmos fama!
 Oh fraudulento gosto, que se atija
 C'hmma amra popular, que honra se chama!
 Que castigo tamanho, e que justiça
 Fazes no peito vão que muito te ama!
 Que mortes, que perigos, que tormentas,
 Que crueldades nelles exprimentas!

XCVI

Dura inquietação d'ahna, e da vida,
 Fontes de desamparos e adulterios,
 Sagaz consumidora conhecida
 De fazendas, de reinos, e de imperios!
 Chamam-te illustre, chamam-te subida,
 Sendo digna de infames vituperios;
 Chamam-te fama, e gloria soberana,
 Nomes com quem se o povo nescio engana!

XCVII

A que novos desastres determinas
 De levar estes reinos, e esta gente?
 Que perigos, que mortes lhe destinas,
 Debaixo d'algum nome preeminente?
 Que promessas de reinos, e de minas
 D'ouro que lhe farás tão facilmente?
 Que famas lhe prometterás? Que historias?
 Que triumphos, que palmas, que victorias?

XCVIII

Mas ó tu, geração d'aquelle insano,
 Cujos peccado e desobediencia
 Não sómente do reino soberano
 Te poz ueste desterro e triste ausencia,
 Mas inda d'outro estado mais que humano
 Da quieta, e da simples innocencia
 Da idade d'ouro, tanto te privou,
 Que na de ferro e d'armas te deitou:

XCIX

Já que nesta gostosa vaidade
 Tanto enlevas a leve phantasia;
 Já que á bruta crueza e feridade
 Puzeste nome, esforço e valentia;
 Já que prezas em tanta quantidade
 O desprezo da vida, que deviã
 De ser sempre estimada, pois que já
 Temeo tanto perdê-la quem a dá:

C

Não tens junto contigo o Ismaelita,
 Com quem sempre terás guerras sobejas?
 Não segue elle do Arabio a lei maldita,
 Se tu pela de Christo só pelejas?
 Não tem cidades mil, terra infinita,
 Se terras e riqueza mais desejas?
 Não he elle por armas esforçado,
 Se queres por victorias ser louvado?

CI

Deixas ercar ás portas o inimigo
 Por ires busear outro de tão longe,
 Por quem se despovoe o reino antigo,
 Se enfraqueça, e se vá deitâdo a longe?
 Buscas o incerto e incognito perigo,
 Porque a fama te exalte, e te lisonge,
 Chamando-te senhor, com larga copia,
 Da India, Persia, Arabia e de Ethiopia?

CII

Oh maldito o primeiro que no mundo
 Nas ondas velas poz em secco lenho!
 Digno da eterna pena do Profundo,
 Se he justa a justa lei que sigo e tenho.
 Nunca juizo algum alto e faciendo,
 Nem cithara sonora, ou vivo engenho,
 Te dê por isso fama, nem memoria,
 Mas contigo se acabe o nome, e a gloria!

«Gloire de commander! vain désir de cet orgueil que nous appelons Renommée! Goût franduleux qu'attise un vent populaire nommé Honneur! Quels châtimens ta justice n'exerce-t-elle pas sur les cœurs frivoles qui t'apprécient? Que de morts, que de périls, que de tourmens, que de cruautés tu essaies sur eux!

«Affreuse torture de notre âme et de notre vie, source d'abandons et d'adultères, adroite destructrice de richesses, de royaumes et d'empires, toi qu'on appelle illustre et élevée, lorsque tu es digne d'un infâme mépris; toi qu'on appelle Renommée, toi qu'on appelle la souveraine Gloire, titres avec lesquels on trompe le peuple ignorant;

«A quels nouveaux désastres prétends-tu mener ce royaume et ces hommes? Quels dangers, quelles morts leur destines-tu, sous le couvert de quelque nom prééminent? Quels royaumes, quelles mines d'or leur promets-tu, de ta facile duperie? Quelle réputation? quelles histoires? quels triomphes? quelles palmes? quelles victoires?

«Et toi, génération de cet insensé, qui par ses fautes et sa désobéissance t'a non-seulement chassée du céleste royaume pour te condamner à ce terrible exil, mais encore t'a privée de la tranquille et douce innocence, bienfait plus enviable que tout ce qui est humain, et t'a retirée de l'âge d'or pour te plonger dans l'âge du fer et des armes;

«Puisque tu mets toute ton affection dans cet orgueil attrayant, puisque de la cruauté brutale et de la férocité tu as fait le courage et la bravoure, puisque tu prises autant le mépris de la vie, qui devrait toujours être estimée, lorsque celui même qui nous la donne redoutait tant de la perdre;

«N'as tu pas près de toi l'Ismaélite, avec lequel tu auras toujours plus de guerres qu'il ne t'en faut? Ne suit-il pas la mandite loi d'Arabie, si tu ne combats que pour la foi chrétienne? Ne possède-t-il pas mille cités et une terre infinie, si tu désires plus de terres et de richesses? N'est-il pas exercé dans la science des armes, si tu veux qu'on te loue pour tes victoires?

«Tu laisses l'ennemi croître à tes portes, pour aller en chercher un autre si loin, et dépeupler ton antique royaume, que ces exils volontaires affaibliront. Tu cherches le péril incertain et inconnu, pour que la renommée t'élève et te flatte, en t'appelant orgueilleusement le seigneur de l'Inde, de la Perse, de l'Arabie et de l'Éthiopie!

«Oh! maudit soit le premier homme qui dans le monde attacha la voile à l'arbre descendu sur les flots! Si la belle loi que je suis est une loi juste, celui-là est digne d'un châtimement éternel. Que jamais génie élevé, que jamais cithare harmonieuse ne t'en accorde ni gloire ni renommée, mais qu'avec toi finissent ton nom et ton éclat!

CIII

Trouxe o filho de Japeto do ceo
O fogo, que ajuntou ao peito humano;
Fogo, que o mundo em armas accendeo,
Em mortes, em deshonras (22): grande engano!
Quanto melhor nos fôra, Prometheo,
E quanto para o mundo menos dano,
Que a tua estatua illustre não tivera
Fogo de altos desejos, que a movera!

CIV

Não commettêra o moço miserando
O carro alto do pai, nem o ar vazio
O grande architector (23) co'o filho, dando
Hum, nome ao mar, e o outro, fama ao rio;
Nenhum commettimento alto e nefando,
Por fogo, ferro, agua, calma e frio
Deixa intentado a humana geração.
Misera sorte! Estranha condição!

«Le fils de Japet apporta du ciel le feu qu'il adapta au cœur de l'homme, feu qui incendia le monde et fut cause de guerres, de morts, de crimes sans nombre (22). Erreur impardonna-ble! Combien il eût mieux valu pour nous, ô Prométhée, combien il y eût eu moins de dangers pour l'univers, si ta célèbre statue n'avait pas en ce feu de désirs qui l'a animée?

«Le malheureux Phaéton n'aurait pas osé conduire le char de son père, et le grand architecte (23) ne se serait pas risqué avec son fils dans le vide des airs, pour que celui-ci vint donner son nom à une mer, comme le fils d'Apollon avait donné la renommée à un fleuve. Aucune entreprise, quelque élevée et ardue qu'elle soit, aucune menace du feu, du fer, de l'eau, du froid ou de la chaleur, rien n'a jamais effrayé la génération humaine. Malheureux sort! étrange destinée!»

CANTO V

Da espessa nuvem settas e pedradas
Chovem sobre nós outros sem medida;
E não foram ao vento em vão deitadas,
Que esta perna trouxe eu dalli ferida.

(Canto V, Est. XXXIII.)



«Une épaisse grêle de flèches et de pierres
tombe sur nous sans mesure, et ce ne furent pas
projectiles jetés au vent, car j'y ai moi-même
gagné une blessure à cette jambe.

(Chant. V, Stan. XXXIII.)

CANTO QUINTO

I

Estas sentenças taes o velho honrado
Vociferando estava, quando abrimos
As azas ao sereno e socegado
Vento, e do porto amado nos partimos:
E como he já no mar costume usado,
A vella desfraldando, o céo ferimos,
Dizendo: Boa viagem. Logo o vento
Nos troncos fez o usado movimento.

II

Entrava neste tempo o eterno lume
No animal Nemeio truculento;
E o mundo, que co'o tempo se consume
Na sexta idade (1) andava enfermo e lento.
Nella vê, como tinha por costume,
Cursos do Sol quatorze vezes cento,
Com mais noventa e sete, em que corria,
Quando no mar a armada se estendia.

III

Já a vista pouco e pouco se desterra
Daquelles patrios montes, que ficavam:
Ficava o charo Tejo, e a fresca serra
De Cintra, e nella os olhos se alongavam.
Ficava-nos tambem na amada terra
O coração, que as magoas lá deixavam;
E já depois que toda se escondeo,
Não vimos mais em fim que mar e ceo.

IV

Assi fomos abrindo aquelles mares,
Que geração alguma não abrio,
As novas ilhas vendo, e os novos ares,
Que o generoso Henrique (2) descobrio,
De Mauritania os montes e lugares,
Terra que Anthico n'huun tempo possuio,
Deixando á mão esquerda; que á direita
Não ha certeza d'ontra, mas suspeita.

V

Passámos a grande ilha da Madeira,
Que do muito arvoredo assi se chama (3),
Das que nós povoámos a primeira,
Mais celebre por nome, que por fama:
Mas nem, por ser do mundo a derradeira,
Se lle avantajam quantas Venus ama;
Antes, sendo esta sua, se esquecêra
De Cypro, Guido, Paphos e Cythera.

VI

Deixámos de Massylia a esteril costa,
Onde seu gado os Azenegues pastam (4);
Gente que as frescas aguas nunca gosta,
Nem as hervas do campo bem lle abastam;
A terra a nenhum fructo emfim disposta,
Onde as aves no ventre o ferro gastam,
Padecendo de tudo extrema inopia,
Que aparta a Barbaria de Ethiopia.

CHANT CINQUIÈME

« Telles étaient les sentences que prononçait le vertueux vieillard, lorsque nous ouvrîmes les ailes au doux et paisible zéphyr, et nous éloignâmes de ce port bien-aimé; puis, selon la coutume des marins, tout en déferlant les voiles, nous fîmes retentir les airs en nous écriant: « Bon voyage! » Aussitôt le vent agita les mâts de son impulsion accoutumée.

« En ce temps l'éternel flambeau entra dans la constellation du féroce animal uéméen; le monde, qui vieillit avec les siècles, avait vu, dans son sixième âge (1), le soleil exécuter quatorze cents fois son parcours uniforme, sans compter les quatre-vingt-dix-sept tours dont il accomplissait le dernier au moment où la flotte se répandit sur les mers.

« Peu à peu nous perdîmes de vue ces montagnes chéries que nous laissions derrière nous; nous quittions notre Tage bien-aimé et la riante chaîne de montagnes de Cintra, dont nos yeux ne pouvaient s'arracher; il restait aussi dans la patrie ce cœur que les regrets y attachaient! Après que cette terre aimée se fut dérobée à nos regards, nous n'aperçûmes plus que la mer et le ciel.

« C'est ainsi que nous allions ouvrant ces mers que nulle génération n'avait encore ouvertes; nous vîmes les nouvelles îles et les nouvelles contrées que découvrit le magnanime Henri (2); les monts et les villes de Mauritanie, ancien domaine d'Anthée, furent laissés à gauche; à droite il n'y avait rien de sûr, il n'y avait qu'un soupçon.

« Nous dépassâmes la grande île de Madère, ainsi nommée à cause de ses bois touffus (3). Cette île est la première que nous ayons peuplée; son nom est assez connu, mais elle jouit de peu de célébrité; et pourtant, quoiqu'elle soit située à l'une des extrémités du monde, elle ne le cède en rien à toutes celles que Vénus aime; c'est au point que si Madère lui appartenait, la déesse oublierait volontiers Chypre, Gnide, Paphos et Cythère.

« Nous longeâmes la côte stérile de Massylie, où les Azénègues (4) mènent paître leurs troupeaux; ces peuples, privés des douceurs de l'eau fraîche, voient leurs champs ravagés par la sécheresse. Cette contrée misérable, où les oiseaux digèrent le fer, et dont la terre se refuse à toute production, sépare la Mauritanie des Ethiopiens.

VII

Passámos o limite aonde chega,
 O Sol, que para o Norte os carros guia,
 Onde jazem os povos, a quem nega
 O filho de Clymene a côr do dia.
 Aqui gentes estranhas lava e rega
 Do negro Sanagá a corrente fria,
 Onde o cabo Arsinario o nome perde,
 Chamando-se dos nossos Cabo-Verde.

VIII

Passadas tendo já as Canarias ilhas,
 Que tiveram por nome Fortunadas,
 Entrámos navegando pelas filhas
 Do velho Hesperio, Hesperidas chamadas (5),
 Terras por onde novas maravilhas
 Andaram vendo já nossas armadas:
 Alli tomámos porto com bom vento,
 Por tomarmos da terra mantimento.

IX

Áquella ilha aportámos, que tomou
 O nome do guerreiro Sanct-Iago;
 Sancto, que os Hespanhoes tanto ajudou
 A fazerem nos Mouros bravo estrago.
 Daqui, tanto que Boreas nos ventou,
 Tornámos a cortar o immenso lago
 Do salgado Oceano; e assi deixámos
 A terra, onde o refresco doce achámos.

X

Por aqui rodeando a larga parte
 De Africa, que ficava ao Oriente;
 A provincia Jalofo, que reparte
 Por diversas nações a negra gente;
 A mui grande Mandinga (6), por cuja arte
 Logrâmos o metal rico e luzente,
 Que do curvo Gambea as aguas bebe,
 As quaes o largo Atlantico recebe:

XI

As Dorcadas passámos (7), povoadas
 Das irmãs, que outro tempo alli viviam,
 Que, de vista total scudo privadas,
 Todas tres d'lhum só olho se serviam.
 Tu só, tu, cujas tranças encrespadas
 Neptuno lá nas aguas accendiam,
 Tornada já de todas a mais feia,
 De viboras encheste a ardente areia.

XII

Sempre em fim para o Austro a aguda proa,
 No grandissimo golfão nos mettemos,
 Deixando a serra asperrima Leoa,
 Co'o cabo, a quem das Paluas nome demos.
 O Grande rio (8), onde batendo soa
 O mar nas praias notas, que alli temos,
 Ficou, co'a ilha illustre que tomou
 O nome d'lhum, que o lado a Deos tocou (9).

XIII

Alli o mui grande reino está de Congo,
 Por nós já convertido á fé de Christo,
 Por onde o Zaire passa claro e longo,
 Rio pelos antigos nunca visto.
 Por este largo mar eu fim me alongo
 Do conhecido pólo de Callisto,
 Tendo o término ardente já passado,
 Onde o meio do mundo he limitado.

XIV

Já descoberto tínhamos diante
 Lá no novo hemispherio nova estrella (10),
 Não vista de outra gente, que ignorante
 Alguns tempos esteve incerta della:
 Vimos a parte menos rutilante,
 E, por falta d'estrellas menos bella,
 Do pólo fixo, onde inda se não sabe,
 Que outra terra comece, ou mar acabe.

« Nous franchîmes la limite du soleil, limite depuis laquelle il conduit ses chars vers le Septentrion; là habitent ces peuples à qui le fils de Clymène refuse la couleur du jour; les eaux froides du noir Sénégal désaltèrent des penplades étranges, dans ces mêmes lieux où le cap Arsinarius perdit son nom pour recevoir des nôtres celui de cap Vert.

« Après avoir dépassé les îles Canaries, autrefois nommées îles Fortunées, nous naviguâmes à travers les Hespérides, filles du vicil Hespérus (5), ces îles où nos flottes avaient déjà découvert des merveilles inconnues; là, poussés par un vent favorable, nous mouillâmes pour prendre des vivres à terre.

« Nous abordâmes en cette île décorée du nom de Saint-Jacques, brave guerrier qui aida tant les Espagnols à ruiner les Maures. Aussitôt repartis, tant que Borée nous favorisa, nous recommençâmes à sillonner l'immense plaine salée de l'Océan, et nous quittâmes le pays où nous avions trouvé d'utiles provisions.

« Alors, après avoir doublé la grande contrée africaine que nous avons à l'Est, la province des Jalofs, que se partagent divers États nègres, le grand pays de Mandinga (6), dont l'industrie nous procura le riche et luisant métal que baignent les eaux du sinueux Gambie, avant de se lancer dans l'Atlantique;

« Nous passâmes les Dorceades (7), autrefois habitées par ces trois sœurs aveugles, qui se servaient toutes les trois d'un seul œil; toi seule, toi dont les tresses crépées embrasaient dans les eaux le cœur du malheureux Neptune, enlaidie plus que tes sœurs, tu peuplas de vipères les sables ardents.

« Enfin tournant toujours nos proues vers l'Auster, nous entrâmes dans l'énorme golfe, laissant de côté la terrible Sierra Léone, ainsi que ce promontoire auquel nous donnâmes le nom de cap des Palmiers. Derrière nous, restait ce grand fleuve (8), dont les eaux vont se confondre avec la mer mugissante sur une plage que nous possédons; restait aussi cette île fameuse, portant le nom de celui qui toucha le flanc de Dieu (9).

« Là est situé l'immense royaume de Congo, déjà converti par nous à la foi chrétienne; le Zaire, fleuve totalement inconnu aux anciens, le traverse dans toute sa longueur de ses eaux limpides. Naviguant sur cette mer immense, je m'éloignai de plus en plus du pôle des Callisto, et franchis l'ardent borne qui établit le centre du monde.

« Nous découvriâmes bientôt devant nous, dans le nouvelle hémisphère, une nouvelle étoile (10) inconnue aux autres nations qui pendant longtemps ne soupçonnèrent même pas son existence. Nous vîmes ce ciel terné et à peine semé de rares étoiles; là on ne sait pas encore où finit la mer et où commence un autre continent.

XV

Assi passando aquellas regiões,
 Por onde duas vezes passa Apollo,
 Dous invernos fazendo, e dous verões,
 Em quanto corre d'hum ao outro pólo;
 Por calmas, por tormentas e oppressões,
 Que sempre faz no mar o irado Eolo,
 Vimos as Ursas, a pezar de Juno,
 Banharem-se nas agnas de Neptuno (11).

XVI

Contar-te longamente as perigosas
 Consas do mar, que os homens não entendem,
 Subitas trovoadas, temerosas,
 Relampagos, que o ar em fogo accendem;
 Negros chuveiros, noites tenebrosas,
 Bramidos de trovões, que o mundo fendem,
 Não menos he trabalho, que grande erro,
 Aindaque tivesse a voz de ferro.

XVII

Os casos vi, que os rudos marinheiros,
 Que tem por mestra a longa experiencia,
 Contam por certos sempre e verdadeiros,
 Julgando as cousas só pela apparencia;
 E que os que tem juizos mais inteiros,
 Que só por puro eugenho, e por sciencia,
 Vêm do mundo os segredos escondidos,
 Julgam por falsos, ou mal entendidos.

XVIII

Vi, claramente visto, o lume vivo,
 Que a maritima gente tem por sancto (12),
 Em tempo de tormenta e vento esquivo,
 De tempestade escura e triste pranto.
 Não menos foi a todos excessivo
 Milagre, e cousa certo de alto espanto,
 Ver as nuvens do mar, com largo cano,
 Sorver as altas agnas do Oceano (13).

XIX

Eu o vi certamente (e não presumo,
 Que a vista me enganava) levantar-se
 No ar hum vaporzinho e subtil fumo,
 E do vento trazido, rodear-se;
 De aqui levado hum cano ao pólo summo
 Se via, tão delgado, que enxergar-se
 Dos olhos facilmente não podia;
 Da materia das nuvens parecia.

XX

Hia-se pouco e pouco accrescentando,
 E mais que hum largo mastro se engrossava:
 Aqui se estreita, aqui se alarga, quando
 Os golpes grandes de agua em si chupava:
 Estava-se co'as ondas ondeando,
 Em cima delle hũa nuvem se espessava,
 Fazendo-se maior, mais carregada
 Co'o cargo grande d'agua em si tomada.

XXI

Qual roxa sanguesuga se veria
 Nos beiços da alimaria (que imprudente,
 Bebendo a recolheo na fonte fria)
 Fartar co'o sangue alheio a sêde ardente:
 Chupando mais e mais se engrossa e cria;
 Alli se enche e se alarga grandemente:
 Tal a grande columna, enchendo, augmenta
 A si, e a nuvem negra, que sustenta.

XXII

Mas, depois que de todo se fartou,
 O pé que tem no mar a si recolhe;
 E pelo céo chovendo em fim voou,
 Porque co'a agua a jacente agua molhe:
 Ás ondas torna as ondas que tomou,
 Mas o sabor do sal lhe tira e tolhe.
 Vejam agora os sabios na escriptura,
 Que segredos são estes da natura.

« Dans ces parages, que Phébus éclaire deux fois, et où il forme deux hivers et deux étés pendant qu'il court d'un pôle à l'autre, au milieu des calmes, des tourmentes et des souffrances que cause toujours sur l'Océan le terrible Eole, nous vîmes les ourses se baigner, malgré Junon, dans les eaux de Neptune (11).

« Ma voix, fût-elle une voix d'airain, ne suffirait pas pour te raconter en détail les phénomènes de la mer, dont la cause est inconnue aux mortels, tels que les orages soudains et terribles, les éclairs qui remplissent l'air de feu, les pluies noires et torrentielles, les nuits ténébreuses et le rugissement du tonnerre qui déchire l'univers.

« J'ai vu les merveilles que les nautonniers endurcis et renseignés par une longue expérience, racontent comme véritables et toujours certaines, en ne jugeant les choses que d'après les apparences; quant à ceux qui, plus instruits et plus raisonnables, ne voient que par le génie et la science les secrets du monde, ils les traitent d'inventions ou de malentendus.

« J'ai vu, de mes yeux vu, ce feu que les mariniens appellent saint (12), et qui brille pendant que l'orage obscurcit le ciel et que le vent souffle avec violence. Il ne nous parut pas moins étonnant ni moins miraculeux de voir les nuages, au moyen d'un large tube, aspirer les eaux du profond Océan (13).

« Je l'ai vu clairement, et je ne crois pas que mes yeux m'aient trompé: d'abord une fumée subtile, une vapeur légère se leva dans l'air, et, poussée par le vent, elle s'arrondit depuis la mer jusqu'au ciel élevé en un tube si mince d'abord, que c'est à peine si on pouvait le distinguer.

« Formé d'une substance semblable à celle des nuages, il grossissait peu à peu et prenait le volume d'un large mât: étroit par places et gonflé plus loin, selon qu'il absorbait tout au long ses grands traits d'eau, il ondoyait avec les vagues et nourrissait un gros nuage situé au-dessus de lui, qui, à mesure qu'il recevait l'eau, s'étendait et s'épaississait de plus en plus.

« Comme on verrait, attachée aux lèvres de l'animal imprudent qui est allé s'abreuver dans une fontaine rafraîchissante, la sangsue rongie du sang dont elle calme sa soif, à force de le sucer, se grossir et se remplir outre mesure; ainsi cette immense colonne se gonfle elle-même et agrandit l'épais nuage qu'elle soutient.

« Enfin, rassasiée de liquide, elle relève le pied qu'elle a placé sur la mer, et, changée en pluie fine, elle vole à travers les airs, pour venir mouiller de son eau l'eau qui s'étend au-dessous d'elle; de plus, tout en faisant retourner à l'onde l'onde qu'elle a aspirée, elle la rend pure et dépouillée de la saveur du sel. Savants! examinez donc dans vos livres quels sont ces secrets de la nature.

XXIII

Se os antigos philosophos, que andaram
Tantas terras por ver segredos dellas,
As maravilhas, que eu passei, passaram,
A tão diversos ventos dando as velas:
Que grandes escripturas que deixaram!
Que influença de signos e de estrellas!
Que estranhezas, que grandes qualidades!
E tudo sem mentir, puras verdades.

XXIV

Mas já o planeta, que no céo primeiro
Habita, cinco vezes apressada,
Agora meio rosto, agora inteiro
Mostrára, em quanto o mar cortava a armada;
Quando da etherea gavea hum marinheiro,
Prompto co'a vista, Terra, Terra, brada:
Salta no bordo alvoroçada a gente
Co'os olhos no horisonte do Oriente.

XXV

Á maneira de nuvens se começam
A descobrir os montes que enxergâmos;
As ancoras pezadas se adereçam,
As velas, já chegados, amainâmos:
E para que mais certas se conheçam
As partes tão remotas onde estamos,
Pelo novo instrumento do Astrolabio (14),
Invenção de subtil juizo e sabio:

XXVI

Descembareâmos logo na espaçosa (15),
Parte por onde a gente se espallhou,
De ver cousas estranhas desejosa,
Da terra, que outro povo não pizou:
Porém eu co'os pilotos, na arenosa
Praia, por vermos em que parte estou,
Me detenho em tomar do sol a altura,
E compassar a universal pintura.

XXVII

Achámos ter de todo já passado
Do Semicapro peixe a grande meta,
Estando entre elle e o circulo gelado
Anstral, parte do mundo mais secreta.
Eis de meus companheiros rodeado
Vejo hum estranho vir de pelle preta,
Que tomaram por força, em quanto apanha
De mel os doces favos na montanha.

XXVIII

Torvado vem na vista, como aquelle
Que não se vira nunca em tal extremo,
Nem elle entende a nós, nem nós a elle,
Selvagem mais que o bruto Polyphemo:
Começo-lhe a mostrar da rica pelle
De Colchos o gentil metal supremo,
A prata fina, a quente especiaría:
A nada disto o bruto se movia.

XXIX

Mando mostrar-lhe peças mais somenos,
Contas de crystallino transparente,
Alguns soantes cascaveis pequenos,
Hum barrete vermelho, côr contente.
Vi logo por signaes e por acenos,
Que com isto se alegra grandemente:
Mando-o soltar com tudo; e assi caminha
Para a povoação, que perto tinha.

XXX

Mas logo ao outro dia sens parceiros,
Todos nós e da côr da escura treva,
Descendo pelos asperos outeiros,
As peças vem buscar que est'ontro leva:
Domesticos já tanto e companheiros
Se nos mostram, que fazem que se atreva
Fernão Velloso a ir ver da terra o trato,
E partir-se com elles pelo mato.

«Si les anciens philosophes, qui parcoururent tant de pays pour en découvrir les mystères, eussent passé par les événements merveilleux dont je fus témoin, en livrant les voiles à tant de vents contraires, quels livres ne nous auraient-ils pas laissés! Quels traités sur l'influence des signes ou des étoiles! Quelles bizarreries, quels grands secrets ne nous auraient-ils pas appris, tout en restant fidèles à la vérité!

«Mais déjà la planète qui séjourne au premier ciel avait cinq fois montré son visage, tantôt à moitié, tantôt en pleine, depuis que la flotte sillonnait les mers; lorsque du haut de la hune un matelot perspicace s'écria: «Terre! terre!» Aussitôt tous sautent pleins d'agitation sur le pont, les yeux fixés sur l'horizon oriental.

«Les montagnes commencent à se montrer à nous semblables à des nuages. On dresse les ancrs pesantes et on amène les voiles à l'arrivée; et, pour mieux nous rendre compte des pays lointains où nous sommes au moyen du nouvel instrument de l'Astrolabe (14), invention d'un esprit distingué;

«Nous débarquons aussitôt sur cette plage spacieuse (15), où se dispersèrent mes compagnons, curieux de voir les étranges mystères de ce territoire qu'aucun autre peuple n'avait foulé. Quant à moi, resté avec les pilotes sur la rive sablonneuse, afin de voir en quelle contrée j'étais, je m'occupai de mesurer la distance du soleil et de compasser la carte du globe.

«Nos observations nous apprirent que nous avions déjà passé la grande limite du Capricorne, et que nous nous trouvions entre ce point, et les glaces du pôle austral, parages les plus inconnus de l'univers. Mais voici venir, entouré de mes compagnons, un étranger, à peau noire, qu'ils ont pris de force pendant qu'il cueillait des rayons de miel sur la montagne.

«Troublé comme un homme qui ne s'est jamais vu dans une telle extrémité, et plus sauvage que le féroce Polyphème, il ne nous comprend pas plus que nous ne le comprenons: je me mets à lui montrer le précieux métal de la riche Colchos, le brillant argent ou les ardentes épices: rien n'émouvait le barbare.

«Je lui fis voir d'autres objets de moins de valeur, comme des chapelets de cristallin, quelques petits grelots sonnants et un bonnet rouge, d'une nuance éclatante. D'après ses signes et ses gestes, je remarquai qu'il s'en égayait extrêmement; mis en liberté par mon ordre, il se dirigea, heureux de ces présents, vers le bourg qu'il habitait, situé dans le voisinage.

«Le lendemain, ses compagnons, complètement nus et noirs comme les ténèbres, descendant à travers les collines boisées, viennent chercher des objets semblables à ceux que l'autre a emportés; ils sont déjà si apprivoisés et si familiers envers nous, qu'ils décident Fernand Velloso à partir avec eux à travers l'épaisseur des forêts, dans le but d'étudier les mœurs de ce pays.

XXXI

He Velloso no braço confiado,
E de arrogante crê que vai seguro;
Mas, sendo hum grande espaço já passado,
Em que algum bom signal saber procuro,
Estando, a vista alçada, co'o euidado
No aventureiro, eis pelo monte duro
Apparece, e segundo ao mar caminha,
Mais apressado do que fôra, vinha.

XXXII

O batel de Coelho foi depressa
Pelo tomar; mas antes que chegasse,
Hum Ethiope ousado se arremessa
A elle, porque não se lhe escapasse:
Outro e outro lhe sahem; ve-se em pressa
Velloso, sem que algum lhe alli ajudasse;
Acudo eu logo, e em quanto o remo aperto,
Se mostra hum bando negro descoberto.

XXXIII

Da espessa nuvem settas e pedradas
Chovem sobre nós outros sem medida;
E não foram ao vento em vão deitadas,
Que esta perna trouxe eu dalli ferida.
Mas nós, como pessoas magoadas,
A resposta lhe demos tão creseida,
Que em mais que nos barretes se suspeita
Que a côr vermelha levam desta feita.

XXXIV

E, sendo já Velloso em salvamento,
Logo nos recolhemos para a armada,
Vendo a malicia fea e rudo intento
Da gente bestial, bruta e malvada:
De quem nenhum melhor conhecimento
Pudemos ter da India desejada,
Que estarmos inda muito longe della:
E assi tornei a dar ao vento a vela.

XXXV

Disse então a Velloso hum companheiro,
(Começando-se todos a sorrir)
Oulá, Velloso amigo, aquelle outeiro
He melhor de descer, que de subir.
Si he, responde o ousado aventureiro;
Mas quando eu para cá vi tantos vir
Daquelles cães, depressa hum pouco vim,
Por me lembrar que estaveis cá sem mim.

XXXVI

Contou então que tanto que passaram
Aquelle monte, os negros de quem fallo,
Avante mais passar o não deixaram,
Querendo, se não torna, alli mata-lo:
E tornando-se, logo se emboscaram,
Porque sahindo nós para tomal-o,
Nos pudessem mandar ao reino escuro,
Por nos roubarem mais a seu seguro.

XXXVII

Porém já cineo soes eram passados
Que dalli nos partíramos, cortando
Os mares nunca d'outrem navegados,
Prosperamente os ventos assoprando;
Quando huma noite estando descuidados,
Na cortadora proa vigiando,
Huma nuvem, que os ares escurece,
Sobre nossas cabeças apparece.

XXXVIII

Tão temerosa vinha e carregada,
Que poz nos corações hum grande medo:
Bramindo o negro mar, de longe brada,
Como se dêsse em vão n'algum rochedo.
Ó Potestade, disse, sublimada!
Que ameaço divino, ou que segredo
Este clima, e este mar nos apresenta,
Que mór cousa parece que tormenta?

«Velloso, qui se fie à la valeur de son bras, part hardiment, se croyant en toute sûreté; mais après un long espace de temps pendant lequel je cherchais à distinguer un signal favorable, comme j'avais les yeux anxieusement tournés dans la direction qu'avait prise notre aventurier, je le vois apparaître sur la montagne inculte, se dirigeant du côté de la mer plus vite qu'il n'était parti.

«Soudain le bateau de Coelho s'élançe pour aller le prendre; mais avant qu'il soit arrivé, un audacieux nègre foud sur lui, de peur qu'il ne lui échappe: un autre accourt, puis un autre encore; privé de tout espèce de secours, Velloso se trouve dans une situation effrayante. Aussitôt je cours à son aide, et pendant que je tire l'aviron, une foule de nègres apparaît à nos yeux.

«Une épaisse grêle de flèches et de pierres tombe sur nous sans mesure, et ce ne furent pas projectiles jetés au vent, car j'y ai moi-même gagné une blessure à cette jambe. Mais, dans notre ressentiment, nous leur donnâmes une réponse si méritée, que, amateurs de la couleur vermeille, ils purent la voir cette fois mieux que sur des bonnets rouges.

«Après avoir mis Velloso hors de danger, nous nous retirâmes dans la flotte, indignés de la ruse infâme et lâche de ce peuple sauvage et bestial. Cette aventure ne nous apprit qu'une chose sur l'Inde: c'est que nous étions encore très-loin de ce pays si recherché. Aussi fis-je aussitôt remettre à la voile.

«Alors, aux rires de tous les mariniers, l'un d'entre eux dit à Velloso: «Eh! bien, ami Velloso, sur cette colline il est plus facile de descendre que de monter». — «Oui, répond l'audacieux aventurier, mais lorsque j'ai vu tous ces chiens se diriger vers vous, je me suis hâté de venir, me rappelant que vous étiez ici sans moi».

«Puis il raconta qu'après avoir dépassé la colline, les nègres ne le laissèrent pas aller plus loin, menaçant de le tuer s'il ne s'en retournait pas; et, aussitôt qu'il fut parti, il se mirent tout-à-coup en embuscade, comptant que, lorsque nous viendrions le chercher, ils pourraient nous envoyer dans le royaume ténébreux, pour nous voler plus à leur aise.

«Cependant, il y avait cinq jours que nous étions partis de là, en parcourant les mers où personne ne s'était jamais aventuré; un vent favorable soufflait sur nos voiles, lorsqu'une nuit, pendant que nous veillions sur la proue aiguillée, un nuage obscurcissant les airs apparaît tout-à-coup au-dessus de nos têtes.

«Il était si effrayant et si épais, que nos cœurs en tremblèrent d'épouvante; au loin la mer irritée mugit avec fracas, comme si elle frappait vainement quelque roche immobile. «Souveraine puissance! m'écriai-je, quelle menace divine ou quel secret merveilleux, quel phénomène plus terrible qu'une tempête cette mer et ces climats vont-ils nous montrer?»

XXXIX

Não acabava, quando huma figura
 Se nos mostra no ar, robusta e valida,
 De disforme e grandissima estatura,
 O rosto carregado, a barba esqualida (16),
 Os olhos encovados, e a postura
 Medonha e má, e a côr terrena e pallida,
 Cheios de terra e crespos os cabellos,
 A boca negra, os dentes amarellos.

XL

Tão grande era de membros, que bem posso
 Certificar-te, que este era o segundo
 De Rhodes estranhissimo colosso,
 Que hum dos sete milagres foi do mundo.
 C'hum tom de voz nos falla horrendo e grosso,
 Que pareceo sabir do mar profundo:
 Arrepiam-se as carnes e o cabello
 A mi e a todos, só de ouvil-o e vel-o.

XLI

E disse: O gente ousada mais que quantas
 No mundo commetteram grandes cousas:
 Tu, que por guerras cruas, taes e tantas,
 E por trabalhos vão nunca repousas;
 Pois os vedados terminos quebrantas,
 E navegar meus longos mares ousas,
 Que eu tanto tempo ha já que guardo e tenho,
 Nunca arados d'estranho ou proprio lenho:

XLII

Pois vens ver os segredos escondidos
 Da natureza e do humido elemento,
 A nenhum grande humano concedidos
 De nobre ou de immortal merecimento:
 Ouve os damnos de mi, que aperecebidos
 Estão a teu sobejo atrevimento,
 Por todo o largo mar, e pela terra,
 Que inda has de subjugar com dura guerra.

XLIII

Sabe que quantas náos esta viagem,
 Que tu fazes, fizerem de atrevidas,
 Inimiga terão esta paragem,
 Com ventos e tormentas desmedidas:
 E da primeira armada, que passagem
 Fizer por estas ondas insoffridas,
 Eu farei d'improviso tal castigo,
 Que seja mór o damno, que o perigo.

XLIV

Aqui espero tomar, se não me engano,
 De quem me descobrio summa vingança (17);
 E não se acabará só nisto o dano
 De vossa pertinace confiança:
 Antes em vossas náos vereis cada anno
 (Se he verdade o que meu juizo alcança)
 Naufragios, perdições de toda sorte,
 Que o menor mal de todos seja a morte.

XLV

E do primeiro illustre, que a ventura
 Com fama alta fizer tocar os ceos,
 Serêi eterna e nova sepultura,
 Por juizos incognitos de Deos:
 Aqui porá da Turca armada dura (18)
 Os soberbos e prosperos tropheos;
 Comigo de seus damnos o ameaça
 A destruida Quiloa com Mombaça.

XLVI

Outro tambem virá de honrada fama
 Liberal, cavalleiro e namorado,
 E comsigo trará a formosa dama,
 Que Amor por grão mercê lhe terá dado (19):
 Triste ventura e negro fado os chama
 Neste terreno men, que duro e irado
 Os deixará d'hum cru naufragio vivos,
 Para verem trabalhos excessivos.

« J'avais à peine prononcé ces mots, que nous apercevons dans les airs un fantôme imposant, d'une taille robuste et gigantesque, au visage abattu, à la barbe inculte (16). Les yeux de ce géant étaient creux et enfoncés, son maintien terrible et menaçant, son teint pâle et terreux; ses cheveux crépus étaient couverts de poussière, et sa bouche toute noire laissait entrevoir des dents jaunes.

« Ses membres étaient si puissants, qu'on pouvait facilement le prendre pour le second colosse de Rhodes, l'une des sept merveilles du monde: à le voir et à entendre sa grosse voix, qui semblait sortir du profond Océan, mes compagnons et moi nous sentîmes un frisson parcourir nos veines et nos cheveux se hérissier.

Téméraires, s'écria le géant, peuple le plus hardi de tous ceux qui ont illustré l'univers; vous à qui les guerres sanglantes et les travaux héroïques n'accordent ni repos ni trêve; vous qui franchissez sans crainte les bornes prescrites et osez naviguer sur mers immenses, que moi, de ma vigilance perpétuelle, j'ai toujours préservées contre l'arrivée de tout navire venu de l'étranger ou même de ces parages;

« Puisque vous venez voir les occultes secrets de la nature et de l'élément humide, secrets qu'aucun homme, quelque illustre ou immortel qu'il fût, n'a pu découvrir, écoutez le récit des châtimens réservés à votre audace excessive sur l'Océan immense et dans les pays que plus tard vous subjuguerez par la force de vos armes.

« Apprenez que tous les vaisseaux qui oseront faire ce voyage et vous imiter, trouveront dans ces parages ennemis des vents contraires et des tempêtes effrayantes; à la première flotte qui traversera ces vagues indomptables je préparerai soudain une punition si terrible, qu'après avoir été en butte à un grand danger, elle subira un désastre plus grand encore.

« Ici même, si mes pressentiments ne me trompent, j'espère tirer de mon révélateur une vengeance éclatante (17); et là ne s'arrêtera point le châtiment de votre confiance obstinée; chaque année, si mes présages sont véridiques, vos flottes seront victimes de naufrages et de maux de toute espèce, dont le moindre sera la mort.

« Et tout d'abord un illustre héros, dont la gloire s'élèvera jusqu'aux cieux, condamné par les décrets de la Providence, trouvera dans mes flots une éternelle sépulture, et, y laissera les superbes trophées remportés sur la flotte turque (18). Quiloa détruite et Mombaça se joindront à moi pour le menacer de nouveaux malheurs.

« Un autre aussi viendra, noble et libéral chevalier, qui amènera la belle épouse dont l'Amour lui aura généreusement fait dot (19). Une triste destinée, un sort affreux les appellent sur mon territoire; victimes de mon ressentiment, ils auront échappé à un cruel naufrage pour subir d'atroces souffrances.

XLVII

Verão morrer com fome os filhos charos,
Em tanto amor gerados e nascidos;
Verão os cafres asperos e avaros
Tirar á linda dama seus vestidos:
Os crystallinos membros e preclaros
Á calma, ao frio, ao ar verão despídos;
Despois de ter pizada longamente
Co'os delicados pés a arêa ardente.

XLVIII

E verão mais os olhos que escaparem
De tanto mal, de tanta desventura,
Os dous amantes miseros ficarem
Na fervida e implacabil espessura.
Alli, despois que as pedras abrandavem
Com lagrimas de dor, de mágoa pura,
Abraçados as almas soltarão
Da formosa e miserima prisão.

XLIX

Mais hia por diante o monstro horrendo
Dizendo nossos fados, quando alçado
Lhe disse eu: Quem es tu? que esse estupendo
Corpo, certo me tem maravillhado.
A boca e os olhos uegros retorcendo,
E dando hum espantoso e grande brado,
Me respondeo com voz pezada e amara,
Como quem da pergunta lhe pezara:

L

Eu sou aquelle occulto e grande Cabo,
A quem chamais vós outros Tormentorio;
Que nunca a Ptolemeo, Pomponio, Estrabo,
Plinio, e quantos passaram, fui notorio:
Aqui toda a Africana costa acabo
Neste meu nunca visto promontorio,
Que para o pólo Antartico se estende,
A quem vossa ousadia tanto offende.

LI

Fui dos filhos asperrimos da terra,
Qual Encelado, Egeo, e o Centimano;
Chamei-me Adamastor; e fui na guerra
Contra o que vibra os raios de Vulcano:
Não que puzesse serra sobre serra,
Mas conquistando as ondas do Occano.
Fui capitão do mar, por onde andava
A armada de Neptuuo, que eu buscava.

LII

Amores da alta esposa de Peleo (20)
Me fizeram tomar tamanha empreza;
Todas as deosas desprezei do ceo,
Só por amar das aguas a princeza:
Hum dia a vi, co'as filhas de Nereo,
Sahir nua na praia; e logo preza
A vontade senti, de tal maneira,
Que inda não sinto cousa que mais queira.

LIII

Como fosse impossibil alcançal-a
Pela grandeza fea de meu gesto,
Determinei por armas de tomal-a,
E a Doris este caso manifesto:
De medo a deosa então por mi lhe falla;
Mas ella, c'hum formoso riso honesto,
Respondeo: Qual será o amor bastante
De nympha que sustente o d'hum gigante?

LIV

Com tudo por livrarmos o Occano
De tanta guerra, eu buscarci maneira,
Com que, com minha honra, escuse o danº (21).
Tal resposta me torna a mensageira.
Eu que cahir não pude neste engano,
(Que he grande dos amantes a cegueira)
Encheram-me com grandes abundanças
O peito de desejos e esperanças.

« Ils verront mourir de faim leurs enfants bien aimés, nés et élevés au milieu de tant d'amour; ils verront les Cafres féroces et avides déponiller la belle dame de ses vêtements, et laisser exposés à la chaleur ou au froid ses membres blancs comme l'albâtre, ses pieds délicats qui auront foulé pendant de longues heures les sables brûlants.

« Ceux qui échapperont à tant de malheurs verront aussi les deux amants infortunés rester dans l'épaisseur ardente et implacable de ces forêts; là, après avoir attendri les rochers par leurs larmes et leurs peines, dans les bras l'un de l'autre, ils délivreront leurs âmes de cette prison tout à la fois si belle et si misérable.

« Ainsi s'exprimait le monstre horrible, en nous présageant notre avenir, lorsque je me levais et lui dis: « Qui es-tu donc, toi, dont le corps surprenant me remplit d'admiration? » A ces mots, tordant sa bouche et ses yeux noirs, et poussant un épouvantable cri, il me répondit, d'une voix lente et amère, comme si ma question l'avait affligé:

« Je suis ce grand et occulte cap à qui vous donnez le nom de cap des Tourmentes, et que jamais Ptolémée, Pomponius, Strabon, Plin^e ni aucun mortel n'ont aperçu. Ici, dans ce promontoire inconnu aux humains, et que votre audace a tant irrité, je finis toute la côte africaine, en m'étendant jusque vers le pôle antarctique.

« Je fis un des terribles enfants de la Terre, comme Éneclade, Égéon et Briaréc aux cents mains; on me nommait Adamastor, et je pris part à la guerre organisée contre celui qui lance la foudre de Vulcain. Je ne mis point montagne sur montagne, mais après avoir conquis les ondes de l'Océan, je fus le capitaine de la mer, où voguait la flotte de Neptune, que je cherchais.

« Ce fut mon amour pour l'illustre épouse de Pélée (20) qui me fit entreprendre une pareille œuvre; pour la reine des eaux j'ai méprisé toutes les déesses du ciel. Un jour je la vis, suivie des filles de Nérée, sauter sans vêtements sur la plage: aussitôt je sentis mille désirs m'embraser à tel point, que jamais encore jusqu'à ce jour je n'ai rien convoité de la sorte.

« Comme il m'était impossible de l'obtenir, à cause de ma taille et de ma forme hideuse, je résolus de la prendre par la force des armes, et je racontai à Doris mes intentions. La déesse, craignant de m'irriter, lui parla pour moi; mais elle, avec un sourire charmant et pudique: « Quelle est la nymphe, dit-elle, dont l'amour suffirait pour répondre à celui d'un géant? »

« Cependant, afin de délivrer l'Océan d'une guerre si funeste, je ferai en sorte que mon honneur ne soit pas la cause de grandes calamités (21). » Telle fut la réponse que m'apporta la messagère. Moi, qui ne sus pas en pénétrer l'artifice (tant est grand l'aveuglement des cœurs qui aiment), je sentis ma poitrine se gonfler de désirs et d'espérance.

LV

Já nescio, já da guerra desistindo,
 Huma noite de Doris promettida,
 Me apparece de longe o gesto lindo
 Da branca Thetis unica despida:
 Como dondo corri de longe, abrindo
 Os braços, para aquella que era vida
 Deste corpo, e começo os olbos bellos
 A lhe beijar, as faces e os cabellos.

LVI

Oh que não sei de nojo como o conte!
 Que crendo ter nos braços quem amava,
 Abraçado me achei c'hum duro monte
 De aspero mato e de espessura brava:
 Estando c'hum penedo fronte a fronte,
 Que en pelo rosto angelico apertava,
 Não fiquei homem não, mas mudo e queado,
 E junto d'hum penedo outro penedo.

LVII

O nympha a mais formosa do Oceano,
 Já que minha presença não te agrada,
 Que te custava ter-me neste engano,
 Ou fosse monte, nuvem, sonho, ou nada?
 Daqui me parto irado e quasi insano
 Da mágoa e da deshonra alli passada,
 A buscar outro mundo, onde não visse
 Quem de meu pranto e de meu mal se risse.

LVIII

Eram já neste tempo meus irmãos
 Vencidos, e em miseria extrema postos;
 E, por mais segurar-se os deoses vãos,
 Alguns a varios montes sotopostos:
 E, como contra o céu não valem mãos,
 Eu, que chorando andava meus desgostos,
 Comecei a sentir do fado inimigo,
 Por meus atrevimentos, o castigo.

LIX

Converte-se-me a carne em terra dura.
 Em penedos os ossos se fizeram;
 Estes membros que vês, e esta figura,
 Por estas longas agnas se estenderam:
 Em fun, minha grandissima estatura
 N'este remoto cabo converteram
 Os deoses; e por mais dobradas mágoas,
 Me anda Thetis cercando destas agoas.

LX

Assi contava, e c'hum medonho choro
 Subito d'ante os olhos se apartou;
 Desfez-se a nuvem negra, e c'hum sonoro
 Branido, muito longe o mar soou.
 Eu, levantando as mãos ao sancto coro
 Dos Anjos, que tão longe nos guiou,
 A Deos pedi que renovesse os duros
 Casos, que Adamastor contou futuros.

LXI

Já Phlegon e Pyrois (22) vinham tirando
 Co'os outros dous o carro radiante,
 Quando a terra alta se nos foi mostrando,
 Em que foi convertido o grão gigante.
 Ao longo desta costa, começando
 Já de cortar as ondas do Levante,
 Por ella abaixo hum pouco navegámos,
 Onde segunda vez terra tomámos (23).

LXII

A gente que esta terra possuia,
 Postoque todos Ethiopes eram,
 Mais humana no trato parecia,
 Que os outros, que tão mal nos receberam.
 Com bailes e com festas de alegria,
 Pela praia arenosa a nós vieram;
 As mulheres consigo, e o manso gado,
 Que apascentavam, gordo e bem criado.

«Victime de mon erreur, déjà j'avais renoncé à la guerre; une nuit, comme Doris me l'avait promis, je vois apparaître au loin la blanche Thétis, seule et sans vêtements; comme un fou, je m'élançai, en ouvrant de loin les bras, vers celle qui était la vie de ce corps, et je commençai à baiser ses yeux charmants, ses cheveux et ses joues.

«Ah! la rage et le dégoût m'empêchent presque de le raconter: croyant avoir entre mes bras celle que j'aimais, je me trouvais accolé à une montagne pierreuse, couverte d'âpres broussailles et d'une épaisse verdure: me trouvant face à face avec un dur rocher que je serrais contre mon sein, le prenant pour un visage angélique, je n'étais plus un homme, non, mais, muet et immobile, je devins une roche réunie à l'autre roche.

«O nymphe! la plus belle de tout l'Océan, puisque ma présence ne te plaisait pas, que te coûtait de me laisser dans mon erreur, eût-elle été un mont, un nuage, un songe ou un rien? Aussitôt, furieux et insensé de tant de douleur et de la honte que j'avais subie en ce lieu, je m'éloignai de là pour aller chercher un autre monde, où je ne verrais personne qui pût rire de mes pleurs et de mes souffrances.

«En ce temps mes frères, déjà vaincus, se trouvaient dans une extrême situation; quelques-uns d'entre eux, pour plus de sûreté, avaient été enterrés sous diverses montagnes par les orgueilleux immortels. Et comme nulle force ne peut atteindre le ciel, moi qui ne cessais de pleurer sur mes malheurs, je commençai à éprouver la punition que l'impitoyable destin imposait à mon audace.

«Je sentis ma chair se convertir en une terre dure et mes os devenir des rochers: ces gigantesques membres que tu vois s'étendirent le long de ces eaux; enfin mon corps immense fut changé par les dieux en un promontoire éloigné, et, pour redoubler mes chagrins, Thétis m'entoure toujours de ses eaux.

«Ainsi parlait-il, et, en poussant un terrible gémissement, il disparut subitement: aussitôt l'obscur nuage se défit, et au loin on entendit mugir la mer en courroux. Alors, levant les mains vers le chœur sacré des auges qui nous avaient menés si loin, je priai Dieu d'éloigner de nous les événements qu'Adamastor avait présagés.

«Déjà Phlégon et Pyroïs (22) traînaient avec leurs deux autres compagnons le char radieux de Phébus, lorsque apparut à nos yeux la terre élevée en laquelle fut converti l'immense géant. Le long de cette côte nous commençâmes à sillonner les vagues du Levant, et, après l'avoir bordée pendant quelques temps, nous y prîmes terre pour la seconde fois (23).

«Les peuples qui possédaient cette terre, quoique nègres tous sans exception, paraissaient être de mœurs plus humaines que les autres dont nous avons été si mal accueillis. Ils vinrent à nous le long de la plage sablonneuse, en dansant et en se livrant à des transports de joie, amenant avec eux leurs femmes et le riche bétail qui paissait l'herbe tendre.

LXIII

As mulheres queimadas vem em cima
 Dos vagarosos bois, alli sentadas,
 Animaes que elles tem em mais estima,
 Que todo o outro gado das manadas:
 Cantigas pastoris, ou prosa, ou rima,
 Na sua lingua cantam, concertadas
 Co'o doce som das rusticas avenas,
 Imitando do Tityro as Camenas.

LXIV

Estes como na vista prazenteiros
 Fossem, humanamente nos trataram,
 Trazendo-nos gallinhas e carneiros,
 A troco d'outras peças que levaram:
 Mas como nunca em fim meus companheiros
 Palavra sua alguma lhe alcançaram,
 Que desse algum signal do que buscamos,
 As velas dando, as ancoras levamos.

LXV

Já aqui tínhamos dado hum grão rodeio
 Á costa negra de Africa, e tornava
 A prôa a demandar o ardente meio
 Do céo, e o polo Antartico ficava:
 Aquelle ilheo deixámos, onde veio
 Outra armada primeira, que buscava
 O Tormentorio cabo; e, descoberto,
 Naquelle ilheo fez seu limite certo (24).

LXVI

D'aqui fomos cortando muitos dias,
 Entre tormentas tristes e bonanças,
 No largo mar fazendo novas vias,
 Só conduzidos de arduas esperanças:
 Co'o mar hum tempo andámos em porfias,
 Que, como tudo nelle são mudanças,
 Corrente nelle achámos tão possante,
 Que passar não deixava por diante.

LXVII

Era maior a força em demasia,
 Segundo para traz nos obrigava,
 Do mar, que contra nós alli corria,
 Que por nós a do vento que assoprava:
 Injuriado Noto da porfia
 Em que co'o mar, parece, tanto estava,
 Os assopros esforça iradamente,
 Com que fez vencer a grão corrente.

LXVIII

Trazia o Sol o dia celebrado,
 Em que três Reis das partes do Oriente
 Foram buscar hum Rei de pouco nado,
 No qual Rei outros tres ha juntamente:
 Neste dia outro porto foi tomado
 Por nós, da mesma já contada gente,
 N'hum largo rio, ao qual o nome demos
 Do dia em que por elle nos mettemos (25).

LXIX

Desta gente refresco algum tomámos,
 E do rio fresca agua; mas com tudo
 Nenhum signal aqui da India achámos
 No povo, com nós outros quasi mudo.
 Ora vê, Rei, quamanha terra andámos,
 Sem sahir nunca deste povo rudo,
 Sem vermos nunca nova, nem signal
 Da desejada parte Oriental.

LXX

Ora imagina agora quão coitados
 Andariamos todos, quão perdidos,
 De fomes, de tormentas quebrantados,
 Por climas, e por mares não sabidos:
 E do esperar comprido tão causados,
 Quanto a desesperar já compellidos,
 Por céos não naturaes, de qualidade
 Inimiga de nossa humanidade.

« Les femmes, brûlées par le soleil, viennent assises sur les bœufs indolents, animaux que ces peuples préfèrent à tous ceux de leurs troupeaux; elles chantent dans leur langue des chansons pastorales rimées ou en prose, en se faisant accompagner du doux son des rustiques chalumeaux, à la façon des Muses de Tityre.

« Comme l'annonçait leur extérieur bienveillant, ils nous traitèrent humainement et nous apportèrent des poules et des montons, en échange d'autres présents qu'ils reçurent de nous; mais comme mes compagnons ne pouvaient en tirer un mot qui nous donnât quelque lumière sur ce que nous cherchions, nous relevâmes l'ancre pour mettre à la voile.

« Déjà nous avions fait un grand détour le long de la côte noire d'Afrique, et les proues recommençaient à se diriger vers le centre ardent du ciel, en s'éloignant du pôle antarctique. Nous dépassâmes cet îlot où aborda la première flotte qui cherchait le cap des Tourmentes, et, dont, après l'avoir déconvert, elle fit sa limite certaine (24).

« De là nous repartîmes pour fendre de nouveau la mer immense, surpris par les calmes et les bourrasques, cherchant à nous frayer de nouvelles voies, et conduits seulement par un espoir incertain. Après avoir lutté opiniâtement contre la mer irritée et inconstante, nous rencontrâmes un courant si fort, qu'il nous était impossible de le franchir.

« La force des vagues, qui nous obligeait à reculer, l'emportait de beaucoup sur celle du vent soufflant dans notre direction. Enfin Notus, indigné de la lutte qu'il semblait soutenir contre l'Océan, par un redoublement de colère, nous envoya un souffle énergique qui nous aida à vaincre le grand courant.

« Le soleil ramenait la mémorable journée où trois rois venus de l'Orient allèrent chercher un Roi d'une modeste naissance, lequel contient à son tour trois autres rois réunis. En ce jour nous abordâmes en un port de ces mêmes peuples dont j'ai parlé, situé à l'embouchure d'un large fleuve, auquel nous donnâmes le nom du jour où nous y entrâmes (25).

« Ces gens nous apportèrent quelques provisions, et le fleuve nous fournit de l'eau fraîche; cependant nous ne découvrîmes aucune trace de l'Inde chez ce peuple, presque incompris de nous. Voyez donc, ô roi, combien de terres nous avons côtoyées sans pouvoir nous éloigner de ces nations grossières, sans trouver jamais ni indices, ni trace aucune des contrées de l'Orient si recherché!

« Figurez-vous combien nous avons dû être malheureux et dignes de pitié, poursuivis par la faim, les tempêtes, dans des climats et des mers inconnus! Las d'attendre, aussi bien que réduits à désespérer, nous parcourions des parages ennemis et contraires à notre nature.

LXXI

Corrupto já e damnado o mantimento,
 Damnosos e máos ao fraco corpo humano,
 E além disso nenhum contentamento,
 Que se quer da esperança fosse engano:
 Crês tu que se este nosso ajuntamento
 De soldados não fôra Lusitano,
 Que durára elle tanto obediente
 Por ventura a seu Rei, e a seu regente?

LXXII

Crês tu que já não foram levantados
 Contra seu capitão, se os resistira,
 Fazendo-se piratas, obrigados
 De desesperação, de fome, de ira?
 Grandemente por certo estão provados;
 Pois que nenhum trabalho grande os tira
 Daquelle Portuguezza alta excellencia
 De lealdade firme e obediencia.

LXXIII

Deixando o porto em fim do doce rio,
 E tomando a cortar a agua salgada,
 Fizemos desta costa algum desvio,
 Deitando para o pégo toda a armada:
 Porque, ventando Noto manso e frio,
 Não nos apanhasse a agua da encada,
 Que a costa faz allí daquelle banda,
 Donde a rica Sofala o ouro manda.

LXXIV

Esta passada, logo o leve leme
 Encommendado ao sacro Nicolao (26),
 Para onde o mar na costa brada e geme,
 A prôa inclina d'huma e d'outra náos:
 Quando indo o coração que espera e teme,
 E que tanto fion d'hum fraco páo,
 Do que esperava já desesperado,
 Foi d'huma novidade alvoroçado.

LXXV

E foi, que estando já da costa perto,
 Onde as praias, e valles bem se viam,
 N'hum rio, que allí sahe ao mar aberto,
 Bateis á vela entravam e saham.
 Alegria mui grande foi por certo
 Achamos já pessoas que sabiam
 Navegar; porque entr'ellas esperámos
 De achar novas algumas, como achámos.

LXXVI

Ethiopes são todos, mas parece
 Que com gente melhor communicavam:
 Palavra alguma Arabia se conhece
 Entre a linguagem sua que fallavam:
 E com pano delgado, que se tece
 De algodão, as cabeças apertavam;
 Com ontro, que de tinta azul se tingem,
 Cada hum as vergonhosas partes einge.

LXXVII

Pela Arabica lingua que mal fallam,
 E que Fernão Martins mui bem entende,
 Dizem, que por náos que em grandeza igualam
 As nossas (27), o seu mar se corta e fende:
 Mas que lá, donde sahe o Sol, se abalam
 Para onde a costa ao Sul se alarga e estende,
 E do Sul para o Sol; terra onde havia
 Gente assi como nós da côr do dia.

LXXVIII

Mui grandemente aqui nos alegrámos
 Co'a gente, e com as novas muito mais:
 Pelos signaes que neste rio achámos,
 O nome lle ficou dos Bons-Signais:
 Hum padrão nesta terra alevantámos,
 Que para assignalar lugares tais
 Trazia alguns; o nome tem do bello
 Guiador de Tobias a Gabelo (28).

« Nos vivres, déjà corrompus et gâtés, étaient nuisibles au faible corps de l'homme; en outre, nous n'éprouvions aucune joie, aucune illusion qui soutînt notre espérance. Croyez-vous donc que si tous ces soldats réunis n'étaient point des Lusitaniens, ils auraient si longtemps gardé une semblable obéissance à leur roi et à leur chef?

« Croyez-vous qu'ils ne se seraient point déjà révoltés contre leur capitaine, s'il leur avait résisté, et que, forcés par le désespoir, la faim et la rage, ils ne se seraient pas livrés à la piraterie? Ils ont à coup sûr fait preuve d'une grande valeur, puisque aucune souffrance n'a pu leur enlever ces nobles qualités communes à tout Portugais: une loyauté ferme et une obéissance sans bornes.

« Après avoir quitté ce port et son fleuve bienfaisant, nous nous remîmes à fendre l'eau salée, et, en déviant un peu de cette côte, nous dirigeâmes toute la flotte sur la haute mer; nous voulions éviter le souffle glacé de Notus, ainsi que le courant produit par cette baie d'où la riche Sofala expédie son or dans le monde.

« A peine l'avions-nous dépassée, que le léger gouvernail placé sous le patronage de saint Nicolas (26), fit incliner les proues des vaisseaux vers le rivage, où la mer s'élançait avec fracas; le cœur tantôt confiant et tantôt anxieux, nous abandonnions notre vie aux caprices de quelques pontres, et nous voyions déjà nos espérances déçues, lorsque nous fûmes transportés de joie à la vue d'un spectacle inattendu.

« Arrivés près de la côte, dont on apercevait déjà les plages et les vallées, nous vîmes, à l'embouchure d'un fleuve dont les eaux viennent se mêler à l'onde salée, divers bateaux à voile qui entraient et sortaient. Notre joie fut grande à la vue des gens qui savaient naviguer, car nous avions l'espoir d'en tirer les connaissances qui nous manquaient; ce fut d'ailleurs ce qui arriva.

« Tous étaient nègres, mais ils semblaient avoir des rapports avec des peuples civilisés; dans leur langage ou saisissait de temps en temps un mot arabe. La tête serrée avec d'étroites bandes tissées de cotou, ils en portaient d'autres de couleur bleue pour cacher les parties naturelles.

« Au moyen de la langue arabe, que du reste ils parlaient mal, et que Fernand Martins comprend très bien, ils nous dirent que leur mer était fendue par des vaisseaux aussi grands que les nôtres (27), mais qu'ils venaient depuis les pays où le soleil se lève jusqu'au point où la côte s'étend vers le pôle antarctique, ou bien depuis ce point jusqu'aux pays du soleil, contrée où habitaient des hommes comme nous, de la couleur du jour.

« Réjouis d'avoir rencontré ce peuple, et surtout des renseignements que nous en avions obtenus, nous profitâmes de ces indices favorables pour donner à ce fleuve le nom de fleuve des Bons Signes. Là, nous plantâmes une des colonnes que nous avions apportées dans le but de marquer nos découvertes, et nous donnâmes à cette terre le nom du beau guide qui mena Tobie auprès de Gabélus (28).

LXXXIX

Aqui de limos, cascas e d'ostrinhos,
 Nojosa criação das aguas fundas,
 Alimpámos as náos, que dos caminhos
 Longos do mar, vem sordidas e immundas.
 Dos hospedes que tinhamos visinhos,
 Com mostras apraziveis e jucundas,
 Houvemos sempre o usado mantimento,
 Limpos de todo o falso pensamento.

LXXX

Mas não foi, da esperança grande e immensa
 Que nesta terra havemos, limpa e pura
 A alegria; mas logo a recompensa
 A Rhamnusia (29) com nova desventura.
 Assi no Céu sereno se dispensa;
 Com esta condição pezada e dura
 Nasccemos; o pezar terá firmeza,
 Mas o bem logo muda a natureza.

LXXXI

E foi que de doença crua e feia (30),
 A mais que eu nunca vi, desampararam
 Muitos a vida, e em terra estranha e alheia
 Os ossos para sempre sepultaram.
 Quem haverá que, sem o ver, o creia?
 Que tão disformemente alli lhe incharam
 As gengivas na boca, que crescia
 A carne, e juntamente apodrecia.

LXXXII

Apodrecia e' hum fetido e bruto
 Cheiro, que o ar visinho inficionava:
 Não tinhamos alli medico astuto,
 Cirurgião subtil menos se achava:
 Mas qualquer neste officio pouco instructo
 Pela carne já podre assi cortava,
 Como se fôra morta; e bem convinha,
 Pois que morto ficava quem a tinha.

LXXXIII

Em fim que nesta incognita espessura
 Deixámos para sempre os companheiros,
 Que em tal caminho, e em tanta desventura
 Foram sempre comnosco aventureiros,
 Quão facil he ao corpo a sepultura!
 Quasquer ondas do mar, quaesquer outeiros
 Estranhos, assi mesmo como aos nossos,
 Receberam de todo o illustre os ossos.

LXXXIV

Assi que deste porto nos partimos
 Com maior esperauça e mór tristeza,
 E pela costa abaixo o mar abrimos,
 Buscando algum signal de mais firmeza:
 Na dura Moçambique, em fim, surgimos,
 De cuja falsidade e má vileza
 Já serás sabedor, e dos euganos
 Dos povos de Mombaça pouco humanos.

LXXXV

Até que aqui no teu seguro porto,
 Cuja brandura e doce tratamento,
 Dará saude a hum vivo, e vida a hum morto,
 Nos trouxe a piedade do alto assento:
 Aqui repouso, aqui doce conforto,
 Nova quietação do pensamento
 Nos déste: e vês-aqui, se attento ouviste,
 Te contei tudo quanto me pediste.

LXXXVI

Julgas agora, Rei, que houve no mundo
 Gentes, que taes caminhos commettessem?
 Crês tu, que tanto Eneas, e o facundo
 Ulysses pelo mundo se estendessem?
 Ousou algum a ver do mar profundo,
 Por mais versos que delle se escrevessem,
 Do que eu vi, a poder d'esforço e de arte,
 E do que inda hei de ver, a oitava parte?

« Nous y nettoyâmes les navires, qu'une longue course à travers les mers avait remplis d'immenses algues, de sordides écorces et de petites huîtres, infecte production des eaux profondes. Pours de toute mauvaise pensée, les nouveaux hôtes que nous avions devant nous, nous firent un accueil enjôné et affable et nous fournirent toujours les provisions nécessaires.

« Cependant la joie que nous fit éprouver en ce pays une espérance aussi grande ne fut pas complète: Rhammisis (29) se chargea bientôt de la compenser par un nouveau malheur. Tels sont les décrets du ciel élevé; nous naissons avec cette cruelle condition: la douleur dure longtemps, mais le bonheur est bientôt altéré par la Providence.

« Une maladie terrible, affreuse (30), ravit l'existence à un grand nombre de mes compagnons; les infortunés, ils laissèrent leurs os dans un pays étranger et inconnu! Qui, sans l'avoir vu, le croira? Les gencives leur gonflèrent tellement dans la bouche, qu'à mesure que la chair poussait, elle tombait en putréfaction!

« En même temps une odeur fétide infectait l'air environnant; nous n'avions là aucun médecin habile, et moins encore un adroit chirurgien. Aussi le premier venu, malgré son ignorance en de telles matières, se mettait à couper la chair putréfiée, comme si c'était de la chair morte; et c'était juste, puisque l'on était sûr de mourir quand on l'avait dans cet état.

« Enfin, nous laissâmes à jamais dans ces contrées inconnues les cadavres de nos pauvres compagnons, qui avaient toujours pris part avec nous à toutes les souffrances de la route. Combien il est facile de trouver une sépulture à un corps! Quelles ondes, quelles collines étrangères n'ont pas, comme celles-ci, reçu les cendres de quelque héros?

« A peine étions-nous partis de cette rade, le cœur tout à la fois plein d'espérance et de tristesse, que nous recommençâmes à descendre le long de la côte, à la recherche de quelque indice plus certain. Enfin nous arrivâmes près de la cruelle Mozambique, dont la fausseté et la bassesse, ainsi que la fourberie des peuples inhumains de Mombaça, ne vous doivent pas être inconnues.

« A la fin la Providence, nous prenant en pitié, nous a amenés vers votre port béni; la tranquillité et les bons traitements que nous y avons enfin trouvés pourraient donner la santé aux vivants et la vie aux morts. Ici vous nous avez procuré le repos, les soulagements et le bien-être. Maintenant, si vous m'avez attentivement écouté, soyez satisfait, car vous connaissez le récit de toutes mes aventures.

« Vous pouvez juger, ô roi! s'il y a eu dans le monde des hommes qui aient affronté une pareille route. Croyez-vous qu'Énée ou l'éloquent Ulysse aient parcouru tant de contrées? Quelqu'un, malgré tous les chants qu'on a pu lui consacrer, a-t-il osé voir sur le profond Océan le huitième de ce que j'ai vu et de ce qui me reste encore à découvrir, lorsque je n'ai pour guides que mon adresse et mon courage?

LXXXVII

Esse que bebo tanto da agua Aonia,
Sobre quem tem contenda peregrina
Entre si, Rhodes, Smyrna e Colophonia,
Athenas, Ios, Argo e Salamina (31):
Ess'outro que eselarece toda a Ausonia,
A enja voz altisona e divina
Ouvindo, o patrio Mineio se adormece,
Mas o Tybre eo'o som se ensoberbece:

LXXXVIII

Cantem, louvem e eserevam sempre extremos
Desses seus semideoses, e eneareçam,
Fingindo Magas, Circes, Polyphemos,
Sirenas que eo'o eanto os adormeçam;
Dem-lhe mais navegar á vela e remos
Os Cieones, e a terra onde se esqueçam
Os companheiros, em gostando o loto;
Dem-lhe perder nas aguas o piloto:

LXXXIX

Ventos soltos lhe finjam e imaginem
Dos odres, e Calypsos namoradas,
Harpyas, que o manjar lhe contaminem,
Descer ás sombras nuas já passadas:
Que por muito, e por muito que se affinem
Nestas fabulas vãs, tão bem sonhadas,
A verdade que eu eonto nua e pura
Venec toda grandiloqua escriptura.

XC

Da boca do faeundo capitão
Pendendo estavam todos embebidos,
Quando deo fim á longa narração
Dos altos feitos grandes e subidos.
Louva o Rei o sublime eoração
Dos Reis em tantas guerras eonhecidos:
Da gente louva a antigua fortaleza,
A lealdade d'animo e nobreza.

XCI

Vai recontando o povo, que se admira,
O easo eada qual que mais notou:
Nenhum delles da gente os olhos tira,
Que tão longos eaminhos rodeou.
Mas já o maneebo Delio as redeas vira,
Que o irmão de Lampecia mal guiou,
Por vir a descansar nos Thetios braços;
E el Rei se vai do mar aos nobres paços.

XCII

Quão doce he o louvor, e a justa gloria
Dos proprios feitos, quando são soados!
Qualquer nobre trabalha, que em memoria
Vença, ou iguale os grandes já passados.
As invejas da illustre e alheia historia
Fazem mil vezes feitos sublimados.
Quem valerosas obras exercita,
Louvor alheio muito o esperta e ineita.

XCIII

Não tinha em tanto os feitos gloriosos
De Achilles, Alexandro na peleja,
Quanto, de quem o canta, os numerosos
Versos; isso só louva, isso deseja.
Os tropheos de Milciades famosos
Themistocles despertam só de inveja;
E diz, que nada tanto o deleitava,
Como a voz que seus feitos ecelebrava.

XCIV

Trabalha por mostrar Vaseo da Gama
Que essas navegações, que o mundo canta,
Não merecem tamanha gloria e fama,
Como a sua, que o eeo e a terra espanta.
Si; mas aquelle Heroe, que estima e ama
Com dons, mereês, favores e honra tanta
A lyra Mantuana, faz que soe
Eneas, e a Romana gloria voe.

« O toi qui t'es tant abreuvé de l'eau aonienne, toi pour la naissance duquel se disputent Rhodes, Smyrne, Colophon, Athènes, Chio, Argos et Salamine (31); et toi aussi, noble chantre de l'Ausonie, dont la voix harmonieuse et divine endort le Mincio qui t'a vu naître, mais enorgueillit le Tibre superbe;

« Chantez, introduisez dans vos poèmes les histoires fabuleuses de vos demi-dieux; inventez des Sirènes qui les endorment de leurs chants; inventez des Magiciennes, des Circées, des Polyphèmes; faites-les naviguer par la voile ou les rames jusqu'au pays des Cicones, jusqu'à la terre où les compagnons oublient le passé, après avoir goûté le fruit du lotos; faites-leur perdre leur pilote dans les mers;

« Imaginez pour eux des vents furieux renfermés dans des outres; imaginez des Calypsos amoureuses, des Harpies qui corrompent leurs mets, et faites-les descendre au royaume des ombres. Vous aurez beau vous distinguer par l'invention de ces fables vaines, composées avec tant de génie; la vérité que je raconte, simple et pure, l'emporte sur tous ces immortels écrits. »

Tous étaient ravis, suspendus aux lèvres de l'éloquent capitaine, lorsqu'il mit fin à cette longue narration de sublimes actes d'héroïsme. Le roi ne se lasse pas de louer le courage de ces monarques, renommés par tant de batailles; il vante aussi l'antique fermeté, la grandeur d'âme et la noblesse de la nation.

Parmi le peuple chacun se raconte avec enthousiasme le trait qui l'a le plus frappé: aucun des Méliindiens n'écarte ses regards de ces héros qui ont parcouru une si longue route. En ce moment le jeune Délius tournait les rênes de son char, que le frère de Lampétie ne sut pas conduire; il allait reposer dans les bras de Thétis, lorsque le roi se rendit à terre dans son palais somptueux.

« Combien sont douces la louange et la juste gloire de nos exploits! Toujours un noble cœur s'évertue à égaler ou à surpasser les hauts faits des héros qui l'ont précédé. La lecture d'une belle histoire étrangère est souvent la cause de sublimes actions, et celui qui s'exerce à des œuvres de bravoure se laisse surtout encourager par les éloges qu'on lui accorde.

« Alexandre n'estimait pas autant les glorieux exploits d'Achille que les nombreux vers de son chantre; c'est cet éclat seul qu'il loue et qu'il ambitionne pour lui-même. Les superbes trophées de Miltiade réveillent la jalousie de Thémistocle: « Rien ne me comble de joie, disait-il, comme la voix qui exalte mes prouesses! »

« Vasco da Gama cherche à prouver que ces navigations, que l'univers célèbre, ne méritent pas autant de gloire et de renommée que la sienne, dont s'étonnent le ciel et la terre. Oui, mais ce héros qui aimait et admirait la lyre de Mantoue employait toute sorte de dons, de louanges et d'honneurs pour lui faire chanter Enée et la gloire de Rome.

XCV

Dá a terra Lusitana Scipiões,
 Cesares, Alexandros, e dá Augustos;
 Mas não lhe dá com tudo aquelles dôes,
 Cujá falta os faz duros e robustos:
 Octavio, entre as maiores oppressões,
 Compunha versos doutos e vennstos.
 Não dirá Fulvia certo que he mentira,
 Quando a deixava Antonio por Glaphyra.

XCVI

Vai Cesar subjugando toda França,
 E as armas não lhe impedem a sciencia;
 Mas n'humã mão a penna, e n'outra a lança,
 Igualava de Cicero a eloquencia:
 O que de Scipião se sabe e alcança,
 He nas comedias grande experiencia:
 Lia Alexandro a Homero de maneira,
 Que sempre se lhe sabe á cabeceira.

XCVII

Em fim não houve forte capitão,
 Que não fosse tambem douto e sciente,
 Da Lacia, Grega, ou barbara nação,
 Senão da Portugueza tamsomente.
 Sem vergonha o não digo, que a razão
 D'algum ser por versos excellente,
 He não se ver prezado o verso e rima,
 Porque quem não sabe a arte, não na estima.

XCVIII

Por isso, e não por falta de natura,
 Não ha tambem Virgilios, nem Homeros;
 Nem haverá, se este costume dura,
 Pios Eneas, nem Achilles feros:
 Mas o peor de tudo he, que a ventura
 Tão asperos os fez, e tão austeros,
 Tão rudos, e de engenho tão remisso,
 Que a muitos lhe dá pouco, ou nada d'isso.

XCIX

Ás Musas agradeça o nosso Gama
 O muito auor da patria, que as obriga
 A dar aos seus na lyra nome e fama
 De toda a illustre e bellica fadiga:
 Que elle, nem quem na estirpe seu se chama,
 Calliope não tem por tão amiga,
 Nem as filhas do Tejo, que deixassem
 As tellas d'ouro fino, e que o cantassem.

C

Porque o amor fraterno, e puro gosto
 De dar a todo o Lusitano feito
 Seu louvor, he sómente o presupposto
 Das Tagides gentis, e seu respeito:
 Porém não deixe em fim de ter disposto
 Ninguém a grandes obras sempre o peito;
 Que por esta, ou por outra qualquer via,
 Não perderá seu preço, e sua valia.

« La terre Lusitanienne produit des Scipions, des Césars, des Alexandres et des Augustes; mais elle ne leur donne pas ces qualités dont le défaut les endureit. Octave, même dans les moments les plus terribles du triumvirat, composait des vers instructifs et gracieux; Fulvie ne pourrait nier qu'Antoine l'abandonnait souvent pour Glaphyra.

« César, tout en subjuguant la Gaule, ne sacrifiait pas entièrement les lettres aux armes; et tenant d'une main la plume et de l'autre la lance, il égalait en éloquence le grand Cicéron. On sait avec quel talent Scipion composait des comédies, et Alexandre lisait si souvent Homère, qu'il l'avait continuellement à son chevet.

« Enfin, il n'y eut pas chez les Romains, chez les Grecs, ni même chez n'importe quel peuple barbare, un seul vaillant capitaine, qui ne fût en même temps instruit et lettré; excepté cependant dans la Lusitanie. Je ne le dis point sans honte, car le seul motif pour lequel aucun ne s'y distingue par les vers, c'est qu'on n'y estime point le vers ni la rime; et en effet, qui ne connaît point l'art ne peut pas l'apprécier.

« C'est pour cela, et non par la faute de la nature, que nous n'avons ni des Virgiles ni des Homères; et si cette coutume dure encore, il n'y aura bientôt plus de pieux Énéas ni de féroces Achilles. Mais ce qu'il y a de plus regrettable, c'est que le sort a fait les nôtres si âpres et si austères, si rudes et si nonchalants, qu'il ne leur accorde généralement pas le goût de la poésie.

« Notre Gama peut remercier les Muses de ce que l'amour de la patrie les oblige à prendre la lyre pour accorder à leurs protégés la gloire qu'ils ont acquise dans des combats et des travaux de toute sorte; quant à lui, ou à ceux de sa race, ils n'ont pour amies ni Calliope ni les filles du Tage, qui, pour le chanter, n'abandonneraient pas les paillettes d'or que roule leur fleuve.

« C'est seulement un fraternel amour et le désir immense de donner une louange à chaque exploit des Lusitaniens qui anime les nymphes du Tage. Cependant que personne ne cesse jamais d'avoir le cœur disposé à accomplir de grandes œuvres: car, que ce soit par la voie des vers ou par tout autre moyen, il ne perdra rien de son prix ni de sa valeur.

CANTO VI

Dos cavallos o estrepito parece
Que faz que o chão debaixo todo treme.
O coração no peito, que estremece
De quem os olha, se alvoroça, e teme :

(Canto VI. Est. LXIV.)



« Les fers des coursiers font jaillir des étincelles ; sous leurs sabots, le sol semble trembler avec fracas ; à voir les combattants, on sent battre plus fort le cœur dans la poitrine.

(Chant VI, Stan. LXIV.)

CANTO SEXTO

I

Não sabia em que modo festejasse
O Rei pagão os fortes navegantes,
Para que as amizades alcançasse
Do Rei christão, das gentes tão possantes :
Peza-lhe que tão longe o aposentasse
Das Europeas terras abundantes
A ventura, que não no fez visinho
Donde Hercules ao mar abriu caminho.

II

Com jogos, danças, e outras alegrias,
E segundo a policia Melindava,
Com usadas e ledas pescarias,
Com que a Lageia Antonio alegre, e eugana,
Este famoso Rei, todos os dias,
Festeja a companhia Lusitana,
Com banquetes, manjares desusados,
Com fructas, aves, carnes, e pescados.

III

Mas vendo o Capitão que se detinha
Já mais do que devia, e o fresco vento
O couvida que parta, e tome asinha
Os pilotos da terra, e mantimento,
Não se quer mais deter, que ainda tinha
Muito para cortar do salso argento :
Já do Pagão benigno se despede,
Que a todos amizade longa pede.

IV

Pede-lhe mais, que aquelle porto seja
Sempre com suas frotas visitado;
Que nenhum outro bem maior deseje,
Que dar a taes Barões seu reino e estado :
E que em quanto seu corpo o espirito reja,
Estará de continuo aparelhado
A pôr a vida, e reino totalmente,
Por tão bom Rei, por tão sublime gente.

V

Outras palavras taes lhe respondia
O Capitão, e logo as velas dando,
Para as terras da Aurora se partia,
Que tanto tempo ha já que vai buscando.
No piloto que leva, não havia
Falsidade, mas antes vai mostrando
A navegação certa, e assi caminhava
Já mais seguro do que d' antes vinha.

VI

As ondas navegavam do Oriente
Já nos mares da India, e enxergavam
Os thalamos do Sol, que nasce ardente;
Já quasi seus desejos se acabavam.
Mas o máo de Thyoueo, que na alma sente
As venturas, que então se apparelvavam
Á gente Lusitana, dellas dima,
Arde, morre, blasphema, e desatina.

CHANT SIXIÈME

Le roi païen ne sait comment fêter les braves nautoniers, pour obtenir l'amitié du roi chrétien et de ses puissants sujets. Il regrette que le sort l'ait placé si loin de la fertile Europe et ne l'ait pas fait voisin des lieux où Hercule ouvrit une route à l'Océan.

C'est avec des jeux, des danses et d'autres plaisirs conformes aux usages de Mélinde, c'est avec de joyeuses parties de pêche, semblables à celles dont la petite-fille de Lagus réjouissait et trompait Antoine, que cet illustre roi fête chaque jour la gent lusitanienne; il ne manque pas non plus d'offrir aux navigateurs des banquets composés de mets exquis, de fruits, de volailles, de viandes et de poissons des espèces les plus rares.

Cependant le capitaine, voyant qu'il s'était attardé plus qu'il ne l'aurait dû, et invité par un vent favorable à partir et à prendre immédiatement à terre des pilotes et des provisions, le capitaine se décide à ne pas s'arrêter plus longtemps, à cause du long trajet qu'il lui reste encore à parcourir. Bientôt il prend congé du bienveillant Maure, qui demande à tous les Portugais une éternelle amitié.

Il leur demande en outre que son port soit désormais visité par leurs flottes; il ne souhaite rien de plus honorable que de prêter à de semblables héros son royaume et ses états, et, tant que son esprit régira son corps, il sera toujours prêt à mettre sa vie et ses domaines à la disposition d'un prince si généreux et d'une nation si grande.

Le capitaine lui répond quelques mots sur un ton non moins amical, et, mettant sans tarder à la voile, il se dirige vers les pays de l'Aurore, dont depuis si longtemps il cherche la route. Son pilote, sans ruses ni fourberies, lui montrait le droit chemin et lui inspirait une tranquillité qu'il n'avait pas ressentie jusqu'alors.

Déjà ils voguaient sur les mers de l'Orient et de l'Inde; au loin ils apercevaient la couche ardente du soleil; bientôt leurs désirs allaient être accomplis. Mais le perfide Thyonée, présentant le bonheur mérité qui se prépare pour les Lusitaniens, ne se tient plus de rage, d'envie et de colère.

VII

Via estar todo o Céu determinado
De fazer de Lisboa nova Roma;
Não no póde estorvar, que destinado
Está d'outro poder que tudo doma.
Do Olympo desce em fim desesperado,
Novo remedio em terra busca, e toma;
Entra no humido reino, e vai-se á corte
Daquelle a quem o mar cahio em sorte.

VIII

No mais interno fundo das profundas
Cavernas altas, onde o mar se esconde,
Lá donde as ondas sahem furibundas,
Quando ás iras do vento o mar responde.
Neptuno mora, e moram as jucundas
Nereidas, e outros deoses do mar, onde
As aguas campo deixam ás cidades,
Que habitam estas humidas deidades.

IX

Descobre o fundo nunca descoberto
As areias alli de prata fina;
Torres altas se vem no campo aberto
Da transparente massa crystallina:
Quanto se chegam mais os olhos perto,
Tanto menos a vista determina
Se he crystal o que vê, se diamante,
Que assi se mostra claro e radiante.

X

As portas d'ouro fino, e marchetadas
Do rico aljófar que nas conchas nasce,
De esculptura formosa estão lavradas,
Na qual do irado Baccho a vista pae:
E vê primeiro em cores variadas
Do velho chaos a tão confusa face;
Vem-se os quatro elementos trasladados
Em diversos officios occupados.

XI

Alli sublime o Fogo estava em cima,
Que em nenhuma materia se sustinha;
Daqui as cousas vivas sempre anima,
Depois que Prometheo furtado o tinha.
Logo após elle leve se sublima
O invisibil Ar, que mais asinha
Tomou lugar, e nem por quente, ou frio,
Algun deixa no mundo estar vazio.

XII

Estava a Terra em montes revestida
De verdes hervas, e arvores floridas,
Dando pasto diverso, e dando vida
Ás alimarias nella produzidas.
A clara forma alli estava esculpida
Das agnas entre a terra desparzidas,
De pescados criando varios modos,
Com seu humor mantendo os corpos todos.

XIII

N' outra parte esculpida estava a guerra
Que tiveram os deoses co' os gigantes;
Está Typhéo debaixo da alta serra
De Ethna, que as flammias lança crepitantes:
Esculpido se vê ferindo a terra
Neptuno, quando as gentes ignorantes,
Delle o cavallo houveram, e a primeira
De Minerva pacifica oliveira.

XIV

Pouca tardança fez Lyeo irado
Na vista destas cousas, mas entrando
Nos paços de Neptuno, que avisado
Da vinda sua, o estava já aguardando;
Ás portas o recebe, acompanhado
Das nymphas, que se estão maravilhando,
De ver que, commettendo tal caminho,
Entre no reino d'agua o rei do vinho.

Il voit tout l'Olympe résolu à faire de Lisbonne une nouvelle Rome, et il ne peut s'opposer à cette transformation qui est le fait d'une puissance supérieure à la sienne. En proie au désespoir, il descend du ciel pour chercher sur la terre un nouveau remède à ses chagrins; il entre dans le royaume humide et se rend à la cour de celui qui eut la mer en partage.

Au fin fond des hautes cavernes où se cache la mer et d'où sortent les vagues impétueuses, lorsque l'Océan répond aux colères du vent, demeurent Neptune, les gracieuses Néréides et les autres divinités maritimes : là les eaux font place aux villes où séjournent les dieux humides.

Les sables profonds, inconnus aux mortels, y sont parsemés d'une poudre argentée; dans cette plaine immense on voit des hautes tours formées d'une substance transparente et cristalline. Plus les yeux s'en approchent, moins ils peuvent décider si ce qu'ils voient est du cristal ou du diamant, tant est vif l'éclat de toutes ces merveilles!

Les portes en or massif, incrustées de perles fines, produit des coquillages, sont couvertes de magnifiques sculptures; Bacchus, malgré sa colère, ne peut s'empêcher de les admirer. D'abord il voit, peint de différentes couleurs, l'aspect confus du vieux chaos; puis il aperçoit les quatre éléments ciselés chacun avec ses propriétés particulières.

Au-dessus de tout planait le feu, qu'aucune matière ne soutenait et qui animait tous les êtres vivants, depuis que Prométhée l'avait ravi aux cieux. Immédiatement après lui s'élevait légèrement l'air invisible, qui s'insinue plus vite encore, et qui, brûlant ou glacé, ne laisse aucun vide dans l'univers.

Venait ensuite la terre, couverte de montagnes et revêtue de verdure et d'arbres fleuris; elle donnait la pâture et la vie aux animaux qu'elle engendre. Enfin, répandue sur la surface de la terre, l'eau limpide produisait des poissons de toutes sortes et nourrissait tous les corps de son suc bienfaisant.

Plus loin on avait gravé la guerre que les dieux soutinrent contre les géants : Typhée est courbé sous le poids de la haute montagne de l'Étna, qui vomit des flammes pétillantes. On voit aussi Neptune frappant la terre et donnant le cheval aux nations ignorantes, ainsi que le premier olivier de Minerve, symbole de la paix.

Bacchus irrité ne s'arrête pas longtemps à contempler ces merveilles; il franchit le seuil du palais de Neptune, qui, prévenu de sa visite, l'attendait avec impatience. Accompagné de ses nymphes, ce dernier reçoit le Thyonée aux portes de sa demeure. Les filles de Nérée sont étonnées de voir que, affrontant une pareille route, le roi du vin entre dans le royaume des eaux.

XV

Ó Neptuno, lhe disse, não te espantes
De Baccho nos teus reinos receberes,
Porque tambem co' os grandes e possantes
Mostra a fortuna injusta seus poderes :
Manda chamar os deoses do mar, antes
Que falle mais, se ouvir-me o mais quizeres;
Verão da desventura grandes modos,
Ouçam todos o mal que toca a todos.

XVI

Julgando já Neptuno que seria
Estranho caso aquelle, logo manda
Tritão, que chame os deoses da agua fria,
Que o mar habitam d'huma e d'outra banda;
Tritão, que de ser filho se gloria
Do Rei, e de Salacia veneranda,
Era maucebo grande, negro e feio,
Trombeta de seu pai, e seu correio.

XVII

Os cabellos da barba, e os que decem
Da cabeça nos hombros, todos eram
Huns limos prenhes d'agua, e bem parecem
Que nunca brando pente conheceram :
Nas pontas pendurados não fallecem
Os negros misilhões, que alli se geram ;
Na cabeça por gorra tinha posta
Huma mui grande casca de lagosta.

XVIII

O corpo nu, e os membros genitais,
Por não ter ao nadar inpedimento,
Mas porém de pequenos animais
Do mar todo coberto, cento e cento
Camarões, e cangrejos, e outros mais
Que recebem de Phebe crescimento ;
Ostras, e breguigões do musgo sujos,
Ás costas com a casca os caramujos.

XIX

Na mão a grande concha retorcida
Que trazia, com força já tocava ;
A vos grande canora foi ouvida
Por todo o mar que longe retumbava.
Já toda a companhia apercebida
Dos deoses, para os paços caminhava
Do deos, que fez os muros de Dardania,
Destruídos despois da Grega insania.

XX

Vinha o padre Oceano acompanhado
Dos filhos, e das filhas que gerára ;
Vem Nereo, que com Doris foi casado,
Que todo o mar de nymphas povoára :
O propheta Proteo deixando o gado
Maritimo pascer pela agua amara,
Alli veio tambem ; mas já sabia
O que o padre Lyeo no mar queria.

XXI

Vinha por outra parte a linda esposa
De Neptuno, de Cælo e Vesta filha (1),
Grave, e leda no gesto, e tão formosa,
Que se amausava o mar de maravilha ;
Vestida huma camisa preciosa
Trazia de delgada beatilha,
Que o corpo crystallino deixa ver-se ;
Que tanto bem não lie para esconder-se :

XXII

Amphitrite, formosa como as flores,
Neste caso não quiz que fallecesse ;
O Delphin traz consigo, que aos amores
Do Rei lhe aconselhou que obedecesse ;
Co' os olhos, que de tudo são senhores,
Qualquer parecerá que o Sol vencesse ;
Ambas vem pela mão ; igual partido ;
Pois ambas são esposas d'hum marido.

« Neptune, s'écrie le dieu, ne t'étonne point de recevoir Bacchus dans tes domaines, car la fortune injuste exerce ses pouvoirs même contre les grands et les puissants. Mais avant que j'en aie dit davantage, et si tu n'y vois pas d'obstacle, fais appeler toutes les divinités de la mer; elles apprendront le malheur qui me frappe et qui les atteint toutes. »

Neptune, voyant qu'il s'agit d'un événement funeste, ordonne aussitôt à Triton de convoquer les dieux qui habitent l'onde froide et peuplent toute l'étendue des mers. Triton, qui se glorifiait d'être le fils du roi et de l'illustre Salacia, était un jeune dieu de haute taille, noir et hideux; il était le trompette et le messenger de son père.

Les poils de sa barbe et les cheveux qui tombaient sur ses épaules n'étaient autre chose que des algues gonflées d'eau, où le peigne n'avait jamais pénétré; à leur extrémité étaient attachés des coquillages noirâtres qui y prenaient naissance; pour coiffure il avait une grande carapace de langouste.

Le corps et les parties naturelles entièrement nus, pour faciliter la nage, étaient cependant couverts de mille petits animaux de la mer, tels que crabes, écrevisses et tous ceux qui croissent sous les rayons de la lune : huîtres et pétoncles souillées de mousse et limaçons chargés de leur coquille.

Il porta à ses lèvres la grande conque recourbée qu'il tenait à la main, et en tira un son puissant, dont la mer au loin retentit. Déjà toute la foule des immortels s'acheminait vers la cour du dieu qui bâtit les murailles de Dardanie, détruites plus tard par la furie des Grecs.

Le vieil Océan venait le premier, suivi des fils et des filles qu'il avait engendrés; puis Nérée, époux de Doris, qui peupla de nymphes toute la mer. Venait aussi le prophète Prothée, qui abandonna son troupeau pour le laisser paître sur l'onde amère; mais il savait déjà ce que Lyéus venait faire dans le royaume humide.

D'un autre côté, l'on voyait s'avancer la belle épouse de Neptune, fille de Cœlus et de Vesta (1). La joie animait à tel point sa beauté, que sur son passage la mer se calmait, comme par enchantement; vêtue d'une tunique de toile très fine, elle laissait voir ses formes transparentes, car tant de trésors n'ont pas été faits pour qu'on les cache.

Amphitrite, belle comme les fleurs, n'eut garde de manquer à cette brillante assemblée; elle était suivie du Dauphin, qui lui avait jadis conseillé d'obéir aux amours du roi; ses yeux, dominant toute chose, semblaient l'emporter en éclat sur le soleil. Les deux reines marchent ensemble, en se tenant par la main; elles ont une égale puissance, étant toutes deux les épouses d'un même mari.

XXIII

Aquella, que das furias de Athamante
Fugindo, veio a ter divino estado,
Comsigo traz o filho, bello infante,
No numero dos deoses relatado (2) :
Pela praia brincando vem diante
Com as lindas conchinhas, que o salgado
Mar sempre cria; e ás vezes pela areia
No collo o toma a bella Panopea.

XXIV

E o deos que foi n'hum tempo corpo humano,
E por virtude da herva poderosa
Foi convertido em peixe (3), e deste dano
Lhe resulton deidade gloriosa,
Inda vinha chorando o feo engano
Que Circe tinha usado co' a formosa
Scylla, que elle ama, desta sendo amado;
Que a mais obriga amor mal empregado.

XXV

Já finalmente todos assentados
Na grande sala, nobre e divinal;
As deosas em riquissimos estrados,
Os deoses em cadeiras de crystal;
Foram todos do Padre agasalhados,
Que co' o Thebano tinha assento igual :
De fumos enche a casa a rica massa
Que no mar nasce, e Arabia em cheiro passa (4).

XXVI

Estando socegado já o tumulto
Dos deoses, e de seus recebimentos,
Começa a descobrir do peito occulto
A causa o Thyoneo de seus tormentos :
Hum pouco caregando-se no vulto,
Dando mostra de grandes sentimentos,
Só por dar aos de Luso triste morte
Co' o ferro alheio. falla desta sorte :

XXVII

Principe, que de juro senhoreas
D'hum polo ao outro polo o mar irado :
Tu, que as gentes da terra toda enfreas
Que não passem o termo limitado :
E tu, padre Oceano, que rodeas
O mundo universal, e o tens cercado,
E com justo decreto assi permittes
Que dentro vivam só de seus limites :

XXVIII

E vós, deoses do mar, que não soffreis
Injuria alguma em vosso reino grande,
Que com castigo igual vos não vingueis
De quem quer que por elle corra, e ande :
Que desnido foi este em que viveis ?
Quem póde ser que tanto vos abrande
Os peitos, com razão endurecidos
Contra os humanos fracos, e atrevidos ?

XXIX

Vistes que com grandissima ousadia
Foram já commetter o céo supremo ;
Vistes aquella insana phantasia
De tentarem o mar com vela, e remo :
Vistes, e ainda vemos cada dia,
Soberbas, e insolencias taes, que temo
Que do mar e do céo, em poucos annos,
Venham deoses a ser, e nós humanos.

XXX

Vedes agora a fraca geração
Que d'hum vassallo meu o nome toma,
Com soberbo, e altivo coração,
A vós, e a mi, e o mundo todo doma :
Vedes, o vosso mar cortando vão,
Mais do que fez a gente alta de Roma :
Vedes, o vosso reino devassando,
Os vossos estatutos vão quebrando.

Celle qui, après avoir échappé à la furie d'Athamas, devint immortelle, est accompagnée de son fils, bel enfant mis aussi au nombre des dieux (2). Ce dernier marche devant sa mère, jouant sur le sable avec de jolis coquillages, produits par l'onde salée; de temps en temps la belle Panopée le prend joyeusement dans ses bras.

Le dieu qui fut jadis mortel et qui par la vertu d'une herbe sacrée fut converti en poisson (3), changement qui lui valut sa glorieuse divinité, pleurant encore sur la fourberie infâme dont la jalouse Circé s'était servie envers la belle Scylla, sa maîtresse adorée. Où peut, en effet, nous entraîner un amour dédaigné?

Déjà tous étaient assis dans la grande salle noble et divine, les déesses sur de riches estrades, les dieux sur des sièges de cristal. Tous furent favorablement accueillis du monarque, qui occupait un trône pareil à celui du Thébain. Bientôt le palais se remplit des senteurs de ce précieux aromate que produit la mer, et qui l'emporte sur les parfums de l'Arabie (4).

A peine le tumulte causé par la foule des dieux fut-il calmé, que le fils de Thyonée se mit à dévoiler la cause inconnue de ses tourments. Le visage un peu assombri, il affectait une douleur profonde, et n'ayant d'autre but que de faire périr les Lusitaniens par l'intermédiaire d'un secours étranger, il s'exprima en ces termes :

« Roi puissant, que le sort a désigné pour gouverner d'un pôle à l'autre la mer irritée; toi qui empêches les habitants de toute la terre de dépasser les bornes prescrites; et toi aussi, vénérable Océan, qui entoures de tes flots le monde entier et ne permets pas aux mortels de franchir contre tes justes décrets les limites qui leur sont tracées;

« Et vous, divinités de la mer, qui ne souffrez aucun outrage dans votre royaume étendu, sans vous venger par un légitime châtement des téméraires qui veulent le parcourir; quelle est cette nonchalance dans laquelle vous vivez? Qui donc a pu vous réconcilier, vous jadis si justement sévères, avec les faibles et audacieux humains?

« Vous les avez déjà vus, dans leur hardiesse inouïe, attaquer le ciel suprême; vous les avez vus, fous qu'ils étaient, oser s'aventurer dans les mers à l'aide de la voile et de la rame; vous leur avez vu et nous leur voyons encore tous les jours un tel orgueil et une insolence telle, que, dans peu d'années, je crains bien qu'ils ne deviennent dieux de la mer et du ciel, tandis que nous autres nous deviendrons hommes.

« Aujourd'hui cette faible génération, qui tire son nom d'un de mes vassaux, le cœur gonflé d'une superbe indicible, ose aspirer à nous dompter, vous, moi et l'univers entier. Voyez-les, ils sillonnent vos vagues; ils font plus que ne fit la grande nation romaine; voyez, ils découvrent votre royaume, ils méprisent vos ordonnances.

XXXI

Eu vi, que contra os Minyas (5), que primeiro
 No vosso reino este caminho abriram,
 Boreas injuriado, e o companheiro
 Aquilo, e os outros todos resistiram :
 Pois se do ajuntamento aventureiro
 Os ventos esta injuria assi sentiram,
 Vós, a quem mais compete esta vingança,
 Que esperais? Porque a pondes em tardança?

XXXII

E não consinto, deoses, que cuideis
 Que por amor de vós do céo desci,
 Nem da magoa da injuria que soffreis,
 Mas da que se me faz tambem a mi :
 Que aquellas grandes honras, que sabeis
 Que no mundo ganhei, quando venci
 As terras Iudianas do Oriente,
 Todas vejo abatidas desta gente.

XXXIII

Que o grão Senhor, e fados que destinam,
 Como lhe bem parece, o baixo mundo,
 Famas móres que nunca, determinam
 De dar a estes Barões no mar profundo :
 Aqui vereis, ó deoses, como ensinam
 O mal tambem a deoses; que, segundo
 Se vê, ninguém já tem menos valia,
 Que quem com mais razão valer devia.

XXXIV

E por isso do Olympto já fugi,
 Buscando algum remedio a meus pezares,
 Por ver o preço, que no céo perdi,
 Se por dita acharei nos vossos mares.
 Mais quiz dizer; e não passou daqui,
 Porque as lagrimas já correndo a pares
 Lhe saltaram dos olhos, com que logo
 Se accendem as deidades d'agua em fogo.

XXXV

A ira, com que subito alterado
 O coração dos deoses foi n'hum ponto,
 Não soffreo mais conselho bem cuidado,
 Nem dilacão, nem outro algum desconto.
 Ao grande Eolo mandam já recado
 Da parte de Neptuno, que sem conto
 Solte as furias dos ventos repugnantes,
 Que não haja no mar mais navegantes.

XXXVI

Bem quizera primeiro alli Proteo
 Dizer neste negocio o que sentia;
 E segundo o que a todos pareceo,
 Era alguma profunda prophecia :
 Porém tanto o tumulto se moveo
 Subito na divina couponhia,
 Que Tethys indignada lhe bradou :
 « Neptuno sabe bem o que mandou. »

XXXVII

Já lá o soberbo Hippotades (6) soltava
 Do carcere fechado os furiosos
 Ventos, que com palavras animava
 Contra os Barões audaces, e animosos.
 Subito o céo sereno se obumbrava.
 Que os ventos mais que nunca impetuosos
 Começam novas forças a ir tomando,
 Torres, montes, e casas derribando.

XXXVIII

Em quanto este conselho se fazia
 No fundo aquoso, a leda lassa frota
 Com vento socegado proseguia
 Pelo tranquillo mar a longa rota.
 Era no tempo quando a luz do dia
 Do Eoo hemispherio está remota;
 Os do quarto da prima se deitavam,
 Para o segundo os outros despertavam.

« Jadis les Minyens (5), les premiers qui aient osé franchir vos domaines, eurent à lutter contre le violent Borée, contre l'Aquilon et tous les autres vents ligüés contre eux ; or, si l'audace de cette troupe aventureuse irrita les vents à ce point, qu'attendez-vous, vous qui avez encore plus de droits à cette vengeance ? Pourquoi donc tardez-vous à la mettre à exécution ? »

« Ne croyez pas, ô dieux, que votre intérêt seul m'ait fait descendre du ciel ; j'y ai été poussé, non seulement par l'outrage que vous essayez, mais encore par celui que je reçois moi-même : car la gloire immense que, vous ne l'ignorez pas, j'ai acquise dans l'univers, lorsque j'ai soumis les pays orientaux de l'Inde, je la vois entièrement rabaissée par les hauts faits de ce peuple.

« Le souverain des dieux et les destins, qui gouvernent le monde à leur gré, ont résolu d'accorder à ces héros une renommée plus grande qu'ils n'en ont jamais obtenue sur le profond Océan. Vous pouvez remarquer combien ils donnent aux autres dieux de mauvais exemples, puisque, d'après ce que nous voyons, personne n'a moins de pouvoir que ceux qui devraient être les plus puissants.

« Aussi me suis-je enfui de l'Olympe pour chercher un remède à mes chagrins et savoir si je pourrai par hasard trouver dans vos mers la valeur que j'ai perdue dans les cieux. » Il voulut continuer, mais il en fut empêché par deux torrents de larmes qui lui échappèrent des yeux et allèrent remplir de feu les divinités des eaux.

La colère qui enflamma subitement le cœur des dieux ne souffrit ni délibération, ni délai, ni concession aucune : sans tarder, ils envoyèrent à Éole un messenger de la part de Neptune, pour qu'il déchaînât ses innombrables vents en furie, et chassât de la mer tous les navigateurs.

Protée aurait bien voulu dire son opinion et ses pressentiments, et, d'après l'avis de tous, cela devait être une importante prophétie ; mais un tel tumulte s'éleva tout à coup au milieu de la foule des immortels, que Téthys indignée lui cria : « Neptune sait bien ce qu'il a ordonné. »

Cependant l'orgueilleux Hippotadès (6) relâchait de leur solide prison les vents courroucés, qu'il excitait par ses paroles contre les braves et audacieux conquérants. Soudain le ciel pur s'obscurcit et les enfants d'Éole, plus impétueux que jamais, eurent bientôt retrouvé de nouvelles forces pour abattre les tours, les maisons et les montagnes.

Tandis que cette assemblée s'était tenue au fond des eaux, la flotte lasse, mais joyeuse, poursuivait, poussée par une douce brise, sa longue route sur la mer en repos. C'était au moment où la lumière du jour est éloignée du séjour de l'Aurore. Les matelots de la première veille allaient se reposer et réveillèrent ceux de la seconde.

XXXIX

Vencidos vem do somno, e mal despertos
Bocejando a miudo se encostavam
Pelas antennas, todos mal cobertos
Contra os agudos ares que assopravam.
Os olhos contra seu querer abertos,
Mas esfregando, os membros estiravam :
Remedios contra o somno buscar querem,
Historias contam, casos mil referem.

XL

Com que melhor podemos, hum dizia,
Este tempo passar, que he tão pezado,
Senão com algum conto de alegria,
Com que nos deixe o somno carregado?
Responde Leonardo, que trazia
Pensamentos de firme namorado ;
Que contos poderemos ter melhores
Para passar o tempo, que de amores?

XLI

Não he, disse Velloso, cousa justa
Tratar branduras em tanta aspereza ;
Que o trabalho do mar, que tanto custa,
Não soffre amores, nem delicadeza :
Antes de guerra fervida, e robusta,
A nossa historia seja, pois dureza
Nossa vida ha de ser, segundo entendo ;
Que o trabalho por vir ino está dizendo.

XLII

Consentem nisto todos, e encommendam
A Velloso, que conte isto que approva.
Contarci, disse, sem que me reprimam
De contar cousa fabulosa, ou nova :
E porque os que me ouvirem daqui aprendam
A fazer feitos grandes de alta prova,
Dos nascidos direi na nossa terra ;
E estes sejam os doze de Inglaterra.

XLIII

No tempo que do reino a redea leve
João, filho de Pedro, moderava ;
Depois que socegado e livre o teve
Do visinho poder que o molestava ;
Lá na grande Inglaterra, que da neve
Boreal sempre abunda, semeava
A fera Erinny's dura e má cizania,
Que lustre fosse á nossa Lusitania.

XLIV

Entre as damas gentis da côrte Inglesa,
E nobres cortezãos, acaso hum dia
Se levantou discordia em ira accesa,
Ou foi opinião, ou foi porfia.
Os cortezãos, a quem tão pouco pesa
Soltar palavras graves de ousadia,
Dizem que provarão, que honras e fâmas
Em taes damas não ha, para ser damas.

XLV

E que se honver alguém com lança e espada
Que queira sustentar a parte sua,
Que elles em campo razo, ou estacada,
Lhe darão fea infunha, ou morte crua.
A feminil fraqueza pouco usada,
Ou nunca, a opprobrios taes, vendo-se nua
De forças naturaes convenientes,
Socorro pede a amigos, e parentes.

XLVI

Mas como fossem grandes, e possantes,
No reino os inimigos, não se atrevem
Nem parentes, nem fervidos anantes,
A sustentar as damas, como devem.
Com lagrimas formosas, e bastantes
A fazer que em socorro os deoses levem
De todo o Céu, por rostos de alabastro,
Se vão todas ao Duque de Alencastro (?).

Engourdis encore et à peine éveillés, ils s'appuyaient en bâillant contre les antennes, ne trouvant pas assez de vêtements pour se garantir du souffle glacial du vent. Tout en étirant leurs membres et se frottant les yeux, qu'ils conservaient ouverts malgré eux, ils cherchaient des remèdes contre le sommeil, en contant des histoires et rapportant mille aventures.

« Comment, dit l'un d'eux, pouvons-nous mieux passer ce temps si plein d'ennui, qu'en racontant quelque récit joyeux qui chasse de nos yeux le sommeil pesant ? » A ces mots, Léonard, qui rapportait des pensées amoureuses : « Quelles histoires, dit-il, pourront mieux nous faire passer le temps que des histoires d'amour ? »

« Non, dit Velloso, il n'est pas juste que nous nous occupions de matières efféminées pendant un trajet aussi pénible ; les durs travaux de la mer s'opposent à l'amour et à la mollesse. Choisissons plutôt un récit de guerre bouillant et rude, puisque notre vie, comme me l'annoncent mes pressentiments, ne sera que travail et souffrance. »

Tous y consentent et chargent Velloso de raconter une histoire du genre qu'il préfère : « Volontiers, reprend-il, mais on ne pourra pas m'accuser de rapporter un conte fabuleux ou inventé à plaisir ; et, afin que mes auditeurs apprennent ici à accomplir des exploits grandioses, je vais rappeler une légende nationale, soit celle des Donze d'Angleterre.

« Au temps où Jean, fils de Pierre, tenait en main les rênes du royaume, et après qu'il eut apaisé et délivré de l'importune puissance de ses voisins, dans la lointaine Angleterre, que couvrent sans cesse les neiges boréales, la cruelle Erinnys semait une implacable zizanie, dont les Lusitaniens devaient tirer de la gloire.

« Un jour, entre les belles dames et les nobles courtisans de la cour anglaise, la discorde se soulève avec ardeur, causée, soit par une divergence d'opinions, soit par l'opiniâtreté des deux partis. Les courtisans, à qui il en coûte si peu pour lancer d'audacieuses paroles, s'écrient qu'ils prouveront que de telles dames n'ont pas l'honneur ni la renommée qui sied à des dames :

« Que si quelqu'un veut prendre leur défense la lance ou l'épée à la main, ils sauront soit en champ clos, soit en rase campagne, lui infliger un châtement déshonorant ou une mort cruelle. Les faibles dames, peu ou point habituées à de telles offenses, et se voyant dépourvues des forces nécessaires, demandent du secours à leurs parents et à leurs amis.

« Mais comme leurs ennemis étaient grands et puissants dans le royaume, ni les parents ni les amants chaleureux n'osèrent, comme ils le devaient, prendre le parti des femmes. Le visage baigné de larmes charmantes, capables d'attendrir tous les dieux de l'Olympe, elles s'adressent au duc de Lancastre (7).

XLVII

Era este Inglez potente, e militára
 Co' os Portuguezes já contra Castella,
 Onde as forças magnanimas provára
 Dos companheiros, e benigna estrella :
 Não menos nesta terra exprimentára
 Namorados affeitos, quando nella
 A filha vio, que tanto o peito doma
 Do forte Rei, que por mulher a toma.

XLVIII

Este, que soccorrer-lhe não queria,
 Por não causar discordias intestinas,
 Lhe diz : Quando o direito pretendia
 Do reino lá das terras Iberiuas,
 Nos Lusitanos vi tanta ousadia,
 Tanto primor, e partes tão divinas,
 Que elles sós poderiam, se não erro,
 Sustentar vossa parte a fogo e ferro.

XLIX

E se, aggravadas damas, sois servidas,
 Por vós lhe mandarei embaixadores,
 Que por cartas discretas, e polidas,
 De vosso agravo os façam sabedores.
 Tambem por vossa parte encarecidas
 Com palavras d'affagos, e d'aunores,
 Lhe sejam vossas lagrimas, que en creio,
 Que alli tereis soccorro, e forte esteio.

L

Desta arte as acouselha o Duque experto,
 E logo lhe nomea doze fortes ;
 E porque cada dama hum tenha certo,
 Lhe manda que sobre elles lancem sortes ;
 Que ellas só doze são : e descoberto
 Qual a qual tem cahido das consortes,
 Cada huma escreve ao seu por varios modos,
 E todas a seu Rei, e o Duque a todos.

LI

Já chega a Portugal o mensageiro ;
 Toda a côrte alvoroça a novidade :
 Quizera o Rei sublime ser primeiro,
 Mas não lho soffte a Regia magestade.
 Qualquer dos cortezãos aventureiro
 Deseja ser, com fervida vontade ;
 E só fica por bemaventurado
 Quem já vem pelo Duque nomeado.

LII

Lá na leal cidade donde teve
 Origem (como he fama) o nome eterno
 De Portugal (8), armar madeiro leve
 Manda o que tem o leme do governo.
 Apercibem-se os doze em tempo breve
 D'armas, e roupas de uso mais moderno,
 De elmos, cincciras, letras, e primores,
 Cavallos, e concertos de mil cores.

LIII

Já do sen Rei tomado tem licença,
 Para partir do Douro celebrado,
 Aquelles que escolhidos por sentença
 Foram do Duque Inglez exprimentado.
 Não ha na companhia differença
 De cavalleiro, destro, ou esforçado ;
 Mas hum só, que Magriço se dizia (9),
 Desta arte falla á forte companhia :

LIV

Fortissimos consocios, eu desejo
 Ha muito já de andar terras estranhas,
 Por ver mais agnas, que as do Douro, e Tejo,
 Varias gentes, e leis, e varias manhas.
 Agora que apparelho certo vejo,
 (Pois que do mundo as cousas são tamanhas)
 Quero, se me deixais, ir só por terra,
 Porque eu serei comvosco em Inglaterra.

« Celui-ci était un Anglais puissant, qui avait déjà guerroyé en faveur des Portugais dans la Castille, où il avait éprouvé et l'immense courage et l'heureuse étoile de ses compagnons; il savait en outre combien l'on aimait en Lusitanie, depuis qu'il avait vu sa fille captiver à tel point le cœur du roi, qu'il la prit pour femme.

« Le duc, ne voulant pas porter secours aux suppliantes, de peur de causer des divisions intestines, leur dit : « Lorsque je réclamaï mes droits au trône d'Ibérie, j'ai remarqué chez les « Lusitaniens tant de bravoure, tant de supériorité, tant de qualités remarquables, que, si je ne « me trompe, eux seuls pourraient défendre votre parti par le fer et le feu.

« Si même vous le désirez, dames outragées, je leur enverrai des ambassadeurs qui, au « moyen de lettres discrètes et polies, leur feront connaître l'insulte que vous avez reçue. Ajoutez « aussi à vos larmes des paroles tendres et amoureuses, et vous trouverez chez eux de l'assis- « tance et des bras de fer pour vous soutenir. »

« Tels sont les conseils que leur donne l'habile duc, en leur nommant douze guerriers intrépides; et afin que chaque dame en ait un d'assuré, il leur recommande de les tirer au sort. Sitôt que chacune des douze dames a appris le nom du chevalier que le sort lui a désigné, elle écrit de son côté à son défenseur et au roi, tandis que le duc se charge, lui, d'écrire à tous les champions.

« Bientôt le messenger arrive en Portugal, et les nouvelles qu'il apporte jettent l'agitation dans toute la cour; le généreux monarque voudrait bien être choisi le premier, mais il en est empêché par la royale étiquette. Chacun des courtisans s'offre chaleureusement comme combattant et l'on ne traite de bienheureux que ceux que le duc a nommés.

« Dans la loyale cité où, dit-on, prit naissance le nom éternel de Portugal (8), on équipe un navire, d'après les ordres du souverain monarque. En un moment les douze champions se fournissent d'armes et de vêtements élégants, de boucliers, de casques, de chevaux, de chiffres, de devises et d'ornements de mille couleurs.

« Déjà ils ont obtenu de leur roi la permission de quitter le célèbre Douro, ceux que le décret du duc anglais a désignés. Dans le nombre, aucun ne le cède à un autre ni en courage ni en habileté. L'un d'eux, ayant pour nom Magriço (9), s'adresse ainsi à la troupe intrépide :

« Valeureux compagnons, depuis longtemps déjà je désire parcourir des pays étrangers, afin « de connaître d'autres eaux que celles du Douro et du Tage, et de visiter les différentes na- « tions de la terre, pour en observer les diverses lois, les diverses mœurs. Aujourd'hui que je « vois ces apprêts (puisque les merveilles du monde sont si grandes), je veux, si vous ne vous « y opposez pas, aller seul par la voie de terre; vous me verrez arriver en Angleterre en même « temps que vous.

LV

E quando caso for, que eu impedido
 Por quem das cousas he ultima linha,
 Não for comvoseo ao prazo instituido,
 Pouca falta vos faz a falta minha.
 Todos por mi fareis o que he devido;
 Mas se a verdade o espirito me adivinha,
 Rios, montes, fortuna, ou sua inveja,
 Não farão que eu comvoseo lá não seja.

LVI

Assi diz; e, abraçados os amigos,
 E tomada licença, em fim se parte:
 Passa Leão, Castella, vendo antigos
 Lugares, que ganhára o patrio Marte;
 Navarra, co' os altissimos perigos
 Do Pyreneo, que Hespanha, e Gallia parte:
 Vistas em fim de França as cousas grandes,
 No grande emporio foi parar de Frandes.

LVII

Alli chegado, ou fosse caso, ou manha,
 Sem passar se deteve muitos dias;
 Mas dos onze a illustrissima companhia
 Cortam do mar do Norte as ondas frias.
 Chegados de Inglaterra á eosta estranha,
 Para Londres já fazem todos vias:
 Do Duque são eom festa agasalhados,
 E das damas servidos, e amimados.

LVIII

Chega-se o prazo, e dia assignalado,
 De entrar em campo já co' os doze Inglezes,
 Que pelo Rei já tinham segurado:
 Arnham-se d'elmos, grevas, e de arnezes:
 Já as damas tem por si fulgente, e armado,
 O Mavorte feroz dos Portuguezes:
 Vestem-se ellas de cores, e de sedas
 De ouro, e de joias mil, ricas, e ledas.

LIX

Mas aquella, a quem fôra em sortê dado
 Magriço, que não viulha, com tristeza
 Se veste, por não ter quem nomeado
 Seja seu cavalleiro, nesta empreza:
 Bem que os onze apregoain, que acabado
 Será o negocio assi na côrte Ingleza,
 Que as damas vencedoras se conheçam,
 Postoque dous e tres dos seus falleçam.

LX

Já n' hum sublime, e publico theatro
 Se assenta o Rei Inglez com toda a côrte:
 Estavam tres e tres, e quatro e quatro,
 Bem como a cada qual eoubera em sorte.
 Não são vistos do Sol, do Tejo ao Baetro,
 De força, esforço, e d' animo mais forte,
 Outros doze sahir como os Inglezes
 No campo contra os onze Portuguezes.

LXI

Mastigam os cavalloos escumando
 Os aureos freios com feroz sembrante:
 Estava o Sol nas armas rutilando
 Como em crystal, ou rigido diamante.
 Mas enxerga-se n' hum e n' outro bando
 Partido desigual, e dissonante,
 Dos onze contra os doze; quando a gente
 Começa a alvoroçar-se geralmente.

LXII

Viram todos o rosto aonde havia
 A causa principal do reboliço:
 Eis entra hum cavalleiro, que trazia
 Armas, cavallo, ao bellico serviço:
 Ao Rei, e ás damas falla, e logo se hia
 Para os onze, que este era o grão Magriço,
 Abraça os companheiros como amigos,
 A quem não falta certo nos perigos.

« Si, empêché par cette cause inconnue qui sert de dernière limite à tout ce qui existe, « j'étais dans l'impossibilité de me trouver avec vous au terme fixé, c'est à peine si vous vous « apercevriez de mon absence, et vous feriez tous, j'en suis sûr, mon devoir à ma place : mais, « si le pressentiment que j'ai se réalise, ni les fleuves ni les montagnes ni le sort envieux ne « m'empêcheront d'être au rendez-vous. »

« Il dit, embrasse ses amis, demande son congé et part. Il traverse Léon, la Castille, où il voit d'antiques villes, conquises jadis par les armes de sa nation ; la Navarre, bornée par les hauteurs périlleuses des Pyrénées, limites de l'Espagne et de la Gaule ; et, après avoir admiré les merveilles de la France, il arrive dans le grand marché des Flamands.

« Là, soit hasard ou pur caprice, il séjourne quelque temps sans passer outre. Cependant la troupe illustre des onze chevaliers fend les froides eaux de la mer du Nord ; arrivés à la côte d'Angleterre, ils se dirigent vers Londres ; le duc les accueille au milieu de joyeuses fêtes, et les dames les comblent d'encouragements.

« Enfin arrive le terme fixé pour le combat. Les Portugais entrent avec les douze Anglais dans le champ clos dont le roi leur a assuré l'inviolabilité ; ils s'arment de boucliers, de grèves et de cuirasses : les dames, voyant armés pour elles les féroces guerriers portugais, s'habillent de soies éclatantes, d'étoffes brochées d'or, et se parent de précieux et éblouissants bijoux.

« Cependant celle à qui Magriço est tombé en partage, ne voyant pas venir son défenseur, revêt des habits de deuil, fûte d'un chevalier nommé pour le remplacer ; les onze combattants la rassurent en lui disant que l'affaire se passera de telle façon dans la cour d'Angleterre, que lors même qu'il manquerait deux ou trois champions de leur côté, les dames seront proclamées victorieuses.

« Bientôt sur un magnifique amphithéâtre vient s'asseoir devant la foule le roi d'Angleterre avec toute sa cour. Les combattants sont divisés par rangs de trois ou de quatre, selon que le sort l'a décidé. Jamais, depuis le Tage jusqu'à l'Oxus, on n'avait vu sous le ciel des guerriers plus courageux et plus intrépides que les douze Anglais, adversaires des onze Portugais.

« Les coursiers écumants rongeaient leurs freins d'or avec rage : le soleil se réfléchissait sur les armures comme sur du cristal ou du diamant. Déjà on avait remarqué l'inégalité des deux partis et l'infériorité des Lusitaniens, lorsqu'une agitation générale se produit dans la foule.

« Tous les yeux se tournent vers le point d'où vient ce tumulte ; on voit entrer un chevalier armé de pied en cap et prêt à combattre sur son cheval impatient. Après avoir parlé au roi et aux dames, il rejoint ses onze camarades, car c'était Magriço, le grand Magriço en personne ; il embrasse ses compagnons, en ami qui ne manque pas au moment du danger.

LXIII

A dama, como onvio que este era aquelle
 Que vinha a defender seu nome, e fama,
 Se alegre, e veste alli do animal de Helle (10);
 Que a geute bruta mais que virtude ama.
 Já dão signal, e o som da tuba impelle
 Os bellicosos animos que inflamma :
 Picam d'esporas, largam redeas logo,
 Abaixam lanças, fere a terra fogo.

LXIV

Dos cavallos o estrepito parece
 Que faz que o chão debaixo todo treme.
 O coração no peito, que estremece
 De quem os olha, se alvoroça, e teme :
 Qual do cavallo voa, que não dece ;
 Qual co' o cavallo em terra dando, geme ;
 Qual vermelhas as armas faz de brancas ;
 Qual co' os penachos do elmo açouta as ancas.

LXV

Algun dalli tomou perpetuo sono,
 E fez da vida ao fim breve intervallo :
 Correndo algum cavallo vai sem dono,
 E n' outra parte o dono sem cavallo :
 Cahe a soberba Ingleza de seu throno,
 Que dons, ou tres, já fóra vão do vallo :
 Os que de espada vem fazer batalha,
 Mais acham já que arnez, escudo, e malba.

LXVI

Gastar palavras em contar extremos
 De golpes feros, cruas estocadas,
 He desses gastadores, que sabemos,
 Máos do tempo, com fabulas sonhadas :
 Basta por fim do caso, que entendemos
 Que com finezas altas e affanadas,
 Co' os nossos fica a palma da victoria,
 E as damas vencedoras, e com gloria.

LXVII

Recolhe o Duque os doze vencedores
 Nos seus paços, com festas e alegria :
 Cozinheiros occupa, e caçadores,
 Das damas a formosa companhia ;
 Que querem dar aos sens libertadores
 Banquetes mil, cada hora, e cada dia,
 Em quanto se detem em Inglaterra,
 Até tornar á doce, e chara terra (11).

LXVIII

Mas dizem, que com tudo o grão Magriço
 Desejoso de ver as cousas graudes,
 Lá se deixou ficar, onde hum serviço
 Notavel á Condessa fez de Frandes :
 E, como quem não era já noviço
 Em todo trance, onde tu Marte mandes,
 Hum Francez mata em campo, que o destino
 Lá teve de Torquato, e de Corvino.

LXIX

Outro tambem dos doze (12) em Alemanha
 Se lança, e teve hum fero desafio
 C' hum Germano enganoso, que com mauha
 Não devida o quiz pôr no extremo fio.
 Contando assi Velloso, já a companhia
 Lhe pede que não faça tal desvio
 Do caso de Magriço, e vencimento ;
 Nem deixe o de Alemanha em esquecimento.

LXX

Mas neste passo assi promptos estando,
 Eis o mestre, que olhando os ares anda,
 O apito toca ; acordam despertando
 Os marinheiros d' huma e d' outra banda :
 E porque o vento vinha refrescando,
 Os traquetes das gaveas tomar manda :
 Alerta, disse, estai, que o vento crece
 Daquella nuvem negra que apparece.

« La dame, ayant appris que c'était ce héros qui venait défendre son nom et son honneur, ne se contient plus de joie, et se couvre de vêtements parés avec le métal d'Hellé (10), métal que le peuple grossier préfère à la vertu. On donne le signal, et le son de la trompette excite au combat les cœurs belliqueux; les guerriers piquent leurs chevaux de l'éperon, leur lâchent la bride et abaissent leurs lances.

« Les fers des coursiers font jaillir des étincelles; sous leurs sabots, le sol semble trembler avec fracas; à voir les combattants, on sent battre plus fort le cœur dans la poitrine. L'un ne descend pas mais vole du haut de son cheval; l'autre gémit en tombant avec le sien; celui-ci rougit de sang ses armes brillantes; celui-là fouette du panache de son casque la croupe de son destrier.

« Plus d'un y perd la vie et va rejoindre la demeure éternelle; ici l'on voit courir un cheval sans maître, et plus loin un cavalier sans sa monture. La fierté anglaise est humiliée, en voyant fuir hors du retranchement deux ou trois de ses défenseurs. Ceux qui viennent combattre à l'épée trouvent bientôt plus de difficultés à vaincre que des cuirasses, des cottes de mailles ou des boucliers.

« A quoi bon s'étendre vainement et raconter les ravages causés par des coups terribles et des estocades mortelles? Ceci est le propre de ces inutiles discours, inventeurs de rêves et de fables. Il suffit en un mot de dire qu'après des prouesses sans nombre les nôtres remportent la palme de la victoire, et les dames sont glorieusement vengées.

« Le duc reçoit les douze vainqueurs dans son palais, au milieu de fêtes et de transports de joie. Des cuisiniers et des chasseurs sont mis au service de la belle troupe des dames; elles veulent offrir à leurs libérateurs mille banquets, tous les jours et à toute heure, pendant tout le temps qu'ils resteront en Angleterre et jusqu'à ce qu'ils retournent dans leur chère patrie (11).

« Cependant le grand Magriço, désireux de voir de grandes choses, se maintint, dit-on, quelque temps encore dans ce pays, où il rendit un remarquable service à la comtesse de Flandre, et, comme il n'était pas novice aux dangers de Mars, il tua en champ clos un Français, qui eut le sort de Torquatus et de Messala.

« Un autre des douze champions (12) passa en Allemagne, où il eut à soutenir un duel terrible contre un perfide Germain qui voulut, par une ruse déloyale, lui arracher la vie. » Velloso avait ainsi parlé, lorsque toute la compagnie des matelots lui demanda de ne pas s'écarter de l'histoire de Magriço et de sa victoire, ni de l'aventure du héros d'Allemagne.

Ils étaient prêts à écouter encore, lorsque le maître d'équipage, après avoir consulté les airs, donne un coup de sifflet qui réveille en sursaut les matelots de l'un et l'autre bord. Sentant fraîchir la bise, il fait abaisser les misaines : « Attention! dit-il, le vent redouble et repousse ce nuage épais qui s'avance vers nous. »

LXXI

Não eram os traquetes bem tomados,
Quando dá a grande, e subita procella :
Amaina, disse o mestre a grandes brados,
Amaina, disse, amaina a grande vela.
Não esperam os ventos indignados,
Que amainassem : mas juntos dando uella
Em pedaços a fazem, c' hum ruido,
Que o mundo pareceo ser destruido.

LXXII

O céo fere com gritos nisto a gente,
Com subito temor, e desacordo,
Que no romper da vela, a náó pendente
Toma grão somma d'agua pelo bordo.
Alija, disse o mestre rijamente,
Alija tudo ao mar, não falte acordo ;
Vão outros dar á bomba, não cessando :
Á bomba, que nos imos alagando.

LXXIII

Correm logo os soldados animosos
A dar á bomba, e tanto que chegaram,
Os balanços que os mares temerosos
Deram á náó, u' hum bordo os derribaram :
Tres marinheiros duros, e forçosos,
A manear o leme não bastaram ;
Talhas lhe punham d' huma e d' outra parte,
Sem aproveitar dos homens força, e arte.

LXXIV

Os ventos eram taes, que não puderam
Mostrar mais força d' impeto cruel,
Se para derribar então vieram
A fortissima torre de Babel :
Nos altissimos mares que cresceram,
A pequena grandura d' hum batel
Mostra a possante náó, que move espanto,
Vendo que se sustem nas ondas tauto.

LXXV

A náó grande em que vai Paulo da Gam,
Quebrado leva o mastro pelo meio,
Quasi toda alagada : a gente chama
Aquelle que a salvar o mundo veio.
Não menos gritos vãos ao ar derrama
Toda a náó de Coelho com reccio,
Com quanto teve o mestre tanto tento,
Que primeiro amainou, que dêsse o vent

LXXVI

Agora sobre as nuvens os subiam
As ondas de Neptuno furibundo :
Agora a ver parece que desciam
Ás intimas entranhas do profundo.
Noto, Austro, Boreas, Aquilo queriam
Arruinar a machina do mundo :
A noite negra, e fea, se allumia
Co' os raios em que o polo todo ardia.

LXXVII

As Halcyoneas aves triste canto
Junto da costa brava levantaram,
Lembrando-se de seu passado pranto,
Que as furiosas aguas lhe causaram.
Os delphins namorados entretanto
Lá nas covas maritimas entraram,
Fugindo á tempestade, e ventos duros,
Que nem no fundo os deixa estar seguro.

LXXVIII

Nunca tão vivos raios fabricou
Contra a fera soberba dos gigantes
O grão ferreiro sordido, que oþrou
Do enteado as armas radiantes :
Nem tanto o grão Touante arreinessou
Relampagos ao mundo fulminantes,
No grão diluvio, donde sós viveram
Os dous, que em gente as pedras converteram.

A peine avait-on cargué les voiles, que l'orage terrible éclata subitement : « Amenez, s'écrie le maître, amenez la grand'voile ! » Les vents furieux ne leur donnent pas le temps de la baisser ; en soufflant tous dessus, ils la rompent en mille morceaux, avec un tel fracas, que l'on eût dit que le monde était bouleversé.

Les cris des navigateurs frappent les airs ; le trouble et la frayeur règnent parmi eux, car, au moment où la voile se déchirait, le navire en se penchant a fait eau par l'un des bords. « Allégez sans tarder le vaisseau, commande le maître avec énergie ; allégez-le ; lancez tout à la mer. Allons, ne nous troublons pas. Vous autres, vite à la pompe ; à la pompe, car nous coulons. »

Aussitôt les soldats courageux vont se mettre à la pompe, et, à peine arrivés, ils sont renversés sur le bord par les secousses que la mer en courroux imprime au navire. Trois matelots forts et robustes ne suffisent point à manier le gouvernail ; ils ont beau l'attacher des deux côtés avec des palans, ni la force ni l'adresse naturelles à l'homme ne leur profitent en cette occasion.

Les vents étaient si furieux, qu'ils n'auraient pas montré plus de rage et d'impétuosité s'ils étaient venus pour détruire la puissante tour de Babel. Sur la mer de plus en plus élevée, l'immense navire a l'aspect d'une petite barque, et, phénomène étonnant, il se sentait continuellement sur les flots.

Le grand vaisseau commandé par Paul de Gama a le mât brisé par le milieu et se trouve presque inondé par les eaux croissantes ; l'équipage tout entier invoque le Sauveur du monde. Celui de Coelho ne jetait pas moins de cris inutiles, quoique son chef eût été assez prudent pour amener les voiles avant le souffle du vent.

Tantôt les vagues de Neptune en furie les portaient par-dessus les nues, tantôt ils croyaient descendre jusqu'aux profondes entrailles de l'Océan. Notus, Auster, Borée et Aquilon voulaient détruire la machine du monde ; la nuit noire et sinistre s'allumait à la clarté de la foudre qui embrasait tout le ciel.

Les aleyons faisaient entendre leurs chants plaintifs sur la côte agitée, se souvenant des pleurs que leur firent jadis verser les flots irrités. Les dauphins amoureux se réfugièrent dans leurs antres maritimes, pour échapper à la tempête et aux vents cruels qui, même au fond de la mer, ne les laissaient point en sûreté.

Jamais le grand forgeron, le sordide fabricant des brillantes armes d'Énée, n'avait forgé des foudres aussi terribles. Le grand Tonnant ne lança point sur le monde de si foudroyants éclairs, lors du grand déluge, pendant lequel vécurent seuls ces deux époux qui convertirent les pierres en hommes.

LXXIX

Quantos montes então que derribaram
As ondas que batiam denodadas!
Quantas arvores velhas arrancaram
Do vento bravo as fúrias indignadas!
As forçosas raízes não cuidaram
Que nunca para o céu fossem viradas;
Nem as fundas areias que pudessem
Tanto os mares, que em cima as revolvessem.

LXXX

Vendo Vasco da Gama, que tão perto
Do fim de seu desejo se perdia;
Vendo ora o mar até o inferno aberto,
Ora com nova fúria ao céu subia;
Confuso de temor, da vida incerto,
Onde nenhum remédio lhe valia,
Chama aquelle remédio sancto, e forte,
Que o impossibil pôde, desta sorte :

LXXXI

Divina Guarda, angelica, celeste,
Que os céos, o mar, e terra senhoreas;
Tu, que a todo Israel refugio déste,
Por metade das aguas Erythreas :
Tu, que livraste Paulo, e defendeste
Das syrtes arenosas, e ondas feas,
E guardaste co' os filhos o segundo
Povoador do alagado e vacuo mundo :

LXXXII

Se tenho novos medos perigosos.
D' outra Scylla, e Charybdis já passados,
Outras syrtes, e baixos arenosos,
Outros Acroceraunios infamados;
No fim de tantos casos trabalhosos,
Porque somos de ti desamparados,
Se este nosso trabalho não te offende,
Mas antes teu serviço só pretende?

LXXXIII

Oh ditosos aquelles que puderam
Entre as agudas lanças Africanas
Morrer, em quanto fortes sostiveram
A sancta Fé, nas terras Mauritanas :
De quem feitos illustres se sonberam,
De quem ficam memorias soberanas,
De quem se ganha a vida com perde-la,
Doce fazendo a morte as honras della!

LXXXIV

Assi dizendo, os ventos que lutavam,
Como touros indomitos bramando,
Mais e mais a tormenta accrescentavam,
Pela minda enxarcia assoviando :
Relampagos medonhos não cessavam,
Feros trovões, que vein representando
Cahir o céu dos cixos sobre a terra,
Comsigo os elementos terem guerra.

LXXXV

Mas já a amorosa estrella scintillava
Diante do Sol claro, no horizonte
Mensageira do dia, e visitava
A terra, e o largo mar com leda fronte :
A deosa que nos céos a governava,
De quem foge o ensifero Oriente (13),
Tanto que o mar, e a chara armada vira,
Tocada junto foi de medo, e de ira.

LXXXVI

Estas obras de Baccho são por certo,
Disse : mas não será que avante leve
Tão damnada tenção, que descoberto
Me será sempre o mal a que se atreve.
Isto dizendo, desce ao mar aberto,
No caminho gastando espaço breve,
Em quanto manda ás nymphas amorosas
Grinaldas nas cabeças pôr de rosas.

Que de montagnes firent terrassées par les vagues mugissantes ! que de vieux arbres déracinés par la force des vents indignés ! Jamais les puissantes racines n'avaient eu pouvoir se tourner vers le ciel ; jamais les sables profonds n'avaient pensé que la force des ondes les aurait fait remonter jusqu'en haut.

Vasco de Gama, prévoyant sa perte au moment où il allait atteindre le but de son entreprise, à la vue de la mer tantôt entr'ouverte jusqu'aux profondeurs de l'enfer, tantôt montant plus terrible que jamais jusqu'au ciel élevé, effrayé et confus de voir son existence compromise là où rien ne pouvait venir à son aide, Vasco évoque en ces termes cette puissance forte et sainte qui peut tout, même l'impossible :

« Divin Gardien angélique et céleste, qui domines les cieux, la mer et la terre, toi qui délivras tout Israël au milieu des ondes de la mer Érythée ; toi qui sauvas Paul et le défendis contre les sirtes sablonneuses et leurs vagues menaçantes, et qui préservas du déluge, avec ses enfants, le second homme qui peupla le monde désert et inondé ;

« Si j'ai déjà évité des périls comparables à ceux de Charybde et de Scylla, des sirtes et autres écueils, et des terribles monts Acrocéramiens, pourquoi, lorsque nous touchons au terme de tant de maux et de souffrances, nous retires-tu ton appui, surtout lorsque notre entreprise, loin de t'offenser, n'est exécutée que pour ton service ?

« Heureux ceux qui ont pu périr au milieu des lances africaines, en soutenant vaillamment la sainte foi dans les terres de la Mauritanie ! Ceux-là ont laissé à la postérité la mémoire de leurs illustres exploits ; en perdant la vie, ils n'ont fait que l'accroître, et les honneurs qu'ils ont acquis leur ont rendu la mort bien douce. »

Il dit, et les vents, luttant et mugissant comme des taureaux indomptés, augmentaient de plus en plus la tourmente, en sifflant à travers les minces cordages : les éclairs effrayants se succédaient sans relâche, et le tonnerre, en éclatant, semblait précipiter le ciel de son axe sur la terre, et irriter les uns contre les autres tous les éléments.

Mais, déjà l'amonreuse étoile du matin scintillait à l'horizon, devant le soleil radieux ; avant-garde du jour, elle contemplant d'un air joyeux la terre et le vaste Océan. La déesse qui lui présidait au ciel, et que fuit le guerrier Orion (13), voyant d'en haut sa pauvre flotte bien-aimée en proie à la fureur de la mer et touchée tout à la fois par la crainte et la colère :

« Voilà sans doute l'ouvrage de Bacchus, dit-elle ; mais il ne sera pas dit qu'il atteindra le but de ses projets maudits, car j'arriverai toujours à temps pour découvrir le mal qu'il ose commettre. » En disant ces mots, elle descend rapidement sur la mer étendue, et arrivée promptement à sa destination, elle ordonne aux nymphes amonreuses de ceindre leurs têtes de couronnes de roses.

LXXXVII

Grinaldas manda pôr de varias cores
Sobre cabellos louros á profia.
Quem não dirá, que nascem roxas flores
Sobre ouro natural, que amor enfia?
Abrandar determina por amores
Dos ventos a nojosa companhia,
Mostrando-lhe as amadas nymphas bellas,
Que mais formosas vinham que as estrellas.

LXXXVIII

Assi foi, porque tanto que chegaram
A vista dellas, logo lhe fallecem
As forças com que d'antes pelejaram,
E já como rendidos lhe obedecem :
Os pés, e mãos parece que lhe ataram
Os cabellos que os raios escurecem.
A Boreas, que do peito mais queria,
Assi disse a bellissima Orithya :

LXXXIX

Não creas, fero Boreas, que te ercio,
Que me tiveste nunca amor eonstante
Que brandura he de amor mais certo arreio,
E uão convem furor a firme amante :
Se já não pocs a tanta insania freio,
Não esperes de mi daqui em diante,
Que possa mais amar-te, mas temer-te,
Que amor contigo em medo se converte.

XC

Assi mesmo a formosa Galatea
Dizia ao fero Noto, que bem sabe
Que dias ha que em vel-a se recrea,
E bem cré que eom elle tudo acaba.
Não sabe o bravo tanto bem se o crea,
Que o coração no peito lhe não cabe;
De contente de ver que a dama o manda,
Pouco cuida que faz se logo abranda.

XCI

Desta maneira as outras amansavam
Subitamente os outros amadores ;
E logo á linda Venus se entregavam,
Amansadas as iras, e os furores :
Ella lhe prometteo, vendo que amavam,
Sempiterno favor em seus amores,
Nas bellas mãos tomando-lhe homenagem
De lhe serem leaes esta viagem.

XCII

Já a manhã clara dava nos outeiros,
Por onde o Ganges murmurando soa,
Quando da celsa gavea os marinheiros
Euxergaram terra alta pela proa.
Já fóra de tormenta, e dos primeiros
Mares, o temor vão do peito voa ;
Disse alegre o piloto Melindano,
Terra he de Calecut, se não me engano.

XCIII

Esta he por certô a terra que buscais,
Da verdadeira India, que apparece ;
E se do mundo mais não desejais
Vosso trabalho longo aqui fenece.
Soffrer aqui não pode o Gana mais
De ledo em ver que a terra se conhece ;
Os gíolhos no chão, as mãos ao ceo,
A mercê grande a Deos agradeceo.

XCIV

As graças a Deos dava, e razão tinha,
Que não sómente a terra lhe mostrava,
Que com tanto temor buscando vinha,
Por quem tanto trabalho exprimentava ;
Mas via-se livrado tão asinha
Da morte, que no mar lhe apparelhava
O vento duro, fervido, e medonho,
Como quem despertou de horrendo sonho.

Coiffées d'après son ordre de fleurs de nuances diverses, les nymphes aux cheveux d'or se parent toutes à qui mieux mieux : on dirait des roses vermeilles croissant sur des réseaux d'or que Cupidon a filés de sa main. C'est que Vénus veut prendre par l'amour la lidense troupe des vents, en leur montrant leurs nymphes bien-aimées, plus belles que les étoiles du ciel.

Aussi à peine les aperçurent-ils, qu'ils perdirent aussitôt les forces qui naguère les animaient, et, comme rendus aux charmes de leurs maîtresses, ils obéirent à leurs ordres ; ces cheveux plus brillants que des rayons leur ont lié les pieds et les poings. Borée entendit ces mots de la bouche de la belle Orithye, sa bien-aimée :

« Ne crois pas, cruel Borée, que j'aie jamais ajouté foi à la constance de ton amour ; la douceur est le complément ordinaire de l'affection, et la fureur ne sied pas bien à un fidèle amant. Si tu ne mets pas un frein à tant de cruauté, n'espère plus désormais m'inspirer de l'amour, mais de la crainte, car l'attachement que l'on a pour toi se convertit en frayeur. »

La charmante Galathée tient le même langage au féroce Notus ; elle n'ignore pas que depuis quelque temps il se plaît à la voir, et qu'il espère bien obtenir ses faveurs. Le barbare a de la peine à croire à tant de bonheur ; son cœur bat trop fort dans sa poitrine. Il est si content de se voir commander par sa maîtresse, qu'il croit peu faire pour elle en se calmant sur-le-champ.

De cette manière les autres nymphes adoucissaient subitement leurs amants, et aussitôt la fureur et la colère des vents pliaient humblement devant la beauté de Vénus. La déesse, voyant qu'ils étaient épris, leur promit une protection éternelle pour leurs amours, en recevant d'eux dans ses belles mains le serment qu'ils lui seraient fidèles pendant la durée de ce voyage.

Déjà le matin radieux illuminait les collines d'où découle le Gange avec un doux murmure, lorsque, de la lune élevée, les matelots aperçurent la terre, dans le sens de la proue. Délivrés de la tempête et des mers inconnues, tous les marins chassent de leurs cœurs la vaine crainte. Le pilote de Mélinde s'écrie avec joie : « C'est, si je ne me trompe, la terre de Calicut.

« Celui-ci est sans doute le pays si désiré de l'Inde, que vous cherchez depuis longtemps ; si vous ne voulez plus rien voir d'autre dans le monde, vos longs travaux se terminent ici. » Gama ne put contenir plus longtemps la joie qu'il éprouvait à voir reconnaître cette contrée ; se mettant à genoux, et levant les mains au ciel, il rendit grâce à Dieu de cette grande faveur.

Il remerciait Dieu, et il avait raison ; il remerciait Dieu qui lui montrait enfin la terre qu'il avait cherchée au milieu de tant de terreurs et de tant de souffrances. En se voyant si promptement délivré de la mort que lui préparait sur l'Océan le vent irrité et fougueux, il croyait réellement se réveiller d'un cauchemar horrible.

XCV

Por meio destes horridos perigos,
 Destes trabalhos graves, e temores,
 Alcançam os que são de fama amigos,
 As honras immortaes, e grãos maiores :
 Não encostados sempre nos antigos
 Troncos nobres de seus antecessores ;
 Não nos leitos dourados, entre os finos
 Animaes de Moscovia zebellinos.

XCVI

Não co' os manjares novos e exquisitos,
 Não co' os passios molles e ociosos,
 Não co' os varios deleites e infinitos,
 Que affeminam os peitos geuerosos ;
 Não co' os nunca vencidos appetitos,
 Que a fortuna tem sempre tão mimosos,
 Que não soffre a nenhum, que o passo mude
 Para alguma obra heroica de virtude :

XCVII

Mas com buscar co' o sen forçoso braço
 As honras, que elle chame proprias suas ;
 Vigiando, e vestindo o forjado aço,
 Soffrendo tempestades, e oudas cruas ;
 Vencendo os torpes frios no regaço
 Do Sul, e regiões de abrigo nuas ;
 Engolindo o corrupto mantimento,
 'Temperado e' hum ardno soffrimento :

XCVII.

E com forçar o rosto, que se enfia,
 A parecer seguro, ledó, inteiro,
 Para o pelouro ardente, que assovia,
 E leva a perna ou braço ao companheiro.
 Desta arte, o peito hum callo honroso cria,
 Desprezador das honras, e dinheiro ;
 Das honras, e dinheiro, que a ventura
 Forjou, e não virtude justa, e dura.

XCIX

Desta arte, se esclarece o entendimento,
 Que experiencias fazem repousado ;
 E fica vendo, como de alto assento,
 O baixo trato humano embaraçado :
 Este, onde tiver força o regimento
 Direito, e não de affeitos occupado,
 Subirá (como deve) a illustre mando,
 Contra vontade sua, e não rogando.

C'est au moyen de ces graves dangers, de ces travaux et de ces innombrables craintes, que les cœurs amis de la gloire atteignirent les honneurs immortels et les postes supérieurs; ce n'est pas en s'appuyant toujours sur les nobles souches de leurs ancêtres, ni en reposant dans des lits dorés, ni en se couvrant de la riche fourrure des zibelines moscovites.

Ce n'est pas avec des mets nouveaux et délicieux, ni avec des promenades oisives et efféminées, ni avec les délices variées et infinies, qui amollissent les cœurs magnanimes : ce n'est pas avec les appétits qui ne sont jamais assouvis, et que la fortune en les fournissant ne nous permet plus jamais d'échanger contre quelque œuvre héroïque de vertu.

C'est en cherchant de nos bras courageux des honneurs que nous puissions appeler les nôtres; c'est en veillant, c'est en revêtant l'acier forgé, en bravant les tempêtes et les vagues irritées; c'est en affrontant le froid rigoureux dans le sein du Pôle antarctique, dans des contrées privées de tout abri; c'est en se nourrissant de vivres corrompus, assaisonnés de souffrances terribles;

C'est en obligeant le visage qui pâlit à paraître joyeux et calme devant l'ardent boulet qui vole en sifflant et emporte une jambe ou un bras à un camarade. C'est ainsi que le cœur acquiert une honorable callosité, c'est ainsi qu'il apprend à mépriser les honneurs et l'argent; honneurs, argent, vains noms fabriqués par le hasard, et non par la vertu rigide et austère.

C'est ainsi que se développe l'intelligence, à qui l'expérience accorde le calme; des hauteurs où elle s'est élevée, elle peut voir à son aise, comme du haut d'un piédestal, la vile fréquentation des hommes! Celui qui suivra le droit chemin, sans jamais céder à de vaines affections, celui-là atteindra l'éminente position qu'il mérite, sans s'être abaissé au point de la mendier humblement.

CANTO VII

Assi fallando entravam já na sala,
Onde aquelle potente Imperador
N' huua camilha jaz, que não se iguala
De outra alguma no preço, e no lavor :

(Canto VII, Est. LVII.)



En s'entretenant ainsi, ils entrèrent aussitôt
dans la salle où se tenait le puissant empereur,
couché sur un lit de repos dont rien n'égalait le
prix et la valeur artistique :

(Chant VII, Stan. LVII.)

CANTO SEPTIMO

I

Já se viam chegados junta á terra,
Que desejada já de tantos fora,
Que entre as correntes Indicas se encerra,
E o Ganges, que no céo terreno mora.
Ora sus, gente forte, que na guerra
Quereis levar a palma vencedora;
Já sois chegados, já tendes diante
A terra de riquezas abundante.

II

A vós, ó geração de Luso, digo,
Que tão pequena parte sois no mundo;
Não digo inda no mundo, mas no amigo
Cural de quem governa o céo rotundo:
Vós, a quem não sómente algum perigo
Estorva conquistar o povo immundo;
Mas nem cobiça, ou pouca obediencia
Da Madre, que nos céos está em essencia:

III

Vós, Portuguezes poucos, quanto fortes,
Que o fraeo poder vosso não pesais;
Vós, que á custa de vossas varias mortes
A Lei da vida eterna dilatais:
Assi do céo deitadas são as sortes,
Que vós por muito poucos que sejais,
Muito fazeis na sancta Christandade:
Que tanto, ó Christo, exaltas a humildade!

IV

Vêde-los Alemães, soberbo gado,
Que por tão largos campos se apascenta,
Do successor de Pedro rebellado,
Novo pastor, e nova seita inventa:
Vêde-lo em feas gnerras occupado,
Que inda co' o eego error se não contenta;
Não contra o superbissimo Othomano,
Mas por sahir do jugo soberano (1).

V

Vêde-lo duro Inglez, que se nomea
Rei da velha e sanctissima Cidade,
Que o torpe Ismaelita senhorea,
(Quem vio honra tão longe da verdade!)
Entre as Boreaes neves se recrea,
Nova maneira faz de Christandade:
Para os de Christo tem a espada nua,
Não por tomar a terra que era sua (2).

VI

Guarda-lhe por entanto hum falso Rei
A cidade Hierosolyma terrestre,
Em quanto elle não guarda a saucta lei
Da cidade Hierosolyma celeste.
Pois de ti, Gallo indigno (3), que direi?
Que o nome Christianissimo quizeste,
Não para defende-lo, nem guarda-lo,
Mas para ser contra elle, e derriba-lo.

CHANT SEPTIÈME

Enfin, ils se voyaient rendus à cette terre tant désirée, renfermée entre les eaux de l'Indus et le Gange, qui déconle du paradis terrestre. Vous voici donc arrivés, braves soldats, vous qui aspirez toujours à remporter à la guerre la palme de la victoire; vous avez devant vous ce pays qui regorge de tant de richesses.

Descendants de Lusus, c'est à vous que je m'adresse, à vous qui avez une si minime importance dans le monde, non pas même dans le monde, mais dans cette terre, berceau chéri du Dieu qui gouverne le ciel; à vous qui ne reculez devant aucun péril pour subjuguier les peuples infidèles, à vous, que n'arrêtent ni une vile ambition, ni l'exemple de la rébellion contre l'Église, cette mère, dont l'essence est dans les cieux;

A vous, Portugais, aussi peu nombreux que vous êtes vaillants, à vous qui ne réfléchissez pas à la faiblesse de vos armes; à vous qui, au prix d'une mort courageuse, différez le terme de la vie: ainsi l'ont décidé les destins du ciel, que vous, quelque peu nombreux que vous soyez, vous deveniez si utiles à la chrétienté sainte; tant il est vrai, ô Christ, que tu relèves l'humilité!

Voyez les Allemands, orgueilleux troupeau que nourrissent de si vastes campagnes, se révolter contre le successeur de saint Pierre, et créer un nouveau pasteur et une nouvelle secte. Occupés à des guerres infâmes, ils ne se contentent pas de l'erreur qui les aveugle; au lieu de combattre contre l'orgueilleux Ottoman, ils ne songent qu'à sortir du souverain joug du Père de l'Église (1).

Voyez le cruel Anglais s'intituler roi de l'antique et sainte ville, que domine le vil Ismaélite. Quel titre mensonger! Pendant qu'il se réjouit au milieu des glaces du Nord, il invente une chrétienté nouvelle: il se sert de son glaive contre les disciples du Christ, au lieu d'aller reconquérir cette terre qui lui appartenait (2).

Et pendant qu'il abandonne la sainte loi de la Jérusalem céleste, un roi impie occupe la terrestre Jérusalem. Et de toi, indigne Français (3), que dirai-je? Tu as demandé le nom de Très-Christien, non pour le défendre et le garder, mais pour le démentir et l'effacer à jamais.

VII

Achas que tens direito em senhorios
De Christãos, sendo o teu tão largo e tanto;
E não contra o Cinypho (4) e Nilo, rios
Inimigos do antigo nome santo?
Alli se hão de provar da espada os fios,
Em quem quer reprovar da Igreja o canto.
De Carlos, de Luis, o nome e a terra
Herdaste, e as causas não da justa guerra?

VIII

Pois que direi daquelles, que em delicias,
Que o vil ocio no mundo traz consigo,
Gastam as vidas, logram as divicias,
Esquecidos de seu valor antigo?
Nascem da tyrannia inimicicias,
Que o povo forte tem de si inimigo:
Contigo Italia fallo, já submersa
Em vicios mil, e de ti mesma adversa.

IX

Oh miseros Christãos! pela ventura,
Sois os dentes de Cadmo desparzidos,
Que huns aos outros se dão a morte dura,
Sendo todos de hum ventre produzidos?
Não vêdes a divina sepultura
Possuida de cães, que sempre unidos
Vos vem tomar a vossa antiga terra,
Fazendo-se famosos pela guerra?

X

Vedes, que teu por uso, e por decreto,
Do qual são tão inteiros observantes,
Ajuntarem o exercito inquieto,
Contra os povos que são de Christo amantes:
Entre vós nunca deixa a fera Aletó
De semear eizantias repugnantes:
Olhai se estais seguros de perigos,
Que elles e vós, sois vossos inimigos,

XI

Se cobiça de grandes senhorios
Vos faz ir conquistar terras alheias,
Não vêdes que Pactolo e Hermo rios,
Ambos volvem auríferas areias?
Em Lydia, Assyria, lavram de ouro os fios;
Africa esconde em si luzentes veias:
Mova-vos já se quer riqueza tanta,
Pois mover-vos não pôde a Casa santa.

XII

Aquellas invenções feras, e novas,
De instrumentos mortaes da artilheria,
Já devem de fazer as duras provas
Nos muros de Byzancio, e de Turquia.
Fazei que torne lá ás sylvestres covas
Dos Caspios montes, e da Scythia fria,
A Turca geração, que multiplica
Na policia da vossa Europa rica.

XIII

Gregos, Thraces, Armenios, Georgianos,
Bradando-vos estão, que o povo bruto
Lhe obriga os charos filhos aos profanos
Preceitos do Alcorão: duro tributo!
Em castigar os feitos inhumanos
Vos gloriai de peito forte, e astuto;
E não queirais louvores arrogantes
De serdes contra os vossos mui possantes.

XIV

Mas em tanto que cegos, e sedentos
Andais de vosso sangue, ó gente insana,
Não faltarão Christãos atrevimentos
Nesta pequena casa Lusitana.
De Africa tem maritimos assentos;
He na Asia mais que todas soberana;
Na quarta parte nova os campos ara;
E se mais mundo houvera, lá chegára.

Tu prétends avoir des droits sur les domaines des chrétiens, lorsque le tien est si vaste et si étendu, et que tu pourrais en conquérir d'autres sur les fleuves du Cinyphe (4) et du Nil, ennemis du saint nom de Jésus! C'est là qu'on doit essayer le fil de son épée contre ceux qui veulent réprouver les dogmes de l'Église. Héritier du titre et de la terre de Charlemagne et de saint Louis, n'as-tu pas hérité aussi des justes causes d'une guerre légitime?

Que dire de ces peuples, qui, plongés dans les délices, à la suite d'une vile oisiveté, gaspillent leur vie au milieu de leurs richesses, sans plus songer à leur antique valeur? De là naissent les luttes contre la tyrannie chez un peuple jadis si vaillant, aujourd'hui son propre ennemi. Italie, c'est à toi que je parle, à toi qui t'es déjà embourbée dans des vices sans nombre, à toi qui te rends ta propre adversaire.

Malheureux chrétiens! Êtes-vous par hasard les dents que sema Cadmus, lesquelles, produites par un même être, se portent les unes aux autres une mort funeste? Ne voyez-vous pas le divin sépulchre possédé par des infidèles, qui toujours viennent en masse vous prendre votre antique territoire, en se rendant fameux dans les combats?

Voyez-les observer fidèlement les lois et les décrets qui leur ordonnent d'assembler leurs armées belliqueuses, pour attaquer les peuples qui adorent le Christ. Parmi vous, au contraire, jamais la féroce Aleeton ne manque de semer la cruelle zizanie. Comment pouvez-vous être à l'abri des périls, lorsque vous avez pour ennemis et ces peuples et vous-mêmes?

Si c'est l'ambition de posséder de grands domaines qui vous pousse à aller conquérir des contrées étrangères, ne voyez-vous pas que le Pactole et l'Hermus roulent tous les deux des sables remplis d'or? La Lydie et l'Assyrie voient tisser les fils du précieux métal; l'Afrique recèle de luisantes veines. Laissez-vous entraîner au moins par tant de richesses, puisque le respect pour la demeure sainte ne peut vous émouvoir.

Les inventions barbares et récentes de ces mortels instruments d'artillerie doivent faire leurs preuves sur les murs de Byzance et sur la Turquie. Faites reculer jusqu'aux sauvages profondeurs des monts Caspiens et de la froide Scythie la race turque, qui se multiplie au milieu de la civilisation de votre opulente Europe.

Grecs, Thraces, Arméniens et Géorgiens se plaignent hautement de ce que ce peuple inhumain oblige leurs enfants bien-aimés à suivre (onéreux tribut!) les profanes préceptes du Coran! Ambitionnez la gloire de châtier ces cruels; employez contre eux votre bravoure et votre habileté, et ne désirez pas de flattenses louanges pour des succès obtenus sur vos frères.

Mais tandis que vous, insensés, vous êtes aveugles et altérés de votre propre sang, la petite maison de Lusitanie ne cessera de produire des merveilles de courage pour la défense du Christ. Déjà elle possède en Afrique des sièges maritimes; en Asie elle est plus puissante que toute autre nation; elle laboure les champs de la quatrième et nouvelle partie du globe, et si le monde s'étendait plus loin encore, elle y pénétrerait.

XV

E vejamos em tanto que acontece
 Aquelles tão famosos navegantes,
 Depois que a branda Venus enfraquece
 O furor vão dos ventos repugnantes;
 Depois que a larga terra lhe apparece,
 Fim de suas porfias tão constantes,
 Onde vem semear de Christo a lei,
 E dar novo costume, e novo Rei.

XVI

Tanto que á nova terra se chegaram,
 Leves embarcações de pescadores
 Acharam, que o camiuho lhe mostraram
 De Calecut, onde eram moradores.
 Para lá logo as proas se inclinaram;
 Porque esta era a cidade das melhores
 Do Malabar melhor, onde vivia
 O Rei, que a terra toda possuia.

XVII

Além do Indo jaz, e áquem do Gange,
 Hum terreno mui grande, e assaz famoso,
 Que pela parte Austral o mar abrauge,
 E para o Norte o Emodio cavernoso (5);
 Jugo de Reis diversos o constrange
 A varias leis; alguns o vicioso
 Mafoma, alguns os idolos adoram,
 Alguns os animaes, que entre elles moram.

XVIII

Lá bem no grande monte, que cortando
 Tão larga terra, toda Asia discorre,
 Que nomes tão diversos vai touando,
 Segundò as regiões por onde corre;
 As fontes sahem, doude vem mauando
 Os rios, cuja grão corrente morre
 No mar Indico, e cercam todo o peso
 De terreno, fazendo-o Chersoueso.

XIX

Entre hum e outro rio, em grande espaço,
 Sahe da larga terra hua longa ponta,
 Quasi pyramidal, que no regaço
 Do mar, com Ceilão insula confronta:
 E junto donde nasce o largo braço
 Gangetico, o rumor antigo conta,
 Que os visinhos, da terra moradores,
 Do cheiro se mantem das finas flores.

XX

Mas agora de nomes, e de usança,
 Novos e varios são os habitantes;
 Os Délis, os Patanes, que em possança
 De terra, e gente, são mais abundantes:
 Decanis, Oriás, que a esperança
 Tem de sua salvação nas resonantes
 Aguas do Gange; e a terra de Bengala,
 Fertil de sorte, que outra não lhe iguala.

XXI

O reino de Cambaio bellicoso,
 (Dizem que foi de Poro, Rei potente;)
 O Reino de Narsinga, poderoso
 Mais de ouro e pedras, que de forte gente:
 Aqui se enxerga lá do mar undoso
 Hum monte alto, que corre longamente,
 Servindo ao Malabar de forte muro,
 Com que do Canará vive seguro.

XXII

Da terra os naturaes lhe chamam Gate,
 Do pé do qual pequena quantidade
 Se estende hua fralda estreita, que combate
 Do mar a natural ferocidade:
 Aqui de outras cidades, sem debate,
 Calecut tem a illustre dignidade
 De cabeça de imperio rica, e bella:
 Samorim se intitula o senhor della.

Voyous cependant ce que deviennent ces fameux navigateurs, depuis que l'aimable Vénus a adouci la vaine fureur des vents irrités, depuis qu'ils ont aperçu le vaste pays, terme de leurs lutttes obstinées, où ils viennent répandre la loi du Christ et établir de nouvelles mœurs et un nouveau roi.

A peine arrivés à cette contrée inconnue, ils trouvèrent des barques rapides de pêcheurs qui leur indiquèrent le chemin de Calicut, où ils habitaient. Aussitôt les prones s'inclinèrent de ce côté; car cette ville, c'était la première des cités du riche Malabar et la résidence du roi, possesseur de tout le pays.

Au-delà de l'Indus et en-deçà du Gange est situé un grand et célèbre territoire, borné au Sud par la mer et au Nord par les montagnes cavernueuses de l'Emode (5). Le joug de différents monarques le contraint à suivre diverses lois; les uns y adorent le vicieux Mahomet, les autres des idoles; d'autres enfin, les animaux qui vivent parmi eux.

Sur les monts élevés qui couvrent de si vastes contrées pour diviser toute l'Asie, et qui portent des noms si différents, selon les régions qu'ils traversent, prennent source les fleuves dont les eaux volumineuses tombent dans la mer Indienne et entourent tout le territoire, en lui donnant la forme de péninsule.

Entre l'un et l'autre fleuve s'élançe de la terre une vaste et longue pointe presque pyramidale, qui va rejoindre au bord de la mer l'île de Ceylan. Près du lieu où prend naissance le large bras du Gange, si l'on en croit une antique légende, les habitants du pays se nourrissent du parfum des fleurs délicates.

Quant aux noms et aux mœurs de ces peuples, ils sont étranges et variés : il y a les Dhélis, les Patanes, les plus puissants par leurs domaines et leur grande population; les Décaniens, les Orias, qui fondent l'espoir de leur salut dans les eaux bruyantes du Gange, et la terre du Bengale, la province la plus fertile de l'Inde.

Puis vient le royaume belliqueux de Cambaye, ancienne possession du puissant roi Porus; le royaume de Narsingue, plus riche en or et en pierreries qu'en habitants courageux. Là on aperçoit, depuis la mer agitée, une haute montagne fuyant longuement sur les terres et servant de muraille au Malabar, pour le défendre contre les poursuites du Canara.

Les naturels du pays la nomment Gate. Au bas de ce rempart s'étend une étroite colline qui lutte contre l'impétuosité de la mer. Parmi toutes les villes, la belle et riche Calicut est sans contredit la première; elle est la métropole de l'empire et son souverain prend le titre de Samorin.

XXIII

Chegada a frota ao rico senhorio,
 Hum Portuguez mandado logo parte,
 A fazer sabedor o Rei gentio
 Da vinda sua a tão remota parte.
 Entrando o mensageiro pelo rio,
 Que alli nas ondas entra, a não vista arte,
 A côr, o gesto estranho, o traje novo,
 Fez concorrer a vel-o todo o povo.

XXIV

Entre a gente que a vel-o concorria,
 Se chega hum Mahometa (6), que nascido
 Fôra na região da Barbaria,
 Lá onde fôra Anteo obedecido :
 Ou pela visinhança já teria
 O reino Lusitano conhecido,
 Ou foi já assignalado de seu ferro,
 Fortuna o trouxe a tão longo desterro.

XXV

Em vendo o mensageiro, cum jucundo
 Rosto, como quem sabe a lingua Hispana,
 Lhe disse : Quem te trouxe a est' outro mundo,
 Tão longe da tua patria Lusitana ?
 Abrindo, lhe responde, o mar profundo.
 Por onde nunca veio gente humana,
 Vimos buscar do Indo a grão corrente,
 Por onde a Lei divina se accrescente.

XXVI

Espantado ficou da grão viagem
 O Monro, que Monçaide se chamava,
 Ouvindo as oppressões que na passagem
 Do mar, o Lusitano lhe contava.
 Mas vendo em fim, que a força da mensagem
 Só para o Rei da terra relevava,
 Lhe diz, que estava fôra da cidade,
 Mas de caminho pouca quantidade.

XXVII

E que em tanto que a nova lhe chegasse
 De sua estranha vinda, se queria,
 Na sua pobre casa reponsasse,
 E do maujar da terra comeria :
 E depois que se hum pouco recreasse,
 Com elle para a armada tornaria;
 Que alegria não pôde ser tamanha,
 Que achar gente visinha em terra estranha.

XXVIII

O Portuguez acceita de vontade
 O que o ledo Monçaide lhe offerece;
 Como se longa fôra já a amizade,
 Com elle come e bebe, e lhe obedece :
 Ambos se tornam logo da cidade
 Para a frota, que o Monro bem conhece;
 Sobem á capitaina; e toda a gente
 Monçaide recebeo benignamente.

XXIX

O Capitão o abraça em cabo ledo,
 Ouvindo clara a lingua de Castella;
 Junto de si o assenta, e prompto e quedo,
 Pela terra pergunta, e cousas della.
 Qual se ajuntava em Rhódope o arvoreda,
 Só por ouvir o amante da donzella
 Eurydice, tocando a lyra de onro.
 Tal a gente se ajunta a ouvir o Monro.

XXX

Elle começa : Ó gente, que a natura
 Visinha fez de meu paterno ninho;
 Que destino tão grande, ou que ventura,
 Vos trouxe a commetterdes tal caminho?
 Não he sem causa, não, occulta e escura,
 Vir do longinquo Tejo, e ignoto Minho,
 Por mares nunca d' outro lenho atados,
 A reinos tão remotos e apartados.

A peine la flotte fut-elle parvenue à cette opulente cité, qu'un Portugais fut aussitôt envoyé auprès du prince indien, pour lui faire part de son arrivée dans un pays si éloigné. En voyant entrer le messager dans le fleuve qui prend son embouchure en cet endroit, tout le peuple accourt pour admirer ses manières inconnues, sa couleur, son air étranger et son habillement bizarre.

Parmi les gens qui viennent à sa rencontre, se trouve un Mahométan (6), né dans le pays de Barbarie, où régua jadis Anthée; il connaissait le royaume de Lusitanie, soit à cause de son voisinage avec sa patrie, soit qu'il eût goûté la dureté de son fer, et c'est le sort qui l'avait amené dans cet exil lointain.

A la vue du messager, il devint tout joyeux, et s'exprimant en langue hispanique, il lui dit : « Qui t'a conduit dans cet autre monde, si loin du Portugal, ta patrie? » Le messager lui répondit : « Après avoir sillonné la mer profonde, où jamais humains n'avaient pénétré, nous venons chercher le cours rapide de l'Indus et répandre la loi du vrai Dieu. »

Le Maure, qui se nommait Mouçaïde, demeura étonné de ce grand voyage maritime et des rudes travaux dont le Lusitanien lui faisait le récit; mais, voyant que son message ne s'adressait qu'au roi du pays, il lui apprit qu'il était hors de la ville, mais à peu de distance.

« Si tu le veux, ajouta-t-il, en attendant que l'étrange nouvelle de ton arrivée parvienne jusqu'aux oreilles du roi, tu peux venir te reposer dans ma modeste demeure et goûter d'un mets du pays : puis, après ce léger repas, nous retournerons ensemble vers la flotte. Quelle joie peut se comparer à celle de deux voisins qui se retrouvent sur une terre étrangère? »

Le Portugais accepte avec empressement ce que lui propose Mouçaïde; comme si leur amitié durait depuis longtemps, il mange, boit avec lui et se conforme à ses ordres. Bientôt ils partent de la ville pour gagner la flotte, déjà connue du Maure; ils montent sur la capitane et tout l'équipage reçoit Mouçaïde avec bienveillance.

Le capitaine lui donne une tendre accolade, en l'entendant parler clairement la langue de Castille; il le fait asseoir auprès de lui et lui demande tranquillement des détails sur le pays. De même que les arbres touffus se rassemblaient sur le Rhodope pour entendre l'air de la jeune Eurydice jouer de sa lyre d'or, ainsi s'amassaient les matelots pour écouter les propos du Maure :

« Courageux marins, disait-il, vous, que la nature a fait maître près de mon nid paternel, quel puissant destin, quel hasard vous ont poussés à faire un chemin pareil? Ce n'est pas sans une cause secrète, que l'on vient du Tage lointain ou du Minho inconnu, à travers des mers vierges de toute navigation, jusqu'à des royaumes si éloignés.

XXXI

Deos por certo vos traz, porque preteude
 Algum serviço seu, por vós obrado :
 Por isso só vos guia, e vos defende
 Dos inimigos, do mar, do vento irado.
 Sabei, que estais na India, onde se estende
 Diverso povo, rico, e prosperado,
 De ouro lizente, e fina pedraria,
 Cheiro suave, ardente especiaria.

XXXII

Esta provincia, cujo porto agora
 Tomado tendes, Malabar se chama :
 Do culto antigo os idolos adora,
 Que cá por estas partes se derrama :
 De diversos Reis he, mas d' hum só fora
 N' outro tempo, segundo a antiga fama :
 Saramá Perimal foi derradeiro
 Rei, que este reino teve mudo, e inteiro.

XXXIII

Porém como a esta terra então viessem,
 De lá do seio Arabico ontras gentes,
 Que o culto Mahometico trouxessem,
 No qual me instituiram meus parentes,
 Succedeo, que prégando convertessem
 O Perimal, de sabias e eloquentes ;
 Fazem-lhe a lei tomar com fervor tanto,
 Que presuppoz de nella morrer santo.

XXXIV

Nãos arma, e nellas mette curioso
 Mercadoria, que offereça, rica,
 Para ir nellas a ser religioso,
 Onde o propheta jaz, que a lei publica :
 Antes que parta, o reino poderoso
 Co' os seus reparte, porque não lhe fica
 Herdeiro proprio ; faz os mais acceitos,
 Ricos de pobres, livres de sujeitos.

XXXV

A hum Cochim, e a outro Cananor,
 A qual Chalé, a qual a ilha de Pimenta,
 A qual Conlão, a qual dá Cranganor,
 E os mais, a quem o mais serve, e contenta.
 Hum só moço, a quem tinha muito amor,
 Depois que tudo deo, se lhe apresenta :
 Para este Calecut sómente fica,
 Cidade já por trato nobre, e rica.

XXXVI

Esta lhe dá co' o titulo excellente
 De Imperador, que sobre os outros mande.
 Isto feito se parte diligente
 Para onde em sancta vida acabe, e ande.
 E daqui fica o nome de potente
 Samorim, mais que todos digno e grande,
 Ao moço, e descendentes, donde vem
 Este que agora o imperio manda e tem.

XXXVII

A lei da gente toda, rica e pobre,
 De fabulas composta se imagina :
 Andam nus, e sómente hum panno cobre
 As partes, que a cobrir natura ensina :
 Dous modos ha de gente ; porque a nobre
 Naires chamados são ; e a menos dina
 Poleás tem por nome, a quem obriga
 A lei não misturar a casta antiga.

XXXVIII

Porque os que usaram sempre hum mesmo officio
 D' outro não podem receber consorte ;
 Nem os filhos terão outro exercicio,
 Senão o de seus passados, até morte.
 Para os Naires he certo grande vicio
 Destes serem tocados, de tal sorte,
 Que quando algum se toca, por ventura,
 Com ceremonias mil se aliunja, e apura.

« Dieu, sans doute, vous amène. Peut-être désire-t-il de votre part un service quelconque, et c'est pour cela qu'il vous guide et vous protège contre vos ennemis, contre la mer et la furie des vents. Sachez que vous êtes dans l'Inde, où s'étendent diverses régions riches d'or brillant et de fines pierreries, de suaves aromates et d'épices ardentes.

« Cette province, où vous avez abordé, se nomme Malabar; on y adore d'antiques idoles, dont le culte est répandu dans toutes ces contrées. Divers rois la régissent, mais jadis elle n'appartenait, dit-on, qu'à un seul souverain : Sarama Périmal est le dernier roi qui ait possédé ce royaume en entier.

« Cependant, après que des navigateurs venus du sein de l'Arabie eurent importé dans ce pays le culte de Mahomet (culte dans lequel m'ont élevé mes parents), il arriva qu'à force de le prêcher, ils convertirent Périmal à leur foi. Dans leur sagesse et leur éloquence, ils lui firent suivre cette loi avec tant de ferveur, qu'il résolut d'y mourir saintement.

« Aussitôt il équipa des vaisseaux et les chargea de riches marchandises, pour aller les porter en pèlerinage jusqu'au tombeau de notre prophète. Avant de partir, comme il n'avait pas d'héritier naturel, il partagea son puissant royaume entre les siens; parmi ses sujets, il enrichit ceux qu'il en jugea le plus dignes, et d'esclaves qu'ils étaient, il en fit des hommes libres.

« A l'un, il donna Cochim, à l'autre Cananor, à celui-ci Chalé, à celui-là l'île de Pimenta; l'un eut pour apanage Cranganor, l'autre Conlan, et les autres furent récompensés suivant leurs services ou leur mérite. Un jeune homme très aimé du monarque, s'étant présenté à lui après qu'il avait déjà cédé tous ses domaines, ne put obtenir que la ville de Calicut, cité déjà célèbre et riche à cette époque.

« Périmal la lui donna avec le titre suprême d'Empereur et la faculté de commander à tous les autres rois. Ensuite il partit sans tarder, décidé à finir pieusement sa vie. De là est venu le nom de puissant Samorin, titre le plus illustre du Malabar, à ce jeune homme et à ses descendants, dont le dernier est celui qui gouverne maintenant cet empire.

« La religion des habitants, riches ou pauvres, n'est qu'un tissu de fables inventées à plaisir; ils vont tout nus, en couvrant seulement d'une bande d'étoffe les parties du corps que la nature apprend à cacher. Il y a deux sortes de gens; les nobles s'appellent Naïres et les gens moins illustres ont pour nom Poléas; la loi leur défend d'altérer leur ancienne race.

« Ceux qui ont toujours exercé le même métier ne peuvent s'unir à une famille qui en suive un autre : les enfants sont tenus aussi de se conformer jusqu'à la mort à la profession de leurs ancêtres. Pour les Naïres c'est une grande souillure que d'être touchés par ces derniers, à tel point que, si par hasard cela arrive à quelqu'un d'entre eux, il se nettoie et se purifie avec mille cérémonies.

XXXIX

Desta sorte o Jndaico povo antigo
 Não toeava na gente de Samaria :
 Mais estrauchezas inda das que digo
 Nesta terra vereis de usauça varia :
 Os Naires sós são dados ao perigo
 Das armas; sós defendem da contraria
 Bauda o seu Rei, trazendo sempre usada
 Na esquerda a adarga, e na direita a espada.

XL

Brahmeães são os seus religiosos,
 Nome antigo, e de grande preeminencia :
 Observam os preceitos tão fabiosos
 D'hum, que primeiro poz nome á sciencia (7) :
 Não matam cousa viva, e temerosos,
 Das carnes tem grandissima abstinencia :
 Sómente no venero ajuntamento
 Tem mais licença, e menos regimento.

XLI

Geraes são as mulheres; mas sómente
 Para os da geração de seus maridos :
 Ditosa condição, ditosa gente,
 Que não são de ciúmes offendidos!
 Estes, e outros costumes variamente
 São pelos Malabares admittidos :
 A terra he grossa em trato, em tudo aquillo,
 Que as oudas podem dar da China ao Nilo.

XLII

Assi contava o Mouro : mas vagando
 Andava a fama já pela cidade,
 Da vinda desta gente estranha, quando
 O Rei saber mandava da verdade :
 Já vinham pelas ruas caminhando,
 Rodeados de todo sexo, e idade,
 Os principaes, que o Rei buscar mandára
 O capitão da armada que chegára.

XLIII

Mas elle, que do Rei já tem licença
 Para desembarcar, acompanhado
 Dos nobres Portuguezes, sem detença
 Parte, de ricos paunos adornado :
 Das cores a formosa differença
 A vista alegre ao povo alvoroçado :
 O remo compassado fere frio
 Agora o mar, depois o fresco rio.

XLIV

Na praia hum regedor do reino estava,
 Que na sua lingua Catual se chama,
 Rodeado de Naires, que esperava
 Com desusada festa o nobre Gama :
 Já na terra uos braços o levava,
 E n' hum portatil leito hua rica cama
 Lhe offerrece em que vá, (costume usado)
 Que nos hombros dos homens he levado.

XLV

Dest' arte o Malabar, dest' arte o Luso.
 Caminham lá para onde o Rei o espera.
 Os outros Portuguezes vão ao uso
 Que infantaria segue, esquadra fera :
 O povo que concorre vai confuso
 De ver a gente estranha, e bem quizera
 Perguntar ; mas no tempo já passado,
 Na torre de Babel lhe foi vedado.

XLVI

O Gama, e o Catual hiam fallando
 Nas cousas que lhe o tempo offerrecia ;
 Monçaide entr' elles vai interpretando
 As palavras que de ambos entendia.
 Assi pela cidade caminhando,
 Onde hua rica fabrica se erguia
 De hum sumptuoso templo, já chegavam.
 Pelas portas do qual juntos entravam.

« Tel autrefois l'antique peuple juif craignait le contact du peuple samaritain. Vous verrez en ce pays plus de bizarreries encore que je ne vous en ai raconté. Les Nâres seuls peuvent braver le danger des armes; seuls ils défendent leur roi contre ses adversaires, et portent toujours le bouclier au bras gauche et l'épée dans la main droite.

« Leurs prêtres sont désignés sous le nom antique et vénéré de Brahmanes; ils observent les préceptes funeux de celui qui, le premier, donna un nom à la science (7). Ils ne détruisent aucun être vivant et observent une très-grande abstinence de viandes; seulement dans les accouplements amonreux ils accordent plus de licence et déploient moins de sévérité.

« Leurs femmes peuvent violer les lois de l'hymen, pourvu que ce soit avec des parents de leurs maris. Bienheureuse condition! bienheureuse nation que ne tourmentent pas les aiguillons de la jalousie! Telles sont les mœurs principales des habitants du Malabar. La terre, riche et fertile, produit tout ce que le commerce peut fournir depuis la Chine jusqu'au Nil. »

« Ainsi parlait le Manre. Mais déjà le bruit de l'arrivée de ces étrangers se répandait dans toute la ville, lorsque le roi envoya des messagers au port, pour savoir au juste ce qui se passait. On voyait parcourir les rues, entourés de enrieux de tout sexe et de tout âge, les ministres que le roi avait chargés d'aller quérir le capitaine de la flotte récemment arrivée.

Après avoir reçu du roi la permission de débarquer, Gama, richement vêtu, part sans tarder, accompagné de quelques gentilshommes portugais; la variété des couleurs chatoyantes charme les yeux du peuple agité. La rame déchire régulièrement d'abord les eaux de la froide mer et ensuite celles du fleuve.

Sur la plage se tient un des ministres du Samorin, appelé Catual dans la langue de son pays; entouré de Nâres, il attend le noble Gama avec une pompe innsitée; à peine le voit-il descendre à terre, qu'il le reçoit dans ses bras et lui offre une place dans une riche litière, portée, d'après l'usage indien, par des esclaves.

C'est de cette façon que le Malabare et le Lusitainien se dirigent vers la ville, où les attend le monarque. Les autres Portugais marchent à la façon de l'infanterie, par escouades: le peuple qui accourt de toutes parts est tout étonné de voir ces troupes étrangères et brûle de faire des questions; mais la vieille loi de Babel l'empêche de comprendre leur langage.

Gama et le Catual s'entretenaient en route de choses et d'autres; Monçaïde, placé entre les deux, interprétait les paroles que chacun d'eux prononçait. Ils s'acheminaient ainsi à travers la ville, lorsqu'ils arrivèrent devant un temple somptueux et magnifique, dont ils franchirent ensemble le parvis.

XIVII

Alli estão das deidades as figuras
 Esculpidas em páo, e em pedra fria ;
 Varios de gestos, varios de pinturas,
 A segundo o demonio lhe fugia :
 Vem-se as abominaveis esculpturas ;
 Qual a Chimera em membros se varia :
 Os Christãos olhos, a ver Deos usados
 Em forma humana, estão maravillados.

XLVIII

Hum na cabeça cornos esculpidos,
 Qual Jupiter Hammon em Libya estava ;
 Outro n' hum corpo rostos tiuha muidos,
 Bem como o antigo. Jano se piutava ;
 Outro com muitos braços divididos,
 A Briarco parece que imitava ;
 Outro fronte canina tem de fóra,
 Qual Anubis Memphitico se adora (8).

XLIX

Aqui feita do barbaro Gentio
 A supersticiosa adoração,
 Direitos vão sem outro algum desvio,
 Para onde estava o Rei do povo vão :
 Engrossando-se vai da gente o fio,
 Co' os que vem ver o estranho Capitão :
 Estão pelos telhados, e janellas,
 Velhos e moços, donas e donzellas.

L

Já chegam perto, e não com passos lentos,
 Dos jardins odoriferos, formosos,
 Que em si escondem os regios aposentos,
 Altos de torres não, mas sumptuosos :
 Edificam-se os nobres seus assentos,
 Por entre os arvoredos deleitosos :
 Assi vivem os Reis daquella gente,
 No campo, e na cidade juntamente.

LI

Pelos portaes da cêrca a subtileza
 Se enxerga da Dedalea faculdade,
 Em figuras mostrando por nobreza,
 Da India a mais remota antiguidade :
 Affiguradas vão com tal viveza
 As historias daquella antiga idade,
 Que quem dellas tiver noticia inteira,
 Pela sombra conhece a verdadeira.

LII

Estava hum grande exercito que pisa
 A terra Oriental, que o Hydaspe lava ;
 Rege-o hum capitão de fronte lisa,
 Que com frondentes thyrsos pelejava :
 Por elle edificáda estava Nysa
 Nas ribeiras do rio, que manava ;
 Tão proprio, que se alli estiver Semele,
 Dirá por certo, que he sen filho aquelle.

LIII

Mais avante bebendo secca o rio
 Mui grande multidão da Assyria gente,
 Sujcita a femiuino senhorio,
 De huma tão bella, como incoutinente (9) :
 Alli tem junto ao lado nunca frio,
 Esculpido o feroz ginete ardente,
 Com quem teria o filho competencia :
 Amor nefando, bruta incontinencia !

LIV

Daqui mais apartadas tremolavam
 As bandeiras de Grecia gloriosas,
 Terceira Monarchia ; e subjugavam
 Até ás aguas Gangeticas undosas :
 D' hum capitão mancebo se guiavam,
 De palmas rodeado valerosas,
 Que já não de Philippo, mas sem falta,
 De progenio de Jupiter se exalta.

Là on voyait, sculptées dans le bois ou dans la pierre, les formes des divinités indiennes; leurs figures et leurs poses variaient beaucoup, selon la fiction que leur avait prêtée le démon. A la vue de ces hideuses statues, d'une diversité égale à celle des membres de la Chimère, les chrétiens étaient tout étonnés, car jamais ils n'avaient vu Dieu représenté autrement que sous une forme humaine.

L'une des idoles avait, ainsi que Jupiter Ammon était représenté en Lybie, deux cornes sur la tête; une autre, deux visages sur un seul corps, comme l'antique Janus; une troisième, ornée d'une grande quantité de bras, semblait imiter Briarée; une autre enfin avait la face d'un chien, comme le memphitique Anubis (8).

Après que le barbare eut fait sa superstitieuse prière, on se rendit tout droit à la demeure du roi qui commandait ce peuple grossier. A chaque instant des nouveaux venus grossissent la foule de ceux qui vont à la rencontre du capitaine étranger; vieillards, jeunes gens, femmes et filles se montrent sur les toits et aux fenêtres.

Après une marche assez rapide, ils arrivent enfin près des splendides jardins parfumés où sont cachées les royales demeures; elles ne sont pas ornées de hautes tours, mais rien n'égale leur magnificence. Chez ces peuples, l'usage est de bâtir les palais au milieu des bocages verdoyants, et c'est ainsi que les rois y vivent tout à la fois à la campagne et à la ville.

Sur les portes du jardin on voit des bas-reliefs dignes de l'habile Dédale; de nobles figures y représentent l'histoire la plus reculée de l'Inde; les faits de cette époque éloignée sont sculptés avec tant d'art et de vérité, que ceux qui en ont une notion entière croiraient assister eux-mêmes aux véritables événements qu'on a voulu reproduire.

On aperçoit d'abord une grande armée foulant le terrain oriental que baigne l'Hydaspe: cette armée est commandée par un capitaine à l'air martial qui, pour combattre, se sert de thyrses ornés de lierre. C'est lui qui a bâti Nysa sur les bords du fleuve qu'il voit couler à ses pieds. Il est si ressemblant que, si Sémélé se trouvait là, elle aurait peu de peine à reconnaître son fils.

Plus loin on voit un fleuve tari par l'immense multitude des Assyriens qui s'y désaltèrent; ceux-ci obéissent à la puissance féminine d'une reine aussi belle que débauchée (9): près de ses flancs toujours consumés par des feux terribles est gravé l'ardent et fougueux cheval dont son fils serait devenu le concurrent. Infâme amour! brutale incontinence!

A quelque distance de là flottaient les glorieux étendards de la Grèce, les troisièmes qui subjuguèrent l'Inde jusqu'aux eaux agitées du Gange. A leur tête marchait un jeune conquérant, entouré de palmes victorieuses, lequel, méprisant la parenté de Philippe, se vantait de descendre de Jupiter.

LV

Os Portuguezes vendo estas memorias,
 Dizia o Catnal ao Capitão :
 Tempo cedo virá, que outras victorias,
 Estas que agora olhais, abaterão :
 Aqui se escreverão novas historias
 Por gentes estrangeiras que virão ;
 Que os nossos sabios magos o alcançaram.
 Quando o tempo futuro especularam.

LVI

E diz-lhe mais a magica sciencia,
 Que para se evitar força tamauha.
 Não valerá dos homens resistencia.
 Que contra o Céu não val da gente mauha :
 Mas tambem diz, que a bellica excellencia
 Nas armas, e na paz, da gente estranha,
 Será tal, que será no mundo onvido
 O vencedor, por gloria do vencido.

LVII

Assi fallando entravam já ua sala.
 Onde aquelle potente Imperador
 N' huma camilha jaz, que não se iguala
 De outra alguma no preço, e no lavor :
 No recostado gesto se assignala
 Hum venerando e prospero seuhor :
 Hum panno de ouro cinge, e na cabeça
 De preciosas gemmas se adereça.

LVIII

Bem junto delle hum velho reverente,
 Co' os gíolhos no chão, de quando em quando
 Lhe dava a verde folha da herua ardente (10).
 Que a sen costume estava ruminando.
 Hum Brahinene, pessoa preeminente,
 Para o Gama veni com passo brando,
 Para que ao grande Príncipe o apresente,
 Que diaute lhe acena que se assente.

LIX

Sentado o Gama junto ao rico leito,
 Os seus mais affastados, prompto em vista
 Estava o Samorim no trajo, e geito
 Da gente, nunca de antes delle vista :
 Lançando a grave voz do sabio peito,
 Que grande autoridade logo aquista
 Na opinião do Rei, e do povo todo.
 O Capitão lhe falla deste modo :

LX

Hum grande Rei de lá das partes, oude
 O céo volubil, com perpetua roda.
 Da terra a luz solar co' a terra esconde.
 Tiugindo a que deixou de esenra uoda ;
 Ouviudo do rumor que lá responde
 O ecco, coíno em ti da India toda
 O principado está, e a magestade,
 Vinculo quer contigo de amizade.

LXI

E por longos rodeios a ti mauda,
 Por te fazer saber, que tudo aquillo
 Que sobre o mar, que sobre as terras anda
 De riquezas, de lá do Tejo ao Nilo ;
 E desde a fria plaga de Zelanda,
 Até bem donde o Sol não muda o estylo
 Nos dias, sobre a gente de Ethiopia,
 Tudo teu uo sen rei uo em grande copia.

LXII

E se queres com pactos, e lianças
 De paz, e de amizade sacra e uua.
 Commercio consentir das abundanças
 Das fazendas da terra sua, e tua ;
 Porque cresçam as reudas, e abastanças
 (Por quem a gente mais trabalha e sua)
 De vossos reinos, será certamente
 De ti proveito, e delle gloria ingente.

Pendant que les Portugais contemplaient ces mémorables exploits, le Catual disait au capitaine : « Le moment viendra bientôt où d'autres victoires effaceront celles que vous voyez maintenant. On pourra écrire ici une nouvelle histoire, après que des étrangers seront arrivés dans ce pays : ainsi l'ont présagé nos savants mages, en consultant l'avenir.

« En outre, ils nous ont annoncé que toute résistance serait inutile de la part des hommes pour éviter une pareille invasion : que peut en effet contre le ciel toute la ruse des humains ? D'ailleurs les futurs envahisseurs posséderont une telle science des armes et sauront tellement faire fleurir la paix, que dans le monde entier on jugera le mérite du vainqueur par la gloire du vaincu. »

En s'entretenant ainsi, ils entrèrent aussitôt dans la salle où se tenait le puissant empereur, couché sur un lit de repos dont rien n'égalait le prix et la valeur artistique : appuyé nonchalamment sur un dossier, il avait un aspect vénérable et bienheureux. La taille entourée d'une écharpe d'or, il portait sur la tête une parure de pierres précieuses.

Agenouillé auprès de lui, un vieillard respectueux lui offrait de temps en temps une feuille de cette herbe ardente (10), que, selon l'usage indien, il mâchait sans cesse. Un Brahmane, personnage important, se dirige à pas lents vers Gama, afin de le présenter au grand prince, qui lui fait signe de se placer devant lui.

Assis tout près de la couche somptueuse, un peu au-devant de ses compagnons, Gama observait les regards que leur lançait le Samorin, peu habitué à voir les vêtements et les manières de ces étrangers. Alors, d'une voix grave qui acquit immédiatement une grande autorité auprès du roi et de tout le peuple, le prudent capitaine s'exprima en ces termes :

« De ces contrées où le ciel instable et perpétuellement en rotation dérobe à la terre la lumière du soleil qu'il porte à l'autre hémisphère, un grand monarque, averti par l'écho de la renommée qui vous a désigné à lui comme le possesseur et le souverain de toute l'Inde, désire contracter avec vous un pacte d'amitié.

« Il vous fait savoir, malgré le long et pénible trajet qui le sépare de vous, qu'il possède en grande quantité dans son royaume toutes les richesses que produisent la mer et la terre, depuis le Tage jusqu'au Nil, depuis les froides plages du Nord jusqu'aux climats de l'Éthiopie, où le soleil régle également les jours et les nuits.

« Si vous voulez consentir, au moyen de pactes et de traités de paix et d'amitié, à un commerce mutuel des riches productions de vos terres et des siennes, si vous désirez voir augmenter dans votre pays les revenus et les biens pour lesquels les hommes déploient tout leur travail et bravent toutes les fatigues, il en résultera pour vous un profit considérable, et pour lui une gloire immense.

LXIII

É sendo assi que o nó desta amizade
Entre vós firmemente permaneça,
Estará prompto a toda adversidade,
Que por guerra a teu reino se offereça,
Com gente, armas, e náos; de qualidade
Que por irinão te tenha, e te conheça:
E da vontade em ti sobre isto posta
Me dês a mi certissima resposta.

LXIV

Tal embaixada dava o Capitão,
A quem o Rei gentio respondia,
Que em ver embaixadores de nação
Tão remota, grão gloria recebia:
Mas neste caso a ultima tenção
Com os de seu conselho tomaria,
Informando-se certo de quem era
O Rei, e a gente, e terra que dissera.

LXV

É que em tanto podia do trabalho
Passado ir repousar, e em tempo breve
Daria a seu despacho hum justo talho,
Com que a seu Rei resposta alegre leve.
Já nisto punha a noite o usado atalho
Ás humanas canseiras, porque ceve
De doce somno os membros trabalhados.
Os olhos occupando ao ocio dados.

LXVI

Agasalhados forau juntamente
O Gama e Portuguezes no aposento
Do nobre regedor da Indica gente,
Com festas, e geral contentamento.
O Catual, no cargo diligente
De seu Rei, tinha já por regimento
Saber da gente estranha donde vinha,
Que costumes, que lei, que terra tinha.

LXVII

Tanto que os igneos carros do formoso
Mancebo Delio vio, que a luz renova,
Mauda chamar Monçaide, desejoso
De poder-se informar da gente nova.
Já lhe pergunta prompto e curioso,
Se tem noticia inteira, e certa prova,
Dos estranhos quem são; que onvido tinha
Que he gente de sua patria mui visinua.

LXVIII

Que particularmente alli lhe dêsse
Informação mui larga, pois fazia
Nisso serviço ao Rei, porque soubesse
O que neste negocio se fazia.
Monçaide torna; Postoque eu quizesse
Dizer-te disto mais, não saberia;
Sómente sei, que he gente lá de Hespanha,
Onde o meu ninho, e o Sol no mar se banha.

LXIX

Tem a lei d'hum Propheta, que gerado
Foi sem fazer na carne detrimento
Da Mãe; tal que por bafô está approvedo
Do Deos, que tem do mundo o regimento.
O que entre meus antigos he vulgado
Delles, he que o valor sanguinolento
Das armas, no seu braço resplandece,
O que em nossos passados se parece.

LXX

Porque elles, com virtude sobrehumana,
Os deitaram dos campos abundosos
Do rico Tejo, e fresca Guadiana,
Com feitos memoraveis, e famosos:
E não contentes inda, na Africana
Parte, cortando os mares procellosos,
Nos não querem deixar viver seguros,
Tomando-nos cidades, e altos muros.

« Que si les nœuds de votre affection sont vraiment durables, mon roi sera prêt à mettre à votre disposition ses soldats, ses armes et ses navires, à la première occasion où la guerre ou l'adversité menaceront votre royaume. Dès lors, il vous tiendra pour un frère et vous reconnaîtra comme tel. Acceptez-vous ces conditions? Mon roi m'a chargé de recueillir votre réponse décisive. »

Ainsi parla le capitaine. Le roi païen lui répondit que c'était pour lui un grand honneur de voir devant lui des ambassadeurs d'une nation si lointaine. Il allait, disait-il, prendre à ce sujet une résolution dernière avec les membres de son conseil et s'informer de ce qu'étaient au juste le roi et la nation dont il parlait.

« Pendant ce temps, ajouta-t-il, allez vous reposer de vos fatigues passées; bientôt je vous donnerai la réponse convenable que vous pourrez porter à votre roi. » En ce moment la nuit mettait fin aux lassitudes de l'homme et procurait les douceurs du sommeil aux membres fatigués, en fermant tous les yeux et leur donnant un agréable repos.

Gama et les Portugais firent tous hébergés dans le palais du noble souverain des Indes, au milieu des fêtes et de la joie des habitants. Le Catnal, qui mettait du zèle à accomplir les ordres de son roi, s'empressa de s'informer des nouveaux venus, de leur nation, de leurs mœurs et de leurs lois.

Sitôt qu'il a aperçu le char embrasé du beau Délins ramenant la clarté du jour, il envoie chercher Monçaïde, désireux qu'il est de pouvoir prendre des informations sur ce peuple inconnu. Il lui demande avec curiosité s'il a une connaissance exacte et précise des étrangers; il croit avoir entendu dire qu'ils habitent un pays très-voisin du sien.

Il le prie de lui en donner en particulier des renseignements exacts; il rendra ainsi au roi un grand service et lui indiquera la voie qu'il devra suivre en cette affaire : « Malgré toute ma bonne volonté, reprend Monçaïde, je ne saurais t'affirmer qu'une chose : c'est qu'ils sont nés en Espagne, non loin de ma patrie et près des mers où se plonge le soleil.

« Ils suivent la loi d'un prophète qui a été engendré, sans que la virginité de sa mère ait été atteinte, par le souffle du Dieu qui gouverne le monde. Parmi les vieillards de mon pays, ils sont surtout renommés pour leur supériorité dans les combats, et mes ancêtres en ont subi la sanglante épreuve.

« Déployant un courage surhumain, ils ont chassé les Maures des fertiles campagnes qu'arrosent le Tage opulent et le riant Guadiana, après avoir accompli des exploits mémorables; et, non contents encore de ces succès, ils ne veulent pas nous laisser en sûreté dans notre Afrique, et, bravant les mers orageuses, ils viennent nous prendre nos villes et nos forteresses.

LXXI

Não menos tem mostrado esforço, e manha,
 Em quaesquer outras guerras que aconteçam,
 Ou das gentes belligeras de Hespanha,
 Ou là d'alguns que do Pyreue deçam :
 Assi que nunca em fim com lança éstranha
 Se tem, que por vencidos se conheçam;
 Nem se sabe inda, não, te affirmo e assello,
 Para estes Annibaes nenhum Marcello.

LXXII

E se esta informação não for inteira,
 Tanto quanto convem, delles pretende
 Informar-te, que he gente verdadeira,
 A quem mais falsidade enoja, e offende :
 Vai ver-lhe a frota, as armas, e a maneira
 Do fundido metal, que tudo rende;
 E folgarás de veres a policia
 Portugueza na paz, e na milicia.

LXXIII

Já com desejos o Idolatra ardia
 De ver isto que o Mouro lhe contava :
 Manda esquipar bateis, que ir ver queria
 Os lenhos em que o Gama navegava :
 Ambos partem da praia, a quem segnia
 A Naira geração, que o mar coallhava;
 Á capitaina sobem forte e bella,
 Onde Paulo os recebe a bordo della.

LXXIV

Purpureos são os toldos, e as bandeiras
 Do rico fio são, que o bicho gera;
 Nellas estão pintadas as guerreiras
 Obras, que o forte braço já fizera :
 Batalhas tem campaes, aventureiras,
 Desafios erneis, pintura fera,
 Que tanto que ao Gentio se apresenta,
 Attento nella os olhos apascenta.

LXXV

Pelo que vê pergunta : mas o Gama
 Lhe pedia primeiro que se assente,
 E que aquelle deleite que tanto ama
 A seita Epicurea experimente.
 Dos espumantes vasos se derrama
 O licor, que Noé mostrára á gente :
 Mas comer o Gentio não pretende,
 Que a seita que segnia lho defende.

LXXVI

A trombeta, que em paz no pensamento
 Imagem faz de guerra, rompe os ares :
 Co'o fogo, o diabolico instrumento
 Se faz ouvir no fundo lá dos mares.
 Tudo o Gentio nota; mas o intento
 Mostrava sempre ter nos singulares
 Feitos dos homens, que em retrato breve
 A muda poesia alli descreve.

LXXVII

Alça-se em pé, com elle o Gama junto,
 Coellio de outra parte : e o Mauritano
 Os olhos poem no bellico transunto
 De hum velho branco, aspecto soberano,
 Cujos nome não póde ser defunto
 Em quanto honver no mundo trato humano :
 No trajo a Grega nsauça está perfeita;
 Hum raudo por insignia na direita.

LXXVIII

Hum raudo na mão tinha... Mas ó cego
 Eu (11), que commetto insano, e temerario,
 Sem vós, Nymphas do Tejo, e do Mondego,
 Por caminho tão arduo, longo, e vario!
 Vosso favor invoco, que navego
 Por alto mar, com vento tão contrario,
 Que se não me ajudais, hei grande medo,
 Que o men fraco batel se alague cedo.

« Ils n'ont pas montré moins de valeur ni d'adresse dans toutes les autres guerres où ils ont figuré, soit contre les belliqueuses peuplades de l'Espagne, soit contre les armées venues des hauteurs pyrénéennes, en sorte qu'ils passent pour n'avoir jamais été vaincus par une lance étrangère. En un mot, je puis t'affirmer que jamais ces Annibals n'ont rencontré de Marcellus.

« Mais si ces renseignements ne te paraissent pas aussi complets que tu l'aurais désiré, va les interroger toi-même, ils sont loyaux et le mensonge leur répugne. Va visiter leur flotte et leurs armes; examine bien leurs indomptables foudres. Tu te réjouiras à la vue de leur civilisation; ils ne cultivent pas moins les arts de la paix que la science de la guerre. »

L'idolâtre brûle du désir de voir ce que le Maure lui a raconté; il fait équiper des barques pour aller visiter les navires commandés par Gama. Ils partent tous deux de la plage, suivis des Naires, dont les embarcations couvrent la mer. Ils montent sur la superbe capitane, où Paul de Gama les reçoit.

Les vaisseaux sont ornés de pavillons de pourpre et de bannières tissées avec le fil précieux que produit un vermisseau. Là sont peintes les œuvres valeureuses des anciens Insitaniens; on y voit des batailles rangées, des combats périlleux, des duels sanglants, des dessins épouvantables. A mesure que l'Indieu les aperçoit, il y fixe ses regards attentifs et s'informe de ce qu'il a devant les yeux.

Gama l'invite d'abord à s'asseoir et à se livrer aux délices de la table, délices tant appréciées par la secte d'Épicure. Des vases de cristal coule l'écumante liqueur découverte par Noé. Le païen refuse de manger pour ne pas violer les règles de son culte.

L'air retentit des sons bruyants de la trompette, instrument qui, même en temps de paix, fait penser à la guerre; la diabolique machine vomit le feu et tonne jusqu'au fond des mers. Le barbare remarque tout; mais on voit bien que son esprit est surtout préoccupé des remarquables hauts faits des héros, que la poésie muette a su réunir dans un espace si étroit.

Aussitôt il se lève; Gama et Coelho l'imitent; le Maure arrête ses regards sur le portrait d'un vieillard tout blanc et à l'aspect vénérable, dont le nom ne périra point tant que les hommes peupleront le monde. Vêtu à la manière des Grecs, il porte pour insigne une branche dans la main droite.

Il tenait une branche à la main... Mais aveugle et insensé que je suis (11)! Dans ma témérité, j'ose entreprendre, sans vous, nymphes du Tage et du Mondégo, une route si périlleuse et si longue. J'invoque votre protection, ô nymphes, car je vogue sur la haute mer, poussé par un vent si défavorable que, si vous ne venez pas à mon aide, j'ai bien peur de voir bientôt submergée ma frêle embarcation.

LXXIX

Olhai, que ha tanto tempo, que cantando
 O vosso Tejo, e os vossos Lusitanos,
 A fortuna me traz peregrinando,
 Novos trabalhos vendo, e novos danos :
 Agora o mar, agora experimentando
 Os perigos Mavorcios inhumanos;
 Qual Canace, que á morte se condena (12),
 N' luma mão sempre a espada, e n' outra a penna.

LXXX

Agora com pobreza aborrecida,
 Por hospícios alheios degradado;
 Agora da esperança já adquirida,
 De novo mais que nunca derribado :
 Agora ás costas escapando a vida,
 Que d'hum fio pendia tão delgado (13),
 Que não menos milagre foi salvar-se,
 Que para o Rei Judaico accrescentar-se (14).

LXXXI

E ainda, Nymphas minhas, não bastava
 Que tanauhas misérias me cercassem;
 Senão que aquelles que eu cantando andava,
 Tal premio de meus versos me tornassem :
 A troca dos descansos que esperava,
 Das capellas de louro que me hourassem,
 Trabalhos nunca usados me inventaram,
 Com que em tão duro estado me deitaram.

LXXXII

Vede, Nymphas, que engenhos de senhores
 O vosso Tejo cria valerosos,
 Que assi sabem prezar com taes favores
 A quem os faz cantando gloriosos!
 Que exemplos a futuros escriptores,
 Para espertar engenhos curiosos,
 Para pôrem as cousas em memoria,
 Que merecerem ter eterna gloria!

LXXXIII

Pois logo em tantos males he forçado,
 Que só vosso favor me não falleça,
 Principalmente aqui, que sou chegado
 Onde feitos diversos engrandeça:
 Dai-mo vós sós, que en tenho já jurado,
 Que não no empregue em quem o não mereça.
 Nem por lisonja louve algum subido,
 Sob pena de não ser agradecido.

LXXXIV

Nem creais, Nymphas, não, que fama dêsse
 A quem ao bem commum, e do seu Rei,
 Antepuzer seu proprio interesse,
 Imigo da divina e humana lei :
 Nenhum ambicioso, que quizesse
 Subir a grandes cargos, cantarei,
 Só por poder com torpes exercicios
 Usar mais largamente de seus vicios.

LXXXV

Nenhum que use de seu poder bastante,
 Para servir a seu desejo feio;
 E que por comprazer ao vulgo errante
 Se muda em mais figuras que Proteio :
 Nem, Camenas, tambem cuideis que cante
 Quem com habito honesto e grave, veio,
 Por contentar ao Rei no officio novo,
 A despir, e roubar o pobre povo.

LXXXVI

Nem quem acha que he justo, e que he direito,
 Guardar-se a lei do Rei severamente,
 E não acha que he justo, e bom respeito,
 Que se pague o suor da servil gente :
 Nem quem sempre com pouco experto peito
 Razões aprende, e cuida que he prudente,
 Para taixar com mão rapace, e escassa,
 Os trabalhos alheios, que não passa.

Jetiez les yeux sur moi, et vous verrez que depuis longtemps je chante votre Tage et vos Lusitaniens, malgré les détours que le sort me fait accomplir, malgré les travaux et les peines qu'il me fait endurer. Tantôt je subis les dangers de la mer, tantôt ceux de Mars inhumain, et, semblable à Canacée mourante, je porte toujours d'une main la plume et de l'autre l'épée (12).

Tantôt je traîne ma pauvreté et ma misère dans les hospices où je m'exile; tantôt je deviens plus désabusé que jamais sur l'espoir que j'avais conçu; tantôt enfin je parviens à échapper à la férocité des flots (13), moi dont la vie a été tellement compromise que, pour la sauver, il a fallu un miracle aussi étrange que celui que Dieu ordonna pour un roi de Judée (14).

Il n'a pas suffi encore, ô mes nymphes, que tant de malheurs vinssent m'entourer; ceux-là mêmes que je chantais ont donné une singulière récompense à mes vers; au lieu du repos que j'espérais, au lieu des lauriers dont ils devaient me couronner, ils ont imaginé de me faire subir des souffrances inconnues, grâce auxquelles ils m'ont réduit à une telle extrémité.

Voyez, ô nymphes, les valeureux génies que produit votre Tage! C'est ainsi qu'ils savent apprécier celui qui les chante et les glorifie! Quel exemple pour les écrivains à venir, pour les poètes inspirés! Quel encouragement pour ceux qui voudront rapporter des exploits dignes d'une éternelle gloire!

Au milieu de tant de maux, j'ai absolument besoin de ne pas me voir privé de votre assistance, maintenant surtout que je suis arrivé à un passage où je dois exalter tant de hauts faits. Secourez-moi vous seules, car j'ai déjà juré de ne pas gaspiller le génie que vous m'inspirerez à louer ceux qui ne le mériteront pas; non, je ne flatterai aucun personnage, sous peine de n'obtenir que de l'ingratitude.

Ne croyez pas, chères nymphes, que j'aie jamais accorder de la gloire à ceux qui préfèrent au bien public et à leur roi leur propre intérêt, en se révoltant contre les lois divines et humaines. Jamais je ne chanterai l'ambitieux, qui aspire à de hautes charges, pour pouvoir, au moyen de viles actions, user plus largement de ses vices;

Ni celui qui abuse de sa puissance pour assouvir ses honteuses passions, et qui, pour complaire au vulgaire ignorant, revêt plus de formes que Protée lui-même. Non, ô Muses, ne croyez pas que je chante celui qui, sous le couvert d'une sévère honnêteté, dépouille et vole le pauvre peuple, afin de satisfaire l'inexpérience de son roi.

Je ne célébrerai point celui qui regarde comme très-juste la stricte inviolabilité d'un décret royal, et comme inutile et injuste la récompense dont on doit payer les sueurs du peuple; ni celui qui, toujours armé de nouveaux prétextes, croit qu'il est sage de taxer avec avarice et rapacité les durs travaux qu'il n'endure pas.

LXXXVII

Aquelles sós direi, que aventuraram
Por seu Deos, por seu Rei, a amada vida,
Onde perdendo-a, em fama a dilataram,
Tão bem de suas obras merecida.
Apollo, e as Musas, que me acompanharam,
Me dobrarão a furia concedida,
Em quanto en tomo alento descansado,
Por tornar ao trabalho, mais folgado.

Je chanterai seulement ceux qui exposè-
rent leur précieuse existence pour leur Dieu
et pour leur roi; ceux qui, en la perdant, en
étendirent justement la durée, au moyen de la
renommée, fruit de leurs œuvres sublimes.
Apollon et les Muses qui m'accompagnent
redoubleront mon inspiration, tandis que je
prends haleine, pour retourner plus tranquil-
lement au travail.

CANTO VIII

Ve-lo cá vai co' os filhos a entregar-se,
A corda ao collo, nu de seda e panno,
Porque não quiz o moço sujeitar-se,
Como elle promettêra ao Castellhauo :

(Canto VIII, Est. XIV.)



« Voyez-le plus loin allant se livrer à l'en-
nemi avec ses enfants, la corde au cou et sans
vêtements, parce que son jeune maître a refusé
de s'assujettir aux lois du Castillan,

(Chant VIII, Stan. XIV.)

CANTO OITAVO

I

Na primeira figura se detinha
O Catual, que vira estar pintada,
Que por divisa hum ramo na mão tinha,
A barba branca, longa, e penteada:
« Quem era, e porque causa lhe convinha
« A divisa que tem na mão tomada? »
Paulo responde, cuja voz discreta
O Mauritano sabio lhe interpreta.

II

Estas figuras todas que apparecem,
Bravos em vista, e feros nos aspectos,
Mais bravos e mais feros se conhecem,
Pela fama, nas obras e nos feitos:
Antiguos são, mas inda resplandecem
Co' o nome, entre os engenhos mais perfeitos:
Este que vês he Luso, donde a fama
O nosso reino Lusitania chama.

III

Foi filho ou companheiro do Thebano,
Que tão diversas partes conquistou:
Parece vindo ter ao ninho Hispano,
Seguindo as armas que continuo usou:
Do Douro, e Guadiana, o campo ufano,
Já dito Elysio, tanto o contentou,
Que alli quiz dar, aos já cansados ossos
Eterna sepultura, e nome aos nossos.

IV

O ramo que lhe vês para divisa,
O verde thyrsos foi de Baccho usado,
O qual á nossa idade amostra e avisa.
Que foi seu companheiro, ou filho amado.
Vês outro que do Tejo a terra pisa,
Despois de ter tão longo mar arado,
Onde muros perpetuos edifica,
E templo a Pallas, que em memoria fica:

V

Ulysses he o que fez a sancta casa
Á deosa, que lhe dá lingua facunda;
Que se lá na Asia Troia insigne abrasa,
Cá na Europa Lisboa ingente funda.
Quem será est' outro cá, que o campo arrasa
De mortos, com presença furibunda?
Grandes batalhas tem desbaratadas,
Que as aguias nas bandeiras tem pintadas.

VI

Assi o Gentio diz: responde o Gama:
Este que vês, pastor já foi de gado;
Viriato sabemos que se chama,
Destro na lança mais, que no cajado.
Injuriada tem de Roma a fama,
Vencedor invencibil, affanado;
Não tem com elle, não, nem ter puderam
O primor que com Pyrrho já tiveram.

CHANT HUITIÈME

Le Catual contemplait longuement la première figure qui avait frappé ses yeux ; elle représentait un vieillard à la barbe blanche et longue, portant pour insigne une branche à la main. Comme il demandait quel était ce héros, et pour quelle raison il avait ce rameau pour emblème, Paul, interprété par le docte Mauritanien, lui répondit en ces termes :

« Tous ces personnages à l'air intrépide, à l'aspect belliqueux, sont reconnus comme plus belliqueux et plus intrépides encore grâce à la renommée qui nous révèle leurs œuvres mémorables ; ils sont anciens, mais leur nom est encore illustre parmi les génies les plus parfaits. Celui que vous regardez est Lusus ; le royaume de Lusitanie lui doit son nom.

« Il fut le fils ou le compagnon du Thébain qui subjuga tant de contrées diverses ; c'est, paraît-il, en suivant les armes qui lui étaient chères, qu'il aborda dans le territoire hispanique ; les superbes campagnes qu'arrosent le Douro et le Guadiana, jadis nommées Élyséennes, lui plurent à tel point, qu'il voulut y donner une éternelle sépulture à ses membres fatigués, et un nom éternel à ma nation.

« La branche que vous lui voyez porter, c'est le thyrses verdoyant dont se servait Bacchus ; c'est par cet indice que nous savons qu'il fut son compagnon ou son fils bien-aimé. Voyez-vous cet autre qui, après avoir si longtemps sillonné les mers, foule les campagnes du Tage, où il bâtit des murailles impérissables et un temple somptueux en l'honneur de Pallas ?

« C'est Ulysse, qui dédie cette demeure sacrée à la déesse dont il a reçu l'éloquence. Si en Asie il a embrasé la fameuse Troie, le voici qui foule en Europe la superbe Lisbonne. »
— « Qui peut être, demanda l'Indien, cet autre guerrier à la mine redoutable qui égalise le terrain avec des cadavres ? Il a sans doute gagné de grandes batailles, car il tient à la main des drapeaux ornés des aigles victorieuses. »

— « Celui-là, répondit Gama, fut jadis un simple berger ; nous savons qu'il s'appelait Viriathus, et qu'il était plus habile à manier la lance que la houlette : vainqueur invincible, il a terni la gloire des Romains ; jamais ils n'ont pu déployer envers lui la générosité dont ils avaient usé envers Pyrrhus.

VII

Com força não, com manha vergonhosa,
A vida lhe tiraram, que os espanta :
Que o grande aperto em gente, inda que homrosa
Ás vezes leis magnanimas quebranta.
Outro está aqui, que contra a patria irosa
Degradado comnosco se levanta :
Escolheo bem com quem se levantasse,
Para que eternamente se illustrasse.

VIII

Vês, comnosco tambem veuce as bandeiras
Dessas aves de Jupiter validas;
Que já naquelle tempo as mais guerreiras
Gentes de nós souberam ser vencidas :
Olha tão subtis artes, e maneiras,
Para adquirir os povos, tão fugidas;
A fatidica Cerva que o avisa;
Elle he Sertorio, e ella a sua divisa.

IX

Olha est' outra bandeira, e vê pintado
O grão progenitor dos Reis primeiros :
Nós Hungaro o fazemos, porém nado
Creem ser em Lotharingia os estrangeiros :
Despois de ter co' os Monros superado
Gallegos, e Leonzes cavalleiros,
A Casa sancta passa o sancto Henrique,
Porque o tronco dos Reis se sanctifique.

X

Quem he, me dize, est' outro que me espanta,
(Pergnnta o Malabar maravillhado)
Que tantos esquadrões, que gente tanta,
Com tão pouca, tem roto e destroçado?
Tantos muros asperrinos quebranta,
Tantas batalhas dá, nunca cansado,
Tantas coroas tem por tantas partes
A seus pés derribadas, e estandardes?

XI

Este he o primeiro Afonso, disse o Gama,
Que todo Portugal aos Monros toma,
Por quem, no Estygio lago jura a Fama
De mais não celebrar nenhum de Roma :
Este he aquelle zeloso, a quem Deos ama,
Com cujo braço o Monro imigo doma;
Para quem de seu reino abaixa os muros,
Nada deixando já para os futuros.

XII

Se Cesar, se Alexandre Rei, tiveram
Tão pequeno poder, tão pouca gente,
Contra tantos inimigos, quantos eram
Os que desbaratava este excellente;
Não creas que seus nomes se estenderam
Com glorias immortaes tão largamente :
Mas deixa os feitos seus inexplicaveis,
Vê que os de seus vassallos são notaveis.

XIII

Este que vês olhar com gesto irado,
Para o rompido alumno mal soffrido,
Dizendo-lhe que o exercito espalhado
Recolha, e torne ao campo defendido :
Torna o moço do velho acompanhado,
Que vencedor o torna de vencido :
Egas Moniz se chama o forte velho,
Para leaes vassallos claro espelho.

XIV

Ve-lo cá vai co' os filhos a entregar-se,
A corda ao collo, nu de seda e panno,
Porque uão quiz o moço sujeitar-se,
Como elle promettêra ao Castelhanao :
Fez com siso, e promessas levantar-se
O cêreo, que já estava soberano :
Os filhos, e mulher obriga á pena;
Para que o seuhor salve, a si condena.

« Ce n'est pas par la force mais par une ruse infâme, qu'ils lui ont retiré cette vie qui les épouvantait; que de fois une grande quantité d'hommes réunis se laisse passionner au point d'enfreindre les lois de la magnanimité! En voici un autre qui, exilé parmi nous, se soulève contre sa patrie irritée; il a bien choisi ses compagnons de révolte, pour se rendre éternellement célèbre.

« Voyez-le vaincre avec nous ces drapeaux ornés des aigles de Jupiter; déjà en ce temps-là les nations les plus guerrières ont appris à connaître le poids de nos armes! Remarquez toutes les ruses subtiles, tous les adroits stratagèmes qu'il employait pour s'emparer de l'esprit des peuples; voyez à ses côtés la fatidique biche qui lui prédit l'avenir. Ce guerrier c'est Sertorius, et la biche c'est son oracle.

« Portez vos regards sur cette autre bannière, où est représenté l'illustre père des premiers rois : nous autres le disons Hongrois, mais les étrangers l'ont fait naître en Lorraine. Après avoir battu les Maures, les Galiciens et les Léonais, le pieux Henri va visiter le tombeau du Christ, pour sanctifier la tige de nos rois.

— « Dites-moi, demanda le Malabare émerveillé, quel est cet autre guerrier dont l'audace me surprend? Que de soldats, que d'escadrons il détruit et renverse avec une armée si minime! Que de solides murailles il abat, que de batailles il livre à l'ennemi; que de couronnes et d'étendards jonchent de toutes parts le sol qu'il foule!

— « Celui-ci est le premier Alphonse, dit Gama; c'est lui qui prit aux Maures tout le Portugal; pour lui, la Renommée a juré dans la lagune du Styx de ne plus célébrer un Romain; celui-ci est ce brave prince, chéri de Dieu, qui se sert de son bras pour dompter les Maures ennemis; après avoir abaissé pour lui les murailles de leurs royaumes, le Très-Haut ne laisse pour ses descendants rien de plus à conquérir.

« Si César et Alexandre avaient disposé d'aussi peu d'hommes et de moyens contre autant d'ennemis que ceux que vainquit ce héros, ne croyez pas que leurs noms se fussent répandus dans le monde avec une gloire aussi universelle. Mais laissons de côté ses exploits inexplicables, pour admirer les promesses de ses vassaux.

« Arrêtez-vous à celui qui regarde avec colère son disciple vaincu, mais peu patient; il l'engage à rassembler son armée dispersée et à retourner au camp. Le jeune homme part accompagné de son vieil ami, qui de vaincu le rend victorieux. Égas Moniz, c'est le nom du brave vieillard; c'est le plus pur miroir où puisse se réfléchir un fidèle vassal.

« Voyez-le plus loin allant se livrer à l'ennemi avec ses enfants, la corde au cou et sans vêtements, parce que son jeune maître a refusé de s'assujettir aux lois du Castillan, sans tenir compte des serments d'Égas. Grâce à son bon sens et à ses promesses, il avait fait lever le siège qui devenait terrible; maintenant il force ses enfants et sa femme à supporter une cruelle épreuve, et, pour sauver son seigneur, il se condamne lui-même.

XV

Não fez o consul tauto, que cercado
 Foi nas forcas Caudinas de ignorante,
 Quando a passar por baixo foi forçado
 Do Samnítico jugo triumphante:
 Este pelo seu povo injuriado,
 A si se entrega só, firme e constante;
 Est' outro a si, e os filhos naturais.
 E a consorte sem culpa, que doe mais.

XVI

Vês este que sahindo da cilada
 Dá sobre o Rei, que cerca a villa forte?
 Já o Rei tem preso, e a villa descereada:
 Illustre feito, digno de Mavorte!
 Vê-lo cá vai pintado nesta armada,
 No mar também aos Mouros dando a morte,
 Tomando-lhe as galés, levando a gloria
 Da primeira maritima victoria:

XVII

He Dom Fnas Rompinho, que na terra,
 E no mar resplandece juntamente,
 Co' o fogo que accendeo junto da serra
 De Abyla, nas galés da Maura gente.
 Olha como em tão justa e sancta guerra,
 De acabar pelejando está contente:
 Das mãos dos Mouros entra a felice alma
 Triumphando nos Céos, com justa palma.

XVIII

Não vês hu' ajuntamento de estrangeiro
 Trajo, sahir da grande armada nova,
 Que ajuda a combater o Rei primeiro
 Lisboa, de si dando sancta prova?
 Olha Henrique, famoso cavalleiro,
 A palma que lhe nasce junto á cova (1):
 Por elles mostra Deos milagre visto,
 Germanos são os martyres de Christo.

XIX

Hum Sacerdote vê brandindo a espada
 Contra Arronches que toma, por vingança
 De Leiria, que de antes foi tomada
 Por quem por Mafunede enresta a lança:
 He Theotonio, Prior (2). Mas vê cercada
 Santarem, e verás a segurança
 Da figura nos muros, que primeira
 Subindo ergueo das Quinas a bandeira:

XX

Ve-lo cá donde Sancho desbarata
 Os mouros de Vandalia em fera guerra,
 Os inimigos rompendo, o alferes mata,
 E Hispalico pendão derriba em terra:
 Mem Moniz lie, que em si o valor retrata,
 Que o sepulchro do pai co' os ossos cerra;
 Digno destas bandeiras, pois sem falta
 A contraria derriba, e a sua exalta.

XXI

Olha aquelle que desce pela lança
 Com as duas cabeças dos vigias,
 Onde a cilada esconde, com que alcança
 A cidade por manhas, e onsadias.
 Ella por armas toma a semelhança
 Do cavalleiro, que as cabeças frias
 Na mão levava: feito nunca feito!
 Giraldo Sem-pavor he o forte peito (3).

XXII

Não vês hum Castelhana (4), que aggravado
 De Afonso nono Rei, pelo odio antigo
 Dos de Lara, co' os Mouros he deitado,
 De Portugal fazendo-se inimigo?
 Abrantes villa toma, acompanhado
 Dos duros infieis que traz consigo;
 Mas vê que hum Portuguez com pouca gente
 O desbarata, e o prende onsadamente:

« Autant ne fit point ce consul qui se laissa envelopper aux Fourches Caudines, lorsqu'il fut forcé de subir le joug triomphant des Samnites. Celui-là, injurié par son peuple, a donné sa vie pour sa patrie, de pied ferme et sans soufreiller; mais il ne donnait que sa vie, tandis que cet autre se rend lui-même, et, sacrifice plus grand encore, il livre aussi ses propres enfants et sa femme innocente.

« Admirez cet autre héros : sorti d'une embuscade, il foudra sur le roi qui assiégeait la forte ville; en un moment il a emprisonné le monarque et levé le siège qui pesait sur la cité. Sublime exploit, digne de Mars! En cet autre endroit on l'a représenté sur sa flotte, donnant, même sur mer, la mort aux Arabes, leur prenant leurs galères et remportant la gloire de la première bataille navale :

« C'est Dom Fuas Roupinho, qui s'est également illustré sur terre et sur mer, quand il incendia les galères des Maures près des montagnes d'Abyla. Remarquez la joie qu'il éprouve de périr en combattant dans une guerre aussi juste et aussi sainte; des mains des Maures, son âme bienheureuse s'envole triomphante vers les cieux, au milieu des palmes qu'elle a méritées.

« Ne voyez-vous pas un grand rassemblement de soldats vêtus de costumes étrangers et débarquant d'une immense flotte? Répondant à leurs intentions pieuses, ils aident le premier roi à attaquer Lisbonne. Regardez Henri, ce fameux guerrier, dont le tombeau est ombragé par un palmier (1). Braves Germains, martyrs du Christ, pour vous Dieu a opéré des miracles!

« Considérez ce prêtre qui brandit son glaive contre Arronches, prise à l'ennemi pour venger Leiria, dont naguère se sont emparés les disciples de Mahomet : c'est le prieur Theotonio (2). Mais portez vos regards sur Santarem, et vous verrez avec quelle sûreté un homme monte sur ses mirailles pour y attacher le premier l'étendard orné des Quines.

« Le voici plus loin dans la sanglante bataille où Sanche taille en pièces les Maures de Vandalie. Voyez-le terrassant l'ennemi, tuant l'enseigne et renversant le drapeau barbare. C'est Men Mouiz, héritier de ce courage qui dort maintenant dans le tombeau avec les ossements de son père. Il mérite de figurer sur ces drapeaux, car, en jetant à terre l'étendard ennemi, il a porté le sien aux nues.

« Suivez des yeux celui qui descend appuyé sur sa lance, tenant à la main les têtes des deux sentinelles, et qui cache le piège audacieux par lequel il a su conquérir la ville : celle-ci prend pour armes le portrait de ce chevalier qui tenait à la main ces deux têtes inanimées. Action sublime! C'est Géralde-sans-Peur qui en est le héros (3)!

« Ne remarquez-vous pas ce Castillan (4), qu'une injure du roi Alphonse IX et sa haine contre les Laras font passer chez les Maures et devenir l'ennemi du Portugal? Le voilà qui prend la ville d'Abrantes, en compagnie des cruels infidèles qui le suivent; mais un Portugais, avec une mince armée, le bat facilement et le fait prisonnier :

XXIII

Martim Lopes se chama o cavalleiro,
 Que destes levar pôde a palma, e o louro.
 Mas olha hum ecclesiastico guerreiro,
 Que em lança de aço torna o bago de ouro :
 Ve-lo entre os duvidosos tão inteiro,
 Em não negar batalha ao bravo Mouro ;
 Olha o signal no céo que lhe apparece,
 Com que uos poucos seus o esforço crece.

XXIV

Vês, vão os Reis de Cordova, e Sevilla,
 Rotos, co' os outros dons, e não de espaço ;
 Rotos? mas antes mortos. Maravilha
 Feita de Deos, que não de humano braço!
 Vês, já a villa de Alcacere se humilha.
 Sem lhe valer defeza, ou muro de aço,
 A Dom Mattheus (5), o Bispo de Lisboa,
 Que a coroa de palma alli coroa?

XXV

Olha hum Mestre que desce de Castella,
 Portuguez de nação, como conquista
 A terra dos Algarvos, e já nella
 Não acha quem por armas lhe resista :
 Com manha, esforço, e com benigna estrella,
 Villas, castellos toma á escala vista.
 Vês Tavila tomada aos moradores,
 Em vingança dos sete caçadores (6) :

XXVI

Vês, com bellica astucia ao Mouro ganha
 Sylves, que elle ganhou com força ingente :
 He Dom Paio Correa, cuja manha,
 E grande esforço faz inveja á gente.
 Mas não passes os tres que em França, e Hespauha
 Se fazem conhecer perpetuamente.
 Em desafios, justas e torneos,
 Nellas deixando publicos tropheos (7).

XXVII

Ve-los, co' o nome vem de aventureiros
 A Castella, onde o preço sós levaram
 Dos jogos de Bellona verdadeiros,
 Que com damno de alguns se exercitaram.
 Vê mortos os soberbos cavalleiros,
 Que o principal dos tres desafiaram.
 Que Gonçalo Ribeiro se nomea,
 Que pôde não temer a lei Lethea.

XXVIII

Attenta n' hum que a fama tanto estende,
 Que de nenhum passado se contenta ;
 Que a patria que de hum fraco fio pende.
 Sobre seus duros hombros a sustenta.
 Não no vês tiuto de ira, que reprende
 A vil desconfiança inerte e lenta
 Do povo, e faz que tome o doce freio
 De Rei seu natural, e não de alheio?

XXIX

Olha : por seu conselho, e ousadia
 De Deos guiada só, e de sancta estrella,
 Só pôde, o que impossibil parecia,
 Vencer o povo ingente de Castella.
 Vês por industria, esforço, e valentia,
 Ontro estrago, e victoria elara e bella.
 Na gente, assi feroz como infinita.
 Que entre o Tartesso, e o Guadiana habita.

XXX

Mas não vês quasi já desbaratado
 O poder Lusitano, pela ausencia
 De capitão devoto, que apartado
 Orando invoca a summa e trina essencia?
 Ve-lo com pressa já dos seus achado,
 Que lhe dizem que falta resistencia
 Contra poder tamanho, e que viesse.
 Porque comsigo esforço aos fracos dêsse?

« Martin Lopes est le nom de ce dernier brave, qui peut remporter sur ceux-ci la palme et le laurier glorieux. Mais regardez bien ce belliqueux ecclésiastique qui change sa crosse d'or contre une lance de fer : au milieu de ses troupes indécises, lui seul est fièrement résolu à ne point refuser le combat au Maure intrépide ; mais bientôt un signal qui apparaît au ciel rend le courage à sa faible armée.

« Voyez-vous ? Déjà les rois de Cordoue et de Séville, ainsi que les deux autres rois maures, ont été mis en déroute et s'enfuient ; que dis-je ? ils s'enfuient ? ils perdent la vie ! Prodige opéré par Dieu, et non par un bras humain ! Regardez bien ; aussitôt la ville d'Alcacer, malgré sa garnison et ses murs d'acier, se combe sous le joug de Dom Mathieu (5), évêque de Lisbonne, qui gagne ici la couronne de palmes !

« Voyez ce grand maître, cet enfant du Portugal, qui, venu de Castille, conquiert le pays des Algarves, et n'y trouve plus d'ennemis qui lui offrent de la résistance : rusé, courageux et fortuné, il prend d'assaut des villes et des châteaux forts. Voici Tavila enlevée à ses habitants, pour venger le lâche meurtre des sept chasmeurs (6).

« Observez la belliqueuse astuce dont il se sert pour reprendre Sylves aux Maures, qui ne s'en sont emparés qu'à force de troupes. C'est Dom Paio Correa, dont l'adresse et le courage rendent jaloux les braves cœurs. Mais n'oubliez pas les trois guerriers qui se rendirent immortels en France et en Espagne, en remportant toujours les trophées dans les duels, les joutes et les tournois auxquels ils prirent part (7).

« Arrivés en Castille avec la réputation d'aventuriers, ils y obtiennent seuls le prix des véritables jeux de Bellone, au grand détriment de quelques-uns. Voyez couchés à terre les cadavres des orgueilleux chevaliers qui provoquèrent en duel le premier des trois Portugais. Son nom est Gonçalo Ribeiro, nom qui ne craint pas la loi du Léthé.

« Arrêtez vos regards sur cet autre héros ; il accroît sa renommée à tel point, qu'il l'emporte sur tous ses prédécesseurs. Voyant sa patrie dans un péril imminent, il la porte sur ses épaules de fer. Avec quelle énergie il réprimande le peuple amolli par l'inertie, et l'engage à obéir à son roi naturel et non à un étranger !

« Grâce à son jugement et à son audace, que Dieu et sa sainte étoile lui ont inspirés, il parvient le premier à faire ce qui paraissait impossible avant lui, à vaincre les immenses armées de Castille. Admirez cette autre victoire éclatante, remportée, grâce à son bras vaillant, sur le peuple aussi féroce qu'infidèle, qui habite entre le Bétis et le Guadiana.

« Mais voici la puissance lusitanienne presque renversée, à cause de l'absence du dévot capitaine, qui était occupé à prier et à invoquer la Trinité sainte. Le voyez-vous, au moment où, trouvé à la hâte par ses camarades, il apprend qu'il manque des troupes pour résister à des forces aussi considérables, de telle sorte que ses amis le prient de les suivre pour donner du courage aux cœurs affaiblis ?

XXXI

Mas olha com que saneta confiança,
Que inda não era tempo, respondia;
Como quem tinha em Deos a segurança
Da victoria, que logo lhe daria:
Assi Pompilio, ouvindo que a possança
Dos inimigos a terra lhe corria,
A quem lhe a dura nova estava dando,
Pois eu, responde, estou sacrificando.

XXXII

Se quem com tanto esforço em Deos se atreve,
Ouvir quizeres como se nomea,
Portuguez Scipião chamar-se deve,
Mas mais de Dom Nuno Alvares se arrea.
Ditosa patria que tal filho teve!
Mas antes pai; que em quanto o Sol rodea
Este globo de Ceres, e Neptuno,
Sempre suspirará por tal alumno.

XXXIII

Na mesma guerra vê que presas ganha
Est'ontro capitão de pouca gente;
Commendadores vence, e o gado apanha,
Que levavam roubado ousadamente:
Outra vez vê que a lança em sangue banha
Destes, só por livrar co' amor ardente
O preso amigo; preso por leal:
Pero Rodrigues he do Landroal.

XXXIV

Olha este desleal, oh como paga
O perjurio que fez e vil engano:
Gil Fernandes he de Elvas quem o estraga,
E faz vir a passar' o ultimo dano:
De Xerez rouba o campo, e quasi alaga
Co' o sangue de seus donos Castelhana.
Mas olha Rui Pereira, que co'o rosto
Faz escudo ás galés, diante posto.

XXXV

Olha que dezasete Lusitanos
Neste onteiro subidos se defendem
Fortes, de quatro centos Castelhanos,
Que em derredor pelos tomar se estendem:
Porém logo sentiram com seus danos,
Que não só se defendem, mas offendem:
Digno feito de ser no mundo eterno;
Grande no tempo antigo, e no moderno!

XXXVI

Sabe-se antigualmente que trezentos
Já contra mil Romanos pelejaram,
No tempo que os viris atrevimentos
De Viriato tanto se illustraram:
E delles alcançando vencimentos
Memoraveis, de herança nos deixaram,
Que os muitos por ser poucos não tenamos;
O que depois mil vezes amostramos.

XXXVII

Olha cá dons Infantes Pedro, e Henrique (8),
Progenie generosa de Joanne:
Aquelle faz que fama illustre fique
Delle em Germania, com que a morte engane;
Este, que ella nos mares o publique,
Por seu descobridor, e desengane
De Ceita a Maura tunida vaidade,
Primeiro entrando as portas da cidade.

XXXVIII

Vês o Conde Dom Pedro (9), que sustenta
Dous cercos contra toda a Barbaria?
Vês outro Conde está (10), que representa
Em terra Marte, em forças, e ousadia?
De poder defender se não contenta
Alcacere da ingente companhia;
Mas do seu Rei defende a chara vida,
Pondo por muro a sua, alli perdida.

« Remarquez avec quelle sainte confiance il répond qu'il n'est pas encore temps, comme s'il avait la certitude de la victoire que Dieu va lui accorder. Ainsi Pompilius, comme on lui annonçait que l'ennemi puissant ravageait ses domaines, répondit au messager de cette pénible nouvelle : « Eh! bien, moi, je suis en train de sacrifier! »

« Voulez-vous savoir le nom de ce héros qui avait un tel espoir en Dieu; on devrait l'appeler le Scipion du Portugal; mais le nom de dom Nuno Alvares est encore plus précieux. Heureuse patrie qui as possédé un tel enfant! que dis-je? un tel père! et tant que le soleil éclairera le globe de Cérès et de Neptune, Lusitanie regrettera un pareil élève!

« Quel butin la même guerre fournit à cet autre capitaine, à qui peu de soldats obéissent! Le voici qui bat les chefs castillans et ressaisit les troupeaux qu'ils avaient audacieusement volés. Le voilà qui teint de nouveau sa lance du sang espagnol, pour délivrer son ami fidèle, qui, par un excès de loyauté, s'était rendu à l'ennemi : ce guerrier c'est Pero Rodrigues de Landroal.

« Là un traître expie son parjure et sa lâche fourberie : c'est Gil Fernandes d'Elvas qui le surprend et lui fait subir la dernière peine : celui-ci ravage la campagne de Xérès et la rougit du sang des Castillans, ses possesseurs. Mais n'oublions pas Rui Pereira, qui forme de sa poitrine un rempart aux galères qu'il commande.

« Regardez ces dix-sept Lusitaniens, qui, montés sur cette colline, se défendent bravement contre quatre cents Espagnols; ceux-ci se répandent d'abord autour d'eux pour tâcher de les envelopper, mais bientôt ils s'aperçoivent que, non-seulement les Portugais se défendent, mais encore qu'ils causent parmi eux du ravage. Sublime fait, digne de l'immortalité et de l'histoire de tous les temps!

« On sait que jadis trois cents Lusitaniens combattirent contre mille Romains, au temps où les prouesses hardies de Viriathus lui valurent tant de gloire; ce sont eux qui, en remportant de mémorables triomphes sur ce peuple redoutable, nous ont laissé pour héritage ce don que nous avons de braver en petit nombre les ennemis nombreux; mille fois depuis nous l'avons prouvé.

« Contemplez ici les deux Infants Pierre et Henri (8), magnanimes fils de Jean. Le premier laisse en Allemagne une immense renommée, que la mort n'enlève pas; le second l'acquiert sur l'Océan, qui le considère comme son révélateur, et il rabat l'orgueil insolent des Maures de Ceuta, en franchissant le premier les murs de leur ville.

« Voyez-vous le comte Dom Pierre (9) qui soutient deux sièges contre toute la Mauritanie? Plus loin est cet autre comte (10), portrait vivant de Mars, pour la bravoure et l'audace. Non content de pouvoir défendre Alcacer contre les nombreuses cohortes mauresques, il défend aussi la précieuse vie de son roi, en lui faisant un rempart de son corps inanimé.

XXXIX

Outros muitos verias que os pintores
 Aquí também por certo pintariam;
 Mas falta-lhe pincel, faltam-lhe cores,
 Honra, premio, favor, que as artes criam:
 Culpa dos viciosos successores,
 Que degeneram certo, e se desviam
 Do lustre, e do valor dos seus passados,
 Em gostos e vaidades atolados.

XL

Aquelles pais illustres que já deram
 Principio á geração que delles pende.
 Pela virtude muito então fizeram,
 E por deixar a casa que descende:
 Cegos! Que dos trabalhos que tiveram,
 Se alta fama, e rumor delles se estende,
 Escuros deixam sempre seus menores,
 Com lhe deixar descansos corruptores.

XLI

Outros também ha grandes e abastados,
 Sem nenhum tronco illustre donde venham;
 Culpa de Reis, que ás vezes a privados
 Dão mais que a mil, que esforço, e saber tenham:
 Estes os seus não querem ver pintados,
 Crendo que côres vãs lhe não convenham;
 E como a seu contrario natural,
 Á pintura que falla querem mal.

XLII

Não nego que ha com tudo descendentes
 Do generoso tronco, e casa rica,
 Que com costumes altos e excellentes,
 Snstentam a nobreza que lhe fica:
 E se a luz dos antigos seus parentes
 Nelles mais o valor não clarifica,
 Não falta ao menos, nem se faz escura;
 Mas destes acha poucos a pintura.

XLIII

Assi está declarando os grandes feitos
 O Gama, que allí mostra a varia tinta,
 Que a donta mão tão claros, tão perfeitos.
 Do singular artifice allí pinta:
 Os olhos tinha promptos e direitos
 O Catual na historia bem distinta;
 Mil vezes perguntava, e mil ouvia
 As gostosas batalhas que allí via.

XLIV

Mas já a luz se mostrava duvidosa,
 Porque a alampada grande se escondia
 Debaixo do horizonte, e luminosa
 Levava aos antipodas o dia;
 Quando o Gento, e a gente generosa
 Dos Naires, da não forte se partia
 A buscar o repouso, que descansa
 Os lassos animaes, na noite mansa.

XLV

Entretanto os haruspices famosos
 Na falsa opinião, que em sacrificios
 Antevem sempre os casos duvidosos,
 Por signaes diabolicos, e indicios;
 Mandados do Rei proprio, estudiosos
 Exercitavam a arte e seus officios,
 Sobre esta vinda desta gente estranha,
 Que ás suas terras vem da ignota Hespauha.

XLVI

Signal lhe mostra o Demo verdadeiro,
 De como a nova gente lhe seria
 Jugo perpetuo, eterno captiveiro,
 Destruição de gente, e de valia.
 Vai-se espantado o attonito agonreiro
 Dizer ao Rei (segundo o que entendia)
 Os signaes temerosos, que alcançara
 Nas entranhas das victimas que olhára.

« Vous pourriez en voir beaucoup d'autres que les peintres n'auraient pas craint de représenter sur ces bannières; mais il leur manquerait des pinceaux et des couleurs assez vives, il leur manquerait les honneurs, les faveurs et les récompenses qui alimentent les arts. C'est la faute de ces fils dégénérés qui s'écartent de l'éclat et de la valeur de leurs aïeux, embourbés qu'ils sont dans les plaisirs et la vanité.

« Ces ancêtres, qui commencèrent une génération, ont accompli tous ces exploits non-seulement pour obéir à leur vertu, mais encore pour léguer un beau nom à leurs descendants. Les aveugles! tout en laissant derrière eux une gloire éternelle et une célébrité qui se répand de toutes parts, ils ont légué à leurs successeurs un avenir obscur, en leur procurant un repos qui les corrompt.

« Il y en a aussi d'autres qui sont grands et opulents, sans appartenir à une souche illustre; c'est la faute des rois, qui souvent enrichissent plus leurs favoris que bien d'autres sujets plus instruits et plus courageux. Mais ceux-là ne se soucient pas de contempler leurs portraits de famille; ils apprécient peu cet art qu'ils traitent d'inutile, et détestent comme une ennemie cette peinture trop révélatrice.

« Cependant je ne nie pas qu'il y ait quelques rejetons d'une noble race, d'une maison illustre, qui par l'élévation de leurs sentiments, représentent dignement la noblesse qu'on leur a laissée; et si l'éclat de leurs ancêtres ne se réfléchit pas doublement sur leurs cœurs intrépides, du moins il ne fait point défaut, ni ne se ternit : mais ces exceptions sont rares, et la peinture ne les rencontre point. »

C'est ainsi que Paul de Gama racontait les faits mémorables que l'habile artiste avait si fidèlement rendus sur la toile. Le Catual ne détachait pas ses regards de ces tableaux si variés; mille fois il demandait et écoutait le récit de ces batailles fameuses dont l'image frappait ses yeux.

Mais déjà la lumière du jour brillait d'un éclat vacillant, et le flaqueau du monde se cachait sous l'horizon pour emporter sa clarté chez les antipodes, lorsque l'Indien et la noble troupe des Nâires quittèrent le vaisseau, pour aller chercher à terre le repos qui délasse les êtres vivants pendant la nuit sereine.

Cependant les aruspices, personnages fort estimés parmi les idolâtres, toujours portés à tirer de leurs sacrifices des conclusions imaginaires au moyen de cérémonies et d'indices diaboliques, les aruspices, pour obéir aux ordres de leur souverain, s'exerçaient soigneusement dans leur art et leurs sortilèges, afin de savoir quels étaient les projets de ce peuple étranger, venu de la lointaine Espagne jusque vers ces rivages.

Le démon leur dit cette fois la vérité; il leur annonce que ces nouveaux venus seront pour eux la cause d'un joug perpétuel et d'une éternelle captivité, qu'ils détruiront les hommes et soumettront le pays. Étonné de ces présages, l'augure court porter au roi la réponse que, suivant lui, il a obtenue en lisant dans les entrailles des victimes.

XLVII

A isto mais se ajunta, que a hum devoto
Sacerdote da lei de Mafamede,
Dos odios concebidos não remoto,
Contra a divina Fé, que tudo excede;
Em forma do propheta falso e noto,
Que do filho da escrava Agar procede,
Baccho odioso em sonhos lhe apparece,
Que de seus odios inda se não dece.

XLVIII

E diz-lhe assi: Guardai-vos, gente minha,
Do mal que se apparelha pelo imigo,
Que pelas aguas humidas caminha,
Antes que esteis mais perto do perigo.
Isto dizendo, acorda o Mouro asinha,
Espantado do sonho: mas consigo
Cuida que não he mais que sonho usado,
Torna a dormir quieto, e socegado.

XLIX

Torna Baccho, dizendo: Não conheces
O grão legislador, que a teus passados
Tem mostrado o preccito a que obedeces,
Sem o qual foreis muitos baptizados?
Eu por ti rudo, velo; e tu adormeces?
Pois saberás, que aquelles que chegados
De novo são, serão mui grande dano
Da lei que eu dei ao nescio povo humano.

L

Em quanto he fraca a força desta gente,
Ordena como em tudo se resista;
Porque quando o Sol sahe, facilmente
Se póde nelle pôr a aguda vista:
Porém despois que sobe claro e ardente,
Se agudeza dos olhos o conquista,
Tão cega fica, quanto ficareis
Se raizes criar lhe não tolheis.

LI

Isto dito, elle, e o somno se despede;
Tremendo fica o attonito Agareno,
Salta da cama, lume aos servos pede,
Lavrando nelle o fervido veneno.
Tanto que a nova luz, que ao Sol precede,
Mostrára rosto angelico e sereno,
Convoca os principaes da torpe seita,
Aos quaes do que sonhou dá conta estreita.

LII

Diversos pareceres, e contrarios
Alli se dão, segundo o que entendiam;
Astutas trauições, enganos varios,
Perfidias inventavam, e teciam:
Mas deixando conselhos temerarios,
Destruição da gente pretendiam,
Por manhas mais subtis, e ardis melhores,
Com peitas adquirindo os regedores.

LIII

Com peitas, ouro, e dadas secretas,
Conciliam da terra os principaes;
E com razões notaveis e discretas,
Mostram ser perdição dos naturaes;
Dizendo que são gentes inquietas,
Que os mares discorrendo Occidentaes,
Vivem só de piraticas rapinas,
Sem Rei, sem leis humanas, ou divinas.

LIV

Oh quanto deve o Rei que bem governa,
De olhar que os conselheiros, ou privados,
De consciencia, e de virtude interna,
E de sincero amor sejam dotados!
Porque como estê posto na superna
Cadeira, póde mal dos apartados
Negocios ter noticia mais inteira,
Do que lhe der a lingua conselheira.

Ajoutez à cela que pendant le sommeil d'un des plus fanatiques prêtres de Mahomet, qui haïssait la foi divine, maîtresse de toute chose, Bacchus, dont la haine n'est pas encore assouvie, lui apparaît dans un songe sous la forme de ce faux prophète, descendant du fils de l'esclave Agar.

« Mes disciples, s'écrie-t-il, prenez garde! Avant que le péril soit imminent, méfiez-vous du mal que prépare ce peuple ennemi, qui a traversé les flots humides. » A ces mots, le Maure se réveille en sursaut, quelque peu effrayé de ce songe; mais croyant que ce n'est qu'un rêve ordinaire, il se remet à dormir tranquillement.

Bacchus revient et lui dit : « Ne reconnais-tu pas le grand législateur qui a montré à tes ancêtres les préceptes que tu suis, et qui ont sauvé du baptême tant de tes frères? Eh! quoi, je veille pour toi, et tu dors? Sache donc que ces navigateurs récemment débarqués causeront de grands torts au culte dicté par moi à l'ignorante foule des mortels.

« Tandis que la force de ce peuple est encore insignifiante, oppose-lui partout de la résistance. Quand le soleil se lève, on peut facilement fixer les yeux sur lui; mais lorsqu'il s'éclaire ardent et radié dans le ciel, les téméraires qui osent le regarder deviennent aveugles; aveugles aussi vous deviendrez si vous n'empêchez cet ennemi de prendre pied sur vos terres. »

Il dit et disparaît aussitôt. Le Maure réveillé saute en tremblant de son lit et demande à ses esclaves un flambeau; le venin de la haine ronge son cœur. A peine la clarté bienfaisante, avant-garde du soleil, a-t-elle montré son visage calme et angélique, qu'il convoque les principaux membres de sa vile secte et leur expose son rêve en peu de mots.

Là chacun délibère, chacun émet une opinion différente; mille trahisons indignes, mille pièges atroces sont proposés tour à tour. Mais bientôt ils négligent ces moyens téméraires : pour perdre les navigateurs ils imaginent des ruses et des stratagèmes plus subtils, et se décident à corrompre par des présents les ministres du roi.

A force d'or, à force de présents distribués en secret, ils se concilient les principaux chefs du pays, et, en alléguant des raisons adroites, ils leur prouvent que les étrangers deviendront un fléau pour les habitants : « Ce sont, des peuples turbulents, leur disent-ils, qui parcourent les mers occidentales et ne vivent que de piraterie et de vol, sans roi, sans lois divines ni humaines. »

Rois qui voulez bien gouverner vos sujets, combien ne devez-vous pas vous attacher à ce que vos conseillers et vos favoris soient doués d'une conscience honnête, d'une vertu et d'un amour sincères! Du haut de votre trône élevé, jusqu'où ne parvient pas le bruit des affaires publiques, vous pouvez difficilement mieux apprendre la vérité que par la bouche de vos ministres.

LV

Nem tam pouco direi que tome tanto
Em grosso a consciencia limpa e certa,
Que se enleve n'hum pobre e humilde manto,
Onde ambição a caso aude encoberta.
E quando hum bom em tudo he justo, e santo,
Em negocios do mundo pouco acerta;
Que mal com elles poderá ter conta
A quieta innocencia, em só Deos pronta.

LVI

Mas aquelles avaros Catuais,
Que o Gentilico povo governavam,
Induzidos das gentes infernais,
O Portuguez despacho dilatavam.
Mas o Gama, que não pretende mais,
De tudo quanto os Mouros ordenavam,
Que levar a sen Rei hum signal certo
Do mundo, que deixava descoberto :

LVII

Nisto trabalha só, quem bem sabia,
Que depois que levasse esta certeza,
Armas, e náos, e gente mandaria
Manoel, que exercita a summa alteza,
Com que a seu jugo e lei sobmetterá
Das terras, e do mar a redondeza;
Que elle não era mais que hum diligente
Descobridor das terras do Oriente.

LVIII

Fallar ao Rei gentio determina,
Porque com seu despacho se tornasse;
Que já sentia em tudo da malina
Gente impedir-se quanto desejasse.
O Rei que da noticia falsa e indina
Não era d' espantar se s'espantasse,
Que tão credulo era em seus agouros,
E mais sendo affirmados pelos Mouros :

LIX

Este temor lhe esfria o baixo peito :
Por outra parte a força da cobiça,
A quem por natureza está sujeito,
Hum desejo immortal lhe accende, e atiga :
Que bem vê que grandissimo proveito
Fará, se com verdade, e com justiça,
O contrato fizer por longos annos,
Que lhe commette o Rei dos Lusitanos.

LX

Sobre isto nos conselhos que tomava,
Achava mui contrarios pareceres :
Que naquelles com quem se aconselhava,
Executa o dinheiro seus poderes.
O grande Capitão chamar mandava ;
A quem chegado disse : Se quizeres
Confessar-me a verdade limpa e nua,
Perdão alcançarás da culpa tua.

LXI

Eu sou bem informado, que a embaixada
Que de teu Rei me déste, que he fingida;
Porque nem tu teus Rei, nem patria amada;
Mas vagabundo vás passando a vida :
Que quem da Hesperia ultima alongada,
Rei, ou senhor, de insania desmedida,
Ha de vir commetter com náos e frotas,
Tão incertas viagens, e remotas?

LXII

E se de grandes reinos poderosos
O teu Rei tem a regia magestade,
Que presentes me trazes valerosos,
Signaes de tua incognita verdade?
Com peças, e dons altos sumptuosos,
Se lia dos Reis altos a amizade :
Que signal nem peuhor não são bastante,
As palavras d' hum vago navegante.

Je ne dirai pas que, dans votre désir de trouver une conscience pure, vous allicz la chercher sous un manteau humble et pauvre, où souvent se cache l'ambition. Or, quand un homme est complètement juste et saint, il est peu habile dans les affaires de ce monde; la paisible innocence, qui n'existe que pour Dieu seul, pourrait-elle s'occuper de pareilles frivolités?

Cependant les avides Catuals, qui gouvernaient le peuple indien, excités par ces hommes diaboliques, faisaient différer la réponse que le roi devait rendre aux Lusitaniens. Mais Gama, qui, malgré tout ce que machinaient les Maures, ne désirait rien de plus que porter à son roi un témoignage certain du monde qu'il venait de découvrir, Gama s'occupait uniquement d'obtenir ce témoignage.

Il n'ignorait pas qu'aussitôt qu'il aurait apporté cette nouvelle à Emmanuel, le chef suprême, celui-ci enverrait dans les Indes des armes, des soldats et des navires, pour soumettre à son joug et à ses lois toute l'étendue des terres et des mers: quant à lui, il n'était qu'un diligent capitaine, chargé de découvrir les pays de l'Orient.

Il se décide donc à parler au roi idolâtre, afin de pouvoir rapporter sa réponse à Emmanuel, car déjà il s'est aperçu des intentions malveillantes des Maures pervers. Effrayé à juste titre de cette nouvelle indignement forgée, le roi, qui croyait fermement aux présages, surtout lorsque les Maures les lui affirmaient, le roi sent la crainte lui refroidir le cœur.

D'un autre côté, son ambition naturelle, sa cupidité allument en sa poitrine un désir inextinguible: il voit bien l'avantage immense qu'il peut tirer de ce contrat durable que lui propose le roi des Lusitaniens, en supposant qu'il soit basé sur la vérité et la justice.

Les avis de ses ministres différaient beaucoup de ses intentions; c'est que l'argent accomplissait son œuvre auprès de ceux dont il demandait les conseils. Enfin, il fit appeler le grand capitaine, et aussitôt qu'il fut arrivé devant lui: « Si tu veux m'avouer la vérité entière, lui dit-il, tu obtiendras le pardon de tes fautes.

« J'ai la preuve certaine que l'ambassade de ton roi n'est qu'une fable, car tu n'as ni roi ni patrie, et tu mènes une vie de vagabondage. Quel est le prince ou le seigneur de la lointaine Hespérie qui serait assez insensé pour entreprendre avec une flotte des voyages aussi longs et aussi périlleux?

« S'il est vrai que ton souverain ait la possession suprême de grands et puissants royaumes, quels magnifiques présents m'apportes-tu, en signe de la vérité de tes propos? C'est avec des dons et des offres somptueuses que s'établit l'amitié des rois illustres; mais quelle garantie peut-on fonder sur les paroles d'un nauionier vagabond?

LXIII

Se por ventura vindes desterrados,
 Como já foram homens d' alta sorte,
 Em meu reino sercis agasalhados;
 Que toda a terra lie patria para o forte:
 Ou se piratas sois ao mar nsados,
 Dizei-mo sem temor de infamia, ou morte;
 Que por se sustentar em toda idade,
 Tudo faz a vital necessidade.

LXIV

Isto assi dito, o Gauua, que já tiuha
 Suspeitas das insidias que ordenava
 O Mahometico odio, donde vinha
 Aquillo que tão mal o Rei cuidava;
 C' huma alta confiança, que convinha,
 Com que seguro credito alcançava,
 Que Venus Acidalia lhe influia,
 Taes palavras do sabio peito abria:

LXV

Se os antigos delictos, que a malicia
 Humana commetteo na prisca idade,
 Não cansaram que o vaso da iniquicia,
 Açoute tão cruel da Christandade,
 Viera pôr perpetua inimicia
 Na geração de Adão, co' a falsidade;
 Ó poderoso Rei, da torpe scita
 Não concebêras tu tão má suspeita.

LXVI

Mas porque nenhum grande bem se alcança,
 Sem grandes oppressões, e em todo o feito
 Segue o temor os passos da esperança,
 Que em suor vive sempre de sen peito,
 Me mostras tu tão pouca confiança
 Desta minha verdade; sem respeito
 Das razões em contrario, que acharias
 Se não cresses a quem não crer devias.

LXVII

Porque se eu de rapinas só vivesse,
 Undivago, ou da patria desterrado,
 Como crês que tão longe me viesse
 Buscar assento incognito e apartado?
 Porque esperanças, ou porque interesse,
 Viria experimentando o mar irado,
 Os Antarcticos frios, e os ardores
 Que soffrem do Carneiro os moradores?

LXVIII

Se com grandes presentes d' alta estima
 O credito me pedes do que digo,
 Em não vim mais que a achar o estranho clima,
 Onde a uatura poz teu reino antigo:
 Mas se a fortuna tanto me sublima,
 Que torne á minha patria, e reino amigo,
 Então verás o dom soberbo e rico,
 Com que minha tornada certifico.

LXIX

Se te parece inopinado feito,
 Que Rei da ultima Hesperia a ti me mande,
 O coração sublime, o regio peito,
 Nenhum caso possibil tem por grande.
 Bem parece que o nobre, e grão conceito
 Do Lusitano espirito demande
 Maior credito, e fé de mais alteza,
 Que crea delle tanta fortaleza.

LXX

Sabe que ha muitos annos, que os antigos
 Reis nossos firmemente propuzeram
 De vencer os trabalhos, e perigos,
 Que sempre ás grandes cousas se oppuzeram:
 E descobrindo os mares inimigos
 Do quieto descanso, pretenderam
 De saber que fim tinham, e onde estavam
 As derradeiras praias que lavavam.

« Si par hasard vous êtes exilés, ainsi que cela est déjà arrivé à tant d'hommes remarquables, vous trouverez un abri dans mon royaume, car pour l'homme courageux tout pays devient une patrie : ou bien si vous êtes des pirates endurcis aux travaux de la mer, dites-le-moi sans redouter l'infamie ni la mort; les exigences de la vie peuvent toujours nous porter aux plus terribles extrémités. »

A ces mots, se doutant déjà des embûches que lui tendait la haine des Mahométans, source unique des soupçons du monarque, et, avec une profonde assurance qui lui obtenait un crédit assuré, et que Vénus Acidalie lui inspirait, Gama fit entendre ces paroles judicieuses :

« Roi puissant, si les crimes commis par les humains dès les premiers âges n'eussent point introduit dans la génération d'Adam, avec la perfidie, le vase de l'injustice, fléau si terrible de la chrétienté, vous n'auriez pas conçu ces méchants soupçons, inspirés par une secte aussi vile.

« Mais comme on n'obtient jamais un grand bienfait sans de grandes souffrances, comme dans toute action la crainte suit pas à pas l'espérance toujours inquiète, je m'explique que vous montriez aussi peu de confiance dans mes paroles, sans tenir compte des raisons que vous auriez sans doute trouvées vous-même, si vous n'aviez pas ajouté foi à l'imposture. »

« Si, en effet, je ne vivais que de rapine, errant sur les ondes ou banni de ma patrie, comment croiriez-vous que je serais venu chercher si loin un séjour inconnu? Quel espoir ou quel intérêt m'aurait poussé à essayer les intempéries de la mer, le froid de l'Antarctique et les ardeurs que supportent les peuples situés au-dessous du Bélier?

« Vous me demandez comme garantie de ce que j'avance des présents somptueux et magnifiques; mais songez que je ne suis venu que pour découvrir le territoire écarté où la nature a placé votre antique royaume. Si le sort consent à ce que je regagne ma patrie bien-aimée, vous pourrez alors admirer le don superbe avec lequel je célébrerai mon retour.

« S'il vous semble étrange qu'un roi de la lointaine Hespérie m'ait envoyé vers vous, sachez que le cœur élevé de mon souverain ne s'effraie d'aucun péril, quelque grand qu'il soit. En outre, je crois que le génie des Lusitaniens peut sans difficulté exiger qu'on ait en lui assez de confiance pour le juger capable d'une pareille entreprise.

« Apprenez que, depuis bien des années, nos anciens rois se sont fermement proposé de surmonter les travaux et les périls, obstacles inévitables des grandes œuvres; et, lorsqu'ils parcoururent les mers irritées, ils prétendirent en connaître la fin et découvrir les dernières plages qu'elles baignaient.

LXXI

Conceito digno foi do ramo claro
Do venturoso Rei, que arrou primeiro
O mar, por ir deitar do ninho claro
O morador de Abyla derradeiro :
Este, por sua industria, e engenho raro,
N' hum madeiro ajuntando outro madeiro.
Descobrir pôde a parte, que faz clara
De Argos, da Hydra a luz, da Lebre, e da Ara.

LXXII

Crescendo co' os successos bons primeiros
No peito as ousadias, descobriram
Ponco e ponco caminhos estrangeiros,
Que hums succedendo aos outros proseguiram.
De Africa os moradores derradeiros
Austraes, que nunca as sete flammias viram.
Foram vistos de nós, atraz deixando
Quantos estão os Tropicos queimando.

LXXIII

Assi com firme peito, e com tunanho
Proposito vencemos a Fortuna,
Até que nós no teu terreno estranho
Viemos pôr a ultima coluna :
Rompendo a força do liquido estanho
Da tempestade horrifica, e importuna,
A ti chegámos, de quem só queremos
Signal, que ao nosso Rei de ti levemos.

LXXIV

Esta he a verdade Rei, e que não faria
Por tão incerto bem, tão fraco premio,
Qual, não sendo isto assi, esperar podia,
Tão longo, tão fingido, e vão proemio :
Mas antes descansar me deixaria
No nunca descansado e fero gremio
Da madre Thetis, qual pirata unico,
Dos trabalhos alheios feito rico.

LXXV

Assi que, ó Rei, se minhã grão verdade
Tens por qual he, sincera e não dobrada,
Ajunta-me ao despacho brevidade,
Não me impidas o gosto da tornada :
E se inda te parece falsidade,
Cuida bem na razão que está provada.
Que com claro juizo pôde ver-se,
Que facil he a verdade d' entender-se.

LXXVI

Attento estava o Rei na segurança,
Com que provava o Gama o que dizia ;
Concebe delle certa confiança,
Credito firme, em quanto proferia :
Pondera das palavras a abastança,
Julga na autoridade grão valia ;
Começa de julgar por enganados
Os Catuaes corruptos, mal julgados.

LXXVII

Juntamente a cobiça do proveito,
Que espera do contracto Lusitano,
O faz obedecer, e ter respeito
Co' o Capitão, e não co' o Mauro engano.
Em fim, ao Gama manda que direito
Ás náos se vá, e seguro d' algum dano
Possa á terra mandar qualquer fazenda,
Que pela especiarã troque, e venda.

LXXVIII

Que mande da fazenda em fim lhe manda,
Que nos reinos Gaugeticos falleça ;
Se alguma traz idonea, lá da banda
Donde a terra se acaba, e o mar começa.
Já da Real presença veneranda,
Se parte o Capitão para onde peça
Ao Catual, que delle tinha cargo,
Embarcação, que a sua está de largo.

« C'était une pensée digne de cet illustre prince, fils du bienheureux roi qui le premier osa sillonner les mers, pour aller chasser de son nid bien-aimé le dernier habitant d'Abyla; grâce à sa science et à son rare génie, il put, après avoir ajouté une poutre à une autre poutre, découvrir toute la partie du monde qu'éclairent les constellations d'Argos, de l'Hydre, du Lièvre et de l'Autel.

« Ces premiers succès redoublèrent notre audace; peu à peu des chemins nouveaux s'ouvrirent, les expéditions se succédèrent. Les derniers habitants de l'Afrique méridionale, qui jamais n'ont pu voir les sept étoiles du Septentrion, furent aperçus de nous, après que nous avions dépassé les contrées qu'embrasent les feux des tropiques.

« C'est ainsi que par notre fermeté et notre constance nous avons su dompter le sort, jusqu'au moment où nous avons marqué sur ces rives étrangères le terme de nos travaux. Après avoir bravé le courroux des flots et l'horreur des tempêtes, nous sommes arrivés près de vous, et maintenant nous n'exigeons de votre part qu'un témoignage de notre arrivée, que nous puissions porter à notre roi.

« Voilà seigneur, la vérité entière; aurais-je inventé dans l'espoir si incertain d'une récompense aussi insignifiante, un discours aussi long et aussi mensonger? Non, sans doute; je serais resté en repos dans le domaine agité de Thétis, et, en pirate cruel, je m'enrichirais des biens d'autrui.

« Aussi, ô roi, si vous croyez à la sincérité et à la véracité de mes paroles, ne tardez pas à me donner votre décision, ne m'empêchez point de regagner ma chère patrie. Si au contraire vous me croyez un fourbe, ne consultez que la raison même; je viens de vous prouver qu'elle est pour moi, et c'est facile de s'en rendre compte; la vérité sait toujours se faire entendre. »

Le roi écoutait avec attention les propos assurés de Gama. Sa hardiesse lui inspire une certaine confiance, et, après avoir médité sur tout le poids de son discours, il y découvre le caractère de l'antérité, et commence à croire que ses ministres ont été trompés : il les jugeait bien mal, car, on le sait, les Catuals étaient corrompus.

En même temps, une autre considération l'engage à croire plutôt aux paroles du capitaine qu'aux calomnies des Maures; son ambition lui a montré les avantages qu'il peut retirer de l'alliance lusitanienne. Enfin il ordonne à Gama de se rendre immédiatement à sa flotte et d'envoyer sans crainte à terre une marchandise quelconque, que l'on puisse vendre ou échanger contre des épices.

Il lui recommande aussi de choisir une denrée qui manque dans les royaumes du Gange, dans le cas où il en ait apporté des contrées où la terre finit et la mer commence. Le capitaine, après avoir quitté le vénérable roi, s'en va de sa part demander au Catual une chaloupe, car la sienne est restée en pleine mer.

LXXIX

Embarcação que o leve ás náos lhe pede :
 Mas o máo regedor, que novos laços
 Lhe machinava, nada lhe concede.
 Interpondo tardanças e embaraços :
 Com elle parte ao caes, porque o arredo
 Longe quanto puder dos regios paços ;
 Onde, sem que seu Rei tenha noticia,
 Faça o que lhe ensiuar sua malicia.

LXXX

Lá bem longe lhe diz, que lhe daria
 Embarcação bastaute, em que partisse ;
 Ou que para a luz crastina do dia
 Futuro, sua partida differisse :
 Já com tantas tardanças entendia
 O Gama, que o Gentio consentisse
 Na má tenção dos Mouros, torpe e fera,
 O que delle atelli não entendera.

LXXXI

Era este Catual hum dos que estavam
 Corruptos pela Mahometana gente,
 O principal por quem se governavam
 As cidades do Samorim potente :
 Delle sómente os Mouros esperavam
 Efeito a seus enganos torpemente :
 Elle, que no concerto vil conspira,
 De suas esperanças não delira.

LXXXII

O Gama com instancia lhe requere
 Que o mande pôr nas náos, e não lhe val ;
 E que assi lho mandára, lhe refere,
 O uobre successor de Perimal.
 Porque razão lhe impede, e lhe differe
 A fazenda trazer de Portugal ;
 Pois aquillo que os Reis já tem mandado,
 Não póde ser por outrem derogado ?

LXXXIII

Pouco obedece o Catual corruto
 A taes palavras, antes revolvendo
 Na phantasia algum subtil, e astuto
 Engano diabolico, e estupendo ;
 Ou como baulhar possa o ferro bruto
 No sangue aborrecido, estava vendo ;
 Ou como as náos em fogo lhe abrazasse,
 Porque nenhuma á patria mais tornasse.

LXXXIV

Que uenhum torne á patria só pretende
 O conselho infernal dos Mahometanos,
 Porque não saiba nunca onde se estende
 A terra Eoa o Rei dos Lusitanos.
 Não parte o Gama em fim, que lho defende
 O regedor dos barbaros profauos ;
 Nem sem licença sua ir-se podia,
 Que as almadias todas lhe tolhia.

LXXXV

Aos brados e razões do Capitão,
 Responde o Idolatra, que mandasse
 Chegar á terra as náos, que longe estão.
 Porque melhor dalli fosse, e tornasse :
 Signal he de inimigo, e de ladrão,
 Que lá tão longe a frota se alargasse,
 Lhe diz, porque do certo e fido amigo
 He não temer do seu nenhum perigo.

LXXXVI

Nestas palavras o discreto Gama
 Enxerga bem, que as náos deseja perto
 O Catual, porque com ferro, e flamma
 Lhas assalte, por odio descoberto.
 Em varios pensamentos se derrama :
 Phantasiando está remedio certo,
 Que dêsse a quanto mal se lhe ordenava ;
 Tudo temia, tudo em fim cuidava.

Il lui demande une chaloupe, qui le mène à la flotte; mais, loin d'accéder à sa prière, le perfide ministre, qui médite de nouveaux pièges, lui refuse tout, en prétextant des retards et des difficultés. Il se rend avec lui sur le quai, afin de l'éloigner le plus possible des royales demeures, et d'y accomplir, à l'insu du roi, toutes les trahisons que sa malice pourra lui inspirer.

Quand ils sont bien loin du palais, il lui promet de lui donner une embarcation suffisante pour partir, sans quoi il pourra différer son voyage jusqu'au lever de l'aurore. Tous ces retards avertissaient Gama de l'accord qui régnait entre le ministre et le vil peuple mauritanien, accord dont, jusqu'ici, il ne s'était point douté.

Ce Catual était un de ceux qu'avait corrompus l'or des Mahométans, et le premier de ceux qui régissaient les villes du puissant Samorin; les Maures n'avaient qu'en lui seul l'espoir de voir réussir leurs machinations funestes. Quant à lui, intéressé dans cette lâche conspiration, il ne revenait pas de son espérance.

En vain Gama lui demandait instamment de le laisser rejoindre la flotte, ainsi que le lui avait ordonné le noble successeur de Périmal : « Pour quel motif, lui dit-il, m'empêchez-vous d'apporter au roi les marchandises portugaises? Il me semble que ce que les princes ordonnent ne peut être modifié par qui que ce soit. »

S'inquiétant peu de ces paroles, le Catual corrompu roulait sans doute en son esprit quelque subtile et adroite ruse, que le démon lui inspirait. Il réfléchissait certainement soit à la manière de tremper le fer dans ce sang qu'il détestait, soit au moyen d'incendier les vaisseaux, en sorte qu'aucun d'eux ne pût jamais regagner la patrie.

Tel est le principal souhait orné par l'infernal conseil des Mahométans; de cette façon, jamais le roi des Lusitaniens ne saura où les contrées de l'Orient sont situées. Gama est donc dans l'impossibilité de partir, empêché par le ministre de ces barbares, qui, pour le retenir, lui interdit toutes ses barques.

Aux cris d'indignation du capitaine, l'idolâtre répondit ces mots : « Faites approcher de terre vos navires qui sont restés au large, de façon à ce que vous puissiez plus facilement vous y rendre et en revenir. C'est, ajouta-t-il, une preuve d'inimitié ou de piraterie, que de laisser la flotte aussi loin du rivage. Un ami fidèle et sûr ne se méfie d'aucun danger. »

Par ces propos, le sage Gama voyait bien que, si le Catual désirait voir les vaisseaux près de terre, c'était afin de pouvoir assouvir sa haine, c'était pour les assaillir avec le fer et la flamme. Livré à des pensées diverses, il songeait au moyen d'éviter les pièges affreux qu'on lui ourdissait : il craignait tout, il pensait à tout.

LXXXVII

Qual o reflexo lume do polido
Espelho de aço, ou de crystal formoso (11).
Que do raio solar sendo ferido,
Vai ferir n' outra parte luminoso;
E sendo da ociosa mão movido
Pela casa do moço curioso,
Anda pelas paredes, e tellhado,
Tremulo aqui e alli, e dessocegado :

LXXXVIII

Tal o vago juizo fluctuava
Do Gama preso, quando lhe lembrára
Coelho, se por caso o esperava
Na praia co' os bateis, como ordenára :
Logo secretamente lhe mandava,
Que se tornasse á frota, que deixára,
Não fosse salteado dos enganos.
Que esperava, dos feros Mahometanos.

LXXXIX

Tal ha de ser, quem quer co' o dom de Marte
Imitar os illustres, e iguala-los :
Voar co' o pensamento a toda parte.
Adivinhar perigos, e evita-los :
Com militar engenho, e subtil arte,
Entender os inimigos, e engana-los :
Crer tudo em fim; que nunca louvarei
O capitão que diga : Não cuidei.

XC

Insiste o Malabar em te-lo preso,
Se não manda chegar á terra a armada;
Elle constante, e de ira nobre acceso.
Os ameaços seus não teme nada :
Que antes quer sobre si tomar o peso
De quanto mal a vil malicia ousada
Lhe andar armada, que pôr em ventura
A frota de seu Rei, que tem segura.

XCI

Aquella noite esteve alli detido,
E parte do outro dia, quando ordena
De se tornar ao Rei : mas impedido
Foi da guarda que tinha não pequena.
Commette-lhe o Gentio outro partido,
Temendo de seu Rei castigo, ou pena.
Se sabe esta malicia; a qual asinha
Saberá, se mais tempo alli o detinha.

XCII

Diz-lhe que mande vir toda a fazenda
Vendibil, que trazia, para terra.
Para que de vagar se troque e venda;
Que quem não quer commercio busca guerra.
Postoque os máos propositos entenda
O Gama, que o damnado peito encerra.
Consente; porque sabe por verdade.
Que compra co' a fazenda a liberdade.

XCIII

Concertam-se que o negro mande dar
Embarcações idoneas com que venha;
Que os seus bateis não quer aventurar
Onde lhos tome o inimigo, ou lhos detenha :
Partem as almuadias a buscar
Mercaderia Hispana, que convenha :
Escreve a seu irmão que lhe mandasse
A fazenda, com que se resgatasse.

XCIV

Vem a fazenda á terra, aonde logo
A agasalhou o infame Catual :
Com ella ficam Alvaro e Diogo (12),
Que a pudessem vender pelo que val.
Se mais que obrigação, que mando e rogo
No peito vil, o premio póde e val,
Bem o mostra o Gentio a quem o entenda,
Pois o Gama soltou pela fazenda.

De même que le miroir poli ou le cristal transparent (11), frappé par les rayons du soleil, renvoie au loin sa lumière éblouissante, et, agité par une main oisive, jette sur le toit de la maison voisine son reflet tremblant et inquiet :

Ainsi flottaient les pensées incohérentes de Gama, lorsque, tout à coup, il se rappela les ordres qu'il avait donnés à Coelho pour qu'il l'attendît sur le rivage avec les barques. Aussitôt il lui fit dire en secret de retourner vers la flotte, et de ne pas se laisser influencer par les fourberies dont il supposait capables les féroces Mahométans.

Ainsi doit agir quiconque veut, en suivant les lois de Mars, imiter les personnages illustres et les égaler. Il faut que sa pensée atteigne tout, et qu'elle devine et évite les périls; il faut qu'avec le génie militaire et l'adresse subtile il comprenne ses ennemis et les trompe; il faut enfin qu'il croie à tout, car jamais je ne l'oncrisi le capitaine qui dira : « Je ne le croyais pas. »

Le Malabare s'acharnait à le retenir malgré lui, s'il ne faisait pas approcher la flotte du rivage. Gama, persévérant dans ses intentions, et animé par une noble colère, ne se laissait point intimider par les menaces du ministre. Il aimait mieux supporter à lui seul tout le poids des machinations que tramaient contre lui ses ennemis, que d'exposer la flotte de son roi, qu'il avait laissée en sûreté.

Il resta là cette nuit encore et une partie du jour suivant, lorsqu'enfin il demanda à retourner auprès du roi; mais il en fut empêché par les nombreux soldats qui le surveillaient. Alors l'idolâtre lui fit une autre proposition, craignant un châtement de la part de son roi, si jamais il venait à découvrir cette trahison, et il ne tarderait pas à la découvrir, si le capitaine était plus longtemps retenu :

Il lui proposa de faire venir à terre toutes les marchandises qu'il apportait, afin qu'on eût le temps de les échanger ou de les vendre, car, disait-il, celui qui refuse le commerce cherche la guerre. Gama, quoique comprenant bien les perfides projets que renfermait ce cœur damné, consentit à ces conditions, n'ignorant pas qu'au prix des marchandises il achetait sa liberté.

On tomba d'accord que ce serait le nègre qui fournirait les embarcations nécessaires pour faire venir les marchandises, le capitaine ne voulant pas exposer ses barques aux caprices de l'ennemi. Aussitôt les almadies mettent à la voile pour aller chercher les marchandises d'Espagne qui pourront avoir quelque utilité. Vasco écrit à son frère de les lui envoyer comme prix de sa rançon.

A peine furent-elles arrivées à terre, que l'infâme Catual s'en empara; mais Alvaro et Diogo (12) restèrent là pour les surveiller et les vendre au prix qu'elles valaient. Combien auprès des cœurs avilis l'argent a plus de valeur que le devoir, l'obéissance ou la prière! L'Indien en donne la preuve à qui veut l'entendre, puisque, pour de simples marchandises, il délivra Gama.

XCV

Por ella o solta, crendo que alli tinha
 Penhor bastante, donde recebesse
 Interesse maior do que lhe vinha,
 Se o Capitão mais tempo detivesse.
 Elle vendo que já lhe não convinha
 Tornar á terra, porque não pudesse
 Ser mais retido, sendo ás náos chegado
 Nellas estar se deixa descansado.

XCVI

Nas náos estar se deixa vagaroso,
 Até ver o que o tempo lhe descobre ;
 Que não se fia já do cobiçoso
 Regedor corrompido, e pouco nobre.
 Veja agora o juizo curioso
 Quanto no rico, assi como no pobre,
 Póde o vil interesse, e sêde iniga
 Do dinheiro, que a tudo nos obriga.

XCVII

A Polydoro mata o Rei Threício.
 Só por ficar senhor do grão thesouro :
 Entra pelo fortissimo edificio
 Com a filha de Acrisio a chuva d' ouro :
 Póde tanto em Tarpeia avaro vicio,
 Que a troco do metal luzente, e louro,
 Entrega aos inimigos a alta torre,
 Do qual quasi affogada em pago morre.

XCVIII

Este rende munidas fortalezas,
 Faz traidores, e falsos os amigos :
 Este a mais nobres faz fazer vilezas,
 E entrega capitães aos inimigos :
 Este corrompe virginaes purezas,
 Sem temer de honra ou fama alguns perigos :
 Este deprava ás vezes as sciencias,
 Os juizos cegando, e as consciencias.

XCIX

Este interpreta mais que subtilmente
 Os textos : este faz, e desfaz leis :
 Este causa os perjurios entre a gente :
 E mil vezes tyrannos torna os Reis.
 Até os que só a Deos Omnipotente
 Se dedicam, mil vezes ouvireis,
 Que corrompe este encantador, e illude ;
 Mas não sem côr, com tudo, de virtude.

Il lui donna la liberté, croyant qu'il avait là un gage suffisant d'où il retirerait plus d'avantage que s'il gardait plus longtemps le capitaine. Celui-ci, voyant qu'il ne lui convenait plus de retourner à terre, et ne voulant pas s'exposer à un nouveau retard, aussitôt qu'il fut arrivé à sa flotte, s'y maintint en repos.

Il y resta tranquillement, en abandonnant au temps seul le soin de lui apprendre les événements, car il ne se fiait plus à ce ministre ambitieux, lâche et corrompu. Maintenant c'est aux esprits curieux de voir combien a de pouvoir chez les riches aussi bien que chez les pauvres le vil intérêt et la soif terrible de l'argent, qui nous pousse à tout faire.

Le roi de Thrace tua Polydore, dans le seul but de s'emparer de ses riches trésors. Traversant une tour inabordable, la pluie d'or tenta la fille d'Acrise. L'avidité eut tant d'empire sur Tarpéia, qu'elle rendit aux ennemis la forteresse élevée, en échange de ce métal blond et luisant, et, presque étouffée sous son poids, elle paya de sa mort sa perfidie.

L'or fait livrer à l'ennemi des citadelles imprenables, et inspire aux amis la fausseté et la bassesse; il pousse à la lâcheté les cœurs les plus nobles et les capitaines à la trahison; il corrompt la pureté des vierges, sans respecter honneur ni réputation; il débauche les esprits savants, en aveuglant les opinions et les consciences irréprochables.

Il fait interpréter les textes plus que subtilement; il fait et défait les lois; il est la cause de nos parjures et souvent de la tyrannie des souverains. Il n'y a pas jusqu'à ceux qui se consacrent au culte du Tout-Puissant, qui, sous le couvert de la vertu, ne se laissent mille fois séduire et corrompre par ce métal enchanteur.

CANTO IX

Algumas, que na forma descoberta
Do bello corpo estavam confiadas,
Posta a artificiosa formosura,
Nuas lavar se deixam na agua pura.

(Canto IX, Est. LXV.)



Quelques-unes, se fiant aux formes de
leur corps irréprochable, et mettant de côté
toute beauté artificielle, se jetaient nues
dans le flot limpide.

(Chant IX, Stan. LXV.)

CANTO NONO

I

Tiveram longamente na cidade
Sem venderem a fazenda os dons feitores,
Que os infieis por manha, e falsidade,
Fazem que não lha comprem mercadores :
Que todo seu proposito, e vontade,
Era deter alli os descobridores
Da India, tanto tempo, que viessem
De Meca as náos, que as suas desfizessem.

II

Lá no seio Erythreo, onde fundada
Arsinoe foi do Egyptico Ptolemeo,
Do nome da irmãa sua assi chamada,
Que depois em Suez se converteo;
Não longe o porto jaz da nomeada
Cidade Meca, que se engrandeceo
Com a superstição falsa, e profana,
Da religiosa agua Mahometana.

III

Gidá se chama o porto, aonde o trato
De todo o Roxo mar mais florescia,
De que tinha proveito grande, e grato,
O Soldão, que esse reino possuia.
Daqui aos Malabares, por contrato
Dos infieis, formosa compaulhia
De grandes náos pelo Indico Oceano.
Especiaria vem buscar cada anno,

IV

Por estas náos os Monros esperavam,
Que como fossem grandes e possantes,
Aquellas, que o commercio lhe tomavam,
Com flammias abrazassem crepitantes.
Neste soccorro tanto confiavam,
Que já não querem mais dos navegantes,
Senão que tanto tempo alli tardassem,
Que da famosa Meca as náos chegassem.

V

Mas o Governador dos céos, e gentes,
Que para quanto tem determinado,
De longe os meios dá convenientes,
Por onde vem a effeito o fim fadado;
Infinio piedosos accidentes
De affeição em Monçaide, que guardado
Estava para dar ao Gama aviso,
E merecer por isso o Paraíso.

VI

Este, de quem se os Mouros não guardavam,
Por ser Mouro como elles, antes era
Participante em quanto machinavam,
A tenção lhe descobre torpe e fera :
Muitas vezes as náos que longe estavam
Visita, e com piedade considera
O damno, sem razão, que se lhe ordena
Pela maligna gente Sarracena.

CHANT NEUVIÈME

Les deux messagers, faute de pouvoir vendre leurs marchandises, durent les garder longtemps dans la ville, car les malicieux infidèles, par leurs complots, écartaient les chalands; tous leurs projets et leurs désirs tendaient à retenir là les braves navigateurs, jusqu'à l'arrivée des vaisseaux de la Mecque, avec l'aide desquels ils pourraient détruire la flotte étrangère.

Dans le fond de la mer Érythrée, non loin de l'endroit où Ptolémée, roi d'Égypte, fonda la ville d'Arsinoé, à laquelle il donna le nom de sa sœur, et qui depuis prit celui de Suez, s'élève le fameux port de la Mecque, cité dont l'importance s'est accrue grâce à la superstition fautive et profane des disciples de Mahomet.

Ce port s'appelle Djedda : c'est là que florissait dans sa grande étendue le commerce de toute la mer Rouge, commerce dont tirait grand profit le Sondan qui possédait ce royaume. De là, d'après un contrat passé entre les infidèles et les Malabares, chaque année une foule de navires traversent l'Océan indien, pour venir chercher des épices.

C'est avec le secours de ces vaisseaux aux puissants et vastes flancs que les Maures espéraient livrer à la fureur des flammes cette flotte qui venait leur ravir leur commerce. Telle était leur confiance dans cet appui, qu'ils n'exigeaient plus qu'une chose des navigateurs : qu'ils demeurassent assez longtemps dans leur port pour que leurs navires eussent le temps d'arriver de la Mecque.

Mais le souverain roi des cieux et des hommes, qui, lorsqu'il prend une résolution, a toujours préparé de loin les moyens de la mettre à exécution, de façon à atteindre l'effet prédestiné, Dieu souffla une pieuse affection dans le cœur de Monçaïde, qu'il avait réservé pour donner à Gama les conseils nécessaires, et mériter par là le paradis.

Maire comme eux, il n'inspirait à ses camarades aucune défiance, et prenait part à toutes leurs machinations; aussi put-il dévoiler à Gama leurs lâches projets. Il alla souvent visiter les navires qui étaient au large, en considérant avec pitié l'injuste préjudice que leur préparait le malicieux peuple sarrasin.

VII

Infôrma o cauto Gama das armadas
Que de Arabica Meca vem cada anno,
Que agora são dos seus tão desejadas,
Para ser instrumento deste dano :
Diz-lhe, que vem de gente carregadas,
E dos trovões horrendos de Vulcano;
E que pôde ser dellas opprimido,
Segundo estava mal apercebido.

VIII

O Gama, que tambem considerava
O tempo, que para a partida o chama,
E que despacho já não esperava
Melhor do Rei, que os Mahometanos ama;
Aos feitores, que em terra estão, mandava
Que se tornem ás náos : e porque a fama
Desta subita vinda os não impida,
Lhe manda que a fizessem escondida.

IX

Porém não tardou muito, que voando
Hum rumor não soasse, com verdade,
Que foram presos os feitores, quando
Foram sentidos vir-se da cidade.
Esta fama as orelhas penetrando
Do sabio Capitão, com brevidade
Faz represalia n' huns, que ás náos vieram
A vender pedraria que trouxeram.

X

Eram estes, antigos mercadores
Ricos em Calecut, e conhecidos;
Da falta delles, logo entre os melhores
Sentido foi, que estão no mar retidos.
Mas já nas náos os bons trabalhadores
Volvem o cabrestante, e repartidos
Pelo trabalho, huns puxam pela amarra,
Outros quebram co' o peito duro a barra.

XI

Outros pendem da verga, e já desatam
A vela, que com grita se soltava;
Quando com maior grita ao Rei relatam
A pressa, com que a armada se levava :
As mulheres, e filhos, que se matam,
Daquelles que vão presos, onde estava
O Samorim, se aqueixam que perdidos
Huns tem os pais, as ontras os maridos.

XII

Manda logo os feitores Lusitanos
Com toda sua fazenda livremente,
A pezar dos inimigos Mahometanos,
Porque lhe torne a sua presa gente;
Desculpas manda o Rei de seus enganos :
Recebe o Capitão de melhor mente
Os presos, que as desculpas; e tornando
Alguns negros, se parte as velas dando.

XIII

Parte-se costa abaixo, porque entende
Que em vão co' o Rei gentio trabalhava
Em querer delle paz, a qual pretende
Por firmar o commercio que tratava.
Mas como aquella terra, que se estende
Pela Aurora, sabida já deixava,
Com estas novas torna á patria clara,
Certos signaes levando do que achava.

XIV

Leva alguns Malabares, que tomou
Por força, dos que o Samorim mandára,
Quando os presos feitores lhe tornou;
Leva pimenta ardente, que comprára :
A secca flor de Banda não ficou (1),
A noz, e o negro cravo, que faz clara
A nova ilha Maluco, co' a canella,
Com que Ceilão he rica, illustre, e bella.

Il avertit le sage Gama que, chaque année, des flottes venaient de la ville musulmane, et que ses compatriotes ne souhaitaient leur arrivée que pour les employer à leur vengeance. Il ajouta que ces vaisseaux viendraient chargés de soldats et des foudres horribles de Vulcain, et que l'escadre hisitanienne n'était pas suffisamment armée pour soutenir la lutte.

Gama, considérant aussi le temps qui l'invitait à partir, et n'espérant plus une réponse favorable de la part de ce roi qui protégeait les Mahométans, donna l'ordre aux messagers qui étaient à terre de retourner à la flotte; et, de peur que le bruit de cette fuite précipitée ne mît un obstacle à leur départ, il leur ordonna de partir en secret.

Cependant la Renommée, qui cette fois dit vrai, ne tarda pas à annoncer que les deux envoyés avaient été mis en prison au moment où ils sortaient de la ville. A peine ce bruit fut-il arrivé aux oreilles du prudent capitaine, qu'immédiatement il se saisit, par représailles, de quelques Indiens qui s'étaient rendus à la flotte pour vendre des pierres.

C'étaient d'anciens marchands, riches et connus à Calicut. Bientôt, parmi les principaux habitants, on s'aperçut de leur absence et de leur captivité sur la mer. Mais déjà sur les navires les matelots laborieux tournent le cabestan, et, se partageant la besogne, les uns tirent l'amarre, les autres rompent les leviers, de leur poitrine de fer.

D'autres grimpent sur la vergue, pour dénouer la voile qui se déroule au milieu des cris des mariniens. A ce moment des cris plus perçants encore annoncent au Samorin le prochain départ des navires. Les femmes et les enfants des prisonniers, livrés au désespoir, se plaignent amèrement auprès du roi, les uns de perdre leurs maris et les autres leurs pères.

Malgré l'opposition des Mahométans, le Samorin renvoie les messagers portugais libres et en possession de leurs marchandises, afin qu'on lui rende ses prisonniers, et en même temps il fait des excuses sur son erreur. Le capitaine reçoit plus favorablement les prisonniers que les excuses, et, après avoir mis en liberté quelques-uns de ces noirs, il s'éloigne à pleines voiles.

Il part en descendant le long de la côte, car il comprend bien que vainement il aurait cherché à obtenir de ce roi le traité de paix dont il avait besoin pour s'assurer le commerce qu'il recherchait. Mais, comme il connaissait déjà les pays de l'Orient qu'il laissait derrière lui, il reprit avec ces nouvelles le chemin de sa chère patrie, en emportant des témoignages irrécusables de sa découverte.

Il emmenait avec lui quelques Malabares, qu'il avait pris de force parmi ceux que lui avait envoyés le Samorin en lui rendant ses ambassadeurs délivrés; il emportait du poivre ardent, qu'il avait acheté; il n'oublia ni la fleur desséchée de Banda (1) ni la muscade ni le girofle, dont s'honorèrent les nouvelles îles Moluques, ni la cannelle, qui enrichit l'illustre Ceylan.

XV

Isto tudo lhe houvera a diligencia
De Monçãide fiel, que taubem leva.
Que inspirado de angelica influencia,
Quer no livro do Christo que se escreva.
Oh ditoso Africano, que a clemencia
Divina assi tiron d'escura treva,
E tão longe da patria achou maneira
Para subir á patria verdadeira!

XVI

Apartadas assi da ardente costa
As venturosas náos, levando a proa
Para onde a natureza tinha posta
A meta Austrina da esperanza boa;
Levando alegres novas, e resposta
Da parte Oriental para Lisboa;
Outra vez commettendo os duros medos
Do mar incerto, tímidos e ledos:

XVII

O prazer de chegar á patria chara,
A seus penates charos, e parentes,
Para contar a peregrina, e rara
Navegação, os varios céos, e gentes;
Vir a lograr o premio que gaulhára
Por tão longos trabalhos, e accidentes.
Cada hum, tem por gosto tão perfeito,
Que o coração para elle he vaso estreito.

XVIII

Porém a deosa Cypria, que ordenada
Era para favor dos Lusitanos,
Do Padre eterno, e por bom genio dada,
Que sempre os guia já de longos annos;
A gloria por trabalhos alcançada,
Satisfação de bem soffridos danos,
Lhe andava já ordenando, e pretendia
Dar-lhe uos mares tristes, alegria.

XIX

Despois de ter hum pouco revolvido
Na mente o largo mar que navegaram,
Os trabalhos que pelo Deos nascido
Nas Amphioneas Thebas se causaram;
Já trazia de longe no sentido,
Para premio de quanto mal passaram,
Buscar-lhe algum deleite, algum descausq,
No reino de crystal liquido, e manso:

XX

Alguno repouso em fim, coui que pudesse
Refocilar a lassa humanidade
Dos navegantes seus, como interesse
Do trabalho, que encurta a breve idade.
Parece-lhe razão que conta dêsse
A seu filho, por cuja potestade
Os deoses faz descer ao vil terreno,
E os humanos subir ao céo sereno.

XXI

Isto bem revolvido, determina
De ter-lhe apparelhada lá no meio
Das aguas, alguma insula divina,
Ornada d' esmaltado e verde arceo:
Que muitas tem no reino que confina
Da primeira co' o terreno seio,
Afora as que possue soberanas,
Para dentro das portas Herculanas.

XXII

Alli quer que as aquaticas donzellas
Esperem os fortissimos Barões,
Todas as que tem titulo de bellas,
Gloria dos olhos, dôr dos coraçãoes,
Com danças, e choreas, porque nellas
Influirá secretas affeições,
Para com mais vontade trabalharem
De contentar a quem se affeiçoarem.

Tout cela lui avait été fourni par le diligent et fidèle Monçaïde, qu'il emmenait aussi. Ce dernier, inspiré par la grâce divine, voulut qu'on inscrivît son nom sur le livre du Christ. Heureux Africain ! La clémence du ciel t'a ainsi retiré des ténèbres opaques, et, si loin de ta patrie, tu as retrouvé le chemin de ta patrie véritable !

Éloignés ainsi de l'ardente côte, les vaisseaux fortunés, la proue tournée vers le point où la nature avait placé la limite australe de la Bonne Espérance, portaient vers Lisbonne de joyeuses nouvelles et des indices certains des contrées orientales. De nouveau ils allaient entreprendre les dangers de la mer incertaine, dangers tout à la fois cruels et pleins de charme.

Quel bonheur pour les marins d'arriver à la patrie bien-aimée, dans leurs foyers, près de leurs parents, de pouvoir leur raconter cette bizarre et lointaine navigation, et leur faire la relation des pays et des habitants divers qu'ils avaient vus ! Chacun prend tant de plaisir à l'idée d'aller obtenir le prix de tant de travaux et de périls, que son cœur en déborde comme un vase trop plein.

Cependant la déesse de Chypre, qui était toujours disposée en faveur des Lusitaniens obéissant en cela aux ordres du Père éternel et de son bon génie, qui les guidait depuis de longues années, leur ménageait déjà la gloire qu'ils avaient acquise par leurs souffrances, et, comme récompense de tant de maux, elle voulait leur donner la joie au milieu du triste Océan.

Après avoir un peu médité à la longueur de la route qu'ils avaient parcourue et aux peines que leur avait fait endurer le dieu thébain, elle avait imaginé depuis longtemps de leur trouver, pour prix de leurs misères passées, quelque délice, quelque délasserment dans le paisible royaume des eaux cristallines.

Elle désirait leur procurer un peu de repos, afin de remettre de leurs fatigues ses navigateurs bien-aimés, comme compensation du travail, qui abrège la vie déjà si courte. Il lui parut raisonnable d'en rendre compte à son fils, par la puissance duquel elle fait descendre les dieux aux profondeurs terrestres, et transporte les humains au ciel élevé.

Après ces réflexions, elle se résout à leur tenir préparée au sein des eaux quelque île divine émaillée de fleurs et de verdure, comme elle en a plusieurs dans le royaume humide, depuis la Taprobane jusqu'aux délicieuses demeures qu'elle possède par delà les portes d'Hercule.

Là elle désire que les nymphes des eaux attendent les braves guerriers ; elle choisit parmi ces nymphes celles qui ont le don de la beauté, réjouissance des yeux et martyre des cœurs ! Elle leur apprend aussi des danses et des chorées tout en leur inspirant une affection vague, pour qu'elles mettent plus de zèle à contenter les désirs de leurs amants.

XXIII

Tal manha buscou já, para que aquelle
Que de Anchises pario, hem recebido
Fosse no campo, que a bovina pelle
Tomou de espaço, por subtil partido :
Sen filho vai buscar, porque só nelle
Tem todo sen poder, fero Cupido;
Que assi como naquella empresa antiga
A ajudou já, n'est' outra a ajude, e siga.

XXIV

No carro ajunta as aves, que na vida
Vão da morte as exequias celebrando.
E aquellas em que já foi convertida
Peristera (2), as boninas apanhando.
Em derredor da deosa já partida,
No ar lascivos beijos se vão dando :
Ella por onde passa, o ar, e o vento
Serenoz faz, com brandoz movimento.

XXV

Já sobre os Idalios montes pende,
Onde o filho frecheiro estava então.
Ajuntando outros muitos, que pretende
Fazer humma famosa expedição
Contra o mundo rebelde, porque emende
Erros grandes, que ha dias nelle estão.
Amando cousas, que nos foram dadas,
Não para ser amadas, mas usadas.

XXVI

Via Acteon (3) na caça tão austero.
De cego na alegria bruta, insana.
Que por seguir hum feio animal fero.
Foge da gente, e bella forma humana :
E por castigo quer, doce e severo,
Mostrar-lhe a formosura de Diana:
E guarde-se não seja inda comido
Desses cães, que agora ama, e consumido.

XXVII

E vê do mundo todo os principais,
Que nenhum no bem publico imagina;
Vê nelles, que não tem amor a mais,
Que a si sómente, e a quem Philancia ensina (4) :
Vê que esses que frequentam os reais
Paços, por verdadeira e sã doutrina
Vendem adulação que mal consente
Mondar-se o novo trigo florecente.

XXVIII

Vê que aquelles que devem á pobreza
Amor divino, e ao povo charidade,
Amam sómente mandos, e riqueza,
Simulando justiça, e integridade.
Da feia tyrannia, e de asperceza,
Fazem direito, e vãa severidade :
Leis em favor do Rei se estabelecem ;
As em favor do povo só perecem.

XXIX

Vê em fim, que ninguem ama o que deve,
Senão o que sómente mal deseja :
Não quer que tanto tempo se releve
O castigo que duro, e justo seja.
Seus ministros ajunta, porque leve
Exercitos conformes á peleja
Que espera ter co' a mal regida gente,
Que lhe não for agora obediente.

XXX

Muitos destes meninos voadores
Estão em varias obras trabalhando,
Huns amolando ferros passadores,
Outros hasteas de settas delgaçando ;
Trabalhando, cantando estão de amores,
Varios casos em verso modulando ;
Melodia sonora, e concertada,
Suave a letra, angelica a soada.

Jadis aussi elle employa ce moyen, afin que le fils d'Achille fût bien accueilli dans la ville bâtie, par une ruse subtile, sur le terrain que pourrait recouvrir une peau de bœuf. Aussitôt elle court chercher son fils, le cruel Cupidon, en qui elle fonde tout son pouvoir; et, comme il l'a secourue dans cette antique entreprise, elle espère aussi qu'il l'aidera dans celle que maintenant elle médite.

Elle attèle à son char les oiseaux qui célèbrent avant de mourir leurs propres obsèques, et celui en qui fut convertie Péristère (2), pendant qu'elle cueillait des pâquerettes. A son départ, on entend autour de la déesse le bruit de lascifs baisers, et, partout où elle passe, elle adoucit d'un geste gracieux et les airs et les vents.

Déjà elle flotte au-dessus des monts Idaliens. Là se tenait son fils l'archer, en compagnie de plusieurs autres amours; son projet était de faire une fameuse expédition contre le monde rebelle, afin de corriger les grands abus qui accablent les mortels depuis qu'ils aiment des choses qui ne leur ont pas été données pour qu'ils en abusent, mais bien pour qu'ils en usent avec modération.

Il voyait un nouvel Actéon (3) se livrer avec tant d'ardeur à la brutale passion de la chasse, que, pour suivre une bête féroce, il fuyait le monde et évitait les belles formes humaines : aussi, comme châtement, veut-il, doux et sévère à la fois, lui montrer la beauté de Diane; c'est à lui de prendre garde d'être encore dévoré par ces chiens que maintenant il caresse.

Cupidon voit aussi tous les grands personnages de l'univers; aucun d'eux ne s'occupe du bien public; il s'aperçoit qu'ils n'ont d'amour que pour eux-mêmes et pour les disciples de Philantia (4). Il remarque que les courtisans enseignent, pour de la véritable et saine science, la flatterie, qui ne permet pas de monder le jeune épi florissant.

Ceux qui doivent à la pauvreté une pieuse tendresse et la charité au peuple, n'aiment que la puissance et la richesse, tout en simulant la justice et l'intégrité; de la cruelle tyrannie et de la férocité, ils font le droit et la vaine sévérité. Les lois se conservent, lorsqu'elles sont favorables aux rois; tombent seulement celles que l'on a faites dans l'intérêt du peuple.

Il voit enfin que nul n'aime ce qu'il devrait aimer, et que le mal seul est préféré à tout; il ne veut pas qu'un châtement cruel et juste se fasse plus longtemps attendre. Il assemble ses ministres, afin de former des armées proportionnées aux combats qu'il espère livrer aux mortels égarés et rebelles.

Plusieurs de ces enfants ailés s'occupent à divers travaux : les uns aiguissent le fer perçant; d'autres amincissent des tiges de flèches. Tout en travaillant, ils font entendre sur des accords amoureux des aventures poétiques; dans leur concert harmonieux et sonore, les paroles sont douces, les airs sont divins.

XXXI

Nas fragoas immortaes, onde forjavam
 Para as settas as pontas penetrantes,
 Por lenha, corações ardendo estavam,
 Vivas entranhas inda palpitantes :
 As aguas onde os ferros temperavam,
 Lagrimas são de miseros amantes ;
 A viva flamma, o nuca morto lume,
 Desejo he só que queima, e não consume.

XXXII

Alguns exercitando a mão andavam,
 Nos duros corações da plebe dura ;
 Crebros suspiros pelo ar soavam,
 Dos que feridos vão da setta aguda :
 Formosas nymphas são as que curavam
 As chagas recebidas, cuja ajuda
 Não sómente dá vida aos mal feridos,
 Mas poem em vida os inda não nascidos.

XXXIII

Formosas são algumas, e outras feias,
 Segundo a qualidade for das chagas ;
 Que o veneno espalhado pela veias
 Curam-no ás vezes asperas triagas.
 Alguns ficam ligados em cadeias,
 Por palavras subtis de sabias magas ;
 Isto acontece ás vezes, quando as settas
 Acertam de levar hervas secretas.

XXXIV

Destes tiros assi desordenados,
 Que estes moços mal destros vão tirando,
 Nascem amores mil desconcertados
 Entre o povo ferido, miserando :
 E tambem nos heroes de altos estados
 Exemplos mil se veem de amor nefando ;
 Qual o das moças, Bibli (5), e Cinyrea ;
 Hum mancebo de Assyria ; hum de Judea,

XXXV

E vós, ó poderosos, por pastoras
 Muitas vezes ferido o peito vedes ;
 E por baixos e rudos, vós seuhoras,
 Tambem vos tomam nas Vulcancas redes.
 Huns esperando andais nocturnas horas,
 Outros subis telhados e paredes :
 Mas en creio que deste amor indino,
 He mais culpa a da mãe, que a do menino.

XXXVI

Mas já no verde prado o carro leve
 Punham os brancos cysnes mansamente ;
 E Dione, que as rosas entre a neve
 No rosto traz, descia diligente.
 O frecheiro, que contra o céu se atreve,
 A recebe-la vem, ledo e contente ;
 Vem todos os Cupidos servidores
 Beijar a mão á deusa dos amores.

XXXVII

Ella, porque não gaste o tempo em vão,
 Nos braços tendo o filho, confiada
 Lhe diz : Amado filho, em cuja mão
 Toda minha potencia está fundada ;
 Filho, em quem minhas forças sempre estão ;
 Tu que as armas Typheas (6) tens em nada,
 A soccorrer-me a tua potestade
 Me traz especial necessidade.

XXXVIII

Bem vês as Lusitanicas fadigas,
 Que eu já de muito longe favoreço.
 Porque das Parcas sei minhas amigas,
 Que me hão de venerar, e ter em preço.
 E porque tanto imitam as antigas
 Obras de meus Romanos, me offereço
 A lhe dar tanta ajuda em quanto posso,
 A quanto se estender o poder nosso.

Dans les fournaises immortelles où ils forgent pour leurs flèches des pointes aiguës, au lieu de bois ils brûlent des cœurs, des entrailles qui palpitent encore; les eaux où ils trempent leurs fers, ce sont les larmes de malheureux amants; la flamme vivace, qui jamais ne s'éteint, n'est autre chose que le désir ardent, qui brûle sans consumer.

Quelques-uns exercent leur adresse sur les cœurs endurcis de la grossière plèbe; dans l'air on entend les soupirs redoublés que lancent les victimes blessées par la flèche acérée. De charmantes nymphes viennent panser ces plaies, et non-seulement leurs secours rendent la vie aux blessés, mais encore, grâce à elles, le nombre des existences redouble.

Parmi ces nymphes, les unes sont belles, d'autres laides, selon la nature des plaies, car souvent l'amer antidote chasse des veines le poison qui s'y est répandu. Quelques-uns de ces blessés demeurent enchaînés par la seule force des paroles subtiles de doctes magiciennes : ceci arrive quelquefois, lorsque les flèches sont trempées dans des herbes secrètes.

De tous ces traits lancés au hasard par ces enfants maladroits, naissent des milliers d'amours déréglés parmi le malheureux peuple qui les a reçus. Souvent aussi dans le cœur des héros de noble race on voit mille exemples de ces passions funestes : telles Cinyrée et Biblis (5); tels ce jeune Assyrien et cet enfant de la Judée.

Puissants de la terre, que de fois votre cœur blessé a battu pour des bergères! Et vous, ô grandes dames, n'avez-vous pas été prises dans les filets de Vulcain pour de grossiers et rudes céladons? Vous, n'avez-vous pas attendu l'heure de la nuit? Vous autres, n'avez-vous pas escaladé des toits ou des murailles? Mais je crois que cet amour indigne est plutôt l'ouvrage de Vénus que celui de son enfant.

Déjà les cygnes argentés ont déposé doucement le char léger sur la verte prairie; Dionée, dont le visage a l'éclat de la neige semée de roses, en descend lestement. L'archer, qui ose frapper même les immortels, vient à sa rencontre joyeux et riant, suivi de tous ses ministres, qui accourent baiser les mains à la déesse des amours.

Celle-ci, pour ne pas perdre son temps si précieux, prend son fils dans ses bras, et lui dit avec assurance : « Cher enfant en qui j'ai basé tout mon pouvoir, fils bien-aimé, sans qui je n'ai point de forces, toi qui ne crains même pas la foudre dont Jupiter écrasa l'lyphée (6), une nécessité impérieuse m'amène à te demander ton appui.

« Tu vois combien je protège depuis longtemps les travaux des Lusitaniens; c'est que les Parques, mes amies, m'ont annoncé qu'ils me vénéreront et qu'ils respecteront mon culte; et, comme ils imitent si fidèlement les antiques œuvres de mon peuple romain, je me propose d'employer en leur faveur tout ce que le destin nous a donné de force et de puissance.

XXXIX

E porque das insidias do odioso
 Baccho foram na India molestados,
 E das injurias sós do mar undoso,
 Puderam mais ser mortos, que cansados :
 No mesmo mar, que sempre temeroso
 Lhe foi, quero que sejam repousados ;
 Tomando aquelle premio, e doce gloria,
 Do trabalho que faz clara a memoria.

XL

E para isso queria que feridas
 As filhas de Nereo, no ponto fundo,
 D' amor dos Lusitanos incendidas
 Que vem de descobrir o novo mundo ;
 Todas n'humna ilha juntas, e subidas,
 Ilha, que nas entranhas do profundo
 Oceano, terci apparelhada,
 De dons de Flora, e Zephyro adornada :

XLI

Alli com mil refrescos e manjares,
 Com vinhos odoriferos, e rosas,
 Em crystallinos paços singulares,
 Formosos leitos, e ellas mais formosas ;
 Em fim, com mil deleites não vulgares,
 Os esperem as nymphas amorosas ;
 D' amor feridas, para lhe entregarem
 Quanto dellas os olhos cobiçarem.

XLII

Quero que haja no reino Neptunino,
 Onde eu nasci, progenie forte e bella,
 E tome exemplo o mundo vil, malino,
 Que contra tua potencia se rebella,
 Porque entendam que muro adamantino,
 Nem triste hypocrisia val contra ella :
 Mal haverá na terra quem se guarde,
 Se teu fogo immortal nas agnas arde.

XLIII

Assi Venus propoz, e o filho unico
 Para lhe obedecer já se aperecebe ;
 Manda trazer o arco eburneo, rico,
 Onde as settas de ponta de ouro embebe.
 Com gesto ledo a Cypria, e impudico,
 Dentro no carro o filho seu recebe ;
 A redea larga ás aves, cujo canto
 A Phactontea morte chorou tanto.

XLIV

Mas diz Cupido, que era necessaria
 Humna famosa e celebre terceira,
 Que postoque mil vezes lhe he contraria,
 Outras muitas a tem por companheira :
 A deosa Gigantea, temeraria,
 Jactante, mentirosa, e verdadeira,
 Que com cem olhos vê, e por onde voa,
 O que vê, com mil bocas apregoa.

XLV

Vão a buscar, e mandam a diante,
 Que celebrando va com tuba clara,
 Os louvores da gente navegante,
 Mais do que nunca os d' outrem celebrára :
 Já murmurando a Fama penetrante
 Pelas fundas cavernas se espalhára ;
 Falla verdade, havida por verdade,
 Que junto a deosa traz Credulidade.

XLVI

O louvor grande, o rumor excellente
 No coração dos deoses, que indignados
 Foram por Baccho contra a illustre gente,
 Mudando os fez hum pouco affeiçãoados.
 O peito feminino, que levemente
 Muda quaesquer propositos tomados,
 Já julga por máo zelo, e por crueza
 Desejar mal a tanta fortaleza.

« Et puisque jusqu'à présent, malgré les embûches que leur a tendues dans l'Inde l'odieux Bacchus, malgré le courroux de la mer agitée, ils ont toujours mieux aimé mourir que d'avouer leur fatigue, je désire qu'ils trouvent le repos dans cette même mer qui leur a toujours été contraire, et qu'ils reçoivent la récompense glorieuse de ces exploits qui illustrent la mémoire des hommes.

« Ainsi donc je voudrais voir au fond des eaux les filles de Nérée blessées par tes flèches, et éprises d'amour pour ces Lusitaniens qui viennent de découvrir un nouveau monde; ainsi frappées, elles accourraient toutes dans une île, que j'aurais préparée dans le sein de la mer et enrichie des dons de Flore et de Zéphire.

« Là on trouverait mille mets et mille boissons rafraîchissantes, des vins parfumés et des roses, et, dans un palais éclatant de cristal, des couches splendides et les nymphes, plus belles encore; enfin au milieu des délices les plus rares, elles attendraient impatiemment les guerriers, pour leur donner tous les trésors que convoiteraient chez elles les regards voluptueux.

« Je veux qu'il y ait dans le royaume de Neptune, où je suis née, une race forte et belle. Ce sera un grand exemple pour les malicieux mortels qui se révoltent contre ta puissance; ils verront bien que ni des murailles de diamant ni une vile hypocrisie ne peuvent rien contre elle; et, si ton feu immortel brûle même dans les eaux, qui dorénavant lui échappera sur la terre? »

Ainsi parla Vénus, et aussitôt son redoutable enfant fait les préparatifs nécessaires pour obéir à ses ordres; il envoie chercher son précieux arc d'ivoire, avec lequel il lance ses flèches à la pointe d'or. Vénus, d'un air joyeux et lascif, reçoit son fils dans son char, et lâche la bride aux oiseaux dont le chant plaintif a tant pleuré la mort de Phaéton.

Cependant Cupidon fait remarquer qu'il leur manque une troisième divinité, dont la célébrité retentit dans l'univers entier; souvent contraire à ses projets, elle lui est pourtant quelquefois fidèle. C'est cette déesse à la taille gigantesque, qui, pleine de jactance et de témérité, et rapportant tantôt la vérité, tantôt le mensonge, répète par ses mille bouches ce qu'elle a vu avec ses cent yeux.

Vénus et Cupidon vont à sa rencontre, et lui ordonnent de les précéder, afin que, plus bruyamment que jamais, elle répande avec sa trompette sonore les louanges des navigateurs. Bientôt la Renommée se glissa en murmurant jusque dans les antres profonds: ses échos véridiques furent bien accueillis de toutes parts, car près de la déesse marchait la Crédulité.

Toutes ces louanges, tous ces bruits si favorables aux braves navigateurs, rendirent plus calmes et plus propices les dieux dont Bacchus avait excité l'indignation. Le cœur féminin, qui revient facilement sur les résolutions qu'il a prises, considère maintenant comme un mauvais vouloir et une cruauté de souhaiter du mal à un peuple aussi courageux.

XLVII

Despede nisto o fero moço as settas
 Huma após outra; geme o mar co' os tiros :
 Direitas pelas ondas inquietas
 Algumas vão, e algumas fazem giros :
 Cahem as nymphas, lançam das secretas
 Entranhas ardentissimos suspiros ;
 Cahe qualquer, sem ver o vulto que ama ;
 Que tanto como a vista póde a fauna.

XLVIII

Os cornos ajuntou de eburnea lãa,
 Com força o moço indomito excessiva,
 Que Tethys quer ferir mais que nenhuma,
 Porque mais que nenhuma lhe era esquivã.
 Já não fica na aljava setta alguma,
 Nem nos equoreos campos nymphã viva ;
 E se feridas inda estão vivendo,
 Será para sentir que vão morrendo.

XLIX

Dai lugar, altas e ceruleas ondas,
 Que, vedes, Venus traz a medicina,
 Mostrando as brancas velas, e redondas,
 Que vein por cima da agua Neptunina :
 Para que tu reciproco respondas,
 Ardente Amor, á flamma feminina,
 He forçado que a pudicicia honesta
 Faça quanto lhe Venus admoesta.

L

Já todo o bello coro se apparelha
 Das Nereidas ; e junto caminhava
 Em choreas gentis, usança velha,
 Para a ilha, a que Venus os guiava :
 Alli a formosa deosa lhe aconselha
 O que ella fez mil vezes, quando amava ;
 Ellas, que vão do doce amor vencidas,
 Estão a seu conselho offerecidas.

LI

Cortando vão as náos a larga via
 Do mar ingente, para a patria amada,
 Desejando prover-se de agua fria,
 Para a grande viagem prolongada :
 Quando juntas, com subita alegria,
 Honveram vista da ilha namorada ;
 Rompendo pelo céo a mãi formosa
 De Memnonio, suave e deleitosa.

LII

De longe a ilha viram fresca e bella,
 Que Venus pelas ondas lha levava,
 (Bein como o vento leva branca vela)
 Para onde a forte armada se enxergava :
 Que porque não passassem, sem que nella
 Tomassem porto, como desejava,
 Para onde as náos navegam a movia
 A Acidalia, que tudo em fim podia.

LIII

Maz firme a fez e immobil, como vio
 Que era dos uautas vista, e demandada ;
 Qual ficou Delos, tanto que pario
 Latona Phebo, e a deosa á caça usada.
 Para lá logo a proa o mar abrio,
 Onde a costa fazia huma enseada
 Curva e quieta, cuja branca areia
 Pintou de ruivas conchas Cytherca.

LIV

Tres formosos outeiros se mostravam
 Erguidos com soberba graciosa,
 Que de gramineo esmalte se adornavam,
 Na formosa ilha alegre, e deleitosa :
 Claras fontes, e limpidas manavam
 Do cume, que a verdura tem viçosa ;
 Por entre pedras alvas se deriva
 A sonora lymphã fugitiva.

Sur ces entrefaites, le cruel enfant décoche ses flèches l'une après l'autre; la mer gémit de leurs coups; les unes suivent tout droit les vagues agitées, les autres tracent de nombreux détours. Les nymphes tombent frappées et arrachent de leur sein des soupirs ardents : toutes succombent sans voir le visage qu'elles aiment, car la Renommée a rempli auprès d'elles les fonctions des yeux.

Enfin, rapprochant les deux extrémités de son arc d'ivoire avec un effort suprême, l'indomptable enfant vise au cœur de Téthys, qu'il veut blesser de préférence aux autres, par cela même qu'elle lui est plus rebelle. Déjà le carquois est complètement vide; les plaines liquides ne possèdent plus aucune nymphe vivante, et, si les blessées vivent encore, ce n'est que pour mieux se sentir mourir d'amour.

Place ! place ! ondes azurées ; voici venir Vénus qui apporte un remède à leurs souffrances, en leur montrant au-dessus des eaux de Neptune les voiles blanches et arrondies. Ardent Amour, pour que tes feux répondent d'une ardeur égale aux flammes dont brûlent ces nymphes, il faut absolument que la craintive pudeur se courbe sous le joug de Vénus !

Déjà les charmantes Néréides formaient un immense chœur, et en exécutant, à la manière antique, des danses gracieuses, elles accouraient en foule vers l'île où la belle déesse les conduisait. Là Vénus enseignait aux nymphes ce qu'elle avait fait mille fois quand elle avait aimé ; les filles de Nérée, vaincues par l'amour, sont prêtes à suivre les conseils de Dionée.

La flotte sillonnait la vaste plaine de l'Océan et coupait rapidement les flots dans la direction de Lusitanie bien-aimée, lorsque, désireux de prendre de l'eau fraîche pour leur interminable voyage, les navigateurs aperçurent avec une joie subite l'île enchantée ; en ce moment brillait au ciel la suave et délicieuse Aurore, mère de Memnon.

Ils virent de loin cette île riante et belle. C'était Vénus qui la portait sur les eaux (aussi bien que le vent emporte une blanche voile) du côté où l'on apercevait la redoutable flotte ; et, afin de les empêcher de passer outre sans y relâcher, la puissante Acidalie la conduisait vers les parages où voguaient les navires.

Mais à peine les marins l'enrent-ils aperçue, qu'elle la rendit ferme et immobile, comme il fut fait pour Délos, quand Latone y accoucha de Phébus et de la Chasseresse. Les proues se tournèrent en fendant les eaux vers le point où la côte formait une baie profonde et paisible, dont le sable blanc fut paré de coquillages rouges par la divinité de Cythère.

Dans cette île pittoresque et joyeuse trois charmantes collines, couvertes d'un tapis de gazon, se dressent dans les airs avec un gracieux orgueil ; de leur sommet verdoyant coule une eau limpide et transparente ; au milieu des blancs cailloux on voit courir l'onde bruyante et fugitive.

LV

N' hum valle ameno, que os outeiros fende,
 Vinham as claras aguas ajuntar-se,
 Onde huma mesa fazem, que se estende
 Tão bella, quanto póde imaginar-se :
 Arvoredo gentil sobre ella pende,
 Como que prompto está para affeitar-se,
 Vendo-se no crystal resplandecente,
 Que em si o está pintando propriamente.

LVI

Mil arvores estão ao céo subindo,
 Com pomos odoriferos e bellos :
 A lorangeira tem no fructo lindo
 A côr, que tinha Daphne nos cabellos ;
 Encosta-se no chão, que está cahindo
 A cidreira co' os pesos amarellos ;
 Os formosos limões, alli cheirando,
 Estão virgineas tetas imitando.

LVII

As arvores agrestes, que os outeiros
 Tem com frondente coma ennobrecidos,
 Aemos são de Alcides, e os loureiros
 Do louro deos amados, e queridos :
 Myrtos de Cytherea, co' os pinheiros
 De Cybele, por outro amor vencidos ;
 Está apontando o agudo cypariso
 Para onde he posto o ethereo paraíso.

LVIII

Os dons que dá Pomona, alli natura
 Produze differentes nos sabores,
 Sem ter necessidade de cultura,
 Que sem ella se dão muito melhores :
 As cerejas purpuras na pintura ;
 As amoras, que o nome tem de amores (7) ;
 O pomo, que da patria Persia veio,
 Melhor tornado no terreno alheio.

LIX

Abre a romãa, mostrando a rubicunda
 Côr, com que tu rubi teu preço perdes ;
 Entre os braços do ulceiro está a jucunda
 Vide, e' lins cachos roxos, e outros verdes :
 E vós se na vossa arvore fecunda,
 Peras pyramidaes, viver quizerdes,
 Entregai-vos ao damno que co' os bicos
 Em vós fazem os passaros inicos.

LX

Pois a tapeçaria bella e fina,
 Com que se cobre o rustico terreno,
 Faz ser a de Achemenia menos dina,
 Mas o sombrio valle mais ameno.
 Alli a cabeça a flor Cephisia inclina
 Sobolo tanque lucido e sereno ;
 Florece o filho e neto de Cinyras,
 Por quem tu, deosa Paphia, inda suspiras (8).

LXI

Para julgar difficil cousa fora,
 No céo vendo, e na terra as mesmas cores,
 Se dava ás flores côr a bella Aurora,
 Ou se lha dão a ella as bellas flores.
 Pintando estava alli Zephyro, e Flora,
 As violas, da côr dos amadores ;
 O lirio roxo, a fresca rosa bella,
 Qual reluze nas faces da donzella :

LXII

A candida cecem, das matutinas
 Lagrimas rociada, e a mangerona ;
 Vem-se as letras nas flores Hyacinthinas,
 Tão queridas do filho de Latona :
 Bem se enxerga nos pomos, e boniuas,
 Que competia Chloris com Pomona :
 Pois se as aves no ar cantando voam,
 Alegres animacs o chão povoam.

Ces eaux pures viennent se réunir dans un vallon délicieux qui sépare les trois collines, et elles y forment comme un long miroir, dont la beauté dépasse toute imagination. Les plantes qui l'entourent penchent coquettement au-dessus de l'eau leur feuillage épais, heureuses de pouvoir se mirer dans le cristal poli qui les représente si fidèlement.

Des milliers d'arbres s'élèvent vers le ciel, chargés de fruits odorants : l'oranger montre ses belles pommes dorées comme les cheveux de Daphné; succombant sous le faix de son poids jaunissant, le cédrat est courbé jusqu'à terre; les citrons exhalent leur suave parfum et imitent le sein arrondi d'une vierge.

Les arbres sauvages, dont le feuillage touffu ennoblit les trois collines, sont le peuplier d'Alcide, le laurier tant aimé par le blond Phébus; le myrthe de Cythérée et le pin de Cybèle; autre victime d'amour. Le cyprès dresse sa tige aiguë vers le ciel éthéré.

En cette île la nature produit les différents dons de Pomone, sans le secours de la culture, dont ils n'ont pas besoin pour être savoureux : les cerises, de couleur pourpre, les mûres dont le nom rappelle de tristes amours (7); la pomme de Perse, qui vient mieux lorsqu'elle est transportée sur un terrain étranger.

La grenade montre en s'ouvrant un rouge plus éclatant que celui du rubis. Entre les bras de l'orme court en serpentant la riante vigne, d'où pendent des grappes noires ou vertes : et vous, ô poires ovales, si vous voulez rester attachées à votre arbre fécond, ne craignez pas de vous livrer au ravage que les cruels oiseaux vous feront en vous piquant de leurs becs aigus.

Le vert tapis, qui recouvre le sol de l'île, l'emporte en beauté sur ceux d'Achémenie, et rend plus charmant encore le vallon ombragé. La fleur de Narcisse incline son front sur l'étang calme et limpide; là fleurit aussi celui qui fut à la fois le fils et le petit-fils de Cinyre, et pour lequel, déesse de Paphos, tu soupirez encore (8).

Il aurait été difficile d'établir, en voyant au ciel et sur la terre les mêmes couleurs, si la belle Aurore donnait aux fleurs ses nuances charmantes, ou bien si c'étaient les fleurs qui lui renvoyaient leur éclat. Zéphire et Flore y coloraient la violette, l'iris, la rose, aussi fraîche que celle qu'on voit sur les joues d'une vierge.

Là on voyait aussi le lis blanc, arrosé par les larmes du matin, la marjolaine, la jacinthe qui porte les caractères tant aimés du fils de Latone. Enfin, lorsqu'on apercevait ces fruits et ces fleurs, on remarquait que Chloris ne le cédait en rien à Pomone.

LXIII

Ao longo da agua o niveo cysne canta,
 Responde-lhe do ramo Philomela;
 Da sombra de seus cornos não se espanta
 Acteon n' agua crystallina e bella:
 Aqui a fugace lebre se levanta
 Da espessa mata, ou timida gazella;
 Alli no bico traz ao charo ninho
 O mantimento o leve passarinho.

LXIV

Nesta frescura tal desembarcavam
 Já das náos os segundos Argonautas,
 Onde pela floresta se deixavam
 Andar as bellas deosas, como incautas;
 Algumas doces citharas tocavam,
 Algumas arpas, e sonoras frautas,
 Outras co' os arcos de ouro se fingiam
 Seguir os animaes, que não seguiam.

LXV

Assi lho aconselhára a mestra experta,
 Que andassem pelos campos espalhadas;
 Que vista dos Barões a presa incerta,
 Se fizessem primeiro desejadas.
 Algumas, que na forma descoberta
 Do bello corpo estavam confiadas;
 Posta a artificiosa formosura,
 Nuas lavar se deixam na agua pura.

LXVI

Mas os fortes mancebos, que na praia
 Punham os pés de terra cobiçosos;
 Que não ha nenhum delles, que não saia
 De acharem caça agreste desejosos;
 Não cuidam que sem laço, ou redes, caia
 Caça naquelles montes deleitosos,
 Tão suave, domestica, e benina,
 Qual ferida Iha tinha já Erycina.

LXVII

Alguns que em espingardas, e nas béstas,
 Para ferir os cervos se fiavam,
 Pelos sombrios matos, e florestas,
 Determinadamente se lançavam:
 Outros nas sombras, que das altas sestas
 Defendem a verdura, passeavam
 Ao longo da agua, que suave, e queda
 Por alvas pedras corre á praia leda.

LXVIII

Começam de enxergar subitamente
 Por entre verdes ramos varias cores;
 Cores de quem a vista julga, e sente,
 Que não eram das rosas, ou das flores;
 Mas da lãa fina, e seda differente,
 Que mais incita a força dos amores,
 De que se vestem as humanas rosas,
 Fazendo-se por arte mais formosas.

LXIX

Dá Velloso espantado hum grande grito:
 Senhores, caça estranha, disse, he esta:
 Se inda dura o Gentio antiguo rito,
 A deosas he sagrada esta floresta:
 Mais descobrimos do que humano espirito
 Desejou nunca; e bem se manifesta,
 Que são grandes as cousas, e excellentes,
 Que o mundo encobre aos homens imprudentes.

LXX

Sigamos estas deosas, e vejamos
 Se phantasticas são, se verdadeiras.
 Isto dito, veloces mais que gamos,
 Se lançam a correr pelas ribeiras.
 Fugindo as nymphas vão por entre os ramos;
 Mas mais industriosas, que ligeiras,
 Pouco e pouco sorrindo, e gritos dando,
 Se deixam ir dos galgos alcançando.

Dans les airs les oiseaux volent en chantant; sur la terre courent des animaux joyeux. Au bord de l'eau ehante le cygne blanc comme la neige; Philomèle lui répond, de la branche où elle est posée. Actéon n'est plus étonné en voyant dans l'eau pure l'image de ses cornes : ici le lièvre fugitif ou la gazelle timide sortent de l'épaisseur d'un fourré; là l'oiseau léger porte dans son bec la pâture destinée aux petits qu'il a laissés dans son nid.

C'est dans ce séjour délicieux que débarquèrent les nouveaux Argonautes. Au milieu de la verdure, les belles déesses se laissaient aller, eomme par mégarde ; les unes jouaient de la cithare, d'autres de la harpe ou de la flûte sonore ; d'autres enfin, armées de leurs ares d'or, faisaient semblant de poursuivre des animaux imaginaires.

C'est grâce aux conseils de leur habile maîtresse qu'elles s'étaient répandues dans les bois; de cette façon, elles étaient sûres d'allumer avant tout dans le cœur des héros les flammes d'un désir incertain. Quelques-unes, se fiant aux formes de leur corps irréprochable, et mettant de eôté toute beauté artificielle, se jetaient nues dans le flot limpide.

Cependant les eourageux jeunes gens, impatients de fouler la terre, sautaient tous sur la plage, sans qu'il y en eût un seul qui refusât de débarquer pour aller à la recherche de gibier sauvage. Ils étaient loin de se douter que, sans l'aide de nœuds ou de filets, ils pourraient dans ces montagnes délicieuses saisir une proie aussi douce et aussi apprivoisée que celle qu'Éryeine s'était chargée de leur procurer.

Quelques-uns, se fiant à leur adresse, s'élançaient résolument, le fusil ou l'arbalète à la main, à travers l'épaisseur des broussailles et des forêts. D'autres, préférant les frais ombrages qui protégeaient le vert gazon contre l'ardeur du soleil, se promenaient le long de l'eau calme et paisible qui serpentait vers la plage dans un lit de cailloux.

Bientôt ils eomencent à entrevoir, à travers les vertes branches, des couleurs variées, et, à leur aspect, ils eomprennent que ce ne sont pas les nuances des roses; c'est la laine fine et la soie multicolore, qui excite l'ardeur des amours; c'est la laine et la soie dont ces fleurs vivantes s'étaient vêtues, s'embellissant encore avec l'aide de l'art.

Velloso, étonné, laisse éehapper un grand cri : « Messieurs, dit-il, voilà certes un étrange gibier; s'il est vrai que l'ancien rite païen dure encore, cette forêt est consacrée à des déesses. Nous découvrons plus de merveilles que n'en a jamais désiré l'imagination humaine, et nous voyons bien par là eombien sont grandes les choses que le monde cache aux mortels ignorants.

« Suivons ees déesses, et sachons si elles sont fantastiques ou véritables. » Il dit, et tous, plus rapides que des daims, se mettent à courir au bord des ruisseaux. Les nymphes s'enfuient à travers les branches; mais leur ruse l'emporte sur leur légèreté : en souriant et poussant des cris, elles se laissent peu à peu rattraper par ces lévriers.

LXXI

De huma os cabellos de ouro o vento leva
 Correndo, e de outra as fraldas delicadas :
 Accende-se o desejo, que se ceva
 Nas alvas carnes subito mostradas :
 Huma de industria cahe, e já releva
 Com mostras mais macias, que indignadas,
 Que sobre ella empecendo tambem caia,
 Quem a seguio pela arenosa praia.

LXXII

Outros por outra parte vão topar
 Com as deosas despidas, que se lavam :
 Ellas começam subito a gritar,
 Como que assalto tal não esperavam.
 Humas fingindo menos estimar
 A vergonha que a força, se lançavam
 Nuas por entre o mato, aos olhos dando
 O que ás mãos cobiçosas vão negando.

LXXIII

Outra, como aeudiudo mais depressa
 A vergonha da deosa caçadora,
 Esconde o corpo n' agua; outra se apressa
 Por tomar os vestidos, que tem fóra.
 Tal dos mancebos ha, que se arremessa
 Vestido assi, e calçado, (que co' a mora
 De se despir, ha medo que inda tarde)
 A matar na agua o fogo que nelle arde.

LXXIV

Qual cão de caçador, sagaz e ardido,
 Usado a tomar na agua a ave ferida,
 Vendo no rosto o ferreo cano erguido,
 Para a garcenha, ou pata conhecida,
 Antes que sôe o estouro, mal soffrido
 Salta n' agua, e da presa não duvida,
 Nadando vai, e latindo; assi o mancebo
 Remette á que não era irmã de Phebo.

LXXV

Leonardo, soldado bem disposto,
 Manhoso, cavalleiro, e namorado,
 A quem amor não dera hum só desgosto,
 Mas sempre fôra delle maltratado;
 E tinha já por firme presupposto
 Ser com amores mal affortuado,
 Porém não que perdesse a esperança
 De inda poder seu fado ter mudança :

LXXVI

Quiz aqui sua ventura, que corria
 Após Éphyre, exemplo de belleza,
 Que mais caro que as outras dar queria
 O que deo para dar-se a natureza.
 Já cansado correndo lhe dizia :
 Ó formosura indigna de aspereza,
 Pois desta vida te concedo a palma,
 Espiera hum corpo de quem levas a alma.

LXXVII

Todas de correr cansam, nymphas puras,
 Rendendo-se á vontade do inimigo;
 Tu só de mi só foges na espessura?
 Quem te disse, que en era o que te sigo?
 Se to tem dito já aquella ventura,
 Que em toda a parte sempre anda comigo,
 Ó não na creas; porque en quando a cria,
 Mil vezes cada hora me mentia.

LXXVIII

Não causes, que me causas : e se queres
 Fugir-me, porque não possa tocar te,
 Minha ventura he tal, que inda que esperes,
 Ella fará que não possa alcançar-te,
 Espera : quero ver, se tu quizeres,
 Que subtil modo busca de escapar-te,
 E notarás no fim deste successo,
 « Tra la spiga e la man qual muro é messo (9). »

L'une en courant laisse flotter au gré du vent sa chevelure d'or, l'autre ses voiles gracieux; aussitôt s'embrase le désir, qui s'assouvit dans les chairs indiscretement découvertes; l'une tombe à dessein, et, plus douce qu'indignée, elle fait en sorte qu'il tombe aussi près d'elle, celui qui l'a poursuivie sur le rivage sablonneux.

D'un autre côté, les navigateurs rencontrent les déesses qui se baignent dans l'eau pure : aussitôt elles commencent à pousser des cris, comme si elles ne s'étaient pas attendues à un pareil assaut. Les unes, feignant de sacrifier la pudeur à la force, se lancent nues à travers les fourrés, et présentent ainsi aux regards les charmes qu'elles refusaient aux mains avides.

Une autre, prenant pour exemple la chasteté qui distingue la Chasseresse, cache son corps dans l'eau; une autre se hâte de prendre ses vêtements, qu'elle a laissés sur le rivage. Parmi les jeunes gens, il en est même un qui, pour gagner du temps, s'élançe dans l'onde tout habillé, afin d'y éteindre le feu qui le dévore.

Tel on voit se plonger dans l'eau le chien adroit et bouillant d'un chasseur; habitué à prendre sur un lac l'oiseau que son maître a blessé, à peine voit-il dressé contre son visage le tube de fer menaçant la bécasse ou la sarcelle si connue, qu'il saute impatiemment dans l'étang, avant même d'avoir entendu la détonation, et nage en aboyant vers sa proie, ne doutant pas de pouvoir la saisir : tel le jeune homme court sur les traces de cette nouvelle Diane.

Léonard, soldat intrépide, chevalier galant, avait toujours été la victime de Cupidon, et n'en connaissait que les rigueurs; fermement persuadé qu'il était condamné à être peu fortuné en amour, il ne perdait pourtant pas l'espoir de voir changer un jour sa destinée.

Le sort exauça ses vœux en cette occasion. Il courait sur les traces d'Éphyre, modèle de beauté; Éphyre, qui refusait plus longtemps que les autres les trésors que la nature ne nous a donnés que pour que nous les donnions. Las de courir, il lui parla ainsi : « Beauté superbe à qui ne sied pas la cruauté, puisque je t'accorde la palme en cette vie, attends ce corps dont tu emportes l'âme.

« Toutes tes compagnes, ô nymphe pure, se lassent de courir et se rendent à la volouté de l'ennemi. Toi seule tu me fuiss dans l'épaisseur de ces bois. Qui donc t'a dit que c'était moi qui te suivais? Si c'est cette destinée qui me poursuit partout, n'y crois pas, car lorsque j'y croyais, à chaque moment elle ne faisait que m'abuser.

« A quoi bon vous fatiguer à courir? si tu me fuiss dans le but d'échapper à mes poursuites, chasse toute frayeur, car mon sort est ainsi fait que, lors même que tu t'arrêteras, il ne me permettrait pas de t'atteindre. Attends un instant : laisse-moi voir par quel moyen adroit il cherche à t'esquiver, et après cet essai, tu pourras savoir : « Tra la spiga e la man qual muro é messo » (9).

LXXIX

Ó não me fujas! Assi nunca o breve
 Tempo fuja de tua formosura!
 Que só com refrear o passo leve,
 Vencerás da fortuna a força dura.
 Que Imperador, que exercito se atreve,
 A quebrantar a furia da ventura?
 Que em quanto desejei me vai seguindo;
 O que tu só farás não me fugindo.

LXXX

Poens-te da parte da desdita minha?
 Fraqueza he dar ajuda ao mais potente.
 Levas-me hum coração, que livre tinha?
 Solta-mo, e correrás mais levemente.
 Não te carrega essa alma tão mesquinha,
 Que nesses fios de ouro reluzente
 Atada levas? Ou despois de presa
 Lhe mudaste a ventura, e menos pesa?

LXXXI

Nesta esperança só te vou seguindo;
 Que ou tu não soffrerás o peso della,
 Ou na virtude de teu gesto lindo,
 Lhe mudarás a triste e dura estrella :
 E se se lhe mudar, não vás fugindo,
 Que amor te ferirá, gentil donzella;
 E tu me esperarás, se amor te fere;
 E se me esperas, não ha mais que espere.

LXXXII

Já não fugia a bella nymphá, tanto
 Por se dar cara ao triste que a seguia,
 Como por ir ouvindo o doce canto,
 As namoradas magoas que dizia.
 Volvendo o rosto já sereno e santo,
 Toda banhada em riso, e alegria,
 Cahir se deixa aos pés do vencedor,
 Que todo se desfaz em puro amor.

LXXXIII

Oh que famintos beijos na floresta!
 E que mimoso choro que soava!
 Que affagos tão suaves! Que ira honesta,
 Que em risinhos alegres se tornava!
 O que mais passam na manhãa, e na sesta,
 Que Venus com prazeres inflammava,
 Melhor he exprimenta-lo que julga-lo,
 Mas julgue-o quem não pôde exprimenta-lo.

LXXXIV

Desta arte em fim conformes já as formosas
 Nymphas eo' os seus amados navegantes,
 Os ornam de capellas delectosas,
 De louro, e de ouro, e flores abundantes;
 As mãos alvas lhe davam como esposas :
 Com palavras formaes, e estipulantes
 Se promettem eterna companhia
 Em vida e morte, de honra e alegria.

LXXXV

Huma dellas maior, a quem se humilha
 Todo o coro das nymphas, e obedece,
 Que dizem ser de Cælo e Vesta filha,
 O que no gesto bello se parece,
 Enchendo a terra, e o mar de maravilha,
 O Capitão illustre, que o merece,
 Recebe alli com pompa honesta e regia,
 Mostrando-se senhora grande e egregia.

LXXXVI

Que despois de lhe ter dito quem era,
 C'hum alto exordio de alta graça ornado,
 Dando-lhe a entender, que alli viera
 Por alta influição do immobil fado;
 Para lhe descobrir da unida esphera,
 Da terra iumensa, e mar não navegado,
 Os segredos, por alta prophecia,
 O que esta sua nação só merecia :

« Oh ! ne t'enfuis point, charmante nymphe ; qu'ainsi jamais le temps rapide de ta beauté ne s'enfuie ! Rien qu'à ralentir ta course empressée, tu pourras rompre le charme dont le sort me persécute. Quel roi, quelle armée oserait combattre ce caprice du Destin qui me poursuit dans toutes mes affections ? Et pourtant ce qu'ils ne peuvent faire, toi seule tu le pourrais, en ne me fuyant pas.

« Tu prends le parti de mon infortune ; mais c'est de la lâcheté que de porter secours aux plus puissants. Tu m'enlèves un cœur que j'avais libre : rends-le-moi et tu courras plus vite. Ne ressens-tu pas la pesanteur de cette âme infortunée que tu emportes sur ces cheveux plus éclatants que l'or ? ou bien, après me l'avoir ravie, as-tu changé sa nature et diminué son poids ?

« C'est dans ce seul espoir que je te suis : ou tu ne supporteras pas ce fardeau, ou par la vertu de ta séduisante beauté tu lui changeras sa funeste étoile ! Ah ! si cela arrive, ne fuis plus, car l'amour te blessera, charmante femme ! Or, si l'amour te blesse, tu t'arrêteras, et si tu m'attends, je n'espère plus rien au delà. »

La belle nymphe ne fuyait plus : elle s'était arrêtée, pour se livrer au malheureux qui la suivait, et aussi pour entendre le doux chant des plaintes amoureuses qu'il laissait échapper. Tournant vers lui son visage calme et adorable tout rayonnant de joie et de rires, elle se laisse tomber aux pieds de son vainqueur, qui n'a pas assez de caresses pour lui prouver son amour.

Que de baisers avides dans la forêt ! quels sanglots attendrissants résonnent dans les bois ! quels embrassements délicieux ! quelle honnête pudeur, bientôt remplacée par de joyeux sourires ! Ce qu'ils éprouvèrent dans cette journée enivrante, que Vénus enflammait de toutes ses voluptés, mieux vaut le ressentir que le juger ; mais qu'il le juge seulement, le malheureux qui ne peut pas l'éprouver.

Enfin l'harmonie règne entre les nymphes et leurs navigateurs bien-aimés ; elles les parent de couronnes de laurier, d'or et de fleurs vivaces : déjà elles leur donnent leurs blanches mains, comme si elles étaient leurs épouses, et, avec des paroles solennelles et consacrées, tous les couples font le serment de rester inséparables dans la vie et après la mort, au milieu des plaisirs et de la joie.

L'une d'entre elles, la plus puissante, commande à tout le chœur des nymphes ; c'est la fille de Coelus et de Vesta ; sa merveilleuse beauté, qui enchante la terre et l'Océan, annonce son origine céleste. Elle reçoit l'illustre capitaine avec la pompe dont il est digne ; sur son front brillent la grandeur et la majesté.

Après lui avoir appris qui elle était, elle lui fit comprendre, au moyen d'un exorde gracieux, qu'en se rendant dans ce séjour, elle n'avait fait qu'obéir aux ordres d'un immuable Destin, pour lui montrer dans une prophétie remarquable les secrets de la sphère céleste, des terres immenses et des mers inconnues, prophétie que cette nation seule était digne d'entendre.

LXXXVII

Tomando-o pela mão o leva, e guia,
 Para o eume d'hum monte alto e divino,
 No qual hua rica fabrica se erguia
 De crystal toda, e de ouro puro, e fino.
 A maior parte aqui passam do dia
 Em doces jogos, e em prazer contino :
 Ella nos paços logra sens amores,
 As outras pelas sombras entre as flores.

LXXXVIII

Assi a formosa, e a forte eompanhia,
 O dia quasi todo estão passando,
 N'hum alma, doce, incognita alegria,
 Os trabalhos tão longos eompensando.
 Porque dos feitos grandes, da ousadia
 Forte e famosa, o mundo está guardando
 O premio lá no fim bem merecido,
 Com fama grande, e nome alto e subido.

LXXXIX

Que as nymphas do Oceano tão formosas,
 Tethys, e a ilha angelica pintada,
 Outra cousa não he, que as deleitosas
 Honras, que a vida fazem sublimada :
 Aquellas preeminencias gloriosas,
 Os triumphos, a fronte coroada
 De palma e louro, a gloria e maravilha,
 Estes são os deleites desta ilha.

XC

Que as immortalidades que fingia
 A antiguidade, que os illustres ama.
 Lá no estellante Olympo, a quem snbia
 Sobre as azas inclytas da fama;
 Por obras valerosas que fazia,
 Pelo trabalho immenso, que se ehama
 Caminho da virtude alto e fragoso,
 Mas no fim doce, alegre, e deleitoso :

XCI

Não eram senão premios, que reparte
 Por feitos immortaes e soberanos
 O mundo eo' os barões, que esforço e arte
 Divinos os fizeram, sendo humanos :
 Que Jupiter, Mercurio, Phebo, e Marte,
 Eneas, e Quirino, e os dous Thebanos,
 Ceres, Pallas, e Juno, com Diana,
 Todos foram de fraca carne humana.

XCII

Mas a fama, trombeta de obras tais,
 Lhe deo no mundo nomes tão estranhos.
 De Deoses, Semideoses immortais,
 Indigetes, Heroieos, e de Magnos.
 Por isso, ó vós que as famas estimais,
 Se quizerdes no mundo ser tamanhos,
 Despertai já do somno do ocio ignavo,
 Que o animo de livre faz escravo.

XCIII

E ponde na cobiça hum freio duro,
 E na ambição tambem, que indignamente
 Tomais mil vezes, e no torpe e escuro
 Vicio da tyrannia infame, e urgente :
 Porque essas honras vãs, esse ouro puro.
 Verdadeiro valor não dão á gente :
 Melhor he mereee-los sem os ter,
 Que possui-los sem os merecer.

XCIV

Ou dai na paz as leis iguaes, constantes,
 Que aos grandes não dem o dos pequenos;
 Ou vos vesti nas armas rutilantes,
 Contra a lei dos imigos Sarracenos :
 Fareis os reinos grandes e possantes,
 E todos tereis mais, e nenhum menos;
 Possuireis riquezas merecidas,
 Com as honras, que illustram tanto as vidas.

Elle le prit par la main et le conduisit au sommet d'une montagne élevée et divine, où se dressait un somptueux édifice de cristal et d'or massif. C'est là qu'ils passent la plus grande partie de ce jour heureux au milieu des ris et du plaisir ; et, tandis qu'elle se livre dans ce palais à ses transports amoureux, la troupe des nymphes sacrifie à Cupidon au milieu des bosquets et des fleurs.

C'est ainsi que les braves nautoniers, partageant le sort des belles déesses, voient s'écouler cette journée au sein d'une joie douce et bienfaisante qui compense leurs longs travaux. Ainsi le monde réserve aux héros la digne récompense de leur courage et de leur audace, en laissant à la renommée le soin de porter jusqu'aux nues leurs noms illustres.

Les charmantes nymphes de l'Océan, Téthys et cette île enchantée, toutes ces images ne sont autre chose que les délectables honneurs qui embellissent tant l'existence. Les glorieuses prééminences, les triomphes, les couronnes, les palmes et les lauriers, la gloire, les distinctions, voilà les délices de cette île.

L'antiquité estimait assez les mortels illustres pour en faire des immortels et placer dans l'Olympe étoilé tous ceux que la renommée emportait sur ses ailes : c'était là le prix des traits de courage, des grands travaux qui constituent ce qu'on appelle le chemin de la vertu, chemin long et scabreux d'abord, mais ensuite plein d'agréments et de délices.

C'était une récompense semblable à celles dont le monde aime à gratifier ceux qui ont accompli de grandes œuvres ; leur courage et leur mérite seuls en avaient fait des dieux. car Jupiter, Mercure, Phébus, Mars, Énée, Quirinus, les deux Thébains, Cérés, Pallas, Junon et Diane ne furent tous que de faibles humains.

C'est la voix de la Renommée qui leur a décerné dans le monde ces noms étranges de dieux, de demi-dieux, d'immortels, d'indigètes, d'héroïques, de grands. O vous donc qui estimez tant la gloire, si vous voulez les égaler ici-bas, réveillez-vous, sortez de cet engourdissement oisif qui vous paralyse le cœur.

Mettez un frein à votre avidité et à l'ambition, qui tant de fois vous pousse au vice honteux et lâche de la tyrannie : ces vains honneurs, cet or abondant ne donnent pas aux hommes une valeur réelle ; mieux vaut les mériter sans les avoir, que les posséder injustement.

Dictez pendant la paix des lois justes et immuables qui ne donnent point aux grands ce qui revient de droit aux petits, ou bien revêtez des armures étincelantes, pour marcher contre les terribles Sarrasins. Vous rendrez les royaumes grands et puissants, tout en y gagnant vous-mêmes ; vous acquerez des richesses méritées et des honneurs qui rendront votre vie illustre.

XCV

E fareis claro o Rei que tanto amais,
Agora co' os conselhos bem cuidados,
Agora co' as espadas, que immortais
Vos farão, como os vossos já passados :
Impossibilidades não façais,
Que quem quiz sempre pôde : e numerados
Sereis entre os Heroes eselarecidos,
E nesta ilha de Venus recebidos.

Vous relèverez le nom de votre roi bien-aimé, tantôt par vos conseils judicieux, tantôt à l'aide de vos épées, qui vous rendront immortels comme vos ancêtres. Ne vous créez pas d'impossibilités; qui veut bien, peut toujours : et vous prendrez place parmi les héros célèbres, et vous serez accueillis dans cette île de Vénus.

CANTO X

Cantava a bella nympha, e co' os accentos,
Que pelos altos paços vão soando,
Em consonancia igual, os instrumentos
Suaves vem a hum tempo conformando :

(Canto X, Est. VI.)



La belle nymphe chantait, et, de ses accents qui résonnaient au travers du palais élevé, elle réglait les sons de tous ces instruments mélodieux.

(Chant X, Stan. VI.)

CANTO DECIMO

I

Mas já o claro amador da Larissea
Adultera, inclinava os animaes
Lá para o grande lago, que rodea
Temistitão (1), nos fins Occidentaes :
O grande ardor do Sol Favonio enfrea,
Co' o sopro, que nos tanques naturaes
Encrespa a agua serena, e despertava
Os lirios e jasmims que a calma aggrava.

II

Quando as formosas nymphas co' os amantes
Pela mão, já eonformes e contentes,
Subiam para os paços radiantes,
E de metaes ornados reluzentes ;
Mandados da Rainha, que abundantes
Mesas d' altos manjares, excellentes,
Lhe tinha apparelhadas, que a fraqueza
Restaurem da cansada natureza.

III

Alli em cadeiras ricas, crystallinas,
Se assentam dous e dous, amante, e dama ;
N' outras, á cabeceira, d' ouro finas,
Está co' a bella deosa o claro Gama.
De iguarias suaves e divinas,
A quem não chega a Egypcia antiga fama
Se accumulam os pratos de fulvo ouro.
Trazidos lá do Atlantico thesouro.

IV

Os vinhos odoriferos, que acima
Estão não só do Italico Falerno,
Mas da Ambrosia, que Jove tanto estima,
Com todo o ajuntamento sempiterno ;
Nos vasos, onde em vão trabalha a lima,
Crespas esciunas erguem, que no interno
Coração movem subita alegria,
Saltando co' a mistura d'agua fria.

V

Mil praticas alegres se tocavam,
Risos doces, subtis, e argutos ditos,
Que entre hum, e outro manjar se alevantavam,
Despertando os alegres appetitos.
Musicos instrumentos não faltavam,
Quaes no profundo reino os nus espiritos
Fizeram descansar da eterna pena.
C' huma voz d' huma angelica Sirena.

VI

Cantava a bella nympa, e co' os accentos,
Que pelos altos paços vão soando,
Em consonancia igual, os instrumentos
Suaves vem a hum tempo conformando :
Hum subito silencio enfrea os ventos,
E faz ir docemente murmurando
As aguas, e nas casas naturaes
Adormecer os brutos animaes.

CHANT DIXIÈME

Mais déjà le radieux anant de l'adultère Coronis dirigeait ses coursiers vers la vaste mer qui baigne le Témistitan (1), dans l'extrémité de l'Occident : Zéphire, calmant de son souffle léger l'ardeur accablante du soleil, faisait ondoyer l'eau paisible des étangs, et ranimait les lis et les jasmins flétris par la chaleur du jour.

A ce moment, les belles nymphes, donnant joyeusement la main à leurs amants, montaient vers leur palais somptueux et étincelant de précieux métaux, pour obéir aux ordres de la reine, qui leur avait fait préparer des tables couvertes de plats exquis, destinés à donner aux nautoniers de nouvelles forces.

Là, sur de riches sièges de cristal, anants et maîtresses s'asseyent deux par deux. A la place d'honneur, l'illustre Gama et la déesse occupent des chaises d'or massif. Des mets délicieux, qu'auraient pu envier les fameux banquets de l'antique Égypte, remplissent des plats d'or brillant, tirés des trésors de l'Atlantique.

Les vins odoriférants l'emportent en parfum, non-seulement sur le Falerne italien, mais encore sur l'ambrosie, nourriture favorite de Jupiter et de tous les immortels. L'écumante liqueur pétille dans des vases où ne pourrait mordre la lime, et, mélangée avec l'eau fraîche, elle procure à ceux qui la boivent une gaieté soudaine.

Mille conversations joyeuses, mille sourires, mille propos fins et subtils s'échangeaient de part et d'autre et pendant les intervalles du festin tenaient en éveil les appétits. En même temps les convives avaient les oreilles bercées par une musique harmonieuse, semblable à celle qui dans le royaume profond suspendit les tourments éternels des ombres : à ces doux accords venait se marier la voix d'une sirène angélique.

La belle nymphe chantait, et, de ses accents qui résonnaient au travers du palais élevé, elle réglait les sons de tous ces instruments mélodieux. Une force subite calma la fureur des vents et fit murmurer doucement les eaux; les bêtes féroces s'endormirent dans leurs antres sauvages.

VII

Com doce voz está subindo ao céo
 Altos barões, que estão por vir ao mundo,
 Cujas claras ideas vio Proteo
 N' hum globo vão, diaphano, rotundo;
 Que Jupiter em dom lho concedeo
 Em sonhos, e depois no reino findo
 Vaticinando o disse; e na memoria
 Recolheo logo a nympha a clara historia.

VIII

Materia he de cothurno, e não de socco,
 A que a nympha apprendeo no immenso lago,
 Qual Iopas não soube, ou Demodoco,
 Entre os Phaeaces hum, outro em Carthago.
 Aqui minha Calliope te invoco,
 Neste trabalho extremo, porque em pago
 Me tornes do que escrevo, e em vão pretendo.
 O gosto de escrever, que von perdendo.

IX

Vão os annos descendo, e já do estio
 Ha pouco que passar até o outono;
 A fortuna me faz o engenho frio,
 Do qual já não me jacto, nem me abono;
 Os desgostos me vão levando ao rio
 Do negro esquecimento, e eterno sono:
 Mas, tu me dá que cumpra, ó grão Rainha
 Das Musas, co' o que quero á nação minha!

X

Cantava a bella deosa, que viriam
 Do Tejo pelo mar que o Gama abrira,
 Armadas que as ribeiras venceriam,
 Por onde o Oceano Indico suspira:
 E que os gentios Reis, que não dariam
 A cerviz sua ao jugo, o ferro e ira
 Provariam do braço duro e forte,
 Até render-se a elle, ou logo á morte:

XI

Cantava d'hum, que tem nos Malabares
 Do summo sacerdocio a dignidade,
 Que só por não quebrar co' os singulares
 Barões os nós que dera d' amizade,
 Soffrerá suas cidades, e lugares,
 Com ferro, incendios, ira, e crueldade,
 Ver destruir do Samorim potente,
 Que taes odios terá co' a nova gente.

XII

E canta como lá se embarcaria
 Em Belém o remedio deste dano,
 Sem saber o que em si ao mar traria
 O grão Pacheco (2), Achilles Lusitano:
 O peso sentirão, quando entraria
 O curvo lenho, e o fervido Oceano,
 Quando mais n'agua os troncos, que gemerem,
 Contra sua natureza se metterem.

XIII

Mas já chegado aos fins Orientaes;
 E deixado em ajuda do gentio
 Rei de Cochim, com poucos naturaes,
 Nos braços do salgado e curvo rio;
 Desbaratará os Naires infernaes
 No passo Cunbalão, tornando frio
 De espanto o ardor immenso do Oriente,
 Que verá tanto obrar tão pouca gente.

XIV

Chamará o Samorim mais gente nova;
 Virão Reis de Bipur, e de Tanor,
 Das serras de Narsinga, que alta prova
 Estarão promettendo a seu senhor:
 Fará que todo o Naire em fim se mova,
 Que entre Calecut jaz, e Cananor,
 D'ambas as leis inimigas, para a guerra,
 Mouros por mar, Gentios pela terra.

De sa douce voix, la sirène élevait jusqu'aux cieux des héros illustres, qui devaient venir au monde, et dont les pensées sublimes furent découvertes par Protée dans un globe diaphane; c'est Jupiter qui lui en avait fait présent dans un songe. Ses prophéties furent entendues dans le royaume de la mer, et aussitôt la nymphe les garda dans sa mémoire fidèle.

Ces exploits, dont la sirène avait eu la nouvelle dans l'immense Océan, étaient plutôt dignes du cothurne que du socque, et surpassaient tous ceux que Démonocus et Iopas chantèrent, le premier aux Phéaciens, le second aux Carthaginois. Ici, ô ma Calliope, je t'invoque dans ce dernier travail, afin que tu me donnes, en récompense de mon assiduité et de mes efforts, le goût d'écrire que je perds de jour en jour.

Les années s'écoulent, et déjà j'entrevois la fin de l'été et le commencement de l'automne : l'adversité refroidit ce génie, dont je ne suis plus aussi fier. Les souffrances m'entraînent vers le fleuve du noir oubli et du sommeil éternel. Mais auparavant, reine des Muses, accorde-moi le pouvoir d'accomplir envers ma patrie le devoir que je me suis imposé.

La déesse annonçait par ses chants qu'il viendrait des bords du Tage, à travers la voie maritime que Gama avait ouverte, des flottes qui soumettraient les rivages où gémit l'Océan indien; les rois païens qui ne voudraient pas ployer sous leur joug auraient à essayer le terrible fer d'un bras valeureux, jusqu'à ce qu'ils se rendissent à son pouvoir ou à la mort.

« Le souverain prêtre du Malabar, chantait la Muse, ne voulant pas rompre les liens d'étroite amitié qui l'unissent aux braves Lusitaniens, consentira à voir détruire ses villes et ses hameaux par le fer et le feu du puissant Samorin, implacable ennemi de ce nouveau peuple.

« A Belem s'embarquera le vengeur de tant de désastres, le grand Pacheco (2), l'Achille Lusitanien, qui ira braver les mers, sans avoir conscience de sa propre valeur. Son vaisseau et l'impétueux Océan ressentiront son poids immense, lorsque sous lui les planches gémiront et s'enfonceront dans l'eau plus que de coutume.

« Arrivé aux extrémités de l'Aurore, il volera au secours du roi idolâtre de Coehim, et, parcourant avec quelques naturels du pays les bords du fleuve tortueux qui baigne la ville, il mettra en déroute les diaboliques Naires, près de l'îlot de Cambale. Là, il refroidira l'ardeur immense de l'Orient, étonné de voir si peu d'hommes accomplir de telles œuvres.

« En vain le Samorin appellera à son secours les rois de Visapour et de Tanor, qui, venus des montagnes de Narsingue, promettent à leur seigneur et maître des actions d'éclat; en vain il fera mouvoir tous les Naires, depuis Calicut jusqu'à Cananor, et, pour cette guerre, il mettra d'accord deux nations essentiellement ennemies : les Maures soulèveront la mer, et les idolâtres le continent.

XV

E todos outra vez desbaratando,
 Por terra e mar, o grão Pacheco ousado,
 A grande multidão, que irá matando,
 A todo o Malabar terá admirado.
 Commetterá outra vez, não dilatando,
 O Gentio os combates apressado,
 Injuriando os seus, fazendo votos
 Em vão aos deoses vãos, surdos, e immotos.

XVI

Já não defenderá sómente os passos,
 Mas queimar-lhe-ha lugares, templos, casas.
 Acceso de ira o cão, não vendo lassos
 Aquelles que as cidades fazem rasas,
 Fará que os seus, de vida pouco escassos,
 Commettam o Pacheco, que tem azas,
 Por dous passos n'hum tempo : mas voando
 D'hum n'outro, tudo irá desbaratando.

XVII

Virá alli o Samorim, porque em pessoa
 Veja a batalha, e os seus esforce, e anime;
 Mas hum tiro, que com zonido voa,
 De sangue o tingirá no andor sublime.
 Já não verá remedio, ou manha boa,
 Nem força, que o Pacheco muito estime :
 Inventará traições, e vãos venenos;
 Mas sempre (o Céu querendo) fará menos.

XVIII

Que tornará a vez septima, cantava,
 Pelejar com o invicto e forte Luso,
 A quem nenhum trabalho peza, e agrava,
 Mas com tudo este só o fará confuso :
 Trará para a batalha horrenda e brava,
 Machinas de madeiros fóra de uso,
 Para lhe abalroar as caravelas,
 Que atelli vão lhe fóra commette-las.

XIX

Pela agua levará serras de fogo
 Para abraçar-lhe quanta armada tenha :
 Mas a militar arte, e engenho, logo
 Fará ser vãa a braveza com que venha.
 Nenhum elaro barão no Marcio jogo,
 Que nas azas da fama se sustenha,
 Chega a este, que a palma a todos toma :
 E perdoe-me a illustre Grecia, ou Roma.

XX

Por que tantas batalhas sustentadas
 Com muito pouco mais de cem soldados;
 Com tantas manhas, e artes inventadas,
 Tantos cães não imbelles profligados ;
 Ou parecerão fabulas souhadas,
 Ou que os celestes coros invocados
 Descerão a ajuda-lo, e lhe darão
 Esforço, força, ardil, e coração.

XXI

Aquelle que nos campos Marathonios
 O grão poder de Dario estrue, e rende ;
 Ou quem com quatro mil Lacedemonios
 O passo de Thermopylas defende ;
 Nem o mancebo Cocles dos Ausonios,
 Que com todo o poder Tusco contende
 Em defensa da ponte, ou Quinto Fabio,
 Foi como este na guerra forte e sabio.

XXII

Mas neste passo a nympha o som canoro
 Abaixando, fez ronco, e entristecido,
 Cantando em baixa voz, envolta em choro,
 O grande esforço mal agradecido.
 Ó Belizario, disse, que no coro
 Das Musas serás sempre engrandecido ;
 Se em ti viste abatido o bravo Marte,
 Aqui tens com quem podes consolar-te !

« Mais le grand Pacheco les taillera de nouveau en pièces et sur mer et sur terre; un pareil carnage remplira d'épouvante tout le Malabar; l'idolâtre, se relevant sans tarder, renouvellera ses attaques, tout en goumandant ses soldats, et faisant d'inutiles vœux à ses dieux vains et sourds.

« A la fin, le héros ne se bornera plus à défendre ses positions; il incendiera les hameaux, les temples, les palais. Le barbare sera au comble de la fureur, en voyant ces infatigables destructeurs de cités; il ordonnera aux plus braves de ses guerriers d'attaquer sur deux points à la fois le diligent Pacheco: mais celui-ci, volant de l'un à l'autre camp, détruira tout ce qui lui opposera résistance.

« Là ou verra le Samorin assister en personne à la bataille, pour animer et encourager les siens; mais une balle volant avec un sifflement viendra le teindre de son propre sang sur son palanquin élevé. Ne trouvant plus de ruse ni de moyen énergique dont Pacheco s'inquiète, il aura recours à la perfidie, au poison; mais, grâce au ciel, rien ne lui réussira.

« Une septième fois, poursuivait la Muse, il reviendra combattre contre l'invincible Lusitanien, qu'aucun péril n'épouvante, mais qui pourtant cette fois commencera de trembler. C'est que l'idolâtre apportera pour cette bataille sanglante des machines de guerre inconnues, afin de jeter le harpon sur ses caravelles, que jusqu'alors il avait vainement attaquées.

« Il traversera l'eau, portant des montagnes de feu, pour embraser toute la flotte portugaise; mais l'art militaire et le génie de Pacheco rabaisseront bientôt tout le courage de l'idolâtre. Aucun héros illustré par les travaux de Mars, aucun guerrier, que la Renommée emporte sur ses ailes, n'est comparable à celui-ci, qui sur tous remporte la palme, n'en déplaie à la célèbre Grèce ou à l'immortelle Rome!

« Tant de batailles soutenues seulement avec un peu plus de cent soldats, tant de chiens enragés mis en déroute au moyen de mille ruses et stratagèmes, tout cela paraîtra une fable forgée à plaisir; ou une œuvre accomplie avec l'aide des célestes anges qui, invoqués par le héros, descendront sur la terre pour lui donner du courage, de la prudence, de la ruse et de l'audace.

« Celui qui dans les plaines de Marathon renversa et soumit la puissance infinie de Darius; cet autre qui, à la tête de quatre mille Lacédémoniens, défendit le passage des Thermopyles; Coclès, l'Ausonien, qui, pour défendre un pont, soutint tout seul le choc de toutes les forces étrusques; Quintus Fabius, tous ceux-là furent moins braves et moins habiles dans l'art militaire. »

Mais à ce moment la nymphe, abaissant sa voix retentissante, prit un ton humble et attristé; alors, les yeux baignés de pleurs, elle chanta à voix basse le grand courage mal récompensé: « Bélisaire, s'écria-t-elle, toi qui seras toujours prôné parmi le chœur des Muses, si tu as vu la fureur de Mars s'apaiser en ton cœur, voici un exemple qui te servira de consolation.

XXIII

Aqui tens companheiro, assi nos feitos,
 Como no galardão injusto e duro :
 Em ti, e nelle veremos altos peitos,
 A baixo estado vir, humilde, e escuro :
 Morrer nos hospitaes, em pobres leitos,
 Os que ao Rei, e á lei servem de muro !
 Isto fazem os Reis, enja vontade
 Manda mais que a justiça, e que a verdade.

XXIV

Isto fazem os Reis, quando embebidos
 N'humã apparencia branda que os contenta,
 Dão os premios de Aiace mercedos,
 Á lingua vã de Ulysses frandulenta.
 Mas vingó-me, que os bens mal repartidos
 Por quem só doces sombras apresenta,
 Se não os dão a sabios cavalleiros,
 Dão-os logo a avarentos lisongeiros.

XXV

Mas tu, de quem ficou tão mal pagado
 Hum tal vassallo, ó Rei só nisto inico (3),
 Se não és para dar-lhe honroso estado,
 He elle para dar-te hum reino rico.
 Em quanto for o mundo rodado
 Dos Apollincos raios, eu te fico,
 Que elle seja entre a gente illustre e claro,
 E tu nisto culpado por avaro.

XXVI

Mas eis outro, cantava, intitulado
 Vem com nome Real, e traz consigo
 O filho, que no mar será illustrado,
 Tanto como qualquer Romano antigo! (4).
 Ambos darão com braço forte, armado,
 A Quíloa fértil aspero castigo;
 Fazendo nella Rei leal e humano,
 Deitado fóra o perfido Tyranno.

XXVII

Tambem farão Mombaça, que se arrea
 De casas sumptuosas e edificios,
 Co' o ferro e fogo seu, queimada e fea,
 Em pago dos passados malficios,
 Depois na costa da India, andando chea
 De lenhos inimigos, e artificios,
 Contra os Lusos, com velas e com remos,
 O mancebo Lourenço fará extremos.

XXVIII

Das grandes náos do Samorim potente,
 Que encherão todo o mar, co' a ferrea pella
 Que sahe com trovão do cobre ardente,
 Fará pedaços leme, mastro, vela;
 Depois, lançando arcos ousadamente
 Na capitaina imiga; dentro nella
 Saltando, a fará só com lança e espada,
 De quatro centos Mouros despejada.

XXIX

Mas de Deos a escondida providencia,
 Que ella só sabe o bem de que se serve,
 O porá onde esforço, nem prudencia,
 Poderá haver, que a vida lhe reserve.
 Em Chaul, onde em sangue, e resistencia,
 O mar todo com fogo e ferro ferve,
 Lhe farão que com vida se não saia
 As armadas de Egypto, et de Cambaia.

XXX

Alli o poder de muitos inimigos,
 Que o grande esforço só com força rende,
 Os ventos que faltaram, e os perigos
 Do mar, que sobejaram, tudo o offende.
 Aqui resurjam todos os antigos
 A ver o nobre ardor, que aqui se aprende :
 Outro Sceva verão, que espedaçado
 Não sabe ser rendido, nem domado.

« Voici pour toi un compagnon de sort; comme toi il a reçu, pour les exploits dont il s'est illustré, une récompense injuste et cruelle. Doués tous les deux d'un cœur élevé, on vous a laissés tomber dans une affreuse indigence. Quelle honte de voir mourir dans les hôpitaux, sur de misérables grabats, ceux qui ont servi de rempart au monarque et à la loi! Voilà l'œuvre des rois, dont le caprice a plus de force que la justice et la vérité!

« Voilà l'œuvre des rois, lorsque, engourdis dans une sorte de mollesse qui les ravit, ils donnent le prix que méritait la valeur d'Ajax aux frauduleux discours d'Ulysse. Mais consolons-nous : les biens partagés entre les courtisans à l'air mielleux, et refusés à de braves capitaines, deviennent la proie de vils et avides flatteurs.

« O toi, monarque en ce seul point injuste (3), toi qui auras si mal récompensé un semblable vassal, si tu ne dois pas lui donner un poste honorifique, lui au moins te donnera un opulent royaume; mais tant que le monde sera éclairé par les rayons de Phébus, je te certifie que lui sera toujours illustre parmi les hommes, et toi décrié à ce sujet comme avare.

« Mais en voici un autre qui, décoré d'un titre royal, amène avec lui son fils, lequel se distinguera sur mer autant que les plus grands héros de l'antique Rome (4). Tous les deux, de leurs bras courageux, infligeront à la fertile Quiloa un terrible châtement, en remplaçant par un roi loyal et humain le tyran perfide qu'ils en auront chassé.

« Mombaça verra tomber en cendres ses maisons et ses édifices somptueux, et expiera ainsi ses perfidies d'autrefois. Les mers de l'Inde, parsemées de navires destinés à détruire les Lusitaniens, verront le jeune Lourenço accomplir des prodiges sur ses vaisseaux.

« Il réduira en poudre l'immense flotte du puissant Samorin, qui couvrira l'Océan tout entier; et, de ses boulets redoutables autant que le tonnerre, il lui brisera voiles, mâts et gouvernails. Ensuite, après avoir audacieusement lancé des harpons sur la capitane ennemie, il y pénétrera lui-même, et de sa lance et de son épée la videra de quatre cents Maures.

« Cependant la providence occulte de Dieu, qui connaît elle seule les moyens dont elle se sert, l'amènera là où ni courage ni ruse ne pourront lui conserver l'existence, à Chanl, où il perdra la vie sur cette mer sanglante, défendue par le fer et le feu des flottes d'Égypte et de Cambaye.

« Là, le nombre et la puissance des ennemis, contre lesquels le courage sans forces ne peut rien, le manque de vent et la surabondance des dangers de la mer, tout s'assemble pour causer sa perte. Ressuscitez maintenant, héros antiques! venez tous admirer de nouveaux prodiges d'intrépidité; admirez cet autre Scéva qui, tout couvert de blessures, ne s'avoue point encore dompté ni vaincu.

XXXI

Com toda hua coxa fóra, que em pedaços
Lhe leva hum eego tiro que passára,
Se serve inda dos animosos braços,
E do grão coração que lhe ficára :
Até que outro pelouro quebra os laços,
Com que co'a alma o eorpo se liara :
Ella solta voou da prisão fora,
Onde subito se acha vencedora.

XXXII

Vai-te, alma, em paz da guerra turbulenta,
Na qual tu merceste paz serena!
Que o corpo, que em pedaços se apresenta,
Quem o gerou vingança já lhe ordena :
Que eu ouço retumbar a grão tormenta,
Que vem já dar a dura e eterna pena,
De esperas, basiliscos, e trabucos,
A Cambaicos crueis, e a Mamelneos.

XXXIII

Eis vem o pai com animo estupendo,
Trazendo furia, e magoa por antolhos,
Com que o paterno amor lhe está movendo
Fogo no coração, agua nos olhos :
A nobre ira lhe vinha promettendo,
Que o sangue fará dar pelos giolhos
Nas inimigas náos : senti-lo-ha o Nilo,
Pode-lo-ha o Indo ver, e o Gange ouvi-lo.

XXXIV

Qual o touro cioso, que se ensaia
Para a erua peleja, os cornos tenta
No tronco d'hum carvalho, ou alta faia,
E o ar ferindo, as forças exprimenta :
Tal, antes que no seio de Cambaia
Entre Francisco irado, na opulenta
Cidade de Dabul a espada afia,
Abaixando-lhe a tumida ousadia.

XXXV

E logo entrando fero na enseada
De Dio, illustre em cercos e batalhas,
Fará espalhar a fraca e grande armada
De Calecut, que remos tem por malhas :
Á de Melique Yaz acautelada,
Co' os pelouros que tu Vulcano espalhas,
Fará ir ver o frio e fundo assento,
Secreto leito do humido elemento.

XXXVI

Mas a de Mir-Hocem, que abalroando
A furia esperará dos vingadores,
Verá braços, e pernas ir nadando,
Sem corpos, pelo mar, de seus senhores :
Raios de fogo irão representando
No eego ardor os bravos domadores :
Quanto alli sentirão ollios, e ouvidos,
He fumo, ferro, flammias, e alaridos.

XXXVII

Mas ah, que desta prospera vitoria,
Com que depois virá ao patrio Tejo,
Quasi lhe roubará a famosa gloria
Hum successo que triste, e negro vejo!
O cabo Tormentorio, que a memoria
Co'os ossos guardará, não terá pejo
De tirar deste mundo aquelle espirito,
Que não tiraram toda a India, e Egyto.

XXXVIII

Alli Cafres selvagens poderão
O que destros imigos não puderam ;
E rudos páos tostados sós farão
O que areos, e pelouros não fizeram.
Occultos os juizos de Deos são!
As gentes vãas, que não os entenderam,
Chamam-lhe fado máo, fortuna escura,
Sendo só providencia de Deos pura.

« La cuisse fracassée par une balle égarée, il se sert encore de ses bras valeureux et du grand cœur qui lui est resté, jusqu'au moment où un autre boulet vient rompre les liens qui attachent son corps à son âme ; celle-ci, délivrée de sa prison vivante, s'envole au ciel, où elle rencontre aussitôt la victoire.

« Fuis, ô âme, fuis la guerre turbulente, va-t'en trouver la paix que tu y as acquise ; ton corps mutilé va être vengé par celui qui t'a mis au monde. Déjà j'entends retentir la grêle terrible que vomissent les pierriers, les canons et les balistes, pour infliger un éternel châtement aux cruels Cambayens et aux Mamelucks.

« Voici venir son père ; il est furieux et affligé tout à la fois, car l'amour paternel allume un incendie dans son cœur, et de ses yeux fait conler un torrent de larmes. Déjà il promet de venger son fils en ensanglantant les flottes ennemies : le Nil le sentira, l'Indus pourra le voir, et le Gange l'entendre !

« Semblable au taureau en rut qui, s'exerçant pour la lutte barbare, essaie ses cornes contre un tronc de chêne ou de hêtre élevé, et mesure ses forces en frappant l'air de ses mugissements, le brave François, avant de pénétrer dans le sein de la Cambaye, aiguise son épée sur les remparts de l'opulente cité de Daboul, dont il rabaisse l'audacieux orgueil.

« Puis, entrant fièrement dans la baie de Diu, devant cette ville qui deviendra célèbre par ses sièges et ses batailles, il dispersera la faible mais nombreuse flotte de Calicut, qui n'aura d'autre défense que celle des rames. Celle de Mélik-Yaz succombera malgré toutes ses forces sous les coups de l'artillerie lusitanienne, et sera précipitée dans le froid séjour, lit profond et secret de l'élément humide.

« Celle de Mir-Hocem, qui attendra la furie des guerriers vengeurs en jetant le harpon contre leurs navires, verra les membres de ses maîtres, détachés de leur tronc, flotter au gré des eaux : la foudre est moins prompte et moins terrible que les guerriers portugais ; là les yeux ne voient que de la fumée, du fer et des flammes ; les oreilles n'entendent que des clamours et des coups redoublés.

« Mais hélas ! je vois un triste et funeste événement qui, lorsque le héros retournera vers son Tage bien-aimé, lui enlèvera presque entièrement la gloire immense de cette victoire bienheureuse ! Le cap des Tourmentes gardera ses cendres et son souvenir, et ne craindra pas de ravir au monde ce génie que ne lui ravirent ni l'Inde ni l'Égypte.

« Les Caffres sauvages feront ce que n'avaient pu faire d'habiles ennemis, et des bâtons grossiers endurcis à la chaleur du feu auront plus de force que les flèches et les boulets. Les décrets du Très-Haut sont incompréhensibles pour les mortels : on les appelle mauvaise destinée ou fortune obscure, lorsqu'ils ne sont que l'effet de la Providence divine.

XXXIX

Mas oh que luz tamanha, que abrir sinto,
 Dizia a nympha, e a voz alevantava,
 Lá no mar de Melinde em sangue tinto
 Das cidades de Lamo, de Oja, e Brava,
 Pelo Cunha tambem, que nunca extinto
 Será seu nome em todo o mar que lava
 As ilhas do Anstro, e praias, que se chamam
 De São-Lourenço, e em todo o Sul se affamam!

XL

Esta luz he do fogo, e das luzentes
 Armas, com que o Albuquerque (5) ir á amansando
 De Ormuz os Párseos, por seu mal valentes,
 Que refusam o jugo honroso, e brando.
 Alli verão as settas estridentes
 Reciprocarse, a ponta no ar virando
 Contra quem as tirou, que Deos peleja
 Por quem estende a fé da madre Igreja.

XLI

Alli de sal os montes não defendem
 De corrupção os corpos no combate,
 Que mortos pela praia, e mar se estendem
 De Gerum, de Mascate, e Calayate:
 Até que á força só de braço aprendem
 A abaixar a cerviz, onde se lhe ate
 Obrigação de dar o reino inico
 Das perlas de Barem tributo rico.

XLII

Que gloriosas palmas tecer vejo,
 Com que victoria a frente lhe coroa,
 Quando sem sombra vãa de medo, ou pejo,
 Toma a ilha illustrissima de Goa!
 Depois, obedecendo ao duro ensejo
 A deixa, e occasião espera boa,
 Com que a torne a tomar; que esforço, e arte,
 Vencerão a fortuna, e o proprio Marte.

XLIII

Eis já sobre ella torna, e vai rompendo
 Por muros, fogo, lanças, e pelouros,
 Abrindo com a espada o espesso, e horrendo
 Esquadrão de Gentios, e de Mouros.
 Irão soldados inclytos fazendo
 Mais que leões famelicos, e touros,
 Na luz que sempre celebrada, et dina
 Será da Egypcia Sancta Catharina.

XLIV

Nem tu menos fugir poderás deste,
 Postoque rica, e postoque assentada
 Lá no gremio da Aurora onde nasceste,
 Opulenta Malaca nomeada!
 As settas venenosas que fizeste,
 Os crises com que já te vejo armada,
 Malaios namorados, Jaos valentes,
 Todos farás ao Luso obedientes.

XLV

Mais estanças cantára esta Sirena
 Em louvor do illustrissimo Albuquerque,
 Mas alembrou-lhe huma ira que o condena,
 Postoque a fama sua o mundo cerque(6).
 O grande capitão, que o fado ordena
 Que com trabalhos gloria eterna merque,
 Mais ha de ser hum brando companheiro
 Para os seus, que juiz cruel, e inteiro.

XLVI

Mas em tempo que fôines, e asperezas,
 Doenças, frechas, e trovões ardentes,
 A sazão, e o lugar fazem cruzas
 Nos soldados a tudo obedientes;
 Parece de selvaticas brutezas,
 De peitos inhumanos, e insolentes,
 Dar extremo supplicio pela culpa
 Que a fraca humanidade, e Amor desculpa.

« Mais quelle éclatante lumière frappe mes yeux ? s'écria la nymphe en élevant la voix. Je vois dans les mers de Mélinde couler le sang des peuples de Lamo, d'Oja et de Brava. L'auteur de tant d'exploits c'est Cunha, dont le nom ne sera jamais oublié dans toute la mer qui baigne les îles de l'Auster et les plages illustres de Saint-Laurent.

« Cette autre ineur est causée par le feu et les armes étincelantes dont Albuquerque⁽⁵⁾ domptera les Persans d'Ormuz, ces soldats à qui leur propre courage sera nuisible, et qui refuseront de supporter un joug doux et honorable. Ils verront leurs flèches se retourner contre eux-mêmes, tournant dans l'air leur pointe aigüe vers ceux qui les auront lancées ; c'est que Dieu combat avec ceux qui répandent la foi de l'Église.

« Là les montagnes de sel ne préserveront pas de la corruption les cadavres qui après le combat joncheront les plaines de Djaroun, de Mascate et de Calayate. Ne cédant qu'à la force, les barbares apprendront à courber la tête, et leur royaume inique sera obligé de fournir en riche tribut les perles de Baharem.

« Que de guirlandes glorieuses, tressées par la victoire, vont le couronner, lorsque, sans avoir éprouvé ombre d'embarras ni de peur, il s'emparera de la célèbre île de Goa ! Ensuite, obligé de céder à la force du conflit, il quitte la cité et attend le moment favorable de s'en ressaisir, et, réunissant la bravoure à l'habileté, il l'emporte sur le sort et sur Mars lui-même.

« Le voici revenir à la charge, traversant sans crainte murailles, lances, feux et boulets, se frayant avec son épée un chemin à travers les opaques et terribles escadrons des Indiens et des Maures. Ses soldats courageux, plus féroces que des taureaux ou des lions affamés, rendront mémorable ce jour, qu'à jamais l'Église a consacré à l'Égyptienne sainte Catherine.

« Et toi, opulente et fameuse Malacca, ni tes richesses, ni ta position favorable au cœur même de l'Aurore ne te garantiront des coups de ce héros. Ni tes flèches empoisonnées, ni tes cris meurtriers, ni le secours des Malais voluptueux et des braves Javanais ne pourront te sauver de la domination lusitanienne. »

La sirène aurait chanté plus de strophes pour les louanges de l'illustre Albuquerque, mais elle se souvint d'une cruauté blâmable qui devait ternir un peu sa renommée universelle (6). Un grand capitaine, à qui le sort a réservé pour prix de ses travaux une gloire éternelle, doit être pour les siens plutôt un doux et bienveillant compagnon qu'un juge cruel et impitoyable.

Dans un moment où les famines, les obstacles à surmonter, les maladies, les blessures des flèches ou des balles ardentes, la saison et le climat exercent leur ravage parmi les soldats, forcés d'obéir à tout, il semble brutal et barbare, il semble cruel et inhumain de voir infliger le dernier supplice pour une faute que la faiblesse humaine et l'amour rendent excusable.

XLVII

Não será a culpa abominoso incesto,
 Nem violento estupro em virgem pura,
 Nem menos adulterio deshonesto,
 Mas c'hum escrava vil, lasciva, e escura.
 Se o peito, ou de cioso, ou de modesto,
 Ou de usado a erna fea e dura,
 Co'os seus hum ira insana não refreia,
 Põe na fama alva, noda negra e feia.

XLVIII

Vio Alexandre Apelles namorado
 Da sua Campaspe, e deo-lha alegremente,
 Não sendo sen soldado experimentado,
 Nem vendo-se n'hum cerco duro e urgente.
 Sentio Cyro que andava já abrazado
 Araspas de Panthea, em fogo ardente,
 Que elle tomára em guarda, e promettia
 Que nenhum máo desejo o venceria.

XLIX

Mas vendo o illustre Persa, que vencido
 Fôra de amor, que em fim não tem defenza,
 Levemente o perdoa, e foi servido
 Delle n'hum caso grande em recompensa.
 Por força, de Juditha foi marido
 O ferreo Baldovino; mas dispensa
 Carlos pai della, posto em cousas grandes,
 Que viva, e povoador seja de Frandes.

I

Mas proseguindo a nympha o longo eanto,
 De Soares cantava (7), que as bandeiras
 Faria tremolar, e pôr espanto
 Pelas roxas Arabicas ribeiras.
 Medina abominabil teme tantô,
 Quanto Meea, e Gidá, co'as derradeiras
 Praias de Abassia : Barborá se teme
 Do mal de que o emporio Zeila geme,

LI

A nobre illia tambem de Taprobana,
 Já pelo nome antigo tão famosa,
 Quanto agora soberba e soberana,
 Pela cortiça calida, cheirosa;
 Della dará tributo á Lusitana
 Bandeira, quando excelsa, e gloriosa,
 Vencendo se erguerá na torre erguida,
 Em Columbo, dos proprios tão temida.

LII

Tambem Sequeira, as ondas Frythreas
 Dividindo, abrirá novo caminho,
 Para ti, grande imperio, que te arreas
 De seres de Candace e Sabá niuho.
 Maçuá, com cisternas de agna cheas,
 Verá, e o porto Arquico alli visinho,
 E fará descobrir remotas illhas,
 Que dão ao mundo novas maravilhas.

LIII

Virá despois Menezes, cujo ferro
 Mais na Africa, que cá terá provado :
 Castigará de Ormuz soberba o erro
 Com lhe fazer tributo dar dobrado.
 Tambem tu, Gama, em pago do desterro
 Em que estás, e serás inda tornado,
 Co'os titulos de Conde, e d'honras nobres,
 Virás mandar a terra que descobres (8).

LIV

Mas aquella fatal necessidade,
 De quem ninguem se exime dos humanos,
 Illustrado co' a Regia dignidade,
 Te tirará do mundo, e sens enganos.
 Outro Menezes logo, cuja idade
 He maior na prudencia que nos annos,
 Governará, e fará o ditoso Henrique,
 Que perpetua memoria delle fique.

En cette occasion, cette faute ne sera ni un abominable inceste, ni le viol honteux d'une vierge pure, ni encore moins un adultère illicite; ce sera une amoureuse intrigue avec une esclave vile et obscure. Que ce soit anstérité, cruauté ou jalousie, celui qui ne sait pas réprimer la colère qu'il ressent contre les siens imprime à sa renommée, quelque pure qu'elle soit, une tache indélébile.

Alexandre ayant vu Apelle amoureux de sa Campaspe, la lui donna de bon cœur, quoique le peintre ne fût point à son service, et qu'il ne se trouvât point lui-même dans un siège pénible et pressant. Cyrus devina aussi l'amour d'Araspas pour Panthée, la belle captive, malgré la promesse que ce dernier avait faite de ne jamais se laisser dominer par aucune passion.

Mais l'illustre Perse, voyant que l'amour s'en était emparé sans remède, lui pardonna aisément, et bien lui en prit, car en récompense de sa générosité il fut sauvé par son protégé d'un accident terrible. Bandouin Bras-de-Fer enleva de force Judith à son père Charles-le-Chauve, et l'épousa; et pourtant le puissant monarque lui permit de vivre et de devenir le fondateur des Flandres.

Cependant la nymphe, poursuivant son long récit, chantait Soares (7) qui devait faire flotter ses drapeaux sur les côtes de l'Arabie épouvantée : « L'infidèle Médine, continua-t-elle, en tremblera autant que la Mecque et Djedda, ainsi que les rivages lointains de l'Abyssinie; Barbora aura à redouter le fléau dont gémera l'opulente Zéila.

« La fameuse île de Taprobane, aussi connue déjà dans les temps anciens que puissante maintenant, grâce à cette écorce odorante dont s'enorgueillissent ses forêts, elle aussi en payera le tribut au drapeau Lusitanien, lorsque glorieux et redoutable il s'élèvera après la victoire sur la haute tour de Columbo, l'effroi des insulaires.

« Toi aussi, Sequeira, tu sillonneras les ondes de la mer Érythrée, pour t'ouvrir une voie nouvelle jusqu'à ce grand empire qui s'enorgueillit d'avoir été le berceau de Candace et de la reine de Saba; tu découvriras Mazua avec ses citernes remplies d'eau, et près de là le port d'Arkiko, ainsi que ces îles lointaines qui fourniront au monde de nouvelles merveilles.

« Ensuite régnera Menezes, dont l'épée, après avoir fait essuyer plus de ravages à l'Afrique qu'aux Indes, viendra punir de ses fautes l'orgueilleuse Ormuz, en lui faisant payer double le tribut qui l'accable. Toi aussi, Gama, pour prix de cet exil où tu te trouves et que tu subiras encore, décoré du titre de Comte et de nouveaux honneurs, tu régneras sur ce pays que tu as découvert (8).

« Mais au milieu de tes dignités royales, cette nécessité fatale, qu'aucun mortel ne peut éluder, t'enlèvera au monde et à ses déceptions. Tu auras pour successeur un autre Menezes, lequel, malgré son jeune âge, se fera remarquer par sa prudence et rendra immortel le nom bienheureux de Henri.

LV

Não vencerá sómente os Malabares,
 Destruindo Panane, com Coulete,
 Commettendo as bombardas, que nos ares
 Se vingam só do peito que as commette;
 Mas com virtudes certo singulares,
 Vence os imigos d'alma todos sete:
 De cobiça triumpho, e incontinencia;
 Que em tal idade he summa de excellencia.

LVI

Mas depois que as estrellas o chamarem,
 Succederás, ó forte Mascarenhas (9),
 E se injustos o mando te tomarem,
 Prometto-te que fama eterna tenhas!
 Para teus inimigos confessarem
 Teu valor alto, o fado quer que venhas
 A mandar, mais de palmas coroado,
 Que de fortuna justa acompanhado.

LVII

No reino de Bintão, que tantos danos
 Terá a Malaca muito tempo feitos,
 N'hum só dia as injurias de mil annos
 Vingarás, co'o valor de illustres peitos:
 Trabalhos e perigos inhumanos,
 Abrolhos ferreos mil, passos estreitos,
 Tranqueiras, baluartes, lanças, settas,
 Tudo fico que rompas, e sobmettas.

LVIII

Mas na India cobiça e ambição,
 Que claramente poem aberto o rosto
 Contra Deos e justiça, te farão
 Vituperio nenhum, mas só desgosto.
 Quem faz injuria vil, e sem razão,
 Com forças e poder, em que está posto,
 Não vence; que a victoria verdadeira,
 He saber ter justiça nua e inteira.

LIX

Mas com tudo não nego que Sampaio
 Será no esforço illustre e assinalado,
 Mostrando-se no mar hum fero raio,
 Que de inimigos mil verá coalhado.
 Em Bacanor fará cruel ensaio
 No Malabar, para que amedrontado
 Depois a ser vencido delle venha
 Cutiale (10), com quanta armada tenha.

LX

E não menos de Dio a fera frota,
 Que Chanl temerá, de grande e ousada,
 Fará co' a vista só perdida e rota,
 Por Heitor da Sylveira, e destroçada:
 Por Heitor Portuguez, de quem se nota,
 Que na costa Cambaica sempre armada,
 Será aos Guzarates tanto dano,
 Quanto já foi aos Gregos o Troiano.

LXI

A Sampaio feroz succederá
 Cunha, que longo tempo tem o leme;
 De Chale as torres altas erguerá,
 Ein quanto Dio illustre delle treme:
 O forte Baçaim se lhe dará,
 Não sem sangue porém, que nelle genie
 Melique, porque á força só de espada
 A tranqueira soberba vê tomada.

LXII

Traz este vem Noronha, cujo auspicio
 De Dio os Ruues feros affugenta;
 Dio, que o peito e bellico exercicio
 De Antonio da Sylveira bem sustenta.
 Fará em Noronha a morte o usado officio,
 Quando hum teu ramo, ó Gama (11), se exprimenta
 No governo do imperio; cujo zelo
 Com medo o Roxo mar fará amarello.

« Non seulement il anéantira les Malabares, en détruisant Panane et Coulette, et bravant les bulles qui ne se vengeront que dans l'air du guerrier assez courageux pour oser les affronter; mais encore, par sa vertu vraiment rare, il saura dompter les sept péchés, ces ennemis de l'âme, et (prodige de sagesse à cet âge!) il triomphera de l'avidité et de l'incontinence.

« Après que le ciel l'aura réclamé à la terre, tu lui succéderas, brave Mascarenhas (9), et si l'injustice te ravit le commandement, je te promets néanmoins une renommée éternelle. Afin que tes ennemis mêmes reconnaissent ton rare courage, le destin te donnera, à défaut de bonheur, les palmes de l'immortalité.

« Dans le royaume de Bintan, qui pendant longtemps aura causé tant de maux à Malacca, tu vengeras en un seul jour, à la tête de tes valeureux soldats, les injustices commises pendant mille ans. Travaux et dangers surhumains, défilés étroits, palissades, herses, lances et flèches, rien ne saura arrêter ton ardeur.

« Par malheur l'avidité et l'ambition, se déclarant ouvertement contre Dieu et la justice, te procureront dans les Indes, non pas du déshonneur, mais des chagrins. On ne triomphe pas lorsqu'on abuse injustement et sans raison de sa force et de sa puissance : savoir garder une intégrité parfaite, voilà la véritable victoire.

« Cependant je ne veux pas dénigrer la valeur de Sampaio : il déploiera un courage remarquable, et se montrera dans tout l'éclat de sa bravoure sur la mer de Bacanor, couverte de mille vaisseaux ennemis; là il fera de cruels essais sur les Malabares, afin de les préparer à la sanglante défaite qu'il va infliger à Cutiale (10) et à ses nombreux navires.

« Un échec semblable est réservé à la redoutable flotte qui, partie de Diu pour porter la terreur dans Chaul, sera complètement mise en déroute par l'Hector portugais, par Hector da Silveira. Celui-ci, posté sur la côte toujours fortifiée de Cambaye, causera aux Guzarates autant de pertes que jadis le héros troyen en suscita aux guerriers de la Grèce.

« Au féroce Sampaio succédera Cunha, qui tiendra longtemps le gouvernail de l'Inde; tandis que la forte Din tremblera à sa vue, il élèvera les hautes tours de Chalé. Après une lutte sanglante, il s'emparera du fort de Baçaim, dont Mélik vaincu aura vu les superbes remparts ne céder qu'à la force des armes.

« Ensuite vient Noronha, dont la seule présence chasse de Diu les féroces Romiens; de Diu, ce soutient le cœur valeureux et l'art militaire d'Antoine da Silveira. Après que la mort aura emporté Noronha, un de tes fils, ô Gama (11), prend la charge du commandement, et par son audace il fait pâlir d'épouvante la mer Rouge.

LXIII

Das mãos do teu Estevam vem tomar
As redeas hum (12), que já será illustrado
No Brasil, com vener e castigar
O pirata Francéz, ao mar usado.
Despois Capitão mór do Indico mar,
O miro de Damão soberbo, e armado,
Escala, e primeiro entra a porta aberta
Que fogo e frechas mil terão coberta.

LXIV

A este o Rei Cambaico soberbissimo
Fortaleza dará na rica Dio,
Porque contra o Mogor poderosissimo
Lhe ajude a defender o senhorio :
Despois irá com peito esforçadissimo
A tolher que não passe o Rei gentio
De Calecut, que assi com quantos veio
O fará retirar de sangue cheio.

LXV

Destruirá a cidade Repelim,
Pondo o seu Rei com muitos em fugida :
E despois junto ao cabo Comorim
Huma façanha faz esclarecida;
A frota principal do Samorim,
Que destruir o mundo não duvida,
Vencerá co' o furor do ferro e fogo;
Em si verá Beadala o marçio jogo.

LXVI

Tendo assi limpa a India dos inimigos,
Virá despois com sceptro a governa-la,
Sem que ache resistencia, nem perigos,
Que todos tremem delle, e nenhum falla.
Só quiz provar os asperos castigos
Baticalá, que vira já Beadala :
De sangue e corpos mortos ficou cheia,
E de fogo e trovões desfeita, e feia.

LXVII

Este será Martinho, que de Marte
O nome tem co' as obras derivado;
Tanto em armas illustre em toda parte,
Quanto em conselho sabio, e bem cuidado.
Succeder-lhe-ha alli Castro (13), que o estandarte
Portuguez terá sempre levantado;
Conforme successor ao succedido,
Que hum ergue Dio, outro o defende erguido.

LXVIII

Persas feroees, Abassis, e Rumes
Que trazido de Roma o nome tem,
Varios de gestos, varios de costumes,
Que mil nações ao cereo feras vem,
Farão dos céos ao mundo vãos queixumes,
Porque huns poucos a terra lhe detem;
Em sangue Portuguez juram descritos
De baulhar os bigodes retoreidos.

LXIX

Basiliscos medonhos, e leões,
Trabueos feros, minas encobertas,
Sustenta Mascarenhas co' os barões,
Que tão ledos as mortes tem por certas :
Até que nas maiores oppressões
Castro libertador, fazendo offertas
Das vidas de seus filhos, quer que fiquem
Com fama eterna, e a Deos se sacrificem.

LXX

Fernando hum delles, ruano da alta planta,
Onde o violento fogo com ruido
Em pedaços os muros no ar levanta,
Será alli arrebatado, e ao céo subido.
Alvaro, quando o inverno o mundo espanta,
E tem o caminho humido impedido,
Abrindo-o, venee as ondas, e os perigos,
Os ventos, e despois os inimigos.

« Des mains de ton fils Étienne, les rênes du gouvernement passeront à un héros (12) déjà célèbre pour avoir vaincu et châtié au Brésil les pirates français endurcis aux travaux de la mer. Devenu plus tard commandant en chef des mers de l'Inde, il escaladera les superbes remparts de Daman, et y pénétrera le premier, au milieu d'une grêle de balles et de flèches.

« C'est à lui que l'orgueilleux roi de Cambaye donnera une forteresse dans l'opulente Diu, pour qu'il l'aide à défendre ses États contre le tout-puissant Mogol. Ensuite le nouveau conquérant emploiera sa vaillance à barrer le passage au roi de Calicut, qu'il forcera de reculer avec son armée, après lui avoir fait goûter de son fer.

« Il détruira la ville de Répélim, dont il chassera le roi et une foule de seigneurs, puis il remportera un nouveau triomphe près du cap Comorin. La flotte principale du Samorin, qui se proposera de détruire le monde, cédera devant la redoutable artillerie portugaise, et Bédala n'échappera point au fléau de Mars.

« Après avoir ainsi purgé l'Inde de tant d'ennemis, ce héros pourra enfin la dominer de son sceptre, sans rencontrer ni résistance ni périls, car tous en tremblent et lui obéissent sans mot dire. Baticala seule veut goûter des cruels châtimens essuyés par Bédala; jonchée de cadavres sanglants, elle voit ses murailles tomber en cendres.

« L'auteur de tant d'exploits, dont le nom et les hauts faits rappellent ceux du dieu Mars, c'est Martin de Souza; il est aussi brave dans les combats que sage et prudent au conseil. Après lui viendra Castro (13), qui relèvera toujours l'étendard portugais; digne successeur de Martin, il défendra Diu, que son prédécesseur aura fortifiée.

« Persans, Abyssins, Rumiens, dont le nom dérive de Rome, malgré la diversité de leurs mœurs et de leur langage, s'accorderont tous pour accourir à ce siège fameux. En vain ils adresseront au ciel des plaintes amères, en voyant une poignée d'hommes leur enlever leur terrain; en vain tous ces mécréants jurent de baigner dans le sang portugais leurs moustaches relevées :

« Les effrayantes balistes, les coulouvaines, les mines souterraines, loin d'épouvanter Mascarenhas et ses intrépides soldats, les exciteront à courir le cœur joyeux vers une mort certaine. Mais un libérateur apparaît; c'est Castro qui dans cet instant suprême vient offrir la vie de ses propres enfants : « Sacrifiez-vous à Dieu, leur dit-il, et vous acquerrez une gloire éternelle! »

« L'un d'eux, Fernand, digne rejeton d'une telle souche, bravant l'ardeur du feu et des bombes, trouvera là une mort terrible; mais en récompense de son martyre, son âme s'envolera au ciel. Alvaro, peu soucieux du froid rigoureux de l'hiver qui lui barre le chemin de l'Océan, Alvaro triomphera des vagues, des périls et des vents, pour triompher ensuite de ses ennemis.

LXXI

Eis vem despois o pai, que as ondas corta
 Com restante da gente Lusitana;
 E com força, e saber que mais importa,
 Batalha dá felice, e soberana :
 Huns paredes subindo escusam porta,
 Outros a abrem na fera esquadra insana :
 Feitos farão tão dignos de memoria,
 Que não caibam em verso, ou larga historia.

LXXII

Este despois em campo se apresenta
 Vencedor forte e intrepido ao possante
 Rei de Cambaia, e a vista lhe amedrenta
 Da fera multidão quadrupedante.
 Não menos suas terras mal sustenta
 O Hydaleham (14) do braço triumphante,
 Que castigando vai Dabul na costa;
 Nem lhe escapou Pondá, no sertão posta.

LXXIII

Estes e outros Barões, por varias partes,
 Dignos todos de fama e maravilha,
 Fazendo-se na terra bravos Martes,
 Virão lograr os gostos desta ilha;
 Varrendo triumphantes estandartes,
 Pelas ondas que corta a aguda quilha;
 E acharão estas nymphas, e estas mesas,
 Que glorias e honras são de arduas empresas.

LXXIV

Assi cantava a nympha; e as outras todas
 Com sonoro applauso vozes davam,
 Com que festejam as alegres vodas,
 Que com tanto prazer se celebravam.
 « Por mais que da fortuna andem as rodas, »
 N'huma consoua voz todas soavam,
 « Não vos hão de faltar, gente funosa,
 « Honra, valor, e fama gloriosa! »

LXXV

Despois que a corporal necessidade
 Se satisfez do mantimento nobre,
 E na harmonica, e doce snavidade,
 Viram os altos feitos, que descobre
 Tethys, de graça ornada, e gravidade;
 Para que com mais alta gloria dobre
 As festas deste alegre e claro dia,
 Para o felice Gama assi dizia :

LXXVI

Faz-te mercé, Barão, a Sapiencia
 Suprema, de co' os olhos corporais
 Veres o que não póde a vã sciencia
 Dos errados, e miseros mortais!
 Sigue-me firme e forte, com prudencia,
 Por este monte espesso, tu co' os mais.
 Assi lhe diz : e o guia por hum mato
 Ardno, difficil, duro a humano trato.

LXXVII

Não andam muito, que no erguido cume
 Se acharam, onde hum campo se esmaltava
 De esmeraldas, rubis taes que presume
 A vista, que divino chão pizava.
 Aqui hum globo vêm no ar, que o lume
 Clarissimo por elle penetrava,
 De modo que o seu centro está evidente,
 Com a sna superficie, claramente.

LXXVIII

Qual a materia seja não se enxerga,
 Mas enxerga-se bem que está composto
 De varios orbes, que a divina verga
 Compoz, e hum centro a todos só tem posto.
 Volvendo, ora se abaixe, agora se erga,
 Nunca s'ergue, ou se abaixa; e hum mesino rosto
 Por toda a parte tem, e em toda a parte
 Começa e acaba, em fim por divina arte :

« Voici bientôt venir son père avec le reste des troupes Lusitaniennes, et, grâce à sa puissance et surtout à son habileté, il remporte une victoire éclatante. Les vainqueurs escaladent les murs, sans avoir recours aux portes; quelques-uns vont se frayer un passage au milieu de la furieuse armée ennemie. Là ils accompliront des faits si mémorables que ni les vers ni l'histoire ne suffiront à les raconter.

« Ce même guerrier se présentera ensuite en vainqueur intrépide devant le puissant roi de Cambaye, et épouvantera du regard ses fiers et innombrables escadrons. Le superbe Hydalcen (14) n'a pas moins de peine à soutenir le choc de ce bras triomphant, qui châtie Daboul sur la côte et Ponda dans l'intérieur des forêts.

« Tous ces héros et d'autres encore qui auront acquis de divers côtés une renommée éternelle, en devenant sur la terre de nouveaux Mars, viendront jouir des délices de cette île, après avoir traîné leurs drapeaux victorieux sur les ondes sillonnées par la quille aiguë; ici ils trouveront toujours ces nymphes et ces festins, qui sont la gloire et les honneurs réservés aux grands génies. »

Ainsi chantait la sirène, et toutes ses compagnes l'applaudissaient avec transport, en animant de leurs accents joyeux cette fête de l'hymen, célébrée au milieu de tant de plaisirs : « Peuple fameux, s'écriaient-elles d'une voix unanime, quelles que soient les phases de la roue de la fortune, jamais il ne te manquera la bravoure, l'honneur ni la gloire ! »

Après que les appétits eurent été rassasiés de tous ces mets recherchés, après que les guerriers eurent écouté le chant harmonieux qui prédisait de si remarquables exploits, Téthys, en qui se réunissaient la grâce et la majesté, voulant encore rehausser l'éclat de ce jour fortuné, dit à l'heureux Gama :

« Illustre héros, la suprême Sagesse t'accorde la faculté de voir de tes propres yeux ce que ne peut découvrir la vaine science des malheureux mortels. Suis-moi sans crainte avec tes compagnons à travers cette montagne boisée. » Elle dit, et le mène dans un fourré impénétrable et inaccessible aux humains.

Ils se mettent en marche, et bientôt ils arrivent au sommet élevé de la montagne, où s'étale une plaine émaillée d'émeraudes et de rubis. Gama et les siens sont dans l'extase; ils croient fouler un sol divin. Alors ils aperçoivent dans les airs un globe, que pénètre de tous côtés une lumière éclatante, de telle sorte qu'on en distingue aussi clairement le centre que la surface.

Bien qu'on ne puisse se rendre compte de la matière dont il est formé, on voit bien qu'il est composé de plusieurs autres sphères, ouvrage d'un Être supérieur qui leur a donné à toutes le même centre. Il tourne continuellement, et dans son mouvement de rotation il ne s'abaisse ni ne s'élève jamais. De tous côtés il présente un même aspect; de tous côtés finit et commence ce chef-d'œuvre divin.

LXXIX

Uniforme, perfeito, em si sustido,
Qual em fim o Archetypo, que o creou.
Vendo o Gama este globo, commovido
De espanto e de desejo alli ficon.
Diz-lhe a deosa: O transumpto reduzido
Em pequeno volume aqui te dou
Do mundo aos olhos teus, para que vejas
Por onde vás, e irás, e o que desejas.

LXXX

Vês aqui a grande machina do mundo,
Etherica, e elemental, que fabricada
Assi foi do saber alto, e profundo,
Que he sem principio, e meta limitada.
Quem cêrca em derredor este rotundo
Globo, e sua superficie tão limada,
He Deos: mas o que he Deos ninguem o entende,
Que a tanto o engenho humano não se estende.

LXXXI

Este orbe que primeiro vai cercando
Os outros mais pequenos, que em si tem,
Que está com luz tão clara radiando,
Que a vista cega, e a mente vil tambem,
Empyreco se nomea; onde logrando
Puras almas estão de aquelle bem,
Tamanho, que elle só se entende e alcança,
De quem não ha no mundo semelhança.

LXXXII

Aqui só verdadeiros gloriosos
Divos estão: porque eu, Saturno, e Jano,
Jupiter, Juno, fomos fabulosos,
Fingidos de mortal, e cego engano:
Só para fazer versos deleitosos
Servimos; e se mais o trato humano
Nos pode dar, he só que o nome nosso
Nestas estrellas poz o engenho vosso.

LXXXIII

E tambem porque a sancta Providencia,
Que em Jupiter aqui se representa,
Por espiritos mil, que tem prudencia,
Governa o mundo todo, que sustenta.
Ensina-o a prophetica sciencia,
Em muitos dos exemplos, que apresenta:
Os que são bons, guiando favorecem,
Os máos, em quanto podem, nos empecem.

LXXXIV

Quer logo aqui a pintura que varia,
Agora deleitando, ora ensinando,
Dar-lhe nomes, que a antiga poesia
A seus deoses já dera, fabulando:
Que os Anjos de celeste companhia
Deoses o sacro verso está chamando;
Nem nega que esse nome preeminente
Tambem aos máos se dá, mas falsamente.

LXXXV

Em fim que o summo Deos, que por segundas
Causas obra no mundo, tudo manda:
E tornando a contar-te das profundas
Obras da mão divina veneranda;
Debaixo deste circulo, onde as mundas
Almas divinas gozam, que não anda,
Outro corre tão leve, e tão ligeiro,
Que não se enxerga; he o Mobile primeiro (15).

LXXXVI

Com este rapto e grande movimento,
Vão todos os que dentro tem no seio:
Por obra deste, o Sol andando a tento,
O dia e noite faz, com curso alheio.
Debaixo deste leve anda outro lento,
Tão lento, e subjogado a duro freio,
Que em quanto Phebo, de luz nunca escasso,
Duzentos cursos faz, dá elle hum passo

Uniforme et parfait, il n'a d'autre soutien que lui-même, à l'exemple de son éternel créateur. Gama, voyant ce globe, resta là, retenu par l'étonnement et la curiosité : « Je te montre ici, lui dit la déesse, la réduction du monde entier, afin que tu découvres la route que tu suis, celle que tu dois parcourir, et enfin les nouvelles contrées que tu désires connaître.

« Tu vois ici la grande machine du monde, cette substance éthérée et élémentaire, telle que l'a créée ce principe élevé et profond qui n'a ni commencement ni bornes marquées. Ce qui entoure cet orbe à la surface polie, c'est Dieu; mais ce que c'est que Dieu, nul ne le comprend : l'intelligence humaine ne s'étend pas si loin.

« Ce grand cercle qui enveloppe tous les autres, celui dont la lumière radieuse trouble la vue et l'esprit, c'est l'Empyrée; l'Empyrée, où les âmes pures jouissent de ce bonheur suprême et inexplicable dont la source est en lui, et dont le monde n'offre aucun exemple.

« Là n'habitent que les vrais dieux : car Saturne, Janus, Jupiter, Junon et moi-même nous ne sommes que des fictions forgées par l'erreur aveugle des mortels. Nous n'avons d'utilité que pour la poésie, et si les hommes peuvent nous accorder de plus grands honneurs, c'est que votre imagination a donné nos noms à ces étoiles.

« La sainte Providence, représentée ici par Jupiter, gouverne le monde entier au moyen de mille esprits, qui ont tous leur puissance particulière; ainsi l'enseigne la science prophétique dans bon nombre d'exemples; les bons génies nous mènent dans la voie favorable; les mauvais au contraire nous nuisent autant qu'ils peuvent.

« La science, en voulant nous distraire et nous instruire tour à tour, s'est plu à leur donner les noms dont la poésie ancienne avait désigné ses dieux fabuleux. L'Écriture elle-même n'appelle-t-elle pas des dieux les anges du céleste chœur, tout en reconnaissant que ce titre prééminemment s'applique aussi, quoique bien à tort, aux mauvais anges ?

« En troisième lieu l'on démontre, par l'invention de ces divinités, que le suprême Créateur règne sur toute chose au moyen de tous ces agents secondaires. Mais revenons au récit des œuvres profondes de la main de Dieu. Au-dessous de ce cercle immobile, où les âmes pures jouissent du bonheur, tourne un autre orbe si léger et si rapide, que les yeux ne peuvent l'atteindre; c'est le premier Mobile (15).

« Dans son mouvement précipité il entraîne toutes les sphères qu'il renferme, et le soleil en suivant sa rotation règle par son cours le jour et la nuit. Immédiatement après ce cercle léger, on peut en voir un autre si lent et soumis à un jong si tenace, que, tandis que Phébus toujours resplendissant de lumière accomplit deux cents fois son parcours, il ne fait, lui, qu'un seul pas.

LXXXVII

Olha est' outro debaixo, que esmaltado
De corpos lisos anda, e radiantes,
Que tambem nelle tem curso ordenado,
E nos seus axes correm scintillantes :
Bein vês como se veste e faz ornado
Co' o largo cinto d' ouro, que estellantes
Animaes doze traz affigurados,
Aposentos de Phebo limitados.

LXXXVIII

Olha por outras partes a pintura
Que as estrellas fulgentes vão fazendo :
Olha a Carreta, attenta a Cynosura,
Andromeda, e seu pai, e o Drago horrendo :
Vê de Cassiopea a formosura,
E do Oriente o gesto metueudo,
Olha o Cysne morreudo que suspira,
A Lebre, os Cães, a Náo, e a doce Lyra.

LXXXIX

Debaixo deste grande firmamento
Vês o céo de Saturno, deos antigo;
Jupiter logo faz o movimento,
E Marte abaixo, bellico inimigo;
O claro olho do céo no quarto assento,
E Venus, que os amores traz consigo;
Mercurio de eloquencia soberana;
Com tres rostos debaixo vai Diana.

XC

Em todos estes orbes differente
Curso verás, n' huus grave, e n' outros leve :
Ora fogem do centro longamente,
Ora da terra estão caminho breve;
Bein como quiz o Padre Omnipotente,
Que o fogo fez, e o ar, o vento e neve;
Os quaes verás que jazem mais a dentro,
E tem co' o mar a terra por seu centro.

XCI

Neste centro, pousada dos humanos,
Que não sómente ousados se contentam
De soffrerem da terra firme os danos,
Mas inda o mar instabil experimentam,
Verás as varias partes, que os insanos
Mares dividem, oude se aposentam
Varias nações, que mandam varios Reis,
Varios costumes seus, e varias leis.

XCII

Vês Europa christãa, mais alta e clara,
Que as outras em policia e fortaleza :
Vês Africa, dos bens do mundo avara,
Inculta, e toda cheia de bruteza;
Co' o cabo, que atéqui se vos negara,
Que assentou para o Austro a natureza :
Olha essa terra toda, que se habita
Dessa gente sem lei, quasi infinita.

XCIII

Vê do Benomotapa o grande imperio,
De selvatica gente, negra e nua;
Onde Gonçalo (16), morte e vituperio
Padecerá pela Fé sancta sua :
Nasce por este incognito hemispherio
O metal porque mais a gente sua :
Vê que do lago, donde se derrama
O Nilo, tambem vindo está Cuama.

XCIV

Olha as casas dos negros, como estão
Sem portas, confiados em seus ninhos,
Na justiça Real, e defensão,
E na fidelidade dos visinhos :
Olha delles a bruta multidão,
Qual bando espesso e negro de estorninhos,
Combaterá em Sofala a fortaleza,
Que defenderá Nhaia (17) com destreza.

« Regarde celui qui vient ensuite : il est émaillé de corps polis et radieux, qui ont aussi chacun leur cours réglé et tournent en scintillant sur leurs axes. Admire la large ceinture d'or dont il est paré, et où sont figurés les douze animaux étincelants, que visite tour à tour le char de Phébus.

« Observe de cet autre côté le magnifique tableau formé par les brillantes étoiles : vois le Chariot, Cynosura, Andromède et son père, le terrible Dragon, la belle Cassiopée et le turbulent Orion; le Cygne qui soupire en mourant, le Lièvre, les Chiens, le Vaisseau et la Lyre harmonieuse.

« Au-dessous de ce grand firmament tu aperçois le ciel de Saturne, antique divinité; après lui tourne Jupiter et ensuite Mars, le belliqueux ennemi; puis, au quatrième ciel, le flambeau de l'univers, et après lui, Vénus, qui traîne les Amours à sa suite; plus bas encore l'éloquent Mercure et Diane, la déesse aux trois visages.

« En tous ces orbes tu remarqueras un cours différent, lent chez les uns, rapide chez les autres. Tantôt ils s'éloignent beaucoup de leur centre, tantôt ils se rapprochent de la terre. Ainsi l'a voulu le Père Tout-Puissant, créateur du feu, de l'air, du vent et des frimas, lesquels, comme tu peux le voir, sont placés plus loin encore et ont pour centre commun la terre et l'Océan.

« Ce centre est le séjour des humains. Ceux-ci, dans leur témérité, ne se contentent pas de subir les maux de la terre ferme; ils vont même jusqu'à éprouver les dangers de la mer instable. Maintenant tu vas découvrir les différentes contrées que divisent les flots agités, contrées où se sont établis les divers peuples, avec leurs rois, leurs mœurs et leurs lois respectives.

« Voici la chrétienne Europe, que sa civilisation et sa force ont rendue plus grande et plus illustre que les autres parties du monde. Plus loin est l'Afrique, terre avare des dons de la nature, domaine de la grossièreté et de la barbarie; le destin a placé à son extrémité méridionale ce cap que jusqu'ici vous n'aviez pas découvert; contemple cette large étendue de terrain habitée par des peuples barbares et presque innombrables.

« Vois le grand empire du Monomotapa, peuplé de nègres sauvages et nus; là Gonçalo (16) subira bien des souffrances et périra pour la défense de sa sainte religion : dans cet hémisphère inconnu germe en abondance ce métal précieux qui est l'objet de toutes les fatigues des mortels. Là-haut est situé le lac d'où découlent le Nil et le Coana.

« Considère les habitations des nègres; dédaignant l'usage des portes, ils se fient à la justice de leur roi et à la fidélité de leurs voisins. Ce sont ces peuples grossiers qui viendront en masse, semblables à une nuée de noirs étourneaux, attaquer à Sofala la forteresse que Nhaiia (17) défendra avec tant d'habileté.

XCV

Olha lá as alagoas, donde o Nilo
 Nasce, que não sonberam os antigos;
 Ve-lo rega, gerando o crocodilo,
 Os povos Abassis, de Christo amigos :
 Olha como sem muros (novo estilo)
 Se defendem melhor dos inimigos;
 Vê Meroe, que illa foi de antiga fama,
 Que ora dos naturacs Nobá se chama.

XCVI

Nesta reinota terra, hum filho teu
 Nas armas contra os Turcos será claro,
 Ha de ser Dom Christovam (18) o nome seu;
 Mas contra o fim fatal não ha reparo.
 Vê cá a costa do mar, onde te deu
 Melinde hospicio gazalhoso e charo;
 O Rapto rio nota, que o romance
 Da terra chama Oby, entra em Quilnanço.

XCVII

O cabo vê já Aromata chamado,
 E agora Guardafú dos moradores,
 Onde começa a boca do affamado
 Mar Roxo, que do fundo toma as cores.
 Este como limite está lançado,
 Que divide Ásia de Africa; e as melhores
 Povoações, que a parte Africa tem,
 Maçná são, Arquico, e Suanquem.

XCVIII

Vês o extremo Suez, que antiguamente,
 Dizem que foi dos Heroas a cidade;
 Outros dizem que Arsinoc; e ao presente
 Tem das frotas do Egipto a potestade.
 Olha as aguas, nas quaes abrio patente
 Estrada o grão Moysés na antiga idade :
 Asia começa aqui, que se apresenta
 Em terras grande, em reinos opulenta.

XCIX

Olha o monte Sinái, que se ennobrece
 Co' o sepulchro de Sancta Catharina :
 Olha Toro, e Gidá, que lhe fallece
 Agua das fontes doce, e crystallina :
 Olha as portas do estreito, que fenece
 No reino da secca Adem, que confina
 Com a serra d'Arzira, pedra viva,
 Onde chuva dos céos se não deriva.

C

Olha as Arabias tres, que tanta terra
 Tomam, todas da gente vaga e baça,
 Donde vem os cavallos para a guerra,
 Ligeiros, e feroces, de alta raça.
 Olha a costa que corre até que cerra
 Outro estreito de Persia, e faz a traça
 O cabo, que co' o nome se appellida
 Da cidade Fartaque alli sabida.

CI

Olha Dofar insigne, porque manda
 O mais cheiroso incenso para as aras :
 Mas attenta, já cá de est' outra banda
 De Roçalgate, e praias sempre avaras,
 Começa o reino Ormuz, que todo se anda
 Pelas ribeiras, que inda serão claras
 Quando as galés do Turco, e fera armada,
 Virem de Castel-Branco nua a espada.

CII

Olha o cabo Asaboro, que chamado
 Agora he Moçandão dos navegantes;
 Por aqui entra o lago, que he fechado
 De Arabia, e Persia terras abundantes.
 Attenta a ilha Barem, que o fundo ornado
 Tem das suas perlas ricas, e imitantes
 A côr da Aurora, e vê na agua salgada
 Ter o Tygris e Euphrates huma entrada.

« Regarde ces lagunes, sources du Nil, inconnues aux anciens ; de là il coule, en produisant le hideux crocodile, vers la demeure des Abyssins, adorateurs du Christ, qui repoussent leurs ennemis sans le secours des murailles ni des citadelles. Près de là est Méroé, île autrefois célèbre, que ses habitants nomment aujourd'hui Noba.

« Dans cette contrée lointaine, un de tes fils, Dom Christovam (18), se rendra illustre dans une expédition contre les Turcs, sans pouvoir toutefois échapper à une mort fatale. Voici sur la côte la ville de Mélinde, où tu as été favorablement accueilli ; remarque aussi le Raptus, nommé Oby par les indigènes, ce fleuve qui prend son embouchure devant Quilmance.

« Puis vient l'ancien promontoire des Aromates, aujourd'hui le cap Guardafu ; là s'étend la fameuse mer Rouge, qui prend les couleurs de son sable. Celle-ci est la borne naturelle qui sépare l'Asie de l'Afrique ; parmi les plus belles villes qui s'élèvent sur la rive africaine, il faut citer Mazua, Arkiko et Suanquem.

« Ici est située la lointaine Suez, l'ancienne Arsinoé (d'autres la prennent pour l'antique ville des Héros) ; elle reçoit aujourd'hui les flottes de l'Égypte. Vois les flots où jadis le grand Moïse ouvrit aux Israélites une route spacieuse ; là commence l'Asie, vaste contrée riche d'immenses empires.

« Regarde le mont Sinai, tombeau de sainte Catherine ; Tor, Djedda, que ne rafraîchit point l'eau cristalline des fontaines, et les portes du détroit qui se termine près du terrain de l'aride Aden et de la brûlante chaîne de montagnes d'Arzire, où jamais ne tombe la pluie du ciel.

« Voici les trois Arabies ; elles occupent un vaste territoire peuplé d'habitants grossiers et noirs, et produisant pour la guerre ces chevaux rapides et bien découplés. Plus loin est la côte qui va finir près du golfe Persique, en formant ce cap qui prend le nom de la célèbre ville de Fartaque.

Là est située la ville de Dofar, si connue pour les parfums précieux qu'elle fournit aux autels sacrés. Arrête tes yeux de cet autre côté sur Rosalgate et ses plages toujours avares. Ici commence le royaume d'Ormuz ; il s'étend le long de toutes ces côtes, qui deviendront illustres lorsque les redoutables galères ottomanes verront scintiller le glaive de Castel-Branco.

« Vois-tu le cap Asabore, aujourd'hui nommé par les marins le cap Mussendom ? Là s'avance ce golfe, renfermé entre l'Arabie et les fertiles plaines de la Perse. Considère l'île de Baharem, dont le sable est paré de riches perles qui imitent la couleur de l'Aurore. Là le Tigre et l'Euphrate viennent confondre leurs eaux avec l'onde amère.

CIII

Olha da grande Persia o imperio nobre,
Sempre posto no campo, e nos cavallos,
Que se injuria de usar fundido cobre,
E de não ter das armas sempre os callos.
Mas vê a ilha Gerum, como descobre
O que fazem do tempo os intervallos,
Que da cidade Armuzã, que alli esteve,
Ella o nome despois, e a gloria teve.

CIV

Aqui de dom Philippe de Menezes
Se mostrará a virtude em armas clara,
Quando com muito poucos Portuguezes
Os muitos Párseos vencerá de Lara:
Virão provar os golpes e revezes
De dom Pedro de Sousa, que provára
Já seu braço em Ampaza, que deixada
Terá por terra a força só de espada.

CV

Mas deixemos o estreito, e o conhecido
Cabo de Jasque, dito já Carpella,
Com todo o seu terreno mal querido
Da natura, e dos dons usados della:
Carmania teve já por appellido;
Mas vê o formoso Indo, que daquella
Altura nasce, junto á qual tambem
D' outra altura correndo o Gange vem.

CVI

Olha a terra de Uleinde fertilissima,
E de Jaquete a intima enseada;
Do mar a enchente subita grandissima,
E a vasante que foge apressurada.
A terra de Cambaia vê riquissima,
Onde do mar o seio faz entrada;
Cidades outras mil, que vou passando,
A vós outros aqui se estão guardando.

CVII

Vês corre a costa celebre Indiana
Para o Sul, até o cabo Comori,
Já chamado Cori, que Taprobana
(Que ora he Ceilão) defronte tem de si.
Por este mar a gente Lusitana,
Que com armas virá despois de ti,
Terá victorias, terras, e cidades,
Nas quaes hão de viver muitas idades.

CVIII

As provincias, que entre hum e outro rio
Vês com varias nações, são infinitas;
Hum reino Mahometta, outro Gentio,
A quem tem o Demonio leis escritas.
Olha que de Narsinga o senhorio
Tem as reliquias sanctas e bemditas
Do corpo de Thomé, varão sagrado,
Que a Jesus Christo teve a mão no lado.

CIX

Aqui a cidade foi, que se chamava
Meliapoor, formosa, grande e rica:
Os idolos antigos adorava,
Como inda agora faz a gente inica:
Longe do mar naquelle tempo estava,
Quando a Fé que no mundo se publica,
Thomé vinha prégando, e já passára
Provincias mil do mundo, que ensinára.

CX

Chegado aqui prégando, e junto dando
A doentes saude, a mortos vida.
A caso traz hum dia o mar vagando
Hum lenho de grandeza desmedida:
Deseja o Rei, que andava edificando,
Fazer delle madeira, e não duvida
Poder tira-lo a terra com possantes
Forças d' homens, de engenhos, de elephantes.

« Voici le noble et grand empire de Perse, dont les cavaliers aguerris et infatigables dédaignent l'usage du cnivre fondu, et montrent avec orgueil leurs mains endurcies par l'usage des armes. N'oublie pas l'île de Djaroun, qui (singulier caprice des siècles!) a succédé en renommée et en gloire à l'ancienne ville d'Armuza, dont elle a pris l'emplacement.

« Là Dom Philippe de Menezes déploiera un courage surhumain, lorsque, avec un petit nombre de Portugais, il vaincra les innombrables Persans de Lara : ceux-ci viendront goûter les coups redoutables de Dom Pedro de Sousa, qui déjà aura éprouvé son bras sur Ampaza, renversée par le seul poids de son épée.

« Mais laissons ce détroit et le célèbre cap de Jask, autrefois nommé Carpelle, avec tout son territoire peu favorisé de la nature et de ses dons accoutumés, territoire qui avait jadis le nom de Carmanie. Aperçois-tu l'illustre Indus, qui découle de cette montagne située près des hauteurs où le Gange prend aussi sa source?

« Regarde le fertile pays d'Ulcinde et la baie profonde de Jaquete, que la mer envahit précipitamment pendant le flux, pour en sortir à la hâte pendant la basse marée. Contemple l'opulent royaume de Cambaye, où l'Océan semble ouvrir son sein pour en former l'entrée. Mille autres villes dont je passe les noms sont réservées à vos prouesses.

« Ici la célèbre côte indienne s'étend vers le Sud jusqu'au cap Comorin, jadis appelé Cori, situé en face de la Taprobane, la moderne Ceylan. Le long de cette mer, les Lusitanien qui y apporteront leurs armes après toi, remporteront des victoires et gagneront du terrain et des villes où ils se maintiendront pendant plusieurs siècles.

« Une foule de nations sont établies entre les deux fleuves; les unes sont mahométanes, les autres idolâtres, mais toutes suivent des lois dictées par le démon. Vois le domaine de Narsingue, où reposent les saintes dépouilles de l'apôtre Thomas, qui toucha le flanc de Jésus-Christ.

« Là s'élevait autrefois la grande et opulente ville de Méliapoor, qui adorait, comme font encore aujourd'hui ces peuples infidèles, les antiques idoles. Dans ce temps-là elle était encore située loin de la mer, lorsque Thomas y vint répandre la foi que le monde entier proclamait, après avoir converti mille autres contrées qu'il avait parcourues.

« Arrivé à Méliapoor, il prêcha sa religion et rappela les malades à la santé et les morts à la vie. Un jour la mer apporta près des côtes un tronc d'arbre d'une grandeur démesurée; le roi qui s'occupait alors d'un imposant édifice, voulut que l'énorme poutre servît à sa construction, ne doutant pas qu'à force d'hommes, de leviers et d'éléphants, on ne parvînt à l'amener sur le rivage.

CXI

Era tão grande o peso do madeiro,
 Que só para abalar-se, nada abasta;
 Mas o nuncio de Christo verdadeiro
 Menos trabalho em tal negocio gasta:
 Ata o cordão que traz por derradeiro
 No tronco, e facilmente o leva, e arrasta
 Para onde faça hum sumptuoso templo,
 Que ficasse aos futuros por exemplo.

CXII

Sabia bem que se com fé formada
 Mandar a hum monte surdo, que se mova,
 Que obedecerá logo á voz sagrada,
 Que assi lho ensinou Christo, e elle o prova.
 A gente ficou disto alvoroçada,
 Os Brahmenes o tem por cousa nova;
 Vendo os milagres, vendo a sanctidade,
 Hão medo de perder autoridade.

CXIII

São estes sacerdotes dos Gentios,
 Em quem mais penetrado tinha inveja;
 Buscam manciras mil, buscam desvios
 Com que Thomé não se ouça, ou morto seja.
 O principal, que ao peito traz os fios,
 Hum caso horrendo faz, que o mundo veja,
 Que inimiga não ha tão dura, e fera,
 Como a virtude falsa da sincera.

CXIV

Hum filho proprio mata; logo accusa
 De homicidio Thomé, que era innocente;
 Dá falsas testemunhas, como se usa;
 Condemnaram-no á morte brevemente.
 O sancto, que não vê melhor escusa,
 Que appellar para o Padre Omnipotente,
 Quer diante do Rei, e dos senhores,
 Que se faça hum milagre dos maiores.

CXV

O corpo morto manda ser trazido,
 Que resuscite, e seja perguntado
 Quem foi seu matador; e será crido
 Por testemunho o seu mais approvedo.
 Viram todos o moço vivo erguido
 Em nome de Jesus crucificado:
 Dá graças a Thomé, que lhe deo vida,
 E descobre seu pai ser homicida.

CXVI

Este milagre fez tamanho espanto,
 Que o Rei se banha logo na agua santa,
 E muitos após elle: hum beija o manto,
 Outro louvor do Deos de Thomé canta.
 Os Brahmenes se encheram de odio tanto,
 Com seu veneno os morde inveja tanta,
 Que persuadindo a isso o povo rudo,
 Determinam mata-lo em fim de tudo.

CXVII

Hum dia que prégando ao povo estava,
 Fiugiram entre a gente hum arruido:
 Já Christo neste tempo lhe ordenava
 Que padecendo fosse ao céo subido.
 A multidão das pedras, que voava,
 No sancto dá já a tudo offerecido:
 Hum dos máos, por fartar-se mais depressa,
 Com crua lança o peito lhe atravessa.

CXVIII

Choraram-te Thomé, o Gange e o Indo;
 Chorou-te toda a terra que pizaste;
 Mais te choram as almas, que vestindo
 Se hiam da sancta Fé que lhe ensinaste!
 Mas os Anjos do céo cantando, e rindo,
 Te recebem na gloria que ganhaste.
 Pedimos-te, que a Deos ajuda peças,
 Com que os teus Lusitanos favoreças.

« Tel était le poids de ce madrier, que rien ne pouvait seulement le faire mouvoir. Mais le véritable apôtre du Christ y consacre peu de réflexion et de travail; il noue au trône la corde qu'il porte à sa ceinture, et, avec une facilité inouïe, il le traîne jusqu'à un lieu où l'on pourra bâtir un temple somptueux, qui devra rester comme un exemple pour les âges futurs.

« Il n'ignorait pas que, si avec une foi réelle il commandait à une montagne de s'ébranler, elle obéirait sans tarder à sa voix sainte : ainsi le lui avait enseigné son divin Maître, ainsi vient-il de le prouver. Ce prodige frappe d'étonnement le peuple et les Brahmanes; ceux-ci, voyant ses miracles et sa sainteté, ont peur de perdre la suprême puissance.

« C'est particulièrement chez ces prêtres idolâtres qu'a pénétré l'odieuse envie. Déjà ils cherchent mille moyens, mille subterfuges pour retirer à Thomas son influence, et enfin pour l'assassiner. Leur chef, qui porte au cou le collier sacré, commet un crime atroce pour donner l'exemple. Il n'y a point pour la vertu sincère d'ennemi plus dur et plus redoutable que la fausse vertu.

« Il égorge son propre fils, et accuse immédiatement de ce meurtre l'innocent Thomas; puis, en fournissant de faux témoins, il le fait bientôt condamner à mort. Le saint, qui ne voit pas de meilleur remède que de recourir au Père Tout-puissant, vent opérer un miracle insigne en présence du roi et de ses seigneurs.

« Il fait apporter devant lui le cadavre, lui rend la vie et lui demande quel a été son assassin. Les infâmes furent bien forcés de croire à son témoignage, lorsqu'ils virent tous le jeune homme se relever au nom de Jésus crucifié. Aussitôt le ressuscité adresse des actions de grâces à Thomas, qui lui a rendu la vie et déclare que son père est le meurtrier.

« Ce miracle remplit la foule d'une admiration telle, que le roi et plusieurs autres après lui se baignent aussitôt dans l'eau sainte; l'un baise le manteau de Thomas, l'autre chante les louanges de son Dieu. Les Brahmanes, animés par la haine et par les fureurs de l'envie, et entraînant avec eux le peuple ignorant, se déterminent enfin à l'assassiner.

« Un jour, qu'il prêchait au peuple, ils simulèrent un tumulte parmi la foule : déjà le Christ ordonnait à son disciple de souffrir, pour monter au ciel élevé. Une grêle de pierres tombe sur l'apôtre résigné; un des assassins, pour assouvir plus tôt sa soif sanguinaire, lui traverse la poitrine de sa lance aiguë.

« Divin Thomas, le Gange et l'Indus te pleurèrent, ainsi que tout ce territoire que tu avais foulé; plus encore te pleurent les âmes qui s'allaient convertissant à la foi que tu leur apprenais! Mais les anges du ciel te reçoivent dans leur séjour au milieu de ta gloire, en faisant entendre des chants de joie. Demande à Dieu, nous t'en supplions, qu'il accorde sa protection à tes Lusitaniens!

CXIX

E vós outros que os nomes usurpais
De mandados de Deos, como Thomé,
Dizei, se sois mandados, como estais
Sem irdes a prégar a saucta Fé?
Olhai que se sois sal, e vos damnais
Na patria, onde propheta ninguem he,
Com que se salgarão em nossos dias
(Infieis deixo) tantas heresias?

CXX

Mas passo esta materia perigosa,
E tornemos á costa debuxada.
Já com esta cidade tão famosa,
Se faz curva a Gangetica enseada :
Corre Narsinga rica e poderosa,
Corre Orixá de roupas abastada,
No fundo da encada o illustre rio
Ganges vem ao salgado senhorio :

CXXI

Ganges, no qual os seus habitadores
Morrem banhados, tendo por certeza,
Que inda que sejam grandes peccadores,
Esta agua sancta os lava, e dá pureza.
Vê Cathigão, cidade das melhores
De Bengala, provincia que se preza
De abundante, mas olha que está posta
Para o Austro daqui virada a costa.

CXXII

Olha o reino Arracão, olha o assento
De Pegu, que já monstros povoaram;
Monstros filhos do feio ajuntamento
D'humá mulher e hum cão, que sós se acharam :
Aqui soante arame no instrumento
Da geração costumam; o que usaram
Por manha da Rainha, que inventando
Tal uso, deitou fóra o error nefando.

CXXIII

Olha Tavai cidade, onde começa
De Sião largo o imperio tão comprido ;
Tenassari, Quedá, que he só cabeça
Das que pimenta alli tem produzido.
Mais avante farcis que se conheça
Malaca por emporio ennobrecido,
Onde toda a provincia do mar grande,
Suas mercadorias ricas mande.

CXXIV

Dizem que desta terra, co' as possantes
Ondas o mar entrando dividio
A nobre ilha Samatra, que já d' antes
Juutas ambas a gente antiga vio.
Chersoneso foi dita, e das prestantes
Veias d'ouro, que a terra produzio,
Aurea por epitheto lhe ajuntaram;
Alguns que fosse Ophir imaginaram.

CXXV

Mas na ponta da terra Cingapura
Verás, onde o caminho ás náos se estreita ;
Daqui tornando a costa á Cynosura,
Se encurva, e para a Aurora se endireita :
Vês Pam, Patane, reinos, e a longura
De Sião que estes e outros mais sujeita ;
Olha o rio Menão, que se derrama
Do grande lago, que Chiamai se chama.

CXXVI

Vês neste grão terreno os differentes
Nomes de mil uações nunca sabidas ;
Os Laos em terra e numero potentes,
Avás, Bramás, por serras tão compridas.
Vê nos remotos montes outras gentes,
Que Gueos se chamam, de selvages vidas,
Humana carne comem, mas a sua
Pintam com ferro ardente; usança crua.

« Et vous autres, qui usurpez le titre d'envoyés de Dieu, dites-nous, si en réalité vous l'êtes comme l'était Thomas, pourquoi vous n'allez point prêcher la loi sainte? Si en effet vous êtes des sauveurs, et que vous vous corrompiez au sein de la patrie, où nul n'est prophète, qui sauvera de nos jours, sans compter les infidèles, tant de redoutables hérétiques?

« Mais passons sur ce sujet périlleux et retournons à cette côte que nous avons esquissée. Au point où est située cette fameuse ville commence à se dessiner la baie du Gange; puis s'étend la riche et puissante Narsingue et Orixia, qui abonde en précieuses étoffes.

« Au fond de la rade l'illustre fleuve du Gange entre dans le domaine salé; le Gange, dans les eaux duquel se noient les Indiens, persuadés que, malgré tous leurs péchés, ces flots sacrés les lavent et les purifient. Vois Cathigan, une des plus grandes villes du Bengale, contrée fertile dont la côte se dirige vers le Sud.

« Regarde le royaume d'Arracan et le Pégu, autrement peuplé de monstres issus de l'accouplement hideux d'une femme et d'un chien abandonnés sur cette terre déserte. En ce pays les habitants portent un grelot attaché aux parties génitales, d'après les ordres d'une reine qui, par sa sévérité, les corrigea d'un vice monstrueux.

« Plus bas est la ville de Tavay, où commence le vaste empire de Siam; puis Tenasserim et Quéda, qui exporte le meilleur poivre de ces contrées. Un peu plus loin est située Malacca, dont vous ferez connaître l'importance commerciale en y établissant l'entrepôt de toutes les marchandises que la mer expédie.

« Jadis, dit-on, la mer, par la force de ses puissantes vagues, sépara de cette terre la noble île de Sumatra, et les peuples de cette époque ont pu les voir réunies : on donna à cette contrée le nom de Chersonèse et, à cause des luisantes veines qui sillonnaient son sol, on y ajouta l'épithète d'Aurifère; d'autres ont prétendu que c'est l'antique Ophir.

« Près du promontoire de Singapour tu peux voir combien se rapprochent les deux terres en formant un passage difficile pour les vaisseaux; de là la côte, se tournant vers Cynosura, se recourbe pour se diriger ensuite vers l'Aurore. Là sont situés les royaumes de Pam et de Patani, et tout le territoire de Siam, dont dépendent ceux-ci et beaucoup d'autres États arrosés par le fleuve Ménam, qui découle du grand lac de Chiamai.

« Dans cette contrée sont établies plusieurs nations, dont les noms sont aussi bizarres qu'inconnus : les habitants de Lao, nombreux et puissants; ceux d'Ava, ainsi que les Bramas, qui habitent le long des montagnes. Sur ces autres monts lointains vivent les Guécens, peuples barbares et anthropophages, qui se tatouent le corps avec un fer ardent.

CXXVII

Vês passa por Camboja Meccom rio,
Que capitão das aguas se interpreta;
Tantas recebe d' outro só no estio,
Que alaga os campos largos, e inquieta :
Tem as enchentes, quaes o Nilo frio;
A gente delle crê, como indiscreta,
Que pena, e gloria tem depois de morte
Os brutos animaes de toda sorte.

CXXVIII

Este receberá placido, e brando,
No seu regaço o Canto, que molhado
Vem do naufragio triste, e miserando,
Dos procellosos baixos escapado;
Das fomes, dos perigos grandes, quando
Será o injusto mando executado
Naquelle, cuja lyra sonora
Será mais affamada que ditosa.

CXXIX

Vês corre a costa que Champá se chama,
Cuja mata he do páo cheiroso oruada;
Vês Cochinchina está de escura fama,
E de Ainão vê a incognita enseada :
Aqui o soberbo imperio, que se affama
Com terras, e riqueza não cuidada,
Da China corre, e occupa o senhorio
Desd' o Tropico ardente ao Cinto frio.

CXXX

Olha o muro, e edificio nunca erido,
Que entre hum imperio, e o outro se edifica;
Certissimo signal, e conhecido,
Da potencia Real, soberba, e rica.
Estes, o Rei que tem, não foi nascido
Principe, nem dos pais aos filhos fica;
Mas elegem aquelle que he famoso
Por cavalleiro sabio, e virtuoso.

CXXXI

Inda outra muita terra se te esconde,
Até que venha o tempo de mostrar-se.
Mas não deixes no mar as ilhas, onde
A natureza quíz mais affamar-se.
Esta, meia escondida, que responde
De longe á China, donde vem buscar-se,
He Japão, onde nasce a prata fina,
Que illustrada será co' a Lei divina.

CXXXII

Olha cá pelos mares do Oriente
As infinitas ilhas espalhadas :
Vê Tidore, e Ternate, co' o fervente
Cume, que lança as flammas ondecadas :
As arvores verás do cravo ardente;
Co' o sangue Portuguez unda compradas;
Aqui ha as anreas aves, que não decem
Nunca á terra, e só mortas apparecem (19).

CXXXIII

Olha de Banda as ilhas, que se esmaltam
Da varia côr que pinta o roxo fruto ;
As aves variadas, que alli saltam,
Da verde noz tomando seu tributo :
Olha tambem Borneo, onde não faltam
Lagrimas, no licor coalhado, e enxuto,
Das arvores, que canphora he chamado;
Com que da ilha o nome he celebrado.

CXXXIV

Alli tambem Timor, que o lenho manda
Sandalo salutifero, é cheiroso;
Olha a Sunda tão larga, que huma banda
Esconde para o Sul difficultoso :
A gente do sertão, que as terras anda,
Hum rio diz que tem miraculoso,
Que por onde elle só sem outro vae,
Converte em pedra o páo que nelle cahe.

« Remarque aussi le Camboje, arrosé par le fleuve Mécon, le capitaine des eaux; pendant l'été, grossi par la crue d'un de ses affluents, il inonde et effraie les vastes plaines, comme le Nil impétueux. Les peuples qui le voient couler sont si ignorants et grossiers, qu'ils prêtent à tous les animaux, quels qu'ils soient, la faculté de jouir ou de souffrir après leur mort.

« Ce fleuve aux paisibles bords recevra dans son sein ces chants trempés dans l'onde amère et ravis aux écueils et à la tempête; cet événement aura lieu à la suite d'un barbare décret qui procurera des misères et des chagrins sans nombre à celui dont la lyre sonore sera plus illustre que fortunée.

« Vois-tu cette côte de Champa, dont les forêts produisent un bois odorant? Vois-tu la Cochinchine peu renommée et la baie inconnue d'Haynam? Ici s'étend l'orgueilleux empire de Chine, célèbre par sa richesse et l'immensité de ses domaines, qui commencent au tropique ardent et finissent aux glaces du pôle.

« Contemple cette muraille, édifiée incroyable qui partage les deux empires, comme une marque certaine de la haute puissance de leurs monarques. Chez ces peuples le roi n'est pas né prince, et la royauté ne se transmet pas du père au fils : c'est celui que l'on reconnaît pour le plus sage et le plus vertueux qui hérite du souverain pouvoir.

« Beaucoup d'autres pays encore te seront inconnus, jusqu'à ce que le moment soit venu de soulever le voile qui les couvre. Mais n'oublions pas ces îles où la nature a prodigué ses plus rares merveilles. Celle-ci, qui se cache à moitié et regarde la Chine, sa révélatrice, c'est l'île du Japon, qui produit le précieux argent, c'est cette terre que doit un jour éclairer la loi divine.

« Regarde de ce côté les innombrables îles répandues sur les mers orientales : vois Tidor et Ternate, dont les montagnes élevées voïnissent par leur sommet des tourbillons de flammes; là croissent les arbres qui portent l'ardent girofle, épice que les Portugais achèteront au prix de leur sang; là aussi naissent les oiseaux d'or, qui ne descendent point à terre, et qu'on ne trouve jamais en vie (19).

« Ici sont les îles de Banda, émaillées des couleurs variées de leurs fruits élatants; mille oiseaux au plumage bigarré y viennent ravir le tribut que leur fournit le vert muscadier. Plus loin est Bornéo, dont les arbres distillent ces larmes précieuses qui prennent en se solidifiant le nom de camphre, et donnent à l'île une immense célébrité.

« Là aussi est Timor, qui exporte l'odorant et salubre bois de sandal. Regarde aussi la vaste Sonde, dont une extrémité touche à l'impraticable région du Sud. Ici les habitants des forêts sauvages prétendent avoir un fleuve miraculeux, dont l'eau a la vertu de convertir en pierre le bois qui y est tombé, tant qu'elle n'est pas mélangée à une onde étrangère.

CXXXV

Vê naquella que o tempo tornou ilha,
Que tambem flammás tremulas vapora,
A fonte que oleo mana (20), e a maravilha
Do cheiroso licor (21), que o tronco chora;
Cheiroso mais que quanto estilla a filha
De Cinyras, na Arabia onde ella mora;
E vê que tendo quanto as outras tem,
Branda seda, e fino ouro dá tambem.

CXXXVI

Olha em Ceilão, que o monte se alevanta
Tanto, que as nuvens passa, ou a vista engana;
Os naturaes o tem por cousa santa,
Pela pedra onde está a pégada humana.
Nas ilhas de Maldiva nasce a planta,
No profundo das aguas soberana,
Cujó pomo contra o veneno urgente
He tido por antidoto excellente.

CXXXVII

Verás defronte estar do Roxo estreito
Socotorá, co' o amaro Aloe famosa;
Outras ilhas no mar tambem sujeito
A vós na costa de Africa arenosa;
Onde sahe do cheiro mais perfeito
A massa, ao mundo occulta, e preciosa:
De São-Lourenço vê a ilha affamada,
Que Madagascar he d' alguns chamada.

CXXXVIII

Eis-aqui as novas partes do Oriente,
Que vós outros agora ao mundo dais,
Abrindo a porta ao vasto mar patente,
Que com tão forte peito navegais.
Mas he tambem razão, que no Ponente
D' hum Lusitano (22) hum feito inda vejais,
Que de seu Rei mostrando-se aggravado,
Caminho ha de fazer nunca cuidado.

CXXXIX

Vedes a grande terra que continua
Vai de Callisto ao seu contrario polo,
Que soberba a fará a luzente mina
Do metal, que a côr tem do louro Apollo:
Castella, vossa amiga, será dina
De lançar-lhe o collar ao rudo collo:
Varias provincias tem de varias gentes,
Em ritos, e costumes differentes.

CXL

Mas cá onde mais se alarga, alli tereis
Parte tambem co' o páo vermelho nota;
De Sancta-Cruz (32) o nome lhe poreis,
Descobri-la-ha a primeira vossa frota:
Ao longo desta costa que tereis,
Irá buscando a parte mais remota
O Magalhaens, no feito com verdade
Portuguez, porém não na lealdade.

CXLI

Desque passar a via mais que mea,
Que ao Antartico polo vai da Linha,
D' huma estatura quasi gigantea (24)
Homens verá, da terra alli visinha.
E mais avante o Estreito, que se arrea
Co' o nome delle agora, o qual caminha
Para outro mar, e terra, que fica onde
Com suas frias azas o Austro a esconde.

CXLII

Atéqui, Portuguezes, concedido
Vos he saberdes os futuros feitos,
Que pelo mar, que já deixais sabido,
Virão fazer barões de fortes peitos.
Agora, pois que tendes aprendido
Trabalhos, que vos façam ser acceitos
Ás eternas esposas, e formosas,
Que coroas vos tecem gloriosas:

« Dans cette contrée, dont le temps a fait une île, dans cette Sumatra, qui lance aussi des flammes ondoyantes, remarque la source d'où découle une huile bienfaisante (20), et le phénomène de cet arbre qui pleure une liqueur (21) plus parfumée que celle que distille en Arabie la fille de Cinyre; remarque aussi que, en dehors de toutes les richesses communes aux autres pays, elle produit encore la soie molleuse et l'or pur.

« Admire Ceylan et cette montagne immense qui semble dépasser les nues, et que les habitants regardent comme sainte, à cause du rocher où se trouve empreinte la trace du pied d'un homme. Près des îles Maldives la mer produit cette plante dont le fruit est regardé comme un antidote efficace contre le plus violent poison.

« En face du détroit fameux qui sert d'entrée à la mer Rouge, vois l'île de Socotora, célèbre pour son amer aloès; le long de la côte sablonneuse d'Afrique plusieurs autres îles obéiront à vos armes, et parmi celles qui envoient dans tout l'univers leurs parfums précieux, je citerai l'île de Saint-Laurent, appelée par quelques-uns Madagascar.

« Voilà les nouvelles régions de l'Orient dont vous venez d'ouvrir les portes au monde entier en sillonnant les vastes mers, sans perdre un instant ni fermeté ni courage. Mais vous ne serez cependant pas sans voir l'œuvre d'un Lusitanien qui (22), mécontent de son roi, découvrira une route dont nul ne soupçonnait l'existence.

« Voyez-vous cette immense étendue de terrain qui, depuis l'Ourse, va jusqu'au pôle opposé, terrain qu'enorgueillit ce métal blond comme les cheveux de Phébus? C'est Castille, votre alliée, qui le domptera de son joug accablant, en dominant ces différentes provinces habitées par des peuples de mœurs et de croyances diverses.

« Cependant au point où ce continent s'élargit, vous posséderez aussi une colonie célèbre pour son bois vermeil. La première flotte qui sortira des eaux du Tage lui donnera le nom de Santa-Cruz (23). C'est le long de cette côte, devenue la vôtre, que Magalhaens ira chercher les parties les plus reculées de cette terre; Magalhaens, Portugais par son génie, mais non par sa loyauté.

« Après qu'il aura parcouru plus de la moitié du chemin qui réunit l'équateur au pôle antarctique, il découvrira dans ces parages des hommes à la taille gigantesque (24). Plus loin encore se trouve le détroit qui maintenant porte son nom, et qui se dirige vers une autre mer et vers une autre région cachée sous les froides ailes de l'Auster.

« Voilà, ô Portugais, tout ce que le Destin vous permet de connaître; voilà les faits qu'accompliront mille héros au cœur valeureux sur ces mers que vous avez découvertes. Vous savez maintenant par quels travaux vous pouvez vous rendre dignes de vos immortelles et charmantes épouses, qui vous tressent des couronnes glorieuses.

CXLIII

Podeis-vos embarcar, que tendes vento
 E mar tranquillo para a patria amada.
 Assi lhe disse : e logo movimento
 Fazem da ilha alegre e namorada :
 Levam refresco, e nobre mantimento,
 Levam a companhia desejada
 Das nymphas, que hão de ter eternamente,
 Por mais tempo que o Sol o mundo aquece.

CXLIV

Assi foram cortando o mar sereno
 Com vento sempre manso, e nunca irado,
 Até que houveram vista do terreno
 Em que nasceram, sempre desejado.
 Entraram pela foz do Tejo ameno :
 E á sua patria, e Rei temido e amado,
 O premio e gloria dão, porque mandou,
 E com titulos novos se illustrou.

CXLV

No mais, Musa, no mais, que a lyra tenho
 Destemperada, e a voz enrouquecida ;
 E não do canto, mas de ver que venho
 Cantar a gente surda, e endurecida.
 O favor com que mais se accende o engenho,
 Não no dá a Patria, não, que está mettida
 No gosto da cobiça, e na rudeza
 D'huma austera, apagada, e vil tristeza.

CXLVI

E não sei, por que influxo de destino
 Não tem hum ledo orgulho, e geral gosto,
 Que os animos levanta de continuo,
 A ter para trabalhos ledo o rosto.
 Por isso vós, ó Rei, que por divino
 Conselho estais no regio solio posto,
 Olhai que sois (e vede as ontras gentes)
 Senhor só de vassallos excellentes !

CXLVII

Olhai que ledos vão, por varias vias,
 Quaes rompentes leões, e bravos touros,
 Dando os corpos a fomes, e vigias,
 A ferro, a fogo, a settas, e pelouros :
 A quentes regiões, a plagas frias,
 A golpes de Idolátras, e de Mouros,
 A perigos incognitos do mundo,
 A naufragios, a peixes, ao profundo :

CXLVIII

Por vos servir a tudo aparelhados,
 De vós tão longe sempre obedientes
 A quaesquer vossos asperos mandados,
 Sem dar resposta, promptos e contentes :
 Só com saber que são de vós olhados,
 Demonios infernaes, negros, e ardentes,
 Commetterão comvosco, e não divido
 Que vencedor vos façam, não vencido.

CXLIX

Favorecci-os logo, e alegrai-os
 Com a presença, e leda humanidade ;
 De rigorosas leis desalivai-os,
 Que assi se abre o caminho á sanctidade :
 Os mais experimentados levantai-os,
 Se com a experiencia tem bondade,
 Para vosso conselho, pois que sabem
 O como, o quando, e onde as cousas cabem.

CL

Todos favorecci em seus officios,
 Segundo tem das vidas o talento :
 Tenham Religiosos exercicios
 De rogarem por vosso regimento,
 Com jejuns, disciplina, pelos vicios
 Communs, toda ambição terão por vento ;
 Que o bom Religioso verdadeiro,
 Gloria vã não pretende, nem dinheiro.

« Regagnez vos vaisseaux; le temps est doux; la mer apaisée et un vent favorable vous convient à reprendre le chemin de la patrie bien-aimée. » A peine eut-elle parlé, qu'ils partirent de l'île joyeuse et enchantée, en emportant de l'eau fraîche et d'abondantes provisions; ils étaient suivis de la joyeuse troupe des nymphes, qu'ils avaient juré de garder tant que le soleil réchaufferait le monde.

Ils s'avancèrent ainsi, fendant le tranquille Océan, et poussés par un vent toujours calme et favorable, jusqu'à ce qu'ils aperçurent le territoire tant désiré qui les vit naître. Ils franchirent l'embouchure du Tage aux bords rians, et allèrent apporter à leur patrie et à leur roi bien-aimé le prix et la gloire de cette expédition qu'il avait ordonnée, et qui allait encore agrandir sa puissance.

Assez, ô Muse, assez, car je sens que ma lyre est discordante et que ma voix n'a plus d'accents, non pas à cause de la longueur de mon chant, mais parce que je chante un peuple endurci et sourd à mes accords. Les faveurs, qui encouragent plus que tout le génie, les faveurs nous sont refusées par la patrie, qu'envalit une avidité sans bornes et une morne et vile tristesse.

J'ignore par quelle maligne influence le sort l'empêche d'éprouver ce plaisir, cet orgueil national, qui anime les esprits et leur fait braver volontiers les plus difficiles entreprises. Et pourtant, ô roi, vous qu'un décret divin a placé sur le trône, regardez les autres peuples, et avouez que vous réglez sur des sujets exceptionnels.

Admirez la bravoure de ces lions, de ces taureaux indomptés qui, la joie au cœur, affrontent à travers mille chemins la famine, les veilles, le fer, le feu, les flèches et les balles; les chaleurs du midi et les froids des pôles; les coups des idolâtres et des Maures; les dangers les plus terribles de l'univers, les naufrages et les monstres de l'Océan.

Prêts à tout faire pour vous servir, malgré la distance qui les sépare de vous, ils obéissent sans mot dire et le front calme et joyeux à vos ordres les plus sévères. S'ils savent que vous les regardez, ils combattront avec vous les démons noirs et infernaux, et je ne doute point qu'ils ne vous obtiennent la victoire.

Favorisez-les, sire; honorez-les de votre présence, et dictiez-leur des lois douces. Délivrez-les des décrets rigoureux: c'est ainsi qu'on prépare le chemin qui mène au ciel. Prenez pour conseillers ceux qui réunissent l'expérience à la bonté, car ils savent mieux que tous où, quand et comment les événements doivent avoir lieu.

Favorisez-les tous, chacun selon ses attributions et son mérite; laissez aux religieux le soin de prier pour la conservation de votre royaume; occupés de leurs jeûnes et de leur culte, et chargés d'expié par leurs prières les péchés des autres, ils ne doivent considérer l'ambition que comme une fumée légère: un prêtre vertueux n'aspire point à la richesse ni à la gloire.

GLI

Os Cavalheiros tende em muita estima,
 Pois com seu sangue intrepido, e fervente,
 Estendem não somente a Lei de cima,
 Mas inda vosso imperio preeminente :
 Pois aquelles que a tão remoto clima
 Vos vão servir com passo diligente,
 Dous inimigos vencem, huns os vivos,
 E, o que he mais, os trabalhos excessivos.

GLII

Fazei, Senhor, que nunca os admirados
 Alemães, Gallos, Italos, e Inglezes,
 Possam dizer, que são para mandados,
 Mais que para mandar, os Portuguezes.
 Tomai conselhos só d'experimentados,
 Que viram largos annos, largos mezes ;
 Que postoque em scientes muito cabe,
 Mais em particular o experto sabe.

GLIII

De Phormião philosopho elegante,
 Vereis como Annibal escarnecia,
 Quando das artes bellicas diante
 Delle com larga voz tratava e lia.
 A disciplina militar prestante
 Não se aprende, Senhor, na phantasia,
 Sonhando, imaginando, ou estudando,
 Senão vendo, tratando, e pelejando.

GLIV

Mas eu que fallo humilde, baixo e rudo,
 De vós não conhecido, nem sonhado?
 Da boca dos pequenos sei com tudo,
 Que o louvor sahe ás vezes acabado :
 Nem me falta na vida honesto estudo,
 Com longa experiencia misturado,
 Nem engenho, que aqui vereis presente,
 Cousas que juntas se acham raramente.

GLV

Para servir-vos, braço ás armas feito ;
 Para cantar-vos, mente ás Musas dada ;
 Só me fallece ser a vós aceito,
 De quem virtude deve ser prezada.
 Se me isto o céo concede, e o vosso peito
 Digna empresa tomar de ser cantada,
 Como a presaga mente vaticina,
 Olhando a vossa inclinação divina :

GLVI

Ou fazendo que mais que a de Medusa
 A vista vossa tema o monte Atlante,
 Ou rompendo nos campos de Ampelusa
 Os Mouros de Marrocos, e Trndante ;
 A minha já estimada, e leda Musa,
 Fico que em todo o mundo de vós cante,
 De sorte que Alexandro em vós se veja,
 Sem á dita de Achilles ter inveja.

Estimez toujours beaucoup les militaires qui, au prix de leur sang précieux, augmentent et le domaine de la foi et l'étendue de votre puissant empire. Ceux qui s'exilent dans les pays les plus lointains pour vous servir avec zèle, ceux-là triomphent tout à la fois de deux ennemis : des infidèles, et, ce qui est plus difficile encore, des souffrances qu'ils endurent.

Faites, ô roi, que jamais les illustres Allemands, Gaulois, Italiens et Anglais ne puissent dire que les Portugais savent mieux obéir que commander. Ne recevez d'avis que de la part des vieillards, qu'une longue expérience a pu éclairer ; quoique la science soit capable d'accomplir de grandes œuvres, dans une matière spéciale la pratique rend souvent plus de services.

Rappelez-vous combien Annibal raillait le savant philosophe Phormion, lorsqu'il lui lisait à haute voix des traités sur l'art militaire. La discipline guerrière, sire, ne s'apprend pas par la voie de la fantaisie ; ce n'est pas par des rêves, des inventions ou des études qu'on l'acquiert, mais bien par l'habitude des combats.

Mais moi, humble et obscur personnage qui vous parle, sans que vous vous soyez jamais douté de mon existence, je n'ignore cependant pas que souvent les louanges ont plus de valeur quand elles sortent de la bouche des petits. En outre je ne manque pas d'une certaine science de la vie jointe à une longue expérience et à un talent dont vous pourrez juger la valeur par ces vers ; or ces qualités se trouvent rarement réunies.

Pour vous servir, j'ai un bras endurci par les armes ; pour vous chanter, un génie possédé par les Muses. Il ne me reste plus qu'à être favorablement accueilli de vous, ô roi, de vous qui devez récompenser le mérite. Si le ciel m'accorde ce dernier bienfait, si votre cœur entreprend une œuvre digne d'être célébrée, comme il est facile de le prédire, en observant vos nobles inclinations ;

Que votre aspect devienne pour le mont Atlas plus redoutable que le regard de Méduse, ou que vous battiez dans les plaines d'Ampéluse les Maures du Maroc et de Tarudant, je m'engage, pour ma Muse déjà favorablement connue, à vous chanter dans tout l'univers, en sorte que l'on voie en vous un nouvel Alexandre, sans que vous ayez à envier, comme ce héros, le bonheur d'Achille.

NOTAS

CANTO I

- (1) A ilha de Ceylão.
- (2) Camões, antes de compor os *Lusiadas*, tinha começado por poesias pastoris, e podia diser com Virgilio :
- Ille ego qui quondam gracili modulatus avena
Carmen, etc.
- (3) O poeta dirige-se aqui a El-rei Sebastião, que nessa época era ainda muito novo.
- (4) É o Ganges, rio sagrado para os Indios, que pretendem ter as suas aguas a virtude de purificar a alma dos que se banham nellas.
- (5) O bravo Nuno..., Egas Moniz, Fins..., Magriço.
Para intelligencia desta passagem vejam-se as notas do canto III, IV e VI.
- (6) Pacheco... os dois Almeidas..., Albuquerque..., Castro...
Vejam-se as notas do canto X.
- (7) Imitação de Virgilio :
- Teque sibi generum Tethys emat omnibus undis.
- (8) D. Sebastião era por seu pae neto de El-rei Dom João IIIº e por sua mãe neto de Carlos Vº.
- (9) Et votis jam nunc assuesco vocari. (VIRGILIO, *Eneida*.)
- (10) Mercurio, filho de Maya, e esta filha de Atlas.
- (11) Sertorio.
- (12) Nysa, antiga cidade da India, da qual Baccho, segundo se diz, fora o fundador. Já não existem vestigios della.

- (13) Madagascar.
- (14) Quer diser que entrava o Sol no signo de *Piscis*. Tiphéo, um dos gigantes que quiseram escalar o Ceo; havendo-se alleiçoado a Venus, perseguiu-a até ás margens do Euphrates. Mas a Deosa conseguiu escapar-lhe porque dois peixes a passaram com seu filho para outro lado do rio. Estes peixes foram postos no numero dos 12 signos do Zodiaco.
- (15) Hoje o Cabo Delgado. Chamavam-lhe os antigos *Prassum promontorium*.
- (16) Phaeton, ou Phaelonte, filho de Pheo e de Climene, querendo governar o carro de seu pae, cahio na terra e abrazou-a. Cedendo ás queixas desta, Jupiter fulminou-o.
- (17) Mahomet, no diser dos Musulmanos, descendia de Abrahão e d'Agar por sua mãe Amina, que era Judia.
- (18) Quiloa, Mombaça, Sofala, Moçambique, cidades situadas na costa occidental d'África.
- (19) O povo Turco, que, em 1453, se apoderou de Constantinopla onde reinava Constantino Paléologo, ultimo imperador do Oriente.
- (20) Baccho. O poeta designa-o sob diferentes nomes no decurso do seu poema. Ora lhe chama o deos nascido na cidade de *Amphion*, ora *Thiones*, ora *Lycó*.
- (21) Allusão á expedição de Trajano.
- (22) Montanhas da Arabia : este nome vem de Nabath, filho d'Ismael.
- (23) Grandes pirogas da costa d'África.

CANTO II

- (1) Baccho. Os antigos acreditavam no duplo nascimento deste deos, que era filho de Jupiter et de Seméle, mas que nascera, disiam elles, da barriga da perna de Jupiter.
- (2) Camões designa Venus sob diferentes nomes : Erycina, por causa de Eryx, montanha da Sicilia, onde Venus tinha um templo; Cytherea, por causa da ilha de Cythera; Dionea, porque Venus era, segundo Homero, fillia de Dioné.
- (3) Recorda esta passagem da *Eneida* :
- Mortalem eripiam formam, magnique jubebo
Æquoris esse deas : quales Nereia Doto
Et Galatea secant spumantem pectore pontum.
- (4) Lycia era uma provincia da Asia Menor; os seus

habitantes libram, no diser dos poetas, transformados em rãs, por terem recusado agua a Lalona.

(5) Acteon foi transformado em veado e devorado pelos seus cães, por ter olhado para Diana quando estava a banhar-se.

(6) Vultu quo cœlum tempestatosque serena.
(*Eneida*, livro I.)

(7) Antenor potuit...
Illyricos penetrare sinus, alque intima tutus
Regna Liburnorum, et fontem superare Timavi.
(*Eneida*, livro I.)

(8) Esta passagem não foi comprehendida por todos os traductores. O poeta alludo aqui a um caso que succedeo em 1:24 durante a segundo viagem de Gama.

NOTES

CHANT I

(1) L'île de Ceylan.

(2) Camoens, avant de composer les *Lusiades*, avait commencé par des poésies pastorales, et pouvait dire avec Virgile :

Ille ego qui quondam gracili modulatus avena
Carmen, etc.

(3) Le poète s'adresse ici au roi Dom Sébastien.

(4) C'est le Gange, fleuve sacré pour les Indiens

(5) Le brave Nuno..., Egas Moniz, Dom Fuas..., Mu-grigo.

Pour tout ce passage voir les notes du chant III, du chant IV et du chant VI.

(6) Pacheco... les deux Almeidas..., Albuquerque..., Castro...

Voir les notes 2 et suivantes du chant X.

(7) Imitation de Virgile :

Teque sibi generum Tethys amat omnibus undis.

(8) Dom Sébastien était par son père le petit-fils du roi Jean III, et par sa mère le petit-fils de Charles-Quint.

(9) Et votis jam nunc assuesco vocari.
(Virgile, *Énéide*).

(10) Mercure, fils de Maia, qui était elle-même la fille d'Atlas.

(11) Sertorius.

(12) Nysa, ancienne ville de l'Inde. Il n'en reste plus de traces.

(13) Madagascar.

(14) C'est-à-dire que le Soleil entrant dans le signe des Poissons de Typhée, un des géants épris de Vénus, la poursuivit jusque sur les bords de l'Euphrate. La déesse ne lui échappa que parce que deux poissons la passèrent avec son fils à l'autre bord. Ces deux poissons furent mis depuis au nombre des signes du Zodiaque.

(15) Aujourd'hui le cap Delgado. Les anciens le nommaient *Prassum promontorium*.

(16) Phaéton, fils de Phébus et de Clymène, en voulant conduire le char de son père, tomba sur la terre, qu'il embrasa. Cédant aux plaintes de celle-ci, Jupiter le foudroya.

(17) Mahomet, au dire des Musulmans, descendait d'Abraham et d'Agar par sa mère Amine, qui était juive.

(18) Quiloa, Mombaça, Sofala, Mozambique, villes situées sur la côte orientale de l'Afrique.

(19) Le peuple turc, qui, en 1453, s'empara de Constantinople.

(20) Bacchus. Le poète le désigne sous différents noms dans le courant de son poème. Tantôt il l'appelle *le dieu né dans la ville d'Amphion*, tantôt *Thyonée*, tantôt *Lyée*.

(21) Allusion à l'expédition de Trajan.

(22) Montagnes d'Arabie : ce nom vient de Nabath, fils d'Ismaël.

(23) Grandes pirogues de la côte d'Afrique.

CHANT II

(1) Bacchus. Les anciens croyaient à la double naissance de ce dieu, qui était fils de Jupiter et de Sémélé, mais qui, malgré cela, était né, disaient-ils, dans la cuisse de Jupiter.

(2) Camoens désigne Vénus sous différents noms : Érycine, à cause de l'Eryx, montagne de Sicile, où Vénus avait un temple; Cyllhère, à cause de l'île de Cythère; Dionée, parce que Vénus était, selon Homère, fille de Dioné.

(3) Souvenir de l'*Énéide* :

Mortaleni eripiam formam, magnique jubebo
Æquoris esse deas : quales Nereia Doto,
Et Galatea secant spumantem pectore pontum.

(4) La Lycie était une province de l'Asie Mineure; ses

habitants furent, au dire des poètes, métamorphosés en grenouilles, pour avoir refusé de l'eau à Latone.

(5) Actéon fut changé en cerf et dévoré par ses chiens, pour avoir jeté les yeux sur Diane, tandis qu'elle se baignait.

(6) Vullu quo cœlum tempestatesque serena.
(*Énéide*, livre I.)

(7) Antenor potuit...
Illyricos penetrare sinus, atque intima latus
Regna Liburnorum, et fontem superare Timavi.
(*Énéide*, livre I.)

(8) Ce passage n'a pas été compris par tous les traducteurs. Le poète fait ici une allusion à un fait qui eut lieu en 1524 pendant le second voyage de Gama. Après un calme, les matelots, voyant la mer grossir et s'agiter, fu-

Depois da calmaria, os marinheiros ficaram aterrados por ver o mar crescer e agitar-se. Gama tranquillizou-os, fazendo-lhes crer que era o Oceano que tremia de baixo dos pés dos seus senhores. Este phenomeno explica-se pelo effeito de um tremor sub-marino.

(9) Estas prophcias são renovadas com mais extensão no canto X.

(10) Applicava-se então communmente o nome de Mouros a todos os Mahometanos. — Este phenomeno relatado por Barros e Castanheda, foi provavelmente produzido por effeito do vento. O poeta não deixou de o interpretar em sentido favoravel.

(11) Allude-se a Duarte Pacheco. Veja-se canto X.

(12) É a ilha de Malaca; chamavam-lhe *aurea* por causa das suas numerosas minas de ouro.

(13) Fernando de Magalhães mais conhecido pelo nome de Magellan, estava ao serviço da Hespanha, quando descobriu o estreito a que depois deo o seu nome.

(14) Mercurio, nascido no monte Cyrene. Esta passagem é imitação da *Eneida*.

(15) Diomeides, que deve haver cuidado de não confan-

dir com Tydeo, era rei da Thracia. Tinha fogosos cavallos que sustentava a carne humana. Hercules venceu-o e fello devorar por elles.

(16) Busiris, tyrano da Hespanha, que muitas vezes tem confundido com um rei do Egypto do mesmo nome, sacrificava a Jupiter todos os estrangeiros que entravam em seus estados.

(17) Periphrase impregada por Camões para designar o domingo de Pascoa, que no anno 1498, cahio a 4 de abril.

(18) Recorda os versos de Virgilio :

Non nos aut ferro Libycos populare penates
Veniunt, aut raptas ad littora vertere prædas.
(*Eneida*, livro I.)

(19) Quod genus hoc hominum, quæve hunc tam barbara morem
Permittit patria? etc.

(*Eneida*, livro I.)

(20) Zagaia, pequena lança de que se serviam os Mouros.

(21) A deusa Iris ou arco-iris.

(22) Non obtusa adeo gestamus pectora Pæni,
Nec tam adversus equos Tyria sol jungit ab urbe.
(*Eneida*, livro I.)

CANTO III

(1) Veja-se o historiador Justino, onde vem descripta a grande contestação entre os Scythos e Egyptios, para saber qual dos dois povos remontava a mais alta antiguidade, (livro II, capitulo II).

(2) Por campo Damasceno entende o poeta toda a região da Asia na qual estava situado o Paraizo Terreal.

(3) Camões designa aqui a cidade de Padua :

Ille tamen ille urbem Patavi, sedesque locavit
Tencrorum, et genti nomen dedit, armaque fixit
Troia. (Eneida, livro I.)

(4) Viriato, cujo nome deriva do latino *vir*, *homem corajoso e illustre*.

(5) Affonso VI, rei de Castella, era filho de Fernando, sob o reinado do qual viveo Dom Rodrigues Dias de Bivar, mais conhecido sob o nome de Cid.

(6) Galpé, collina situada á beira mar, na extremidade meridional da Andalusia; era uma das columnas de Hercules.

(7) O poeta segue aqui uma opinião muito contestada. A maior parte dos historiadores adoptam outra, que faz descender os reis de Portugal dos duques de Borgonha. Alem disso o proprio Camões reconhece no canto VIII : « Que os povos estrangeiros dão o conde Henrique por nascido na Lorena. »

(8) Egas Moniz era aio de Affonso Henriques. Este facto historico foi muitas vezes contestado pelos historiadores, que o classificarão entre as lendas. Porem a descoberta de um manuscripto deste scenlo veio confirmar a opinião de Camões. Nas memorias da Academia de Lisboa, tomo XI, primeira parte, encontra-se uma lithographia representando o tumulo de Egas Moniz, que data de 1146. Sobre o cenotaphio pode ver-se o illustro aio, acompanhado de sua familia, representado no proprio momento em que pronunciava estas palavras, referidas por um chronista hespanhol : « A minha lingua errou, meu corpo deve pagar. »

(9) Scinis, famoso ladrão, que devastava Coryntho : dotado de força extraordinaria, cobrava as arvores e fazia chegar ao chão os ramos dellas, aos quaes atava os infelizes que lhe cabiam nas mãos. As arvores endireitando-se, despedaçavam os corpos desses desgraçados. Tendo-se atrevido a provocar Thesco, foi vencido por este heroe, que lhe deo a morte por meio do mesmo supplicio.

Perillo, um dos carrascos de Phalaris, tyrano de Agrigenta forjou para seu amo um louro de metal, onde era mettida a victima designada pelo cruel tyranno; por haixo accendia uma fogueira immensa, e os gritos dos pacientes imitavam o mugir do animal representado pela horrorosa machina. O inventor foi a primeira victima do seu terrivel supplicio.

(10) Não era raro vers mulheres nos exercitos dos Mouros. (LA HARPE.)

(11) Penthesilæa, rainha das Amazonas.

(12) Este milagre è referido por todas as historias de Hespanha. Seja com for, è certo que, a partir deste dia, o condado de Portugal se tornou em um reino inteiramente independante.

(13) Esta lenda incerta e fabulosa foi seguida pelos historiadores portuguezes, que se aproveitaram do nome de Olyssipo, para attribuir á Ulysses a fundação de Lisboa,

(14) Hoje o caho Spartel.

(15) Miramolini, em arabe *Emir-al-Mumini*, imperador dos filis.

(16) Flerunt Rhodopeie arces
Atque Pangea, et Rhesi Mavortia tellus
Atque Getae, atque Hebrus, et Actias Orythia.
(*Georg.* IV, v. 461.)

(17) Rio da Mauritania, que deriva do monte Atlas.

(18) Este episodio, um dos mais bellos dos *Lusiadas* è popular em Portugal.

(19) Ainda se vê ao pé de Coimbra esta fonte, que se chama *fonte dos Amores*.

rent saisis d'épouvante. Gama les tranquillisa, en leur faisant croire que c'était l'Océan qui tremblait sous ses mailles. Ce phénomène s'explique par l'effet d'un tremblement de terre sous-marin.

(9) Toutes ces prophéties sont renouvelées plus au long dans le chant X.

(10) On appliquait alors communément le nom de Maures à tous les Mahométans. — Ce phénomène, rapporté par Barros et Castanheda, s'était probablement produit par un effet du vent.

(11) Il est ici question de Duarte Pacheco. Voyez chant X.

(12) C'est la presqu'île de Malacca : on la nommait *aurora* à cause de ses nombreuses mines d'or.

(13) Fernando de Magalhaens, plus connu sous le nom de Magellan, était au service de l'Espagne lorsqu'il découvrit le détroit qui porta depuis son nom.

(14) Mercure, né sur le mont Cyllène. Tout ce passage est encore imité de l'Énéide.

(15) Diomède, qu'il ne faut pas confondre avec le fils de Tydée, était roi de Thrace. Il avait des chevaux fu-

rieux qu'il nourrissait de chair humaine. Hercule le vainquit et le fit dévorer par ses propres chevaux.

(16) Busiris, tyran d'Espagne, qu'on a souvent confondu avec un roi d'Égypte du même nom sacrifiait à Jupiter tous les étrangers qui abordaient dans ses États.

(17) Périphrase employée par Camoëns, pour exprimer le dimanche de Pâques qui, en l'année 1498, tomba le 5 Avril.

(18) Souvenir de Virgile :

Non nos aut ferro Libycos populare penates.
Venimus, aut raptas ad littora vertere prædas.
(Énéide, livre I.)

(19) Quod genus hoc hominum, quæve hunc tam barbara morem
Permittit patria? etc.

(Énéide, livre I.)

(20) Zagaie, petite lance dont se servaient les Maures.

(21) La déesse Iris ou l'arc-en-ciel.

(22) Non obtusa adeo gestantur pectora Pœni,
Nec tam adversas equos Tyria sol jungit ab urbe.
(Énéide, livre I.)

CHANT III

(1) Voir Justin, où se trouve racontée la grande constellation survenue entre les Scythes et les Égyptiens, pour savoir lequel des deux peuples remontait à une plus haute antiquité (livre II, chap. II).

(2) Par les plaines de Damas, le poète entend toute cette région de l'Asie, dans laquelle était situé le Paradis terrestre.

(3) Camoëns désigne ici la ville de Padoue :

Hic tamen ille urbem Patavi, sedesque locavit
Teucrorum, et genti nomen dedit, armaque fixit
Troia.

(Énéide, livre I.)

(4) Viriathus, dont le nom dérive du latin *vir*, homme courageux et illustre.

(5) Alphonse VI, roi de Castille.

(6) Galpé, colline située au bord de la mer, dans l'extrémité méridionale de l'Andalousie ; c'était une des colonnes d'Hercule.

(7) Le poète suit ici une opinion très-contestée. La plupart des historiens en ont adopté une autre qui fait descendre les rois de Portugal des ducs de Bourgogne. D'ailleurs Camoëns lui-même reconnaît dans le chant VIII : « Que les peuples étrangers font naître le comte Henri de Lorraine. »

(8) Egas Moniz (gouverneur) d'Alphonse Henriques. Ce fait héroïque a été souvent contesté par les historiens. Mais la découverte récente d'un monument de ce siècle est venue confirmer l'opinion de Camoëns. Dans les mémoires de l'Académie de Lisbonne, tome XI, première partie, on trouve une lithographie représentant le tombeau d'Egas Moniz, qui date de 1146.

(9) Sinis, fameux brigand, qui dévastait l'Attique : doué d'une force extraordinaire, il courait des arbres, en rapprochait la cime, et y attachait tous ceux

qu'il avait terrassés. Les arbres, en se relevant, déchiraient ces malheureux. Ayant osé provoquer Thésée, il fut vaincu par ce héros, qui lui fit subir son propre supplice.

— Périllus, un des bourreaux de Phalaris, tyran d'Agri-gente, avait forgé pour son maître un taureau d'airain, où l'on enfermait la victime désignée par le cruel tyran ; au-dessous on allumait un feu immense, et les cris des patients imitaient le mugissement de l'animal représenté par cette horrible machine. L'inventeur fut la première victime de cet affreux supplice.

(10) Il n'était pas rare de voir des femmes dans les armées des Maures. (LA HARPE.)

(11) Penthésilée, reine des Amazones.

(12) Ce miracle est rapporté par toutes les histoires d'Espagne. Quoi qu'il en soit, ce fut à partir de cette journée que le comté de Portugal devint un royaume tout à fait indépendant.

(13) Cette légende incertaine et fabuleuse a été suivie par les historiens portugais, qui ont profité du nom d'Olyssippe, pour attribuer à Ulysse la fondation de Lisbonne.

(14) Aujourd'hui le cap Spartel.

(15) Miramolin, en arabe *Emir al-Moumini*, empereur des fidèles.

(16) Flerunt Rhodopeia arces
Altaque Pangæa, et Rhesi Mavortia tellus
Atque Pæta, atque Hebrus, et Aetias Orithyia.
(Géorg. IV, v. 461.)

(17) Fleuve de Mauritanie, qui coule du mont Atlas.

(18) Cet épisode, un des plus beaux des *Lusitades*, est populaire en Portugal.

(19) On montre encore près de Coïmbre cette fontaine, que l'on nomme *fontaine des Amours*.

(20) É um caso bastante extraordinário haverem dois príncipes com o nome de Pedro reinando pela mesma época na Península, um em Castella, outro em Portugal, e sobretudo que ambos hajam recebido o cognome de *Cruel*, cognome que para ambos tinha de se converter no de *Justiciero*.

(21) Fernando apaixonado por D. Leonor Telles, casada com João Lourenço da Cunha, fez annular o casamento e disposou-a.

(22) Anuibal.

CANTO IV

(1) João Fernandes Andeiro, favorito da rainha D. Leonor, viuva de Fernando. Foi morto, no palacio real por Dom João, mestre d'Aviz, e seus partidarios, que proclamaram este ultimo rei de Portugal.

(2) Allusão ao bispo de Lisboa, Dom Marlinho.

(3) Segundo alguns auctores hespanhoes, Brigo, primeiro rei de Castella, deu seu nome á provincia de Burgos.

(4) O primeiro, è Fernando, rei de Castella; o segundo è o famoso Cid.

(5) Cadiz.

(6) Dom Nuno Alvares Pereira, condestavel do reino, è um dos maiores vultos da historia portugueza: depois de ter batido os Castelhanos na memoravel batalha de Aljubarrota em companhia do rei, como se diz adiante, venceu-os elle só nos Atoleiros e em Valverde, com um anno de intervallo, 1385-1386.

(7) Nuno Alvares recorda aos Portuguezes a batalha de Valdevez, onde Affonso Henriques, ainda infante, desbaratou o exercito castelhano, e lhe matou tantos homens que ao logar do combate se ficou chamando *Campo da Matarça*.

(8) Publio Cornelio Scipião, depois cognominado o *primeiro Africano*.

(9) Contremuit nemus, et silvæ intonauore profunda,
Audit et Trivie longo lacus, audit annis
Sulphurea Nar albus aqua, fontesque Velini;
Et treplidæ matres pressere ac pectora nutos.
(*Eneida*, livro VII.)

(10) São as 7 collinas silvadas em Massylia, vasta região da Africa: os Portuguezes chamam-lhe os *sete montes irmãos*, por serem da mesma allura.

(11) O poeta gostava de insinuar nestos promenores: na descripção da batalha de Onrique já elle disse:

... do campo a cor se perde
Tornado carmesí de branco e verde.

(12) Eram as duas filhas do duque de Lencastre. A primeira casou com o rei de Portugal, a segunda com o filho do rei de Castella.

(13) O conde Julião, para se vingar do rei Rodrigo, foi o

primeiro que introduziu os Mouros em Hespanha, em 714.

(14) Dom Fernando, filho de Dom João I^o, foi dado em refens aos Mouros, depois do fatal acontecimento de Tanger; soffreu durante 6 annos os mais atrozes supplicios, sem querer nunca consentir que se desse a cidade de Ceta pelo seu resgate. Morreo em 1443. Cognominaram-no o *Santo*.

(15) Cognome de Hercules, chamado assim de Tirynthia sua patria.

(16) Na batalha dada em Toro, reino de Lião.

(17) Myrrha, filha de Cinyra, e mãe de Adonis, em castigo da sua paixão incestuosa foi convertida, segundo a fabula, na arvore, que dá o incenso.

(18) Corria entre os antigos que o Enphrales (bem como o Tigre, o Nilo e segundo a opinião de alguns Auctores o Ganges) tinha o seu nascimento no Paraiso-Terrestil.

Sêrve tambem esta mesma nota para explicar a expressão do verso 4^o est. 1, do Cant. VII:

È o Ganges, que no Ceo terreno mora.

(19) A não Argos, segundo a Mythologia, foi construida de madeira da floresta Dodona, cujas arvores predizião o futuro.

(20) Belem, por corrupção de Bethléem, do nome dado ao convento de Nossa Senhora de Bethléem a que deu principio o Infante D. Henrique.

(21) Estes belissimos versos representam fielmente o pensar daquella época no que diz respeito as temerarias empresas dos navegantes.

(22) Imitação dos versos de Horacio:

Audax Japeti genus
Ignem fraude mala gentibus inuilit est.
(Lib. I, Od. 3.)

— Japeto, Gigante lillo da Terra, segundo os poetas fazia homens de barro; Minerva lhe deo ajuda para subir ao Ceo, donde tronxe fogo, com que dava vida aos homens que de barro fazia.

(23) Dedalo arquitelo famoso, Icaro seu filho tendo-se approximado do Sol, derrelen a cêra das azas e cahiu no mar a que deu seu nome.

CANTO V

(1) Sexta idade, segundo os chronologistas, è o mesmo anno do nascimento de Jêsus-Christo.

(2) Éa D. Henrique quinto filho de D. João I^o, a quem se deve os progressos marítimos que tanto illustram a sua época.

(3) Ilha da Madeira descoberta por João Gonçalvez Zarco, e Tristão Vaz, em 1418

(4) Descreve o Poeta nesta estancia o vasto deserto do Saará.

(5) As Hesperides, eram trez, Egle, Arelusa, e Hesperetusa, filhas de Hespero, tinham um pomar que dava frutos de ouro e era guardado por um dragão. Habitavam as Hesperides nmas illas que são, conforme o Poeta as illas

(20) C'est un fait assez bizarre que deux princes du nom de Pierre aient régné à la même époque dans la Péninsule, l'un en Castille, l'autre en Portugal, et surtout qu'ils aient reçu tous les deux le surnom de *Cruel*, surnom qui aurait dû pour tous les deux se convertir en celui de *Justicier*.

(21) Ferdinand devenu amoureux d'Éléonore Telles, mariée à Jean Laurent da Cunha, fit casser son mariage et l'épousa.

(22) Annibal.

CHANT IV

(1) Jean Fernandez Andeiro, favori de la reine Éléonore, la veuve de Ferdinand, fut égorgé dans le palais royal par l'infant dom Jean et ses partisans.

(2) Allusion à l'évêque de Lisbonne, dom Martinho.

(3) Selon quelques auteurs espagnols, Brigus, premier roi de Castille, donna son nom à la province de Burgos.

(4) Le premier, c'est Ferdinand, roi de Castille, le second c'est le fameux Cid.

(5) Cadix

(6) Dom Nuno Alvares Pereira, comte de l'Alentejo, est une des plus grandes figures de l'histoire portugaise.

(7) Nuno Alvares rappelle aux Portugais la bataille de Valdevês, où Alphonse Henriques, encore infant, mit en déroute l'armée castillane, et lui tua tant d'hommes que le lieu du combat reçut le nom de *Campo da Matança*, champ du Carnage.

(8) Publius Cornelius Scipio, surnommé depuis *le premier Africain*.

(9) Contremuit nemus, et silvæ intonare profundæ.
Audiit et Triviæ longe lacus, audiit amnis
Sulphurea Nar albus aqua, fontesque Velini;
Et trepidæ matres pressere ad pectora natos.
(*Enéide*, livre VII.)

(10) Ce sont sept collines situées en Massylie, vaste contrée de l'Afrique : les Portugais les appelaient les sept monts *frères*, à cause de leur semblable hauteur.

(11) Le poète aimait à revenir sur ces détails ; déjà dans la description de la bataille d'Ourique il avait dit :

... de campo a cor se perde
Tornado carnesi de branco e verde.

(12) C'étaient les deux filles du duc de Lancastre. La première épousa le roi de Portugal, la seconde le fils du roi de Castille.

(13) Le comte Julien, pour se venger du roi Rodrigue,

avait le premier introduit les Maures en Espagne, en 714.

(14) Dom Fernando, fils de Jean 1^{er}, fut donné en otage aux Maures, après le fatal évènement de Tanger ; il souffrit pendant six ans les plus affreux supplices, sans vouloir consentir à ce qu'on rendit comme rançon la ville de Centa. On l'a surnommé *le Saint*.

(15) Surnom d'Hercule, pris du séjour fréquent qu'il faisait à Tirynthe.

(16) Cette bataille fut livrée à Toro, dans le royaume de Léon.

(17) Myrrha, fille de Cinyre, et mère d'Adonis, fut convertie par les dieux en arbre ; c'est de cet arbre que découle la myrrhe.

(18) D'après une tradition légendaire, le Gange, ainsi que le Tigre, l'Euphrate et l'Indus prenaient leur source dans le Paradis terrestre.

(19) C'est le navire *Argo*, sur lequel Jason et ses compagnons allèrent conquérir la Toison d'or.

(20) Cette ville, située à peu de distance de Lisbonne, s'appelle Belem, par corruption du mot Bethlém, à cause du convent qu'y avait fait bâtir l'infant dom Henri, en l'honneur de Notre-Dame de Bethlém.

(21) L'éloquent discours que Camoens fait prononcer à ce vieillard représente fidèlement ce que l'on pensait à cette époque de ces téméraires navigateurs, que l'on prenait souvent pour des fous, ainsi qu'il est arrivé à Christophe Colomb.

(22) Imitation d'Horace (lib. I, od. 3).

Audax Japeli genus
Ignem fraude mala gentibus intulit, etc.

(23) Dédale, constructeur du fameux labyrinthe. Icारे, son fils, ayant volé trop près du soleil, vit la cire de ses ailes se fondre, et tomba dans cette mer qui depuis s'appela *mer Icarienne*.

CHANT V

(1) Le sixième âge du monde commence, d'après les chronologistes, à l'époque de la naissance de Jésus-Christ.

(2) L'infant dom Henri, fils de dom Jean 1^{er}, était un marin habile et audacieux, et c'est à lui que le Portugal doit les progrès de cette navigation qui plus tard lui procura tant de conquêtes et de richesses.

(3) *Madava*, en portugais, signifie bois.

(4) Les peuples d'Azénègues, habitaient la côte septentrionale de la Guinée supérieure, côte très-aride, comme le dit le poète.

(5) Les Hespérides, habitaient, d'après la fable, ces îles qu'on a depuis appelées îles du Cap-Vert.

de Cabo Verde, bem que em alguns Rscriptores antigos sejam tambem designadas pelo nome de Hesperides as ilhas Canarias.

(6) Mandinga, nas Costa d'África, era antigamente muito abundante em ouro.

(7) Doreadas ou Gorgadas, querem alguns que sejam as ilhas de S. Thomé e Príncipe. Segundo os Mythologos residiam alli as tres filhas de Phorcus, sendo uma d'ellas Medusa.

(8) O grande rio, é o rio Grande que desemboca nas Costas de Guiné a 11° de Latitude do Norte, sessenta e tantas leguas alem do Cabo-Verde.

(9) Ilha de S. Thomé.

(10) A Constellação do Cruzeiro, que serve aos nauticos para marcarem o Polo do Sul.

(11) Juno tinha obtido de Téthys que a estrella do Norte ou Grande Ursa, nunca se banharia no mar.

(12) É o phenomeno igneo, que apparece aos maritimos em occasião de Tormenta, chama-se Santelmo, ou Corpo-Santo.

(13) São as Trombas-maritimas, phenomeno horroroso, frequente sóbre tudo no Mar das Indias.

(14) Astrolabio, instrumento para observar os Astros, inventado em Portugal em 1480.

(15) A Angra de S^{ta}-Helena em 32° 40' de Latitude Meridional.

(16) Adamastor, fabula sublime phantasiada por Camões. M. Sané falando do episodio do Adamastor no poema de Camões diz o seguinte « Homère, Virgile, le Dante et Milton n'ont rien de plus grandiose, de plus original, et la poésie en est divine. »

(17) Bartholomeu Dias, o primeiro descobridor do Cabo das Tormentas, ou da Boa-Esperança, commandava uma das quatro embarcações da armada de Pedro Alvares

Cabral, e foi victima da horrorosa tempestada que durou 22 dias.

(18) D. Francisco d'Almeida, 1° Vice-Rei da Índia, que no 1° de Março de 1510 foi morto em uma briga entre os indigenas e os da sua companhia, junto á Bahia do Saldanha. (Vid. Cant. N. est, 37, e 38.).

(19) Manuel de Souza de Sepulveda, e sua esposa D. Leonor de Sá, que com seus filhos acabaram desgracadamente na Cafraria.

(20) É Thetis, esposa de Peléo, e mãe de Achilles :

(21)

(22) Phlegon, e Pyrois nome de dois cavallos do sol.

Interea volucres Pyrois, Rois et Athlon,
Solis equi, quartisque Plegon....
Ovidio (Met., lib. II, 153.)

(23) Na bahia, denominada Agoada de S. Braz, sessenta leguas alem do Cabo da Boa-Esperança.

(24) Ilhéu situado a quarenta e tantas leguas do Cabo da Boa-Esperança, e termo da primeira viagem de Bartholomeu Dias, que lhe poz o nome de Santa Cruz.

(25) O rio dos Reis.

(26) Por ser grande advogado dos Navegantes.

(27) Navios que faziam o commercio da India a Sofala

(28) Archanjó S. Raphael.

(29) Rhamnusia, Deosa da vingança e da indignação, adorada em Rhamnas, aldeia da Attica; É a mesma que os Mythologos denominam Nemésis.

(30) Escorbuto.

(31) Estes versos dos Lusíadas são a versão litteral do antigo distico citado por Aulo-Gellio :

Septem urbes certant de stirpe insignis Homeri;
Smyrna, Rhodes, Colophon, Salamin, Chios,
Argos, Athenae.

CANTO VI

(1) Cambes segue aqui uma opinião contraria á dos Mythologos que dizem ser Tethys, filha de Cielus e de Vestal, esposa do Oceano e não de Neptuno.

(2) Athamante foi conduzido por Juno a tanta furia que malou seu filho Leareo; Ino sua mulher, alemorisada, se lancon ao mar com outro filho Melicerta, e foram convertidos em devindades maritimas com o nome de Leucothea, e de Paleno.

(3) Glaucó que de pescador fôra convertido em peixe por haver comido de certa herva. Namorira-se d'elle a maga Circe; mas vendo que Glaucó lhe preferia a formosa Scylla: ciosa, teve artes para converter a sua rival em um monstro marinho.

(4) Ambar, substancia odorifera, que se encontra ás bordas do mar em certas paragens.

(5) Minyas são as mesmas que as Argonautas. Igual denominação lhes é dada por Ovidio.

Jamque fretum Minyae Pagaocœ puppe
Secabant. (Met. lib. VII, v. 1.)

(6) Hippotades, é Eolo rei dos ventos.

(7) João Duque de Alencastro, sogro de D. João 1^o e irmão do rei Duarte de Inglaterra.

(8) No Porlo, em Villa nova de Gaia.

(9) Magriço, alcunha de Alvaro Coutinho, irmão de D. Vasques Coutinho primeiro Conde de Marialva.

(10) Helle, filha de Athamante, fugio com seu irmão Phryxo do odio, e traições de sua madrasta Ino. Indo para passar a Ponte n'um carneiro de ouro, que seu pai lhe tinha dado, cahio no mar que por esta occasião se ficou chamando Hellesponlo.

(11) Os nomes dos doze d'Inglaterra são: Alvaro Gonçalves (por alcunha Magriço). — Joam Fernandes Pacheco. — Alvaro Mendes Cerveira. — Alvaro Vaz de Almada. — Joam Pereira Agostinho. — Lopo Fernandes Pacheco. — Luiz Goncalves Malafaya. — Martin Lopes de Azevedo. — Pedro Homem da Costa. — Ruy Gomes da Silva. — Ruy Mendes Cerveira. — Socero da Costa.

(12) Alvaro Vaz d'Almada, que aceitou o desafio proposto por um Alemão debaixo da condição, de que peleariam com o lado direito descoberto: sabendo porem depois que o seu antagonista era canhólo, indignado desta perfidia, lançou-se sobre elle, e o soffocou entre seus braços. Nos commentarios de Manoel Corrêa é contado este mesmo facto com alguma variante.

(13) Oriente, Constellação junto ao signo Touro; Segundo o Poeta Venus que anuncia a bonança afasta Oriente que anuncia a tempestada.

(6) Ces contrées sont situées entre le Sénégal et la Gambie; on y faisait autrefois un grand commerce d'or.

(7) Les Dorcales, ou plutôt Gorgades, que l'on prend pour les îles de Saint-Thomas et du Prince, étaient le séjour des trois Gorgones, filles de Phoreus, parmi lesquelles on cite principalement Méduse.

(8) Il est question ici du *Rio Grande*.

(9) L'île de Saint-Thomas.

(10) La constellation de la Croix, qui aide les marins à reconnaître le pôle Sud.

(11) Les anciens, qui n'avaient jamais perdu de vue l'étoile du Nord ou Grande Ourse, avaient imaginé que Junon avait obtenu de Téléphus que jamais cette étoile ne pourrait se plonger dans la mer.

(12) Phénomène produit par des vapeurs sulfureuses qui, longtemps comprimées par l'épaisseur des nuages, s'enflamment dans l'air lorsqu'elles s'en sont échappées, et annoncent la fin de la tempête. Les marins les nomment *feux de Saint-Elme*.

(13) Autre phénomène, vulgairement nommé trombe.

(14) L'astrolabe avait été inventé en Portugal, sous le règne de Jean II, en 1480.

(15) Les Portugais l'ont appelée Sainte-Hélène, en souvenir du jour où ils y étaient descendus.

(16) Ici commence cet épisode qui, avec celui d'Ixion de l'astro, est le plus sublime des *Lusiades*. La fable d'Adanastor, si ingénieusement inventée par le poète, a fourni à son œuvre une série de strophes grandioses.

(17) La deuxième flotte, qu'Emmanuel envoya aux Indes, était commandée par Pedro Alvares Cabral, qui découvrit plus tard le Brésil; arrivés au cap de Bonne-Espérance, les navigateurs eurent à essuyer une horrible tempête qui dura vingt-deux jours, et dont fut victime

Barthélemy Dias, celui qui avait découvert ce terrible promontoire.

(18). C'est dom François d'Almeida, premier vice-roi des Indes. Il périt dans un combat contre les Cafres.

(19) Manoel de Sepulveda, revenant des Indes avec sa femme Éléonore, fit naufrage contre les écueils du cap de Bonne-Espérance.

(20) Thélis, femme de Pélée et mère d'Achille.

(21) Cette phrase paraîtra sans doute très-ambiguë au lecteur: c'est que le vers portugais ne l'est pas moins, et nous avons lâché de traduire, non pas littéralement, ce qui était impossible, mais par un tour de phrase analogue, cette sorte de jeu de mots que contient le texte.

(22) *Interea volucres Pyroëis, Eolis et Æthon,
Solis equi, quartusque Plegon....*
(Ovide, *Métam.*, livre II.)

(23) Les Portugais donnèrent à cette contrée le nom de Saint-Blaise.

(24) L'île de Sainte-Croix, où s'était arrêté Barthélemy Dias.

(25) Le fleuve des Rois.

(26) Saint-Nicolas est le patron des marins.

(27) C'étaient les vaisseaux des marchands de la Mecque et des ports de l'Arabie, qui faisaient le commerce depuis les Indes jusqu'à Sofala.

(28) L'archange Saint-Raphaël.

(29) Surnom de Némésis, pris de Rhamnus, ville de l'Attique, où elle avait un temple célèbre.

(30) Le scorbut.

(31) Traduction littérale de ce distique, cité par Aulu-Gelle.

Septem urbes certant de stirpe insignis Homeri:
Smyrna, Rhodios, Colophon, Salamin, Chios, Argos, Athenæ.

CHANT VI

(1) Camoens suit ici une opinion contraire à celle des mythologistes. Téléphus, fille de Cielus et de Vesta, était l'épouse de l'Océan, et non pas de Neptune.

(2) Ino, femme d'Althamas, ayant conçu une passion incestueuse pour Phryxus, son beau-fils, échappa à la fureur de son mari, avec son fils Mélécerte, pour aller se jeter dans l'Hellespont. Les dieux, touchés de leur sort, les changèrent en divinités marines.

(3) Glaucus, autre dieu marin, fut changé en poisson un jour que, après avoir goûté l'herbe du rivage, il s'était précipité dans la mer. Circé, jalouse de Scylla, sa maîtresse, empoisonna une fontaine dans laquelle celle-ci avait coutume de se baigner, pour la transformer en un monstre affreux.

4) L'ambre.

5) Surnom des Argonautes.

6) Eole, petit-fils d'Hippotès.

7) Jean, duc de Lancastre, fils d'Édouard III, roi d'Angleterre; le même, dont le roi Jean I^{er} épousa la fille.

8) La ville de Porto, d'où vient, dit-on, le nom de Portugal (*Portus calis*).

9) Surnom de Alvaro Gonçalves Coutinho, de la famille de comtes de Marialva.

(10) Hélé, fille d'Althamas, montée avec son frère Phryxus sur un bélier à toison d'or, osa s'aventurer sur l'Océan; mais bientôt, effrayée de la grandeur du péril, elle tomba dans la mer qui prit depuis le nom d'Hellespont.

(11) Cette aventure était digne de figurer dans ce poème: tous les historiens en font mention, et le poète ne pouvait pas manquer de la rappeler, ce qu'il a fait adroitement, en la mettant dans la bouche de Fernand Veloso. Voici la liste des douze champions d'Angleterre:

Alvaro Gonçalves, surnommé Magriço. — Joam Fernandes Pacheco. — Alvaro Mendes Cerveira. — Alvaro Vaz de Almada, créé comte d'Avranches par Charles VII, roi de France. — Joam Pereira Agostinho. — Lopo Fernandes Pacheco. — Luiz Goncalves Malafaya. — Marlim Lopez de Azevedo. — Pedro Homem da Costa. — Ruy Gomes da Sylva. — Ruy Mendes Cerveira. — Sociro da Costa.

(12) Alvaro Vaz d'Almada.

(13) D'après Camoens, l'étoile d'Orion s'enfuit devant Vénus parce que, tandis que celle-ci amène le calme, la première annonce la tempête.

CANTO VII

- (1) No tempo de Carlos Quinto.
- (2) Allude o Poeta a Henrique VIII, que intitulando-se, como outros Monarchas de Inglaterra, Rei de Jerusalem: fez uma igreja a seu modo, da qual se intitulou Supremo Cabeça, depois de haver-se separado da Communhão Romana.
- (3) Esta apostrophe, contida nos ultimos quatro versos da est. 6, e em toda a estancia 7, é dirigida contra Francisco I, Rei de França, por haver dado socorro ao Grão-Turco Solimão no cerco naval, posto por elle à cidade de Nice na Italia.
- (4) Cinypho rio da Africa, que nasce no Biledulgerid, atravessa o territorio de Tripoli, e vem desagnar ao Mediterraneo com o nome de Macres. Actualmente dizem os Geographos que se chama Nadi-Qnaham.
- (5) Emodio a parte do monte touro que termina ao Norte a India.
- (6) Moncaide, mouro natural de Tunes, estava em Calecut quando Vasco da Gama alli chegou, fez-se lão familiar dos Portuguezes que veio com elles para Portugal onde morreu na religião catholica.
- (7) Pythagoras, dizem foi o primeiro, que assumio o nome de Philosopho, isto é, amante da Sabedoria, dizem tambem ter sido Pythagoras o que na sua viagem à India ensinára aos habitantes o dogma da metempsychose, ou transmigração das almas de uns para outros corpos.
- (8) Anubis, em lingua Egypcia significa cão, em cuja forma honraram os Egypcios ao Deos Mercurio.

(9) Semiramis, Rainha dos Assyrios, infame por sua luxuria, ainda que bella, e valerosa.

(10) Bethel, planta originaria da India.

(11) Este canto e os seguintes demonstram claramente a melancholia invencivel que ia invadindo a grande alma do Poeta, e as amargas disillusões que o tinham abalido e desalentado.

(12) Canace namorou-se de seu irmão Macharão, o que sabido por seu pai Eolo, mandou-lhe um punhal, com orden de se punir a si mesma. Ovidio a representa escrevendo a Macharão, proximaemente ao acto de se ferir.

Dextrâ tenet calamum, strictum tenet alterâ
Ferrum. (Hærold. Epist. xi, v. 8.)

(13) Comões allude aqui ao seu naufragio. Já tinha passado as Terras de Cochinchina, ia entrar no Golfo de Siam, quando uma tremenda tempestade arremessou ás costa de Camboja o navio em que vinha e o despedaçou, salvando-se a custo o Poeta, salvando os *Lusiadas*. (no canto X. Est. cxxviii), descreve Comões com uma simplicidade admiravel este episodio da sua viagem, e o nome do rio Mecom (Mekong) está ligado para sempre ao nome do Poeta. Doudart de Lagrèe descobrio o curso deste rio, e pagou com a vida a honra de ter terminado esta exploração; actualmente o Commandante de Villeneuve publica em Paris a carta do rio Mekong. (Nota devida ao Ilustre Sabio Ferd. Denis).

(14) O Rei Judaico, é Exechias, rei d'Israel. (Vid. Regum Lib. IV. cap. xx.)

CANTO VIII

- (1) Henrique cavalleiro allemão, que morreu combatendo a favor dos Portuguezes na tomada de Lisboa; ao longo de sua sepultura se conta que nasceo uma Palmeira, com a qual se faziam milagres.
- (2) D. Theotónio Prior de Santa Cruz em Coimbra.
- (3) Giraldo por Alencha o Sem pavor, Cavalleiro Portuguez no tempo de D. Altonse Henrique, foi quem facilitou aos Portuguezes a tomada de Evora.
- (4) D. Pedro Fernandez de Castro.
- (5) Em socorro dos Mouros de Alcaer vieram quatro Reis tambem Mouros, a saber, o de Córdova, o de Sevilha, o de Badajoz, e o de Jaen. — D. Sueiro Viegas era o nome do Bispo de Lisboa e não D. Mathens. (Vid. Monarch. Lusit. Part. IV, liv. III, cap. x.)
- (6) Alguns cavalleiros portuguezes caçando durante um armistício, foram mortos pelos Mouros, Paio Correa vingou tão torpe traição tomando Tavila.

(7) Gonçalo Rodrigues Ribeiro, Vasco Anes, e Fernando Martins de Santarem cavalleiros errantes.

(8) D. Pedro e D. Henrique filhos de D. João I^o se tornaram celebres, o primeiro pelejando contra os Turcos no exercito do Imperador Sigismundo, o segundo pelo grande desinvolvimento que deo a navegação.

(9) D. Pedro de Menezes, primeiro Governador de Ceuta.

(10) D. Duarte de Menezes, filho do antecedente, que a onsta da sua vida salvou a d'E Rei D. Altonse V em Africa.

(11) Comparação felizmente imitada da Eneida.

Sicut aquæ tremulum labris uli lumen ahenis
Sole reperenssum, aut radiantis imagine luna,
Omnia pervolat late loca, jamque sub auras
Erigitur, summique ferit laquearia tecti.

(Eneide, livre VIII. v. 22.)

(12) Alvaro de Braga ou Alvaro Dias, Diogo Dias ou Correa (Vid. Barros, e Goes).

CANTO IX

- (1) Nas illhas de Banda, que fazem parte do archipelago da Notasia, ou da Oceania Occidental, ou da Malaisia, conforme a mais moderna denominação, cresce a arvore que produz a noz muscada; é a uma especie de filira membranácea, que cobre esta noz, que o Poeta dá

provavelmente a denominação de sêrca flor de Banda.

(2) Cupido, segundo a Fábula, converteo em pomba a nympha Peristéra.

(3) Acteon, filho de Aristeo, chegando a uma fonte para beber, viu Diana Deosa da Caça que se estava bau-

CHANT VII

(1) C'était à l'époque où l'Allemagne était déchirée par les guerres de religion que Charles-Quint eut à soutenir contre les Protestants

(2) Ce prince, c'est Henri VIII. Les rois d'Angleterre avaient pris le titre de Rois de Jérusalem.

(3) Le poète s'adresse ici à François I^{er}.

(4) Fleuve de Mauritanie.

(5) L'Émode est une branche du Taurus, qui sert de limites septentrionales à l'Indoustan.

(6) Moncaïde, naturel de Tunis, se trouvait à Calicut, lors de l'arrivée de Vasco de Gama; il fut très-utile aux Portugais, et revint avec eux en Portugal, où il se fit chrétien.

(7) Pythagore, qui voyagea longtemps dans les Indes, pour y étudier la doctrine des sages de ce pays; ce fut lui le premier qui prit le nom de philosophe, *ami de la science*.

(8) Anubis, dieu égyptien, que l'on a souvent pris pour Mercure.

(9) Sémiramis, d'après quelques historiens, devint amoureuse de son propre fils; d'autres prétendent qu'elle aimait un cheval, ce qui semble difficile à croire.

(10) Le bétel.

(11) Avant d'écrire ces belles strophes qu'il va mettre dans la bouche de Paul de Gama, le poète interrompt le cours de son œuvre pour invoquer le secours des nymphes du Tage et du Mondégo, les seules qui lui restent fidèles en ce monde.

(12) *Dextra tenet calamus; strictam tenet altera ferrum.*
(Ovide, *Epist. Heroid. XI*, v. 3.)

(13) Camoës rappelle ici le naufrage qu'il essuya lui-même: « Il avait dépassé les terres de la Cochinchine, il allait entrer dans le golfe de Siam, lorsqu'une effroyable tempête entraîna son navire à la côte et le brisa. Il se sauva cependant et sauva les *Lusiades*. » Le poète revient (chant. X, stan. cxxviii), avec une simplicité admirable, sur cet épisode de son voyage, et le nom du fleuve Mékong se lie d'une manière impérissable à l'œuvre du poète. Celui qui en découvrit le cours, Doudart de Lagrée, a payé de sa vie l'honneur d'avoir accompli cette exploration. Le commandant de Viliemereuil publie en ce moment la carte du Mékong.

(14) Ézéchias, roi de Juda.

CHANT VIII

(1) Henri était un chevalier allemand qui mourut à Lisbonne à l'occasion de ce siège: on raconte que, près de son tombeau, il poussa un palmier, avec les branches duquel on opéra de nombreux miracles.

(2) Dom Theotonio, prieur de Sainte-Croix, la cathédrale de Coïmbre.

(3) Géralde, surnommé *Sans-peur*, était passé du côté des Maures; mais il répara sa trahison en facilitant aux Portugais la prise d'Evora.

(4) C'est dom Pedro Fernandez de Castro, gentilhomme espagnol, Martin Lopes le battit, et le força à se rendre.

(5) Dom Mathieu, évêque de Lisbonne, prit Alcacer aux Maures, malgré les quatre rois de Cordoue, de Séville, de Badajoz et de Jaën.

(6) Quelques chevaliers portugais chassaient, pendant une trêve conclue avec les Maures: ceux-ci en profitèrent pour tomber sur eux en nombre et à l'improviste; dom Paio Peres Correa vengea ces malheureux par la prise de Tavila.

(7) Rodrigues Ribeiro, Vasco Anes, et Fernand Martins de Santarem, chevaliers errants.

(8) Pierre et Henri, dont il est parlé en ce passage, et qui se rendirent célèbres, le premier par les actes de courage qu'il accomplit en Allemagne contre les Turcs, sous les drapeaux de l'empereur Sigismond, et le second par le grand développement qu'il donna à la navigation.

(9) Dom Pierre de Menezes, comte de Viana, qui s'empara de Centa et en fut le premier gouverneur.

(10) Dom Duarte, fils du précédent, qui au prix de sa vie sauva celle du roi Alphonse V, en Afrique.

(11) Imitation de Virgile:

*Sicut aquae tremulum labris ubi lumen ahenis
Sole repercussum, aut radiantis imagine lunae.*
(*Énéide*, livre VIII, v. 22.)

(12) D'après Jean de Barros, le premier historien du Portugal, ils s'appelaient Alvaro de Braga et Diogo Dias.

CHANT IX

(1) C'est la fleur du muscadier, arbre très-commun dans l'archipel de Banda.

(2) Cupidon changea la nymphe Péristère en colombe.

(3) Allusion au roi dom Sébastien.

liando, sentida a Deosa o converteo em Cervo, e o fez devorar pelos seus proprios cães.

(4) Philancia, é o égoismo.

(5) *Bibli* foi uma môça de Mileto, perdida d'amores por seu irmão Cauno. — *Cinyrea* é a celebre Myrrha, que se namorou, e se concebeo de seu pai Cinyras. — *Hum man-cabo de Assyria* foi o filho do Rei Antiocho, apaixonado por sua madrasta; ou Ninó, filho de Semiramis, que teve amores com sua mãe. — *Hum de judêa* foi Amon, filho de David, que violentou sua irmã Thamar.

(6) Camões traduzio aqui quasi litteralmente os versos da Eucida.

Nate, mea vires, mea magna potentia, solus,
Nate, patris summi qui tela Typhoia tonnis.

(7)

(8) Adonis.

(9) Verso de Petrarca. (Son. 43.)

CANTO X

(1) Temistilão, nome antigo do Mexico, derivado da sua Capital, assim antigamente chamada

(2) Duarte Pacheco, um dos maiores vultos de Portugal, morreo no hospital, depois de ter soffrido muitas perseguições da parte de D. Manuel.

(3) D. Manuel.

(4) D. Francisco d'Almeida, 1º Vice-Rei da India em 1505 : o filho é D. Lourenço d'Almeida.

(5) Affonso de Albuquerque.

(6) O facto, a que o Poeta allude, é contado extensamente pelos nossos Escriptores. — Chamava-se Ruy Dias o cavalleiro Portuguez, que Affonso d'Albuquerque mandou enforcar, porque enrava de noute na sua camara do leme pela parte de fóra, e dormia com uma Moura das que forão lomadas em Goa e elle guardava para mandar a Rainha.

(7) Lópo Soares de Albergaria, que succedeo a Affonso d'Albuquerque em 1515. Foi infructuosa, ou antes desgraçada a sua expedição ao Golfo Arabico, no seu governo porém foi construida a primeira Fortaleza de Portugal na ilha de Ceylão.

(8) Vasco da Gama, Vice-Rei, successão de Lopo Soares em 1524, falléceu em Cochim na vespera do Natal deste mesmo anno.

(9) Pedro Mascarenhas o primeiro que foi nomeado Capitão mór e Governador da India, mas, como estava capitão de Malaca, foi aberta outra successão, e por ella ficou governando Lopo Vaz de Sampaio.

(10) Culiale, Mouro, commandava nesla halalha uma frota de cento e cincoenta embarcações.

(11) D. Estevão da Gama, filho do Conde Almirante, que entrou no governo da India em 1540.

(12) Martim Affonso de Sousa, já famoso pela sua expedição ás Costas do Brasil.

(13) D. João de Castro Capitão-mór Governador, e depois 4º Vice-Rei da India.

(14) Ilydalcham, Principe poderoso da India.

(15) Doctrinas do tempo de Camões.

(16) P. Gonçalo da Silveira, Jesuita, morio pelos hãr-haros Africanos em 1561.

(17) Pedro Nhaia com quarenta homens, ou poucos mais, todos doentes, repellio uma grande mullidão de Cafres em Sofala.

(18) Christovão da Gama morreo pelcmando.

(19) As aves, de que o Poeta falla, são as chamadas do Paraizo, de plumagem muito formôsa, e da qual se fazem pennachos lindissimos. Destas aves se dizia erradamente, que não desciam à terra, por não terem pés : fabula que devêo a sua origem à pratica seguida pelos Malanesios (habiladores da Australia propria, e archipelagos adjacentes) de arrancar-lhos, antes de as venderem já mortas aos Europeos.

(20) Oleo de que se servem com vantagem nas doenças os habitantes de Sumatrá.

(21) Benjoin, especie de gôma, ou de rezina aromatica.

(22) Magalhães, vulgarmente Magellan aggravado do Rei D. Manuel, passou a Castella, donde partio, e na sua primeira viagem desculrio a Terra de Fogo na America, e o estreito a que deo seu nome.

(23) Pedro Alvarez Cahral descohre o Brazil em 1500 e lhe pôe o nome de Sancta-Cruz.

(24) Os Patagões.

(4) Philautia, c'est l'égoïsme.

(5) Cinyrée, c'est Myrrha, fille de Cinyre (voir chant IV).
Biblis, fille de Milétus, fut convertie en fontaine à cause de sa passion incestueuse pour son frère Caunus.

(6) Imitation de l'*Énéide* :

Nate, mea vires, mea magna potentia, solus,
Nate, patris summi qui tela Typhoia tenuis.

(7) Allusion à la fable de Pyrame et Thisbé.

(8) Adonis, fils de Cinyre et de sa fille Myrrha; c'est pourquoi le poète l'appelle *fils et petit-fils de Cinyre*.

(9) Camoens fait ici une citation de Pétrarque : le sens littéral de ce vers est :

Tu pourras savoir « quelle barrière est placée entre l'épi et la main. »

CHANT X

(1) Ancien nom du Mexico.

(2) Duarte Pacheco, un des plus grands capitaines portugais dans les Indes; après avoir accompli des hauts faits mémorables, il n'en reçut d'autre récompense qu'un abandon incompréhensible de la part du roi.

(3) Dom Emmanuel.

(4) Dom François d'Almeida fut le premier vice-roi des Indes; son fils Lourenço d'Almeida, après s'être immortalisé dans des combats contre les Indiens, vint périr à Chaul.

(5) Alphonse de Alhuquerque est, avec Pacheco et Castro, le plus remarquable héros des Indes.

(6) Albuquerque possédait une fort belle esclave; un soldat portugais ayant osé pénétrer dans l'appartement du général, celui-ci, instruit de cette audace, fit pendre immédiatement le téméraire.

(7) Lopo Soares, gouverneur de l'Inde.

(8) Vasco de Gama, sixième vice-roi des Indes, ne jouit que peu de temps de cette dignité.

(9) Pierre de Mascarenhas, capitaine de Malacca, devait succéder à Menezes; mais à cause d'une absence, il se vit enlever cette dignité par Sampayo.

(10) Le Maure Cntiale, un des chefs les plus redoutables des Mahométans, commandait en cette occasion une flotte de cent trente navires.

(11) Dom Étienne de Gama, successeur de Noronha dans le gouvernement des Indes.

(12) Dom Martin Alphonse de Souza.

(13) Illustre général et sage administrateur. Sous son règne eut lieu le second siège de Diu, où se distingua Jean de Mascarenhas, dont le poète fait mention plus bas.

(14) Prince indien qui, malgré ses puissantes armées, succomba sous les coups des Portugais commandés par Jean de Castro.

(15) Cette doctrine était suivie au temps de Camoens dans l'université de Coïmbre.

(16) Gonçalo da Silveira, jésuite portugais, fut martyrisé en ces contrées.

(17) Pierre de Nhaia, Castillan d'origine, bâtit la forteresse de Sofala, contre la volonté du roi de cette ville, qu'il tua depuis.

(18) Dom Christovam de Gama, autre fils de Vasco, détruisit deux fois les flottes turques.

(19) L'oiseau du Paradis.

(20) Cette huile est une liqueur sulfureuse, dont les habitants de Sumatra se servent avec succès dans plusieurs maladies.

(21) Le benjoin.

(22) C'est Fernand de Magalhaens, appelé vulgairement Magellan. Au service de l'Espagne, il fit, le premier, un voyage autour du monde, et découvrit la Terre de Feu et le détroit qui porte son nom.

(23) Le Brésil fut découvert, en 1500, par Alvares Cabral, qui lui donna le nom de Terre de Sainte-Croix.

(24) Les Patagons.



